

MEDITAÇÕES NO EVANGELHO DE LUCAS

J. C. RYLE

EDITORA FIEL da
MISSÃO EVANGÉLICA LITERÁRIA

MEDITAÇÕES NO EVANGELHO DE LUCAS

Traduzido do original em inglês:
Expository Thoughts on the Gospels
LUKE

Copyright © (Typesetting) Editora Fiel 2002

Primeira edição em inglês - 1879
Primeira edição em português - 2002

Todos os direitos reservados. É proibida
a reprodução deste livro, no todo ou em parte,
sem a permissão escrita dos Editores.

EDITORA FIEL da
Missão Evangélica Literária
Caixa Postal 81
12201-970 - São José dos Campos, SP

Prefácio

As Meditações no Evangelho de Lucas, de J. C. Ryle, têm sido amadas e compartilhadas por várias gerações de crentes, desde sua primeira edição em 1879. Elas contêm uma simplicidade e uma espiritualidade que têm feito delas o comentário devocional clássico sobre os evangelhos, na opinião de grande número de leitores.

Procurando pôr à disposição do leitor moderno uma forma mais popular dessa obra, foram removidos os textos bíblicos (antes impressos na íntegra), embora o leitor seja encorajado a ler cada passagem selecionada do começo ao fim, antes de iniciar a leitura das próprias meditações de Ryle. Também omitimos as notas de rodapé, nas quais Ryle tratava a respeito de questões textuais de uma maneira mais crítica, embora sem qualquer conexão direta com a exposição propriamente dita. O texto usado é o da Edição Revista Atualizada no Brasil, da Sociedade Bíblica do Brasil.

Os publicadores confiam que esta nova edição das meditações devocionais de Ryle alcançará os mesmos alvos que o autor se aplicou pessoalmente, a fim de que, “com uma oração fervorosa, possa promover a religião pura e sem mácula, ampliar o conhecimento de muitos sobre a pessoa de Cristo Jesus, e ser um humilde instrumento na gloriosa tarefa de converter e de edificar almas imortais”.

Os Publicadores

Introdução Geral

Leia Lucas 1.1-4

O Evangelho de Lucas, sobre o qual iniciamos nossas meditações, contém diversos relatos preciosos que não aparecem nos demais evangelhos. A história de Zacarias e Isabel e a da anunciação feita pelo anjo à virgem Maria são exemplos disso. Aliás, de forma geral, todo o conteúdo dos dois primeiros capítulos, bem como as narrativas da conversão de Zaqueu e do ladrão na cruz, da caminhada pela estrada de Emaús, das famosas parábolas do fariseu e do publicano, do rico e Lázaro e do filho pródigo são relatos exclusivos do Evangelho de Lucas. São partes das Escrituras pelas quais todo crente bem instruído sente-se especialmente grato. A este evangelho somos devedores por essas narrativas!

Esse breve prefácio apresenta uma característica peculiar do Evangelho de Lucas. Mas, ao examiná-lo, descobriremos que está repleto de abundante e proveitosa instrução!

Primeiramente, Lucas nos oferece *um breve mas valioso resumo da natureza de um evangelho*. Descreve-o como “uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizaram”. Um evangelho é uma narrativa de fatos a respeito de Jesus Cristo. O cristianismo é uma religião que se baseia em fatos. Jamais percamos de vista esta realidade. Foi assim que a princípio o cristianismo alcançou os homens. Os primeiros pregadores não ficaram a perambular pelo mundo, proclamando um sistema bem elaborado e artificial de doutrinas obscuras e princípios complexos. Sua ocupação primordial foi transmitir aos homens fatos absolutamente claros. Saíram anunciando a um mundo sobrecarregado de pecado que o Filho de Deus veio à terra, viveu, morreu e ressuscitou por nós. O evangelho, no princípio, era muito mais simples do que o proclamado por muitos hoje. Consistia simplesmente na história de Jesus, e mais nada além disso.

Tenhamos como alvo uma simplicidade maior em nosso cristianismo

pessoal. Jesus, em toda a sua pessoa, deve ser o centro de nossa vida espiritual. E viver uma vida de fé em Cristo e conhecê-Lo melhor a cada dia, este deve ser o grande anseio de nossas almas. Esse era o cristianismo de Paulo — “Para mim, o viver é Cristo” (Fp 1.21).

Em segundo, Lucas retrata uma linda figura *da verdadeira posição dos apóstolos na igreja primitiva*. Ele os chama de “testemunhas oculares e ministros da palavra”. Nesta expressão existe uma humildade instrutiva, uma ausência completa daquele tom de exaltação humana que freqüentemente tem surgido na igreja. Lucas não confere aos apóstolos qualquer título, nem oferece a menor desculpa para aqueles que falam sobre eles com veneração idólatra, por causa do ofício que ocuparam ou de sua intimidade com o Senhor.

Apresenta-os como “testemunhas oculares”. Os apóstolos contavam aos homens o que haviam visto e ouvido com seus próprios olhos e ouvidos (1 Jo 1.1). Lucas descreve-os como “ministros da palavra”. Eram servos da palavra do evangelho. Eram homens que consideravam o seu mais elevado privilégio levarem, como mensageiros, as boas-novas do amor de Deus e a história da cruz ao mundo em pecado.

Bom seria para a igreja e para o mundo se os ministros do evangelho nunca exigissem dignidade e honra mais elevadas do que as reivindicadas pelos próprios apóstolos! É um fato lamentável que muitos homens ordenados ao ministério freqüentemente têm exaltado a si mesmos e ao seu ministério a uma posição contrária à Bíblia. E não menos lamentável é o fato de que pessoas estejam constantemente incentivando esse mal, por aquiescerem com passividade às exigências dos sacerdotes e por contentarem a si mesmas com uma religião meramente vicária. Ambas as partes têm falhado. Que nos lembremos disto e estejamos alerta!

Em terceiro, Lucas apresenta *as suas qualificações para a obra de escrever um evangelho*. Ele declara que fez “acurada investigação de tudo desde sua origem”. Seria perda de tempo inquirir de qual fonte Lucas obteve as informações que nos fornece em seu evangelho. Não temos qualquer razão plausível para supor que ele escutou os ensinamentos ou esteve presente aos milagres do Senhor. Afirmar que ele obteve informações da própria Maria ou de qualquer dos apóstolos é apenas conjectura e especulação. Basta saber que Lucas escreveu por inspiração divina. É óbvio que não desprezou os meios normais de obter informações. Todavia, o Espírito Santo o dirigiu na escolha dos assuntos, assim como o fez aos demais escritores da Bíblia. Ele guiou os pensamentos de Lucas na elaboração do texto, no formar as sentenças e, mesmo, na escolha das palavras. Por conseguinte, o que ele escreveu deve ser lido “não como palavra de homens”, e sim como “a palavra de Deus” (1 Ts 2.13).

Devemos sustentar com firmeza e cuidado a grande doutrina da

inspiração plenária de cada palavra da Bíblia. Jamais aceitemos a idéia de que algum escritor do Antigo ou do Novo Testamento cometeu uma simples falha ou erro ao escrever, quando redigia as Escrituras, pois o faziam “movid os pelo Espírito Santo” (2 Pe 1.21). Ao ler a Bíblia, tenhamos conosco o firme princípio de que, se não conseguimos entender uma passagem ou harmonizá-la com outra, a falha não está no Livro, e sim em nós. Adotar esse princípio firmará nossos pés sobre uma rocha. Rejeitá-lo nos levará a areias movediças; e nossas mentes se encherão de incertezas e dúvidas infundáveis.

Finalmente, Lucas nos informa *o seu objetivo principal em escrever esse evangelho* — para que Teófilo tivesse “plena certeza das verdades em que” havia sido instruído. Não existe nesse propósito qualquer incentivo àqueles que confiam em tradições orais e na “voz da igreja”. Lucas conhecia bem a fragilidade da memória humana e a facilidade com que uma história pode ser modificada, tanto por acréscimos quanto por alterações, quando depende tão somente da palavra falada ou de informações transmitidas oralmente. Então, o que ele decidiu fazer? Teve o cuidado de *escrever*.

Não existe nesse propósito qualquer encorajamento para aqueles que se opõem à propagação do cristianismo e referem-se à ignorância como a “mãe da devoção”. Lucas não queria que Teófilo permanecesse em dúvidas sobre qualquer assunto de sua fé; e afirma que desejava tivesse ele “plena certeza das verdades em que” havia sido instruído.

Terminemos nossa meditação sobre esta passagem agradecidos pela Bíblia. Devemos bendizer a Deus diariamente pelo fato de não termos sido deixados à dependência das tradições dos homens e encaminhados erroneamente por ministros mal informados. Temos um Livro escrito que pode nos tornar sábios “para a salvação pela fé em Cristo Jesus” (2 Tm 3.15).

Iniciemos o estudo do Evangelho de Lucas com o desejo profundo de conhecer, por nós mesmos, a verdade, que se encontra em Jesus, e com a firme determinação de fazer o que estiver ao nosso alcance a fim de propagar o conhecimento desta verdade em todo o mundo.

A História de Zacarias e Isabel; A Visão de Zacarias no Templo

Leia Lucas 1.5-12

O primeiro acontecimento narrado neste evangelho é a súbita aparição de um anjo a um sacerdote judeu chamado Zacarias. O anjo anuncia-lhe

que milagrosamente ele se tornará pai de um menino e que esse menino será o precursor do Messias prometido há muito tempo. A Palavra de Deus havia predito claramente que, na vinda do Messias, alguém O precederia, a fim de preparar-Lhe o caminho (Mt 3.1). A sabedoria de Deus providenciou as coisas de tal modo que o precursor nasceria na família de um sacerdote.

Não podemos compreender claramente, em nossos dias, a imensa importância do anúncio feito por esse anjo. Para um judeu piedoso deve ter sido boas-novas de grande alegria! Foi o primeiro comunicado de Deus para Israel desde a época de Malaquias. O longo silêncio de quatrocentos anos foi quebrado. O anúncio do anjo dizia ao crente israelita que as semanas proféticas de Daniel se cumpriam completamente (Dn 9.25), que a mais preciosa promessa de Deus finalmente estava para se cumprir e que estava para surgir “a semente” por meio da qual todas as nações da terra seriam abençoadas (Gn 22.18 - ARC). Precisamos nos colocar no lugar de Zacarias, a fim de tributarmos a estes versículos o seu devido valor.

Primeiramente, observemos nesta passagem *o belo testemunho proferido sobre o caráter de Zacarias e de Isabel*. Somos informados que “ambos eram justos diante de Deus” e viviam “irrepreensivelmente em todos os preceitos e mandamentos do Senhor”. Pouco importa se interpretamos a expressão “eram justos” como uma referência à justiça imputada ao crente no ato de sua justificação ou à justiça realizada no íntimo dos crentes por operação do Espírito Santo, no processo de santificação. Esses dois tipos de justiça nunca estão dissociados. Não existe qualquer “justo” que não seja santificado e qualquer “santo” que não seja justificado. Basta saber que Zacarias e Isabel possuíam a graça divina, quando esta era muito rara, e observaram com devoção consciente todos os exaustivos preceitos da lei cerimonial, em uma época quando poucos israelitas se importavam com eles, exceto na aparência.

O que realmente chama a nossa atenção é o exemplo que esse casal santo oferece aos crentes. Todos devemos nos esforçar para servir a Deus fielmente e fazer brilhar toda a nossa luz, assim como eles o fizeram. Não esqueçamos as claríssimas palavras das Escrituras: “Aquele que pratica a justiça é justo” (1 Jo 3.7). Felizes são as famílias cristãs das quais podemos testemunhar que ambos, marido e mulher, são “justos” e se empenham para ter uma consciência livre de ofensas diante de Deus e dos homens (At 24.16).

Em segundo, observemos nesta passagem *a árdua provação que Deus se agradou em trazer a Zacarias e Isabel*. Eles “não tinham filhos”. Um crente moderno dificilmente pode compreender o significado completo dessas palavras. Ao judeu da antiguidade elas transmitiam a idéia de uma

aflição bastante severa. A esterilidade era uma das mais amargas experiências (1 Sm 1.10). A graça de Deus não torna uma pessoa imune a qualquer problema. Ainda que esse sacerdote santo e sua esposa eram “justos”, eles tinham um “espinho na carne”. Lembremos isto, se servimos a Cristo, e não nos assustemos com as provações. Ao invés disso, creiamos que uma mão de perfeita sabedoria está avaliando qual deve ser a nossa porção e que, ao disciplinar-nos, Deus visa fazer-nos “participantes da sua santidade” (Hb 12.10). Se as aflições nos levam para mais perto de Jesus, da Bíblia e da oração, elas são bênçãos! Talvez não pensemos assim. Mas pensaremos, quando acordarmos no mundo vindouro.

Em terceiro, observemos nesta passagem *o instrumento pelo qual Deus anunciou o nascimento de João Batista*. “Apareceu um anjo do Senhor” a Zacarias. Sem dúvida alguma, o ministério dos anjos é um assunto profundo. Em nenhuma outra parte da Bíblia encontramos menção tão freqüente aos anjos quanto na época do ministério terreno de nosso Senhor. Em nenhuma outra época lemos sobre tantas aparições de anjos quanto durante a encarnação de Jesus e sua vinda ao mundo. O significado dessa circunstância é muito claro: a igreja deveria compreender que o Messias não é um anjo; é o Senhor dos anjos e dos homens. Os anjos anunciaram a sua vinda, proclamaram o seu nascimento, regozijaram-se quando Ele surgiu. E, ao fazerem tais coisas, deixaram bem claro a seguinte verdade: Aquele que veio para morrer pelos pecadores não era um dentre os anjos, era Alguém superior a eles — o Rei dos reis e Senhor dos senhores.

Acima de tudo, há uma coisa a respeito dos anjos que não devemos esquecer: eles se interessam profundamente pela obra de Jesus e pela salvação que Ele providenciou. Cantaram louvores sublimes quando o Filho de Deus veio para estabelecer a paz entre Deus e o homem, por intermédio de seu sangue. Regozijam-se quando pecadores se arrependem, quando homens se tornam filhos na família do Pai celestial. Deleitam-se em ministrar aos herdeiros da salvação. Enquanto estamos nesta terra, esforcemo-nos para ser como os anjos, tendo a maneira de pensar deles e compartilhando de suas alegrias. Este é o modo de estar em sintonia com o céu. As Escrituras afirmam sobre aqueles que lá entram: são “como os anjos” (Mc 12.25).

Finalmente, observemos nesta passagem *o efeito que o aparecimento do anjo produziu na mente de Zacarias*. Esse homem justo “turbou-se, e apoderou-se dele o temor”. A sua experiência é exatamente a mesma de outros santos que passaram por situações semelhantes. Moisés diante da sarça ardente, Daniel às margens do rio Tigre, as mulheres no sepulcro de Jesus e o apóstolo João na ilha de Patmos — todos demonstraram temor semelhante ao de Zacarias. Assim como ele, esses outros santos

tremaram e sentiram medo, quando contemplaram visões de coisas pertencentes ao outro mundo.

Como explicar esse temor? Existe apenas uma resposta: esse temor surge de nosso senso íntimo de fraqueza, culpa e corrupção. A visão de um habitante celestial inevitavelmente nos faz lembrar de nossa própria imperfeição e inconveniência natural para nos apresentarmos diante de Deus. Se os anjos são excessivamente grandes e tremendos, como será o Senhor deles?

Devemos bendizer a Deus porque temos um poderoso Mediador entre Ele e nós, Jesus Cristo, homem. Crendo nEle, podemos nos aproximar de Deus com intrepidez, esperando sem temor o Dia do Juízo. Quando os anjos poderosos saírem para ajuntar os eleitos de Deus, esses não terão motivo para ficar com medo. Os anjos são conservos e amigos dos eleitos de Deus (Ap 22.9).

Devemos tremer ao pensar no terror que sobrevirá aos ímpios naquele dia! Se mesmo os justos sentem-se perturbados por uma aparição súbita de espíritos amáveis, qual será a reação dos ímpios quando os anjos vierem para recolhê-los como palha destinada à fogueira? Os temores dos justos não têm fundamento e são efêmeros. Quando se manifestarem os temores dos perdidos, ficará comprovado que os ímpios tinham motivos corretos para esses temores, que permanecerão para sempre.

O Anúncio do Nascimento de João Batista; A Descrição de seu Ministério

Leia Lucas 1.13-17

Nesta passagem temos a mensagem do anjo que apareceu a Zacarias, uma mensagem repleta de profunda instrução espiritual.

Primeiramente, aprendemos nestes versículos que *a demora em serem respondidas não significa necessariamente que as orações foram rejeitadas*. Sem dúvida, Zacarias havia orado muitas vezes pela bênção de possuir filhos. Aparentemente, suas orações foram em vão. Agora, estando em idade avançada, é provável que há muito tivesse parado de mencionar o assunto diante do Senhor, perdendo toda a esperança de ser pai. Apesar disso, as primeiras palavras do anjo mostram claramente que as orações passadas de Zacarias não foram esquecidas: “A tua oração foi ouvida; e Isabel, tua mulher, te dará à luz um filho”.

Será bom recordarmos este fato cada vez que nos ajoelharmos para orar. Não devemos concluir precipitadamente que as nossas súplicas são

inúteis, especialmente as súplicas intercessórias em favor de outros. Não nos cumpre determinar a época ou a maneira como nossos pedidos devem ser respondidos. Aquele que conhece o tempo para uma pessoa nascer também sabe qual é a época para ela ser nascida de novo. Perseveremos “em oração”, vigiemos sempre “em oração”, “sem nunca esmorecer”. “A demora”, afirmou um falecido teólogo, “não deve desanimar a nossa fé. Talvez Deus *já* tenha respondido, mesmo que ainda não o saibamos”.

Em segundo, aprendemos nestes versículos que *nenhum filho causa tanta alegria verdadeira quanto aquele que possui a graça de Deus*. O anjo disse ao pai sobre uma criança que seria cheia do Espírito Santo: “Em ti haverá prazer e alegria, e muitos se regozijarão com o seu nascimento”. A graça divina é a herança mais preciosa que devemos desejar para os nossos filhos. Ela é bem melhor do que a beleza, riqueza, honra, posição social ou relacionamento com pessoas importantes. Até que nossos filhos possuam a graça de Deus em seus corações, nunca saberemos o que serão capazes de fazer. Poderão nos fazer sentir entediados de nossas próprias vidas e faleceremos com muitas tristezas. Somente quando se converterem, e não antes, estarão preparados para esta vida e para a eternidade. “O filho sábio alegra a seu pai” (Pv 10.1). Quaisquer que sejam nossas aspirações em relação a nossos filhos e filhas, devemos, antes de tudo, desejar que eles façam parte da Aliança e tenham seus nomes inscritos no Livro da Vida.

Em terceiro, aprendemos nestes versículos *o caráter da verdadeira grandeza*. O anjo descreve-a, ao dizer a Zacarias que o seu filho “será grande diante do Senhor”. O padrão de grandeza comum entre os homens é completamente falso e enganoso. Príncipes e magistrados, heróis e generais de exércitos, estadistas e filósofos, artistas e escritores — estes são os homens que o mundo considera “grandes”. Tal grandeza não é reconhecida entre os anjos de Deus. Estes reconhecem como grandes aqueles que fazem grandes coisas para Deus. Aqueles que fazem pouco, os anjos reputam-nos como pequenos. Eles julgam e avaliam cada homem de acordo com a posição que provavelmente ele ocupará no último dia.

Neste assunto, não tenhamos vergonha de seguir o exemplo dos anjos de Deus. Busquemos para nós mesmos e para nossos filhos a verdadeira grandeza que *será possuída e reconhecida no mundo por vir*. Trata-se de uma grandeza que está ao alcance de todos, tanto do pobre quanto do rico, tanto do servo como do senhor. Não depende de poder ou de favores políticos, de riquezas ou de amizades. É um dom gratuito de Deus para todos os que a buscam das mãos de Jesus. É a herança de todos os que ouvem a voz de Cristo e O seguem, que lutam por Ele e realizam sua obra neste mundo. Essas pessoas talvez recebam pouca honra nesta vida, mas grande será a sua recompensa no último dia.

Em quarto, aprendemos nestes versículos que *as crianças nunca são demasiadamente novas para receberem a graça de Deus*. Zacarias foi informado de que seu filho seria “cheio do Espírito Santo, já do ventre materno”. Não há maior erro do que supor que as crianças, por sua tenra idade, não podem estar sujeitas à operação do Espírito Santo. O modo pelo qual Ele opera no coração de uma criança é misterioso e incompreensível; assim também é toda a sua obra nos filhos dos homens. Guardemo-nos de limitar o poder e a compaixão de Deus, que é misericordioso. Para Ele não há impossíveis.

Lembre-mo-nos dessas verdades ao ministrar as coisas espirituais para as crianças. Devemos sempre tratá-las como seres responsáveis diante de Deus. Nunca devemos permitir a suposição de que são muito novas para participarem de atividades cristãs. É claro que devemos ser equilibrados quanto às nossas expectativas. Não devemos querer encontrar evidências da graça que sejam incoerentes com sua idade e capacidade. Mas jamais devemos esquecer que o coração que não é novo demais para pecar também não é novo demais para ser cheio da graça de Deus.

Finalmente, aprendemos nestes versículos sobre *o caráter de um ministro de Deus realmente grande e bem sucedido*. A figura é apresentada de maneira notável na descrição que o anjo faz de João Batista. Ele é alguém que “converterá os corações” — convertê-los da ignorância para o conhecimento, do descuido para a consideração, do pecado para Deus. Ele é alguém que irá “adiante” de Deus — não terá alegria maior que a de ser o precursor e mensageiro de Jesus. Ele é alguém que “habilitará para o Senhor um povo preparado”. Ele lutará para tirar do mundo um grupo de fiéis que estejam prontos a receber o Senhor no dia da sua chegada.

Oremos dia e noite por ministros como esse. São eles as verdadeiras colunas da igreja, os verdadeiros sal da terra e luz do mundo. Feliz a igreja e a nação que têm vários desses homens. A erudição, os títulos, os talentos, os prédios majestosos não susterrão uma igreja viva, sem esses homens. Almas não serão salvas, não haverá boa vontade, e Cristo não será glorificado, a não ser por homens que sejam cheios do Espírito Santo.

A Incredulidade de Zacarias e o Conseqüente Castigo

Leia Lucas 1.18-25

Vemos nesta passagem *o alcance da incredulidade na vida de um homem bom*. Mesmo sendo justo e santo, para Zacarias o anúncio feito

pelo anjo pareceu impossível. Não lhe parecia possível que um homem idoso como ele pudesse ser pai. “Como saberei isto?”, afirmou, “pois eu sou velho, e minha mulher, avançada em dias”.

Um judeu bem instruído como Zacarias jamais poderia ter levantado tal questão. É certo que ele estava familiarizado com as Escrituras do Antigo Testamento. Ele tinha o dever de lembrar-se do nascimento miraculoso de Isaque, Sansão e Samuel em tempos antigos; tinha o dever de lembrar que aquilo que Deus havia feito no passado poderia fazer no presente e que para Ele nada é impossível. Mas esqueceu-se de tudo isso. Não pensou em mais nada além daquilo que o mero raciocínio e o senso humanos sustentam. Nos assuntos espirituais, é comum acontecer que, onde começa a razão, termina a fé.

Tiremos uma lição sábia do erro de Zacarias. Sua falta é daquelas a que o povo de Deus, em todas as eras, tem sido muito suscetível. Abraão, Isaque, Moisés, Ezequias ou Josafá nos ensinam que um crente verdadeiro pode, às vezes, ser tomado pela incredulidade. Esta é uma das primeiras fraquezas que atacou o coração humano no dia da Queda, quando Eva creu no diabo em vez de crer no Senhor. Trata-se de um dos pecados mais profundamente arraigados; atormenta os santos, e dele nunca ficam inteiramente libertos antes da morte. Oremos diariamente: “Senhor, aumenta-me a fé”. Que jamais coloquemos em dúvida o fato de que, quando Deus diz uma coisa, irá cumpri-la realmente!

Nestes versículos vemos também *a porção e o privilégio dos anjos de Deus*. Eles trazem mensagens à igreja de Deus. Desfrutam da presença direta do Senhor. O mensageiro celestial que aparece a Zacarias reprova sua incredulidade, dizendo-lhe quem ele é: “Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus, e fui enviado para falar-te”.

O nome “Gabriel” sem dúvida alguma terá enchido o coração de Zacarias de humilhação, fazendo-o ver a si mesmo. Ter-se-á lembrado que o mesmo Gabriel, 490 anos antes, trouxera a Daniel a profecia das setenta semanas e dissera-lhe como o Messias teria de ser morto (Dn 9.26). Sem dúvida, Zacarias teve de ver o contraste entre a sua triste incredulidade, manifestada enquanto pacificamente ministrava como sacerdote no templo do Senhor, e a fé demonstrada por Daniel, que morava cativo na Babilônia, enquanto o templo em Jerusalém permanecia em ruínas. Zacarias aprendeu naquele dia uma lição que nunca mais pôde esquecer.

O relato que Gabriel faz do seu ministério deve suscitar em nós um profundo sondar do coração. Este espírito poderoso, muitíssimo maior em poder e inteligência do que nós, considera o seu maior privilégio assistir “diante de Deus” e fazer a sua vontade. Que o nosso desejo e objetivo estejam orientados na mesma direção. Que nos esforcemos por

viver de tal forma que possamos um dia estar corajosamente em pé diante do trono de Deus, servindo-O dia e noite no seu templo. O caminho para obtermos esta posição tão alta e santa está aberto diante de nós. Jesus o abriu para nós ao oferecer o seu próprio corpo e sangue. Que nos empenhemos por andar nele durante os curtos dias da vida presente, a fim de que possamos participar da nossa porção, juntamente com os anjos eleitos de Deus, nos séculos infintos da eternidade (Dn 12.13).

Finalmente, vemos nesta passagem *quão profundamente pecaminosa diante de Deus é a incredulidade*. As dúvidas e questionamentos de Zacarias trouxeram sobre ele um pesado castigo. “Ficarás mudo”, disse-lhe o anjo, “e não poderás falar... porquanto não acreditaste nas minhas palavras”. Tratava-se de um castigo bem compatível com a ofensa. A língua que não estava pronta para manifestar a linguagem do louvor e da fé tinha de ficar muda. Tratava-se de um castigo de longa duração. Zacarias foi condenado ao silêncio por, no mínimo, nove longos meses, sendo lembrado diariamente do fato de que ofendera a Deus por sua incredulidade.

Poucos pecados parecem ofender tanto a Deus quanto o pecado da incredulidade. Certamente nenhum outro pecado atraiu castigos tão severos sobre os homens. Duvidar que Deus pode fazer alguma coisa que Ele diz que fará é negar de forma prática sua onipotência. Duvidar que Deus não cumprirá completamente alguma de suas promessas é fazê-Lo mentiroso. Os crentes jamais devem esquecer-se dos quarenta anos que Israel vagueou pelo deserto. Quão solenes são as palavras do apóstolo Paulo: “Não puderam entrar por causa da incredulidade” (Hb 3.19).

Vigiemos e oremos diariamente contra este pecado que devasta a alma. Os crentes que cedem a ele perdem a paz interior, fraquejam nas batalhas, têm suas esperanças ofuscadas, vêm-se emperrados em seu caminhar. De acordo com a proporção da nossa fé, desfrutaremos da salvação dada por Jesus, seremos longânimos no dia da provação e teremos vitória sobre o mundo. Resumindo: a incredulidade é a verdadeira causa de muitas enfermidades espirituais e, uma vez que lhe permitimos aninhar-se em nosso coração, ela nos corroerá como um câncer. “Se o não credes, certamente não permaneceréis” (Is 7.9).

Estabeleçamos como um princípio para o nosso cristianismo o crermos implicitamente em toda Palavra de Deus, estando vigilantes quanto à incredulidade, em tudo o que diz respeito ao perdão dos nossos pecados e à nossa aceitação diante de Deus, aos nossos deveres particulares e às lutas da vida diária.

O Anúncio à Virgem Maria de que Ela Deveria ser a Mãe do Senhor

Leia Lucas 1.26-33

Temos nestes versículos o anúncio do acontecimento mais maravilhoso que já ocorreu neste mundo: a encarnação e o nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo. Trata-se de uma passagem que devemos ler sempre com uma mescla de admiração, amor e louvor.

Notemos, primeiramente, *o modo humilde e despretençioso pelo qual o Salvador da humanidade veio habitar entre nós*. O anjo que anunciou o seu advento foi enviado a uma vila obscura da Galiléia chamada Nazaré. A mulher que recebeu a honra de tornar-se a mãe do Senhor ocupava claramente uma posição social humilde. Tanto em sua condição social quanto em sua cidade, havia uma ausência completa daquilo que o mundo considera “grande”. Não devemos hesitar em concluir que em tudo isso estava a sábia Providência. O conselho do Altíssimo, que ordena todas as coisas nos céus e na terra, poderia determinar que a residência de Maria fosse Jerusalém, tão simplesmente quanto determinar que fosse Nazaré; ou, da mesma forma, poderia ter escolhido a filha de algum escriba poderoso para ser a mãe do Senhor, tão facilmente como escolheu uma moça pobre. Pareceu-Lhe bem ser como foi. O primeiro advento do Messias deveria ser um advento de humilhação. Essa humilhação dar-se-ia já desde a sua concepção e nascimento.

Cuidemos para não desprezarmos a pobreza dos outros ou de nos envergonharmos da nossa própria pobreza, caso Deus nos conceda. A condição de vida que Jesus escolheu voluntariamente para Si deve ser vista sempre com santa reverência. A tendência comum dos nossos dias, ou seja, de curvarem-se as pessoas diante dos ricos e de idolatrarem o dinheiro, deve ser sistematicamente resistida e desencorajada. O exemplo do Senhor é a resposta suficientíssima para milhares de máximas aviltantes sobre a riqueza tão comuns entre os homens. “Sendo rico, se fez pobre por amor de vós” (2 Co 8,9).

Admiremos a espantosa humildade do Filho de Deus. O Herdeiro de todas as coisas não somente assumiu a natureza humana, mas o fez da forma mais humilhante que poderia fazer. Já seria humildade vir ao mundo para governar como rei. Mas a sua vinda ao mundo como homem pobre, para ser desprezado, sofrer e morrer, é um dos milagres da misericórdia que ultrapassa a nossa compreensão. Que o seu amor nos impulse a não viver para nós mesmos, e sim para Ele. Que o seu exemplo traga

faremos obscurecer os fatos com palavras sem conhecimento, ousando invadir terreno que os anjos temem tocar. É necessário que uma religião que verdadeiramente vem do céu tenha os seus mistérios. A encarnação é um dos mistérios do cristianismo.

A seguir, observemos *o lugar proeminente que foi dado ao Espírito Santo no grande mistério da encarnação*. Está escrito: “Descerá sobre ti o Espírito Santo”. O leitor diligente da Bíblia certamente não esquecerá que a honra aqui conferida ao Espírito está em harmonia perfeita com o ensino das Escrituras como um todo. Em cada etapa da grande obra da redenção, encontraremos menção especial à obra do Espírito Santo. Jesus não morreu para fazer expiação dos nossos pecados? Sim, mas está escrito que, “pelo Espírito eterno, a si mesmo se ofereceu sem mácula a Deus” (Hb 9.14). Ele não ressuscitou para a nossa justificação? Claro, mas está escrito que Ele foi “vivificado no espírito” (1 Pe 3.18). Não confortou o coração dos seus discípulos no intervalo entre a sua primeira e a sua segunda vinda? Sim, mas está escrito que o Consolador que Ele prometeu enviar é “o Espírito da verdade” (Jo 14.17).

Sejamos cuidadosos em dar ao Espírito Santo, em nossa devoção pessoal, o mesmo lugar que Ele ocupa na Palavra de Deus. Lembremo-nos de tudo o que os crentes são e têm e de quanto desfrutaram do evangelho, por causa do ensino interior ministrado pelo Espírito Santo. A obra de cada uma das três Pessoas da Santíssima Trindade é total e igualmente necessária à salvação de cada alma redimida. A eleição por Deus Pai, o sangue de Deus Filho e a santificação por Deus Espírito Santo jamais poderão ser isolados do cristianismo.

Em terceiro lugar, observemos *o princípio poderoso que o anjo Gabriel estabelece para fazer silenciar todas as objeções à encarnação*: “Para Deus não haverá impossíveis”. A acolhida calorosa deste grande princípio é de importância imensa à nossa paz interior. Dúvidas e perguntas geralmente surgem na mente dos homens a respeito de muitos aspectos do cristianismo. São elas o resultado natural do estado decaído da nossa alma. Nossa fé é, no máximo, muito frágil. O nosso conhecimento, em seu melhor estado, é anuviado por muita debilidade. Dentre os muitos antídotos para um estado de alma ansioso, cheio de dúvidas e perguntas, poucos serão mais eficazes do que este: uma confiança plena na onipotência de Deus. Para Aquele que chamou o mundo à existência, formando-o do nada, tudo é possível. Nada é demasiadamente difícil para o Senhor!

Não há pecado grande ou ruim demais que não possa ser perdoado. O sangue de Jesus nos purifica de todo o pecado. Não há coração tão embrutecido e mau que não possa ser transformado. O coração de pedra pode ser transformado em coração de carne. Não há tarefa difícil demais que o crente não possa realizar. Podemos todas as coisas no Cristo que

nos fortalece. Não há provação severa demais, que não possa ser suportada. A graça de Deus é a nossa suficiência. Não há promessa grande demais, que não possa ser cumprida. As palavras de Jesus jamais passarão; e aquilo que prometeu, Ele é fiel para cumpri-lo. Não há dificuldade que seja tão grande que um crente não possa vencê-la. Se Deus é por nós, quem será contra nós? A montanha se tornará plana. Que estes princípios estejam constantemente em nossos corações. A receita do anjo é remédio de valor incalculável. A fé nunca descansa tão calma e pacificamente como quando repousa a sua frente no travesseiro da onipotência de Deus!

Por fim, observemos *a aquiescência imediata e humilde da virgem Maria à vontade revelada de Deus para com ela*. Maria diz ao anjo: “Aqui está a serva do Senhor; que se cumpra em mim conforme a tua palavra”. Há muito mais graça admirável nesta resposta do que se pode observar à primeira vista. Se refletirmos por um momento, perceberemos que tornar-se a mãe do Senhor por meio desse método desconhecido e misterioso não era questão insignificante. A longo prazo, traria consigo grande honra; todavia, no presente, representava um risco enorme para a reputação de Maria e grande prova para a sua fé. Ela estava disposta a enfrentar todo esse risco e provação! Não fez qualquer outra pergunta. Não levantou quaisquer outras objeções. Aceitou a honra que lhe foi conferida, tanto quanto os perigos e inconveniências que a acompanhavam. “Aqui está”, diz ela, “a serva do Senhor”.

Procuremos, na prática diária do cristianismo, ter o mesmo precioso espírito de fé que vemos em Maria. Estejamos prontos a ir onde quer que seja, a fazer o que quer que seja e a ser quem quer que seja, não nos importando com as inconveniências imediatas do presente, desde que estejamos certos da vontade de Deus, vendo claramente qual o caminho do dever. Será bom lembrarmos das palavras do bom Bispo Hall, a respeito desta passagem: “Toda a disputa com Deus, depois de revelada a sua vontade, nasce da infidelidade; não há prova mais nobre de fé do que levarmos cativos ao Criador todos os poderes da nossa vontade e razão e, sem fazer objeções, seguirmos incontinenti para onde Ele nos mandar”.

A Visita que Maria fez a Isabel

Leia Lucas 1.39-45

Devemos observar nesta passagem *o valor da amizade e da comunhão entre os crentes*. Lemos sobre uma visita que a virgem Maria fez à sua prima Isabel. A passagem mostra de maneira extraordinária como os

corações dessas duas santas mulheres foram confortados e suas mentes estimuladas por meio dessa visita. Se não houvesse ocorrido esse encontro talvez Isabel nunca chegasse a ficar cheia do Espírito Santo como ficou, e talvez Maria jamais tivesse proferido esse cântico de louvor tão bem conhecido na igreja do Senhor. As palavras de um antigo teólogo são profundas e verdadeiras: “A alegria compartilhada se multiplica. A tristeza se expande ao ser ocultada; a alegria, ao ser repartida”.

Devemos sempre considerar a comunhão com outros crentes como excelente meio de graça. Trocar experiências com os companheiros de viagem é como uma parada refrescante em nossa jornada pelo caminho estreito. Ajuda-nos de forma imensurável e ajuda-os também, de forma que se torna lucro para todos. Trata-se da experiência mais próxima da alegria celeste que se pode desfrutar nesta terra. “Como o ferro com o ferro se afia, assim, o homem, ao seu amigo.” Precisamos lembrar sempre disto. Por não se dar a devida atenção a este assunto, as almas dos crentes acabam por sofrer. Há muitos que temem o Senhor e meditam no seu Nome, mas que se esquecem de falar “uns aos outros” (Mt 3.16). Busquemos, em primeiro lugar, a face do Senhor. Em seguida, busquemos a face dos seus amigos. Se agíssemos mais desta maneira e fôssemos mais cuidadosos quanto às nossas amizades, saberíamos melhor o que significa ficar cheio do Espírito Santo.

Notemos, também, nesta passagem *o conhecimento espiritual claro demonstrado pela linguagem de Isabel*. Refere-se à virgem Maria de uma forma que demonstra que era alguém que havia sido profundamente ensinada por Deus. Refere-se a Maria como “a mãe do meu Senhor”. A expressão “meu Senhor” é tão comum que não percebemos a profundidade do seu significado. Na época em que foi dita, ela continha muito mais do que podemos apreender. Significava uma declaração explícita de que a criança que deveria nascer de Maria era o tão esperado Messias, o “Senhor” a respeito de quem Davi havia profetizado em Espírito, o Cristo de Deus. Vista sob esse prisma, esta expressão torna-se um lindo exemplo de fé. Trata-se de uma confissão digna de ser colocada lado a lado com aquela que Pedro fez, ao dizer a Jesus: “Tu és o Cristo”.

Lembremos o significado profundo da palavra “Senhor” e sejamos cautelosos, não a usando de maneira superficial e desatenta. Consideremos o fato de que ela não se aplica corretamente a ninguém mais, a não ser Àquele que foi crucificado no Calvário por causa dos nossos pecados. Que a lembrança desse fato revista esta expressão de santa reverência, levando-nos a considerar bem a maneira como ela será pronunciada pelos nossos lábios. Há dois textos relacionados a esta palavra que devem subir sempre aos nossos corações. No primeiro, está escrito: “Ninguém pode dizer: Senhor Jesus!, senão pelo Espírito Santo” (1 Co 12.3). No outro,

lemos: “E toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai” (Fp 2.11).

Finalmente, cabe-nos observar nesta passagem *a elevada consideração que Isabel confere à graça da fé*. “Bem-aventurada”, disse ela, “a que creu”. Não nos deve causar espanto que essa mulher santa elogie dessa forma a fé. Sem dúvida, ela estava familiarizada às Escrituras do Antigo Testamento. Sabia bem que grandes obras a fé realizara. Qual a história dos santos de Deus de todas as épocas, senão o registro de homens e mulheres que obtiveram bom testemunho pela fé? Qual a história singela, desde Abel, senão a narrativa de pecadores redimidos que creram e, por isso, foram abençoados? Pela fé, apossaram-se de promessas. Viveram e andaram pela fé; suportaram duras provações; contemplaram um Salvador ainda não visto e bênçãos que ainda viriam. Pela fé, lutaram contra o mundo, a carne e o diabo; foram vencedores e chegaram ao lar em segurança. E a virgem Maria estava provando que fazia parte desse grupo precioso de pessoas. Não admiremos que Isabel tenha dito: “Bem-aventurada a que creu”!

Será que conhecemos apenas um pouquinho dessa fé tão preciosa? Esta é, afinal, a pergunta que nos preocupa. Conhecemos alguma coisa da fé exercida pelos eleitos de Deus, a fé que é uma realização divina? (Tt 1.1; Cl 1.12) Que jamais demos descanso à nossa alma até que conheçamos essa fé por experiência. E, uma vez experimentada, que jamais deixemos de orar para que ela cresça abundantemente. É mil vezes melhor ser rico em fé do que em ouro. O ouro não terá valor no reino invisível para o qual estamos nos dirigindo. A fé será reconhecida naquele reino diante de Deus Pai e dos santos anjos. Quando se estabelecer o grande trono branco e forem abertos os livros, quando os mortos deixarem os seus túmulos e receberem a sentença final, então o valor real da fé será totalmente conhecido; os homens saberão, se não o souberam antes, que verdadeiras são as palavras: “Bem-aventurados os que creram!”

O Hino de Louvor Entoado por Maria

Leia Lucas 1.46-56

Estes versículos registram o famoso hino de louvor entoado pela virgem Maria diante da perspectiva de tornar-se a mãe do nosso Senhor. Ao lado do “Pai Nosso”, talvez poucas passagens da Escritura sejam mais conhecidas do que esta. Onde quer que o *Livro de Orações* da Igreja da Inglaterra seja usado, este hino torna-se parte do culto. E não devemos

admirar que os compiladores desse livro tenham dado ao hino de Maria um lugar tão especial. Não há palavras que expressem melhor o louvor pela misericordiosa redenção, louvor esse que tem de fazer parte do culto público de todos os ramos da igreja de Cristo.

Observemos, inicialmente, *a completa familiaridade com as Escrituras mostrada neste hino*. Ao lê-lo, lembramos de muitas expressões encontradas no livro de Salmos. E, principalmente, lembramos do cântico de Ana, no livro de 1 Samuel (1 Sm 2.2-10). Torna-se bem claro que a mente da bem-aventurada virgem estava repleta da Palavra. Ela conhecia, por ouvir ou por ler, o Antigo Testamento. Assim, quando sua boca fez transbordar aquilo de que seu coração estava cheio, ela deu vazão aos seus sentimentos, utilizando a linguagem bíblica. Movida pelo Espírito Santo a derramar-se em louvor, ela escolheu a linguagem que o próprio Espírito já havia consagrado e usado!

A cada ano que vivemos, esforcemo-nos por nos tornar mais familiarizados com a Palavra. Devemos estudá-la, examiná-la, nos aprofundarmos e meditarmos nela até que ela habite em nós ricamente (Cl 3.16). Esforcemo-nos especialmente para nos tornar familiarizados com aquelas porções da Bíblia que, como o livro de Salmos, descrevem a experiência dos santos da antigüidade. Descobriremos quanto isto nos ajudará em nossa busca pela presença do Senhor e nos suprirá a linguagem melhor e mais adequada, tanto para expressarmos as nossas petições quanto as nossas ações de graça. Tal conhecimento da Palavra jamais poderá ser adquirido senão por meio do estudo regular e diário. Mas o tempo gasto nesse estudo nunca é perdido. Dará os seus frutos depois de muitos dias.

Observemos, a seguir, neste hino de louvor *a profunda humildade de Maria*. Ela, que foi escolhida por Deus para receber a honra singular de ser a mãe do Messias, falou do seu próprio estado de fraqueza e da sua necessidade pessoal de um Salvador. Não pronunciou uma só palavra que demonstre que se considerava uma pessoa isenta de pecado, “imaculada”. Pelo contrário, usou a linguagem de alguém que, pela graça de Deus, aprendeu a sentir os seus próprios pecados e que, longe de poder salvar outros, precisava de um Salvador para a sua própria alma. Podemos afirmar com toda a segurança que ninguém estaria mais pronto a reprovar a veneração dirigida pela Igreja Católica à virgem Maria do que ela mesma.

Imitemos a humildade santa da mãe do Senhor, enquanto nos recusamos firmemente a tê-la como mediadora ou a fazer súplicas a ela. Como Maria, tenhamos noção da nossa própria fraqueza e um conceito humilde da nossa própria pessoa. A humildade é a graça que melhor pode adornar o caráter cristão. Com verdade, disse um antigo teólogo: “Um homem é tão crente quanto a sua humildade”. Trata-se da qualidade que, dentre

todas, é a mais conveniente à natureza humana. E mais, é a qualidade que está ao alcance de todo convertido. Nem todos são ricos. Nem todos são cultos. Nem todos são grandemente dotados. Nem todos podem pregar. Mas todos os filhos de Deus podem revestir-se de humildade!

Em terceiro lugar, notemos *a viva gratidão demonstrada por Maria*. Esta é a nota proeminente de toda a parte inicial do seu cântico. Sua alma engrandeceu “ao Senhor”. Seu espírito “se alegrou em Deus”. “Todas as gerações me considerarão bem-aventurada.” “O Poderoso me fez grandes cousas.” Para nós é muito difícil penetrar na extensão completa dos sentimentos que uma judia santa experimentaria, ao encontrar-se na posição de Maria. Todavia, procuremos fazê-lo enquanto lemos as suas repetidas expressões de louvor.

Faremos bem em seguir os passos de Maria quanto a este assunto, cultivando um espírito cheio de gratidão. Esta tem sido a marca distintiva de todos os grandes santos de Deus em todas as eras. Davi, no Antigo Testamento, e Paulo, no Novo, são notáveis por seu espírito de gratidão. Raramente lemos grandes porções dos seus escritos sem que os encontremos bendizendo e louvando a Deus. Levantemos de nossos leitos a cada manhã com a profunda convicção de que somos devedores e de que a cada dia recebemos mais bênçãos do que merecemos. A cada semana olhemos ao nosso redor, à medida que peregrinamos por este mundo, e vejamos se não temos muito pelo que agradecer a Deus. Se os nossos corações estiverem no lugar certo, nunca nos será difícil construir um Ebenézer (1 Sm 7.12). Bom seria que as nossas orações e súplicas fossem mais recheadas com ações de graça (Fp 4.6).

Observemos, agora, *a compreensão que Maria tinha da maneira como o Senhor lidava com o seu povo na antiguidade*. Ela fala do Senhor como Aquele cuja “misericórdia vai de geração em geração sobre os que o temem”; como Aquele que dispersou os soberbos, derrubou os poderosos e “despediu vazios os ricos”; como Aquele que “exaltou os humildes” e “encheu de bens os famintos”. Assim falou, sem dúvida, recordando a história do Antigo Testamento. Lembrou-se de como Deus derrubou a Faraó, os cananeus, os filisteus, a Senaqueribe, a Hamã e a Belsazar. Lembrou-se de como Ele exaltou José, Moisés, Davi, Ester e Daniel e como nunca permitiu que o seu povo escolhido fosse totalmente destruído. E, no trato de Deus com ela mesma, ao honrar uma pobre virgem de Nazaré, ao levantar o Messias numa terra tão árida como parecia haver-se tornado a nação judaica naquela altura, ela divisou a obra esmerada do Deus da Aliança.

O verdadeiro crente deve prestar sempre boa atenção à história bíblica e à vida dos homens e mulheres de Deus, individualmente. Examinemos em detalhes as “pisadas dos rebanhos” (Ct 1.8). Esse estudo nos esclarece

quanto à maneira de Deus agir com o seu povo. Ele é sempre o mesmo. O que fez por seu povo no passado, está pronto a fazer no futuro. Esse estudo nos ensinará quanto ao que esperar, nos ajudará a recusar expectativas infundadas e nos encorajará quando estivermos desanimados. Feliz o homem cujo coração está bem abastecido desse conhecimento, pois o estudo da história bíblica o tornará paciente e cheio de esperança.

Por último, notemos *a visão firme que Maria tinha das promessas bíblicas*. Ela terminou o seu cântico de louvor com a declaração de que Deus abençoou Israel, “a fim de lembrar-se da sua misericórdia”, e que agiu “como prometera aos nossos pais”. Estas palavras demonstram claramente que ela se lembrava da promessa feita a Abraão: “Em ti serão benditas todas as famílias da terra”. Fica bem claro que, ao aproximar-se o nascimento de seu Filho, ela considerou que esta promessa estava para cumprir-se.

Aprendamos do exemplo dessa mulher santa a lançar mão firme das promessas de Deus. Fazê-lo é de grande importância para a nossa paz pessoal. As promessas são, na verdade, o maná que devemos comer e a água que devemos beber diariamente, enquanto atravessamos o deserto deste mundo. Ainda não vemos todas as coisas subjugadas. Ainda não vemos a face de Jesus, e o céu, e o Livro da Vida, e as mansões que Ele nos foi preparar. Andamos pela fé, e essa fé descansa nas promessas. Mas, nessas promessas, podemos descansar confiadamente. Elas sustentam to-do o peso que pusemos sobre elas. Um dia, à semelhança de Maria, descobriremos que Deus cumpre o que diz, cumprindo-o sempre na hora certa.

O Nascimento de João Batista

Leia Lucas 1.57-66

Temos nesta passagem a história de um nascimento — o nascimento de uma luz ardente e brilhante na igreja: o precursor do próprio Cristo, João Batista. A linguagem utilizada pelo Espírito Santo para descrever o evento é digna de atenção. Está escrito que “o Senhor usara de grande misericórdia” para com Isabel. Houve manifestação de misericórdia no fato de ela haver atravessado a gestação em segurança. Houve manifestação de misericórdia no fato de ela vir a ser a mãe de uma criança saudável. Felizes são as famílias que enxergam cada nascimento sob esse prisma: como manifestações especiais da misericórdia do Senhor.

Vemos na atitude dos vizinhos e parentes de Isabel *um exemplo*

vibrante da bondade que devemos uns para com os outros. Está escrito que “participaram do seu regozijo”. Como haveria mais felicidade neste mundo mau, se o comportamento dos amigos de Isabel fosse mais comum! Simpatizarmos com as alegrias e as tristezas dos outros custa muito pouco; além disso, é uma qualidade de grande influência. Tal como o óleo colocado nas rodas de uma grande máquina, pode parecer uma coisa insignificante e sem importância, todavia, exerce uma influência tremenda sobre o bem-estar e o bom andamento da máquina da sociedade. Uma palavra amiga de estímulo ou de conforto raramente é esquecida. O coração alentado por boas novas, ou abatido pela aflição, é especialmente sensível, e uma demonstração de simpatia torna-se para ele algo mais precioso do que o ouro.

O servo de Jesus fará bem em lembrar dessa qualidade. Pode parecer uma “qualidade menor”, e, no meio do alarido das controvérsias e das batalhas pelas grandes doutrinas, podemos, infelizmente, negligenciá-la. Todavia, ela é um daqueles ganchos do tabernáculo que jamais devemos abandonar no deserto. É um daqueles enfeites do caráter cristão que o tornam atraente aos olhos dos homens. Não nos esqueçamos de que está recomendada por um preceito especial: “Alegrai-vos com os que se alegram e chorai com os que choram” (Rm 12.15). Colocá-la em prática parece que atrai bênçãos especiais. Os judeus que foram confortar Marta e Maria em Betânia testemunharam o maior milagre que Jesus realizou. Além disso, essa virtude é recomendada por Aquele que é o Exemplo Perfeito: o Senhor estava pronto a ir tanto a uma festa de casamento quanto a chorar à beira de um túmulo (Jo 2.1-11; 11.1-46). Estejamos sempre dispostos a imitá-Lo, indo e fazendo o que Ele fez!

Vemos na conduta de Zacarias, aqui apresentada, *um exemplo contundente do benefício que traz a aflição*. Ele se opôs ao desejo dos amigos, que queriam dar seu nome ao recém-nascido. Apegou-se com firmeza ao nome “João”, nome que o anjo Gabriel dissera que se deveria dar ao menino. Mostra, assim, que a sua longa mudez de nove meses não lhe foi infligida em vão. Deixou a incredulidade e passou a crer. Agora, ele crê em cada palavra que lhe foi dita pelo anjo Gabriel; e cada palavra da mensagem dele tem de ser obedecida.

Não tenhamos dúvidas de que esses nove meses foram de grande proveito para a alma de Zacarias. É provável que tenha aprendido mais sobre a sua própria alma e sobre o Senhor do que jamais soubesse. A sua conduta o provou. A correção se mostrou instrutiva. Ele se envergonhou da própria incredulidade. Como Jó, pôde dizer: “Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te vêem” (Jó 42.5). Como Ezequias, quando foi desamparado pelo Senhor, ele também pôde descobrir o que estava em seu coração (2 Cr 32.31).

Estejamos alerta, para que a aflição nos faça bem, como o fez a Zacarias. Não estamos isentos de problemas num mundo que jaz totalmente no pecado. “O homem nasce para o enfado, como as faíscas das brasas voam para cima” (Jó 5.7).

Porém, quando estivermos sendo afligidos, a nossa oração incessante deve ser no sentido de que possamos atentar para a aflição e para quem a enviou; que aprendamos dela a sabedoria, ao invés de embrutecermos os nosso coração contra o Senhor. “Aflições santificadas”, disse um antigo teólogo, “são crescimento espiritual”. A aflição que nos humilha e nos leva para mais perto do Senhor é uma bênção e um completo lucro. Não há caso mais sem esperança que o do homem que, no tempo da aflição, dá as suas costas a Deus. Há um nota terrível registrada contra um dos reis de Judá: “No tempo da sua angústia, cometeu ainda maiores transgressões contra o SENHOR; ele mesmo, o rei Acáz” (2 Cr 28.22).

Vemos no início da história de João Batista *o tipo de bênção que devemos desejar para todas as criancinhas*. Lemos que “a mão do Senhor estava com ele”. Não é dito claramente o significado destas palavras. Cabe-nos decifrar o seu significado a partir da promessa feita antes do nascimento de João e do tipo de vida que ele viveu todos os seus dias. Não duvidemos do fato de que a mão do Senhor estava com João para santificar e renovar o seu coração, para ensiná-lo e prepará-lo para o seu ministério, para fortalecê-lo em toda a sua obra como precursor do Cordeiro de Deus, para encorajá-lo em sua tarefa corajosa de denunciar os pecados dos homens e para confortá-lo em suas últimas horas de vida, quando foi decapitado na prisão. Sabemos que ele foi cheio do Espírito desde o ventre materno. Não temos como duvidar que, desde os seus primeiros dias, a presença do Espírito poderia ser vista em suas atitudes. Na sua infância ou na idade adulta, o poder marcante de uma grande obra celestial manifestava-se nele. Esse poder era “a mão do Senhor”.

Esta é a herança que devemos buscar para os nossos filhos. Trata-se da melhor, mais feliz e única herança que nunca poderá perder-se e que permanecerá para sempre. É bom ter sobre eles “a mão” de professores e mestres, mas é muito melhor ter “a mão do Senhor”. Poderemos ficar agradecidos se eles alcançarem o favor do Senhor. A mão do Senhor é mil vezes melhor que a mão de Herodes. Esta, é fraca, fútil e incerta. Hoje, afaga; amanhã, corta a cabeça. Aquela é onipotente, completamente sábia e imutável. Ela sustenta eternamente. Bendigamos a Deus porque Ele nunca muda. O que Ele era nos dias de João Batista, ainda é hoje. O que fez pelo filho de Zacarias, pode fazer pelos nossos meninos e meninas. Mas Ele espera que Lho peçamos. Se desejamos ver a mão do Senhor sobre os nossos filhos, temos de buscá-Lo diligentemente.

A Profecia e o Cântico de Louvor Entoados por Zacarias

Leia Lucas 1.67-80

Este cântico de louvor também exige a nossa atenção. Já lemos o cântico de ações de graças de Maria, a mãe do Senhor. Leiamos, agora, o cântico de Zacarias, o pai de João Batista. Já ouvimos os louvores que o primeiro advento de Jesus fez brotar de uma virgem da casa de Davi. Vejamos, agora, que louvores faz brotar de um sacerdote idoso.

Notemos, primeiramente, *a profunda gratidão do coração de um crente judeu diante da perspectiva do surgimento do Messias*. A primeira palavra a sair da boca de Zacarias é de louvor, assim que a sua mudez é removida e lhe é restaurada a fala. Ele inicia com a mesma expressão utilizada por Paulo para começar diversas de suas cartas: “Bendito seja o Senhor”.

Em nossa época, é difícil perceber a extensão dos sentimentos desse homem bom. É preciso que nos imaginemos ocupando o seu lugar. Temos de procurar ver-nos presenciando o cumprimento da promessa mais antiga do Antigo Testamento: a promessa de um Salvador. E temos de imaginarmos contemplando o fato de que o cumprimento dessa promessa deu-se em nosso próprio lar. É preciso perceber a visão imperfeita e obscura que as pessoas tinham do evangelho antes da vinda de Jesus (quando as sombras e os tipos desvaneceram-se). Só então, talvez, teremos uma idéia do que se passava no coração de Zacarias, quando ele exclamou: “Bendito seja o Senhor”.

É de se temer que os crentes tenham uma concepção inadequada e incerta do privilégio ímpar que têm de viver sob a clareza total do evangelho. É provável que tenhamos uma idéia muito frágil do que foi a opaca dispensação judaica. Temos uma pálida noção do que deve ter sido a igreja antes da encarnação de Jesus. Que os nossos olhos sejam abertos, para que percebamos a extensão da nossa responsabilidade. Que aprendamos pelo exemplo de Zacarias a ser mais agradecidos.

Devemos observar também neste hino de louvor, *a grande ênfase que Zacarias dá ao fato de que Deus cumpre as suas promessas*. Ele declara que Deus “visitou e redimiu o seu povo”. E o faz à maneira dos profetas: como se o fato já se tivesse realizado, por ter certeza de que isso ocorrerá. E continua, anunciando o Instrumento dessa redenção: “poderosa salvação” — um Salvador poderoso, da casa de Davi. E acrescenta que tudo aconteceu “como prometera, desde a antigüidade, por boca dos seus

santos profetas... para usar de misericórdia... e lembrar-se da sua santa aliança e do juramento que fez a Abraão, o nosso pai “.

Fica bem claro que os crentes do Antigo Testamento alimentavam grandemente as suas almas com as promessas de Deus. Eram muito mais obrigados a andar por fé do que nós o somos. Nada sabiam dos grandes fatos que tão bem conhecemos a respeito da vida, morte e ressurreição de Jesus. Aguardavam a redenção como algo que deveriam esperar, mas que ainda não podiam ver, e a única garantia que tinham para alimentar essa esperança era a palavra que Deus empenhara na aliança. A amplitude de sua fé deve nos envergonhar. Assim, longe de desprezarmos os crentes do Antigo Testamento, como alguns o fazem, devemos nos admirar de que tenham sido quem foram.

Aprendamos a abraçar as promessas, descansando nelas, como o fez Zacarias; jamais duvidando da verdade de que cada palavra dita por Deus ao seu povo concernente ao seu futuro se cumprirá tão certamente quanto se cumpriu cada palavra por Ele dita com relação ao passado desse povo. A segurança deles é garantida por promessas: o mundo, a carne e o diabo jamais prevalecerão sobre qualquer crente. A sua absolvição no último dia é assegurada pelas promessas. Não cairão em condenação, mas serão apresentados sem mácula diante do trono do Pai. Sua glória futura está assegurada pelas promessas. Seu Salvador virá pela segunda vez, tão certamente quanto veio pela primeira — para ajuntar os seus salvos e dar-lhes a coroa de justiça. Deixemo-nos persuadir por tais promessas. Que as abracemos, não deixando-as escapar. Elas nunca nos decepcionarão. A Palavra de Deus jamais falha. Ele não é homem, para mentir. Vemos um selo sobre cada promessa, selo esse que Zacarias jamais viu. Temos o selo do sangue de Jesus para assegurar-nos de que, o que Deus prometeu, Ele o cumprirá.

Em terceiro lugar, notemos neste hino como *Zacarias tinha uma visão clara do reino de Cristo*. Ele fala de estar livre “da mão de inimigos”, como se tivesse em mente um reino temporal e um salvador temporal do poder dos gentios; mas não pára aí, declara que o reino do Messias é um reino em que os seus súditos o adorarão “sem temor, em santidade e justiça perante ele”. E proclamou que esse reino estava se aproximando. Há muito, profetas haviam predito a sua instalação. No nascimento do seu filho João Batista, e no imediato aparecimento de Cristo, Zacarias percebeu a chegada iminente desse reino.

A base desse reino messiânico seria edificada com a pregação do evangelho. Desde então, o Senhor Jesus tem chamado constantemente pessoas deste mundo perverso. O reino estará completo no futuro. E os santos do Altíssimo um dia haverão de dominar completamente. O pequeno fundamento do reino ainda haverá de preencher toda a terra. Mas, seja

em seu estado completo ou incompleto, os súditos desse reino sempre têm o mesmo caráter. Servem a Deus “sem temor”, servem em “santidade e justiça”.

Esforcemo-nos totalmente por fazer parte desse reino. Apesar de agora parecer pequeno, ele um dia será grande e glorioso. Os homens e mulheres que servem a Deus “em santidade e justiça” um dia haverão de ver todas as coisas sob os seus pés. Todos os inimigos serão subjugados, e eles reinarão para sempre naqueles novos céus e nova terra, onde habita a justiça.

Notemos, finalmente, que *Zacarias desfrutava de visão doutrinária clara*. Termina o seu hino de louvor dirigindo-se ao seu pequenino João Batista. Prediz que ele precederá o Senhor, “para dar ao seu povo conhecimento da salvação”, e que o Messias trará uma salvação completamente pela graça e misericórdia; uma salvação cujos maiores privilégios são a remissão dos pecados, luz e paz.

Encerremos este capítulo perguntando-nos a nós mesmos quanto temos experimentado desses três privilégios gloriosos. Sabemos o que é perdão? Já saímos das trevas para a luz? Temos paz com Deus? Afinal de contas, esta é a realidade do cristianismo. Ser membro de igreja ou receber as ordenanças não significa que a pessoa está salva. Que jamais descansemos até que tenhamos verdadeira experiência disto. Trata-se de uma provisão da graça e da misericórdia. Estende-se, pela mesma graça e misericórdia, a todo o que invocar o nome de Jesus. Que jamais descansemos enquanto o Espírito não testificar com o nosso espírito que os nossos pecados estão perdoados, que passamos das trevas para a luz e que estamos realmente andando no caminho estreito — o caminho da paz.

O Nascimento de Jesus em Belém

Leia Lucas 2.1-7

Nesta passagem, temos a história de um nascimento, o nascimento do Filho encarnado de Deus, do Senhor Jesus Cristo. O nascimento de cada criança é um evento maravilhoso; traz à existência uma alma que jamais morrerá. Mas, desde que há mundo, jamais houve um nascimento tão maravilhoso quanto o de Jesus.

Foi em si mesmo um milagre: Deus “foi manifestado na carne” (1 Tm 3.16). São indizíveis as bênçãos que Ele trouxe ao mundo: abriu aos homens a porta para a vida eterna.

Ao lermos estes versículos, notemos inicialmente *a época em que Jesus nasceu*. Foi quando César Augusto, o primeiro imperador romano,

publicou um decreto “convocando toda a população do império para recensear-se”. Neste simples fato, sobressai a sabedoria de Deus. O cetro estava praticamente apartando-se de Judá (Gn 49.10). Os judeus estavam sob o domínio de um poder estrangeiro. Estes estavam começando a reinar sobre eles. Já não tinham um governo próprio, independente. A “plenitude do tempo” chegara, para que o Messias aparecesse. César Augusto faz o recenseamento no império, e, subitamente, nasce Jesus.

A época era propícia para a introdução do evangelho. Todo o mundo civilizado estava sendo governado por um mesmo rei (Dn 2.40). Nada impediria que o pregador de uma nova fé fosse de cidade e de país em país. Os príncipes e sacerdotes do mundo gentio haviam sido pesados na balança e achados em falta. Egito, Assíria, Babilônia, Pérsia, Grécia, Roma — todos tinham provado que o mundo não conheceu a Deus pela sua própria sabedoria (1 Co 1.21). Os seus grandes generais e poetas, historiadores, arquitetos e filósofos, os reinos do mundo, estavam perdidos em negra idolatria. Era mesmo o tempo certo de Deus intervir desde os céus e enviar um Salvador eficaz. Tratava-se do tempo certo para Jesus nascer (Rm 5.6).

Firmemos sempre a nossa alma no fato confortador de que o tempo está nas mãos de Deus (Sl 31.15). Ele sabe qual a melhor ocasião para enviar socorro à sua igreja e nova orientação ao mundo. Tomemos cuidado, a fim de não darmos lugar à ansiedade por causa do que acontece à nossa volta, como se nós soubéssemos melhor do que o Rei dos reis qual é a melhor época para enviar alívio. “Filipe, deixa de tentar governar o mundo”, era o que Lutero dizia freqüentemente a um amigo tomado pela ansiedade; este era um conselho sábio.

Observemos, a seguir, *o local onde nasceu Jesus*. Não foi em Nazaré, na Galiléia, onde morava sua mãe. O profeta Miquéias predissera que o evento seria em Belém (Mq 5.2). E assim foi. Jesus nasceu em Belém. A suprema providência divina manifesta-se neste fato tão singelo. Ele governa todas as coisas, no céu e na terra. Ele inclina o coração dos reis para onde quer. Ele determinou a época em que César Augusto proclamaria o censo. E dirigiu todas as coisas de tal forma que Maria foi obrigada a estar em Belém, quando “aconteceu completarem-se-lhe os dias”. O imperador arrogante e o seu subalterno Quirino nem faziam idéia de que estavam sendo meros instrumentos nas mãos do Deus de Israel, e estavam tão somente fazendo que se cumprissem os eternos propósitos do Rei dos reis! Nem podiam imaginar que estavam ajudando a lançar as bases de um reino diante do qual todos os impérios deste mundo haveriam de cair e que a idolatria romana seria anulada. As palavras de Isaías, referentes a uma situação similar, devem ser lembradas: “Ela, porém, assim não pensa, o seu coração não entende assim” (Is 10.7).

O coração do crente deve sentir-se confortado ao lembrar-se do governo providencial que o Senhor Jesus exerce no mundo. Um verdadeiro crente jamais deve sentir-se inquieto ou assustado por causa da conduta dos juízes deste mundo. Deve, sim, com os olhos da fé contemplar uma Mão que supervisiona tudo o que eles fazem, fazendo tudo convergir para o louvor e glória de Deus. Deve considerar todo rei e potestado — César Augusto, Quirino, Dário, Ciro, Senaqueribe — como uma criatura que, a despeito de todo o seu poder, nada pode fazer, a não ser o que Deus permite e que há de cooperar com o cumprimento da sua vontade. E, quando os poderosos deste mundo puserem-se contra o Senhor, o crente deve confortar-se com estas palavras de Salomão: “O que está alto tem acima de si outro mais alto” (Ec 5.8).

Por fim, observemos *a circunstância em que Jesus nasceu*. Não nasceu sob o teto da casa de sua mãe, e sim num lugar estranho e numa manjedoura. Quando Ele nasceu, não foi colocado em um berço cuidadosamente preparado. Maria O deitou numa manjedoura, porque “não havia lugar para eles na hospedaria”. Aqui vemos a graça e a condescendência de Jesus. Se tivesse vindo salvar este mundo em majestade real, rodeado pelos anjos do seu Pai, isso já teria sido um ato de incrível misericórdia. Se tivesse decidido morar num palácio, com poder e autoridade, já teríamos razão suficiente para ficarmos maravilhados. Mas, fazer-se pobre como os mais pobres seres humanos e simples como os mais simples, isso é amor que transcende a nossa compreensão. É amor indefinível e insondável. Que nunca nos esqueçamos de que, por meio da sua humilhação, Jesus adquiriu para nós um título de glória. Por meio da sua vida de sofrimento, bem como da sua morte, Ele conquistou para nós uma redenção eterna. Durante toda a sua vida, foi pobre por amor a nós, desde o momento do seu nascimento até à morte. E por sua pobreza somos feitos ricos (2 Co 8.9).

Estejamos alerta, não desprezando os pobres por causa da sua pobreza. Sua condição foi santificada pelo Filho de Deus, que a honrou, ao assumi-la voluntariamente. Deus não faz acepção de pessoas. Ele olha para o coração e não para o bolso. Que nunca nos envergonhemos da nossa pobreza, se Deus a considera a coisa certa para nós. Ser ímpio e ganancioso é mau; mas não há mal nenhum em ser pobre. Uma casa simples, comida simples e cama dura não são agradáveis à carne e ao sangue. Mas são a porção que o Senhor Jesus voluntariamente aceitou desde o dia da sua entrada neste mundo. A riqueza leva muito mais almas ao inferno do que a pobreza. Quando o amor ao dinheiro começar a manifestar-se em nós, pensemos na manjedoura de Belém e nAquele que nela foi posto. Tal pensamento poderá livrar-nos de muitos males!

Os Anjos Anunciam o Nascimento de Jesus aos Pastores

Leia Lucas 2.8-20

Nestes versículos, temos a narrativa de como o nascimento do Senhor Jesus foi anunciado pela primeira vez aos homens. O nascimento do filho de um rei é, geralmente, ocasião de alegria e festividades públicas. O anúncio do nascimento do Príncipe da Paz foi feito a um grupo isolado, em meio à noite, e sem qualquer tipo de pompa ou ostentação mundanas.

Observemos *quem eram os que primeiro receberam a notícia de que Jesus nascera*. Eram “pastores que viviam nos campos”, ao redor de Belém, e “guardavam o seu rebanho durante as vigílias da noite”. Foi a pastores, não a sacerdotes e governadores, não a escribas e fariseus, que apareceu um anjo proclamando: “Hoje vos nasceu, na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor”. As palavras de Tiago devem subir ao nosso coração, ao lermos: “Não escolheu Deus os que para o mundo são pobres, para serem ricos em fé e herdeiros do reino que ele prometeu aos que o amam?” (Tg 2.5)

A falta de dinheiro a ninguém priva dos privilégios espirituais. As coisas do reino de Deus geralmente ficam ocultas dos grandes e nobres, sendo reveladas aos pobres. O trabalho árduo das mãos necessariamente não impedirá que alguém seja agraciado com uma comunhão muito especial com o Senhor. Moisés estava cuidando de ovelhas, Gideão, malhando trigo, e Elizeu, arando, quando foram grandemente honrados com chamado direto e com revelações da parte de Deus. Não aceitemos a sugestão satânica de que o cristianismo não é para os trabalhadores. Os fracos segundo o mundo geralmente precedem os fortes quanto ao chamado divino. Geralmente os últimos são os primeiros; e os primeiros, os últimos..

Em segundo lugar, notemos *a linguagem utilizada pelo anjo para anunciar o nascimento de Jesus aos pastores*. Disse: “Eis aqui vos trago boa-nova de grande alegria, que o será para todo o povo”. Não devemos nos surpreender com estas palavras. A escuridão espiritual que cobrira este mundo por quatro mil anos estava para desvanecer-se. O caminho para a paz com Deus e para o perdão estava para ser aberto a toda a humanidade. A cabeça de satanás estava para ser esmagada. A liberdade seria proclamada aos cativos e a vista, restituída aos cegos. Uma tremenda verdade seria proclamada: Deus pode ser justo e, ao mesmo tempo, por causa de Jesus, justificar o ímpio. Não mais seria a salvação vista por meio de tipos e figuras, mas, abertamente, face a face. O conhecimento de Deus não mais ficaria limitado aos judeus, seria oferecido também a

todo o mundo gentio. Estavam contados os dias do paganismo. A pedra angular do reino de Deus seria lançada. Se estas não eram “boas-novas”, jamais houve novas que merecessem esse nome!

Notemos, também, *quem foram os que primeiro adoraram a Deus quando Jesus nasceu*. Foram os anjos e, não, os homens; anjos que nunca pecaram e jamais precisaram de um Salvador, anjos que não caíram e, portanto, não precisavam de um redentor ou do sangue da expiação. O primeiro hino cantado em honra ao Deus que Se manifestou em carne foi cantado por “uma multidão da milícia celestial”.

Atentemos para este fato. Está repleto de lições espirituais profundas. Mostra-nos que preciosos servos são os anjos. Tudo o que o seu Mestre celestial faz lhes agrada e interessa. Mostra-nos como têm um conhecimento claro das coisas. Conhecem muito bem a extensão da miséria que o pecado trouxe à criação. Conhecem a bem-aventurança do céu e o privilégio de haver uma porta aberta para ele agora. Mas, acima de tudo, este fato nos mostra o grande amor e compaixão que os anjos têm para com os perdidos. Regozijam-se diante da perspectiva de que muitas almas serão salvas e muitos tições arrancados do fogo.

Esforcemo-nos por ter um coração mais semelhante ao dos anjos. A nossa ignorância e morte espiritual é realçada mais dolorosamente no fato de sermos incapazes de partilhar das alegrias que os vemos expressando aqui. Se realmente esperamos morar com eles para sempre no céu, é preciso que compartilhemos um pouco dos seus sentimentos enquanto ainda vivemos neste mundo. Procuremos ter uma sensibilidade maior da imundícia e da miséria do pecado, porque assim teremos um sentimento mais profundo de gratidão pela redenção.

Notemos, a seguir, *o hino de louvor que a milícia celestial cantou diante dos pastores*. Diziam: “Glória a Deus nas maiores alturas, e paz na terra entre os homens, a quem ele quer bem”. Estas palavras famosas têm recebido interpretações variadas. O homem é, por natureza, tão cego para com as coisas espirituais, que parece não ser capaz de entender uma só sentença que lhe é dita em linguagem espiritual. Há, todavia, uma interpretação que pode ser dada a estas palavras que não sofre qualquer objeção e, além de ser coerente, também é teologia excelente.

O hino começa dizendo: “Glória a Deus nas maiores alturas”. Devese tributar o mais alto grau de louvor a Deus por causa da vinda do seu Filho Jesus a este mundo. Sua vida e sua morte na cruz glorificariam os atributos de Deus (justiça, santidade, misericórdia e sabedoria) como nunca antes. A criação glorificou a Deus, mas não tanto quanto a redenção.

“Paz na terra”, diz mais o hino. É chegada à terra a paz de Deus, que ultrapassa todo o entendimento; a perfeita paz estabelecida entre o Deus santo e o homem pecador, a paz que Jesus comprou com o seu

próprio sangue — oferecida gratuitamente a toda humanidade; a paz que, sendo recebida no coração, leva os homens a viverem em paz uns com os outros e que um dia encherá o mundo inteiro.

O hino termina falando em “paz entre os homens, a quem ele quer bem”. Este é o tempo em que a bondade e o amor de Deus para com homens culpados devem tornar-se totalmente conhecidos. O seu poder foi visto na criação. E a sua justiça, no Dilúvio. Mas a sua misericórdia ficou para ser completamente revelada no nascimento e na expiação de Jesus Cristo.

Este era o sentido do hino cantado pelos anjos. Felizes aqueles que podem penetrar o seu significado e concordar de coração com o seu conteúdo. O homem que espera morar no céu precisa ter alguma intimidade com a linguagem dos habitantes de lá.

Ao terminarmos esta passagem, notemos *a obediência imediata demonstrada pelos pastores diante da revelação celeste* que receberam. Não duvidam, nem questionam, nem hesitam. Mesmo que as notícias recebidas pareçam estranhas e improváveis, agem imediatamente, fundamentados no que lhes foi revelado. Vão a Belém, a toda pressa. E encontram tudo exatamente como lhes fora anunciado. Sua fé simples recebeu uma rica recompensa. Tiveram o privilégio ímpar de serem os primeiros, dentre toda a humanidade, exceto José e Maria, a verem com os olhos da fé o Messias recém-nascido. Voltaram “glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham ouvido e visto”.

Seja o nosso espírito como o deles! Creiamos sempre e completamente, agindo em obediência imediata, sem esperar mais nada, quando nos for mostrado claramente o caminho do dever! Agindo assim, receberemos galardão semelhante ao dos pastores. A jornada que é iniciada pela fé, geralmente termina em louvor.

Jesus é Circuncidado e Apresentado no Templo

Leia Lucas 2.21-24

O primeiro aspecto a chamar a nossa atenção nesta passagem é *o da obediência que Jesus prestou, como criança, à lei mosaica*. Lemos que foi circuncidado ao oitavo dia. Este é o primeiro registro que se faz da sua história.

Especular, como fazem tantos, as razões pelas quais o Senhor submeteu-se à circuncisão constitui-se em mera perc’a de tempo. Sabemos

que “nele não existe pecado”, quer original, quer atual (1 Jo 3.5). O fato de ter sido circuncidado não indica, de forma alguma, que houve o reconhecimento de que em seu coração havia qualquer tipo de tendência à corrupção. Não se tratava de uma confissão de pecado e de carência da graça, para que as obras da carne fossem mortificadas. É preciso que tenhamos estas verdades bem claramente destacadas em nossa mente.

Que nos baste a lembrança de que a circuncisão do Senhor era o seu testemunho público para Israel de que, segundo a carne, Ele era judeu, nascido de uma mulher judia, e “nascido sob a lei” (Gl 4.4). Sem isso, Ele não poderia ter satisfeito as exigências da lei. Não poderia ser reconhecido como filho de Davi e descendente de Abraão. Além do mais, lembremo-nos de que a circuncisão era quesito absolutamente necessário para que Ele pudesse ser ouvido como Mestre em Israel. Incircunciso, não poderia tomar parte de nenhuma assembléia regular dos judeus e não teria direito a qualquer das ordenanças judaicas. Seria visto por todos os judeus como alguém em nada melhor do que um gentio incircunciso e como alguém que havia apostatado da fé dos patriarcas.

Que a submissão de Jesus a uma ordenança da qual Ele não precisava para Si mesmo se torne uma lição para nós em nossa vida diária. Que possamos suportar tudo, ao invés de fazermos aumentar as agressões que tem sofrido o evangelho ou de atrapalharmos, de alguma forma, a causa de Deus. É preciso que ponderemos freqüentemente as palavras de Paulo: “Porque, sendo livre de todos, fiz-me escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível. Procedi, para com os judeus, como judeu, a fim de ganhar os judeus; para os que vivem sob o regime da lei, como se eu mesmo assim vivesse, para ganhar os que vivem debaixo da lei... Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns” (1 Co 9.19-22). O homem que escreveu estas palavras andou bem junto às pegadas do seu Mestre crucificado.

O segundo aspecto a chamar a nossa atenção nesta passagem é o nome que o Senhor recebeu por mandado explícito de Deus. “Deram-Lhe o nome de JESUS, como lhe chamara o anjo, antes de ser concebido”. O nome Jesus significa “Salvador”. É o mesmo nome “Josué” do Antigo Testamento. A escolha do seu nome é muito instrutiva e notável. O Filho de Deus desceu do céu não somente para ser o Salvador, mas também o Rei, o Legislador, o Profeta, o Sacerdote, o Juiz de uma raça decaída. Se Ele reivindicasse um só desses títulos, teria, simplesmente, reivindicado aquilo que é seu por direito. Mas Ele não os levou em conta. Escolheu um nome que fala da misericórdia, da graça, do socorro e da libertação trazidas ao mundo perdido. Ele deseja ser conhecido principalmente como Libertador e Redentor.

Perguntemos a nós mesmos: quanto conheço do Filho de Deus?

Será que Ele é o meu Jesus, isto é, o meu Salvador? Esta é a pergunta que mexe diretamente com a questão da nossa salvação. Não nos contentemos em conhecer Jesus como alguém que realizou grandes milagres ou como alguém que pregou como jamais se pregou; nem nos contentemos em conhecê-Lo como Aquele que é o próprio Deus que um dia julgará o mundo. Tenhamos certeza de que o conhecemos por experiência — como Aquele que nos libertou da culpa e do poder do pecado e nos redimiu da escravidão de satanás. Esforcemo-nos para dizer: “Ele é o meu Amigo. Eu estava morto, e Ele deu-me vida! Era prisioneiro, e Ele me libertou!”. O nome de Jesus é realmente precioso para todos os verdadeiros crentes! É “como unguento derramado” (Ct 1.3). Restaura os perturbados, conforta os abatidos, na doença, afoga-lhes o travesseiro, sustenta-os na hora da morte. “Torre forte é o nome do SENHOR, à qual o justo se acolhe e está seguro” (Pv 18.10).

O último aspecto a chamar a nossa atenção nesta passagem é a *condição pobre e humilde de Maria, a mãe do Senhor*. Trata-se de um aspecto que, à primeira vista, poderá não parecer muito evidente nestes versículos. Mas, se consultarmos o capítulo 12 de Levítico, tudo ficará esclarecido. Ali, é ensinado que a oferta feita por Maria era a determinada para os pobres: “Mas, se as suas posses não lhe permitirem trazer um cordeiro, tomará, então, duas rolas ou dois pombinhos” (Lv 12.8). Sua oferta, portanto, era uma declaração pública de que ela era pobre.

Fica bem claro que a pobreza foi a porção do Senhor sobre esta terra desde os seus dias mais tenros. Como bebê, recebeu alimento e cuidados de uma mulher pobre. Passou os primeiros trinta anos de sua vida na terra sob o teto de um homem pobre e enfrentou todos os problemas que um pobre enfrenta. Que humildade realmente maravilhosa! Ultrapassa a compreensão humana. Que os pobres sejam sempre encorajados por tais fatos. Isso os ajudaria a deixar de lado a murmuração e reclamações, coope-rando grandemente para que aprendessem a aceitar a sua dura porção. O simples fato de que Jesus nasceu de uma mulher pobre e viveu entre os pobres toda a sua vida nesta terra faz silenciar o argumento que diz que “o cristianismo não é para os pobres”; deve, principalmente, encorajar cada crente pobre em sua ida ao trono da graça por meio da oração. Que ele lembre em todas as suas orações que o seu grande Mediador celeste sabe o que é a pobreza e conhece por experiência o coração de um pobre. Como seria bom para este mundo, se os trabalhadores realmente percebessem que Jesus é o verdadeiro Amigo dos pobres.

Simeão: sua História, Louvor e Profecia

Leia Lucas 2.25-35

Temos nesta passagem a história de alguém cujo nome não é mencionado em nenhum outro lugar do Novo Testamento — “um homem chamado Simeão; homem este justo e piedoso”. Nada sabemos de sua vida anterior ou posterior ao nascimento de Jesus. Sabemos apenas que ele foi ao templo movido pelo Espírito Santo, quando o menino Jesus ali foi levado pelos pais, e que ele “o tomou nos braços e louvou a Deus” com palavras que são agora conhecidas em todo o mundo.

Aprendemos com a vida de Simeão que *Deus tem os seus fiéis até mesmo nos piores lugares e nas horas mais escuras*. Quando Jesus nasceu, a religião em Israel estava em grande decadência. A fé exercida por Abraão havia sido corrompida pelas doutrinas dos fariseus e dos saduceus. O ouro refinado tornara-se deploravelmente opaco. Todavia, mesmo nessas circunstâncias, encontramos em Jerusalém um homem “justo e piedoso”, um homem sobre quem estava o Espírito Santo.

Sentimo-nos encorajados ao pensar que Deus nunca se deixa ficar completamente sem testemunho. Por menor que a sua igreja venha a ser, em determinadas épocas, as portas do inferno nunca conseguem prevalecer contra ela. A verdadeira igreja pode ser levada a atravessar um deserto, tornando-se um pequeno rebanho disperso, mas nunca morre. Havia um Ló em Sodoma e um Obadias na casa de Acabe, um Daniel na Babilônia e um Jeremias na corte de Zedequias; e, nos últimos dias dos judeus fiéis, quando o cálice da sua iniquidade estava quase completo, existiam pessoas piedosas até mesmo em Jerusalém, como é o caso de Simeão.

Os verdadeiros crentes de todas as épocas devem lembrar isto e sentirem-se confortados. Trata-se de uma verdade da qual podem esquecer-se, e isto os levará ao desânimo. “Eu fiquei só”, disse Elias, “e procuram tirar-me a vida”. Mas qual foi a resposta de Deus para ele? “Também conservei em Israel sete mil” (1 Rs 19.14,18). Aprendamos a ser mais otimistas. Creiamos que a graça pode viver e florescer até mesmo sob as circunstâncias mais desfavoráveis. Neste mundo, há mais Simeões do que supomos.

Vemos, no hino entoado por Simeão, *como um crente pode ser totalmente liberto do medo da morte*. “Agora, Senhor”, diz o velho Simeão, “pode despedir em paz o teu servo”. Ele fala como alguém para quem o túmulo perdeu os seus terrores e o mundo perdeu os seus encantos. Seu desejo é ficar liberto das misérias concernentes ao presente estado de peregrinação e ir para casa. Quer estar ausente do corpo e presente com o

Senhor. Fala como alguém que sabe para onde irá, quando deixar esta vida, e não tem medo de ir logo. A sua mudança será para melhor, e ele a deseja logo.

O que faz com que um mortal chegue a usar uma tal linguagem? O que pode nos libertar do pavor da morte do qual tantos são escravos? O que pode remover o aguilhão da morte? Só há uma resposta a estas perguntas. Nada, além de uma fé firme. A fé que se firma num Salvador invisível, que descansa nas promessas de um Deus invisível. A fé, e tão somente a fé, pode levar um homem a encarar a morte e dizer: “Estou partindo em paz”. Não é o suficiente alguém estar cansado de dores ou de doenças, pronto a aceitar qualquer coisa para sair desta situação penosa. Não é o suficiente sentir indiferença pelo mundo devido ao fato de que não tem mais forças para participar de suas atividades e desfrutar dos seus prazeres. Precisamos ter mais do que isto, se desejamos partir em verdadeira paz. Precisamos de fé igual à do velho Simeão — aquela fé que é um dom de Deus. Sem essa fé, podemos morrer silenciosamente e poderá parecer que em nós “não há preocupações” (Sl 73.4). Porém, se morrermos sem a verdadeira fé, nunca teremos paz ao nos encontrarmos no mundo por vir.

Observamos, também, no cântico de Simeão *que visão clara da obra e dos ofícios de Jesus alguns crentes judeus tinham, antes mesmo de o evangelho ser pregado*. Vemos este querido velhinho falando de Jesus como a salvação preparada por Deus — “luz para revelação aos gentios, e para glória do teu povo de Israel”. Como teria sido bom para os instruídos escribas e fariseus dos dias de Simeão, se eles tivessem sentado aos seus pés para ouvi-lo.

Jesus foi realmente uma luz para alumiar os gentios. Sem Ele, permaneceriam afundados nas trevas e superstições. Não conheciam o caminho da vida. Adoravam a obra de suas próprias mãos. Seus filósofos mais sábios eram totalmente ignorantes no que se refere às coisas espirituais. “Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos” (Rm 1.22). O evangelho de Jesus foi como o nascer do sol para a Grécia, Roma e todo o mundo pagão. A luz que brilhou no coração dos homens com relação às coisas espirituais trouxe tão grande mudança quanto o dia traz à noite.

Jesus foi, também, a glória de Israel. A descendência de Abraão, as alianças, as promessas, a lei de Moisés, o culto divinamente ordenado no templo — tudo era um grande privilégio. Mas, nada significam, quando comparados ao fato maravilhoso de que foi em Israel que nasceu o Salvador do mundo. A maior honra para a nação judaica seria a de que a mãe de Jesus era judia e de que o sangue dAquele que, “segundo a carne, veio da descendência de Davi” faria expiação pelo pecado de toda a humanidade (Rm 1.3).

As palavras do velho Simeão, lembremo-nos, ainda haverão de cumprir-se de modo mais completo. A luz que ele viu pela fé, ao segurar o menino Jesus em seus braços, ainda brilhará tanto que todas as nações do mundo gentio hão de vê-la. A glória daquele Jesus que Israel crucificou será tão claramente revelada aos judeus dispersos, que eles olharão para Aquele a quem transpassaram e se arrependerão, convertendo-se. Chegará o dia em que o véu será removido de sobre o coração de Israel e todos se gloriarão no Senhor (Is 45.25). Aguardemos esse dia vigiando e orando. Se Jesus for a luz e a glória da nossa alma, ansiaremos por esse dia.

Por fim, observemos nesta passagem *um relato notável dos resultados que seguiriam a entrada de Jesus e do evangelho neste mundo*. É preciso que meditemos em cada palavra que Simeão diz a este respeito. Em seu todo, há uma profecia que está se cumprindo diariamente.

Jesus deveria ser alvo de contradição. Ele seria o alvo a ser atingido por todos os dardos inflamados do maligno. Seria desprezado e rejeitado pelos homens. Ele e o seu povo seriam como uma cidade edificada sobre um monte, atacada por todos os lados e odiada por todo tipo de inimigo. E assim foi. Pessoas que não concordam entre si em nada têm concordado em odiar Jesus. Desde o início, milhares têm sido perseguidores e descrentes.

Jesus deveria servir para a ruína de muitos em Israel. Ele viria a ser uma pedra de tropeço e rocha de ofensa para muitos judeus orgulhosos e cheios de justiça própria, que O rejeitariam e pereceriam em seus pecados. E assim foi. Para milhares dentre eles, o Cristo crucificado foi uma pedra de tropeço, e o seu evangelho teve “aroma de morte” (1 Co 1.23; 2 Co 2.16).

Jesus deveria servir também para o levantamento de muitos em Israel. Tornar-se-ia o Salvador de muitos que, tendo-O rejeitado, blasfemado e ultrajado, chegariam depois ao arrependimento e à fé. E assim foi. Quando os milhares que O crucificaram se arrependeram, e Saulo, que O perseguiu, foi convertido, houve nada mais e nada menos do que uma ressurreição desses que estavam espiritualmente mortos.

Jesus também serviria para que se manifestassem os pensamentos de muitos corações. O seu evangelho deveria trazer à luz o verdadeiro caráter de muitos. A pregação da cruz revelaria a inimizade que alguns tinham contra Deus e o cansaço e a sede da alma de outros. Mostraria o que os homens realmente são. E assim foi. Os Atos dos Apóstolos em quase todos os seus capítulos testemunham que, quanto a isto e a todos os outros aspectos de sua profecia, o velho Simeão estava certo.

E nós, que conceito temos de Jesus? Esta é a pergunta que deve ocupar o nosso coração. Que tipo de pensamentos Ele desperta em nós? Este é o ponto que deve chamar a nossa atenção. Estamos com Ele ou

contra Ele? Nós O amamos ou O desprezamos? Sua doutrina nos faz tropeçar ou representa a vida para nós? Que jamais nos permitamos descansar até que estas questões sejam respondidas satisfatoriamente.

A Profetisa Ana e sua História

Leia Lucas 2.36-40

Os versículos que acabamos de ler apresentam-nos uma serva de Deus cujo nome não é mencionado em nenhum outro lugar do Novo Testamento. A história de Ana, como a de Simeão, foi narrada somente por Lucas. A sabedoria de Deus providenciou que uma mulher, assim como ocorreu com um homem, testificasse o fato de que o Messias nascera. Através de duas testemunhas ficou demonstrado que a profecia de Malaquias se cumprira e que o Anjo da aliança havia surgido repentinamente no templo (Ml 3.1).

Notemos nestes versículos *o caráter de uma mulher santa, antes do estabelecimento do evangelho de Jesus*. Os fatos narrados a respeito de Ana são poucos e simples, mas estão cheios de instrução. Ana foi uma mulher de caráter irrepreensível. Depois de uma vida de apenas sete anos casada, passara os seus dias como viúva solitária de oitenta e quatro anos. As provações, desolações e tentações sofridas numa condição dessas devem ter sido enormes. Mas, pela graça, Ana venceu todas. Ela correspondeu à descrição feita por Paulo: ela foi “verdadeiramente viúva” (1 Tm 5.5).

Ana foi uma mulher que amou a casa de Deus. “Não deixava o templo”. Ela o considerava o lugar onde o Senhor habitava de forma especial e em direção ao qual todo o judeu piedoso, disperso em terras estrangeiras, à semelhança de Daniel, se deleitava em dirigir suas orações. “Mais perto de Deus, mais perto de Deus” era o anseio do seu coração, e ela sentia que não poderia estar mais perto dEle do que enquanto permanecia entre as paredes que guardavam a arca, o altar e o Santo dos Santos. Ela vivia as palavras de Davi: “A minha alma suspira e desfalece pelos átrios do SENHOR” (Sl 84.2).

Ana foi uma mulher que negou a si mesma em ampla medida. Servia a Deus “noite e dia em jejuns e orações”. Crucificava constantemente a carne e a mantinha subjugada por meio da abstenção voluntária. Estando plenamente convicta em seu íntimo de que essa prática fazia bem à sua alma, não media esforços para exercê-la.

Ana foi uma mulher de muita oração. Servia a Deus “noite e dia com jejuns e orações”. Mantinha-se em comunicação constante com Ele,

o seu melhor Amigo, a respeito das coisas que diziam respeito à paz da sua alma. Nunca se cansava de implorar-lhe pelos outros e, acima de tudo, pelo cumprimento das suas promessas messiânicas.

Ana foi uma mulher que manteve boa comunhão com os demais crentes. Assim que viu Jesus, “falava a respeito do menino” aos seus conhecidos de Jerusalém, com quem certamente mantinha um relacionamento amigável. Havia um traço de união entre ela e todos os que mantinham a mesma esperança. Eram servos do mesmo Mestre e peregrinos que rumavam para o mesmo lugar!

Ana recebeu uma rica recompensa por toda a sua diligência no trabalho de Deus, antes mesmo de deixar este mundo. Foi-lhe permitido ver Aquele que há tanto tempo havia sido prometido e por cuja vinda ela tanto havia orado. Finalmente, sua fé transformou-se num fato visível e sua esperança, numa certeza. A alegria desfrutada por essa mulher santa deve ter sido realmente “indizível e cheia de glória” (1 Pe 1.8).

Seria bom que todas as mulheres crentes considerassem o caráter de Ana e dele aprendessem. Os tempos, sem dúvida, mudaram profundamente; os compromissos sociais dos crentes são muito diferentes daqueles dos judeus piedosos de Jerusalém. Nem todas as irmãs são colocadas por Deus na condição de viúvas. Mesmo assim, depois de considerarmos todas as diferenças, permanece muita coisa na história da vida de Ana que vale a pena imitar. Quando lemos sobre a sua firmeza, santidade, vida de oração e autonegação, não podemos deixar de desejar que muitas das filhas da igreja cristã se esforcem por parecer com ela.

Em segundo, observemos nesta passagem *a descrição que se faz dos santos que viviam em Jerusalém na época do nascimento de Jesus*. Eram pessoas “que esperavam a redenção”. A fé, como veremos sempre, é marca universal do caráter dos eleitos de Deus. Os homens e mulheres aqui descritos, habitando numa cidade em que imperava o mal, andavam por fé e não por vista. Não se deixaram levar pela maré de mundanismo, formalidade e justiça própria que os cercava. Não estavam infectados pelas esperanças carnis nutritas pela maioria dos judeus, de um Messias mera-mente político. Viviam a fé professada pelos patriarcas e profetas, os quais criam que o Redentor traria santidade e retidão, e cuja vitória maior seria sobre o pecado e o diabo. Era por um Redentor assim que esperavam paci-entemente. Por essa vitória ansiavam com todas as forças.

Aprendamos dessa gente boa, pois, se eles, com tão pequena ajuda e tantos desencorajamentos, viveram tal vida de fé, quanto mais nós devemos vivê-la, tendo a Bíblia e o evangelho completo. Esforcemo-nos, como eles, por andar pela fé, olhando para frente. A segunda vinda de Jesus ainda ocorrerá. A “redenção” completa desta terra do pecado, de Satanás e da maldição ainda acontecerá. Deixemos bem claro por meio de

nossa vida e conduta que estamos aguardando ansiosos essa segunda vinda. Estejamos certos de que o cristianismo mais exemplar, também nestes nossos dias, consiste em esperar a redenção e amar a vinda do Senhor (Rm 8.23; 2 Tm 4.8).

Observemos, por fim, nesta passagem, *que prova clara temos de que o Senhor Jesus foi verdadeiramente tanto homem quanto Deus*. Lemos que, José e Maria voltaram à sua cidade de Nazaré e “crescia o menino e se fortalecia”. Sem dúvida, há muita coisa profundamente misteriosa na pessoa do Senhor Jesus. Como a mesma pessoa podia ser, ao mesmo tempo, perfeitamente Deus e perfeitamente homem é uma questão que necessariamente ultrapassa a nossa compreensão. Como, até onde e em que proporção Ele exerceu aquela sabedoria divina que necessariamente possuía, em seus primeiros anos de vida terrena, não temos como explicar. Trata-se de algo profundo demais. Não podemos alcançá-lo.

Há algo perfeitamente claro, ao qual faremos bem em nos apegar com firmeza. O Senhor participou de tudo o que pertence à natureza humana, exceto o pecado. Como homem, foi criança. E cresceu, deixando de ser bebê para tornar-se um menino. Cresceu, ano a ano, em força física e em sabedoria, até atingir a idade adulta. Ele participou no sentido mais completo possível, exceto o pecado, de todos os estágios por que passa o corpo humano: sua fragilidade ao nascer, os primeiros passos, o crescimento normal até chegar à maturidade. Saber isto deve satisfazer-nos. É inútil querer ir além; é muito importante sabê-lo claramente. O desejo de especular o que não foi revelado tem levado pessoas a heresias loucas.

Uma preciosa lição prática é ressaltada por esta verdade, e não deve ser desprezada. O Senhor pode compreender perfeitamente os homens em cada estágio de sua existência: do berço à sepultura. Tem experiência do que é o temperamento de uma criança, de um menino e de um jovem; já foi um deles, ocupou a posição deles, conhece o seu coração. Nunca nos esqueçamos desta verdade ao tratarmos com os jovens a respeito de sua alma. Confiantemente, falemos a eles que no céu há Alguém, à direita de Deus, que é a Pessoa mais indicada para ser o Amigo deles. Aquele que morreu na cruz um dia foi um menino e tem interesse especial pelos meninos e meninas, bem como pelos adultos.

Jesus Encontrado entre os Doutores

Leia Lucas 2.41-52

Estes versículos devem sempre ser de grande interesse para o leitor

da Bíblia. Registram o único fato que conhecemos da vida do Senhor Jesus do período compreendido entre o seu nascimento e o início do seu ministério. Quantas coisas os crentes gostariam de saber sobre os acontecimentos desses trinta anos, sobre a história cotidiana daquele lar de Nazaré. Porém não devemos duvidar do fato de que há sabedoria no silêncio imposto pelas Escrituras quanto a este assunto. Se nos fosse necessário saber mais, mais teria sido revelado!

Inicialmente aprendamos desta passagem *uma lição para todos os casais*. Nós a encontramos na conduta de José e Maria aqui descrita. É dito que, “anualmente, iam seus pais a Jerusalém, para a Festa da Páscoa”. Honravam as ordenanças de Deus com regularidade e faziam isto juntos. A distância entre Nazaré e Jerusalém era considerável. A viagem era, sem dúvida, difícil e cansativa para pessoas pobres desprovidas de meios de transporte. Ausentar-se do lar por dez ou quinze dias representava uma despesa considerável. Mas o Senhor dera a Israel uma ordem; José e Maria decidiram obedecê-la à risca. Deus estabeleceu essa ordenança visando o bem-estar espiritual deles; portanto, decidiram obedecer. E tudo o que faziam no que diz respeito a observar a Páscoa, faziam-no juntos. Ao subirem para a festa, iam lado a lado.

Esta deve ser a mesma atitude de todos os casais crentes. É seu dever ajudarem-se mutuamente nas coisas espirituais e encorajarem um ao outro no serviço de Deus. Sem dúvida, o casamento não é um sacramento como em vão sustenta a Igreja Católica. Todavia, o casamento é a área da vida que mais influência tem sobre a alma daqueles que o abraçam. Tanto pode incentivá-los a crescer como a regredir. Pode levá-los bem perto do céu ou do inferno. Somos grandemente influenciados pelas pessoas com quem convivemos. Sem que o percebamos, o nosso caráter é moldado por aqueles com quem passamos o nosso tempo. Isto é particularmente verdadeiro com relação ao casamento. Os cônjuges estão constantemente edificando ou prejudicando a alma um do outro.

Que todos os casados ou os que desejam casar-se considerem atentamente estas coisas. Que decidam observar o exemplo de José e Maria, imitando-os. Orem juntos, leiam a Bíblia juntos, freqüentem a casa de Deus juntos e conversem um com o outro sobre as coisas espirituais. Acima de tudo, guardem-se de colocar obstáculos no caminho um do outro no sentido de desfrutarem dos meios de graça e de encorajarem-se mutuamente. Felizes os maridos que dizem às suas esposas o que Elcana disse a Ana: “Faze o que melhor te agrade” (1 Sm 1.23). Felizes as esposas que dizem aos seus maridos o que Lia e Raquel disseram a Jacó: “Faze tudo o que Deus te disse” (Gn 31.16).

A seguir, aprendamos desta passagem *um exemplo para todos os jovens*. Nós o temos na conduta do Senhor Jesus Cristo, quando foi deixado

em Jerusalém aos doze anos. Durante quatro dias, esteve longe dos olhos de José e Maria. “Aflitos”, eles o procuraram por três dias, sem saber o que Lhe acontecera. Quem pode imaginar a ansiedade de sua mãe, ao perdê-Lo? Mas onde Ele finalmente foi encontrado? Não desperdiçando o seu tempo, ou fazendo traquinagens, como fazem muitos meninos de doze anos. Nem em companhia de gente fútil. Acharam-no “no templo, assentado no meio dos doutores, ouvindo-os e interrogando-os”.

Assim devem ser os membros mais jovens das famílias crentes: sérios e dignos de confiança, tanto na presença quanto na ausência de seus pais. Devem procurar a companhia de pessoas sábias e prudentes, procurando aproveitar todas as oportunidades que lhes surgirem para crescerem espiritualmente, antes que as lutas da vida lhes sobrevenham e enquanto sua mente é jovem e forte.

Que os jovens crentes considerem atentamente estas coisas, tomando para si o exemplo de conduta que Jesus demonstrou com apenas doze anos de idade. Lembrem-se de que, se já têm idade suficiente para pecar, têm idade suficiente para andar corretamente. Se já sabem ler histórias e conversar, podem ler a Palavra e orar. Lembrem-se de que são responsáveis diante de Deus, ainda que sejam jovens, e de que está escrito: “Deus... ouviu a voz do menino” (Gn 21.17). Felizes as famílias em que os filhos “buscam cedo ao Senhor” e não fazem chorar os seus pais. Felizes os pais que, na ausência dos filhos, podem dizer: “Acredito que os meus filhos não irão intencionalmente cometer pecado”.

Por último, aprendamos desta passagem *um exemplo para todos os crentes verdadeiros*. Nós o achamos nas palavras tocantes que Jesus dirigiu a Maria, quando esta Lhe disse: “Filho, por que fizeste assim conosco?” — “Não sabíeis que me cumpria estar na casa de meu Pai?” Em suas palavras havia implícita uma leve reprimenda. Isso, para lembrar a sua mãe que Ele não era uma pessoa comum e que viera ao mundo para realizar uma tarefa incomum. Jesus fez Maria lembrar-se de que ela estava se esquecendo de que Ele viera ao mundo de forma incomum e que ela jamais poderia esperar que Ele ficaria residindo incógnito para sempre em Nazaré. Tratava-se de um lembrete solene de que, como Deus, Ele tinha um Pai no céu e que a obra do seu Pai exigia dEle toda a prioridade.

Esta expressão é daquelas que devem penetrar profundamente no coração de todo o povo de Jesus. Deve imprimir em cada crente o objetivo a alcançar em sua vida diária, assim como deve ser o padrão pelo qual devem provar seus hábitos e conversas. Deve despertá-los, quando começarem a relaxar. Deve alertá-los quando começarem a sentir o desejo de voltar para o mundo. Estamos envolvidos com os negócios do Pai? Estamos andando nos passos de Jesus? Estas perguntas haverão de humilhar-nos constantemente, fazendo-nos sentir vergonha de nós mesmos.

Todavia, são de uma utilidade tremenda para a nossa alma. Uma igreja nunca está em situação tão saudável como quando os seus membros lutam por alcançar o elevado objetivo de em tudo serem iguais a Jesus!

A Ocasão em que Começou o Ministério de Jesus; A Pregação de João Batista

Leia Lucas 3.1-6

Estes versículos descrevem o início da pregação do evangelho. João Batista foi o primeiro pregador. Os judeus jamais poderiam afirmar que, quando viesse o Messias, Ele o faria disfarçadamente e sem uma preparação a anteceder-Ló. Ele graciosamente enviou um poderoso precursor por cujo ministério a atenção de toda a nação foi despertada.

Observemos, inicialmente, que esta passagem nos mostra *a iniquidade dos dias em que o evangelho de Jesus foi primeiramente apresentado ao mundo*. Os versículos iniciais deste capítulo apresentam o nome de alguns dos dirigentes e governadores da terra, quando teve início o ministério de João Batista. Trata-se de uma triste lista, que nos instrui grandemente. Quase não se pode achar nela um nome que não seja marcado pela iniquidade. Pouco ou nada sabemos de Tibério e Pôncio Pilatos, de Herodes e de seu irmão, de Anás e Caifás, a não ser que eram iníquos. Parece-nos que a terra estava entregue às mãos dos perversos (Jó 9.24). Se assim eram os dirigentes, como deveria ser o povo? Tal era o estado das coisas quando o precursor de Jesus recebeu a ordem de iniciar sua pregação. Tais foram os dias quando as primeiras bases da igreja de Cristo foram lançadas. Bem podemos dizer que os caminhos do Senhor não são os nossos caminhos.

Aprendamos a jamais cair em desespero sobre a causa da verdade de Deus, ainda que as perspectivas pareçam profundamente negras e contrárias. Bem poderá ser que, quando tudo parece perdido, Deus esteja preparando um poderoso livramento. No exato momento em que o reino de Satanás parece estar triunfando, a “pedra cortada sem auxílio de mãos” poderá estar no ponto de esmagá-lo completamente. Geralmente, o momento mais escuro da noite é aquele que precede o raiar do dia.

Não negligenciemos o realizar qualquer obra para o Senhor por causa da maldade dos nossos dias, ou por causa da quantidade e do poder dos nossos adversários. “Quem somente observa o vento nunca semeará, e o que olha para as nuvens nunca segará” (Ec 11.4). Permanecemos firmes na obra, crendo que o socorro virá do céu, quando for mais necessário.

Exatamente quando um imperador romano e sacerdotes ignorantes pareciam ter o controle de tudo, o Cordeiro de Deus estava pronto para sair de Nazaré e estabelecer os fundamentos do seu reino. E o que Ele já fez pode fazer novamente. Ele pode transformar num instante as trevas da sua igreja no esplendor do meio-dia.

Observemos, a seguir, nesta passagem *o relato que Lucas apresenta do chamado de João Batista para o ministério*. É dito que “veio a palavra de Deus a João, filho de Zacarias”. Ele recebeu um chamado especial de Deus para começar a pregar e batizar. Foi enviada ao seu coração uma mensagem do céu, e, sob o impulso dessa mensagem, ele entregou-se à sua tarefa bendita.

Este relato esclarece a questão do ofício dos ministros do evangelho. Trata-se de um ofício que ninguém tem o direito de assumir, a não ser que tenha um chamado íntimo da parte de Deus, bem como um chamado externo da parte dos homens. É claro que não temos o direito de esperar receber visões e revelações do céu. Alegações fanáticas de que se recebeu dons especiais do Espírito devem sempre ser testadas e desaconselhadas. Porém, é preciso que o crente tenha um chamado íntimo, antes que se entregue ao ministério. É preciso que a palavra de Deus “venha” a ele, de forma tão palpável e verdadeira quanto veio a João Batista, antes que tal homem se encarregue de ministrar a Palavra. Resumindo: ele deve ser capaz de confessar em boa consciência que está sendo “movido intimamente pelo Espírito Santo” a tomar sobre si o ofício de ministro. Quem não puder fazer esta afirmação, ao levantar-se para ser ordenado, estará cometendo um grande pecado e dispondo-se a ir aonde não foi enviado.

Deve fazer parte das nossas orações diárias um pedido de que as nossas igrejas tenham como pastor somente aquele que verdadeiramente for chamado por Deus. Um pastor não-convertido é um dano e um peso para a igreja. Como poderá falar de verdades que ele mesmo nunca experimentou? Como testificará de um Salvador a quem jamais viu pela fé e a quem jamais recorreu em favor da sua própria alma? O pastor segundo o coração de Deus é aquele a quem veio a palavra do Senhor. Corre confiante o seu caminho, pois tem o que dizer. Fala com intrepidez, pois, foi realmente enviado.

Finalmente, observemos aqui *a íntima relação que há entre o arrependimento verdadeiro e o perdão*. É dito que João Batista veio “pregando batismo de arrependimento para remissão de pecados”. Esta expressão significa que João Batista pregava a necessidade do batismo como prova do arrependimento; ele anunciava aos seus ouvintes que, a não ser que se arrependessem dos seus pecados, estes não seriam perdoados.

Precisamos tomar o cuidado de compreender que o arrependimento em si não faz expiação do pecado. Somente o sangue de Jesus, e nada

mais, pode lavar o pecado da alma humana. Nenhuma quantidade de arrependimento jamais poderá justificar-nos diante do Senhor. Somos justificados diante de Deus somente por causa do Senhor Jesus Cristo, pela fé, e não por nossas próprias obras ou méritos. É importantíssimo que compreendamos isto claramente. Os problemas que as pessoas criam para a sua própria alma, por não compreenderem bem este assunto, são muito maiores do que se pode pensar.

Todavia, ao fazermos esta ressalva, precisamos lembrar a verdade de que, sem arrependimento, jamais alguma alma foi salva. É preciso que reconheçamos os nossos pecados, choremos por causa deles, abandonemo-los, enojemo-nos deles. Caso contrário, jamais entraremos no reino do céu. Não haverá mérito algum nesta atitude de arrependimento. Ela não fará parte alguma do preço exigido para a nossa redenção. Nossa salvação é totalmente pela graça: do início ao fim. Todavia, permanece o fato de que as almas salvas são sempre aquelas que se arrependeram e de que a fé em Jesus e o verdadeiro arrependimento para com Deus jamais se apartam. Trata-se de uma grande verdade que nunca deve ser esquecida.

Já nos arrependemos? Afinal, esta é a questão que nos afeta mais de perto. Já fomos convencidos do pecado pelo Espírito Santo? Já corremos para Jesus, buscando livramento da ira vindoura? Já temos alguma experiência do que seja um coração quebrantado e contrito? Odiamos profundamente o pecado? Podemos dizer “eu me arrependo” com a mesma ênfase que dizemos “eu creio”? Se não, não nos iludamos a nós mesmos, pensando que os nossos pecados já foram perdoados. Está escrito: “Se, porém, não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis” (Lc 13.3).

O Modo pelo qual João Batista se Dirigia aos que o Ouviam

Leia Lucas 3.7-14

Estes versículos dão uma amostra do que foi o ministério de João Batista. Trata-se de uma passagem da Escritura que deve sempre despertar o interesse do crente. O impacto tremendo que João Batista causou aos judeus, ainda que passageiro, fica bem evidente por muitas expressões encontradas nos evangelhos. O testemunho notável que Jesus deu a respeito de João Batista, como “o maior profeta dentre os nascidos de mulher”, é bem conhecido de todos os leitores da Bíblia. Sendo assim, qual foi a grande característica do ministério dele? A esta pergunta o capítulo que está diante de nós oferece uma resposta prática.

Devemos notar, inicialmente, *a santa intrepidez com que João Batista se dirigiu às multidões que iam a ele para serem batizadas*. Chamou-as de “raça de víboras”. Viu a podridão e a hipocrisia da profissão de fé que as multidões que o cercaram estavam fazendo e usou a linguagem adequada para descrever o caso. Não se deixou levar pelo sucesso. Não se importava com quem iria sentir-se ofendido com suas palavras. A enfermidade espiritual dos que se apresentavam a ele era desesperadora e arraigada, e ele sabia que doenças graves só podem ser curadas com remédios fortes.

Bom seria para a igreja de Cristo se houvesse, nestes últimos dias, mais ministros que usassem a linguagem direta e franca de João Batista. Infelizmente, o púlpito cristão dos nossos dias é notavelmente caracterizado por uma aversão mórbida à linguagem forte, um excessivo medo de ofender, uma recusa constante à conversa franca e direta. Um linguajar descaridoso deve sempre ser indubitavelmente reprovado. Todavia, não há o menor sinal de amor em agradar os incrédulos, abstando-nos de mencionar seus vícios ou dando nomes suaves aos seus malditos pecados. Há dois textos que têm sido demais esquecidos pelos pregadores crentes. Em um deles está escrito: “Ai de vós, quando todos vos louvarem” (Lc 6.26). No outro: “Se agradasse ainda a homens, não seria servo de Cristo” (Gl 1.10).

A seguir, notemos *quão claramente João Batista fala do perigo do inferno aos seus ouvintes*. Ele lhes diz que há uma “ira vindoura”. Fala do “machado” do julgamento de Deus e de árvores infrutíferas sendo lançadas “ao fogo”.

O tema “inferno” é sempre ofensivo à natureza humana. O ministro que fala muito sobre este tema deve esperar receber a fama de grosseiro, violento, insensível e rigoroso. As pessoas apreciam ouvir temas leves que lhes fale de paz e não do perigo (Is 30.10). Porém, se queremos causar algum bem às almas, não podemos deixar este assunto em segundo plano. Jesus, em seu ensino público, abordou este tema freqüentemente. O Salvador amável, que de modo tão gracioso falou do caminho para o céu, também fez uso da linguagem mais clara possível para falar sobre o caminho que conduz para o inferno.

Tenhamos o cuidado de não querermos ir além daquilo que está escrito e de não querermos ser mais caridosos do que as próprias Escrituras. Que a linguagem de João Batista fique profundamente gravada em nossos corações! Que jamais nos envergonhemos de admitir a nossa crença inabalável de que há uma “ira vindoura” para o impenitente e de que é tão possível a alguém perder-se quanto ser salvo. Não falar sobre isto é trair as almas. É encorajá-las a permanecerem na iniquidade e incentivá-las a abraçar em suas mentes o antigo engano satânico: “É certo que não morrereis”. Sem dúvida, o nosso melhor amigo é aquele pastor que

honestamente nos fala do perigo, alertando-nos, como João Batista, a fugir da ira vindoura. A pessoa nunca foge até que realmente veja que há motivo real de temor. Nunca procura o céu, enquanto não é convencida de que há o risco de cair no inferno. O cristianismo que não fala no inferno não é o cristianismo de João Batista, nem do Senhor Jesus Cristo e dos seus apóstolos.

Notemos, também, *como João Batista demonstra a inutilidade de um arrependimento não acompanhado de frutos na vida da pessoa*. Ele disse às multidões que foram para ser batizadas: “Produzi, pois, frutos dignos do arrependimento”. Disse-lhes que toda árvore “que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo”. Esta é uma verdade que deve ocupar sempre um lugar de preeminência em nosso cristianismo. Nunca será demais dizer à nossa mente que conversas piedosas e confissões religiosas são totalmente vãs, se não forem acompanhadas da obra e prática. Nada vale dizermos com os nossos lábios que nos arrependemos, se, ao mesmo tempo, não o demonstramos por meio do nosso viver. Isso é mais que inútil. Aos poucos, cauteriza a nossa consciência e endurece o nosso coração. Dizer que nos entristecemos pelo nosso pecado não passa de hipocrisia, a não ser que demonstremos esta tristeza de forma prática, abandonando o pecado. A prática é a alma do arrependimento. Não fale simplesmente sobre o que uma pessoa diz a respeito do cristianismo. Antes, fale sobre o que ela faz. Salomão diz que “meras palavras... levam à penúria” (Pv 14.23).

Observemos, a seguir, *como João Batista rejeitou a idéia comum de que se você está ligado a uma pessoa santa, isso o salvará*. Ele disse aos judeus: “Não comeceis a dizer entre vós mesmos: Temos por pai a Abraão; porque eu vos afirmo que destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão”. Este conceito está arraigado no coração das pessoas no mundo inteiro, e é uma prova prática da nossa condição de corruptos e caídos. Em todas as eras da igreja sempre houve milhares de pessoas que pensaram que tornar-se-iam aceitos por Deus pelo fato de estarem ligados a homens piedosos. Milhares viveram e morreram na cega ilusão de que, por terem sido unidos a pessoas piedosas por meio de laços de sangue ou estarem incluídos no rol de membros de uma igreja, poderiam ter esperança de que seriam salvas.

Estabelecamos para nós mesmos a verdade de que o cristianismo que salva é algo individual. Trata-se de um fato que acontece entre a alma de cada um e Jesus. Nada nos adiantará no último dia o fato de haveremos sido membros da igreja de Lutero, ou de Calvino, ou de Cranmer, ou de Knox, ou de Owen, ou de Wesley, ou de Whitefield. Temos nós mesmos fé igual à desses santos? Cremos como eles creram, lutamos por viver como eles viveram e por seguir a Jesus como eles seguiram? Serão estes

os únicos pontos de interesse para a nossa salvação. Será inútil para alguém o ter corrido em suas veias o sangue de Abraão, se não teve a fé exercida por Abraão, nem praticou as obras de Abraão.

Finalmente, observemos *o sábio teste de sinceridade que João Batista aplicou à consciência das pessoas de várias classes que procuraram o seu batismo*. Ele ordenou a cada pessoa que se professava arrependida a começar por desvencilhar-se dos pecados que mais assediavam-na. A multidão egoísta devia começar a mostrar-se mutuamente caridosa. Os publicanos não deveriam cobrar “mais do que o estipulado”. Os soldados a ninguém deveriam maltratar e deveriam contentar-se “com o soldo” que recebiam. Ele não quis dizer que, ao agir assim, as pessoas expiariam os seus pecados e teriam paz com Deus. Mas quis mostrar que, agindo dessa forma, as pessoas provariam estar sinceramente arrependidas.

Deixemos esta passagem, levando conosco a profunda convicção da sabedoria que há nesta maneira de se tratar com as almas, especialmente com as almas daqueles que estão começando a professar a vida cristã. Acima de tudo, vejamos aqui a maneira certa de nós mesmos provarmos o nosso coração. Não devemos nos contentar em falar contra pecados que, por nosso temperamento natural, não nos seduzem, enquanto tratamos com brandura aqueles pecados a que nos inclinamos. Deixemos os pecados que mais nos assediam. Contra eles dirijamos os nossos maiores esforços. Contra eles declaremos guerra incessante. Que os ricos abandonem os pecados dos ricos, e os pobres, os dos pobres; que os jovens abandonem os pecados próprios da mocidade, e os velhos, os próprios da velhice. Este é o primeiro passo para provar que estamos agindo com seriedade, ao começarmos a reconhecer o estado da nossa alma. Somos honestos? Somos sinceros? Se o somos, comecemos por analisar a nossa casa, nosso íntimo.

Os Efeitos do Ministério de João Batista; Seu Testemunho a Respeito de Jesus; Sua Prisão

Leia Lucas 3.15-20

Primeiramente, aprendemos nesta passagem que *um dos resultados de um ministério fiel é despertar as pessoas para pensarem*. Lemos a respeito dos ouvintes de João Batista que eles ficaram “na expectativa... percorrendo todos no seu íntimo a respeito de João, se não seria ele, porventura, o próprio Cristo”.

A causa do verdadeiro cristianismo avança um passo decisivo numa comunidade, congregação ou família, quando as pessoas começam a pensar. A indiferença a respeito das coisas espirituais é uma das grandes características das pessoas não-convertidas. Em muitos casos, não se pode saber se amam ou detestam o evangelho, visto que não lhe dão um lugar em seus pensamentos. Jamais meditam (Is 1.3).

Sempre que percebemos um espírito de reflexão a respeito de assuntos espirituais manifestando-se na mente de uma pessoa não-convertida, bendizemos a Deus! Parar para pensar é o bom caminho que leva à salvação. A verdade de Cristo não tem o que temer sob um questionamento sóbrio. Devemos dar boas-vindas às perguntas e desejar que haja uma investigação completa. Sabemos que, em muitos casos, o reconhecimento de que a verdade de Jesus supre todas as necessidades dos corações e das consciências só não é apreciado por não ser conhecido! É verdade que pensar não é arrepender-se ou crer. Mas é sempre um sintoma que traz esperança. Quando os ouvintes do evangelho começam a discorrer no seu íntimo, é nosso dever bendizer a Deus e sermos encorajados!

A seguir, aprendemos que *um pastor fiel sempre exaltará Jesus*. Lemos que, quando João Batista percebeu o que se passava no coração dos seus ouvintes, anunciou-lhes Aquele que viria e que era muitíssimo mais poderoso do que ele próprio. Recusou a honra que percebeu lhe seria dada pelo povo e apontou-lhes Aquele que tinha “a sua pá” na mão: o Cordeiro de Deus, o Messias.

Essa conduta será sempre característica do verdadeiro homem de Deus. Nunca permitirá que atribuam a si ou ao seu ofício qualquer honra que pertence ao seu divino Mestre. Afirmará como Paulo: “Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor e a nós mesmos como vossos servos, por amor de Jesus” (2 Co 4.5). O objetivo principal do ministério de tal homem será sempre apresentar Jesus crucificado e ressurreto aos perdidos e fazer conhecido aos pecadores o amor e o poder de Jesus. “Convém que Ele cresça e que eu diminua” será um princípio vital em todo o seu ministério. Alegar-se-á se o seu nome for esquecido e o de Cristo, exaltado.

Queremos saber se um pastor é fiel e se os seus ensinamentos merecem a nossa confiança? É só fazermos uma pergunta bem simples: que posição Jesus ocupa no seu ensino? É claro para nós que estamos recebendo benefícios da pregação que ouvimos? Perguntemos a nós mesmos se ela nos tem levado a amar mais a Jesus. Um pastor fiel verdadeiramente nos ajuda quando nos leva a pensar mais em Jesus a cada ano que vivemos.

Nesta passagem também aprendemos *a diferença essencial que existe entre o Senhor Jesus e o melhor e mais santo dos seus ministros*. Notamos nas palavras solenes de João Batista: “Eu... vos batizo com água... Ele

vos batizará com o Espírito Santo”. Os homens, ao serem ordenados ao ministério, podem ministrar as ordenanças externas do cristianismo em oração esperançosa de que Deus abençoará esses meios que Ele mesmo determinou. Porém, os ministros não podem saber o que realmente está no coração das pessoas a quem ministram. Podem pregar-lhes fielmente o evangelho, mas não podem fazer com que o recebam. Podem aplicar-lhes a água do batismo, mas não podem lavar-lhes a natureza pecaminosa. Podem entregar-lhes o pão e o vinho da Ceia do Senhor; todavia, não podem capacitá-los a apropriar-se do corpo e do sangue de Jesus pela fé. Podem ir até certo ponto, mas não além disso. Nenhuma ordenança, por mais solenemente que tenha sido conferida, pode dar ao homem poder para transformar o coração humano. Somente Jesus, o grande Cabeça da igreja, pode fazê-lo, pelo poder do Espírito Santo. Este ofício pertence somente a Ele, e não foi concedido a qualquer outro ser humano.

Jamais descansemos até experimentarmos o poder da graça de Jesus em nossa alma. Fomos batizados com água. Será que já o fomos com o Espírito Santo? Os nossos nomes fazem parte do rol de membros da igreja. Será que já estamos inscritos no Livro da Vida do Cordeiro? Somos membros da igreja visível. Somos também membros daquele corpo místico do qual somente Jesus é o Cabeça? Todos estes são privilégios que somente Jesus pode conceder. Todos os que desejam ser salvos, desfrutando de tais privilégios, devem suplicá-los pessoalmente a Jesus. Os homens não podem outorgá-los. São tesouros depositados nas mãos de Jesus; nEle devemos buscá-los pela fé e oração, crendo que não os buscaremos em vão.

Ainda, nestes versículos aprendemos sobre *a mudança que Jesus realizará em sua igreja visível na época de sua segunda vinda*. Lemos nas palavras figuradas do seu precursor que Ele limpará “completamente a sua eira e recolherá o trigo no seu celeiro; porém queimará a palha em fogo inextinguível”. A igreja visível é hoje um corpo misto. Crentes e incrédulos, santos e ímpios, convertidos e descrentes acham-se misturados em cada assembléia, sentando-se geralmente lado a lado. Ao homem não é possível separá-los. A falsa profissão de fé geralmente assemelha-se muito à verdadeira, e a graça é às vezes tão débil e fraca que, em muitos casos, torna-se impossível discernir corretamente o caráter. O trigo e o joio permanecerão juntos até que o Senhor volte.

Porém, haverá uma separação terrível no último dia. O julgamento inequívoco do Rei dos reis finalmente separará o trigo do joio, e o fará para sempre. Os justos serão levados a um lugar de segurança e felicidade. Os ímpios serão lançados na vergonha e miséria eternas. No grande Dia do Juízo, cada qual irá para o lugar que lhe cabe.

Que aguardemos ansiosos aquele dia, julgando a nós mesmos, a fim

de não termos de ser julgados pelo Senhor. Sejam totalmente diligentes em confirmar o nosso chamado e eleição, tendo certeza de que somos o “trigo” de Deus. Um erro quanto a isto será irreparável no dia em que “a eira” for limpa.

Por fim, nesta passagem aprendemos que *o galardão dos servos de Deus geralmente não é recebido neste mundo*. Lucas termina o seu relato sobre o ministério de João Batista contando sobre o seu aprisionamento por Herodes. Sabemos, através de outras passagens do Novo Testamento, qual foi o fim desse aprisionamento — João Batista foi decapitado.

Todos os verdadeiros servos de Jesus devem ficar contentes, enquanto esperam para receber o seu salário. O melhor ainda está por vir! Não devem estranhar o serem tratados com rispidez pelos homens. O mundo que perseguiu a Cristo não hesitará em perseguir os cristãos. “Não vos maravilheis, se o mundo vos odeia” (1 Jo 3.13).

Confortemo-nos com o fato de que o grande Mestre entesourou no céu, para os seus, coisas que ultrapassam a compreensão humana. Um dia, o sangue que os seus derramaram por causa do seu Nome será recompensado. As lágrimas que geralmente correm tão livres por causa da maldade dos perversos um dia serão enxugadas. E, quando João Batista e todos os que tiverem sofrido pela verdade forem finalmente congregados, descobrirão ser verdade que o céu indeniza a todos!

O Batismo de Jesus; A Genealogia de Maria, Traçada até Adão

Leia Lucas 3.21-38

Nesta passagem vemos *o quanto Jesus honrou o batismo*. Descobrimos que, dentre os que foram a João Batista para serem batizados, estava o Salvador do mundo. Uma ordenança que aproveu ao Senhor utilizar e que, mais tarde, foi por Ele indicada para ser observada por toda a igreja deverá sempre ser alvo de reverência especial da parte do seu povo. O batismo não pode ser algo de pouca importância, pois Jesus mesmo foi batizado. Jamais faria parte da igreja de Cristo se fosse mera formalidade externa, incapaz de comunicar qualquer bênção.

Nem é necessário dizer que existem erros de todo tipo no que se refere ao assunto do “batismo”. Alguns o idolatram, dando-lhe um lugar de muito maior honra do que aquele que a Bíblia lhe confere. Alguns o subestimam e o desonram, quase esquecendo-se de que o batismo é uma ordenança instituída pelo próprio Senhor Jesus. Alguns limitam a sua

ministração de forma tão restrita, que quase a ninguém batizam. Outros conferem às águas batismais um poder mágico, desejando que os missionários vão às nações pagãs e batizem a todos, jovens e velhos, indiscriminadamente, crendo que o batismo lhes fará bem, não importando quão incrédulos sejam. Talvez sobre nenhum outro assunto religioso os crentes devem orar pela visão certa e pela compreensão adequada como pelo assunto do batismo.

Que nos contentemos em sustentar firmemente o princípio básico de que o batismo foi planejado graciosamente pelo Senhor visando ajudar a sua igreja, como um “meio da graça”, e de que, quando correta e dignamente ministrado, podemos confiar que o batismo trará consigo uma bênção. Todavia, jamais nos esqueçamos do fato de que a graça de Deus não depende de nenhuma ordenança e de que podemos ser batizados com água, sem o termos sido com o Espírito Santo.

Em seguida, nesta passagem vemos *a reação íntima que deve haver entre a ministração do batismo e a oração*. Lucas nos informa de modo especial que, quando o Senhor foi batizado, Ele estava também orando. Sem dúvida, há uma grande lição para nós neste fato e a igreja do Senhor não tem lhe dado a devida atenção. Precisamos aprender que o batismo que Deus abençoa tem de ser acompanhado de oração. A água não é o suficiente. A citação do nome da bendita Trindade não é o suficiente. A forma com que a ordenança em si é ministrada não comunica graça por si mesma. É preciso que haja algo mais, acompanhando todas estas coisas. É preciso haver a “oração da fé”. Pode-se afirmar confiantemente que um batismo sem oração é um batismo sobre o qual não temos o direito de esperar a bênção de Deus.

Por que a ordenança do batismo parece produzir tão pouco fruto? Por que milhares de pessoas são batizadas a cada ano e jamais dão a menor demonstração de terem sido abençoadas por isto? A resposta é curta e simples. Na grande maioria das vezes não há oração no batismo, exceto a que é feita pelo pastor que o ministra. Em algumas igrejas, os pais levam seus filhos ao batismo sem terem a menor idéia do que estão fazendo. Em outras, os responsáveis colocam-se em pé respondendo pela criança, ignorando claramente qual a natureza da ordenança de que estão participando — fazem-no por mera questão de formalidade. Temos razão para esperar que Deus abençoe tais batismos? Não! De modo algum! Esses batismos são estéreis em seus resultados. Não estão de acordo com a mente de Cristo Jesus. Oremos, para que as pessoas sejam alertadas para este aspecto tão importante. Trata-se de uma área que precisa grandemente de mudanças.

Vemos, ainda, nesta passagem *uma prova notável da doutrina da Trindade*. Fala das três pessoas da Divindade, apresentando-as em

cooperação, agindo num mesmo momento. Deus, o Filho, inicia a obra tremenda do seu ministério terreno, ao ser batizado. Deus, o Pai, credencia-O solenemente como o Mediador prometido, por meio de uma voz do céu. Deus, o Espírito Santo, desce “em forma corpórea como pomba” sobre o Senhor, e, ao fazê-lo, declara que Ele é Aquele a quem o Pai não deu o Espírito “por medida” (Jo 3.34).

Há algo profundamente instrutivo e confortante nesta revelação da bendita Trindade naquela ocasião particular do ministério terreno do Senhor. Mostra-nos como é poderosa e imensa a agência que é empregada na grande obra da nossa redenção. Trata-se de um trabalho conjunto de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. As três pessoas da Divindade estão igualmente envolvidas na obra de resgatar as nossas almas do inferno. Este pensamento deve estimular-nos, quando estivermos inquietos e desanimados. Deve inspirar-nos e encorajar-nos, quando nos sentimos desgastados pelo conflito contra o mundo, a carne e o diabo. Os inimigos da nossa alma são poderosos, mas os Amigos da nossa alma são mais poderosos ainda. Todo o poder do Deus Triúno está agindo em nosso favor. “O cordão de três dobras não se rebenta com facilidade” (Ec 4.12).

Nestes versículos, vemos ainda *uma poderosa proclamação do ofício que o Senhor tem como Mediador entre Deus e o homem*. Uma voz se ouviu do céu, no seu batismo, que dizia: “Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo”. Só havia um que poderia dizer isso — Deus, o Pai.

Sem dúvida, estas palavras solenes contêm um profundo mistério. Todavia, há uma coisa que está absolutamente clara, elas são uma declaração divina de que o Senhor Jesus Cristo é o Redentor prometido, Aquele que Deus prometeu mandar ao mundo desde o princípio, e de que, com a sua encarnação, sacrifício e substituição, Deus Pai ficou plenamente satisfeito. NEle, o Pai considera as exigências da sua santa lei completamente satisfeitas. Por meio dEle, o Pai está pronto a receber misericordiosamente pobres pecadores para nunca mais lembrar-se dos pecados deles.

Que todos os verdadeiros crentes façam descansar a sua alma nestas palavras, tirando delas consolo diário para si. Nossos pecados e falhas são efêmeros. Nada de bom podemos encontrar em nós mesmos. Todavia, se crermos em Jesus, o Pai nada verá em nós que não possa perdoar abundantemente. Ele nos considera membros do seu Filho amado e, por amor a Jesus, sente-se satisfeito.

Por fim, vemos nesta passagem *que criatura frágil e passageira é o homem*. Lemos, ao final do capítulo, uma grande lista contendo nomes da genealogia da família da qual veio Jesus, passando por personagens como Davi e Abraão e chegando até Adão. Quão pouco sabemos sobre a vida da maioria dos setenta e cinco nomes aqui apresentados. Todos tiveram as

suas alegrias e tristezas, esperanças e temores, preocupações e problemas, planos e sistemas, como qualquer um de nós. Mas todos passaram e se foram desta terra para o lugar que lhes coube. E assim será conosco, também estamos passando, e logo teremos ido embora.

Que bendigamos eternamente a Deus, porque, num mundo de morte, temos a bênção de nos voltarmos para o Salvador vivo. Jesus disse: “Eu sou... aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos” (Ap 1.17-18); “Eu sou a ressurreição e a vida” (Jo 11.25). Que a nossa maior preocupação seja a de sermos um com Jesus e Ele, conosco. Unidos a Ele pela fé, ressuscitaremos para a vida eterna. A segunda morte não terá poder sobre nós. “Porque eu vivo”, disse Jesus, “vós também vivereis” (Jo 14.19).

A Tentação de Cristo no Deserto

Leia Lucas 4.1-13

O primeiro acontecimento relatado na história de nosso Senhor após o batismo é a sua tentação por Satanás. De uma circunstância de honra e glória Ele passou a uma situação de conflito e sofrimento. No batismo, houve o testemunho do Pai: “Tu és o meu Filho amado”. Em seguida, vemos a astuciosa sugestão de Satanás: “Se és o Filho de Deus”. As experiências pelas quais Cristo passou freqüentemente constituem o quinhão do crente. Entre um grande privilégio e uma intensa provação existe apenas um passo.

Inicialmente, observemos nesta passagem *o poder e a incansável malícia de Satanás*. A antiga serpente, que tentou Adão no Éden, não sentiu receios de investir contra o segundo Adão, o Filho de Deus. Podemos duvidar se o diabo realmente sabia que Jesus era Deus “manifestado na carne”. Todavia, Satanás tinha certeza que Jesus viera ao mundo para aniquilar seu reino. Ele contemplara o que acontecera no batismo de Cristo; ouvira as maravilhosas palavras vindas do céu. Percebeu que o grande Amigo dos homens viera ao mundo e que seu reino estava em perigo. O Redentor havia chegado, e as portas da prisão logo seriam abertas. Os cativos da lei em breve seriam libertos. Sem dúvida, Satanás compreendeu tudo isso e decidiu lutar em favor de seu próprio domínio. O príncipe deste mundo não daria lugar ao Príncipe da Paz, sem que travasse uma vigorosa batalha. Ele tinha vencido o primeiro Adão no jardim do Éden; por que não venceria o segundo Adão, no deserto? Satanás já havia expulsado o homem do paraíso; não poderia expulsá-lo também do reino de Deus?

Jamais nos surpreendamos, se formos tentados pelo diabo. Pelo contrário, devemos esperar que isto aconteça, se realmente somos membros do corpo de Cristo. O cálice do Senhor será o mesmo dos discípulos. Aquele poderoso espírito que não receou atacar o próprio Jesus continua andando em derredor e rugindo como leão, à procura de alguém para devorar. Aquele assassino e mentiroso que criou problemas para Jó e fez Davi e Pedro caírem no pecado, ele mesmo permanece ativo e ainda não foi aprisionado. Se não pode impedir-nos de ir ao céu, Satanás de alguma maneira se esforçará para tornar nossa jornada bastante dolorosa. Se não pode destruir nossas almas, pelo menos ele ferirá os nossos calcanhares (Gn 3.15). Estejamos atentos para não menosprezá-lo ou pensar de maneira branda a respeito do poder de Satanás. Antes, revistamo-nos de toda a armadura de Deus e supliquemos Àquele que é poderoso, para que nos conceda forças. “Resisti ao diabo, e ele fugirá de vós” (Tg 4.7).

Em segundo, observemos *a habilidade de nosso Senhor em simpatizar com aqueles que são tentados*. Esta é uma verdade que se destaca com proeminência nesta passagem. Jesus foi verdadeira e literalmente tentado. Era conveniente que Aquele que viera para “destruir as obras do diabo” comesse esta obra por meio de um conflito direto com Satanás. Era apropriado que o grande Pastor e Bispo de nossa alma fosse capacitado para seu ministério terreno através de uma grande tentação, bem como através da Palavra de Deus e da oração. Acima de tudo, era conveniente que o grande Sumo Sacerdote e Advogado dos pecadores fosse alguém que tinha experiência pessoal de conflitos e soubesse o que significa passar por provações. E Jesus teve esta experiência. Está escrito que “ele mesmo sofreu, tendo sido tentado” (Hb 2.18). Não temos condição de avaliar o quanto Ele sofreu. Entretanto, podemos estar certos de que sua natureza pura e santa sofreu intensamente.

Todos os crentes devem sentir-se confortados com o pensamento de que, no céu, possuem um Amigo que se compadece de suas fraquezas (Hb 4.15). Quando eles derramam seus corações perante o trono da graça e lamentam por causa do fardo que diariamente lhes causa embaraço, existe Alguém intercedendo por eles, Alguém que conhece suas tristezas. Portanto, sintamo-nos encorajados. O Senhor Jesus não é uma “pessoa severa”. Ele compreende o que tencionamos dizer, quando nos queixamos da tentação, sendo capaz e estando disposto a nos socorrer.

Em terceiro, devemos observar *a excessiva sutileza de nosso grande inimigo, o diabo*. Por três vezes, nós o vemos investindo contra nosso Senhor, procurando levá-Lo ao pecado. Cada investida demonstrava a habilidosa mão de um mestre na arte da tentação e representava a obra de alguém que possuía ampla experiência em todos os aspectos da natureza humana. As investidas merecem uma atenciosa consideração.

Em seu primeiro ardil, Satanás tentou persuadir nosso Senhor a desconfiar do cuidado providencial do Pai. O diabo aproximou-se de Jesus quando Ele estava fraco e exausto, devido aos quarenta dias de jejum, e sugeriu a realização de um milagre, a fim de que Ele satisfizesse um apetite carnal. Por que deveria Jesus esperar ainda mais? Deveria o Filho de Deus continuar sentindo fome? Por que não ordenar que “esta pedra se transforme em pão”?

Em seu segundo ardil, Satanás tentou persuadir nosso Senhor a obter poder mundano utilizando meios ilícitos. O diabo O levou ao cume de um monte e “mostrou-lhe, num momento, todos os reinos do mundo”. “Dar-te-ei toda esta autoridade e a glória destes reinos... se prostrado me adorares” — esta foi a promessa de Satanás a Jesus. A concessão era pequena; a promessa, imensa. Por que não obter todo aquele poder somente por meio de uma ação momentânea?

Em seu terceiro ardil, Satanás tentou persuadir nosso Senhor a uma atitude de presunção. Levou-O ao pináculo do templo e sugeriu: “Atira-te daqui abaixo”. Ao fazer isto, Jesus demonstraria publicamente que era Alguém enviado por Deus. Se atendesse aquela solicitação, Jesus dependeria de ser protegido de qualquer dano físico. Não existiam textos das Escrituras que se aplicavam a Ele em circunstâncias como esta? Não estava escrito que os anjos O sustentariam?

Seria fácil escrever muitas coisas a respeito dessas três investidas de Satanás. Deve ser o bastante recordar que nelas divisamos as armas favoritas do diabo. Incredulidade, mundanismo e presunção, estes são os três grandes artifícios que Satanás está sempre empregando contra as almas dos homens e por intermédio dos quais ele está sempre induzindo-os a fazerem aquilo que Deus proíbe e a continuarem no pecado. Lembremo-nos disto e estejamos alerta. Satanás sugere que tenhamos atitudes que com freqüência parecem triviais e sem importância, mas o princípio envolvido em cada uma destas atitudes insignificantes, podemos estar certos, consiste em nada menos do que rebelião contra Deus. Não ignoremos os ardis de Satanás.

Por último, observamos nesta passagem *a maneira pela qual nosso Senhor resistiu a Satanás*. Por três vezes, nós O vemos frustrando e desconcertando o poderoso inimigo que O atacava. Ele não cedeu um milímetro sequer; não lhe deu qualquer momento de vantagem. Por três vezes, em resposta às tentações, nós O vemos utilizando a mesma arma — “a espada do Espírito, que é a palavra de Deus” (Ef 6.17). O Senhor Jesus, que era “cheio do Espírito”, não se envergonhou de fazer das Sagradas Escrituras a sua arma de defesa e seu padrão de conduta.

Se não aprendermos qualquer outra lição desta maravilhosa história, esta simples atitude de Jesus deve nos ensinar a sublime autoridade das

Escrituras e o imenso valor de conhecer seu conteúdo. Com incessante diligência e perseverança, precisamos ler a Bíblia, examiná-la e orar a respeito de seus assuntos. Devemos nos esforçar para sermos tão completamente familiarizados com os assuntos da Bíblia, que suas passagens permanecerão em nossas memórias e estarão ao nosso dispor em ocasiões oportunas. Sejamos capazes de recorrer às milhares de passagens evidentes, escritas com muita clareza, para evitarmos toda perversão e falsa interpretação do significado das Escrituras. A Bíblia é realmente uma espada; mas precisamos estar certos de que a conhecemos bem, se desejamos usá-la com eficácia.

A Pregação de Jesus na Sinagoga de Nazaré

Leia Lucas 4.14-22

Estes versículos narram acontecimentos que apenas Lucas escreveu. Descrevem a primeira visita de nosso Senhor à cidade de Nazaré (onde Ele havia crescido), após ter iniciado seu ministério público. Considerada juntamente com os dois versículos que lhe seguem, esta passagem fornece uma admirável prova de que “o pendor da carne é inimizade contra Deus” (Rm 8.7).

Inicialmente vemos nestes versículos *a notável honra que o Senhor Jesus tributou aos meios da graça*. Somos informados que Ele, “indo para Nazaré,... entrou, num sábado, na sinagoga, segundo o seu costume, e levantou-se para ler” as Escrituras. Naquela época, os escribas e fariseus eram os principais mestres dos judeus. Dificilmente poderíamos supor que o ensino ministrado por estes homens, na sinagoga, desfrutava da bênção e da presença do Espírito de Deus. No entanto, aqui vemos nosso Senhor dirigindo-se à sinagoga, lendo as Escrituras e pregando ali. A sinagoga era o lugar onde o dia do Senhor e a Palavra de Deus eram publicamente reconhecidos; e, pensando assim, nosso Senhor achou conveniente honrá-la.

Sem dúvida, temos uma lição prática nessa atitude de Jesus. Ele desejava que soubéssemos que não devemos menosprezar levemente qualquer reunião de adoradores que professam reverenciar o nome, o dia e o Livro de Deus. Em uma igreja, há muitas coisas que precisam ser melhoradas. Talvez haja falta de clareza, abrangência e ortodoxia no ensino ministrado ou exista carência de união e dedicação na maneira como o pastor realiza o culto. Entretanto, enquanto uma igreja não manifesta nenhum erro doutrinário e o crente não tem outra onde congregar-se, ele

deve pensar com bastante seriedade antes de ausentar-se do culto. Se existem dois ou três que se reúnem em nome de Cristo, para estes o Senhor Jesus prometeu uma bênção especial. Mas não encontramos qualquer promessa para o crente que permanece em casa.

Em segundo, *devemos observar a notável descrição feita pelo Senhor Jesus, na sinagoga de Nazaré, em referência ao seu ofício e ministério.* Lucas relata que Ele escolheu uma passagem da profecia de Isaías, na qual este descreveu antecipadamente a natureza da obra que o Messias realizaria, quando viesse ao mundo. Sabemos que Ele deveria “evangelizar os pobres... proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos”, e seria enviado a “pôr em liberdade os oprimidos”; Ele deveria apregoar que viria “o ano aceitável do Senhor”. Após ter lido esta profecia, nosso Senhor disse a todos os presentes na sinagoga que Ele era o Messias, a respeito de quem aquelas palavras haviam sido escritas e que nEle e em seu evangelho se cumpririam as maravilhosas figuras apresentadas na profecia lida.

Com razão podemos crer que havia um profundo significado em nosso Senhor ter escolhido esta passagem de Isaías. Ele desejava incutir nas mentes dos ouvintes judeus o verdadeiro caráter do Messias, pelo qual Ele sabia que todo o Israel estava esperando. O Senhor Jesus tinha certeza de que os judeus estavam aguardando um rei temporal, que os libertaria do governo romano e os tornaria novamente a primeira de todas as nações. Estas expectativas, as quais Jesus desejava que entendessem, eram prematuras e erradas. O reino do Messias, em sua primeira vinda, deveria ser um reino espiritual sobre todos os corações. Suas vitórias não aconteceriam contra inimigos terrenos, e sim contra o pecado. Sua redenção não aconteceria em relação ao domínio romano, e sim em relação ao poder do diabo neste mundo. Era desta maneira, e continua sendo assim, que eles deveriam esperar o cumprimento das palavras de Isaías.

Estejamos atentos para a maneira como julgamos a pessoa de Cristo. É correto e justo reverenciá-Lo como o próprio Deus. É bom conhecê-Lo como o Cabeça de todas as coisas, o grande Profeta, o Juiz de todos, o Rei dos reis. Mas isto não é suficiente; temos de conhecê-Lo como o Amigo dos pobres de espírito, o Médico dos enfermos de coração, o Redentor das almas em escravidão. Estes são os principais ofícios que Ele veio realizar na terra. Tendo isto em mente, devemos conhecê-Lo por experiência íntima, bem como por ouvir sua voz. Sem este conhecimento, pereceremos em nossos pecados.

Por último, devemos observar *o instrutivo exemplo sobre a maneira como as pessoas freqüentemente recebem o ensino das Escrituras.* Quando nosso Senhor terminou seu discurso em Nazaré, seus ouvintes “lhe davam testemunho, e se maravilhavam das palavras de graça que lhe saíam dos

lábios”. Não encontraram qualquer erro na explicação das Escrituras que haviam acabado de ouvir. Não podiam negar a beleza da linguagem que escutaram. “Jamais alguém falou como este homem.” Mas seus corações permaneceram completamente insensíveis e não foram alcançados pela mensagem. Ainda estavam cheios de inveja e inimizade contra o pregador. Em resumo, não houve qualquer efeito sobre eles, exceto um sentimento temporário de admiração.

É inútil ocultar de nós mesmos a verdade de que nas igrejas cristãs existem milhões de pessoas que se encontram em uma situação semelhante à destes ouvintes de Jesus. Ouvem com regularidade a pregação do evangelho, admirando-se ao ouvi-lo. Não questionam a veracidade do que lhes está sendo ensinado. São capazes até de sentir algum tipo de satisfação intelectual, ao ouvirem um excelente e poderoso sermão. Mas sua espi-ritualidade limita-se a estas atitudes. Ouvir sermões não as impede de con- tinuarem levando uma vida de indolência, mundanismo e pecado.

Constantemente precisamos examinar a nós mesmos quanto a este importante assunto. Devemos averiguar que efeito prático a pregação que afirmamos apreciar está produzindo em nosso coração e em nossa vida. Conduz-nos ao arrependimento para com Deus e à fé viva em Jesus Cristo, nosso Senhor? Ela nos motiva a nos esforçarmos diariamente para cessar de pecar e resistir ao diabo? Estes são frutos que os bons sermões devem produzir em nossa vida. Sem tais frutos, admirar a pregação é completamente inútil; não comprova a graça de Deus e não pode levar-nos à salvação.

A Incredulidade e Perversão dos Habitantes de Nazaré

Leia Lucas 4.23-32

Três importantes lições se destacam nesta passagem. Elas demandam a atenção de todo aquele que deseja obter sabedoria espiritual.

Inicialmente vemos *quanta disposição as pessoas demonstram em desprezar privilégios com os quais tornaram-se familiarizadas*. Percebemos isto na atitude dos moradores de Nazaré, quando ouviram a pregação de nosso Senhor. Não encontraram erros no sermão e não podiam mostrar qualquer incoerência na vida e na conversa de Jesus. Porém, visto que aquele pregador vivera entre eles por trinta anos, sua voz e aparência lhes eram familiares, tais pessoas não aceitariam o ensino ministrado por Ele. Disseram uns aos outros: ‘Não é este o filho de José? É possível que

alguém tão bem conhecido quanto este moço seja o Cristo?’ Com isto, receberam de Jesus esta solene afirmação: “Nenhum profeta é bem recebido na sua própria terra”.

Faremos bem em aplicar esta lição no que se refere às ordenanças e aos meios da graça. Estamos em perigo de menosprezá-los porque deles nos utilizamos com frequência. Estamos propensos a pensar levemente a respeito da leitura da Bíblia, da proclamação do evangelho e da liberdade de nos reunirmos para a adoração pública. Crescemos em meio a tais privilégios; estamos acostumados com eles, sem enfrentarmos qualquer problema. O resultado é que freqüentemente os consideramos triviais e subestimamos a extensão destas bênçãos. Cuidemos de nossa própria atitude ao nos servirmos destes privilégios sagrados. Se lemos a Bíblia com frequência, jamais o façamos sem profunda reverência. Se constantemente ouvimos sobre a pessoa de Cristo, nunca esqueçamos que Ele é o único Mediador, em quem encontramos a vida. Os israelitas, no deserto, escarneceram do próprio maná que caía do céu, chamando-o de “pão vil” (Nm 21.5). Nossas almas se encontram em péssima condição, quando temos Cristo entre nós e, por causa de nossa familiaridade com Ele, O subestimamos com leviandade.

Em segundo, vemos que *a natureza humana odeia intensamente a doutrina da soberania de Deus*. Percebemos este fato na atitude dos habitantes de Nazaré, quando nosso Senhor lhes recordou que Deus não tinha qualquer obrigação de realizar milagres entre eles. Não havia muitas viúvas em Israel no tempo de Elias? Sem dúvida, havia. No entanto, ele não foi enviado a nenhuma delas. Todas foram deixadas de lado em favor de uma viúva gentia, em Sarepta. Não havia também muitos leprosos em Israel nos dias do profeta Eliseu? Com certeza, havia. Contudo, nenhum deles teve o privilégio de ser curado. Naamã, o siro, foi o único purificado naquela ocasião. Esse tipo de ensino era insuportável para as pessoas de Nazaré. Feria o orgulho e auto-estima delas. Dizia-lhes que Deus não era devedor a qualquer ser humano; e, se eles foram preteridos na concessão daquelas misericórdias divinas, não tinham direito de achar erro em Deus. Os habitantes de Nazaré não podiam suportar esse tipo de ensino. “Todos na sinagoga, ouvindo estas coisas, se encheram de ira.” Expulsaram de sua cidade o Senhor Jesus e, se Ele não tivesse manifestado seu miraculoso poder, teriam-no assassinado de maneira violenta.

De todas as doutrinas da Bíblia, nenhuma é tão ofensiva ao homem quanto a da soberania de Deus. Os homens podem suportar o ensino de que Ele é poderoso, justo, puro e santo. Mas, afirmar, como em Romanos 9, que Ele “tem... misericórdia de quem quer e também endurece a quem lhe apraz”; ou que Ele “não dá contas de nenhum dos seus atos”; ou que “não depende de quem quer ou de quem corre, mas de usar Deus a sua

misericórdia” — estas verdades o homem natural não pode aceitar. Despertarão sua inimizade contra Deus e o encherão de ira. Em resumo, nada lhe fará submeter-se a elas, exceto o humilde ensino do Espírito Santo.

Guardemos em nossos corações a verdade de que, se gostamos ou não, a doutrina da soberania de Deus está revelada nas Escrituras e pode ser vista claramente no mundo. Nenhum outro argumento pode explicar porque alguns membros de uma família convertem-se a Deus, enquanto outros permanecem e morrem no pecado, e porque alguns habitantes do mundo são iluminados pelo cristianismo, enquanto outros continuam atolados no paganismo. Somente uma verdade pode justificar esta situação: tudo está determinado pela soberana mão de Deus. Oremos por humildade nestes assuntos difíceis. Lembremos que nossa vida é como a névoa e que nosso conhecimento, se comparado ao de Deus, é completa tolice. Sejamos agradecidos pela luz que desfrutamos, utilizando-a enquanto a possuímos. Não tenhamos dúvida de que no último dia todo mundo será convencido de que Aquele que “não... dá contas de nenhum dos seus atos” fez tudo muito bem.

Por último, vemos nesta passagem *quão perseverantes devemos ser na prática do bem, apesar de todos os desencorajamentos*. Sem dúvida, extraímos esta lição da atitude de nosso Senhor após ter sido rejeitado em Nazaré. A rejeição dos nazarenos não O abalou; Ele continuou pacientemente sua obra. Expulso de um lugar, dirigiu-se a outro. Rejeitado em Nazaré, foi a Cafarnaum e ali “os ensinava no sábado”.

Este deve ser o comportamento de todos os filhos de Deus. Eles devem realizar pacientemente sua obra aonde quer que sejam chamados e não desistirem por causa da falta de sucesso. Quer sejam missionários, pregadores, pastores ou ensinadores, devem trabalhar com empenho e não desanimar. Com frequência, há mais aflições na consciência e no coração dos ouvintes do que as que seus pregadores e ensinadores estão cientes. Existe um trabalho preparatório a ser realizado em todas as partes da lavoura de Deus, tão necessário quanto os demais trabalhos, embora às vezes seja desagradável à carne e ao sangue. Necessitamos de semeadores, bem como de ceifeiros. É necessário lavrar o solo e remover as pedras, bem como o ajuntamento do cereal na colheita. Cada um deve trabalhar em seu devido lugar. Virá o dia em que todos seremos recompensados de acordo com nossa obra. Os desencorajamentos que às vezes enfrentamos nos capacitam a demonstrar ao mundo que a fé e a paciência são realidades. Quando as pessoas nos vêem trabalhando para Deus, apesar de sermos rejeitados como Jesus o foi em Nazaré, isto as faz pensar, convencendo-as de que, em todas as ocasiões, estamos convictos de que estamos ao lado da verdade.

**Um Demônio Expulso na Sinagoga
de Cafarnaum;
A Cura da Sogra de Pedro;
Cristo Retira-se para Orar;
Seu Propósito em ter Vindo ao Mundo**

Leia Lucas 4.33-44

Primeiramente devemos observar nesta passagem *o nítido conhecimento espiritual que os demônios possuem*. Por duas vezes, estes versículos o comprovam. “Bem sei quem és: o Santo de Deus!” foi a declaração do espírito imundo na sinagoga. “Tu és o Filho de Deus!” foi a linguagem de muitos demônios em outra ocasião. No entanto, este conhecimento estava destituído de fé, esperança e amor. Aqueles que o possuíam eram miseráveis criaturas pecaminosas, cheias de intenso ódio contra Deus e o homem.

Estejamos alerta para que nosso cristianismo não seja caracterizado por conhecimento infrutífero. Tal conhecimento é uma possessão perigosa, mas infelizmente muito comum nestes últimos dias. Talvez conheçamos intelectualmente as Escrituras e não duvidemos da veracidade de seu conteúdo. É provável que tenhamos seus principais versículos em nossas mentes e sejamos capazes de conversar fluentemente sobre suas doutrinas fundamentais; e, apesar disso, a Bíblia não exerce qualquer influência sobre nosso coração, vontade e consciência. Na realidade, talvez não sejamos melhores do que os demônios.

Jamais nos contentemos apenas em ter um conhecimento intelectual das Escrituras. Podemos estar constantemente dizendo: “Eu sei, eu sei” e, por fim, perecer no inferno com todo o conhecimento que possuímos. Estejamos cientes de que nosso conhecimento das coisas espirituais produz fruto em nossa vida. O conhecimento que temos sobre o pecado nos faz odiá-lo? Nosso conhecimento a respeito de Cristo nos leva a amá-Lo e a confiar nEle? Nosso conhecimento da vontade de Deus nos motiva a esforçar-nos para obedecê-la? Nosso conhecimento dos frutos do Espírito nos leva a trabalhar para mostrá-los em nossa conduta diária? Este tipo de conhecimento é realmente proveitoso. Qualquer outro tipo de conhecimento espiritual apenas intensificará nossa condenação, no último dia.

Em segundo, devemos observar nesta passagem *o imenso poder de nosso Senhor Jesus Cristo*. As enfermidades e os demônios foram igual-

mente expelidos mediante a ordem dEle. Jesus ordenava aos espíritos imundos, e estes se retiravam das pessoas que eles possuíam. Ele repreendeu a febre e impôs sua mão sobre os enfermos, e imediatamente as doenças se retiravam, e os doentes ficavam curados.

Não podemos deixar de observar muitos casos semelhantes nos evangelhos. Ocorreram com tanta freqüência, que seríamos capazes de fazer sua leitura sem atenção, de modo que perderíamos a grande lição que cada um deles deseja transmitir. Todos foram escritos para gravar em nossa mente a verdade de que Cristo é o Médico designado por Deus para curar-nos de todos os males que o pecado trouxe ao mundo. Ele é o verdadeiro antídoto e remédio para todos os enganos de Satanás que arruinam a alma do homem. Cristo é o Médico ao qual todos os filhos de Adão devem recorrer, se desejam ficar curados. Em Cristo há vida, saúde e libertação.

Todos os milagres e demonstrações de misericórdia relatados nos evangelhos foram designados tendo em vista ensinar esta doutrina. Todos eles testemunham com clareza a poderosa verdade que fundamenta o evangelho. A capacidade de Cristo para suprir completamente todas as necessidades do ser humano é uma pedra angular do cristianismo. Em poucas palavras: “Cristo é tudo” (Cl 3.11). O estudo de todos os milagres deve gravar profundamente esta verdade em nosso coração.

Em terceiro, devemos observar nesta passagem a *prática ocasional de nosso Senhor retirar-se do convívio público para um lugar solitário*. Lemos que, após curar diversas pessoas e expulsar muitos demônios, Ele “saiu e foi para um lugar deserto”. Seu objetivo em agir desta maneira pode ser visto, se compararmos o que nos dizem os outros evangelhos. Jesus se retirou de sua obra por um tempo, a fim de manter comunhão com seu Pai e orar. Embora Ele tivesse uma natureza humana imaculada e santa, essa natureza foi guardada do pecado através do uso dos meios da graça, e Ele não os menosprezava.

Este é um exemplo que deve ser seguido por todos os que desejam crescer na graça e andar em comunhão íntima com Deus. Precisamos separar tempo para a meditação na Palavra e para ficarmos a sós com Deus. Não devemos nos contentar apenas em orar e ler a Bíblia todos os dias, ouvir a pregação do evangelho regularmente e participar da Ceia do Senhor. Todas estas coisas são importantes, mas precisamos de algo mais. Devemos ter ocasiões especiais para o auto-exame e meditarmos nas coisas de Deus. Quanto tempo cada crente reserva para este tipo de exercício espiritual, isto é algo que deve julgar por si mesmo. Entretanto, o fato de que este comportamento é bastante desejável parece evidente tanto das Escrituras quanto da experiência. Vivemos em uma época caracterizada por urgência e pressa. A agitação e o constante envolvimento nas atividades

diárias mantêm as pessoas em perpétua ocupação e trazem grandes perigos às suas almas. Negligenciar o hábito de retirar-se ocasionalmente dos afazeres cotidianos é a provável causa de muita inconsistência e afastamento que trazem escândalo à causa de Cristo. Quanto mais trabalho tivermos para realizar, tanto mais devemos imitar nosso Senhor. Se Ele, em meio às suas abundantes atividades, encontrou tempo para retirar-se do convívio social, quanto mais devemos nós fazê-lo? Se o Senhor considerou necessária esta prática, certamente ela tem de ser abundantemente mais necessária aos seus discípulos.

Por último, devemos observar nesta passagem *a declaração de nosso Senhor a respeito do propósito de sua vinda ao mundo*. Ele disse: “É necessário que eu anuncie o evangelho do reino de Deus também às outras cidades, pois para isso é que fui enviado”. Expressões semelhantes a esta devem silenciar para sempre as insensatas afirmativas proferidas contra a pregação. O simples fato de que o eterno Filho de Deus realizou o ofício de pregador deve convencer-nos de que a pregação é um dos mais valiosos meios da graça. Revelam ignorância das Escrituras aqueles que dizem ser a pregação menos importante do que a leitura de orações públicas e a administração das ordenanças. Um notável fato na vida de nosso Senhor é que, embora estivesse constantemente pregando, em nenhuma passagem da Bíblia lemos a respeito de alguém sendo batizado por Ele. O testemunho do apóstolo João é evidente quanto a este assunto: “Jesus mesmo não batizava” (Jo 4.2).

Guardemo-nos de menosprezar a pregação. Durante toda a história da igreja, a pregação tem sido o principal instrumento de Deus para vivificar pecadores e edificar os santos. Nos dias em que houve pouca ou nenhuma pregação, pouco ou nenhum benefício se fez na igreja. Temos de ouvir sermões com uma atitude de oração e reverência, lembrando que eles foram o principal instrumento que Cristo utilizou, quando esteve na terra. E de-vemos orar diariamente para que Cristo forneça constantemente fiéis pregadores da Palavra de Deus. A situação das igrejas sempre responderá à do púlpito.

A Disposição de Cristo para Realizar Boas Obras; A Pescaria Miraculosa

Leia Lucas 5.1-11

Nestes versículos encontramos uma história notavelmente chamada

de “a pescaria miraculosa”. Este notável milagre apresenta dois aspectos: primeiro, demonstra o domínio completo de nosso Senhor sobre a criação animal. Os peixes foram tão obedientes a Ele quanto o foram as moscas, as rãs, os piolhos e os gafanhotos nas pragas do Egito. Todos são servos de Cristo e obedecem suas ordens. Segundo, existem similaridades entre este milagre, realizado no início do ministério de Jesus, e aquele que Ele realizou no final de seu ministério, após a sua ressurreição (Jo 21.11-14). Em ambas as passagens, lemos sobre uma pescaria miraculosa. Em ambas, Pedro ocupa um lugar proeminente no acontecimento. Em ambas, existem profundas lições espirituais, as quais se destacam acima dos fatos descritos.

Inicialmente estes versículos nos mostram *a incansável disposição de nosso Senhor em fazer toda boa obra*. Novamente encontramos Jesus pregando a pessoas que O apertavam “para ouvir a palavra de Deus”. E onde Ele pregava; não em um suntuoso templo ou prédio consagrado ao culto público. Ele pregava ao ar livre. Não em um púlpito feito especialmente para uso do pregador, mas em um barco de pesca. As almas esperavam para ser alimentadas. Jesus não levou em conta a inconveniência pessoal. A obra de Deus tinha de ser realizada.

Os servos de Cristo devem aprender uma lição da atitude de nosso Senhor nesta ocasião. Não devemos esperar até que pequenas dificuldades ou obstáculos sejam removidos, antes de colocarmos nossas mãos à obra e prosseguirmos semeando a palavra de Deus. Edifícios adequados podem estar sempre em falta para reunir os ouvintes; freqüentemente não encontramos salas apropriadas para acomodar as crianças a fim de lhes ministrarmos ensino. O que devemos fazer? Cruzar os braços? Deus não o permita. Se não podemos fazer tudo que desejamos, façamos tudo que podemos. Trabalhem com as ferramentas que temos. Enquanto nos demoramos, as almas perecem. O coração preguiçoso está sempre pensando nos “espinhos” e no “leão” que “está lá fora” (Pv 15.19; 22.13). Onde estamos, da maneira que somos, quer seja oportuno, quer não, utilizando este ou aquele instrumento, por meio dos lábios ou da caneta, pregando ou escrevendo, esforcemo-nos para estar sempre trabalhando para Deus. Jamais fiquemos ociosos.

Em segundo, estes versículos nos mostram *que encorajamento o Senhor ministrou acerca da obediência inquestionável*. Após ter pregado, o Senhor ordenou a Pedro: “Faze-te ao largo, e lançaí as vossas redes para pescar”. Ele ouviu uma resposta que demonstra, de maneira admirável, a mentalidade de um bom servo. “Respondeu-lhe Simão: Mestre, havendo trabalhado toda a noite, nada apanhamos, mas sob a tua palavra lançarei as redes.” E qual foi a recompensa desta espontânea anuência à ordem do Senhor? O evangelista nos diz: “Isto fazendo, apanharam grande quantidade de peixes; e rompiam-se-lhes as redes”.

Não devemos duvidar que este simples acontecimento contém uma lição prática para todos os crentes. Temos de aprender sobre a bênção de manifestarmos uma obediência imediata e inquestionável aos mandamentos do Senhor. O caminho do dever às vezes pode ser árduo e desagradável. A sabedoria do caminho que determinamos seguir pode não ser evidente para o mundo. Porém, coisa alguma deve nos impedir. Não temos de consultar a carne ou o sangue. Devemos avançar firmemente quando Jesus nos diz: “Vão”, fazendo com ousadia, determinação e sem vacilar aquilo que Ele nos ordena, quando diz: “Façam-no”. Devemos andar pela fé e não pelo que vemos, crendo que mais tarde entenderemos as coisas que agora não percebemos como corretas e lógicas. Agindo deste modo jamais acharemos que somos perdedores e, mais cedo ou mais tarde, descobriremos que tivemos uma grande recompensa.

Em terceiro, estes versículos nos mostram que *um intenso sentimento da presença de Deus humilha o homem, levando-o a sentir sua pecaminosidade*. Isto é ilustrado de maneira notável nas palavras de Pedro, quando a miraculosa pescaria o convenceu de que Alguém maior do que os homens estivera com eles no barco. “Simão Pedro prostrou-se aos pés de Jesus, dizendo: Senhor, retira-te de mim, porque sou pecador.”

Ao analisarmos estas palavras de Pedro, é claro que temos de lembrar a ocasião em que foram pronunciadas. No máximo, ele era um bebê na vida cristã, ainda possuía uma fé deficiente, era frágil em sua experiência com Cristo e em seu conhecimento das coisas espirituais. Com certeza, se isto tivesse ocorrido mais tarde em sua vida, ele teria dito: “Fica comigo, não me deixes”. No entanto, apesar de chegarmos a esta conclusão, as palavras de Simão Pedro expressam os primeiros sentimentos de um homem, quando ele é trazido a um contato íntimo com Deus. A percepção da grandeza e da santidade divina o levam a sentir intensamente sua própria insignificância e pecaminosidade. O primeiro pensamento deste homem é esconder-se de Deus, assim como Adão após a Queda. À semelhança de Israel no monte Sinai, a linguagem dele será: “Fala-nos tu, e te ouviremos; porém não fale Deus conosco, para que não morramos” (Êx 20.19).

Esforcemo-nos para, a cada ano que vivemos, reconhecer mais e mais nossa necessidade de um Mediador entre nós e Deus, procurando compreender cada vez mais que, sem um Mediador, nossos pensamentos a respeito de Deus jamais nos podem trazer consolo; e, quanto mais claramente nós O percebermos, tanto mais nos sentiremos desconfortáveis. Sejam gratos a Deus, porque em Jesus temos o Mediador que nossas almas precisam e, por meio dEle, podemos nos acercar com ousadia a Deus, lançando fora os nossos temores. Sem a mediação de Cristo, Deus é um fogo consumidor. Em Cristo, Ele é um pai reconciliado. Sem Cristo, o moralista pode tremer, enquanto vê a morte aproximar-se. Em Cristo, o

maior dos pecadores pode chegar-se a Deus confiantemente e sentir paz perfeita.

Por último, estes versículos nos mostram *a promessa magnífica que Pedro ouviu de Jesus*: “Não temas; doravante serás pescador de homens”. Podemos acreditar que esta promessa não tencionava referir-se somente a Pedro, e sim a todos os apóstolos; e não apenas a estes, mas também a todos os fiéis ministros do evangelho, que andam nos passos dos apóstolos. Esta promessa foi proferida para oferecer-lhes encorajamento e consolação, para sustentá-los diante do sentimento de fraqueza e inutilidade que às vezes quase os derrota. Eles certamente possuem um tesouro em vasos de barro (2 Co 4.7), têm as mesmas paixões que os outros; sentem que seu coração é frágil e incapaz, tal como o de seus ouvintes. Eles são frequentemente tentados a abandonar desesperados o ministério de pregação. Mas a esta circunstância aplica-se a promessa, da qual o Cabeça da igreja espera que eles dependam todos os dias: “Não temas; doravante serás pescador de homens”.

Oremos diariamente suplicando por ministros que sejam verdadeiros sucessores de Pedro e de seus companheiros, a fim de que preguem o mesmo e completo evangelho e vivam a mesma vida santa que eles viveram. Estes são os únicos ministros do evangelho que comprovarão serem pescadores de homens bem-sucedidos. A alguns destes Deus pode conceder mais honra do que a outros. Mas todos os fiéis pregadores do evangelho têm o direito de acreditar que seu trabalho não será em vão. Talvez eles pregarão a Palavra de Deus com muitas lágrimas, não vendo qualquer resultado de seu trabalho. Entretanto, a Palavra de Deus não volta vazia (Is 55.11). O último dia demonstrará que nenhum trabalho feito para Deus foi desperdiçado. Todo fiel pescador de homens reconhecerá que as palavras de Jesus lhe fizeram bem: “Doravante serás pescador de homens”.

A Cura de um Leproso; O Zelo de Cristo Referente à Oração em Particular

Leia Lucas 5.12-16

Nestes versículos vemos *o poder de nosso Senhor sobre as doenças incuráveis*. “Um homem coberto de lepra” suplicou-Lhe alívio e foi imediatamente curado. Este foi um poderoso milagre. Dentre as doenças que afligem o corpo humano, a lepra parece ser muito severa. Ela aflige a nossa constituição, trazendo feridas e decadência à pele, deterioração ao

sangue e apodrecimento aos ossos. A lepra era a morte em vida, que nenhum medicamento podia controlar. No entanto, nesta passagem lemos sobre um leproso que foi curado num instante. Com apenas um toque das mãos do Filho de Deus a cura se realizou. Um simples toque daquela poderosa mão, e, “no mesmo instante, lhe desapareceu a lepra”.

Nesta maravilhosa história, temos uma figura real do poder de Cristo para salvar nossa alma. O que somos nós, senão leprosos aos olhos de Deus? O pecado é uma enfermidade mortal pela qual todos estamos contaminados. Ele tem devorado todo o nosso ser e afetado todas as nossas faculdades. A consciência, o coração, a mente e a vontade estão completamente enfermos pelo pecado. Desde a planta de nossos pés até à cabeça, não há em nós “coisa sã, senão feridas, contusões e chagas inflamadas” (Is 1.6). Esta é a situação em que nascemos e o estado em que naturalmente vivemos. Em certo sentido, já estamos mortos muito antes de sermos colocados na sepultura. Nossos corpos podem estar saudáveis e ativos, mas por natureza nossas almas estão mortas em ofensas e pecados.

Quem nos livrará deste corpo de morte? Sejamos gratos a Deus, porque Jesus Cristo pode nos livrar. Ele é o Médico divino que pode fazer as coisas velhas passarem e tornar novas todas as coisas. A vida está nEle. Em seu sangue, Jesus pode nos purificar completamente de todas as impurezas do pecado. Pode despertar-nos e vivificar-nos por intermédio de seu Espírito. Ele é capaz de purificar nosso coração, abrir os olhos de nosso entendimento, renovar nossa vontade e restaurar-nos a saúde. Guardemos esta verdade profundamente em nosso coração. Existe um remédio para curar nossa enfermidade. Se ainda estamos perdidos, não é porque não podemos ser salvos. Ainda que nossos corações sejam corruptos e nossa vida tenha sido gasta na impiedade, há esperança para nós no evan-gelho. Não existe caso algum de lepra espiritual que Jesus não possa curar.

Em segundo, vemos nestes versículos *a prontidão de nosso Senhor Jesus Cristo em ajudar os que se encontram verdadeiramente necessitados*. A súplica do leproso aflito foi muito comovente. Ele disse: “Senhor, se quiseses, podes purificar-me”. A resposta que recebeu foi singularmente cheia de graça e misericórdia. Imediatamente, nosso Senhor respondeu: “Quero, fica limpo!”

A pequena palavra “quero” merece consideração especial. Ela é uma mina profunda, rica em consolação e encorajamento para todas as almas aflitas e sobrecarregadas. Essa palavra nos mostra os pensamentos de Cristo em relação aos pecadores; expressa a sua infinita disposição de fazer o bem aos filhos dos homens e mostrar-lhes compaixão. Sempre nos lembremos disso: se os homens não são salvos, isto não acontece por falta

de disposição da parte de Jesus para salvá-los. Ele não deseja que ninguém pereça, e sim que todos cheguem ao arrependimento (2 Pe 3.9). Ele deseja que os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade (1 Tm 2.4). O Senhor Jesus desejou ter reunido os filhos de Jerusalém, assim como a galinha ajunta os seus pintinhos, se eles tão-somente quisessem ser reunidos. Ele desejava, mas eles não quiseram (Mt 23.37). A culpa pela ruína de um pecador tem de ser dele mesmo. Se ele se perder para sempre, será culpa de sua própria vontade e não da vontade de Cristo. Esta é uma verdade solene proferida pelos lábios de nosso Senhor: “Contudo, não quereis vir a mim para terdes vida” (Jo 5.40).

Em terceiro, vemos nestes versículos *o respeito que Jesus prestou às cerimônias da lei de Moisés*. Ele ordenou ao leproso: “Vai... mostra-te ao sacerdote”, de acordo com as exigências apresentadas no livro de Levítico, para que ele fosse oficialmente declarado limpo. O Senhor Jesus também ordenou ao leproso: “Oferece, pela tua purificação, o sacrifício que Moisés determinou”. Nosso Senhor bem sabia que as cerimônias da lei mosaica eram apenas sombras e figuras das coisas excelentes que estavam por vir e não tinham em si mesmas qualquer poder. Ele bem sabia que estavam chegando os últimos dias das instituições levíticas e que em breve elas seriam descartadas para sempre. Mas, enquanto não tivessem sido ab-rogadas, o Senhor Jesus lhes prestaria respeito. Deus mesmo as havia esta-belecido. Eram figuras e símbolos do evangelho. Portanto, não deveriam ser menosprezadas.

Neste incidente temos uma lição que todos os crentes farão bem em recordar. Tenhamos cuidado para que não desprezemos o cerimonial da lei, devido ao fato de que seu propósito já se cumpriu. Estejamos atentos para não negligenciarmos as partes da Bíblia que os apresentam, sob o pretexto de que o crente evangélico não tem qualquer necessidade daquelas coisas. É verdade que as trevas já passaram e agora a verdadeira luz brilha (1 Jo 2.8). Não precisamos de altares, sacrifícios e sacerdotes. Aqueles que pretendem ressuscitá-los estão acendendo uma vela à luz do sol ao meio-dia. Porém, embora isto seja verdade, nunca devemos esquecer que a lei cerimonial está repleta de instruções. Contém, em forma de botão, o mesmo evangelho que agora conhecemos plenamente de-sabrochado. Se a entendermos corretamente, veremos que a lei cerimonial oferece explicações ao evangelho de Cristo. Aquele que lê a Bíblia e negligencia o estudo da lei cerimonial descobrirá que tal negligência causou prejuízos à sua alma.

Por último, vemos nestes versículos *o zelo de nosso Senhor referente à oração em particular*. Embora “grandes multidões” afluíssem “para o ouvirem e serem curadas de suas enfermidades”, Ele separou tempo para a devoção pessoal. Ainda que Ele era santo e puro, não permitiria que seu

ministério público diário O impedisse de ter comunhão particular com o Pai. Ele “se retirava para lugares solitários e orava”.

Temos diante de nós um exemplo bastante esquecido nestes últimos dias. Infelizmente, há poucos crentes que se esforçam para imitar Cristo neste assunto da devoção particular. Existe abundância de ouvir, ler, pregar, visitar, ajudar aos outros e muitas outras atividades espirituais. Entretanto, existe juntamente com estas atividades a devida proporção na oração particular? Os homens e as mulheres crentes mostram-se suficientemente cuidadosos em ficar a sós com Deus? Estas são indagações perscrutadoras e humilhantes. Acharemos proveitoso respondê-las.

Por que motivo existe tanta religiosidade aparente e tão pouco resultado em verdadeiras conversões a Deus; tantos sermões pregados e tão poucas almas salvas; tanta organização nas igrejas e tão pouco resultado; tanta atividade e tão poucas pessoas sendo trazidas a Cristo? Por que tudo isto? A resposta é curta e simples. Existe pouca devoção particular. A causa de Cristo não precisa de menos atividades, mas entre os que nela trabalham há necessidade de mais oração. Examinemos a nós mesmos e acertemos nossas atitudes. Os trabalhadores mais bem-sucedidos na vinha de Cristo são aqueles que, assim como seu Senhor, com frequência dobram muito seus joelhos.

A Cura de um Paralítico

Leia Lucas 5.17-26

Nestes versículos, um milagre triplo atrai nossa atenção. Na mesma ocasião, vemos o Senhor Jesus perdoadando pecados, lendo os pensamentos dos homens e curando um paralítico. Aquele que fez estas coisas, com perfeição e autoridade, com certeza era o próprio Deus. Um poder como este jamais foi possuído por qualquer homem.

Primeiramente devemos observar nesta passagem *o esforço que homens podem fazer quando estão seriamente interessados a respeito de alguma coisa*. Os amigos de um paralítico queriam trazê-lo a Jesus, para ser curado. A princípio, foram incapazes de fazer isto, por causa da multidão que cercava o Senhor. Então, o que eles fizeram? “Subindo ao eirado, o desceram no leito, por entre os ladrilhos, para o meio, diante de Jesus.” O objetivo deles foi alcançado. A atenção de nosso Senhor foi atraída ao paralítico, e este foi curado. Através de esforço, trabalho árduo e perse-verança, seus amigos foram bem-sucedidos em conseguir que ele recebesse a grande bênção da cura completa.

A importância de esforço e diligência é uma verdade que percebemos em todas as áreas de nosso viver. Em toda profissão, serviços e negócios, o esforço é um grande segredo do sucesso. O homem prospera não por causa de sorte ou coincidência, e sim por causa de trabalho árduo. Os negociantes e os banqueiros não acumulam fortunas sem trabalho e dificuldades. Os advogados e os médicos adquirem experiência somente por meio de estudo e diligência. Este é um princípio com o qual todos os filhos do mundo estão perfeitamente acostumados. Uma de suas máximas favoritas é “sem esforço não há resultados”.

Devemos entender completamente que o esforço e a diligência são essenciais tanto ao bem-estar e prosperidade de nossa alma quanto ao de nosso corpo. Em todo nosso empenho para nos achegarmos a Deus e nos aproximarmos de Cristo, temos de mostrar a mesma seriedade resoluta demonstrada pelos amigos deste paralítico. Não podemos deixar que dificuldade alguma nos impeça e nenhum obstáculo nos prive de fazer aquilo que realmente contribui para o bem de nossa alma. Em especial, temos de manter isto em nossa mente quando nos referimos ao assunto de ler regularmente a Bíblia, ouvir a pregação da Palavra de Deus, observar o dia do Senhor e dedicar-nos à oração particular. Em todos estes assuntos, precisamos estar alerta contra a preguiça e a atitude de ficar apresentando desculpas. A necessidade tem de ser aquilo que nos motiva a descobrir as maneiras para mantermos estes hábitos. Se não podemos praticá-los de uma maneira, devemos descobrir outras maneiras para mantê-los. Mas precisamos determinar em nossa mente que os realizaremos. A saúde de nossa alma está em jogo. Devemos preservar tais hábitos, ainda que estejamos passando por inúmeras dificuldades. Se os filhos deste mundo se esforçam tanto em busca de uma recompensa corruptível, temos de nos empenhar muito mais em busca da coroa incorruptível.

Por que os crentes se esforçam tão pouco em sua vida espiritual? Por que eles nunca acham tempo para orar, ler a Bíblia e ouvir a pregação da Palavra de Deus? O que justifica sua constante atitude de se desculparem por negligenciarem os meios da graça? Como podemos explicar que homens tão zelosos em assuntos relacionados a dinheiro, negócios, prazeres, política não fazem nenhum esforço em benefício de sua alma? A resposta a estas indagações é simples e curta. Estes homens não pensam com seriedade a respeito de sua salvação. Não percebem qualquer enfermidade espiritual. Não têm consciência de que necessitam de um Médico espiritual; não sentem que sua alma corre o risco de perecer eternamente. Não vêem utilidade em se esforçarem no que se refere à sua vida espiritual. Em trevas como estas, milhares de pessoas vivem e morrem. Realmente felizes são aqueles que reconheceram o perigo em que estavam e consideraram tudo como perda, para ganhar a Cristo e serem achados nEle.

Em segundo, devemos observar nesta passagem *a bondade e a compaixão de nosso Senhor Jesus Cristo*. Duas vezes Ele falou com bastante ternura ao infeliz paralisado que estava diante dEle. A princípio, Jesus dirigiu-lhe as maravilhosas e comoventes palavras: “Homem, estão perdoados os teus pecados”. Em seguida, acrescentou palavras que, no aspecto de produzir conforto, eram secundárias à bênção do perdão. Ele disse ao paralisado: “Levanta-te, toma o teu leito e vai para casa”. Primeiramente, Jesus deu-lhe certeza de que sua alma estava curada. Depois, afirmou-lhe que seu corpo estava curado e o mandou para casa regozijando-se.

Sempre recordemos este aspecto do caráter de nosso Senhor. A amável bondade de Cristo para com seu povo nunca muda ou falha. É um poço profundo do qual ninguém jamais achará o início. As águas deste poço começaram a jorrar desde a eternidade, antes que os membros do povo de Deus existissem. A amável bondade de nosso Senhor os escolheu, os chamou e os vivificou, quando estavam mortos em delitos e pecados. Ela os atraiu a Deus, transformou o caráter deles, outorgou-lhes uma nova vontade e colocou em seus lábios um novo cântico. A amável bondade de nosso Senhor os suportou em toda a sua obstinação e pecados e jamais permitirá que se afastem de Deus. Ela fluirá para todo o sempre, assim como um rio caudaloso, durante as intermináveis eras da eternidade. O amor e a misericórdia de Cristo têm de ser a segurança do pecador, quando ele inicia a jornada cristã; e será sua única garantia quando atravessar o rio tenebroso, para entrar em seu lar. Por experiência íntima, procuremos conhecer este amor e valorizá-lo cada vez mais. Permitamos que este amor nos impulse continuamente a viver não para nós mesmos, e sim para Aquele que morreu e ressuscitou por nós.

Por último, devemos observar nesta passagem *o perfeito conhecimento de nosso Senhor no que se refere aos pensamentos dos homens*. Quando os escribas e fariseus começaram a arrazoar secretamente, acusando-O de blasfêmias, o Senhor Jesus sabia o que eles realmente eram e os envergonhou publicamente. O relato de Lucas nos diz que Jesus conhecia-lhes os pensamentos.

Devemos pensar diariamente sobre o fato de que nada podemos ocultar de Cristo. A Ele aplicam-se as palavras da carta aos *Hebreus*: “E não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas” (Hb 4.13). Pertencem-Lhe as afirmações do Salmo 139, que todo crente deve estudar com frequência. Não existe qualquer palavra em nossos lábios, ou qualquer imaginação em nossas mentes, que Ele não saiba completamente (Sl 139.4).

Quanta perscrutação íntima este pensamento deve suscitar em nós. Cristo sempre nos vê e nos conhece. Todos os dias Ele observa nossas

atitudes, pensamentos e palavras. Recordar esta verdade deveria alarmar os ímpios e levá-los a abandonar seus pecados. Sua impiedade não está oculta e, um dia, será completamente manifestada, a menos que se arrependam. Isto deveria causar pavor nos hipócritas, devido à sua hipocrisia. Talvez eles enganem os homens, mas não estão enganando a Cristo. Isto deve trazer conforto e ânimo a todos os verdadeiros crentes. Estes devem lembrar que um amável Senhor os contempla e devem viver cientes deste fato. Acima de tudo, devem reconhecer que, embora sejam desprezados e zombados pelo mundo, eles são justa e corretamente avaliados pelo seu Senhor. Podem dizer: “Senhor, tu sabes todas as coisas, tu sabes que eu te amo” (Jo 21.17).

A Chamada de Levi; A Festa que Este Realizou na Ocasão

Leia Lucas 5.27-32

Os versículos que agora consideramos devem ser importantes para todos aqueles que conhecem o valor de sua alma imortal e desejam a salvação. Descrevem a conversão e a experiência de um dos primeiros discípulos de Cristo. Por natureza, todos nascemos em pecado e precisamos de conversão. Vejamos o que sabemos a respeito desta gloriosa mudança. Comparemos nossa experiência com a de Mateus, descrita nesta passagem; e, através desta comparação, aprendamos sabedoria.

Estes versículos nos ensinam *o poder da graça de Cristo em chamar os homens*. Lemos que o Senhor Jesus chamou o publicano Levi, para se tornar um dos seus discípulos. Este homem pertencia a uma classe de pessoas que, entre os judeus, era uma indicação para retratar a impiedade. Apesar disso, nosso Senhor o chamou: “Segue-me”. O relato continua nos mostrando a poderosa influência que acompanhou estas palavras de nosso Senhor, ao afirmar que, embora Levi estivesse “assentado na coletoria”, logo ao ser chamado, “ele se levantou e, deixando tudo, ...seguiu” a Cristo, tornando-se um de seus discípulos.

Após lermos esta história, não devemos desesperar quanto à conversão de alguém, enquanto vivermos. Jamais devemos dizer a alguém que ele é muito ímpio, endurecido de coração ou mundano, para tornar-se um seguidor de Cristo. Não existem pecados tão inumeráveis e tão corruptos, que não possam ser perdoados por Cristo. Nenhum coração é tão perverso para ser transformado. Aquele que chamou Levi continua sendo o mesmo, ainda que se tenham passado 2000 anos. Com Cristo nada é impossível.

E qual é a nossa situação? Afinal de contas, esta é a questão mais importante. Estamos esperando, demorando-nos e retardando nossa resposta de seguir a Cristo, por causa da idéia de que a cruz é muito pesada e de que não podemos servir a Cristo? Rejeitemos tais pensamentos imediatamente e para sempre. Creiamos que Cristo pode nos capacitar, por meio do Espírito Santo, a deixar tudo e nos afastarmos do mundo. Lembremos: Aquele que chamou Levi nunca muda. Devemos tomar a nossa cruz ousadamente e seguir adiante.

Em segundo, estes versículos nos ensinam que *a conversão é um motivo de alegria para o crente*. Quando Levi se converteu, ofereceu a Jesus “um grande banquete em sua casa”. Um banquete é uma ocasião de regozijo e alegria (ver Ec 10.19). Levi considerou a mudança ocorrida em sua vida como uma ocasião de regozijo e desejou que outros se alegrassem com ele.

Facilmente podemos imaginar que a conversão de Levi foi um motivo de tristeza para seus amigos mundanos. Eles o viram desprezar uma próspera carreira para seguir um novo Mestre de Nazaré. Sem dúvida, aqueles amigos reputaram o ato de Levi como uma tolice e uma ocasião de tristeza, em vez de alegria. Eles levaram em conta as perdas temporais que resultariam da conversão de Levi a Cristo. Eles não sabiam nada a respeito dos benefícios espirituais. Existem muitas pessoas semelhantes a estes amigos. Sempre existem multidões que, se ouvem alguma coisa a respeito de converterem-se, consideram isto uma infelicidade. Ao invés de se alegrarem, meneiam suas cabeças e murmuram em reclamação.

Devemos gravar em nossos corações o fato de que Levi fez bem em regozijar-se; e, se já somos convertidos, devemos também nos alegrar. Nenhum outro acontecimento pode causar tanta alegria em uma pessoa quanto a sua conversão. É mais importante do que casar-se, tornar-se maior de idade, ser uma pessoa nobre ou receber uma grande fortuna. A conversão é o nascimento de uma alma imortal; significa o resgate de uma alma do inferno. A conversão é o passar da morte para a vida, ser constituído rei e sacerdote para sempre; significa receber as provisões espirituais necessárias tanto para esta época quanto para a eternidade e ser adotado na mais nobre e rica de todas as famílias, a família de Deus. Não devemos nos importar com aquilo que o mundo pensa a respeito deste assunto. Eles falam mal sobre aquilo que não conhecem. Juntamente com Levi, consideremos cada nova conversão como uma oportunidade de intenso regozijo. Esta alegria e satisfação deve ser manifestada sempre que nossos filhos, ou filhas, ou irmãos, ou irmãs, ou amigos nascem de novo e são trazidos a Cristo. Recordemos as palavras do pai do filho pródigo: “Era preciso que nos regozijássemos e nos alegrássemos, porque esse teu irmão estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado” (Lc 15.32).

Em terceiro, estes versículos nos ensinam que *os convertidos desejam promover a conversão de outros*. Somos informados que, após converter-se, Levi ofereceu um banquete e convidou “numerosos publicanos” para dele compartilhar. Provavelmente, muitos desses homens eram seus velhos amigos e companheiros. Ele conhecia bem a necessidade das almas daquelas pessoas, pois havia sido uma delas. Desejou fazê-las conhecer o Salvador, que havia sido misericordioso para com ele. Visto que achara misericórdia, queria que outros também a encontrassem. Uma vez que ele foi graciosamente liberto da escravidão ao pecado, desejou que outros também fossem libertos.

Um verdadeiro crente sempre demonstrará este mesmo sentimento de Levi. Podemos dizer com segurança que não existe graça divina no homem que não se preocupa com a salvação de seus companheiros. O coração realmente ensinado pelo Espírito Santo sempre estará cheio de amor, bondade e compaixão. A alma que foi chamada por Deus desejará ardentemente que outros tenham a mesma chamada. Um homem salvo não desejará ir sozinho para o céu.

Qual tem sido a nossa atitude em relação a este assunto? Conhecemos por experiência própria a atitude de Levi após sua conversão? Nos esforçamos para que nossos amigos e parentes conheçam a Jesus? Falamos a outras pessoas aquilo que Moisés disse a Hobabe: “Vem conosco, e te faremos bem” (Nm 10.29)? Assim como a mulher samaritana, dizemos aos outros: “Vinde comigo e vede um homem que me disse tudo quanto tenho feito” (Jo 4.29)? Clamamos aos nossos parentes, assim como André o fez a Simão: “Achamos o Messias” (Jo 1.41)? Estas são perguntas importantíssimas. Fornecem um teste bastante perscrutador quanto à verdadeira condição de nossa alma. Não evitemos aplicá-las a nós mesmos, pois não existe muito do espírito missionário entre os crentes. Não devemos nos satisfazer em estar seguros. Temos de procurar fazer o bem aos outros. Nem todos podem levar o evangelho a terras distantes, mas todo crente precisa esforçar-se para ser um missionário entre seus companheiros. Tendo recebido misericórdia, não devemos ficar quietos.

Por último, estes versículos nos ensinam *um dos principais objetivos da vinda de Cristo ao mundo*. Nós o encontramos nas famosas palavras: “Não vim chamar justos, e sim pecadores, ao arrependimento”. Esta é a grande mensagem do evangelho, a qual, de uma forma ou de outra, encontramos ensinada em todo o Novo Testamento. É uma lição que jamais será demasiadamente firmada em nossa mente. Nossa justiça própria e nossa ignorância referente às coisas espirituais é tão grande, que constantemente perdemos de vista esta lição. Com frequência precisamos ser lembrados que Jesus não veio a este mundo apenas como um simples Mestre, e sim como o Salvador daqueles que estavam completamente

perdidos e daqueles que confessam ser pessoas miseráveis, desamparadas, corrompidas e arruinadas. Somente estes podem receber os benefícios do Salvador.

Utilizemos esta verdade como se nunca a tivéssemos utilizado. Somos sensíveis à nossa impiedade e pecaminosidade? Sentimos que somos indignos de qualquer coisa e só merecemos ira e condenação? Então, devemos entender que somos as pessoas em benefícios das quais Jesus veio ao mundo. Se nos consideramos justos, o Senhor Jesus nada tem a dizer para nós. Se nos consideramos pecadores, Cristo nos chama ao arrependimento. Não permitamos que esta chamada seja feita em vão.

Prossigamos utilizando esta poderosa verdade, se já a utilizamos antes. Reconhecemos que nossos corações são frágeis e enganosos? Percebemos que, “ao querer fazer o bem”, encontramos “a lei de que o mal reside” em nós (Rm 7.21)? Tudo isto pode ser verdade, mas não deve nos impedir de descansarmos em Cristo. Ele “veio ao mundo para salvar os pecadores”. E, se nos vemos nesta situação, podemos nos apropriar com segurança desta verdade, confiando nEle até ao final de nossa vida. Somente não devemos nos esquecer disto: Cristo veio para chamar-nos *ao arrependimento* e não para sancionar nossa permanência no pecado.

Cristo, o Noivo; Vinho Novo, Odres Novos

Leia Lucas 5.33-39

Primeiramente, devemos observar nestes versículos que *os crentes podem discordar em certos assuntos espirituais, enquanto concordam em outros*. Isto é ressaltado na suposta diferença que havia entre os discípulos de Cristo e os de João Batista. O assunto foi apresentado ao Senhor: “Os discípulos de João e bem assim os dos fariseus freqüentemente jejuam e fazem orações; os teus, entretanto, comem e bebem”.

Não devemos supor que havia qualquer diferença essencial na doutrina ensinada por esses dois grupos de discípulos. Os ensinamentos ministrados por João Batista eram claros e específicos em todos os aspectos importantes à salvação. O homem que disse a respeito de Jesus: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” certamente não ensinaria aos seus discípulos qualquer coisa contrária ao evangelho. Ao ensino de João Batista é claro que faltava a plenitude e a perfeição dos ensinamentos de seu divino Senhor, mas é absurdo supor que um contradiria o outro. Entretanto, havia algumas questões práticas em que os discípulos de João discordavam

dos discípulos de Cristo. Embora concordassem a respeito da necessidade de arrependimento, da santidade e da fé, eles discordavam sobre jejuar, comer, beber e maneiras de adoração pública. Eram unânimes de coração, esperança e objetivo a respeito dos sublimes assuntos relacionados à espiritualidade íntima, mas não eram concordes no que se referia a alguns aspectos exteriores da vida cristã.

Enquanto o mundo existir, veremos diferenças dessa natureza entre os crentes. Devemos lamentá-las, visto que favorecem os ignorantes e preconceituosos. Mas elas existem, sendo uma das evidências de nossa condição pecaminosa. No que se refere à forma de governo da igreja, à maneira de celebrarmos o culto, aos jejuns, a comer, às cerimônias e aos dias santos, os crentes jamais foram completamente unânimes, desde os dias dos apóstolos. Em todos estes assuntos, os mais santos e competentes servos de Deus chegaram a diferentes conclusões. Argumentação, raciocínio, persuasão, perseguição — todos se mostraram incapazes de produzir unidade.

Entretanto, tributemos glória a Deus porque há muitos pontos em que todos os verdadeiros servos de Cristo estão em completa harmonia. No que se refere ao pecado, ao arrependimento, à fé e a santidade, existe uma profunda unidade entre todos os crentes, em cada país, língua, povo e nação. Valorizemos intensamente estes assuntos em nossa vida espiritual. Acima de tudo, estas são as coisas principais sobre as quais devemos pensar na hora da morte e no Dia do Juízo. Nos outros assuntos, podemos discordar. Aquilo que pensamos sobre jejuar, comer, beber e cerimônias terá pouca importância no último dia. Você se arrependeu e está produzindo frutos dignos de arrependimento? Já contemplou pela fé o Cordeiro de Deus e O recebeu como Salvador? Todos que forem achados corretos nestes assuntos serão salvos para sempre.

Em segundo, devemos observar nestes versículos *o nome pelo qual o Senhor Jesus referiu-se a Si mesmo*. Duas vezes Ele utilizou as palavras “o noivo”. Esta expressão, assim como todas as outras que se reportam a Jesus na Bíblia, está repleta de ensinamentos. Conforta e encoraja de maneira especial todos os verdadeiros crentes. Fala-nos sobre o profundo e terno amor que Jesus manifesta para todos os pecadores que crêem nEle. Embora sejam fracos, indignos e imperfeitos, Cristo demonstra terna afeição para com eles, assim como o esposo o faz em relação a sua esposa. Esta expressão nos ensina sobre a íntima *união* que existe entre Jesus e os crentes. É uma união muito mais íntima do que a existente entre um rei e seus súditos, um senhor e seus escravos, um professor e seus alunos, o pastor e suas ovelhas. É a mais íntima de todas as uniões, a união entre o esposo e a esposa — a união sobre a qual está escrito: “O que Deus ajuntou não o separe o homem”.

Acima de tudo, esta expressão nos ensina a completa *participação* em tudo que Jesus é e possui, o que na realidade é o grande privilégio de todo crente. Assim como o marido dá seu nome à esposa, torna-a participante de seus bens, casa, dignidade e assume todos os seus débitos, assim também Cristo age em relação a todos os verdadeiros crentes. Ele toma sobre Si mesmo todos os pecados deles; declara que tornam-se parte dEle mesmo e afirma que, se alguém lhes magoa, está magoando a Ele mesmo. Jesus outorga aos crentes coisas que ultrapassam todo o entendimento humano. E promete que, no mundo vindouro, os crentes se assentarão com Ele na glória e de sua presença jamais sairão.

Se conhecemos alguma coisa referente à genuína vida espiritual, que nos traz salvação, sempre descansemos nossa alma neste nome e ofício de Cristo. Lembremos todos os dias que os mais frágeis membros do corpo de Cristo desfrutam de um cuidado que ultrapassa todo entendimento; e, quem os afligir, está afligindo a menina dos olhos de Cristo. Neste mundo, talvez sejamos considerados pobres, desprezíveis e as pessoas escarneçam de nós, por causa de nosso cristianismo. Mas, se temos fé, somos preciosos aos olhos de Cristo. O noivo de nossas almas um dia pleiteará nossa causa diante de todo o mundo.

Por último, devemos observar nestes versículos a *gentileza e a ternura que Jesus espera seu povo demonstre ao lidar com os crentes novos e inexperientes*. Ele nos ensina esta lição por meio de duas parábolas, extraídas da vida cotidiana. Ele nos fala sobre a tolice de se costurar “um pedaço de veste nova... em veste velha” e de se colocar “vinho novo em odres velhos”. De maneira semelhante, Ele desejava soubéssemos que existe falta de harmonia entre a nova e a velha dispensação. É inútil esperarmos que aqueles que estavam acostumados com o ensino do velho sistema se tornem imediatamente acostumados com outro sistema. Pelo contrário, eles precisam ser treinados progressivamente e ensinados na proporção em que são capazes de entender.

Esta é uma lição que todos os crentes fariam bem se guardassem em seu coração, em especial os ministros do evangelho e os pais crentes. Esquecê-la com freqüência causa muito prejuízo à causa da verdade. Julgamentos severos e expectativas ilógicas dos crentes mais antigos freqüentemente têm desanimado e desencorajado os novos aprendizes da escola de Cristo.

Gravemos em nossa mente o fato de que a graça de Deus deve ter um início no coração de todo crente e que não temos qualquer direito de afirmar que uma pessoa não possui a graça de Deus em seu coração, somente porque não produz frutos imediatamente. Não esperamos que uma criança realize a obra de uma pessoa adulta, embora saibamos que um dia o fará, se viver o bastante para isto. Não devemos esperar que o

recém-convertido demonstre a mesma fé de um velho soldado da cruz. O recém-convertido pode tornar-se, pouco a pouco, um poderoso defensor da verdade. No entanto, precisamos dar-lhe tempo. Existe grande necessidade de sabedoria em lidar com os jovens no que se refere à sua vida espiritual e, falando de maneira geral, em lidar com todos os crentes novos. Bondade, paciência e gentileza são importantíssimas neste assunto. Não devemos tentar colocar o vinho novo com muita rapidez, pois este transbordará. Devemos tratá-los com cuidado e conduzi-los com gentileza. Temos de ficar alerta para não deixá-los apavorados ou nos apressarmos em inculcar-lhes apressadamente as verdades espirituais. Se eles apenas assimilaram os princípios fundamentais do evangelho, não os consideremos pessoas ímpias, por causa de assuntos menos importantes. Devemos suportar as imperfeições e fraquezas, não esperando mentalidade madura em pessoas jovens ou colher maturidade daqueles que ainda são bebês. Havia profunda sabedoria na afirmação de Jacó: “Se forçadas a caminhar demais um só dia, morrerão todos os rebanhos” (Gn 33.13).

Os Discípulos Colhem Espigas no Sábado; Jesus, o Senhor do Sábado

Leia Lucas 6.1-5

Inicialmente, esta passagem nos mostra *que excessiva importância os hipócritas atribuem a coisas triviais*. O relato nos diz que em determinado sábado nosso Senhor estava passando “pelas searas”. Enquanto O seguiam, “seus discípulos colhiam e comiam espigas, debulhando-as com as mãos”. De imediato, os fariseus hipócritas culparam-nos e os acusaram de cometer um pecado. Eles perguntaram: “Por que fazeis o que não é lícito aos sábados?” É evidente que o simples ato de colher as espigas não os tornava culpados. Era algo sancionado pela lei de Moisés (Dt 23.25). O suposto pecado do qual eles foram acusados consistia na quebra do quarto mandamento. Os discípulos de Cristo haviam trabalhado no sábado, ao debulharem e comerem um pouco dos grãos.

Este zelo exacerbado dos fariseus a respeito do sábado, temos de lembrar, não se aplicava aos outros mandamentos mais evidentes da lei de Deus. Muitas outras afirmações do evangelho deixam claro que estes homens, que pretendiam ser tão corretos em um aspecto, eram relaxados e indiferentes em outras questões infinitamente mais importantes. Ao mesmo tempo que ampliavam o mandamento concernente ao sábado,

tirando-lhe o verdadeiro significado, eles publicamente desprezavam o décimo mandamento através de sua notória avareza (Lc 16.14). Esta é exatamente a principal característica dos hipócritas. Servindo-nos de uma ilustração do próprio Senhor Jesus, em algumas coisas os hipócritas são zelosos em coar um mosquito, mas em outras eles engolem um camelo (Mt 23.24).

Um péssimo sintoma do estado em que se encontra a alma de alguém se manifesta quando ele começa a relegar a segundo plano coisas espirituais que devem estar em primeiro lugar e vice-versa, ou quando ele coloca as coisas instituídas por homens acima das estabelecidas por Deus. Tenhamos cuidado para não cair nesse tipo de atitude. Demonstramos existir algo tristemente incorreto em nossa situação espiritual sempre que levamos em conta apenas as coisas exteriores daqueles que se declaram cristãos e sempre que nossa principal indagação é se eles cultuam a Deus em nossa igreja e O servem da mesma maneira que o fazemos. Eles realmente se arrependeram de seus pecados? Eles crêem em Cristo? Estão vivendo vidas santas? Estes são os assuntos sobre os quais devemos concentrar nossa atenção. Quando começamos a colocar em primeiro lugar qualquer outra coisa, ao invés destas, corremos o risco de nos tornarmos como os fariseus e acusadores dos seguidores de Cristo.

Em segundo, esta passagem nos mostra *a maneira graciosa como nosso Senhor defendeu a causa de seus discípulos perante seus acusadores*. Ele respondeu a objeção ardilosa dos fariseus utilizando argumentos que, se não os deixou convencidos, pelo menos os silenciou. O Senhor Jesus não deixou seus discípulos lutarem sozinhos. Socorreu-os e advogou sua causa.

Neste acontecimento temos uma ilustração admirável da obra que Ele sempre realiza em favor de seu povo. Existe alguém que a Bíblia chama de “o acusador de nossos irmãos, o mesmo que os acusa de dia e de noite” (Ap 12.10), ou seja, o próprio Satanás, o príncipe deste mundo. Quantos motivos de acusação oferecemos a Satanás, por causa de nossa imperfeição. Quantas acusações ele corretamente lança contra nós diante de Deus. No entanto, sejamos gratos a Deus, porque nós, crentes, “temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo” (1 Jo 2.1), que está sempre pleiteando a causa de seu povo nos céus e continuamente intercedendo por eles. Devemos nos sentir confortados por este pensamento. Todos os dias, descansemos nossa alma, recordando que temos um grande Amigo no céu. Seja esta a nossa oração matutina e vespertina: “Responde-o por mim, responde-o, ó Senhor, meu Deus!”

Por último, esta passagem nos mostra *a clareza com que Jesus falou sobre as verdadeiras exigências do quarto mandamento*. Aos fariseus hipócritas, que pretendiam ser tão rigorosos quanto à observância do

sábado, Ele disse que este mandamento jamais havia sido dado para impedir obras de necessidade. Ele os fez recordar que o próprio Davi, quando teve fome, tomou e comeu os pães da proposição, que poderiam ser comidos apenas pelos sacerdotes, e que essa atitude foi permitida por Deus, porque era uma obra necessária. Jesus também argumentou, citando o caso de Davi, que Deus permitira serem infringidas as normas de seu templo, em casos de necessidade; esse mesmo Deus sem dúvida permitiria que obras verdadeiramente necessárias fossem realizadas em seu sábado.

Devemos avaliar com atenção o caráter do ensino de nosso Senhor a respeito da observância do sábado, tanto nesta quanto em outras passagens dos evangelhos. Não podemos nos deixar iludir pela idéia de que o dia de descanso é simplesmente uma ordenança judaica, que foi abolida e rejeitada pelo Senhor Jesus. Não existe qualquer passagem nos evangelhos que comprove isso. Sempre que encontramos nosso Senhor falando sobre o dia de descanso, Ele fala contra os falsos conceitos ensinados pelos fariseus no que se referia ao sábado; Ele não falava contra a obediência ao quarto mandamento. Ele purificou o ensino sobre este mandamento, retirando as adições com as quais os judeus o haviam contaminado; todavia, Jesus nunca declarou que o crentes não têm o dever de observar o quarto mandamento. Mostrou que o descanso do sétimo dia não tinha o objetivo de impedir a realização de obras de necessidade e misericórdia, mas nada afirmou para deixar implícito que a observância do quarto mandamento teria de findar, como parte da lei cerimonial.

Vivemos numa época em que uma rigorosa obediência do quarto mandamento é publicamente denunciada, em algumas alas dos evangélicos, como um remanescente da superstição judaica. Com ousadia, alguns asseveram que é correto considerarmos santo o dia de descanso, mas forçar os crentes a obedecer o quarto mandamento significa um retorno à servidão. Porém, devemos guardar em nosso coração o fato de que o quarto mandamento jamais foi rejeitado por Cristo e de que não temos direito de quebrar esta ordenança na época do Novo Testamento, assim como não temos o direito de assassinar ou roubar. O arquiteto que administra reparos em um edifício e o restaura para sua adequada utilização não é o destruidor e sim o preservador de tal edifício. O Salvador que reduziu o sábado, purificando-o das tradições judaicas e, com frequência, explicou seu verdadeiro significado nunca deve ser reputado como inimigo do quarto mandamento. Pelo contrário, Ele o magnificou e o tornou digno de honra.

Sejamos firmes em observar nosso dia de descanso, servindo-nos dele como um instrumento para preservar nossa vida espiritual. Guardemo-nos das investidas de homens ignorantes e astuciosos, que irrefletidamente transformam o dia do Senhor em um dia de negócios e prazeres. Acima

de tudo, esforcemo-nos para preservar como santo o dia do Senhor. A prosperidade de nossa vida espiritual depende da maneira como utilizamos o domingo.

A Cura do Homem da Mão Ressequida; Defendendo a Prática de Fazer o Bem no Dia do Senhor

Leia Lucas 6.6-11

Estes versículos contêm outro exemplo da maneira de nosso Senhor lidar com a questão do quarto mandamento. Novamente O encontramos em confrontação com as vãs tradições dos fariseus referentes a este mandamento. Uma vez mais, vemos o Senhor Jesus purificando o dia do Senhor, removendo as impurezas da tradição humana e apresentando as corretas exigências deste mandamento.

Estes versículos nos ensinam que *é lícito fazer obras de misericórdia no dia do Senhor*. Somos informados que, diante de escribas e fariseus, no sábado nosso Senhor curou um homem que tinha uma de suas mãos ressequida. Ele sabia que estes inimigos de toda a justiça estavam “procurando ver se ele faria uma cura no sábado, a fim de acharem de que o acusar”. Jesus ousadamente afirmou que era lícito realizar tais obras de misericórdia, mesmo no dia sobre o qual Deus havia dito: “Não farás nenhum trabalho”. Ele francamente os desafiou a demonstrarem que esse tipo de obra contrariava a lei. Jesus lhes perguntou: “Que vos parece? É lícito, no sábado, fazer o bem ou o mal? Salvar a vida ou deixá-la perecer?” Os seus inimigos foram incapazes de responder esta pergunta.

O princípio aqui estabelecido possui ampla aplicação. O quarto mandamento jamais teve a intenção de ser interpretado como algo que prejudicaria o corpo das pessoas. Esse mandamento admitia ser adaptado ao estado de coisas que o pecado trouxera à raça humana. Não tinha o objetivo de proibir que as pessoas manifestassem bondade aos aflitos no dia de descanso ou atendessem às necessidades dos enfermos. Podemos ministrar conforto a um enfermo, nos ausentando do culto dominical, a fim de procurar atendimento médico, ou sermos úteis assistindo a alguém que está doente, ou visitar órfãos e viúvas em dificuldades, ou pregar e ensinar o evangelho aos incrédulos. Estas são obras de misericórdia. Podemos fazê-las e, assim mesmo, santificar o dia do Senhor. Realizando-as, não estaremos desobedecendo a lei de Deus.

No entanto, algo precisa ser cuidadosamente lembrado. Devemos

ter cuidado para não abusarmos da liberdade que recebemos de Cristo. É nisto que se encontra nosso maior perigo, nos tempos modernos. Existe pouco risco de cometermos o mesmo erro dos fariseus, guardando o domingo de maneira mais rigorosa do que Deus nos ordenou. O que devemos temer é a disposição habitual de negligenciar o dia do Senhor, roubando-o da honra que devemos tributar-lhe. Cuidemos de nós mesmos nesta questão. Estejamos atentos para não transformarmos o dia do Senhor em um dia de visitas, festas, viagens e prazeres coletivos. Estas não são obras de misericórdia e necessidade, apesar do que afirma o mundo egoísta e incrédulo. Aquele que gasta seus domingos em atividades como estas está cometendo um grande pecado e demonstrando que está completamente despreparado para o grande descanso no céu.

Em segundo, estes versículos nos ensinam *o perfeito conhecimento que nosso Senhor possuía a respeito dos pensamentos do homem*. Nós o percebemos na linguagem que Lucas empregou a respeito de Jesus, quando disse que os escribas e fariseus O estavam observando — Jesus conhecia-lhes “os pensamentos”.

Expressões semelhantes a esta constituem uma das muitas evidências da divindade de nosso Senhor. Somente Deus sabe o que se passa nos corações dos homens. Aquele que podia discernir os intentos e imaginações íntimas das pessoas era mais do que homem. Sem dúvida, Ele era um homem igual a nós em todos os aspectos, excetuando apenas o pecado. Isto nós podemos assegurar com certeza aos socinianos, os quais negam a divindade de Cristo. Os textos que eles utilizam para comprovar a humanidade de Jesus são versículos cujo ensino nós defendemos e cremos tão plenamente quanto eles. Porém, existem outras passagens bíblicas provando que Jesus tanto era Deus quanto homem. Estes versículos de Lucas constituem uma destas passagens. Mostram-nos que Jesus é “Deus bendito para todo o sempre” (Rm 9.5).

Lembrar que Jesus possui este perfeito conhecimento sempre exerce uma influência humilhante sobre nossa alma. Quantos pensamentos vão e imaginações mundanas surgem em nossa mente a cada hora, os quais as outras pessoas jamais percebem. Quais são os nossos pensamentos neste exato momento? Quais têm sido nossos pensamentos neste dia, quando lemos e ouvimos esta passagem das Escrituras? Poderiam ser examinados publicamente? Desejamos que os outros saibam tudo que se passa em nosso íntimo? Estas são perguntas sérias, que exigem respostas sinceras. Seja qual for nosso conceito referente a tais perguntas, estejamos certos de que a cada momento o Senhor Jesus está lendo os nossos corações. Na verdade, temos de nos humilhar diante dEle e, todos os dias, clamar: “Quem há que possa discernir as próprias faltas? Absolve-me das que me são ocultas”; “Ó Deus, sê propício a mim, pecador!”

Por último, esta passagem nos ensina *a natureza do primeiro ato de fé, quando a alma se converte a Deus*. Esta lição é transmitida de maneira admirável pela história da cura descrita nesta passagem. Lemos que nosso Senhor disse ao homem da mão ressequida: “Estende a mão”. À primeira vista, esta ordem parecia sem lógica, porque a obediência daquele homem aparentemente era impossível. Contudo, o infeliz não foi impedido por dúvidas e argumentações desse tipo. De imediato, ele fez a tentativa de estender sua mão e, ao agir assim, foi curado; teve fé suficiente para crer que Aquele que lhe ordenara estender a mão não estava zombando e devia ser obedecido. Foi exatamente por meio deste ato de obediência implícita que ele recebeu a bênção — “a mão lhe foi restaurada”.

Nesta simples história, devemos encontrar a melhor resposta para as dúvidas, hesitações e questionamentos que com frequência deixam perplexos aqueles que ansiosamente perguntam-nos a respeito de virem a Cristo. “Como poderemos crer?”, indagam eles. “Como poderemos vir a Cristo? Como poderemos lançar mão da esperança proposta?” A melhor resposta para todas estas indagações é ordenar-lhes que façam a mesma coisa que o homem da mão ressequida fez. Eles não devem continuar questionando, e sim agir. Não devem se atormentar com especulações metafísicas, mas entregarem-se ao Senhor Jesus, assim mesmo como são. Se fizerem isto, acharão esclarecimento para sua jornada. De que maneira o acharão, não somos capazes de explicar. Mas podemos afirmar ousadamente que, na atitude de se esforçarem para aproximarem-se de Deus, haverão de encontrá-Lo aproximando-se deles. Todavia, se deliberadamente continuarem onde estão, jamais devem esperar serem salvos.

Oração de Cristo Diante dos Apóstolos; Nomes e Posição dos Apóstolos

Leia Lucas 6.12-19

Estes versículos descrevem nosso Senhor Jesus Cristo designando os doze apóstolos. A designação foi o início do ministério cristão. Foi a primeira ordenação ministrada pelo próprio Cabeça da igreja. Desde o dia em que ocorreram os eventos aqui mencionados, milhares de ordenações ao ministério já foram realizadas. Milhares de pastores, presbíteros e diáconos têm sido chamados ao ofício do ministério cristão e, às vezes, com mais pompa e esplendor do que encontramos nesta ocasião. Porém, jamais houve ordenação tão solene quanto esta. Jamais quaisquer outros

homens, além dos apóstolos, foram chamados para fazer tanto em benefício da igreja e do mundo.

Inicialmente, observemos nestes versículos que *a ordenação dos primeiros ministros do evangelho aconteceu somente após muita oração*. O texto nos diz que Jesus “retirou-se para o monte, a fim de orar, e passou a noite orando a Deus. E, quando amanheceu, chamou a si os seus discípulos e escolheu doze dentre eles, aos quais deu também o nome de apóstolos”. Não há dúvida de que existe profundo significado nesta especial menção de Jesus orando nesta ocasião. Isto foi mencionado a fim de se tornar-se uma lição permanente para a igreja. Tinha o objetivo de nos mostrar a grande importância de orar e interceder pelos ministros do evangelho e, em especial, na época de sua ordenação. Aqueles que recebem o encargo de oficiarem a ordenação também devem orar para que “a ninguém” imponham “precipitadamente as mãos” (1 Tm 5.22). Aqueles que se candidatam à ordenação devem orar para que não assumam uma obra para a qual não estão preparados ou não foram enviados. Os leigos da igreja também deveriam orar para que sejam ordenados apenas aqueles que são intimamente movidos pelo Espírito Santo. Felizes são aquelas ordenações em que todos os interessados possuem a mesma maneira de pensar que houve em Cristo Jesus e se reúnem em espírito de oração.

Desejamos contribuir para o avanço da causa da religião pura e imaculada no mundo? Jamais esqueçamos de orar pelos ministros do evangelho, em especial pelos jovens que desejam ingressar no ministério. O progresso do evangelho depende do caráter e da conduta daqueles que professam anunciá-lo. Nunca devemos esperar que um pregador não-convertido faça o bem às pessoas. Ele não pode ensinar corretamente aquilo que não experimenta em sua alma. Precisamos orar para que a igreja seja livre de tais homens. Pregadores convertidos são um dom especial de Deus. Os homens não podem produzi-los. Se desejamos ter bons ministros do evangelho, precisamos recordar o exemplo de nosso Senhor e orar por eles. Sua tarefa é árdua; sua responsabilidade, enorme; seu poder, diminuto. Estejamos amparando e sustentando-os com nossas orações. Neste e em muitos outros casos, as palavras de Tiago infelizmente se aplicam com exatidão: “Nada tendes, porque não pedis” (Tg 4.2). Não suplicamos a Deus que nos conceda uma abundância de jovens convertidos para assumirmos nossos púlpitos. Ele, por sua vez, castiga a nossa negligência por não levantar tais jovens na igreja.

Em segundo, observemos nestes versículos *quão pouco sabemos a respeito da posição que ocuparam no mundo os primeiros ministros da igreja de Cristo*. Sabemos que quatro dentre eles eram pescadores; e um, pelo menos, publicano. A maioria deles era composta de galileus. E, conforme sabemos do Novo Testamento, nenhum deles era muito rico,

nobre ou possuía relacionamentos importantes. Não havia entre eles nenhum fariseu, ou escriba, ou sacerdote, ou príncipe, ou governante de seu povo. Todos aparentemente eram “iletrados e incultos”(At 4.13); eram pobres.

Existe algo profundamente instrutivo neste fato. Isso nos mostra que o reino de Jesus não carece da ajuda deste mundo. Sua igreja está sendo edificada não por meio de força ou de poder, e sim pelo Espírito do Deus vivo (Zc 4.6). Este fato nos fornece uma inquestionável prova da origem divina do cristianismo. Uma religião que transtornou o mundo, quando seus primeiros pregadores eram homens iletrados, só pode ter sua origem no céu. Se os apóstolos tivessem dinheiro para dar aos seus ouvintes, ou tivessem sido acompanhados por exércitos a amedrontar as pessoas, os incrédulos poderiam com razão negar que acontecia algo extraordinário no sucesso do cristianismo. Mas a pobreza dos discípulos de nosso Senhor destrói pela raiz os argumentos dos incrédulos. Com uma doutrina bastante desagradável ao coração natural, sem possuir nada para subornar ou compelir as pessoas à obediência, alguns poucos galileus abalaram o mundo e transformaram o aspecto do império romano.

Lembremo-nos destas coisas e nos esforcemos para fazer algo por Cristo e tenhamos cuidado para não confiar no braço da carne. Estejamos alerta contra a disposição íntima, comum a todas as pessoas, de confiarmos no dinheiro ou no patrocínio de homens importantes, tendo em vista o sucesso do evangelho. Se desejamos fazer o bem às almas, não podemos depender do poder deste mundo. Devemos começar onde começaram as igrejas de Cristo e procurar homens cheios do Espírito Santo.

Por último, observemos nestes versículos que *um daqueles que nosso Senhor escolheu para ser apóstolo era um falso discípulo e traidor*. Era Judas Iscariotes. Não podemos duvidar que, ao escolher Judas Iscariotes, nosso Senhor bem sabia o que estava fazendo. Ele era capaz de perscrutar os corações e, com certeza, sabia, desde o início, que, apesar de professar falsamente sua piedade, Judas Iscariotes era um homem que não possuía a graça de Deus e haveria de traí-Lo. Por que o Senhor Jesus o escolheu para ser apóstolo? Esta pergunta tem causado perplexidade em muitos. Porém, ela admite apenas uma resposta satisfatória. Assim como todas as coisas que nosso Senhor fazia, a escolha de Judas foi realizada com meditação, determinação pessoal e sabedoria. Isto transmite lições de sublime importância para toda a igreja de Cristo.

A escolha de Judas Iscariotes tinha o propósito de ensinar humildade aos pastores. Eles não devem pensar que a ordenação ao ministério necessariamente transmite graça ou que os ministros depois de ordenados não cometem erros. Pelo contrário, eles precisam lembrar que um dos homens ordenados por Cristo era um hipócrita. Os pastores que desejam

permanecer firmes estejam atentos para não caírem (1 Co 10.12).

Ainda, a escolha de Judas tinha o objetivo de ensinar os membros das igrejas a não idolatrarem seus pastores. Precisam ter elevada consideração por eles, por causa da obra que realizam, mas não devem prostrar-se diante deles, como se fossem infalíveis, honrando-os de uma forma que a Bíblia não recomenda. Os membros das igrejas precisam lembrar que pastores podem ser sucessores de Judas Iscariotes, ou de Pedro, ou de Paulo. O nome de Judas deve ser um constante aviso para os crentes se afastarem do homem ímpio (Is 2.22). “Portanto, ninguém se glorie nos homens” (1 Co 3.21).

Finalmente, a escolha de Judas tinha o propósito de ensinar a toda a igreja que ela não deve ter a expectativa de ver uma perfeita e pura comunhão no presente estado em que as coisas se encontram. O joio e o trigo, os peixes bons e os ruins serão encontrados juntos, até que o Senhor Jesus volte. Em vão buscamos perfeição na igreja visível. Jamais a acharemos. Alguém como Judas se encontrava entre os apóstolos de Cristo. Pessoas convertidas e incrédulos serão encontradas juntas em todas as igrejas.

Aqueles que Cristo Abençoou; Aqueles que Ele Amaldiçoou

Leia Lucas 6.20-26

Este discurso de nosso Senhor é muito semelhante ao seu famoso Sermão do Monte. A semelhança é tão admirável, que alguém poderia concluir que Mateus e Lucas estão se referindo ao mesmo discurso e que Lucas apresentou de maneira sucinta aquilo que Mateus relatou completamente. Não parece haver base suficiente para chegarmos a esta conclusão. Eram diferentes as ocasiões em que os dois sermões foram pronunciados. Não é algo extraordinário nosso Senhor ter repetido um ensino importante, utilizando quase as mesmas palavras, em duas ocasiões diferentes. É ilógico supor que Ele não repetiu nenhum de seus poderosos ensinamentos. No caso que estamos considerando, a repetição é bastante significativa. Mostra-nos a grande e profunda importância das lições que ambos os discursos contêm.

Primeiramente, estes versículos nos falam sobre *quem são aqueles que o Senhor Jesus declarou benditos*. A lista é admirável e surpreendente. Jesus destaca aqueles que são “pobres”, aqueles que têm “fome”,

aqueles que choram e aqueles que são odiados pelos homens. Estas são as pessoas a respeito das quais o Cabeça da igreja afirmou: “Bem-aventurados sois”.

Quando lemos estas afirmações, precisamos ter cuidado para não interpretarmos de maneira incorreta as palavras de nosso Senhor. Em momento algum devemos imaginar que o simples fato de alguém ser pobre, estar faminto, sentir tristeza e ser odiado pelos homens lhe dá o direito de afirmar que está sob a bênção de Cristo. A pobreza aqui mencionada é aquela que vem acompanhada da graça divina. A fome é aquela que resulta de uma fiel aproximação ao Senhor Jesus. As aflições são as aflições por causa do evangelho. A perseguição é aquela que surge por causa de nosso amor ao Filho de Deus. A fome, a pobreza, as aflições e as perseguições aqui mencionadas são as conseqüências inevitáveis da fé em Cristo, no início do cristianismo. Muitos tiveram de desistir de todas as coisas deste mundo por causa de sua vida cristã. Jesus tinha em mente este tipo de pessoa quando pronunciou estas palavras. Desejava oferecer especial ânimo e consolação para eles e para todos os que, como eles, sofrem por amor ao evangelho.

Em segundo, estes versículos nos falam sobre *quem são aqueles para os quais o Senhor Jesus pronunciou as solenes palavras “Ai de vós”*. Mais uma vez ouvimos expressões que, à primeira vista, parecem bastante extraordinárias. “Mas ai de vós, os ricos! Porque tendes a vossa consolação. Ai de vós, os que estais agora fartos! Porque vireis a ter fome. Ai de vós, os que agora rides! Porque haveis de lamentar e chorar. Ai de vós, quando todos vos louvarem! Porque assim procederam seus pais com os falsos profetas.” Afirmações mais severas e mais chocantes do que estas não podem ser encontradas no Novo Testamento.

No entanto, assim como nas afirmações anteriores, precisamos ter cuidado para não entendermos erroneamente o significado destas palavras de Jesus. Não devemos supor que possuir riquezas, ter um espírito de regozijo e receber elogios dos homens necessariamente constituem provas de que tais pessoas não são discípulos de Cristo. Abraão e Jó eram ricos. Davi e Paulo tiveram momentos de intenso regozijo. Timóteo foi um crente que tinha “bom testemunho dos de fora” (1 Tm 3.7). Estes homens, nós o sabemos, eram verdadeiros servos de Deus. Todos foram abençoados nesta vida e receberão seus galardões no dia em que Ele se manifestar.

Quem são aqueles sobre os quais nosso Senhor disse: “Ai de vós”? São aqueles que se recusam a acumular tesouro nos céus, porque amam as coisas deste mundo e não desistirão de seus bens, se for necessário, por amor a Cristo. São pessoas que preferem as alegrias e a suposta felicidade deste mundo, ao invés de escolherem a paz e alegria resultantes do crer em Cristo, e não se arriscarão a perder aquelas para ganhar estas. São

pessoas que amam o louvor que procede dos homens, mais do que o louvor proveniente de Deus, pessoas que desprezarão a Cristo, ao invés de desprezar o mundo. Esse é o tipo de pessoa que o Senhor Jesus tinha em mente quando disse: “Ai de vós”. Ele bem sabia que existiam milhares destas pessoas entre os judeus, milhares que, apesar de ouvirem seus sermões e contemplarem seus milagres, amariam mais ao mundo do que a Ele. O Senhor Jesus tinha certeza de que sempre haveria milhares deste tipo de pessoas no cristianismo nominal, milhares que, embora convencidos da verdade do evangelho, jamais desistiriam de qualquer coisa por amor a Ele. Para todos estes, Jesus pronunciou essas terríveis palavras: “Ai de vós”.

Uma importante lição se destaca com clareza nestes versículos. Devemos guardá-la em nosso coração para recebermos sabedoria. Esta lição é a completa diferença que existe entre a mentalidade de Cristo e as opiniões habituais dos homens, a completa divergência que existe entre os pensamentos de Jesus e os conceitos que prevalecem nos homens. As condições de vida que o mundo reconhece como desejável são as mesmas sobre as quais nosso Senhor pronunciou maldição. Pobreza, fome, tristeza e perseguição são coisas que os homens se esforçam para evitar. Riqueza, abundância, alegria, divertimento, popularidade são exatamente as coisas que os homens estão sempre lutando para conseguir. Mesmo quando tivermos dito tudo que pudermos para qualificar, esclarecer e limitar as palavras de nosso Senhor, ainda permanecerão duas afirmações avassaladoras que contradizem os ensinamentos atuais da humanidade. O tipo de vida que nosso Senhor abençoa é aquele que o mundo detesta. As pessoas sobre as quais nosso Senhor disse: “Ai de vós”, são estas que o mundo admira, elogia e segue. Este é um fato terrível, que deve nos levar a examinar nosso próprio coração.

Devemos terminar nossas considerações sobre esta passagem realizando um sincero auto-exame. Indaguemos a nós mesmos o que pensamos a respeito das maravilhosas afirmações contidas nesta passagem. Concordamos com o que foi dito por nosso Senhor? Realmente cremos que a pobreza e a perseguição, suportadas por amor a Cristo, são bênçãos positivas? Acreditamos que riquezas, satisfações mundanas e popularidade entre os homens, quando buscadas mais do que a salvação ou preferidas mais do que o louvor proveniente de Deus, são verdadeiras maldições? Realmente pensamos que o favor de Cristo, acompanhado de dificuldades e palavras maldosas da parte dos incrédulos, é mais digno de possuírmos do que riquezas, diversão e um bom nome entre os homens? Estas são perguntas importantes, que exigem respostas sérias. Os versículos que estamos considerando apresentam um eminente teste para comprovar a realidade de nosso cristianismo. Nenhuma pessoa incrédula jamais gostará

e aceitará as verdades neles contidas. Felizes são aqueles que experimentaram a veracidade destas palavras de Jesus e podem dizer “Amém!” a todas elas. Não importa o que os homens pensam, aqueles que Cristo abençoa estão abençoados, aqueles que Ele não abençoa serão lançados fora para todo o sempre.

A Natureza e a Amplitude do Amor Cristão; A Norma para Esclarecer Situações Duvidosas; O Exemplo de Deus; A Recompensa do Amor

Leia Lucas 6.27-38

O ensino de nosso Senhor, nestes versículos, se limita a um importante assunto: o amor e a bondade cristã. O amor é a grande característica do evangelho, o vínculo da perfeição, o elemento sem o qual o homem nada vale aos olhos de Deus. Nestes versículos, o amor é explicado e intensamente incentivado. Seria bom para a igreja, se os preceitos de Cristo referentes ao amor, apresentados nesta passagem, fossem estudados com mais atenção e observados com mais diligência.

Primeiramente, nosso Senhor *explicou a natureza e a amplitude do amor cristão*. Os discípulos talvez perguntaram: “A quem devemos amar?” Jesus ordenou-lhes amar seus inimigos, fazer o bem àqueles que os odiavam, abençoá-los e não amaldiçoá-los e orar por aqueles que os caluniavam. O amor dos discípulos deveria ser semelhante ao do próprio Jesus para com os pecadores — altruísta, não interesseiro, destituído de qualquer esperança de retorno. Talvez os discípulos indagaram: “Como deve ser este amor?” Deveria ser caracterizado por sacrifício pessoal e autonegação. “Ao que te bate numa face, oferece-lhe também a outra; e, ao que tirar a tua capa, deixa-o levar também a túnica.” Os discípulos deveriam estar dispostos a perder e suportar muitas coisas, a fim de manifestarem bondade e evitarem contendas. Teriam de rejeitar seus próprios direitos e submeterem-se às pessoas erradas, ao invés de suscitarem sentimentos de rancor e criarem desavenças. Nestas coisas eles deveriam ser semelhantes ao seu Mestre, longânimos, mansos e humildes de coração.

Em segundo, nosso Senhor estabeleceu *uma regra áurea para esclarecermos situações duvidosas*. Com certeza, Ele sabia que haveria ocasiões em que nossa maneira de agir em relação ao próximo não estaria definida com exatidão. Ele sabia que o egoísmo e o interesse pessoal às vezes ofuscam intensamente nosso conceito sobre o certo e o errado. Ele

nos forneceu um preceito para nos orientar em todos os casos que necessitamos de sabedoria, um preceito que mesmo os incrédulos são constrangidos a admirar: “Como quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles”. Fazer aos outros conforme eles nos fazem e retribuir o mal por mal é o padrão de conduta característico dos incrédulos. Agir com os outros conforme desejamos que eles se comportem em relação a nós, independentemente das atitudes que manifestam para conosco, é a característica que todo crente deve ter como seu alvo. Isto significa andar nos passos de seu bendito Salvador. Se nosso Senhor houvesse lidado com o mundo de conformidade com a maneira como este lidou com Ele, todos nós estaríamos condenados para sempre ao inferno.

Em terceiro, nosso Senhor ressaltou aos seus discípulos *a necessidade de possuírem um elevado padrão de conduta para com seu próximo, mais elevado do que o dos filhos deste mundo*. Ele recordou-lhes que amar aqueles que os amavam e fazer o bem àqueles de quem esperavam receber é uma atitude característica dos pecadores que não conhecem nada do evangelho. O crente tem de possuir um estilo de vida completamente diferente daquele que os incrédulos possuem. Seus sentimentos de amor e suas obras de bondade têm de ser semelhantes às de seu Senhor, espontâneas e liberais. Ele precisa deixar os incrédulos perceberem que sua bondade não se limita àqueles de quem espera receber algo de volta. Alguém pode demonstrar caridade esperando ganhar algo com isto. Mas este tipo de caridade jamais deve satisfazer o crente. A pessoa que a pratica deve recordar que sua atitude é semelhante à dos idólatras.

Em quarto, nosso Senhor mostrou aos seus discípulos que, *ao realizarem suas obras em favor do próximo, eles deveriam seguir o exemplo dado por Deus*. Se professam ser “filhos do Altíssimo”, devem levar em conta que “ele é benigno até para com os ingratos e maus”; portanto, devem aprender de seu Pai a serem misericordiosos, assim como Ele é. A extensão das misericórdias de Deus, não reconhecidas pelos homens, jamais pode ser medida. Todos os anos Ele outorga benefícios a milhões de pessoas que não honram o Doador dos benefícios. No entanto, a cada ano os benefícios continuam sendo concedidos. “Não deixará de haver sementeira e ceifa, frio e calor, verão e inverno, dia e noite” (Gn 8.22). As misericórdias do Senhor duram para sempre. Sua amável bondade jamais se cansa. Sua compaixão não falha. Assim devem ser todos que professam ser filhos dEle. Falta de ações de graça e ingratidão não deve torná-los relaxados em fazer obras de amor e misericórdia. Assim como o seu Pai celestial, eles jamais devem se cansar de fazer o bem.

Por último, nosso Senhor assegurou aos seus discípulos que *viver de acordo com o elevado padrão de bondade que Ele recomendou trará recompensa*. Ele disse: “Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis

e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados; dai, e dar-se-vos-á". E conclui afirmando: "Com a medida com que tiverdes medido vos medirão também". O significado geral destas palavras parece ser que, a longo prazo, ninguém sairá perdendo ao praticar atos de um amor caracterizado por bondade, paciência, longanimidade e autonegação. Às vezes, tudo parece indicar que tal pessoa nada consegue com esse tipo de conduta e que o ridículo, a zombaria e a injúria são os únicos resultados. Sua bondade pode tentar os outros a se imporem sobre ele. Sua paciência e tolerância podem sofrer abusos. Mas, por fim, ele se verá como um ganhador — com freqüência, um ganhador nesta vida; com certeza, um ganhador na vida por vir.

Este é o ensino de nosso Senhor a respeito do amor. Poucos de seus ensinamentos atingem o coração de uma maneira tão profunda e perscrutadora quanto estes que acabamos de considerar. Poucas passagens da Bíblia se mostram tão humilhadoras quanto estes versículos.

Quão pouco encontramos desse tipo de amor, recomendado por nosso Senhor, quer na igreja, quer no mundo. É muito comum encontrarmos ira, raiva intensa e sensibilidade mórbida, no que se refere àquilo que chamamos de *honra*, e disposição para contender na mais insignificante ocasião. Raramente vemos homens e mulheres que amam seus inimigos e fazem o bem, não esperando receber nada de volta, abençoam aqueles que os amaldiçoam e são bondosos para os ingratos e maus. Aqui recordamos aquelas palavras de nosso Senhor: "Estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela" (Mt 7.14).

Quão feliz seria o mundo se os preceitos de Cristo fossem rigidamente obedecidos. As principais causas de tristezas na humanidade são o egoísmo, contendas, falta de bondade e carência de amor. Não existe um erro tão grande quanto o supor que o verdadeiro cristianismo atrapalha a felicidade das pessoas. O desfrutar pouco do verdadeiro cristianismo, e a falta de dedicação às coisas espirituais, é o que torna as pessoas deprimidas, infelizes e miseráveis. Onde Cristo for conhecido e obedecido, ali haverá sempre genuíno gozo e paz.

Por experiência própria, conhecemos algo desta bendita graça do amor? Então, pela fé, procuremos unir nossas almas a Cristo, sejamos ensinados e santificados pelo Espírito Santo. Não colhemos uvas de espinheiros ou figos de abrolhos. Não podemos ter flores sem raízes ou frutos sem árvores. Não podemos ter o fruto do Espírito sem união vital com Cristo e uma nova criação em nosso íntimo. Aqueles que ainda não nasceram de novo são incapazes de amar da maneira como Cristo ordena.

Avisos Sobre os Falsos Mestres; A Importância de uma Vida Pura; Frutos, Único Teste do Caráter

Leia Lucas 6.39-45

Primeiramente, destes versículos aprendemos sobre *o grande perigo de ouvirmos falsos ensinadores das coisas espirituais*. Nosso Senhor comparou tais ensinadores e seus ouvintes a um cego que guia outro cego e fez a indagação lógica: “Não cairão ambos no barranco?” Ele prosseguiu confirmando a importância deste aviso, ao declarar: “O discípulo não está acima do seu mestre”; ou seja, não devemos esperar que o aluno saiba mais do que seu professor. Se alguém ouve falsa doutrina, não esperemos que ele se torne outra coisa além de incorreto nas coisas relacionadas à própria fé.

O assunto que nosso Senhor colocou diante de nós nestes versículos merece mais atenção do que normalmente recebe. É incalculável a quantidade de males que ensinamentos incorretos causaram à igreja em todas as épocas de sua história. É terrível contemplarmos a perdição das almas que este tipo de ensino tem ocasionado. Um ensinador que não conhece, por si mesmo, o caminho do céu não conduzirá seus ouvintes a seguirem este caminho. Aqueles que ouvem este ensinador correm o terrível risco de perderem suas almas eternamente. “Pode, porventura, um cego guiar a outro cego? Não cairão ambos no barranco?”

Se desejamos escapar do perigo sobre o qual nosso Senhor aqui nos adverte, não podemos ser negligentes em comprovar através das Escrituras o ensino que ouvimos. Não precisamos acreditar no que ouvimos somente porque os pastores assim disseram. Não devemos imaginar que os ministros do evangelho não cometem erros. Temos de recordar as palavras de nosso Senhor proferidas em outra ocasião: “Acautelai-vos dos falsos profetas” (Mt 7.15). Precisamos lembrar os avisos dos apóstolos Paulo e João: “Julgai todas as coisas, retende o que é bom” (1 Ts 5.21); “Provai os espíritos se procedem de Deus” (1 Jo 4.1). Com a Bíblia ao nosso lado e a promessa de orientação do Espírito Santo para todos aqueles que a buscam, estaremos sem desculpas se nossas almas forem enganadas. A cegueira dos pastores não constitui uma desculpa para a ignorância das pessoas. Não importando quão incorreto seja o ensino recebido, a pessoa que, motivada por indolência, superstição e falsa humildade, recusa-se a desconfiar do ensino do pregador sob cuja influência está, finalmente compartilhará da mesma recompensa de seu mestre. Se as pessoas confiam em guias cegos, não devem ficar surpresas se forem conduzidas ao inferno.

Em segundo, destes versículos aprendemos que *devem se esforçar para manter uma vida pura aqueles que repreendem os pecados dos outros*. Nosso Senhor nos ensina esta lição por meio de uma afirmação prática. Ele nos mostra a falta de lógica da parte de uma pessoa culpar a outra por ter “um argueiro”, ou seja, algo insignificante em seu olho, enquanto ela própria tem uma “trave”, ou seja, algo enorme e formidável, em seu próprio olho.

Sem dúvida, esta é uma lição que tem de ser recebida com qualificações bíblicas e adequadas. Se alguém tivesse de pregar e ensinar aos outros somente quando estivesse completamente sem falhas, não haveria ensino ou pregação no mundo. Aquele que errou jamais seria corrigido, e os ímpios nunca seriam repreendidos. Atribuir este significado às palavras de nosso Senhor fá-las colidir com o evidente ensino das Escrituras, em outras passagens.

O principal objetivo de nosso Senhor era gravar na mente de seus pregadores e ensinadores a importância de uma vida coerente. Esta passagem é um solene aviso para não contradizermos com nossas vidas aquilo que dizemos com nossos lábios. O ministério de um pregador não conquistará a atenção dos ouvintes, a menos que ele pratique aquilo que ensina. Ordenação ao pastorado, graus universitários, títulos e aceitação pública de possuir sã doutrina, estas coisas não asseguram ao sermão do pastor o respeito de seus ouvintes, se a igreja percebe que ele possui hábitos pecaminosos.

No entanto, existem muitas coisas nesta lição que todos faremos bem se recordarmos. É uma lição que muitas pessoas, e não somente os pastores, devem considerar com seriedade. Todos os esposos, chefes do lar, pais, professores, tutores, responsáveis por jovens, deveriam pensar com frequência sobre o “argueiro” e a “trave”. Todas estas pessoas deveriam ver nas palavras de nosso Senhor a poderosa lição de que nada influencia tanto aos outros quanto a coerência. Entesouremos esta lição em nosso íntimo e não a esqueçamos.

Por último, destes versículos aprendemos que *existe apenas um teste satisfatório para julgarmos o caráter da vida espiritual de uma pessoa*. Esse teste é seu comportamento e sua conversa.

As palavras de nosso Senhor sobre este assunto são claras e inconfundíveis. Ele utilizou a ilustração de uma árvore e estabeleceu um princípio universal: “Cada árvore é conhecida pelo seu próprio fruto”. Mas Ele não parou aí. Prosseguiu mostrando que a conversa de um homem revela o estado de seu coração: “A boca fala do que está cheio o coração”. Estas duas afirmativas são profundamente importantes. Ambas precisam ser guardadas entre as principais máximas de nosso cristianismo prático.

Este deve ser um firme princípio de nosso cristianismo: quando uma

pessoa não produz os frutos do Espírito, ela não possui o Espírito Santo em seu coração. Resistamos, considerando-a um erro fatal, à idéia de que todas as pessoas batizadas são nascidas de novo e de que todos os membros de igreja têm o Espírito Santo. Uma simples pergunta deve ser nosso critério: que fruto esta pessoa está produzindo? Ela se arrependeu de seus pecados? De todo o coração, ela crê em Jesus? Ela vive em santidade, vencendo o mundo? Atitudes como estas são o que a Bíblia chama de “fruto”. Quando estes frutos estão ausentes, é um sacrilégio afirmar que alguém possui o Espírito de Deus em seu coração.

Também este deve ser um firme princípio de nosso cristianismo: quando a conversa geral de uma pessoa é ímpia, o seu coração está destituído da graça divina e ainda não se converteu ao Senhor Jesus. Não devemos aceitar a idéia habitual de que não podemos conhecer o coração dos outros e de que, embora os homens estejam vivendo de maneira pecaminosa, em seu íntimo possuem bons corações. Tal idéia é contrária ao ensino de nosso Senhor. A maior parte da conversa de uma pessoa é mundana, carnal, contrária às coisas espirituais, ímpia e profana? Então reconheçamos que esse é o estado de seu coração. Quando a conversa de um homem em geral está errada, é absurdo e antibíblico afirmar que seu coração está correto.

Terminemos esta passagem com uma solene auto-inquirição, utilizando-a para julgar nosso próprio estado diante de Deus. Que frutos estamos produzindo em nossas vidas? São os frutos do Espírito, ou não? Que tipo de evidência nossas conversas fornecem quanto ao estado de nosso coração? Falamos como pessoas cujo coração são retos diante de Deus? Não podemos esquivar-nos do ensino apresentado por nosso Senhor nesta passagem. A conduta é o grande teste do caráter. As palavras são uma grande evidência do estado de nosso coração.

Os Dois Construtores; Os Dois Alicerces

Leia Lucas 6.46-49

Alguém já disse, com muita veracidade, que nenhum sermão deve ser concluído sem uma aplicação à consciência dos ouvintes. Esta passagem é um exemplo deste princípio e confirma a sua exatidão. É uma conclusão solene e perscrutadora de um sermão magnificante.

Primeiramente, observemos nestes versículos que *confessar algo mas não praticá-lo é um pecado muito antigo*. Está escrito que nosso

Senhor disse: “Por que me chamais Senhor, Senhor, e não fazeis o que vos mando?” O próprio Filho de Deus tinha muitos seguidores que pretendiam honrá-Lo, chamando-O “Senhor”, mas não prestavam qualquer obediência aos seus mandamentos.

O mal que nosso Senhor expôs nesta ocasião sempre existiu na igreja. Encontrava-se no povo de Deus seis séculos antes da vinda de Jesus, na época de Ezequiel: “Eles vêm a ti, como o povo costuma vir, e se assentam diante de ti como meu povo, e ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra; pois, com a boca, professam muito amor, mas o coração só ambiciona lucro” (Ez 33.31). Também achava-se na igreja primitiva, nos dias do apóstolo Tiago: “Tornai-vos, pois, praticantes da palavra e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos” (Tg 1.22). É um mal que nunca deixou de prevalecer em todo o cristianismo. É uma praga que destrói a alma e que está constantemente arrastando milhares de pessoas que ouvem o evangelho ao caminho largo da condenação. Viver abertamente no pecado e na incredulidade irrestrita tem vitimado os seus milhares; mas confessar sem praticar tem vitimado suas dezenas de milhares.

Devemos gravar em nossa mente que nenhum pecado é tão néscio e irracional quanto o que Jesus denunciou nesta ocasião. Até o bom senso deveria nos dizer que possuir o nome de crente ou uma forma de cristianismo não traz qualquer proveito para nós, enquanto em nosso coração per-maneçemos apegados ao pecado e vivemos de maneira ímpia. Devemos ter como um firme princípio de nosso cristianismo que a obediência é a única evidência correta de que possuímos a fé salvadora e que o simples confessar com os lábios é mais do que inútil, se não for acompanhado de santidade no viver. O homem em quem o Espírito Santo realmente habita jamais se contentará em ficar sossegado, não fazendo coisa alguma para demonstrar seu amor por Cristo.

Em segundo, observemos nestes versículos *que admirável figura nosso Senhor apresentou do cristianismo do homem que não somente ouve os ensinamentos de Cristo, mas também faz a vontade dEle*. O Senhor Jesus o comparou “a um homem que, edificando uma casa, cavou, abriu profunda vala e lançou o alicerce sobre a rocha”. O cristianismo desse homem talvez lhe custe muito. Assim como o edificar a casa sobre a rocha, pode envolver sofrimento, trabalho árduo e autonegação. Abandonar o orgulho e a justiça própria, crucificar a carne obstinada, revestir-se da mentalidade de Cristo, levar a cruz diariamente, reputar todas as coisas como perda por amor a Cristo — todas estas coisas exigem uma obra intensa. Porém, assim como a casa edificada sobre a rocha, este tipo de cristianismo permanecerá. As enxurradas de aflição podem atingi-lo com violência e o dilúvio de perseguição investir furiosa nente contra ele, mas

ele não desistirá. O cristianismo que combina uma boa confissão com a prática é um edifício que não ruirá.

Por último, observemos *que triste figura nosso Senhor apresentou do cristianismo do homem que ouve os ensinamentos de Cristo e não os obedece*. Jesus o comparou “a um homem que edificou uma casa sobre a terra sem alicerces”. O cristianismo deste tipo de pessoa pode parecer bom por algum tempo. Alguém que não possui discernimento talvez não veja a diferença entre aquele que possui este tipo de cristianismo e aquele que tem o verdadeiro. Talvez ambos estejam prestando culto na mesma igreja, participem das ordenanças, professem a mesma fé. A aparência externa de uma casa edificada sobre a rocha e uma construída sobre um alicerce inseguro talvez seja a mesma. Mas o sofrimento e a prova são o teste pelo qual a mera confissão do cristianismo não pode suportar. Quando a tempestade e ventos fortes vêm contra a casa que não tem alicerces, as paredes que pareciam resistentes ao sol e às intempéries terão de ruir. O cristianismo que consiste apenas de aprender ensino religioso, sem nenhuma realização prática, é um edifício que, por fim, será destruído. Grande será a ruína. Não existe perda maior que a perda da alma.

Esta passagem das Escrituras deve suscitar em nosso coração sentimentos solenes. As figuras que ela apresenta retratam coisas que estão se passando diariamente entre nós. Em todos os lugares, vemos milhares de pessoas edificando para a eternidade, com base em sua atitude de professarem ser cristãos, esforçando-se para abrigarem suas almas em falsos refúgios, contentando-se com o simples nome de cristão para viverem, enquanto estão mortos, e com uma aparência de piedade que não tem poder algum. Sem dúvida, são poucos os que edificam sua alma sobre a rocha. Imensa é a perseguição que têm de suportar. Muitos são aqueles que edificam sobre a areia; e grandes são os desapontamentos e erros que procedem de suas obras. Com certeza, se existe uma prova de que o homem caiu no pecado e tornou-se cego para as coisas espirituais, podemos encontrá-la no fato de que a maioria das pessoas, em cada geração, continua a edificar sobre a areia.

Qual o fundamento sobre o qual estamos edificando? Antes de qualquer outra coisa, esta é a questão que interessa à nossa alma. Estamos edificando sobre a rocha ou sobre a areia? Talvez apreciemos ouvir o evangelho. Aprovamos todas as suas principais doutrinas. Concordamos com todas as suas afirmações da verdade a respeito de Cristo, do Espírito Santo, da justificação, da santificação, do arrependimento, da fé, da salvação, da santidade, da Bíblia e da oração. Mas o que estamos *fazendo*? Qual é a prática diária de nossa vida, em público ou em particular, em casa ou na sociedade? Os outros podem dizer a nosso respeito que não apenas ouvimos, mas também praticamos os ensinamentos de Cristo?

Brevemente chegará o dia em que coisas como estas serão perguntadas e respondidas, quer gostemos, quer não. O tempo de tristeza, provações, enfermidades e morte revela se estamos sobre a rocha ou sobre a areia. Recordemo-nos disso agora e não brinquemos com nossa alma. Esforcemo-nos para crer, viver, ouvir e seguir a voz de Cristo de tal maneira que, ao virem as chuvas e arrojarem-se contra nós os rios, nossa casa permanecerá firme e não cairá.

A Cura do Servo de um Centurião, em Cafarnaum

Leia Lucas 7.1-10

Estes versículos descrevem a milagrosa cura de um enfermo. Um centurião, ou seja, um oficial do exército romano, dirige-se ao Senhor Jesus, para suplicar em favor de seu servo, e consegue aquilo que Lhe pediu. Um milagre de cura maior do que este não foi relatado nos evangelhos. Sem mesmo ver ou tocar-lhe a mão ou o olho, nosso Senhor com apenas uma palavra restitui a saúde a um homem moribundo. Ele falou, e o servo do centurião ficou curado. Ele ordenou, e a enfermidade se retirou. As escrituras não falam sobre nenhum profeta realizando milagres desta maneira. Ali estava a mão de Deus.

Primeiramente, vemos nesta passagem *a bondade do centurião*. Este aspecto de seu caráter se manifesta de três maneiras. Nós o percebemos em seu tratamento ao servo. Ele se interessou com ternura pelo servo, quando este adoeceu, e se esforçou para que tivesse a saúde restaurada. Sua bondade também foi manifestada em seus sentimentos para com o povo judeu. Ele não os desprezou, assim como os gentios costumavam fazer. Os anciãos dos judeus deram este vigoroso testemunho: “É amigo do nosso povo”. Ainda percebemos sua bondade em sua ajuda liberal ao lugar de adoração dos judeus, em Cafarnaum. Ele não amava os judeus “de palavra, nem de língua, mas de fato e de verdade” (1 Jo 3.18). Os mensageiros que ele enviou a nosso Senhor fundamentaram sua petição, dizendo: “Ele mesmo nos edificou a sinagoga”.

Ora, onde o centurião aprendera esta bondade? Como podemos explicar que um homem pagão de nascimento e soldado de profissão demonstrou este espírito de bondade? Atitudes como estas não se encontravam freqüentemente entre aqueles que receberam ensinamentos pagãos ou ensinamentos promovidos por sociedades influenciadas pelo exército de Roma. Os

filósofos gregos e latinos não as recomendavam. Os tribunais, cônsules, prefeitos e imperadores não as incentivavam. Existe apenas uma explicação para tais atitudes. O centurião era o que era “pela graça de Deus”. O Espírito Santo abriu os olhos de seu entendimento e lhe dera um novo coração. O conhecimento que ele possuía das coisas espirituais não era muito claro. Seus conceitos espirituais provavelmente resultaram de uma deficiente familiaridade com o Antigo Testamento. Mas, não levando em conta a quantidade de luz que ele tinha, esta influenciou sua vida, e um dos resultados foi a bondade relatada nesta passagem.

Aprendamos uma lição deste exemplo do centurião. À semelhança dele, demonstremos bondade a todas as pessoas com quem nos relacionamos. Esforcemo-nos para que nossos olhos sejam dispostos a ver, nossas mãos estejam prontas a ajudar, nosso coração seja determinado a amar e nossa vontade disposta a fazer o bem a todos. Estejamos dispostos a chorar com os que choram e nos alegrarmos com os que se alegram. Esta é a única maneira de recomendarmos nosso cristianismo e torná-lo atraente aos olhos dos homens. A bondade é uma virtude que todos podem compreender. Esta é uma maneira de sermos semelhantes ao nosso Senhor. Se existe um aspecto de seu caráter que é mais notável do que os outros, este aspecto é a sua incansável bondade e amor. Esta é uma maneira de sermos felizes no mundo e vermos dias melhores. A bondade sempre traz a sua própria recompensa. O bondoso raramente ficará sem amigos.

Em segundo, vemos *a humildade do centurião*. Esta se manifestou de maneira notável na mensagem ao Senhor Jesus, quando Ele se aproximava de sua casa: “Senhor, não te incomodes, porque não sou digno de que entres em minha casa... eu mesmo não me julguei digno de ir ter contigo”. Estas expressões revelam um admirável contraste com a linguagem utilizada pelos anciãos dos judeus. Estes disseram a Jesus: “Ele é digno de que lhe faças isto”; o bondoso centurião declarou: “Não sou digno de que entres em minha casa”.

Esse tipo de humildade é uma das evidências mais marcantes da habitação do Espírito de Deus. Por natureza, nada sabemos a seu respeito, pois todos nascemos orgulhosos. Convencer-nos do pecado, revelar nossa própria vileza e corrupção, colocar-nos no lugar certo, fazer-nos humildes e contritos — estas são algumas das principais obras que o Espírito Santo realiza na alma de uma pessoa. Poucas afirmações de nosso Senhor são repetidas com tanta frequência quanto aquela com a qual ele concluiu a parábola do fariseu e do publicano: “Todo o que se exalta será humilhado; mas o que se humilha será exaltado”. Possuir grandes dons e realizar grandes obras para Deus não é concedido a todos os crentes. Mas todos eles têm de se esforçar para serem revestidos de humildade.

Em terceiro, nestes versículos vemos *a fé do centurião*. Temos um

belo exemplo de sua fé na petição dirigida a nosso Senhor: “Manda com uma palavra, e o meu rapaz será curado”. Ele achou que era desnecessário Jesus vir ao lugar onde seu servo estava moribundo. Ele considerou nosso Senhor como alguém que possuía autoridade sobre as doenças, assim como ele mesmo tinha autoridade sobre os soldados, e o imperador romano tinha autoridade sobre ele. O centurião acreditava que uma palavra de ordem da parte de Jesus era suficiente para expulsar aquela enfermidade. Ele não pediu a realização de qualquer sinal ou maravilha. Declarou sua confiança no fato de que Jesus é um todo-poderoso Senhor e Rei e de que as enfermidades, assim como servos obedientes, se retirariam mediante uma ordem dEle.

Fé semelhante a esta era bastante escassa nos dias em que Jesus esteve sobre a terra. “Mostra-nos um sinal do céu” era a exigência dos sarcásticos fariseus. Ver algo maravilhoso era o grande desejo das multidões que seguiam nosso Senhor. Não devemos ficar surpresos ante o fato de que o relato de Lucas afirma: “Admirou-se Jesus dele e, voltando-se para o povo que o acompanhava, disse: Afirmo-vos que nem mesmo em Israel achei fé como esta”. Ninguém deveria mostrar-se tão crédulo quanto os filhos daqueles que foram conduzidos pelo deserto e trazidos à terra da promessa. Mas os últimos tornaram-se os primeiros, e os primeiros, os últimos. A fé exercida por um centurião romano demonstrou ser maior do que a dos judeus.

Nunca esqueçamos de andar nas mesmas pisadas deste bendito espírito de fé que o centurião revelou nesta ocasião. Nossos olhos ainda não contemplaram o Livro da Vida. Não vemos nosso Salvador intercedendo por nós à direita de Deus, mas temos as promessas de Cristo. Então, descansemos nelas e não tenhamos medo. Não duvidemos que cada palavra pronunciada por Cristo se tornará frutífera. A palavra de Cristo é um alicerce seguro. Aquele que descansa nesta palavra jamais será confundido. No último dia, os crentes serão encontrados como pessoas perdoadas, justificadas e glorificadas. Jesus o disse; portanto, assim será.

Por último, nestes versículos vemos *a vantagem de nos relacionarmos com famílias piedosas*. A melhor e mais evidente prova deste fato encontramos no caso do servo do centurião. Ele estava afligido pela enfermidade, mas teve a saúde restaurada devido à intercessão de seu senhor. Foi trazido ao conhecimento do Senhor Jesus por intermédio da fé de seu senhor. Quem pode negar que o âmago desse acontecimento foi a conversão e salvação daquele servo? Bendito foi aquele primeiro dia em que aquele servo começou a trabalhar na casa do centurião.

Seria bom para a igreja, se os benefícios de nos relacionarmos com a “família da fé” fossem lembrados com mais freqüência pelos crentes. Habitualmente os pais crentes colocam seus filhos em posições que não

trazem qualquer benefício à sua alma, apenas por causa de vantagens mundanas. Em geral, os crentes procuram novos lugares de trabalho onde não se valoriza a vida espiritual, por causa de salários adicionais. Estas coisas não devem ser assim. Em todas as nossas mudanças, a principal preocupação deve ser o interesse por nossas almas. Ao estabelecer nova residência, estar relacionados a pessoas crentes deve ser nosso maior desejo. Em todos os planejamentos e projetos de vida, para nós e nossos filhos, a seguinte indagação deve sempre ter prioridade em nossas mentes: “Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?” (Mc 8.36). Boas circunstâncias, conforme alguns as chamam, geralmente são circunstâncias ímpias, que arruinam as almas daqueles que as assumem.

A Ressurreição do Filho da Viúva de Naim

Leia Lucas 7.11-17

O maravilhoso evento descrito nestes versículos é relatado apenas no Evangelho de Lucas. Esta é uma das três ocasiões em que nosso Senhor ressuscitou um morto, e, assim como na ressurreição de Lázaro e da filha de um oficial do rei, este é corretamente reputado como um dos maiores milagres que Jesus realizou na terra. Em todos estes casos, vemos o exercício do poder divino. Em cada um deles, encontramos uma reconfortante prova de que o Príncipe da Paz é maior do que o Rei dos Terrores e de que, embora a morte, o último inimigo, seja poderosa, não é tão poderosa quanto o Amigo dos pecadores.

Destes versículos aprendemos *quanta tristeza o pecado trouxe ao mundo*. Somos informados sobre um funeral na cidade chamada Naim. Todos os funerais são acontecimentos tristes; no entanto, dificilmente podemos imaginar outro mais triste do que o descrito nesta passagem. Era o funeral de um jovem, o único filho de uma viúva. Todos os aspectos desta história estão repletos de infelicidade. E, devemos lembrar, toda aquela infelicidade foi trazida ao mundo por intermédio do pecado. Deus não a criou no princípio, quando fez todas as coisas, pois “tudo quanto fizera... era muito bom” (Gn 1.31). O pecado é a causa de toda infelicidade. “Por-tanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram” (Rm 5.12).

Jamais esqueçamos esta grande verdade. O mundo que nos cerca está cheio de tristezas. Enfermidades, dores, pobreza, trabalho árduo e

problemas existem por todos os lados. De uma à outra extremidade da terra, as histórias das famílias estão repletas de lamentações, choro, lamúrias e aflições. E de onde provêm? O pecado é a fonte e a raiz de onde fluem todas estas infelicidades. Se não existisse o pecado na terra, não haveria lágrimas, inquietações, doenças, mortes e funerais. Devemos suportar com paciência este estado de coisas. Não podemos mudá-lo. Devemos agradecer a Deus por que no evangelho encontramos o remédio e por que esta vida não é a única. Mas, enquanto isso, devemos reconhecer com exatidão a quem pertence a culpa; o pecado é culpado por todas estas coisas.

Quanto devemos odiar o pecado. Ao invés de amar, de nos apegarmos, de brincarmos e nos desculpamos pelo pecado que cometemos, temos de odiá-lo com ódio mortal. O pecado é o grande assassino, ladrão, pestilência e transtorno deste mundo. Jamais sejamos amigos do pecado. Estejamos batalhando incessantemente contra ele. O pecado é a coisa abominável, que Deus odeia. Feliz é aquele que está em harmonia com Deus e pode dizer: "Detesto o mal" (Rm 12.9).

Também aprendemos destes versículos *quão profunda é a compaixão de nosso Senhor Jesus Cristo*. Esta verdade está ressaltada de maneira notável em seu comportamento neste funeral, em Naim. Ele encontrou a multidão que acompanhava o enterro do rapaz e, ao contemplar isso, o "Senhor se compadeceu". Ele não esperou que Lhe pedissem ajuda. Parece que ninguém Lhe suplicou ajuda ou a esperava da parte dEle. O Senhor Jesus contemplou aquela viúva chorando e com certeza sabia quais eram seus sentimentos, pois Ele mesmo havia nascido de uma mulher. Imediatamente dirigiu-lhes palavras admiráveis e comoventes. Disse-lhe: "Não chores!" (Lc 7.13). Alguns minutos depois, o significado destas palavras ficou evidente. O filho daquela viúva lhe foi devolvido com vida. Suas trevas se transformaram em luz, e sua tristeza, em alegria.

Nosso Senhor, Jesus Cristo, nunca muda. Ele é o mesmo ontem, hoje e para sempre. É tão compassivo agora quanto era quando esteve na terra. A simpatia de Jesus para com os que sofrem é a mesma. Devemos guardar esta verdade em nossos corações e nos sentirmos fortalecidos. Não existe um amigo ou consolador que pode ser comparado a Cristo. Em todos os nossos dias de aflições, que são muitos, devemos primeiramente recorrer a Jesus, o Filho de Deus, para obtermos consolação. Ele jamais falhará ou nos desapontará, recusando-se a mostrar interesse por nossas tristezas. Permanece vivo Aquele que, à porta da cidade de Naim, trouxe um cântico de alegria ao coração daquela viúva. Ele continua vivo e dispos-to a receber todos os que possuem corações exaustos, se estes O buscarem pela fé. Ele vive para curar os quebrantados e ser um Amigo mais chegado que um irmão; vive para fazer maiores obras do que

a realizada nesta ocasião. Ele vive para retornar ao seu povo, a fim de que este nunca mais chore e todas as lágrimas sejam enxugadas de seus olhos.

Por último, aprendemos destes versículos o *infinito poder de nosso Senhor, Jesus Cristo*. Quanto a isto, não podemos exigir qualquer prova mais admirável do que o milagre que estamos considerando. Com poucas palavras, o Senhor Jesus concedeu vida a um jovem que estava morto. Ele falou a um defunto, e imediatamente este retornou à vida. Em um momento, num piscar de olhos, o coração, os pulmões, o cérebro, os sentidos retornaram às suas atividades e cumpriam seus deveres. Jesus clamou: “Jovem, eu te mando: levanta-te!” Esta foi uma voz poderosa em operação. E, de imediato, “sentou-se o que estivera morto e passou a falar”.

Vejamus na realização deste grande milagre uma certeza daquele portentoso evento futuro, a ressurreição de todos. O mesmo Jesus que ressuscitou este jovem ressuscitará toda a humanidade, no último dia. “Não vos maravilheis disto, porque vem a hora em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão: os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo” (Jo 5.28-29). Quando a trombeta soar e Cristo ordenar, não haverá recusa ou escape. Todos comparecerão em seus corpos diante do tribunal e serão julgados conforme as suas obras.

Além disso, vejamos também neste portentoso milagre uma vívida ilustração do poder de Cristo para vivificar os que estão mortos no pecado. A vida está em Cristo. Ele vivifica aqueles a quem quer (Jo 5.21). Ele pode ressuscitar para uma nova vida almas que agora parecem mortas em mundanismo e pecado. Pode ordenar aos corações que agora são corruptos e mortos: “Levantai-vos para o arrependimento e vivam no serviço de Deus”. Jamais percamos a esperança no que se refere à qualquer pessoa. Oremos por nossos filhos e não desfaleçamos. Os rapazes e as moças de nossas famílias talvez estejam andando pelo caminho largo que conduz à perdição. Mas continuemos a orar. Talvez Aquele que saiu ao encontro daquele funeral, à porta de Naim, encontre os nossos filhos e lhes diga: “Jovem... levanta-te!” Para Ele nada é impossível.

Terminemos nossas considerações sobre esta passagem recordando solenemente as coisas que têm de acontecer no último dia. Lucas nos informa que “todos ficaram possuídos de temor”, quando aquele jovem foi res-suscitado. Quais serão os sentimentos da humanidade, quando todos os mortos forem ressuscitados de uma só vez? O incrédulo temerá naquele dia. Ele não está preparado para encontrar-se com Deus. Mas o verdadeiro crente não temerá coisa alguma. Seu corpo descansará em quietude no sepulcro. Em Cristo, ele está completo e seguro e, quando ressuscitar, em paz verá a face de Deus.

A Mensagem de João Batista Enviada a Cristo; A Resposta que ele Recebeu

Leia Lucas 7.18-23

A mensagem que João Batista enviou a nosso Senhor, apresentada nestes versículos, é especialmente instrutiva, quando pensamos nas circunstâncias sob as quais foi enviada. João Batista era prisioneiro de Herodes (Mt 11.2). Sua vida estava chegando ao fim. Seu tempo de utilidade efetiva estava acabando. Um demorado aprisionamento ou morte violenta eram suas únicas perspectivas. Mesmos nestes dias obscuros, percebemos este homem piedoso preservando seu antigo fundamento como testemunha de Cristo. Ele ainda era o mesmo que clamara: “Eis o Cordeiro de Deus.” Testemunhar a respeito de Cristo era sua obra contínua como pregador em liberdade. Enviar homens a Cristo foi uma de suas últimas obras como prisioneiro no cárcere.

Devemos observar nestes versículos *a sabedoria que João Batista demonstrou ao enviar seus discípulos*. Enviou alguns deles a Jesus com uma pergunta: “És tu aquele que estava para vir ou havemos de esperar outro?” João Batista deve ter pensado que seus discípulos receberiam uma resposta que criaria uma indelével impressão em sua mente. E estava correto. Eles receberam uma resposta tanto por meio de obras quanto de palavras — uma resposta que talvez produziu um efeito mais profundo do que quaisquer argumentos que poderiam ter ouvido dos lábios de seu mestre.

Facilmente podemos imaginar que João Batista sentiu bastante ansiedade no que se referia ao futuro de seus discípulos. Ele estava ciente da falta de conhecimento e fragilidade da fé exercida por seus discípulos. Sabia quão natural seria para eles considerarem os discípulos de Jesus com sentimentos de ciúmes e inveja. João Batista conhecia a grande possibilidade do intolerante espírito de partidário prevalecer entre eles e mantê-los distantes de Cristo, quando seu mestre morresse. Dentro de suas possibilidades, ele tomou a devida providência contra esta situação, enquanto estava vivo. Enviou alguns de seus discípulos a Jesus, para que vissem por si mesmos que tipo de mestre Ele era e não O rejeitassem sem vê-Lo e ouvi-Lo. João Batista cuidou em fornecer-lhes a maior evidência de que nosso Senhor era realmente o Messias. Assim como seu divino Mestre, que amou seus discípulos, João Batista amou os seus até ao fim. Agora, percebendo que em breve os deixaria, se esforçou por deixá-los nas melhores de todas as mãos. Fez o melhor que pôde para familiarizá-los com Cristo.

Que instrutiva lição estes versículos contêm para os ministros do evangelho, os pais e chefes de famílias; em resumo, para todos os que se preocupam com as almas dos outros. Devemos nos esforçar, de maneira semelhante a João Batista, em providenciar o necessário para o futuro bem-estar espiritual daqueles que deixaremos, quando morrermos. Devemos sempre recordar-lhes que não estaremos para sempre com eles. Precisamos instar-lhes com frequência a estarem cientes do caminho largo, quando fomos tirados de entre eles e ficarem sozinhos no mundo. Temos de nos gastar para fazer todos aqueles que vivem ao nosso redor tornarem-se familiarizados com Cristo. Felizes são os ministros do evangelho e os pais cuja consciência podem afirmar, no leito de morte, que mostraram aos seus ouvintes que estes deveriam buscar a Jesus e segui-Lo.

Em segundo, devemos observar *a resposta especial que os discípulos de João receberam de nosso Senhor*. Lucas nos informa que, “naquela mesma hora, curou Jesus muitos de moléstias, e de flagelos”. Em seguida, Jesus lhes disse: “Ide e anunciai a João o que vistes e ouvistes”. Ele não fez uma declaração formal de ser o Messias que estava por vir. Simplesmente ofereceu aos mensageiros fatos que seriam repetidos a seu mestre e os enviou de volta. Jesus sabia que João Batista utilizaria estes fatos. Ele diria aos seus discípulos: “Aquele que realizou estas coisas deve ser visto por vocês como o profeta maior do que Moisés. Este é Aquele que vocês têm de ouvir e seguir, quando eu morrer. Ele é realmente o Cristo”.

A resposta de nosso Senhor aos discípulos de João contém uma grande lição prática, e faremos bem se a recordarmos. Ela nos ensina que a maneira correta de avaliarmos as igrejas e os pastores é examinarmos as obras que eles fazem para Deus e os frutos que produzem. Desejamos saber se uma igreja é verdadeira e digna de confiança? Queremos saber se um pastor é realmente chamado por Deus e correto naquilo que crê? Temos de aplicar-lhes a antiga regra das Escrituras: “Pelos seus frutos os conhecereis” (Mt 7.20). Assim como o Cristo seria conhecido por suas obras e ensinios, assim também devem ser as verdadeiras igrejas e ministros do Senhor Jesus. Quando os mortos em delitos e pecados não são vivificados, e os espiritualmente cegos não recebem de volta a visão, e os pobres não ouvem a proclamação das boas-novas, em geral podemos suspeitar que ali Cristo não está presente. Onde Ele está, será visto e ouvido. Ali haverá apenas uma confissão verbal, cerimônias e demonstrações de religiosidade; haverá uma obra visível nos corações e nas vidas.

Por último, devemos observar nestes versículos *o solene aviso que nosso Senhor deu aos discípulos de João Batista*. Jesus sabia o perigo em que se encontravam: estavam dispostos a questionar a sua reivindicação de ser o Messias, por causa de sua aparência humilde. Em Jesus, eles não percebiam qualquer característica de um rei; Ele não tinha riquezas, vestes

reais, guardas, coorte ou coroa. Os discípulos de João viam em Jesus um homem comum, que parecia ser pobre como eles mesmos, assistido por publicanos e pescadores. Seu orgulho rejeitava a idéia de que este homem era o Cristo! Parecia incrível. Deveria haver algum engano. Pensamentos como estes, com toda probabilidade, pairavam na mente deles. Nosso Senhor sondou os seus corações e os despediu com uma perscrutadora advertência: “Bem-aventurado é aquele que não achar em mim motivo de tropeço”.

Esta advertência é tão necessária agora quanto o foi naquela ocasião. Enquanto o mundo existir, Cristo e seu evangelho será uma rocha de tropeço para muitos. Ouvir que estamos perdidos, somos pecadores culpados e não podemos salvar a nós mesmos; ouvir que temos de abandonar nossa justiça própria e confiar nAquele que foi crucificado entre dois ladrões; ouvir que precisamos nos contentar em entrar no céu juntamente com meretrizes e publicanos e que devemos à graça divina toda a nossa salvação — tudo isto é ofensivo ao homem natural. Nosso coração orgulhoso não gosta disto. Sentimo-nos ofendidos.

Permitamos que a advertência apresentada nestes versículos aprofunde-se em nossa memória. Tenhamos cuidado para não ficarmos ofendidos. Estejamos atentos para não acharmos tropeço, quer seja nas humilhantes doutrinas do evangelho, quer seja na prática da santidade que ele recomenda àqueles que o aceitam. O orgulho íntimo é um dos piores inimigos do homem. O último dia comprovará que ele foi a causa da ruína de milhares de almas. Muitos descobrirão que tiveram a oferta de salvação, mas a rejeitaram. Não apreciavam os termos da salvação. Não se esforçaram “por entrar pela porta estreita”. Não vieram humildemente como pecadores ao trono da graça. Em resumo, acharam motivo de tropeço. Então, se tornará evidente o profundo significado das palavras de nosso Senhor: “Bem-aventurado é aquele que não achar em mim motivo de tropeço”.

O Sublime Testemunho de Cristo a Respeito de João Batista

Leia Lucas 7.24-30

O primeiro assunto que demanda nossa consideração nesta passagem é o terno cuidado que nosso Senhor manifesta no que se refere ao caráter de seus servos fiéis. Ele defendeu a reputação de João Batista, logo que seus mensageiros partiram; sabia que seus ouvintes estavam dispostos a pensar levianamente a respeito de João Batista, em parte porque este se

encontrava preso e porque seus discípulos haviam acabado de fazer aquela pergunta. Ele pleiteou a causa de seu amigo ausente utilizando uma linguagem forte e ardente. Ordenou seus ouvintes a tirarem de sua mente as dúvidas e suspeitas indignas a respeito deste homem piedoso. Ele lhes disse que João Batista não era um homem de caráter inseguro e instável, uma simples cana agitada pelo vento. Afirmou-lhes que ele não era um palaciano, que se vestia de roupas finas e assistia nos palácios reais, embora as circunstâncias no final de seu ministério o trouxeram a um relacionamento próximo ao rei Herodes. Jesus declarou-lhes que João Batista era muito mais do que um profeta, pois era o profeta que havia sido assunto da própria profecia. E concluiu seu testemunho com esta notável afirmação: “Entre os nascidos de mulher, ninguém é maior do que João”.

Existe algo profundamente comovente nesta afirmativa de nosso Senhor a respeito de seu servo ausente. A posição que João Batista agora ocupava como prisioneiro de Herodes era bastante diferente da que ocupara no início de seu ministério. Naquela ocasião, ele era bem conhecido e o pregador mais popular de seus dias. Houve um tempo em que saíram “a ter com ele Jerusalém, toda a Judéia e toda a circunvizinhança do Jordão” (Mt 3.5). Agora, era um prisioneiro solitário nas mãos de Herodes, abandonado, sem amigos, esperando apenas a morte. Porém, a carência de favor da parte do homem não é uma prova de que Deus está insatisfeito. João Batista tinha um Amigo que jamais falhou e o abandonou — um Amigo cuja bondade não ia e vinha como a popularidade, mas era sempre o mesmo. Este amigo era nosso Senhor Jesus Cristo.

Neste fato existe imensa consolação para todos os crentes que sofrem escárnios, desconfiança e falsa acusação. Poucos são os filhos de Deus que, em uma ocasião ou outra, não sofrem desta maneira. O acusador de nossos irmãos sabe muito bem que o caráter é uma área em que estes podem facilmente ser atingidos. Ele sabe que calúnias podem ser criadas com facilidade, são avidamente aceitas e propagadas, porém, silenciadas com raridade. Mentiras e falsas afirmações são as armas prediletas por meio das quais ele trabalha para injuriar a utilidade de um crente e destruir sua paz interior. No entanto, todos os que são ultrajados em seu caráter precisam descansar no pensamento de que, no céu, possuem um Advogado que conhece suas aflições. O mesmo Jesus que defendeu a reputação de seu servo encarcerado, perante a multidão de judeus, nunca abandonará seu povo. O mundo pode reprová-los; talvez os homens desprezem seus nomes, reputando-os maus. Entretanto, Jesus nunca muda e um dia pleiteará a causa de seu povo.

O segundo assunto que demanda nossa atenção nesta passagem é a *ampla superioridade de privilégios que os crentes do Novo Testamento*

desfrutam, quando os comparamos aos crentes do Antigo Testamento. Esta lição parece estar ensinada em uma das expressões que Jesus utilizou em referência a João Batista. Após louvar as virtudes e dons deste servo, o Senhor Jesus acrescentou estas admiráveis palavras: “Eu vos digo: entre os nascidos de mulher, ninguém é maior do que João; mas o menor no reino de Deus é maior do que ele”. O significado destas palavras de nosso Senhor parece ser apenas este: Ele declarou que a luz espiritual dos mais insignificantes discípulos que viveriam após sua morte e ressurreição seria maior do que a de João Batista, que morreu antes de acontecerem estes grandiosos eventos. Os mais simples crentes que ouviriam o apóstolo Paulo entenderiam, por intermédio da luz da morte de Cristo na cruz, coisas que João Batista jamais poderia ter explicado. Embora fosse um homem de grande coragem e fé, o mais simples crente seria de alguma maneira maior do que ele. Maiores em graça e obras, tais crentes certamente não poderiam ser. No entanto, seriam maiores em conhecimento e privilégios.

Expressões como esta ensinam todos os crentes a serem gratos por sua vida espiritual. Provavelmente temos pouca idéia sobre a diferença existente entre o conhecimento espiritual dos crentes do Antigo Testamento e o conhecimento daqueles que estão familiarizados com o Novo Testamento. Pouco sabemos a respeito de quantas benditas verdades do evangelho no passado eram vistas obscuramente, como por espelho, mas que agora são reveladas tão claramente como o sol ao meio dia. Nossa familiaridade com o evangelho nos impede de perceber a amplitude de nossos privilégios. Raramente percebemos quantas verdades gloriosas de nossa fé foram ressaltadas em sua plenitude por intermédio da morte de Cristo na cruz, verdades que jamais foram descobertas e compreendidas até que o sangue de Cristo fosse derramado na cruz. As esperanças de Paulo e João Batista eram as mesmas. Ambos foram guiados pelo Espírito; ambos reconheciam sua pecaminosidade e confiaram no Cordeiro de Deus. Mas não podemos imaginar que João Batista possuía um entendimento tão completo do caminho da salvação quanto o do apóstolo Paulo. Ambos olhavam para o mesmo objeto de fé. Mas um deles o via muito aquém e podia descrevê-lo apenas de maneira geral. O outro o via mais de perto e podia descrever especificamente a razão de sua esperança. Aprendamos a ser mais agradecidos. Aquele que conhece a história da cruz possui uma chave de conhecimento espiritual jamais possuída por patriarcas e profetas.

O último assunto que demanda nossa atenção nesta passagem é a *solene afirmação do Senhor Jesus a respeito da capacidade do homem causar danos à sua própria alma.* Lemos que “os fariseus e os intérpretes da lei rejeitaram, quanto a si mesmos, o desígnio de Deus”. O significado desta afirmativa parece ser apenas este: rejeitaram a oferta de salvação da

parte de Deus. Recusaram-se a julgar a si mesmos no que concernia à porta de salvação que lhes fora ofertada mediante a pregação de João Batista. Em resumo, cumpriram literalmente as palavras de Salomão: “Rejeitastes todo o meu conselho e não quistes a minha repreensão” (Pv 1.25).

Uma das verdades fundamentais das Escrituras, que devemos ter constantemente em nossos corações, é que todo homem tem o poder de arruinar a si mesmo para sempre no inferno. Sendo impotentes e fracos para fazer tudo aquilo que é bom, naturalmente todos nós temos poder para realizar o mal. Por causa de habitual impenitência e incredulidade, por perseverarmos no amor ao pecado e na sua prática, por causa de orgulho, vontade própria, preguiça e resoluta amor pelo mundo, podemos trazer sobre nós mesmos a condenação eterna. E, se isto acontecer, perceberemos que a culpa será toda nossa. Deus não tem “prazer na morte de ninguém” (Ez 18.32). Cristo está disposto a reunir os homens sob os seus cuidados, se eles tão-somente o quiserem (Mt 23.37). A culpa permanecerá às portas do próprio homem. Os que estão perdidos descobrirão que perderam suas almas (Mc 8.36).

O que nós mesmos estamos fazendo? Esta é a principal indagação que esta passagem sugere à nossa mente. Estamos perdidos ou salvos? Caminhamos para o céu ou para o inferno? Já recebemos o evangelho em nosso coração? Realmente vivemos de acordo com as Escrituras, na qual professamos acreditar? Ou estamos diariamente viajando em direção à eterna perdição, arruinando nossa própria alma? É doloroso pensar que os fariseus não foram os únicos a rejeitarem o conselho de Deus. Há milhares de pessoas que se declaram cristãs, mas continuam fazendo a mesma coisa.

Cristo Descreve os Homens de sua Própria Época e Expõe a Tolice de Tais Homens

Leia Lucas 7.31-35

Em primeiro lugar, aprendemos destes versículos que *o coração das pessoas não-convertidas é desesperadamente pervertido e ímpio*. Nosso Senhor destacou esta lição através de uma admirável comparação, descrevendo a geração entre a qual Ele viveu, enquanto esteve na terra. Ele os comparou a meninos. Asseverou que os meninos brincando na praça não eram mais obstinados, perversos e difíceis de serem agradados do que os judeus daquela época. Nada os satisfazia. Estavam sempre

achando erros. Qualquer meio que Deus utilizasse para ministrar entre eles, os judeus o rejeitavam. Qualquer mensageiro que Deus lhes enviasse não os satisfazia. Primeiramente, surgiu João Batista vivendo no deserto, de maneira ascética e abnegada. A respeito deles os judeus disseram: “Tem demônio”. Então, veio o Filho de Deus, comendo, bebendo e adotando hábitos sociais de uma pessoa normal. Imediatamente os judeus o acusaram de ser um “um glutão e bebedor de vinho”. Em poucas palavras, tornou-se evidente que os judeus estavam decididos a não receber qualquer mensageiro enviado por Deus. Suas falsas objeções eram apenas um disfarce para ocultar seu ódio para com a verdade divina. Eles realmente detestavam a Deus mesmo e não a seus mensageiros.

Talvez sintamos admiração e surpresa ao lermos sobre este incidente. Pensamos que jamais houve homens tão perversamente irracionais como os judeus daquela época. Mas temos certeza de que este tipo de conduta não se repete com freqüência entre os chamados cristãos? Reconhecemos que a mesma coisa se manifesta constantemente entre nós hoje? Embora pareça estranho à primeira vista, a geração daqueles que “não dançam, quando outros tocam flauta, e não choram, quando ouvem lamentações”, é muito numerosa na igreja de Cristo. Não é uma realidade que muitos daqueles que se esforçam para servir a Cristo com fidelidade e andar em intimidade com Deus percebem que seus vizinhos e familiares estão sempre insatisfeitos com sua maneira de viver? Não importa se tais pessoas vivem com intensa santidade e determinação, os outros sempre as reputam como erradas. Se elas afastam-se do mundo e, assim como João Batista, vivem com ascetismo e solidão, os outros clamam que tais pessoas são excessivamente justas, exclusivistas, restritas e desagradáveis. Se, por outro lado, elas se envolvessem muito na sociedade e se esforçassem, tanto quanto pudessem, para interessarem-se pelas necessidades da vizinhança, logo se diria que elas são iguais aos outros e que seu cristianismo não é mais genuíno do que o daqueles que apenas professam qualquer crença. Comportamento deste tipo é muito comum entre nós. Poucos são os crentes resolutos que não conhecem por meio de amarga experiência este tipo de reação. Os servos de Deus em todas as épocas, não importando o que eles fazem, sempre são acusados pelas demais pessoas.

A verdade bastante evidente é que o coração natural odeia Deus. “O pendor da carne é inimizado contra Deus” (Rm 8.7). O coração natural odeia a lei, o evangelho e o povo de Deus; sempre acha uma desculpa para não crer e obedecer. A doutrina do arrependimento é muito severa para ele, e considera muito fácil a doutrina da fé e da graça. O coração natural afirma: “João Batista se retirou muito do mundo. Jesus se envolveu demais com o mundo!” E, deste modo, o coração natural se desculpa para continuar em seus pecados. Tudo isto não deve nos surpreender. Devemos

estar preparados para encontrar pessoas não-convertidas que são perversas, irracionais e difíceis de serem agradadas, assim como os judeus da época de nosso Senhor. Devemos abandonar a inútil idéia de procurarmos agradar a todos. Isto é impossível, e tentar fazê-lo é desperdício de tempo. Temos de nos contentar em andar nos passos de Cristo e deixar que o mundo diga o que quiser. Façamos o que pretendemos; jamais satisfaremos o mundo ou silenciaremos suas perversas críticas. Primeiramente, eles encontram falta em João Batista e, depois, em nosso bendito Senhor. O mundo continuará vituperando e achando erros nos discípulos de Cristo, enquanto houver qualquer deles na terra.

Em segundo, aprendemos destes versículos que *a sabedoria dos caminhos de Deus é sempre reconhecida e admitida por aqueles que possuem corações sábios*. Esta lição foi ensinada por meio de uma sentença obscura: “A sabedoria é justificada por todos os seus filhos”. Parece difícil extrairmos qualquer outro significado desta afirmativa por meio de uma interpretação exata e consistente. A idéia que nosso Senhor desejou transmitir-nos parece ser que, embora a grande maioria dos judeus fosse incoerente e dura de coração, havia alguns que não eram; e, ainda que milhares deles não viam sabedoria no ministério de João Batista e do próprio Jesus, havia alguns poucos eleitos que não pensavam assim. Estes poucos eram os filhos da sabedoria. Estes poucos, por meio de sua vida e obediência, declaravam sua plena convicção de que a maneira de Deus lidar com os judeus era sábia e correta e de que João Batista e o próprio Senhor Jesus eram dignos de honra. Resumindo, estas pessoas justificavam a sabedoria de Deus e demonstravam que elas mesmas eram verdadeiramente sábias.

Estas afirmativas de nosso Senhor a respeito da geração entre a qual Ele viveu descreve um estado de coisas que sempre acharemos na igreja de Cristo. Apesar de todo vitupério, zombaria, objeções e críticas perversas lançadas contra o evangelho pela maioria dos homens, sempre haverá alguns em todos os lugares que O aceitarão e O obedecerão com alegria. Jamais faltará um pequeno rebanho que escute a voz do Pastor alegremente e que procure andar com retidão em seus caminhos. Os filhos deste mundo podem escarnecer do evangelho e desdenhar as vidas dos crentes; podem reputar como loucura a maneira de viver deles e não encontrar qualquer sabedoria e beleza em seu comportamento. Mas Deus cuidará em sempre ter um povo. Sempre haverá alguns que proclamaram a perfeita excelência das doutrinas e exigências do evangelho e justificarão a sabedoria daqueles que Ele enviou. Estes, embora sejam muitíssimo desprezados pelo mundo, são os que Jesus chamou “sábios”. São sábios “para a salvação pela fé em Cristo Jesus” (2 Tm 3.15).

Perguntemos a nós mesmos, ao concluir as considerações sobre esta

passagem, se merecemos ser chamados filhos da sabedoria? Temos sido ensinados pelo Espírito Santo a conhecer o Senhor Jesus Cristo? Os olhos de nosso entendimento já foram abertos? Temos a sabedoria que vem do alto? Se verdadeiramente somos sábios, não nos envergonhemos de confessar nosso Senhor diante dos homens. Proclamemos com ousadia que aprovamos todo o seu evangelho, todas as suas doutrinas e exigências. Acharemos poucos que estarão ao nosso lado e muitos, contra nós. O mundo poderá zombar de nós e considerar nossa sabedoria como tolice, mas tal zombaria será por breve tempo. Virá o dia em que os poucos que confessaram a Cristo e justificaram seus caminhos diante dos homens serão confessados e honrados por Ele diante do Pai e dos anjos.

A Pecadora que Ungiu os Pés de Jesus na Casa de Simão, o Fariseu

Leia Lucas 7.36-50

Este relato, profundamente interessante, encontra-se apenas no Evangelho de Lucas. A fim de percebermos a beleza da história, devemos fazer sua leitura juntamente com o capítulo 11 do Evangelho de Mateus. Descobriremos o notável fato de que a mulher cuja conduta foi descrita nesta passagem provavelmente teve sua conversão como resposta às famosas palavras de Jesus: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e so-brecarregados, e eu vos aliviarei” (Mt 11.28). Este maravilhoso convite, dentre todas as probabilidades humanas, foi a salvação para a sua alma e lhe trouxe paz, pela qual nós a vemos expressar imensa gratidão. Uma completa oferta de perdão é sempre o instrumento escolhido por Deus para trazer o pior dos pecadores ao arrependimento.

Primeiramente, vemos nesta passagem que *os homens podem demonstrar algum respeito por Cristo e, apesar disso, permanecerem não-convertidos*. O fariseu desta história é um exemplo disso. Ele demonstrou para com nosso Senhor mais respeito do que muitas outras pessoas demonstraram; e “convidou-o... para que fosse jantar com ele”. Entretanto, durante todo aquele tempo, ele se mostrou profundamente ignorante quanto à natureza do evangelho de Cristo. Seu coração orgulhoso revoltou-se intimamente, ao ver uma infeliz pecadora lavando os pés de nosso Senhor. E sua hospitalidade pareceu caracterizada por frieza e mesquinhez. Jesus mesmo declarou: “Não me deste água para os pés... Não me deste ósculo... Não me ungiste a cabeça com óleo”. Em tudo que

Simão fez houve um grande erro. Tudo equivalia a civismo exterior, não havia amor no coração.

Faremos bem em lembrar o caso deste fariseu. É possível alguém possuir uma religião decente e, apesar disso, nada saber a respeito do evangelho de Cristo. É possível alguém respeitar o cristianismo e, assim mesmo, estar completamente cego a respeito de suas principais verdades; é possível alguém comportar-se com grande retidão e moralidade e, ao mesmo tempo, detestar com ódio mortal a justificação pela fé e a salvação pela graça. Realmente temos verdadeiras afeições por nosso Senhor Jesus Cristo? Podemos dizer: “Senhor, tu sabes todas as coisas, tu sabes que eu te amo?” (Jo 21.17). Aceitamos cordialmente todo o seu evangelho? Estamos dispostos a entrar no céu ao lado do pior dos pecadores e confiar à graça de Deus todas as nossas esperanças? Estas são perguntas sobre as quais temos de ponderar. Se não podemos respondê-las satisfatoriamente, de maneira alguma somos melhores de que Simão, o fariseu, e o Senhor Jesus poderá dizer-nos: “Uma coisa tenho a dizer-te”.

Em segundo, nesta passagem vemos que *um amor repleto de gratidão é o segredo para realizarmos muitas coisas para Cristo*. A mulher arrependida, neste relato, demonstrou mais honra para com o Senhor Jesus do que o fizera Simão, o fariseu. Ela, “estando por detrás, aos seus pés, chorando, regava-os com suas lágrimas e os enxugava com os próprios cabelos; e beijava-lhe os pés e os ungiu com o unguento”. Ela não poderia ter dado maiores provas de reverência e respeito; e o segredo de tais provas foi o seu amor. Amava o Senhor Jesus e pensou que nada era demasiadamente difícil de fazer por Ele. Sentiu profunda gratidão para com nosso Senhor e não pensou se qualquer destas atitudes seriam caras demais para Lhe serem oferecidas.

Fazer “mais” para Cristo é o clamor universal de todas as igrejas. Nisto todos concordamos. Todos desejamos ver mais boas obras, abnegação e obediência prática aos mandamentos de Jesus. Mas o que causará estas coisas? Nada, exceto o amor. Enquanto não houver mais amor para com Cristo em nosso coração, não faremos mais por Ele. O temor do castigo, o desejo de recompensa, o sentimento de obrigação, todos estes são argumentos proveitosos para persuadir os homens a uma vida de santidade. No entanto, são argumentos frágeis e impotentes, até que os homens amem a Cristo. Se este princípio dominar o coração de alguém, então veremos toda a sua vida transformada.

Jamais nos esqueçamos desta verdade. Embora o mundo zombe intensamente dos sentimentos religiosos e que tais sentimentos às vezes pareçam falsos e não sejam saudáveis, ainda permanece a grande verdade: *amar é o segredo de realizar*. O coração precisa amar a Cristo; do contrário, nossas mãos logo desfalecerão. Nossos sentimentos precisam estar

envolvidos no serviço de Cristo; se não, nossa obediência logo acabará. O crente que trabalha e ama será sempre aquele que fará mais na vinha de Cristo.

Por último, vemos nesta passagem que *o senso de ter nossos pecados perdoados é a fonte e a essência do amor por Cristo*. Isto, sem dúvida, era a lição que Jesus desejava que Simão aprendesse, quando lhe contou a história dos dois devedores — “Certo credor tinha dois devedores: um lhe devia quinhentos denários, e o outro, cinquenta. Não tendo nenhum dos dois com que pagar, perdoou-lhes a ambos”. Em seguida, Jesus fez-lhe a perscrutadora indagação: “Qual deles, portanto, o amará mais?” Aqui estava a verdadeira explicação, nosso Senhor procurou mostrar a Simão o profundo amor que a mulher arrependida demonstrara diante dEle. As lágrimas, as profundas afeições, a reverência pública da mulher, sua atitude de ungir os pés de Jesus, todas estas coisas tinham apenas uma causa. Ela havia sido muito perdoada e, portanto, muito amou. Seu amor foi o efeito e não a causa de perdão que recebeu, a conseqüência e não a condição de seu perdão, o resultado e não o motivo de seu perdão, o fruto e não a raiz de seu perdão. Este fariseu desejava saber porque esta mulher demonstrara tanto amor? Foi porque ela sentiu imensamente o perdão recebido. Desejava ele saber a razão por que ele mesmo demonstrara tão pouco amor para com seu convidado? Foi porque ele não se sentiu sob qualquer obrigação, não tinha consciência de ter recibo o perdão e não possuía qualquer sentimento de dívida para com Cristo.

Este grande princípio estabelecido por nosso Senhor deve sempre permanecer em nossa mente e aprofundar-se em nosso coração. É um dos fundamentos de todo o evangelho. É uma das chaves-mestras que abre os segredos do reino de Deus. A única maneira de tornar um homem santo é ensinar e pregar sobre o completo e gratuito perdão por meio de Jesus Cristo. O segredo de nós mesmos nos tornarmos santos é conhecer e sentir que Cristo perdoou nossos pecados. A paz com Deus é a única raiz que produzirá o fruto da santidade. O perdão tem de anteceder a santificação. Nada faremos para Cristo enquanto não estivermos reconciliados com Deus. Este é o primeiro passo da vida cristã. Devemos servir a Cristo porque já temos a vida eterna e não para conseguí-la. Nossas melhores obras, antes de sermos justificados, são pouco melhores do que pecados esplêndidos. Temos de viver pela fé no Filho de Deus; somente então, andaremos nos seus caminhos. O coração que experimentou o amor perdoador de Cristo é aquele que ama a Cristo e se esforça para glorificá-Lo.

Deixemos esta passagem com um profundo sentimento da admirável compaixão e misericórdia de nosso Senhor para com o maior dos pecadores. Vejamos na bondade dEle para com a pecadora um encorajamento para qualquer pessoa vir a Cristo para receber perdão, não importando quão

grande seja a sua pecaminosidade. Ele nunca quebrará sua promessa: “O que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora” (Jo 6.37). Se alguém vier a Cristo nunca terá necessidade de desesperar-se de sua salvação.

Ao concluir, perguntemos a nós mesmos: O que estamos fazendo para a glória de Cristo? Que tipo de vida estamos vivendo? Que prova estamos demonstrando de nosso amor por Aquele que nos amou e morreu pelos nossos pecados? Estas são perguntas solenes. Se não podemos respondê-las satisfatoriamente, podemos duvidar que temos sido perdoados. A esperança de perdão que não vem acompanhada de amor por Cristo não é verdadeira esperança. A pessoa cujos pecados foram realmente purificados sempre demonstrará, por meio de suas atitudes, que ama o Salvador que a purificou.

As Mulheres Piedosas que Acompanharam Nosso Senhor e seus Apóstolos e Lhe Prestaram Assistência

Leia Lucas 8.1-3

Observemos nestes versículos *a incansável diligência de nosso Senhor em fazer o bem*. Somos informados que “andava Jesus de cidade em cidade e de aldeia em aldeia, pregando e anunciando o evangelho do reino de Deus”. Sabemos como Ele foi recebido em vários lugares: enquanto alguns criam nEle, outros não. No entanto, a incredulidade dos homens não mudou a atitude de nosso Senhor, tampouco o impediu de realizar sua obra. Ele estava sempre tratando dos negócios de seu Pai. Embora seu ministério terreno tenha sido curto em sua duração, podemos afirmar que foi imenso, se levarmos em conta as obras nele realizadas.

A diligência de Cristo deve ser um exemplo para todo crente. Sigamos os seus passos, mesmo que fiquemos aquém de sua perfeição. Assim como o Senhor Jesus, trabalhemos para fazer o bem em nossa geração, deixando o mundo melhor do que o encontramos. Não foi em vão que a Bíblia afirmou expressamente: “Aquele que diz que permanece nele, esse deve também andar assim como ele andou” (1 Jo 2.6).

Sem dúvida, nosso tempo é bastante curto. No entanto, podemos fazer muito em nosso tempo, se este for bem aproveitado e corretamente utilizado. Poucos imaginam o quanto poderiam fazer em doze horas, se permanecessem firmes em suas atividades e evitassem a ociosidade e a frivolidade. Por isso, assim como nosso Senhor, sejamos diligentes, “remindo o tempo” (Ef 5.16).

O tempo é realmente curto, mas é a única oportunidade em que o crente pode realizar obras de misericórdia. No mundo por vir não haverá ignorantes a serem instruídos, chorosos a serem consolados, trevas espirituais a serem iluminadas, nenhuma aflição a ser aliviada, nenhuma tristeza a ser amenizada. Qualquer obra espiritual que fizermos, precisará ser feita nesta vida. Sintamos nossa responsabilidade individual. Almas estão perecendo, e o tempo está se passando rapidamente. Devemos resolver, pela graça de Deus, realizar algo para a glória dEle, antes que morramos. Novamente, lembremos o exemplo de nosso Senhor e, assim como Ele, sejamos diligentes, “remindo o tempo”.

Em segundo, observemos nestes versículos *o poder da graça de Deus e a constrangedora influência do amor de Cristo*. Lemos que, entre os seguidores de Jesus em suas viagens, estavam “algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades”.

Podemos imaginar que não foram pequenas ou insignificantes as dificuldades que aquelas mulheres piedosas enfrentaram, ao tornarem-se discípulas de Cristo. Elas compartilharam da zombaria e escárnio que os escribas e fariseus lançavam sobre os seguidores de Cristo. Entre muitas outras coisas, elas tiveram a provação de suportarem palavras e atitudes severas que os judeus demonstravam para mulheres que se mostravam independentes quanto à religião. Mas nada as fez mudar de caminho. Gratas pelas misericórdias recebidas das mãos de nosso Senhor, estavam dispostas a suportar muitas coisas por amor a Ele. Fortalecidas em seu íntimo pelo restaurador poder do Espírito Santo, foram capazes de apegarem-se a Jesus e não desistiram. E com nobreza seguiram-No até ao fim. Não foi uma mulher quem vendeu o Senhor por trinta peças de prata. Não foram as mulheres que abandonaram o Senhor no jardim do Getsêmani e fugiram. Não foram as mulheres que três vezes negaram a Cristo, na casa do sumo sacerdote. Mas foram elas que lamentaram e choraram quando Ele estava sendo levado para a crucificação. Foram as mulheres que permaneceram junto à cruz e as primeiras a visitarem o sepulcro onde se encontrava o corpo do Senhor. Realmente, grande é o poder da graça de Deus.

Recordar essas mulheres deve encorajar todas as filhas de Adão que lêem a respeito delas a tomarem sua cruz e seguirem a Cristo. Nenhum sentimento de fraqueza ou receio de retroceder deve impedi-las de tomarem uma resoluta decisão em favor de sua vida espiritual. Uma mulher que tem muitos filhos, limitada em suas condições, pode dizer-nos que não possui tempo para as coisas espirituais. Uma esposa de um marido temperamental pode alegar que as circunstâncias a impedem de ocupar-se com a vida espiritual. Uma moça que tem parentes mundanos pode declarar-nos que é impossível para ela cuidar de sua vida espiritual. Uma empregada

doméstica que vive na companhia de pessoas não-convertidas pode dizer-nos que em sua ocupação ninguém pode servir a Cristo. Entretanto, todas elas estão erradas, muito erradas. Com Jesus, nada é impossível. Elas devem pensar nos fatos e mudar sua maneira de agir. Devem começar a vida cristã com ousadia, no poder de Cristo, e confiar nEle quanto às conseqüências. O Senhor Jesus nunca muda. Aquele que capacitou muitas mulheres a servirem-No com fidelidade, enquanto esteve na terra, pode capacitar muitas outras a servi-Lo, glorificá-Lo e serem discípulas dEle em nossos dias.

Por último, observemos nestes versículos *o privilégio especial que nosso Senhor outorga aos seus seguidores fiéis*. Somos informados que essas mulheres Lhe “prestavam assistência com os seus bens”. É lógico que Jesus não precisava da ajuda delas. A Ele pertencem todos os animais da floresta e o gado no campo (Sl 50.11). O poderoso Salvador que poderia multiplicar alguns pães e peixes, de modo a alimentar milhares de pessoas, poderia para sua própria subsistência produzir alimentos da terra, se assim Ele achasse conveniente. Mas não agiu desta maneira, por duas razões. Primeira, ele precisava demonstrar que era um homem semelhante a nós em todas as coisas, exceto o pecado, e que vivia pela fé confiando na providência de seu Pai. A segunda razão era que, ao permitir que seus seguidores O servissem, o Senhor Jesus provaria o amor de seus discípulos e testaria a sua estima por Ele. O verdadeiro amor considera um prazer oferecer qualquer coisa ao objeto amado. O falso amor com freqüência falará e confessará muitas coisas, mas não dará coisa alguma por seu amado.

Este assunto de “servir a Cristo” desperta uma série de pensamentos muitíssimo importantes, sendo um assunto que nos fará bem se o considerarmos. O Senhor Jesus continuamente está provando sua igreja. Sem dúvida, seria fácil para Ele converter num só momento todos os chineses ou hindus e instantaneamente fazer a graça surgir nos corações, assim como Ele criou a luz no primeiro dia de existência deste mundo. Mas Ele não age desta maneira. Ele se agrada em agir por meio de instrumentos. Ele se condescende em utilizar missionários e a pregação de homens, a fim de propagar seu evangelho. E, agindo deste modo, está constantemente provando a fé e o zelo de sua igreja. Ele permite que os crentes sejam seus cooperadores, para comprovar quem deseja e quem não deseja prestar-Lhe “assistência”. O Senhor Jesus permite que seu evangelho seja levado adiante por meio de contribuições à obra missionária, a fim de provar quem são os avaros e incrédulos e quem são os verdadeiramente “ricos para com Deus”. Resumindo, a igreja visível de Cristo pode estar dividida em duas grandes facções: aqueles que “cooperam” com Cristo e aqueles que não o fazem.

Todos devemos recordar esta grande verdade: enquanto vivemos neste mundo, estamos sendo provados. Nossas vidas estão constantemente demonstrando de quem somos e a quem servimos, se amamos a Cristo ou ao mundo. Felizes são aqueles que sabem alguma coisa a respeito de “cooperar” na obra de Cristo “com os seus bens”. Isto é algo que podemos fazer, embora não O estejamos vendo com nossos olhos. As palavras que descrevem os procedimentos do Dia do Juízo são muito solenes: “Porque tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber” (Mt 25.42).

A Parábola do Semeador

Leia Lucas 8.4-15

A parábola do semeador, descrita nesta passagem, é relatada nos evangelhos com mais frequência do que qualquer outra. É uma parábola de aplicação universal. As coisas nela relatadas estão constantemente acontecendo em todas as igrejas onde o evangelho é pregado. Os quatro tipos de coração que ela descreve são encontrados em todas as congregações que ouvem a Palavra de Deus. Estas circunstâncias devem sempre nos levar a fazer a leitura desta parábola com um profundo senso de importância. Devemos dizer a nós mesmos, enquanto a lemos: “Isto me interessa. Posso ver meu coração nesta parábola. Eu também estou aqui descrito”.

Esta passagem exige pouca explicação. De fato, o significado de toda a figura é explicado por nosso Senhor, de modo que nenhuma explicação humana poderá oferecer-lhe melhor esclarecimento. Esta parábola é predominantemente de advertência; é um aviso sobre um assunto muitíssimo importante — a maneira de ouvir a Palavra de Deus. Foi proferida com o propósito de advertir os apóstolos a não esperarem demais de seus ouvintes. Tinha o objetivo de avisar todos os ministros do evangelho a não aguardarem grandes resultados de seus sermões. Também foi proferida para advertir os ouvintes a estarem atentos às coisas que lhes seriam proclamadas. Pregar é uma ordenança cujo valor nunca pode ser superestimado na igreja de Cristo. No entanto, jamais devemos esquecer que não somente precisa haver boa pregação, mas também bons ouvintes.

A primeira advertência que aprendemos da parábola do semeador é *acautelarmo-nos do diabo, quando ouvimos a Palavra de Deus*. Nosso Senhor nos ensina que os corações de alguns ouvintes assemelham-se à semente que caiu “à beira do caminho”. A semente do evangelho é retirada

destes corações quase tão logo quanto é semeada; não se aprofunda em sua consciência; não causa a menor impressão à sua mente.

O diabo, sem dúvida, percorre todos os lugares. Este espírito maléfico é incansável em fazer-nos o mal. Ele está sempre observando nossa vacilação e procurando ocasiões para destruir nossa alma. No entanto, em nenhum outro lugar Satanás se mostra tão ativo quanto em uma igreja onde as pessoas ouvem o evangelho. Em nenhum outro lugar ele trabalha com tanto empenho, a fim de obstruir o progresso daquilo que é bom e de impedir que homens e mulheres sejam salvos. Dele procedem vagueação de pensamentos, imaginações distorcidas, apatia, memórias obscurecidas, sonolência, inquietação, ouvidos cansados e falta de atenção. Em todas estas coisas, o diabo manifesta sua mão. Pessoas perguntam a si mesmas de onde vêm estes pensamentos e maravilham-se por acharem o sermão tão difícil e dele se recordarem tão vagamente. Elas esquecem a parábola do semeador, esquecem a atividade do diabo.

Tenhamos cuidado para não sermos ouvintes desatentos. Acautelemo-nos do diabo. Sempre o acharemos na igreja. Ele nunca se ausenta dos cultos. Recordemos isto e fiquemos alerta. O calor, o frio, as chuvas e os deveres são sempre alegados como desculpas por aqueles que freqüentam os cultos para não virem à igreja. Entretanto, existe um inimigo que eles deveriam temer mais do que todas estas coisas — Satanás.

A segunda advertência que aprendemos da parábola do semeador é *acautelarmo-nos de confiar em impressões momentâneas, quando ouvimos a Palavra de Deus*. Nosso Senhor nos mostra que os corações de alguns ouvintes assemelham-se à semente que caiu “sobre a pedra”. A semente da Palavra de Deus brota imediatamente, tão logo seja ouvida, e produz frutos de impressões alegres e emoções agradáveis. Mas, infelizmente, estas impressões alegres são apenas superficiais. Não ocorre uma obra permanente e profunda nas almas dos ouvintes. Portanto, logo que o ardor da provação ou da perseguição começa a ser sentido, o pequeno nível de espiritualidade que tais pessoas haviam alcançado murcha e desaparece.

Os sentimentos, sem dúvida, desempenham uma importante função em nosso cristianismo pessoal. A ausência de sentimento pode indicar que não temos a fé salvadora. Esperança, alegria, paz, confiança, amor, abnegação e temor são coisas que têm de ser sentidas, se realmente existem. Entretanto, jamais devemos esquecer que existem sentimentos espirituais espúrios e falsos, procedentes apenas da empolgação natural. É bastante possível alguém sentir intenso regozijo ou ficar profundamente alarmado por causa da pregação do evangelho e, apesar disso, estar completamente destituído da graça de Deus. As lágrimas de alguns ouvintes do evangelho e a extravagante alegria de outros não constituem evidências seguras da conversão. Podemos ser ardentes admiradores de certos pregadores

favoritos e, assim mesmo, não permaneceremos melhores do que os ouvintes comparados à semente que caiu sobre a pedra. Nada deve nos contentar, exceto a verdadeira união com Cristo e a profunda obra do Espírito Santo, humilhando-nos e aniquilando nosso “eu”.

A terceira advertência que aprendemos da parábola do semeador é *acautelarmo-nos das preocupações com as coisas do mundo*. Nosso Senhor nos mostra que os corações de alguns ouvintes da Palavra assemelham-se à semente que caiu “no meio dos espinhos”. A semente da Palavra de Deus, quando semeada em seus corações, é sufocada pelas milhares de outras coisas com as quais eles ocupam suas afeições. Tais pessoas não fazem qualquer objeção às doutrinas e às exigências do evangelho. Até desejam crer e obedecê-las. No entanto, permitem que as coisas desta vida dominem sua mente, de modo que não permitem a Palavra de Deus realizar sua obra. Conseqüentemente, embora ouçam muitos sermões, tais pessoas não parecem ser abençoadas por eles. Um processo semanal de abafar a verdade ocorre em seu coração. Não produzem frutos com perfeição.

As coisas desta vida são alguns dos grandes perigos que assediam a jornada do crente. O dinheiro, os prazeres e os negócios diários do mundo são várias armadilhas para pegar nossas almas. Milhões de coisas que em si mesmas são inocentes, quando buscadas em excesso, tornam-se semelhantes a venenos para a alma e prestam auxílio ao inferno. O pecado notório não é a única coisa que arruína as almas. No cuidado por nossas famílias e na realização da vida profissional legítima, precisamos estar sempre alerta. A menos que vigiemos e oremos, estas coisas temporais podem roubar-nos o céu e abrandar todos os sermões que ouvimos. Talvez vivamos e morramos como ouvintes comparados à semente que caiu no meio dos espinhos.

A última advertência que aprendemos nesta parábola é *acautelarmo-nos de ficar contentes com qualquer religiosidade que não produz fruto em nossas vidas*. Nosso Senhor nos mostra que os corações daqueles que ouvem corretamente a Palavra de Deus assemelham-se à semente que caiu em boa terra. A semente do evangelho penetra profundamente na vontade de tais ouvintes e produz resultados práticos em sua fé e comportamento. Eles não somente ouvem com prazer, mas também agem com determinação. Eles se arrependem, crêem e obedecem.

Conservemos sempre em nossa mente o fato de que este é o único tipo de religiosidade que salva. Confessar exteriormente o cristianismo e servir-se formalmente das ordenanças jamais outorga a alguém uma boa esperança durante a vida, paz na hora da morte e descanso no mundo por vir. Precisa haver os frutos do Espírito em nosso coração e em nossa vida; do contrário, o evangelho foi-nos pregado em vão. Somente aqueles

que produzem tais frutos serão encontrados à direita de Cristo no dia em que Ele se manifestar.

Devemos concluir estas considerações sobre a parábola do semeador recordando o profundo senso de perigo e de responsabilidade para todos os ouvintes do evangelho. Há quatro maneiras de ouvir, e, destas quatro, apenas uma é correta. Há três tipos de ouvintes cujas almas estão em iminente perigo. Quantos desses ouvintes se encontram em cada igreja. Existe somente um tipo de ouvinte que está correto aos olhos de Deus. Qual destes somos nós? Pertencemos a esta última classe de ouvinte?

Privilégios Espirituais Têm de ser Utilizados com Diligência; Os Irmãos e a Mãe de Cristo

Leia Lucas 8.16-21

Estes versículos constituem uma aplicação prática da parábola do semeador. Foram proferidos com o propósito de fixar e gravar em nossa mente as grandes lições contidas na parábola. Merecem atenção especial de todos os que verdadeira e sinceramente ouvem o evangelho de Cristo.

Inicialmente aprendemos destes versículos que *o conhecimento espiritual precisa ser utilizado com diligência*. Nosso Senhor afirmou que tal conhecimento é semelhante a uma “candeia” acesa, que será completamente inútil se for coberta “com um vaso” ou colocada “debaixo de uma cama”, mas será bastante útil se for colocada sobre “um velador” em um lugar onde poderá servir às necessidades das pessoas.

Ao ouvir esta lição, em primeiro lugar devemos pensar acerca *de nós mesmos*. O evangelho que possuímos não o recebemos apenas para o admirarmos, falarmos a seu respeito e o confessarmos, mas também para o praticarmos. O evangelho não tinha o objetivo de apenas ficar retido em nosso intelecto, memória e lábios, mas também de ser visto em nossa vida. O cristianismo é um talento pelo qual somos responsáveis e que traz grandes responsabilidades. Não estamos nas trevas assim como os incrédulos. Recebemos uma gloriosa luz. Tenhamos cuidado em usá-la. Visto que temos a luz, devemos andar como filhos da luz (Jo 12.35-36).

Mas não pensemos apenas a respeito de nós mesmos. Pensemos também sobre os *outros*. Há milhões de pessoas no mundo que não têm, de maneira alguma, a luz espiritual. Estão sem Deus, sem Cristo e sem esperança (Ef 2.12). Podemos fazer algo por elas? Existem milhares de pessoas em nosso próprio país que ainda não se converteram e estão mortas

em seus pecados; não estão vendo ou sabendo o que é correto. Podemos fazer algo por elas? Estas são perguntas para as quais todos os verdadeiros crentes devem achar resposta. Devemos nos esforçar, de todas as maneiras, a fim de propagar o evangelho. A mais elevada forma de egoísmo é a daquele que se contenta em ir sozinho para o céu. O verdadeiro amor se manifesta no esforço para compartilhar com os outros toda luz de conhecimento espiritual que possuímos e, deste modo, erguermos nossa luz para iluminar todos que se encontram ao nosso redor. Feliz é aquele que, logo após receber a luz do céu, começa a pensar nos outros, assim como pensou em si mesmo. Deus jamais acende uma “candeia” para que esta brilhe sozinha.

Em segundo, aprendemos destes versículos a *grande importância de ouvir corretamente*. As palavras de Jesus tencionavam gravar esta lição profundamente em nosso coração. Ele disse: “Vede, pois, como ouvis”. A quantidade de benefícios que desfrutamos de todos os meios da graça depende completamente da maneira como os utilizamos. A oração particular é o próprio fundamento da vida espiritual; porém a simples repetição de um conjunto de palavras, quando o coração está longe do Senhor, não traz qualquer benefício a alma de alguém. Ler a Bíblia é essencial para adquirirmos saudável conhecimento cristão; mas a leitura formal de vários capítulos, como uma tarefa ou dever, sem o humilde desejo de ser instruído por Deus, equivale a desperdício de tempo. O mesmo ocorre com o ouvir a Palavra de Deus. Não basta ir à igreja para ouvir sermões; podemos fazer isto por muitos anos e nada aproveitar; pelo contrário, podemos piorar. “Vede, pois, como ouvis”, disse nosso Senhor.

Sabemos como ouvir corretamente? Então guardemos em nosso coração estas regras simples. Em primeiro lugar, temos de ouvir com *fé*, crendo implicitamente que toda a Palavra de Deus é verdadeira e permanecerá para sempre. A palavra anunciada aos judeus nos tempos antigos “não lhes aproveitou, visto não ter sido acompanhada pela fé, como estava naqueles que a ouviram” (Hb 4.2). Em segundo, temos de ouvir com *reverência*, lembrando constantemente que a Bíblia é o livro de Deus. Este foi o hábito dos tessalonicenses. Eles receberam a mensagem de Paulo “não como palavra de homens e sim como, em verdade é, a palavra de Deus” (1 Ts 2.13). Antes de tudo, temos de ouvir com *oração*, suplicando a bênção de Deus, antes que o sermão seja pregado, e pedindo a bênção de Deus novamente, quando estiver terminado. Nisto jaz a grande falha na maneira de ouvir de muitos crentes. Eles não pedem qualquer bênção e, por isso, não recebem nenhuma. O sermão passa pela mente deles assim como a água atravessa um vaso esburacado, não deixando nada em seu interior.

Tenhamos em mente estas regras a cada domingo, antes de ouvirmos

a pregação da Palavra de Deus. Não cheguemos despreparados, desatentos e imprudentes à presença de Deus, como se não fosse importante a maneira como nos apresentamos diante dEle. Tenhamos conosco fé, oração e reverência. Se estas nos acompanharem, ouviremos a Palavra de Deus com proveito e voltaremos para casa com louvor.

Por último, aprendemos destes versículos *o grande privilégio daqueles que ouvem a Palavra de Deus e a praticam*. Jesus os considera sua “mãe” e seus “irmãos”.

Aquele que ouve e pratica a palavra de Deus é um verdadeiro crente. Ouve a chamada de Deus para que se arrependa, se converta e a obedeça. Pára de fazer o mal e começa a fazer o bem. Despoja-se do velho homem e reveste-se do novo. Ouve a chamada de Deus para crer em Cristo para sua justificação e a obedece. Abandona sua justiça própria e confessa sua necessidade de um Salvador. Recebe a Cristo crucificado como sua única esperança e considera todas as coisas como perda para que possa conhecê-Lo. Ouve a chamada de Deus para ser santo e a obedece. Esforça-se para mortificar as obras do corpo e andar no Espírito. Empenha-se para desembaraçar-se de todo peso e do pecado que tão de perto o assedia. Este é o verdadeiro cristianismo. Todos aqueles que possuem estas características são verdadeiros cristãos.

Mas as dificuldades de todos aqueles que “ouvem a palavra de Deus e a praticam” não são poucas. O mundo, a carne e o pecado constantemente os aflige. Estão freqüentemente gemendo e sendo angustiados (2 Co 5.4). Constantemente acham a cruz muito pesada e o caminho para o céu, áspero e estreito. Sentem-se dispostos a clamar, assim como o apóstolo Paulo: “Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?” (Rm 7.24).

Recebemos o conforto das palavras que o Senhor Jesus proferiu. Lembremos que o próprio Filho de Deus nos considera parentes chegados. Não devemos atentar à zombaria, escárnio e perseguição da parte deste mundo. Aquele que Cristo chama seu “irmão” e sua “mãe” não tem motivo para envergonhar-se.

A Tempestade no Lago e a Quietude Miraculosa

Leia Lucas 8.22-25

Este acontecimento da vida de nosso Senhor é narrado três vezes nos evangelhos. Mateus, Marcos e Lucas foram todos inspirados a registrá-

lo. Isto deve nos ensinar a importância deste evento e nos fazer dar mais atenção às lições que ele contém.

Primeiramente, vemos nestes versículos que *nosso Senhor era realmente homem, bem como era Deus*. Somos informados que, enquanto navegava juntamente com seus discípulos no lago de Genesaré, “ele adormeceu”. Podemos estar seguros de que adormecer é uma das condições da constituição natural dos seres humanos. Os anjos e os espíritos não precisam de alimentos ou descanso. Mas a carne e o sangue, para manterem uma existência saudável, precisa comer, beber e dormir. Se o Senhor Jesus sentiu-se cansado e precisou de descanso, Ele deve ter possuído duas naturezas em uma só pessoa — a natureza humana e a divina.

A verdade que agora estamos considerando é consoladora e encoraja a todos os crentes. O Mediador, em quem somos ordenados a confiar, tornou-se participante da carne e do sangue. O grande Sumo Sacerdote, que agora vive por nós à direta de Deus, experimentou pessoalmente as enfermidades não-pecaminosas do corpo. Sentiu fome, sede e dores. Experimentou cansaço e procurou o repouso do sono. Tenhamos liberdade em derramar perante Ele nosso coração e sem reservas contar-Lhe nossas mais íntimas aflições. Aquele que fez expiação por nós através da cruz pode “compadecer-se das nossas fraquezas” (Hb 4.15). Sentir-se cansado de trabalhar para Deus é algo pecaminoso, mas sentir-se cansado e fatigado ao fazer a obra de Deus não constitui pecado algum. O próprio Senhor Jesus cansou-se e dormiu.

Em segundo, vemos nestes versículos *que temores e ansiedades podem invadir o coração dos discípulos de Cristo*. Somos informados que, sobrevindo “uma tempestade de vento no lago” e “correndo eles o perigo de soçobrar”, os discípulos ficaram intensamente alarmados. “Chegando-se a ele, despertaram-no dizendo: Mestre, Mestre, estamos perecendo!” Esqueceram por um momento do infalível cuidado que seu Mestre lhes mostrara no passado e de que, estando com Ele, estavam seguros, não importando o que acontecesse. Esqueceram tudo isso e, ao contemplar o perigo iminente, não puderam esperar até que Cristo despertasse. É verdade que a contemplação, a razão e os sentimentos transformam os homens em pobres teólogos.

Fatos como estes são intensamente humilhantes ao orgulho da natureza humana. Devem minimizar o conceito e os pensamentos elevados que temos sobre nós mesmos, a fim de vermos que criatura insignificante é o homem, mesmo em seu melhor estado. Tais fatos são profundamente instrutivos; nos ensinam a vigiar e orar quanto ao nosso próprio coração. Instruem-nos a respeito daquilo que nossa mente precisa estar disposta a encontrar nos outros crentes. Temos de ser moderados em nossas expectativas. Não devemos supor que as pessoas não podem ser crentes, se às

vezes demonstram grandes fraquezas, ou imaginar que não possuem a graça de Deus somente porque às vezes são dominadas por temores. Mesmo Pedro, Tiago e João clamaram: “Mestre, Mestre, estamos perecendo!”

Em terceiro, vemos nestes versículos *quão grande é o poder de nosso Senhor Jesus Cristo*. Somos informados que, após ter sido despertado pelos discípulos, durante a tempestade, Ele “repreendeu o vento e a fúria da água. Tudo cessou, e veio a bonança”. Sem dúvida, este foi um grandioso milagre; exigiu o poder dAquele que trouxe as águas do Dilúvio sobre a terra nos dias de Nóe e, no devido tempo, as fez secar; Aquele que separou as águas do mar Vermelho e do rio Jordão em duas partes, fazendo um caminho para que seu povo passasse; Aquele que, por meio de um vento oriental, trouxe gafanhotos sobre o Egito e os fez retirarem-se por meio de um vento ocidental (Êx 10.13,19). Nenhum outro poder, além deste, poderia em um simples momento transformar aquela tempestade em bonança. “Falar ao vento e à água” é um provérbio comum referindo-se à tentativa de fazer algo impossível. Mas, neste incidente, vemos que Jesus falou e, imediatamente, as ondas e o vento Lhe obedeceram! Sendo homem, Ele dormiu; sendo Deus, Ele aquietou a tempestade.

Saber que nosso Senhor Jesus está utilizando em favor de seu povo todo este infinito poder é um pensamento abençoador e animador. Ele se comprometeu a salvar até ao fim cada membro de seu povo, sendo “poderoso” para fazê-lo. Frequentemente as provações de seu povo são muitas e árduas. O diabo nunca cessa de lutar contra eles. As autoridades deste mundo frequentemente os perseguem. Os próprios líderes das igrejas, que deveriam ser pastores compassivos, com frequência opõem-se severamente à verdade que está em Jesus. Entretanto, apesar de tudo isso, o povo de Cristo jamais será abandonado por completo. Embora sejam tristemente afligidos, eles nunca serão destruídos. Ainda que sejam desprezados pelos homens, não serão lançados fora por Cristo. Em tempos de trevas, os crentes precisam descansar no pensamento de que “maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo” (1 Jo 4.4). Os ventos e as ondas de problemas políticos e eclesiásticos podem assaltá-los com furor e toda sua esperança talvez pareça desaparecer. Mas eles não devem sentir-se desesperados. Existe Alguém que vive por eles no céu, capaz de fazer cessar num instante estes ventos e ondas. A verdadeira igreja, da qual Cristo é o Cabeça, jamais perecerá. O glorioso Cabeça da igreja é todo-poderoso e vive eternamente; portanto, todos os membros de seu povo também viverão e, ao final, chegarão seguros ao lar celestial (Jo 14.19).

Por último, vemos nestes versículos que *é necessário o crente manter-se preparado para utilizar sempre a sua fé*. Nosso Senhor disse aos seus discípulos, quando a tempestade cessou e seus temores desapareceram:

“Onde está a vossa fé?” Com razão alguém poderia indagar: “Qual o proveito de terem crido, se não eram capazes de crer em tempos de necessidade? Onde estava o genuíno valor da fé, se eles não a estavam exercitando? Qual o benefício de crer, se os discípulos tinham de crer em seu Mestre somente quando o céu estava limpo e o sol brilhando e não em ocasiões de tempestade?”

Esta lição possui bastante importância prática. Ter a fé salvadora é uma coisa; ter a fé que está sempre pronta para ser utilizada é outra coisa bem diferente. Muitos recebem a Cristo como Salvador e voluntariamente entregam-Lhe sua alma, confiando nEle quanto ao tempo e a eternidade; no entanto, com frequência estes mesmos vêm sua fé em triste deficiência, quando algo inesperado acontece ou quando são repentinamente provados. Estas coisas não devem ser assim. Precisamos orar para que tenhamos um grande suprimento de fé disponível, para a utilizarmos em ocasiões especiais, e jamais estejamos despreparados. O crente mais sublime é aquele que vive de maneira semelhante a Moisés, vendo “aquele que é invisível” (Hb 11.27); ele jamais será muito abalado por qualquer tempestade; perceberá que Jesus está perto dele nas horas difíceis e verá o céu azul por trás das nuvens mais escuras.

A Cura de um Endemoninhado na Terra dos Gerasenos

Leia Lucas 8.26-36

A famosa narrativa que agora consideramos foi cuidadosamente relatada pelos três primeiros evangelistas. Descreve uma notável ocasião em que o Senhor Jesus manifestou completo domínio sobre o príncipe deste mundo. Contemplamos o grande inimigo de nossa alma sendo completamente vencido, o “valente” sendo derrotado por outro mais forte do que ele e o leão, despojado de sua presa.

Primeiramente, devemos observar nestes versículos *a miserável condição daqueles sobre os quais Satanás reina*. O quadro descrito nesta passagem é assustador. Somos informados que, ao chegar à terra dos gerasenos, saiu ao encontro de Jesus “um homem possessor de demônios que, havia muito, não se vestia, nem habitava em casa alguma, porém vivia nos sepulcros”; e que: “Embora procurassem conservá-lo preso com cadeias e grilhões, tudo despedaçava e era impelido pelo demônio para o deserto”. Esta parece ter sido uma das mais graves formas de possessão demoníaca. Aquele homem infeliz estava sobre o completo domínio

de Satanás, tanto no corpo quanto na alma. Enquanto permaneceu nesta situação, deve ter sido um peso e um grande problema para todos que viviam ao seu redor. Sua capacidade mental estava sob a orientação de uma legião de demônios. Sua força física estava sendo utilizada apenas para sua própria injúria e vergonha. É difícil imaginarmos um estado mais lamentável para um mortal.

Casos de possessão física por Satanás são raros atualmente. Apesar disso, não devemos esquecer que Satanás está continuamente exercendo um terrível poder sobre muitas almas e corações. Ele ainda impulsiona muitas pessoas, sobre as quais ele exerce autoridade, a praticarem hábitos de vida que as levam a desonrarem e destruírem a si mesmas. Ele ainda governa sobre muitos com vara de ferro, levando-as de um vício a outro, incentivando-as a se envolverem nesta ou naquela extravagância, motivando-as a abandonarem um convívio social decente e a influência de amigos respeitáveis, atirando-as nos mais vis hábitos de impiedade, fazendo-as acharem-se melhores do que os suicidas, tornando-as inúteis às suas famílias, à igreja e ao mundo, como se estivessem mortos e não vivos. Existe algum pastor que não pode citar exemplos de casos semelhantes a estes? Que descrição mais verdadeira podemos apresentar sobre alguns rapazes e moças, senão que parecem estar possuídos por demônios? É inútil fecharmos os nossos olhos para a realidade dos fatos. A possessão demoníaca dos corpos das pessoas pode ser comparativamente rara; mas, infelizmente, muitos são os casos em que o diabo parece possuir completamente as suas almas.

Estas são coisas horríveis para pensarmos sobre elas. É terrível contemplar a ruína que Satanás freqüentemente pode causar no corpo e na mente de pessoas jovens. É horrível observar como ele leva os jovens a abandonarem a riqueza de boas influências e os traz ao deserto das más companhias e dos pecados repugnantes. Acima de tudo, é terrível refletir que, apenas em um pouco mais de tempo, os escravos de Satanás estarão perdidos para sempre no inferno! Há somente uma coisa que podemos fazer por eles. Devemos apresentá-los diante de Cristo em oração. Aquele que foi à terra dos gesarenos e curou o miserável endemoninhado continua vivo nos céus e se compadece dos pecadores. O pior dos pecadores do mundo não está sem remédio; Jesus pode ter compaixão dele e libertá-lo.

Em segundo, observamos nestes versículos *o absoluto poder que nosso Senhor possui sobre Satanás*. Ele ordenou “ao espírito imundo que saísse do homem” cuja miserável situação acabara de ser descrita. Imediatamente aquele infeliz ficou curado. Os “muitos demônios” que o possuíam foram obrigados a deixá-lo. E isto não foi tudo. Expulsos de sua morada no coração daquele homem, estes espíritos malignos suplicaram ao Senhor que não os atormenta-se e que “não os mandasse sair para o

abismo”, confessando desta maneira a supremacia de Jesus sobre eles. Embora fossem poderosos, viram-se insignificantes na presença de Alguém mais poderoso do que eles mesmos. Ainda que eram excessivamente maldosos, não puderam causar danos aos porcos dos gesarenos, enquanto não receberam permissão de nosso Senhor.

O domínio do Senhor Jesus Cristo sobre todos os demônios deve ser um pensamento animador para todos os verdadeiros crentes. Sem este pensamento, realmente poderíamos desesperar de nossa salvação. Sentir que temos sempre à nossa volta um invisível inimigo espiritual, que trabalha noite e dia planejando nossa destruição, seria suficiente para aniquilar todas as nossas esperanças, se não soubéssemos que temos um Amigo e Protetor. Louvado seja Deus! O evangelho nos revela esta verdade. O Senhor Jesus é mais forte do que o “valente bem armado”, que está sempre batalhando contra a nossa alma. O Senhor Jesus é capaz de nos livrar de Satanás. Ele mostrou seu poder constantemente contra o diabo, enquanto esteve na terra. E triunfou gloriosamente sobre ele na cruz. Satanás nunca terá permissão de retirar das mãos do Senhor Jesus qualquer das ovelhas pertencentes Ele. Um dia Jesus esmagará o diabo debaixo de nossos pés e o prenderá no inferno (Rm 16.20; Ap 20.1,2). Felizes são aqueles que ouvem a voz de Cristo e O seguem. Satanás pode causar-lhes vergonha, mas não pode causar-lhes danos; pode ferir o calcanhar deles, mas não pode destruir-lhes a alma. Eles são “mais que vencedores, por meio daquele que” os amou (Rm 8.37).

Por último, devemos observar nestes versículos *a maravilhosa transformação que Cristo realiza nos escravos de Satanás*. Lucas nos diz que os gerasenos “acharam o homem de quem saíram os demônios, vestido, em perfeito juízo, assentado aos pés de Jesus”. Isto deve ter sido realmente estranho e admirável. A história e a situação anterior do homem sem dúvida eram bem conhecidas. Ele provavelmente havia sido um aborrecimento e terror para toda a vizinhança. No entanto, em um instante uma completa mudança lhe sobreviera. As coisas velhas passaram, e tudo se tornou novo. O poder através do qual essa libertação foi realizada tinha de ser realmente imenso. Se Cristo é o Médico, nada é impossível.

Uma coisa, entretanto, não devemos esquecer: embora esta cura tenha sido admirável e miraculosa, não é tão maravilhosa quanto cada exemplo de resoluta conversão a Deus. Apesar de ter sido maravilhosa a mudança que se manifestou na cura do estado demoníaco daquele homem, não foi tão maravilhosa quanto a mudança que ocorre quando uma pessoa nasce de novo e passa da autoridade de Satanás para Deus. O homem não está em seu “perfeito juízo”, enquanto não se converte a Deus; não está em seu lugar adequado, enquanto não sentar-se, pela fé, aos pés de Jesus; ele não está corretamente vestido, enquanto não se reveste do Senhor

Jesus Cristo. Já pensamos sobre o que significa a verdadeira conversão a Deus? Nada mais é do que a libertação de um escravo, a miraculosa restauração de um homem ao seu perfeito juízo e a libertação de uma alma do reino de Satanás.

Qual é a nossa situação? Antes de qualquer outra, esta deve ser a principal pergunta que nos interessa. Somos escravos de Satanás ou servos de Deus? Cristo nos libertou ou o diabo ainda reina em nosso coração? Sentamo-nos aos pés de Jesus diariamente? Estamos em perfeito juízo? Que o Senhor nos ajude a responder corretamente estas perguntas!

Jesus Rejeitado pelos Gerasenos; A Ordem de Cristo ao Homem Liberto dos Demônios

Leia Lucas 8.37-40

Nesta passagem encontramos dois pedidos feitos ao Senhor Jesus. Eram completamente opostos e foram pronunciados por pessoas de caráter amplamente diferentes. Além disso, podemos observar a maneira como Jesus recebeu os dois pedidos. Para ambos houve uma notável resposta. Esta passagem é peculiarmente instrutiva.

Primeiramente, vemos que *os gerasenos imploraram a Jesus que se retirasse de entre eles, e seu pedido foi aceito*. Lemos as tristes e solenes palavras: “Jesus, tomando de novo o barco, voltou”. Por que aquelas infelizes pessoas desejaram que o Filho de Deus as deixasse? Por que, mesmo após o admirável milagre realizado entre eles, não sentiram qualquer desejo de saber mais a respeito dAquele que o fizera? Por que se tornaram seus próprios inimigos, desprezaram sua própria necessidade de misericórdia e fecharam a porta para o evangelho? Existe somente uma resposta para estas indagações. Os gerasenos amavam o mundo e as coisas que nele existem; estavam determinados a não desistirem delas. Em sua consciência, sentiram-se convencidos de que não poderiam receber a Cristo entre eles mesmos e continuarem em seus pecados; e nestes resolveram permanecer. Viram que em Jesus havia algo com o que seus hábitos de vida jamais poderiam concordar e, tendo de escolher entre o novo e o velho caminho, recusaram o novo e escolheram o velho caminho.

E por que Jesus atendeu o pedido dos gerasenos, retirando-se de entre eles? Ele o fez como uma forma de julgamento para testificar a grandeza do pecado daqueles homens. Jesus atendeu este pedido como uma expressão de misericórdia à sua igreja, em todas as épocas,

demonstrando quão grave é a impiedade daqueles que voluntariamente rejeitam a verdade. Retirar a luz daqueles que voluntariamente a rejeitam parece ser uma eterna lei do governo de Cristo. Imensa é a paciência e longanimidade de nosso Senhor. Sua misericórdia dura para sempre. Os convites e os dons oferecidos por ele são inúmeros, abrangentes e universais. Ele oferece a cada pessoa o seu tempo de graça e de visitação (Lc 19.44). Mas, se os homens persistem na rejeição de seu conselho, em nenhuma passagem das Escrituras Ele prometeu persistir em forçar seu conselho sobre eles. As pessoas que têm o evangelho e recusam-se a obedecê-lo não devem ficar surpresas, se este for retirado de entre elas. Milhares neste momento encontram-se na mesma situação dos gerasenos. Disseram a Cristo: “Retira-te de nós!” (Jó 21.14); por isso, Ele os está apanhando em suas próprias palavras. Entregaram-se “aos ídolos”; agora estão a eles entregues (Os 4.17).

Tenhamos cuidado para não cometermos o pecado dos gerasenos. Estejamos alerta para que, por meio da indiferença, falta de atenção e mundanismo, não fechemos nossas portas para Jesus e O levemos a nos abandonar completamente. De todos os pecados, este é o mais terrível. De todos os estados em que nossa alma pode cair, nenhum outro é tão horrendo quanto o ser deixado por Jesus. Devemos orar diariamente suplicando que Cristo jamais nos deixe entregues a nós mesmos. Um naufrágio nos densos e secos bancos de areia não é um quadro tão desagradável quanto o de um homem cujo coração Cristo visitou com suas misericórdias, e, por fim, cessou de visitá-lo por não ter sido recebido. O Senhor Jesus não baterá sempre na porta trancada. Os gerasenos não tiveram motivos para ficarem surpresos, ao verem Jesus retirando-se.

Em segundo, vemos nestes versículos que *o homem de quem os demônios foram expulsos implorou que Jesus lhe permitisse ficar em sua companhia, mas este pedido não foi atendido*. Somos informados que Jesus o mandou para sua casa, dizendo: “Volta para casa e conta aos teus tudo o que Deus fez por ti”.

Com facilidade podemos entender o pedido deste homem. Ele sentira profunda gratidão por causa da admirável misericórdia que acabara de receber, ao ser curado. Sentiu-se cheio de amor e de intensa afeição por Aquele que de maneira tão maravilhosa e graciosa o havia curado. Queria continuar a vê-Lo, desejava ficar em sua companhia e estar bem perto dEle. Esqueceu todas as demais coisas por causa da influência destes sentimentos. A família, os parentes, os amigos, o lar, sua cidade — tudo isto parecia nada aos seus olhos. Não se preocupou com mais nada, a não ser o estar com Cristo. Não podemos acusá-lo por causa destes sentimentos. Provavelmente estavam mesclados com entusiasmo e falta de pensar nos seus familiares. Havia um zelo sem entendimento. Em seu primeiro entu-

siasmo como alguém que se sentia recém-curado, possivelmente este homem não foi capaz de julgar qual seria a sua futura maneira de viver. No entanto, afeições espirituais entusiasmadas são melhores do que nenhuma afeição. Em sua petição a Jesus, existem mais coisas a serem elogiadas do que a serem censuradas.

Por que nosso Senhor Jesus Cristo recusou-se a conceder o pedido deste homem? Por que, em uma ocasião em que Ele tinha poucos seguidores, mandou-o para sua casa? Por que, ao invés de permitir que O seguisse, juntamente com Pedro, Tiago e João, o Senhor Jesus ordenou-lhe a retornar para casa? Ele fez tudo isto em sua infinita sabedoria, em benefício da própria alma daquele homem. Jesus entendia que seria melhor aquele homem ser uma testemunha em sua própria casa do que um discípulo em lugar distante. Cristo ordenou que retornasse para casa numa atitude de misericórdia para com os gerasenos. Jesus deixou entre os gerasenos uma testemunha permanente da verdade a respeito de sua divina missão. Acima de tudo, Jesus ordenou que o homem retornasse à sua casa para que isto servisse como instrução perpétua à sua própria igreja. Cristo desejava que soubéssemos as várias maneiras de glorificá-Lo; podemos honrá-Lo tanto em nossa vida particular quanto no ofício de ministros do evangelho; nossa própria casa é o primeiro lugar em que devemos testemunhar de Cristo.

Neste pequeno incidente, existe uma lição que expressa profunda sabedoria prática que todos os verdadeiros crentes devem entesourar em seu coração. Esta lição é a nossa completa ignorância a respeito de qual posição é melhor para nós neste mundo e a necessidade de submetermos nossa vontade à de Cristo. O lugar que desejamos ocupar nem sempre é o melhor para nós. O curso de vida que desejamos seguir nem sempre é aquele que Cristo determina ser o melhor para o bem de nossa alma. A posição que estamos obrigados a ocupar às vezes é bastante desagradável, mas, apesar disso, pode ser necessária à nossa santificação. A posição que temos de ocupar pode ser desagradável à carne e ao sangue, mas talvez seja necessária para preservar-nos em nossa correta maneira de pensar. É melhor que o próprio Senhor Jesus nos mande embora de sua presença física do que ali permanecermos sem o consentimento dEle.

Oremos para que tenhamos espírito de “contentamento” com as coisas que temos. Tenhamos receio de escolher por nós mesmos coisas pertinentes a esta vida, sem o consentimento de Cristo, ou de prosseguirmos em nossa jornada neste mundo quando a coluna de nuvens e de fogo ainda não se moveu. Supliquemos ao Senhor que escolha tudo por nós. Esta deve ser nossa oração diária: “Concede-me o que Tu queres; coloca-me onde desejares. Permite-me apenas ser teu discípulo e permanecer contigo”.

A Mulher Curada ao Tocar as Vestes de Cristo

Leia Lucas 8.41-48

Quanta miséria e dificuldades o pecado trouxe ao mundo! A passagem que acabamos de ler nos oferece uma melancólica prova deste fato. A princípio, vemos um pai atribulado, em intensa ansiedade por causa de sua filha que está às portas da morte. Em seguida, vemos uma mulher que sofria sendo afligida por uma doença incurável, durante doze anos. E estas são coisas que o pecado tem semeado em todo o mundo! São apenas exemplos do que está constantemente ocorrendo em todos os lugares; são males que Deus não criou, no princípio, mas que o homem trouxe sobre si mesmo por meio da Queda. Não haveria qualquer tristeza ou enfermidade entre os filhos de Adão, se não houvesse o pecado.

Inicialmente, devemos observar no caso da mulher aqui mencionada *uma notável figura da condição de muitas almas*. Lucas nos revela que ela, “havia doze anos, vinha sofrendo de uma hemorragia, e a quem ninguém tinha podido curar [e que gastara com os médicos todos os seus haveres]”. Como por um espelho, podemos contemplar o estado do coração de muitos pecadores através desta descrição. Talvez este seja o nosso próprio estado.

Existem homens e mulheres, em muitas igrejas, que têm sentido profundamente seus pecados e sido intensamente afligidos pelo pensamento de que ainda não estão perdoados e prontos para morrer. Desejam alívio e paz na consciência, mas não sabem onde encontrá-los. Já tentaram muitos remédios falsos e descobriram que estes em nada lhes fizeram melhorar, e sim os levaram a um estado pior. Eles seguiram várias formas de religião e se desgastaram em todos os artifícios elaborados pela imaginação humana, a fim de obterem saúde espiritual. No entanto, tudo foi inútil. A paz na consciência parece-lhes tão distante quanto antes. As feridas interiores assemelham-se a úlceras enraizadas e atormentadoras que ninguém pode curar. Tais pecadores continuam em uma situação deplorável, ainda são infelizes e completamente descontentes com seu próprio estado. Em resumo, à semelhança da mulher sobre a qual lemos nesta passagem, eles estão prontos para dizer: “Não existe esperança para mim; jamais serei salvo”.

Todos estes devem achar consolação no milagre que ora consideramos. Precisam saber que “há bálsamo em Gileade” (Jr 8.22) que pode curá-los, se o procurarem. Existe uma porta na qual eles ainda não bateram, em todos os seus esforços para obterem alívio. Há um Médico a

quem eles ainda não recorreram, um Médico que jamais falha em curar. Em sua necessidade, eles devem considerar a condição da mulher descrita nesta passagem. Quando todos os outros meios tiverem falhado, ela veio a Jesus para receber socorro. Os pecadores precisam fazer a mesma coisa.

Em segundo, devemos observar na conduta desta mulher *uma notável figura dos primeiros passos da fé salvadora e seus efeitos*. Somos informados que ela “veio por trás dele e lhe tocou na orla da veste, e logo se lhe estancou a hemorragia”. Aquele ato parecia muitos simples e completamente inadequado para produzir qualquer grande resultado, mas o seu efeito foi maravilhoso! Em um instante aquela mulher infeliz foi curada. O alívio que muitos médicos, durante doze anos, não foram capazes de oferecer-lhe foi obtido em um momento. Com apenas um toque ela ficou curada.

É difícil acharmos outra figura mais vívida da experiência de muitas almas do que a história da cura desta mulher. Milhares de crentes poderiam testificar que, assim como aquela mulher, buscaram ajuda espiritual de médicos que não tinham qualquer valor e fatigaram suas almas utilizando remédios que não lhes trouxeram cura. Finalmente, assim como esta mulher, ouviram falar de Alguém que curava consciências atormentadas e perdoava pecadores, “sem dinheiro e sem preço” (Is 55.1), se tão-somente os homens viessem a Ele, pela fé. As condições pareciam ser boas demais, para serem verdadeiras. Mas, assim como aquela mulher, resolveram tentar. Vieram a Cristo, pela fé, com todos os seus pecados e, para sua admiração, imediatamente receberam alívio. Agora desfrutaram de mais consolo e esperança do que antes. O fardo desprende-se de suas costas. O peso de sua consciência foi removido, a luz resplandeceu em seus corações, e começaram a regozijar-se “na esperança da glória de Deus” (Rm 5.2). E tudo, eles nos dirão, deve-se apenas a uma coisa: vieram a Jesus como estavam, tocaram-No, pela fé, e foram curados.

Sempre devemos ter gravado em nossa mente o fato de que a fé em Cristo é o grande segredo da paz com Deus. Sem ela, jamais encontraremos descanso em nosso coração, não importa o que façamos por nossas almas. Sem ela, podemos assistir cultos, participar da Ceia do Senhor a cada semana, podemos distribuir nossos bens aos pobres, queimar nossos corpos em fogueiras, jejuar, vestir pano de saco e viver como eremitas — tudo isto poderemos fazer e continuar em uma situação miserável. Um verdadeiro tocar em Jesus, pela fé, é mais valioso do que todas estas coisas juntas. O orgulho da natureza humana talvez não goste disto; no entanto, é verdade. Milhares se levantarão no último dia e confessarão que jamais tiveram descanso em sua alma, até que vieram a Cristo pela fé e contentaram-se em abandonar suas próprias obras e serem salvos completa e integralmente pela graça de Cristo.

Por último, observemos nesta passagem *o quanto nosso Senhor deseja que O confessem diante dos homens aqueles que receberam benefícios dEle*. Jesus não permitiu que a mulher sobre a qual acabamos de ler se retirasse despercebida da multidão. Ele indagou: “Quem me tocou?” E insistiu na pergunta até que a mulher apresentou-se e “declarou, à vista de todo o povo”, o que lhe aconteceu. Então, Jesus pronunciou aquelas maravilhosas palavras: “Filha, a tua fé te salvou; vai-te em paz”.

Confessar a Cristo é um assunto de grande importância, que jamais deve ser esquecido pelo verdadeiro crente. A obra que podemos realizar por nosso bendito Senhor é pequena e simples. Nossos melhores esforços para glorificá-Lo são fracos e cheios de imperfeição. Nossas orações e louvores são defeituosos. Nosso conhecimento e amor por Ele são excessivamente limitados. Mas sentimos em nosso íntimo que Cristo salvou nossa alma? Podemos confessá-Lo diante dos homens? Podemos com sinceridade dizer aos outros que Cristo fez tudo por nós, estávamos morrendo com uma doença fatal e fomos curados, estávamos perdidos e fomos achados, éramos cegos e agora vemos? Então, façamos isto com ousadia. Não nos envergonhemos de contar a todos o que Jesus fez por nossa alma. Nosso Senhor tem prazer em nos ver fazendo isto. Ele aprecia muito que seu povo não se envergonhe de seu nome. O apóstolo Paulo fez esta solene afirmação: “Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo” (Rm 10.9). E eis uma afirmativa ainda mais solene de Cristo: “Qualquer que de mim e das minhas palavras se envergonhar, dele se envergonhará o Filho do Homem, quando vier na sua glória e na do Pai e dos santos anjos” (Lc 9.26).

A Ressurreição da Filha de Jairo

Leia Lucas 8.49-56

Esta passagem contém uma das três ocasiões nas quais o Espírito Santo achou conveniente registrar o ato de nosso Senhor Jesus em trazer de volta à vida uma pessoa morta. As duas outras ocasiões são a ressurreição de Lázaro e a do filho da viúva de Naim. Sem dúvida, nosso Senhor ressuscitou outros além desses três. Mas estes casos foram especialmente descritos como exemplos do seu infinito poder: o de uma jovem que havia dado seu último suspiro; o de um jovem que estava sendo levado para sepultamento e o de um morto que há quatro dias estava no sepulcro. Em

todos estes casos, vemos que a vida foi imediatamente restaurada mediante uma ordem de Cristo.

Primeiramente esta passagem nos mostra *quão universal é o domínio da morte sobre os filhos dos homens*. Nós a vemos chegando à casa de um homem rico e num golpe tirar-lhe um ente querido. “Veio uma pessoa da casa do chefe da sinagoga, dizendo: Tua filha já está morta.” Notícias como estas constituem o cálice amargo que temos de beber neste mundo. Nenhuma outra coisa fere tanto o coração de uma pessoa quanto a morte e o sepultamento de um ente querido. Poucas aflições nos causam tanta dor e tristeza quanto a partida de um filho único.

A morte é realmente um inimigo cruel, não faz distinção em seus ataques; alcança a mansão do rico e a choupana do pobre. Não poupa os jovens, os fortes, os bonitos, assim como não poupa os mais velhos, os enfermos e os de idade bastante avançada. Nem todo o ouro do mundo, nem toda a habilidade dos médicos podem fazer a morte retirar sua mão de nosso corpo, no dia do seu poder. Quando chega a hora determinada e Deus permite que a morte lance seu aguilhão, nossos relacionamentos humanos se desfazem e nossos queridos têm de ser levados e sepultados longe de nós.

Estes são pensamentos melancólicos e poucos gostam de ouvi-los. O assunto da morte é um assunto que as pessoas evitam e sobre o qual recusam meditar. O homem pensa que todos os demais são mortais, exceto ele mesmo. Mas por que devemos lidar com essa grande realidade desta maneira? Por que não encaramos face a face o assunto da morte física, a fim de que, ao chegar a nossa vez, estejamos preparados para ela? A morte virá à nossa casa, quer desejemos, quer não. Levará cada um de nós, apesar de não gostarmos de ouvir a respeito dela. Com certeza, estar preparado para este grande dia faz parte da vida de um homem sábio. Existe razão para não nos prepararmos? Porque existe Alguém que pode nos livrar do temor da morte (Hb 2.15). Cristo venceu a morte e “trouxe à luz a vida e a imortalidade, mediante o evangelho” (2 Tm 1.10). Aquele que crê em Jesus tem a vida eterna e, ainda que morra, viverá (Jo 6.47; 11.25). Creiamos no Senhor Jesus, e, quando ela lançar seu aguilhão, diremos, juntamente com o apóstolo Paulo: “Para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro” (Fp 1.21).

Em segundo, esta passagem nos mostra que *a fé no amor e no poder de Cristo é o melhor remédio em tempos de aflição*. Quando ouviu a notícia de que a filha do chefe da sinagoga morrera, Jesus disse a este: “Não temas, crê somente, e ela será salva”. Sem dúvida, estas palavras foram pronunciadas com referência imediata ao milagre que nosso Senhor realizaria. No entanto, não precisamos duvidar que foram proferidas tendo em vista o perpétuo benefício da igreja de Cristo. Tinham o propósito de

revelar-nos o grande segredo do consolo em tempos de aflição. O segredo é exercer fé, confiando na compaixão de Cristo e em sua poderosa mão — em uma palavra, crer.

A súplica por mais fé deve fazer parte de nossas orações diárias. Visto que desejamos sempre ter paz, calma e quietude de espírito, oremos constantemente: “Senhor, aumenta-nos a fé” (Lc 17.5). Muitas coisas dolorosas podem nos acontecer neste mundo mau, para as quais nossas frágeis mentes não acham o motivo. Sem fé, seremos constantemente abatidos e nos sentiremos intranquilos. Nada conseguirá animar-nos, exceto um permanente senso do amor, do cuidado e da sabedoria de Cristo para conosco e da maneira providencial como Ele dispõe aquilo que nos acontece. A fé “não se atemoriza de más notícias” (Sl 112.7); ela pode aquietar-se e esperar dias melhores. A fé pode ver luz mesmo nos dias mais escuros e reconhecer os recursos necessários para as mais intensas provações; ela é capaz de levantar seus ebenézeres diante de quaisquer circunstâncias e cantar louvores em meio a qualquer situação. “Aquele que crer não foge” (Is 28.16). “Tu, SENHOR, conservarás em perfeita paz aquele cujo propósito é firme; porque ele confia em ti” (Is 26.3). Novamente, permitamos que esta lição fique gravada em nossa mente. Se desejamos ter uma jornada tranqüila durante nossa vida neste mundo, precisamos “crer”.

Por último, esta passagem nos mostra *o infinito poder que nosso Senhor possui sobre a morte*. Ele foi à casa de Jairo e transformou a tristeza em alegria. Pegou a mão do corpo sem vida da filha do chefe da sinagoga e disse: “Menina, levanta-te!” Imediatamente, por intermédio daquela voz todo-poderosa, a vida lhe foi restaurada. “Voltou-lhe o espírito, ela imediatamente se levantou”.

Devemos nos sentir confortados com o pensamento de que existe um limite para o poder da morte. O rei dos terrores é bastante poderoso; muitas gerações ele já levou deste mundo, fazendo-as retornar ao pó. Quantidade de sábios, poderosos e elegantes a morte já trouxe e arrebatou no pleno vigor deles! Inúmeras vitórias ela já obteve e freqüentemente tem dito: “Vaidade de vaidades” sobre o orgulho do homem! Patriarcas, reis, profetas e apóstolos foram obrigados, no devido tempo, a se sujeitarem a ela. Todos morreram. No entanto, graças sejam dadas a Deus, pois existe Alguém mais poderoso do que a morte, Aquele que disse: “Onde estão, ó morte, as tuas pragas? Onde está, ó inferno, a tua destruição?” (Os 13.14). Este é o Amigo dos pecadores, o Senhor Jesus Cristo. Quando esteve na terra pela primeira vez, Ele demonstrou seu poder freqüentemente; como por exemplo: na casa de Jairo, no sepulcro de Lázaro e às portas da cidade de Naim; e demonstrará este mesmo poder a todas as pessoas, quando vier outra vez ao mundo. “O último inimigo a

ser destruído é a morte” (1 Co 15.26). “A terra dará à luz os seus mortos” (Is 26.19).

Findemos nossa meditação sobre esta passagem com o reconfortante pensamento de que as coisas acontecidas na casa de Jairo, nesta ocasião, são apenas figuras das que acontecerão no futuro. Em breve virá a hora em que Cristo chamará dos sepulcros todo o seu povo e o reunirá, para que nunca mais estejam separados. Maridos crentes verão novamente suas esposas crentes. Pais crentes contemplarão de novo seus filhos crentes. Cristo unirá toda a sua família em uma grande casa nos céus, e as lágrimas serão enxugadas de todos os olhos.

A Primeira Comissão de Cristo aos Doze Apóstolos

Leia Lucas 9.1-6

Estes versículos contêm as instruções de nosso Senhor aos doze discípulos, quando pela primeira vez os enviou a pregar o evangelho. A passagem esclarece muitos fatos sobre a obra dos ministros cristãos em todas as épocas. Sem dúvida, o miraculoso poder que os apóstolos possuíam tornava singular a posição que ocupavam, uma posição diferente da ocupada por qualquer outro grupo de homens da igreja. Sem dúvida, em muitos aspectos eles estiveram sozinhos e sem qualquer sucessor. Entretanto, as palavras de Cristo nesta ocasião não precisam ser limitadas inteiramente aos apóstolos. Contêm profunda sabedoria para os crentes e pregadores de todas as épocas.

Primeiramente, devemos observar que *a comissão outorgada aos apóstolos possuía especial referência aos demônios e aos enfermos*. Jesus “deu-lhes poder e autoridade sobre todos os demônios, e para efetuarem curas”. Nisto vemos, como por espelho, duas das principais áreas de atividade do ministro do evangelho. Não temos de esperar que ele expulse espíritos malignos, mas com certeza devemos esperar que ele resista o diabo e suas obras e se mantenha em constante luta contra o príncipe deste mundo. Não temos de esperar que o ministro do evangelho realize curas; todavia, devemos esperar que ele demonstre interesse especial por todas as pessoas enfermas, visite-as, simpatize com elas e, se necessário, as auxilie quanto lhe for possível. O ministro cristão que despreza os membros enfermos de seu rebanho não é um verdadeiro pastor. Não deve ficar surpreso se as pessoas disserem que ele se preocupa mais com a lã do que com a saúde das ovelhas. O pastor que permite bebedices, blasfêmias,

impureza, diversões, brigas, contendas e coisas semelhantes acontecerem entre os membros de sua igreja, sem reprová-las, está omitindo um evidente dever de seu ministério. Ele não está lutando contra o diabo; não é um verdadeiro sucessor dos apóstolos.

Em segundo, devemos observar que *uma das principais obras confiadas aos apóstolos era a pregação*. Lemos que nosso Senhor “também os enviou a pregar o reino de Deus” e que, “saíndo, percorriam todas as aldeias, anunciando o evangelho”. A importância da pregação, como um dos meios da graça, pode facilmente ser vista nesta passagem. Esta é apenas uma instância, entre muitas em toda a Bíblia, que ressalta o sublime valor da pregação. Na verdade, a pregação é o instrumento escolhido por Deus para fazer o bem às almas. Por meio dela, os pecadores são salvos, os interessados têm suas dúvidas esclarecidas, e os crentes são edificados. Um ministério de pregação é absolutamente essencial à saúde e à prosperidade da igreja visível. O púlpito é o lugar onde as maiores vitórias do evangelho têm sido conquistadas, e a igreja que faz bastante para o avanço do verdadeiro cristianismo é aquela que valoriza a pregação. Desejamos saber se um ministro do evangelho é realmente apostólico? Ele tributará muita atenção aos seus sermões, esforçando-se e orando para tornar eficaz sua pregação; dirá à sua igreja que considera a pregação um instrumento que produz grandes resultados na alma dos homens. Um ministro do evangelho que exalta as ordenanças ou as formalidades da igreja acima da pregação pode até ser zeloso, sincero, escrupuloso e respeitável, mas estará demonstrando um zelo sem entendimento; não é um seguidor dos apóstolos de Cristo.

Em terceiro, devemos observar que nosso Senhor, ao enviar seus apóstolos, *ordenou-lhes que tivessem hábitos simples e se contentassem com aquilo que teriam*. Ele lhes disse: “Nada leveis para o caminho: nem bordão, nem alforje, nem pão, nem dinheiro; nem deveis ter duas túnicas. Na casa em que entrardes, ali permaneei e dali saíreis”. Em parte, essas instruções aplicam-se apenas àquela época em particular. Mais tarde, chegou a ocasião em que Jesus mesmo ordenou: “O que não tem espada, venda a sua capa e compre uma” (Lc 22.36). Mas, por outro lado, essas instruções contêm uma lição para todas as épocas. O ensino central destes versículos tem de ser relembrado por todos os ministros do evangelho.

A principal idéia transmitida por estas palavras é uma advertência contra o mundanismo e hábitos luxuosos. Seria bom para o mundo e para a igreja, se estes prestassem mais atenção a esta advertência. Nenhuma outra classe de pessoas tem causado tanto prejuízo à igreja de Cristo quanto os seus próprios ensinadores. Em nenhum outro assunto, os ensinadores da igreja erram com tanta frequência quanto na questão do mundanismo pessoal e da vida luxuosa. Eles têm destruído por meio de sua vida diária

toda a obra de seus lábios. Têm dado ocasião para que os inimigos de Cristo afirmem que amam a tranquilidade, o dinheiro e as coisas boas da vida mais do que as almas. Devemos orar diariamente para que a igreja fique livre de ministros como estes. Eles são uma pedra de tropeço no caminho que conduz ao céu. Prestam auxílio à obra de Satanás. O pregador cujas afeições centralizam-se no dinheiro, em vestes, diversões e busca de prazeres evidentemente está compreendendo mal a sua vocação. Esqueceu as instruções de seu Mestre; não é um seguidor dos apóstolos.

Por último, devemos observar que *nosso Senhor preparou seus discípulos para enfrentarem a incredulidade e a impenitência da parte daqueles que ouviriam sua pregação*. Jesus falou sobre aqueles que não os receberiam como pessoas com as quais os discípulos com certeza se defrontariam. Nosso Senhor os ensinou como deviam se comportar, quando não fossem recebidos, dizendo que esta seria uma situação para a qual eles deveriam preparar-se.

Todos os ministros do evangelho deveriam ler com cuidado esta parte das instruções de nosso Senhor. Todos os missionários e obreiros da igreja receberão grande benefício em guardá-las no seu coração. Não devem desanimar, se o trabalho que realizam parece inútil e seus esforços, sem proveito. Lembrem-se de que os primeiros pregadores e ensinadores que Jesus utilizou foram enviados com uma advertência clara de que nem todos creriam em sua pregação. Devem continuar trabalhando com paciência e, sem desfalecer, semear a boa semente. As obrigações lhes pertencem; a Deus pertencem os resultados. Os pregadores plantam e regam. Somente o Espírito Santo pode dar vida espiritual. O Senhor Jesus sabe o que está no íntimo do homem. Ele não despreza seus obreiros somente porque poucas das sementes que eles plantam produzem fruto. A colheita talvez seja pequena, mas todo obreiro será recompensado de acordo com seu trabalho.

Herodes Perplexo Ante as Obras de Cristo; A Importância da Solitude Ocasional; A Prontidão de Cristo em Receber os Pecadores

Leia Lucas 9.7-11

Primeiramente, esta passagem nos fala sobre *o poder de uma consciência má*. Somos informados que Herodes, ao ouvir as notícias sobre tudo que Jesus realizava, “ficou perplexo” e disse: “Eu mandei decapitar a João; quem é, pois, este a respeito do qual tenho ouvido tais coisas?”

Embora Herodes fosse grande e poderoso, as notícias a respeito do ministério de nosso Senhor trouxeram-lhe os pecados à memória e o perturbaram mesmo em seu palácio real. Ainda que estava cercado por todas as coisas que julgamos tornar a vida agradável, a informação sobre outro pregador da justiça o deixou alarmado. A recordação de sua impiedade na morte de João Batista ressurgiu em sua mente. Ele sabia que tinha feito algo errado. Sentiu-se culpado, condenado e insatisfeito consigo mesmo. Fiéis e verdadeiras são as palavras de Salomão: “O caminho dos perversos é intransitável” (Pv 13.15). O pecado de Herodes o achara. A prisão e a espada silenciaram João de Batista, mas não silenciaram a voz do homem interior de Herodes. A verdade divina jamais pode ser presa, silenciada ou aniquilada.

A consciência é um elemento poderoso da constituição do homem. Não pode salvar nossa alma. Jamais trouxe alguém a Cristo. Com frequência, a consciência é cega, ignorante e mal orientada. Porém ela pode suscitar um poderoso testemunho contra os pecados no coração do pecador e fazê-lo sentir “que mau e quão amargo” (Jr 2.19) é apartar-se de Deus. Os jovens, em especial, precisam recordar isso e, ao fazê-lo, atentar para seus próprios caminhos. Não enganem a si mesmos, pensando que tudo está bem, quando seus pecados foram esquecidos e ignorados pelo mundo. Saibam que sua consciência pode fazer ressurgir em seus pensamentos cada um desses pecados e afligi-los, assim como o veneno de uma serpente. Muitos testificarão no último dia que tiveram uma experiência semelhante à de Herodes. A consciência ressuscitou antigos pecados e os fez vaguear em seus corações. Em meio à aparente prosperidade e sucesso, tais pessoas eram infelizes e miseráveis em seu íntimo. Feliz é aquele que achou a cura para uma consciência má. Nada poderá curá-la, exceto o sangue de Cristo.

Em segundo, esta passagem nos fala sobre a *importância da privacidade e quietude para o verdadeiro cristão*. Quando os apóstolos retornaram de sua primeira atividade ministerial, nosso Senhor os levou “consigo” e “retirou-se à parte para uma cidade chamada Betsaida”. Sem dúvida, isto foi realizado tendo em vista um profundo significado. Este acontecimento tinha o propósito de nos ensinar esta importante lição: aqueles que trabalham em benefício da alma de outros precisam separar tempo para estar a sós com Deus.

Esta é uma lição que muitos crentes fariam bem se a recordassem. O afastamento ocasional, o auto-exame, a meditação e a comunhão secreta com Deus são absolutamente essenciais à saúde espiritual. Aquele que os negligencia está em grande perigo de cair no pecado. Estar *sempre* pregando, ensinando, falando, escrevendo e trabalhando em meio ao povo é, inquestionavelmente, uma evidência de zelo. Mas não é sempre uma

evidência de zelo com entendimento; freqüentemente nos leva a consequências desastrosas. *Precisamos* separar tempo para nos aquietarmos e, com calma, averiguarmos nosso íntimo, examinando de que maneira as coisas atrapalham nosso relacionamento com Cristo. A omissão desta prática é a verdadeira razão por que muitos pecados prejudicam a igreja e oferecem ao mundo oportunidade de blasfêmia. Muitos poderiam repetir com pesar, as palavras de Salomão: “Me puseram por guarda de vinhas; a vinha, porém, que me pertence, não a guardei” (Ct 1.6).

Por último, esta passagem nos fala sobre a *prontidão de nosso Senhor em receber todos os que vêm a Ele*. Lucas nos conta que, quando as multidões seguiram a Jesus ao lugar para o qual havia se retirado, Ele as acolheu, “falava-lhes a respeito do reino de Deus e socorria os que tinham necessidade de cura”. Embora esta intromissão à privacidade de nosso Senhor tenha sido grosseira e sem convite, não recebeu qualquer reprovação da parte dEle. Jesus estava sempre mais disposto a instruir as pessoas do que estas a serem ensinadas.

Mas este incidente, embora pareça insignificante, corresponde exatamente a tudo que lemos nos evangelhos a respeito da condescendência e simpatia de nosso Senhor. Nunca O vemos lidar com as pessoas de acordo com os seus merecimentos. Jamais O vemos inspecionando os motivos de seus ouvintes ou recusando-se a permitir-lhes que aprendessem dEle, porque o coração deles não era reto diante de Deus. Os ouvidos do Senhor Jesus estavam sempre prontos para ouvir, suas mãos, para agir e seus lábios, para falar. Nenhum dos que vieram para ouvi-Lo foi mandado embora. Não importa o que eles pensavam da doutrina de Jesus, nunca poderiam dizer que Ele era um “homem austero”.

Lembremos esta verdade em todo o nosso relacionamento com Cristo. Podemos nos aproximar dEle com ousadia e abrir-Lhe nosso coração com confiança. Ele é um Salvador que possui infinita compaixão e amabilidade. Ele “não esmagará a cana quebrada” ou “a torcida que fumeça” (Mt 12.20). Os segredos de nossa vida espiritual podem ser tais, que não desejamos que nossos melhores amigos saibam. As mágoas de nossa consciência talvez sejam profundas e dolorosas e exijam um tratamento bastante delicado. Mas não precisamos temer, se entregarmos tudo a Jesus, o Filho de Deus. Descobriremos que sua bondade é ilimitada. Comprovaremos que suas palavras são imensamente verdadeiras: “Sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma” (Mt 11.29).

Por fim, recordemos esta verdade em nosso relacionamento com as outras pessoas, se fomos chamados para ajudá-las no que se refere à sua alma. Esforcemo-nos para andar nos passos do exemplo de Cristo e, assim como Ele, sejamos amáveis, pacientes e sempre dispostos a prestar auxílio. A ignorância dos novos convertidos às vezes é algo provocante. Somos

propensos a ficar desanimados com sua instabilidade, volubilidade e vacilação entre duas opiniões. Lembremo-nos de Jesus e não percamos o ânimo. Ele recebia, conversava e fazia o bem a todos. Façamos o mesmo. Assim como Cristo lida conosco, devemos lidar com as outras pessoas.

Cinco Mil Homens Alimentados com Cinco Pães e Dois Peixes

Leia Lucas 9.12-17

O milagre descrito nestes versículos foi mais relatado nos evangelhos do que qualquer outro que nosso Senhor realizou. Sem dúvida existe um significado nesta repetição; tinha o propósito de atrair nossa atenção ao conteúdo desse milagre.

Primeiramente vemos nestes versículos *um notável exemplo do divino poder de Cristo*. Com cinco pães e dois peixes Ele alimentou uma multidão de cinco mil homens. Ele tomou uma escassa provisão de alimentos, que mal serviria para atender simplesmente a necessidade diária dEle e de seus discípulos, e satisfaz a fome de uma multidão tão grande quanto uma legião de soldados romanos. Não pode haver dúvidas quanto à realidade e a grandeza deste milagre. Foi realizado em público, diante de muitas testemunhas. O mesmo poder que no princípio criou do nada os céus e a terra agiu para trazer à existência alimentos que não existiam antes. As circunstâncias de todo este acontecimento tornam impossível a ocorrência de um engano. Cinco mil homens famintos não concordariam em dizer que “se fartaram”, se realmente não tivessem recebido alimento verdadeiro. “Doze cestos” cheios de pedaços não teriam sido recolhidos, se pães e peixes não houvessem sido miraculosamente multiplicados. Em resumo, nada pode explicar aquele evento, exceto a ação de Deus. O mesmo poder que do céu enviou maná para alimentar os filhos de Israel no deserto fez os cinco pães e os dois peixes atenderem a necessidade de cinco mil homens.

Este milagre é uma das muitas provas de que para Cristo nada é impossível. O Salvador dos pecadores é todo-poderoso. Ele “chama à existência as coisas que não existem” (Rm 4.17). Quando Ele deseja algo, isto acontece. Quando ordena alguma coisa, ela se realiza. Ele pode das trevas criar a luz, fazer do caos surgir harmonia, da fraqueza suscitar força, da tristeza fluir alegria e do nada produzir alimentos. Devemos sempre bendizer a Deus porque isto é realmente assim. Se não conhecemos o poder de Cristo, talvez sintamos desespero ao contemplar a corrupção, a terrível dureza e incredulidade do coração dos homens. “Poderão reviver

estes ossos?” (Ez 37.3). Esta ou aquela pessoa poderá ser salva? Um amigo ou algum de nossos filhos poderá se tornar um verdadeiro cristão? Podemos ser vitoriosos em nossa jornada para o céu? Estas perguntas jamais seriam respondidas, se Jesus não fosse todo-poderoso. Entretanto, graças sejam dadas a Deus, o Senhor Jesus possui todo o poder nos céus e na terra. Ele vive nos céus por nós, sendo capaz de salvar-nos completamente; portanto, tenhamos esperança.

Em segundo, vemos nestes versículos *uma notável figura da capacidade de Cristo em suprir as necessidades espirituais dos homens*. Todo o milagre é uma figura; nele vemos, como por espelho, algumas das mais importantes verdades do cristianismo. Na verdade, este milagre é uma grande parábola do glorioso evangelho, ensinada através de atos.

O que significa a multidão que cercou nosso Senhor naquele lugar, uma multidão infeliz, desamparada e destituída de alimentos? É um retrato da humanidade. Todos nós somos uma multidão de pecadores infelizes, em um mundo ímpio, sem capacidade ou poder para salvar a nós mesmos e completamente em perigo de perecermos por causa de fome espiritual.

Quem é o gracioso Mestre que teve compaixão da multidão faminta e disse a seus discípulos: “Dai-lhes vós mesmos de comer”? É o próprio Senhor Jesus, sempre misericordioso, amável e disposto a manifestar sua graça mesmo para os ingratos e maus. Ele nunca muda; é o mesmo hoje, assim como a dois mil anos atrás. Exaltado à destra de Deus nos céus, Jesus contempla a vasta multidão de pecadores famintos que enchem a face da terra. Ainda demonstra compaixão e se interessa por eles, sentindo o desamparo e a necessidade dos pecadores. E continua dizendo aos seus seguidores: “Vede as multidões. Dai-lhes vós mesmos de comer”.

O que significa a maravilhosa provisão que Cristo fez para atender a necessidade da multidão faminta que estava diante dEle? É uma figura do evangelho. Embora para muitas pessoas pareça fraco e desprezível, o evangelho contém o suficiente para satisfazer e sobrepujar as necessidades da alma de todos os homens. Ainda que para os sábios e eruditos a história de um Salvador crucificado pareça insignificante e desprezível, ela é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê (Rm 1.16).

O que significam os discípulos que receberam os pães e peixes das mãos de Cristo e distribuíram entre a multidão, até que todos estivessem satisfeitos? Eles representam todos os fiéis pregadores e ensinadores do evangelho. A mensagem deles é simples mas profundamente importante. Foram designados para colocar diante dos homens a provisão que Cristo fez em benefício de suas almas. De seus próprios recursos, eles nada podem oferecer. Tudo que eles transmitem aos homens deve proceder das mãos de Cristo. Enquanto realizam com fidelidade seu ministério, podem esperar com confiança a bênção de Cristo. Sem dúvida, muitos se recusarão

a receber o alimento que Cristo providenciou. Mas, se os ministros do evangelho oferecerem com fidelidade aos homens o pão da vida, o sangue daqueles que estão perdidos não lhes será requerido.

O que nós mesmos estamos fazendo? Já descobrimos que este mundo é um lugar deserto e que nossa alma precisa alimentar-se do pão dos céus ou, do contrário, perecerá eternamente? Felizes são aqueles que aprenderam esta lição e, por experiência própria, provaram que Cristo crucificado é o pão da vida! O coração do homem jamais pode satisfazer-se com as coisas deste mundo, pois, enquanto não vem a Cristo, está sempre vazio, faminto e sedento. O coração do homem fica satisfeito somente quando ouve a voz de Cristo, e O segue, e dEle se alimenta pela fé.

Várias Opiniões Sobre a Pessoa de Cristo; A Confissão de Pedro; Jesus Prenuncia sua Morte

Leia Lucas 9.18-22

Devemos observar inicialmente nesta passagem *as diversas opiniões que prevaleciam sobre a pessoa de Cristo durante seu ministério terreno*. Alguns afirmavam que Jesus era João Batista; alguns diziam que Ele era Elias, e outros afirmavam que um dos antigos profetas ressurgira dentre os mortos. Uma observação comum se aplica a todas estas opiniões. Todos concordavam que a doutrina de nosso Senhor era diferente da dos escribas e fariseus. Todos viam em Jesus um testemunho ousado contra o mal que havia no mundo.

Não devemos ficar surpresos, ao encontrarmos em nossos dias as mesmas opiniões a respeito de Cristo e de seu evangelho. A verdade de Deus perturba a indolência espiritual dos homens. Ela os constrange a pensar. O evangelho os faz discutir, argumentar, especular e inventar teorias, para justificar sua propagação em alguns lugares e sua rejeição em outros. Milhares de pessoas, em todas as épocas da História da Igreja, gastam suas vidas nestas coisas e jamais chegam a se aproximar de Deus. Satisfazem-se com infelizes comentários sobre os sermões deste ou daquele pregador ou sobre as opiniões de um ou de outro escritor. Elas dizem: “Este pregador é muito exigente”; ou: “Aquele é muito leviano”. Aprovam certas doutrinas mas rejeitam outras. Dizem que alguns pregadores são “corretos” e outros, “errados”. Tais pessoas são incapazes de chegar à conclusão sobre o que é verdadeiro ou o que é certo. Os anos se passam, e elas continuam na mesma situação — discutindo, criticando, achando

erros, especulando, mas nunca indo além disso; vagueando como moscas ao redor das coisas espirituais, porém nunca pousando como as abelhas para alimentar-se de suas delícias. Jamais se apropriam de Cristo com ousadia. Não se dispõem a se envolver de todo coração na grandiosa obra de servir a Deus. Nunca tomam a sua cruz e tornam-se verdadeiros cristãos. Por fim, apesar de todas as suas afirmações sobre Cristo, morrem em seus pecados, despreparados para encontrarem-se com Deus.

Jamais nos contentemos com esse tipo de cristianismo. Conversar e especular sobre opiniões a respeito do evangelho não salvará qualquer pessoa. O cristianismo que salva é algo que tem de ser assimilado, apropriado, experimentado, provado e possuído de maneira pessoal. Não existe a menor desculpa para nos determos em conversas, opiniões e especulações sobre o evangelho. Os judeus da época de nosso Senhor poderiam ter descoberto, se tivessem sido sinceros em suas indagações, que Jesus de Nazaré não era João Batista, nem Elias, nem um dos antigos profetas, e sim o próprio Cristo de Deus. O especulador de nossos dias pode satisfazer-se em cada assunto essencial à salvação, se realmente desejar e, com franqueza e humildade, buscar o ensino do Espírito Santo. As palavras de nosso Senhor são enfáticas e solenes: “Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina, se ela é de Deus” (Jo 7.17). A obediência prática e sincera é uma das chaves que abre a porta do conhecimento de Deus.

Em segundo, devemos observar nesta passagem *o singular conhecimento e fé revelados pelo apóstolo Pedro*. Quando nosso Senhor perguntou a seus discípulos: “Mas vós... quem dizeis que eu sou?”, Pedro respondeu, dizendo: “És o Cristo de Deus”. Esta é uma nobre confissão, que, em nossos dias, dificilmente podemos compreender seu pleno valor. Para avaliá-la corretamente, precisamos nos colocar no lugar dos discípulos. Devemos recordar que os sábios e entendidos de sua própria nação não viam qualquer beleza em seu Senhor e não O receberiam como seu Messias. Precisamos lembrar que tais homens não encontravam qualquer dignidade real em nosso Senhor: nenhuma coroa, ou exército, ou domínio terreno. Não viam outra coisa além de um indivíduo pobre, que com freqüência não possuía um lugar para repousar sua cabeça. No entanto, foi nesta ocasião e nestas circunstâncias que Pedro declarou com ousadia sua fé, confessando ser Jesus o Cristo de Deus. Realmente esta foi uma grande fé! Sem dúvida, nela havia muita imperfeição e ignorância. Mas, proclamada desta maneira, foi uma fé sem igual. Aquele que a possuía foi um homem notável, que ultrapassou em muito a época em que viveu.

Devemos orar freqüentemente para que Deus levante mais crentes semelhantes ao apóstolo Pedro. Apesar de inconstante, instável e ignorante quanto a seu próprio coração, conforme algumas vezes demonstrou, aquele

bendito apóstolo foi em alguns aspectos mais valioso do que dez mil outros homens. Teve fé, amor e zelo pela causa de Cristo, quando quase todo o Israel mostrou-se apático e incrédulo. Desejamos mais homens desse tipo. Queremos homens que não têm medo de ficar sozinhos e achegados a Cristo, quando milhares estão contra Ele. Homens como Pedro podem às vezes cometer tristes erros, mas durante toda a sua vida farão mais do que qualquer outro pela obra de Cristo. O conhecimento, sem dúvida, é algo excelente; todavia, sem zelo e compaixão não fará muito em benefício do mundo.

Por último, devemos observar nesta passagem a *predição de nosso Senhor referente à sua própria morte*. Ele disse: “É necessário que o Filho do homem sofra muitas coisas, seja rejeitado pelos anciãos, pelos principais sacerdotes e pelos escribas; seja morto e, no terceiro dia, ressuscite”. Estas palavras, lendo-as agora, parecem simples e claras, mas transmitem duas verdades que precisam ser lembradas com atenção.

Por um lado, esta predição de nosso Senhor nos mostra que sua morte, na cruz, foi um ato deliberado de sua livre e espontânea vontade. Ele não foi entregue a Pilatos e crucificado porque não podia evitar ou não tinha poder para destruir seus inimigos. Sua morte foi o resultado do eterno conselho da bendita Trindade. Ele se comprometeu a morrer pelos pecados do homem, o justo em lugar dos injustos, a fim de conduzir-nos a Deus. Como nosso Substituto e Fiador, Ele voluntariamente carregou nossos pecados sobre Si mesmo na cruz. Durante todos os dias de sua vida, Ele via diante de Si o Calvário e a cruz. Estando ciente, com espontaneidade e pleno consentimento, Jesus foi ao Gólgota, para morrer na cruz, a fim de, com seu próprio sangue, pagar nossa dívida. A morte de Cristo não foi meramente a morte de um homem fraco, que não podia evitá-la, e sim a morte d'Aquele que era o próprio Deus e havia determinado sofrer em nosso lugar.

Por outro lado, esta predição de nosso Senhor nos mostra o efeito obscurecedor que os preconceitos causam nas mentes dos homens. Embora as palavras de Cristo sobre sua morte nos pareçam claras e inconfundíveis, seus discípulos não as entenderam. Ouviram-nas como se nada lhes houvesse sido dito. Não entendiam que o Messias seria “cortado” de entre eles. Não podiam aceitar o ensino de que seu próprio Senhor teria de morrer. Portanto, quando sua morte realmente aconteceu, ficaram admirados e confusos. Embora o Senhor lhes houvesse falado sobre a crucificação, não a entenderam como uma realidade.

Vigiemos e oremos contra o preconceito. Muitas pessoas zelosas já foram severamente enganadas por causa de preconceitos e se afligiram com muitas tristezas. Tenhamos cuidado para não permitirmos que tradições, idéias preconcebidas, interpretações incorretas, teorias sem funda-

mentos arraiguem-se em nossos corações. Existe apenas um teste para julgarmos a verdade: “O que dizem as Escrituras?” Diante disto, todos os preconceitos devem ruir.

Necessidade de Negar a si Mesmo e Tomar a Cruz; O Valor de uma Alma; O Perigo de Envergonhar-se de Cristo

Leia Lucas 9.23-27

Estas palavras de nosso Senhor Jesus Cristo contêm três grandes lições para todos os crentes. Aplicam-se a todos, sem exceção. Foram pronunciadas tendo em vista os crentes de todas as idades e todas as congregações que constituem a igreja visível.

Primeiramente, aprendemos nestes *versículos* a *absoluta necessidade de negar a si mesmo diariamente*. Devemos crucificar a carne todos os dias, vencer o mundo e resistir ao diabo. Temos o dever de vigiar nossos apetites e trazê-los em sujeição. Precisamos estar alertas, assim como soldados em território inimigo. Temos de lutar e guerrear diariamente. A ordem de nosso Senhor é clara e indubitável: “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me”.

Ora, o que sabemos a respeito disto? Com certeza, esta é uma pergunta que devemos fazer a nós mesmos. Frequentar com decência e formalidade uma igreja ou um lugar de adoração jamais equívale ao tipo de cristianismo sobre o qual o Senhor Jesus falou nesta ocasião. Onde está o negar a si mesmo, o tomar a cruz dia após dia e o seguir a Cristo? Sem este tipo de cristianismo jamais seremos salvos. O Salvador crucificado nunca se contentará em ter um povo de mentalidade mundana, que agrada e procura satisfazer a si mesmo. Onde não existe o negar a si mesmo, ali não existe a verdadeira graça de Deus! Onde não há o tomar a cruz, ali não haverá a coroa! O apóstolo Paulo declarou: “Os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências” (Gl 5.24). O Senhor Jesus afirmou: “Quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; quem perder a vida por minha causa, esse a salvará”.

Em segundo, aprendemos destas palavras de Jesus *o indizível valor de uma alma*. Ele fez uma pergunta que admite apenas uma resposta: “Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder-se ou a causar dano a si mesmo?” Possuir todo o mundo e as coisas nele contidas

jamais tornará alguém feliz. Seus prazeres são falsos e ilusórios. Suas riquezas, posições e honras não podem satisfazer o coração humano. Enquanto não temos as posses do mundo, elas cintilam e parecem desejáveis aos nossos olhos; quando as temos, descobrimos que são vazias e não podem satisfazer-nos. E, mesmo quando possuímos estas boas coisas do mundo, não podemos preservá-las conosco. A morte vem e nos separa de todo o nosso patrimônio para sempre. Sem nada viemos a este mundo; sem nada o deixaremos. Nenhuma de todas as nossas possessões poderemos levar conosco. Este é o mundo que ocupa toda a atenção de milhões de pessoas! Este é mundo por causa do qual milhões de pessoas em todo o tempo destroem suas almas!

A perda da alma é a pior de todas as perdas que pode sobrevir ao ser humano. A pior e mais dolorosa de todas as enfermidades, a mais angustiante ruína financeira, o mais grave desastre são um pequenino arranhão, se comparados à perda da alma. Todas as outras perdas são suportáveis ou momentâneas; a perda da alma é eterna. Significa perder a Cristo, a Deus, o céu, a felicidade e a glória por toda a eternidade. Significa ser lançado para todo o sempre, desamparado e sem qualquer esperança, no inferno.

O que estamos fazendo? Estamos perdendo a alma? Por meio de negligência intencional, do pecado voluntário, da indiferença, da preguiça e da quebra deliberada da lei de Deus, estamos consumando nossa própria condenação? Estas perguntas exigem uma resposta. Esta é a acusação que pesa sobre muitos que professam ser cristãos: estão pecando diariamente contra o sexto mandamento; estão assassinando suas próprias almas.

Por último, aprendemos destas palavras de nosso Senhor *a culpa e o perigo de envergonhar-se de Cristo e de suas palavras*. Ele disse: “Qualquer que de mim e das minhas palavras se envergonhar, dele se envergonhará o Filho do homem, quando vier na sua glória e na do Pai e dos santos anjos”. Existem muitas maneiras de nos envergonharmos de Cristo. Somos culpados deste pecado quando temos medo de que as pessoas saibam que amamos as doutrinas, os preceitos, o povo e as ordenanças de Cristo. Somos culpados deste erro quando permitimos que o temor dos homens prevaleça sobre nós e nos impeça de mostrar aos outros que somos cristãos convictos. Sempre que agimos deste modo, estamos negando nosso Senhor e cometendo um grave pecado.

A impiedade de envergonhar-se de Cristo é imensa. Constitui uma prova de incredulidade. Demonstra que nos preocupamos mais com o louvor dos homens, a quem podemos ver, do que com o louvor de Deus, a quem não podemos ver. É uma prova de ingratidão. Revela que tememos confessar aos homens que Cristo não se envergonhou de morrer por nós sobre a cruz. Verdadeiramente ímpios são aqueles que cometem este

pecado. São pessoas sempre infelizes neste mundo. A má consciência lhes rouba a paz. No mundo por vir, não acharão consolo. No Dia do Juízo, tais pessoas têm de esperar serem rejeitadas por Cristo para todo o sempre, se não O confessarem durante os poucos anos de vida na terra.

Resolvamos jamais nos envergonharmos de Cristo. Do pecado e do mundanismo deveríamos nos envergonhar. Mas de Cristo e sua causa não temos qualquer direito de nos sentirmos envergonhados. Ousadia no serviço de Cristo sempre traz recompensa. O crente mais ousado é sempre o mais feliz.

A Transfiguração de Cristo

Leia Lucas 9.28-36

O evento descrito nestes versículos, habitualmente chamado de “a transfiguração”, é um dos mais notáveis na história do ministério terreno de nosso Senhor. É uma passagem que sempre devemos ler com especial gratidão. Remove uma parte do véu que permanece sobre as coisas referentes ao mundo por vir e esclarece algumas das verdades mais profundas do cristianismo.

Primeiramente, esta passagem nos mostra *algo da glória que Cristo terá em sua segunda vinda*. Somos informados que “a aparência do seu rosto se transfigurou e suas vestes resplandeceram de brancura”; e os discípulos que estavam com Ele “viram a sua glória”.

Não devemos ter dúvidas de que esta maravilhosa visão aconteceu com o propósito de encorajar e fortalecer os discípulos de nosso Senhor. Eles tinham acabado de ouvir a respeito da crucificação e morte de seu Senhor, do negar a si mesmos e dos sofrimentos aos quais teriam de sujeitar-se, se desejassem ser salvos. Agora foram animados por meio de uma breve contemplação “da glória que os seguiria” (1 Pe 1.11) e da recompensa que todos os fiéis servos de Cristo um dia receberiam. O Senhor lhes fizera ver o dia de sua própria fraqueza; agora estavam contemplando, por alguns minutos, uma amostra de sua glória futura.

Devemos nos fortalecer com o pensamento de que para todos os verdadeiros crentes encontram-se entesouradas coisas boas, que compensarão as aflições do tempo presente. Agora é o tempo de tomar a cruz e compartilhar da humilhação de nosso Senhor. A coroa, o reino e glória ainda estão por vir. No presente, Cristo e seu povo, assim como Davi, encontram-se na caverna de Adulão, desprezados e considerados insignificantes pelo mundo. Parece não haver beleza e formosura nEle e em

sua obra. Mas vem a hora, e será em breve, quando Cristo exercerá seu grande poder, reinará e colocará os inimigos debaixo de seus pés. Então, a glória que, durante alguns minutos, foi vista apenas por três discípulos no monte da Transfiguração será contemplada por todo o mundo e não será mais ocultada por toda a eternidade.

Em segundo, esta passagem nos mostra *a segurança de todos os verdadeiros crentes que partiram deste mundo*. Quando nosso Senhor apareceu em glória, Moisés e Elias foram vistos em pé ao seu lado, conversando com Ele. Moisés morrera havia mais de quinze séculos. Elias fora levado ao céu em um redemoinho há mais do que novecentos anos antes deste acontecimento. No entanto, estes dois homens crentes foram vistos novamente, vivos e, não somente vivos, em glória.

Devemos nos consolar no bendito pensamento de que a ressurreição e a vida futura são realidades. Tudo não acaba quando morremos. Existe outro mundo além desta vida. Mas, acima de tudo, devemos nos fortalecer com o pensamento de que até que o dia amanheça e aconteça a ressurreição, o povo de Deus está seguro na companhia de Cristo. Muitas coisas a respeito da atual condição deles são profundamente misteriosas para nós. Em que lugar específico está a habitação deles? O que eles sabem a respeito das coisas que acontecem na terra? Estas são perguntas que não podemos responder. Mas para nós deve ser o bastante saber que Jesus está cuidando deles e os trará juntamente consigo no último dia. Aos seus discípulos Ele mostrou Elias e Moisés, no monte da Transfiguração, e nos mostrará, em sua segunda vinda, todos os que já morreram em Cristo. Nossos irmãos em Cristo estão sendo bem preservados; estão salvos e apenas nos antecederam.

Em terceiro, esta passagem nos mostra que *os santos do Antigo Testamento que estão na glória se interessavam intensamente na morte expiatória de Cristo*. Quando Moisés e Elias apareceram em glória ao lado de Cristo, no monte da Transfiguração, conversaram com Ele. E qual era o assunto da conversa? Não precisamos fazer suposições e imaginar coisas a respeito disto. “Falavam da sua partida, que ele estava para cumprir em Jerusalém.” Conheciam o significado daquela morte. Sabiam quantas coisas dependiam da morte de Cristo. Portanto, “falavam” a seu respeito.

É um grave erro supor que os crentes do Antigo Testamento nada sabiam no que se refere ao sacrifício que Cristo deveria oferecer pelos pecados dos homens. Sem dúvida, a luz que possuíam era menos nítida do que a nossa. Viam à distância e sem clareza coisas que vemos como se estivessem bem próximas aos nossos olhos. Porém não existe a menor evidência de que os crentes do Antigo Testamento olhavam para qualquer outra satisfação dos seus pecados, exceto aquela que Deus prometera

realizar, ao enviar seu Messias. Desde Abel em diante todos os crentes do Antigo Testamento parecem ter descansado na promessa de um sacrifício e de um sangue de onipotente eficácia que ainda se manifestaria. Desde o começo do mundo, sempre existiu tão-somente um fundamento de esperança e paz para os pecadores — a morte de um poderoso Mediador entre Deus e os homens. Este fundamento é a verdade central de todo o cristianismo. Foi o assunto a respeito do qual Moisés e Elias estavam conversando, quando apareceram em glória. Falavam sobre a morte de Cristo.

Observemos que a morte de Cristo é o alicerce de toda a nossa confiança. Nada mais nos outorgará conforto na hora da morte e no Dia do Juízo. Nossas próprias obras são imperfeitas e defeituosas. Nossos pecados são mais numerosos do que os cabelos de nossa cabeça (Sl 40.12). A morte por nossos pecados e a ressurreição de Cristo em favor de nossa justificação têm de ser a nossa única garantia, se desejamos ser salvos. Feliz é aquela pessoa que aprendeu a cessar suas obras e a se gloriar unicamente na cruz de Cristo! Se os crentes na glória vêem na morte de Cristo tanta beleza, que sentem necessidade de conversar sobre ela, quanto mais deveriam fazê-lo os pecadores na terra.

Por último, esta passagem nos mostra *a imensa distância que existe entre Cristo e todos os outros ensinadores que Deus outorgou à humanidade*. Lucas nos conta que Pedro, “não sabendo... o que dizia”, propôs fazerem “três tendas”: uma seria para Jesus, outra, para Moisés, e outra, para Elias; como se os três merecessem a mesma honra. Mas esta proposta foi imediatamente censurada de maneira notável: “Veio uma voz, dizendo: Este é o meu Filho, o meu eleito; a ele ouvi”. Aquela era a voz de Deus, o Pai, reprovando e instruindo. Aquela voz proclamou aos ouvidos de Pedro que, embora Moisés e Elias fossem grandes, ali estava Alguém que era maior do que eles. Moisés e Elias eram apenas súditos, Jesus era o Filho do Rei. Eles eram apenas pequenas estrelas; Jesus era o Sol. Eram apenas testemunhas; Jesus era a própria verdade.

Estas solenes palavras do Pai devem sempre ecoar em nossos ouvidos e tornarem-se o conceito fundamental de nosso cristianismo. Honremos os ministros do evangelho por amor ao Senhor deles. Sigamos os seus ensinos até ao ponto em que eles seguem a Cristo. Entretanto, nosso principal objetivo deve ser ouvir a voz de Cristo e O seguir por onde quer que Ele vá. Outros podem ouvir a voz da igreja e se contentarem em dizer: “Escuto este ou aquele pastor”. Jamais nos sintamos satisfeitos, a menos que o Espírito Santo testifique em nosso coração que ouvimos a voz do próprio Cristo e somos discípulos dEle.

O Demônio Expulso de um Jovem

Leia Lucas 9.37-45

O evento descrito nestes versículos ocorreu logo depois da transfiguração. O Senhor Jesus, devemos notar, não demorou muito tempo no monte das Oliveiras. Sua comunhão com Moisés e Elias foi breve. Ele retornou ao seu habitual trabalho de fazer o bem a um mundo acometido pelo pecado. Receber honras e ter visões da glória eram exceções. Ministrar aos outros, curar os oprimidos do diabo, realizar atos de misericórdia aos pecadores era sua regra áurea. Felizes são aqueles crentes que com Jesus aprenderam a viver para os outros, mais do que para si mesmos, e entenderam que “mais bem-aventurado é dar que receber” (At 20.35).

Primeiramente, vemos nestes versículos *o que um pai deve fazer, quando estiver atribulado por causa de seus filhos*. Neste relato, um homem estava em profunda aflição por causa de seu único filho. O rapaz estava possuído por um espírito imundo, que o atormentava severamente tanto no corpo quanto na alma. Em sua aflição, o pai recorreu ao Senhor Jesus em busca de alívio. Ele disse: “Mestre, suplico-te que vejas meu filho, porque é o único”. Em nossos dias, existem muitos pais e mães que se encontram tão atribulados, no que se refere a seus filhos, quanto este pai. O filho que outrora era precioso aos olhos deles e a quem suas vidas estavam unidas tornou-se um desperdiçador, devasso e companheiro de pecadores. A filha que antes era o encanto da família, a respeito de quem os pais diziam: “Esta nos consolará na velhice”, tornou-se obstinada, mundana, amando mais os prazeres do que a Deus. O coração dos pais está quase despedaçado. A angústia penetrou-lhes a alma. O diabo parece triunfar sobre eles e roubar-lhes suas mais preciosas jóias. Estão prontos a clamar: “Com pesares irei ao sepulcro; que proveito há em minha vida?”.

O que os pais devem fazer em uma situação como esta? O mesmo que fez o homem desta história: buscar a Jesus em oração e clamar em favor de seu filho. Devem apresentar diante deste misericordioso Salvador as suas aflições e rogar-Lhe ajuda. Grande é a eficácia da súplica e da intercessão! As muitas orações em favor de nossos filhos jamais serão rejeitadas. O tempo de Deus para a conversão pode não ser o nosso tempo. Ele pode achar conveniente provar a nossa fé por nos fazer esperar por longo tempo. Mas, enquanto nossos filhos estiverem vivos e orarmos em favor deles, não devemos perder as esperanças no que se refere à alma deles.

Em segundo, vemos nestes versículos *a disposição de Cristo em demonstrar misericórdia aos jovens*. Nessa história, a oração do pai atri-

bulado foi graciosamente atendida. Jesus lhe disse: “Traz o teu filho”. E “Jesus repreendeu o espírito imundo, curou o menino e o entregou a seu pai”. Encontramos muitos casos semelhantes a estes nos evangelhos. A filha de Jairo, o filho de um oficial de Cafarnaum, a filha da mulher cananéia e o filho da viúva de Naim — todos estes são exemplos do interesse de nosso Senhor por aqueles que são jovens. O diabo trabalha intensamente para levá-los cativos e dominá-los. O Senhor Jesus manifestou uma satisfação especial em ajudar os jovens. Ele libertou três jovens das garras da morte; e dois, tal como o rapaz da história que ora consideramos, Ele resgatou do completo domínio de Satanás.

Existe um significado em acontecimentos tais como este. Não foram mencionados nos evangelhos sem um propósito específico. Foram escritos para encorajar todos os que procuram fazer o bem em favor da alma dos jovens e para lembrar-nos que tanto os jovens quanto os adultos eram objetos de especial interesse da parte de Cristo. Acontecimentos deste tipo nos fornecem um antídoto para a idéia vulgar de que é inútil recomendar com insistência as coisas espirituais às mentes dos jovens. Essa idéia, não devemos esquecer, não procede de Cristo, e sim do Maligno. Cristo, que expulsou o espírito maligno desse jovem, continua vivo e poderoso para salvar. Devemos trabalhar com os jovens e procurar fazer-lhes o bem. Não importa o que o mundo pensa a respeito, Jesus se agrada em que o façamos.

Por último, vemos nestes versículos *um exemplo da ignorância espiritual que pode ser encontrada no coração dos crentes*. Nosso Senhor disse a seus discípulos: “O Filho do Homem está para ser entregue nas mãos dos homens”. Eles haviam escutado estas mesmas palavras em pouco mais do que uma semana antes desta ocasião. Mas agora, tal como na ocasião anterior, pareciam sem significado para eles. Ouviram-nas como se fossem surdos. Eles não podiam imaginar o fato de que seu Mestre estava para ser morto. Não podiam compreender a grande verdade de que o Cristo deveria ser “morto”, antes que tivesse de reinar, e que isto significava sua morte literal, na cruz. Está escrito: “Eles, porém, não entendiam isto, e foi-lhes encoberto para que o não compreendessem”.

Esta morosidade de entendimento talvez nos surpreenda agora. Somos tendentes a esquecer os antigos hábitos de pensamento e os preconceitos dos judeus, entre os quais os discípulos haviam sido educados. “O trono de Davi”, afirmou um grande teólogo, “ocupava tanto a mente dos discípulos, que não podiam ver a cruz”. Acima de tudo, esquecemos a grande diferença entre a posição que ocupamos agora, conhecendo a história da crucificação e as Escrituras que já se cumpriram, e a posição de judeus crentes que viveram antes da morte de Cristo, e antes do véu do santuário ser rasgado em duas partes. Quaisquer que sejam nossos pensamentos a

respeito desta ignorância dos discípulos, ela nos ensina duas lições práticas, que devemos aprender.

Devemos aprender que algumas pessoas podem entender coisas espirituais de maneira superficial e, assim mesmo, serem verdadeiros filhos de Deus. O entendimento pode estar bastante embaçado, quando o coração está correto diante de Deus. A graça é melhor do que os dons, a fé, melhor do que o conhecimento. Se alguém possui fé e graça suficientes para desprezar tudo por amor a Cristo, tomar a cruz e segui-Lo, será salvo apesar de seu pouco conhecimento espiritual. Cristo o receberá no último dia.

Finalmente, aprendamos a suportar a ignorância nos outros e a lidar pacientemente com aqueles que estão iniciando a vida cristã. Jamais os reputemos como pecadores apenas por causa de alguma palavra proferida sem entendimento correto. Não consideremos os outros como pessoas que não possuem a graça de Deus, somente porque não revelam ter um entendimento claro das coisas espirituais. Possuem fé em Cristo e O amam? Estas são as coisas mais importantes. Se Jesus pôde suportar tanta fraqueza em seus discípulos, com certeza podemos agir da mesma maneira.

Cristo Repreende o Orgulho de Seus Discípulos; A Intolerância e a Falta de Liberalidade Censuradas

Leia Lucas 9.46-50

Estes versículos contêm duas importantes advertências, dirigidas contra dois erros comuns encontrados na igreja de Cristo. Aquele que as proferiu conhecia muito bem o coração humano. Teria sido bom para a igreja, se as palavras de Cristo nesta passagem tivessem recebido mais atenção!

Primeiramente, o Senhor Jesus Cristo *nos advertiu contra o orgulho e a presunção*. Somos informados que entre os discípulos “levantou-se... uma discussão sobre qual deles seria o maior”. Embora isto pareça surpreendente, este pequeno grupo de pescadores e publicanos não estava isento da praga de um espírito ambicioso e egoísta. Com seus corações transbordando a falsa idéia de que o reino de Cristo se manifestaria imediatamente, estavam dispostos a contender no que se referia a seus lugares e precedência no reino. Cada um deles reivindicava ser o maior. Todos imaginavam seus inquestionáveis méritos e direitos à honra. Cada um pensava que, não importando o lugar que os outros receberiam, uma posição

de destaque lhe deveria ser confiada. E tudo isto aconteceu entre os próprios apóstolos de Cristo e sob a influência de seu esplendoroso ensino. Assim é o coração do homem.

Existe algo bastante instrutivo neste fato, algo que deve fixar-se profundamente em nosso íntimo. De todos os pecados, o orgulho é aquele contra o qual precisamos sempre orar e estar vigilantes. É uma peste que vagueia na escuridão e uma doença que destrói ao meio-dia. Nenhum outro pecado se acha tão enraizado em nossa natureza. Está unido a nós assim como nossa pele. Suas raízes nunca são destruídas completamente. Estão sempre prontas a brotar, em qualquer momento, manifestando perniciosa vitalidade. Nenhum outro pecado é tão ilusório e enganador. Pode emboscar os corações daqueles que têm pouca instrução, dos que não possuem grandes talentos e dos pobres, mas também pode cativar a mente de pessoas importantes, dos estudiosos e dos ricos. Este é um ditado simples, porém bastante verdadeiro: “Nenhum ídolo tem recebido tanta adoração quanto o ‘eu’”.

A súplica por humildade e um espírito de criança deve sempre fazer parte de nossas orações diárias. De todas as criaturas, nenhuma outra possui tão pouco direito para se orgulhar quanto o homem; e, de todos os homens, os crentes devem ser os mais humildes. Realmente confessamos todos os dias que somos pecadores miseráveis e devedores à misericórdia e à graça de Deus? Seguimos a Jesus, que era “manso e humilde de coração” e que “a si mesmo se esvaziou”, por amor à nossa alma? Então, deve haver em nós o mesmo sentimento que havia em Cristo Jesus. Rejeitemos todos os pensamentos elevados e presunções. Em humildade de espírito, consideremos os outros superiores a nós mesmos. Estejamos prontos para, em todas as ocasiões, assumir o lugar mais insignificante. E as palavras de nosso Senhor devem ecoar sempre em nossos ouvidos: “Aquele que entre vós for o menor de todos, esse é que é grande”.

Em segundo, nosso Senhor *nos adverte contra a intolerância e a mesquinhez*. Assim como no relato anterior, nesta ocasião a advertência resultou da conduta dos próprios discípulos de Jesus. João falou-Lhe: “Mestre, vimos certo homem que, em teu nome, expelia demônios e lho proibimos, porque não segue conosco”. Não sabemos quem era este homem e porque não acompanhava os discípulos. No entanto, sabemos que ele estava realizando um ministério de expelir demônios; e o estava fazendo em nome de Cristo. Apesar disso, João o proibiu. Notável foi a resposta que imediatamente nosso Senhor lhe deu: “Não proibais; pois quem não é contra vós outros é por vós”.

O comportamento de João e dos discípulos nesta ocasião é uma curiosa ilustração da singularidade da natureza humana em todas as épocas. Em cada período da História da Igreja, milhares de pessoas têm passado suas

vidas seguindo este erro de João. Trabalham intensamente para impedir que sirvam a Cristo todos aqueles que não o fazem à maneira deles. Em sua mesquinha presunção, imaginam que ninguém pode ser um soldado de Cristo, se não vestir seu uniforme e lutar em seu regimento. Estão sempre dispostos a falar sobre todo crente que não vê as coisas como eles vêem: “Proíbe-o, proíbe-o, porque não segue conosco”.

A observação de nosso Senhor, nesta ocasião, exige consideração especial. Ele não expressou sua opinião sobre a conduta do homem a respeito do qual João Lhe falara. Não o elogiou, nem o acusou, por seguir independentemente e não trabalhar com seus discípulos. Apenas declarou que tal homem não deveria ser proibido e que as pessoas que fazem o mesmo tipo de obra que fazemos não devem ser consideradas inimigos, e sim aliados: “Quem não é contra vós outros é por vós”.

O princípio estabelecido nesta passagem é muitíssimo importante. Um correto entendimento deste princípio será bastante útil para nós nestes últimos dias. As divisões e a variedade de opiniões que existe entre os crentes é inegavelmente imensa. Os cismas e as separações que com freqüência surgem no que se refere ao governo da igreja e as formas de adoração causam bastante perplexidade aos que tem consciência sensível. Podemos aprovar tais divisões? Não, absolutamente. A união resulta em fortalecimento. A falta de união entre os crentes é uma das causas do lento progresso do verdadeiro cristianismo. Devemos reprovar publicamente e contestar todos os que não concordam em trabalhar conosco e em se oporem a Satanás da maneira que consideramos adequada? É inútil agirmos assim. Palavras severas jamais produziram unidade de pensamento. A união jamais foi alcançada por meio da força. Então, o que precisamos fazer? Deixar que trabalhem sozinhos aqueles que não querem juntar-se a nós e esperar com paciência, até que Deus ache conveniente colocar-nos juntos. Não importa quais sejam as nossas idéias a respeito de divisão, as palavras de Jesus nunca devem ser esquecidas: “Não proibais”.

A verdade é que estamos sempre dispostos a afirmar que somos “o povo”, e conosco “morrerá a sabedoria” (Jó 12.2). Esquecemos que nenhuma igreja na terra tem um absoluto monopólio da verdade e que outras podem estar corretas nas coisas essenciais, ainda que não concordem conosco. Devemos ser gratos, se o pecado está recebendo a devida oposição, o evangelho está sendo pregado, e o reino de Satanás está sendo derrubado, embora esta obra não esteja sendo realizada exatamente da maneira que gostaríamos. Temos de procurar acreditar que pessoas podem ser verdadeiros seguidores de Jesus e, apesar disso, por alguma razão sábia, serem impedidos de ver as coisas espirituais assim como nós as vemos. Acima de tudo, temos de louvar a Deus, se almas estão sendo convertidas e Cristo, magnificado, sem importar quem seja o pregador e

a que igreja ele pertence. Felizes são aqueles que podem dizer, assim como Paulo: “Que importa? Uma vez que Cristo, de qualquer modo, está sendo pregado... também com isto me regozijo, sim, sempre me regozijarei” (Fp 1.18); e Moisés: “Tens tu ciúmes por mim? Tomara todo o povo do SENHOR fosse profeta, que o SENHOR lhes desse o seu Espírito!” (Nm 11.29).

A Resoluta Fidelidade de Cristo à sua Grande Obra; Censurado o Zelo de João e Tiago

Leia Lucas 9.51-56

Primeiramente, devemos observar nestes versículos *a resoluta determinação com que nosso Senhor pensava sobre a sua própria crucificação e morte*. Lucas nos informa que, “ao se completarem os dias em que devia ele ser assunto ao céu, manifestou, no semblante, a intrépida resolução de ir para Jerusalém”. Ele sabia perfeitamente o que estava para acontecer-Lhe. A traição, o julgamento injusto, a zombaria, os açoites, a coroa de espinhos, o cuspe no rosto, os cravos, a lança e a agonia na cruz — todas estas coisas, sem dúvida, estavam diante de seus olhos, como se fossem uma fotografia. No entanto, em momento algum, Ele retrocedeu da obra com a qual havia se comprometido. Ele estava decidido a pagar o preço da redenção e mesmo a ser levado à sepultura como nossa Garantia. O seu coração transbordava de amor pelos pecadores. Foi o desejo de sua alma conseguir-lhes a salvação. E, por causa da “alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia” (Hb 12.2).

Sempre louvemos a Deus, porque temos um Salvador tão voluntário e determinado. Devemos sempre lembrar que, assim como Ele mostrou-se disposto a morrer, assim também está disposto a salvar. Aquele que, pela fé, vem a Cristo, jamais deve questionar a disposição de Cristo em recebê-lo. O simples fato de que o Filho de Deus veio espontaneamente ao mundo, para morrer e sofrer voluntariamente, deveria silenciar por completo nossas dúvidas. Toda a indisposição encontra-se no homem, não em Cristo. A indisposição de vir a Cristo consiste na ignorância, no orgulho, na incredulidade e na dubiedade de coração do pecador. Mas em Cristo não existe qualquer deficiência.

Esforcemo-nos e oremos para que tenhamos a mesma maneira de pensar que havia em nosso bendito Senhor. Assim como Ele, estejamos

dispostos a ir a todo lugar ao qual o caminho do dever nos conduza e a voz de Deus nos chame. Tenhamos a intrépida resolução de realizar nossa obra, quando esta for claramente determinada, e bebamos com paciência os cálices amargos, quando eles procederem das mãos de nosso Pai.

Em segundo, devemos observar nestes versículos *a estranha conduta de Tiago e João*. Certa aldeia de samaritanos recusou-se oferecer pousada a nosso Senhor. Eles “não o receberam, porque o aspecto dele era de quem, decisivamente, ia para Jerusalém”. Então lemos sobre a estranha proposta de Tiago e João: “Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para os consumir?”

Aqui vemos uma demonstração de zelo bastante plausível — zelo pela honra de Cristo. Nesta ocasião, houve uma manifestação de zelo, justificado e amparado por um exemplo das Escrituras, o exemplo do profeta Elias. Mas não foi uma demonstração de zelo com entendimento. Esses dois discípulos, em seu íntimo, esqueceram que as circunstâncias podem alterar os casos e que determinada atitude, em certa ocasião, pode ser correta e justificável, mas em outra ocasião pode ser errada e sem justificativa. Esqueceram que os castigos devem ser proporcionais às ofensas e que destruir toda uma aldeia de pessoas, por causa de um simples ato de descortesia, teria sido injusto e cruel. Em resumo, a proposta de Tiago e João foi errada e demonstrou falta de ponderação. Eles tiveram boa intenção, mas cometeram grande erro.

Fatos como este, nos evangelhos, foram meticulosamente escritos para nosso ensino. Tenhamos cuidado em observá-los e os guardemos em nosso coração. É possível que tenhamos intenso zelo por Cristo e, ao mesmo tempo, o manifestarmos de maneiras imprudentes e antibíblicas. É possível que sejamos pessoas esforçadas, tenhamos as melhores intenções e, apesar disso, cometermos os mais graves erros em nossas ações. É possível imaginarmos que as Escrituras estão ao nosso lado, justificarmos nossa conduta citando versículos bíblicos e, assim mesmo, cometermos pecados sérios. Deste e de outros casos mencionados nas Escrituras, percebemos, com tanta clareza quanto a luz do dia, que não é o bastante alguém ser zeloso e *bem intencionado*. Faltas gravíssimas freqüentemente são cometidas com boas intenções. Talvez nenhum outro grupo de pessoas tem causado tanta injúria à igreja quanto os ignorantes e bem intencionados.

Devemos procurar ter entendimento, bem como zelo. Aquele sem este assemelha-se a um general sem exército e um navio sem leme. Precisamos orar para que entendamos como fazer correta aplicação das Escrituras. A Palavra de Deus, sem dúvida, é lâmpada para nossos pés e luz para os nossos caminhos. No entanto, temos de manejá-la corretamente e aplicá-la com exatidão.

Por último, devemos observar nestes versículos *a solene reprovação de nosso Senhor a respeito da perseguição realizada em nome do cristianismo*. Quando Tiago e João fizeram a estranha proposta que temos considerado, o Senhor Jesus, “voltando-se os repreendeu e disse: Vós não sabeis de que espírito sois. Pois o Filho do Homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las”. Ainda que os samaritanos daquela aldeia se mostraram descorteses, seu comportamento não deveria ser vingado com violência. A missão do Filho de Deus era fazer o bem, quando os homens o recebiam, e nunca o mal. Seu reino se expandiria mediante a contínua perseverança na prática do bem, mediante humildade e gentileza na hora do sofrimento, porém jamais através de violência e severidade.

Talvez nenhuma outra afirmação de nosso Senhor tenha sido tão completamente esquecida pela igreja de Cristo quanto estas palavras que agora consideramos. Nada pode ser julgado mais contrário à vontade de Cristo do que as perseguições e guerras religiosas que macularam os anais da História da Igreja. Milhares e milhares de pessoas foram mortas por causa de perseguições religiosas em todo o mundo. Muitos foram queimados, enforcados, decapitados ou afogados em nome do evangelho; e aqueles que os assassinaram realmente acreditavam estar prestando um serviço a Deus. Infelizmente, apenas demonstraram sua própria ignorância quanto ao espírito do evangelho e à maneira de pensar de Cristo.

Tenhamos como um firme princípio em nosso coração o fato de que, não importando quais sejam os erros religiosos das outras pessoas, jamais devemos persegui-las. Se necessário, conversemos e argumentemos com elas, procurando mostrar-lhes o caminho mais excelente. Entretanto, jamais lancemos mão de armas “carnais”, a fim de promovermos a propagação da verdade. Nunca sejamos tentados, direta ou indiretamente, a perseguir qualquer pessoa tendo como pretexto a glória de Cristo e o bem da igreja. Pelo contrário, devemos antes lembrar: a religião que as pessoas professam como resultado de seu temor da morte ou de seu pavor das conseqüências ameaçadas não lhes oferece qualquer benefício, e, se ampliarmos nossas fileiras mediante ameaças e temores, não obtemos vantagem alguma. “Porque as armas da nossa milícia não são carnais” (2 Co 10.4), disse o apóstolo Paulo. Os apelos que fazemos precisam ser dirigidos às mentes e consciências dos homens. Os argumentos que utilizamos não devem ser a espada, ou a prisão, ou o fogo, e sim as doutrinas, os preceitos, os versículos bíblicos. Este é ditado simples e popular, mas tão verdadeiro na igreja quanto em um exército: “Um soldado voluntário é mais valoroso do que dez que servem sob obrigação”.

Os Seguidores de Cristo Têm de Submeter-se a Dificuldades, Deixar os Mortos Sepultar Seus Próprios Mortos e não Olhar Para Trás

Leia Lucas 9.57-62

Esta passagem é bastante notável. Registra três declarações solenes de nosso Senhor dirigidas a três pessoas diferentes. Não sabemos os seus nomes. Também desconhecemos o efeitos que as palavras de nosso Senhor produziram em suas vidas. Mas temos certeza de que as três declarações foram proferidas de acordo com a exigência do caráter de cada um dos ouvintes; e podemos estar certos de que, em especial, esta passagem tem o propósito de levar-nos a examinar a nós mesmos.

A primeira das três declarações foi dirigida *a alguém que por sua livre vontade se ofereceu para seguir incondicionalmente a Cristo*. Ele disse a nosso Senhor: “Seguir-te-ei para onde quer que fores”. Isto pareceu algo correto. Era um passo adiante de muitas outras pessoas. Milhares ouviram os sermões de nosso Senhor e nunca pensaram em afirmar palavras como as deste homem. Porém, aquele que se oferecera para seguir a Cristo, é evidente que estava falando sem pensar. Não levou em conta as coisas envolvidas no discipulado, não calculou o custo. Por isso, necessitava da severa resposta que seu oferecimento exigiu: “As raposas têm seus covis, e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça”. Aquele deveria avaliar bem o que ele estava se propondo a assumir. Não deveria imaginar que o servir a Cristo era sempre agradável e fácil. Estava preparado para isto? Estava disposto a suportar aflições (2 Tm 2.3)? Se não, era melhor desistir de sua proposta para ser discípulo de Cristo.

Aprendamos das palavras de nosso Senhor, nesta ocasião, que Ele desejava recordar a todos os crentes que eles têm de levar a cruz. Precisam levar em conta que têm de ser afligidos, rejeitados e provados, assim como o foi o seu Senhor. Jesus não queria que ninguém se tornasse seu discípulo fundamentado em falsas pretensões. Desejava que eles entendessem com clareza que há uma batalha a ser travada, uma carreira a ser percorrida, uma obra a ser realizada e muitas outras dificuldades a serem suportadas, se nos propomos a segui-Lo. Ele está pronto para conceder salvação, sem dinheiro e sem preço. Graça durante a peregrinação e glória no final serão dadas a todo pecador que vier a Ele. Mas Cristo

não desejava que ignoremos o fato de que teremos inimigos mortais — o mundo, a carne e o diabo; e que muitos nos odiarão, caluniarão e perseguirão, se nos tornarmos discípulos dEle. O Senhor Jesus não quer nos desanimar; Ele deseja que conheçamos a verdade.

Teria sido bom se a igreja tivesse ponderado com mais freqüência as advertências de nosso Senhor. Muitos começam a vida espiritual cheios de ardor e zelo, mas pouco a pouco perdem seu primeiro amor e retornam novamente para o mundo. Apreciavam certos privilégios e o nome de soldados de Cristo. No entanto, nunca meditaram sobre a vigilância, a guerra, os sofrimentos e os conflitos que os soldados cristãos têm de enfrentar. Jamais esqueçamos esta lição. Não devemos ter receios de começar a servir a Cristo; mas devemos começar com humildade, cuidado e muita oração suplicando graça. Se não estamos dispostos a compartilhar das aflições de Cristo, jamais devemos esperar compartilhar de sua glória.

A segunda das afirmações de nosso Senhor foi dirigida *a alguém que Ele convidou a segui-Lo*. A resposta que Ele recebeu foi muito admirável. “Permite-me ir primeiro sepultar meu pai”, disse-lhe o homem. O que ele pediu não era, em si mesmo, prejudicial. Mas a ocasião em que ele fez este pedido foi inconveniente. Assuntos de maior importância do que o próprio funeral do pai exigem a atenção imediata do homem. Sempre existem pessoas que estão prontas e dispostas a assumir a responsabilidade de um funeral. Porém, naquela ocasião havia uma grande necessidade de trabalhadores para fazerem a obra de Cristo no mundo. Portanto, estas palavras daquele homem receberam de nosso Senhor uma solene resposta: “Deixa aos mortos o sepultar os seus próprios mortos. Tu, porém, vai e prega o reino de Deus”.

Aprendamos desta resposta de nosso Senhor a sermos cuidadosos para não permitirmos que nossos deveres familiares e obrigações sociais interfiram em nossos deveres cristãos. Funerais, casamentos, visitas e coisas semelhantes, em si mesmas, não são pecaminosas. Mas, se permitirmos que absorvam todo nosso tempo e nos privem de nossos deveres cristãos, tornam-se uma armadilha para as nossas almas. Não é de admirar que os filhos deste mundo e os não-convertidos ocupem todo o seu tempo com estas coisas. Eles não conhecem nada mais importante, sublime e melhor. “Deixa aos mortos o sepultar os seus próprios mortos.” Mas os herdeiros da glória e filhos do Rei dos reis devem ser pessoas diferentes. Eles precisam declarar plenamente, por meio de sua conduta, que o mundo por vir é a principal realidade que ocupa os seus pensamentos. Não devem se envergonhar de mostrar que não possuem tempo para se alegrar ou se entristecer como os outros que não têm esperança (1 Ts 4.13). “O chorar”, disse um falecido teólogo, “não deve impedir-nos de trabalhar”, e não devemos permitir que a tristeza seja levada ao excesso.

A terceira das afirmações de nosso Senhor foi dirigida *a alguém que se dispôs a segui-Lo, porém frustrou seu gracioso oferecimento com um pedido que se contrapôs à sua determinação*. Ele disse: “Seguir-te-ei, Senhor; mas deixa-me primeiro despedir-me dos de casa”. A resposta que este homem recebeu demonstra claramente que seu coração não estava completamente engajado no serviço de Cristo e que, portanto, ele não estava preparado para ser um discípulo. Jesus lhe replicou: “Ninguém que, tendo posto a mão no arado, olha para trás é apto para o reino de Deus”.

Esta resposta nos ensina que é impossível alguém servir a Cristo tendo um coração dividido. Se estivermos olhando para trás, para alguma coisa deste mundo, não estamos preparados para ser discípulos dEle. Aqueles que olham para trás, assim como a esposa de Ló, querem realmente voltar atrás. Jesus não compartilha seu trono com ninguém, nem mesmo com os nossos parentes mais queridos. Ou Ele tem todo o nosso coração ou nada. Sem dúvida, devemos honrar nossos pais e amar todos que nos cercam. Mas, quando o amor a Cristo e o amor por nossos queridos entram em conflito, a prioridade pertence a Ele. Se necessário, precisamos estar dispostos, assim como Abraão, a deixar nossa parentela e a casa de nossos pais por amor ao Senhor Jesus. Devemos estar preparados para, em caso de necessidade, assim como Moisés, deixar aqueles entre os quais fomos criados, se Deus nos chamar e mostrar com clareza. Esse tipo de conduta pode trazer muitas provas às nossas afeições. Agir de maneira contrária às opiniões daqueles que amamos talvez cause grande aflição ao nosso coração. Entretanto, este tipo de conduta às vezes pode ser positivamente necessário à nossa salvação; e, sem ela, estamos despreparados para o reino de Deus. O bom soldado não permitirá que seu coração fique excessivamente envolvido com as coisas de seu lar. Se todos os dias ele lamenta com imaturidade a ausência daqueles que deixou em seu lar, jamais estará capacitado para enfrentar uma batalha. Suas obrigações presentes — vigiar, avançar, lutar — precisam ocupar o primeiro lugar em seus pensamentos. Assim também deve acontecer a todos aqueles que servem a Cristo. Estes precisam acautelar-se para não deturparem seu caráter cristão; têm de suportar as aflições como bom soldado de Cristo Jesus (2 Tm 2.3).

Devemos concluir nossas considerações sobre esta passagem examinando nosso próprio coração. As circunstâncias sofreram muitas mudanças desde a época em que nosso Senhor proferiu estas palavras. Hoje em dia poucas pessoas estão sendo chamadas para realizar verdadeiros sacrifícios por amor a Cristo, como durante o tempo em que Ele esteve na terra. Mas o coração do homem continua o mesmo. As dificuldades envolvidas na salvação ainda são grandes. Até agora o ambiente do mundo

permanece desfavorável ao verdadeiro cristianismo. Se desejamos ir ao céu, ainda é necessário que tomemos uma decisão completa, inflexível e de todo o coração. Este tipo de determinação deve ser nosso único alvo.

Estejamos dispostos a sofrer qualquer coisa, a fazer e a desistir de tudo por amor a Cristo. Por alguns anos, isto pode nos custar alguma coisa, mas grande será a recompensa na eternidade.

Cristo Designa os Setenta Discípulos; Instruções com as Quais Eles Foram Enviados

Leia Lucas 10.1-7

Estes versículos falam sobre uma circunstância que os outros evangelistas não relataram. A circunstância retrata nosso Senhor designando setenta discípulos para que, assim como os doze apóstolos já enviados, O precedessem. Não conhecemos o nome de nenhum desses discípulos. O que aconteceu posteriormente a eles o Espírito Santo não nos revelou. Mas as instruções com que foram enviados são profundamente interessantes e merecem a atenção de todos os ministros e ensinadores do evangelho.

O primeiro assunto no encargo de nosso Senhor aos setenta discípulos é *a importância da oração e da intercessão*. Este foi o principal pensamento de Jesus, ao iniciar sua mensagem aos discípulos. Antes de mostrar-lhes o que deveriam fazer, Ele ordenou-lhes que orassem: “Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara”.

A oração é um dos mais poderosos instrumentos para levar avante a causa de Cristo no mundo. É um instrumento disponível a todos os que têm o Espírito de adoção. Nem todos os crentes possuem dinheiro em suficiência para contribuir com a obra missionária. Poucos têm grandes dotes intelectuais ou ampla influência entre os homens. Mas todos os crentes podem orar em favor do progresso do evangelho e devem fazê-lo diariamente. Incontáveis e maravilhosas são as respostas à oração relatadas nas Escrituras, para nosso ensino. “Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo” (Tg 5.16).

A oração é uma das principais armas que o ministro do evangelho precisa utilizar. Para ser um sucessor dos apóstolos, ele tem de dedicar-se todos os dias à oração, bem como ao ministério da Palavra (At 6.4). Ele não deve apenas fazer uso da espada do Espírito, mas também orar sempre, com toda oração e súplica (Ef 6.17-18). Acima de tudo, este é o caminho para obter bênçãos em seu próprio ministério e o caminho para granjear

cooperadores para levar avante a obra de Cristo. Os seminários podem oferecer instrução aos candidatos ao ministério; pastores podem ser ordenados e sustentados pelas igrejas. Mas somente Deus pode levantar e enviar “obreiros” que farão sua obra entre os homens. Oremos a cada manhã suplicando tais obreiros.

O segundo assunto no encargo de nosso Senhor aos setenta discípulos é *a perigosa natureza da obra em que estavam para se engajar*. Jesus não lhes ocultou os perigos e provações que enfrentariam. Não os arregimentou servindo-se de falsas pretensões, ou falando-lhes coisas agradáveis, ou prometendo-lhes sucesso inevitável. Mostrou-lhes, com clareza, o que deveriam esperar. “Ide!”, disse Jesus, “Eis que eu vos envio como cordeiros para o meio de lobos”.

Sem dúvida, estas palavras se referiam, de maneira especial, a toda a vida daqueles com quem Jesus estava falando. Vemos o seu cumprimento nas muitas perseguições descritas no livro de Atos dos Apóstolos. Mas não podemos esconder de nós mesmos o fato de que estas palavras descrevem um estado de coisas que percebemos até em nossos dias. Enquanto a igreja existir, os crentes têm de esperar que serão semelhantes a “cordeiros” no meio de “lobos”. Precisam estar preparados para serem perseguidos, odiados e maltratados por aqueles que não possuem o verdadeiro cristianismo. Não devem esperar favores das pessoas incrédulas, pois não receberão favor algum. Esta foi uma verdadeira e sincera afirmação de Martinho Lutero: “Se puder, Caim continuará assassinando Abel, até ao fim do mundo”. O apóstolo João asseverou: “Irmãos, não vos maravilheis se o mundo vos odeia” (1 Jo 3.13). “Todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus”, disse o apóstolo Paulo, “serão perseguidos” (2 Tm 3.12).

O terceiro assunto no encargo de nosso Senhor aos setenta discípulos é *a completa devoção no serviço que Jesus lhes confiou*. Tinham de se abster da aparência de cobiça, amor ao dinheiro ou luxúria: “Não leveis bolsa, nem alforje, nem sandálias”. Deveriam se comportar como pessoas que não tinham tempo para desperdiçar em cumprimentos inúteis ou cortesias formais: “A ninguém saudeis pelo caminho”.

Estas palavras admiráveis precisam ser interpretadas com algumas explicações. Veio o tempo em que o próprio Senhor Jesus, ao final de seu ministério, disse aos seus discípulos: “Agora, porém, quem tem bolsa, tome-a, como também o alforje” (Lc 22.36). O apóstolo Paulo não se envergonhou de usar saudações e ordenou expressamente que os crentes dêem “provas de toda cortesia” (Tt 3.2). No entanto, após estes esclarecimentos, ainda existe uma profunda lição nas palavras de nosso Senhor, que jamais devemos esquecer. Os ministros e ensinadores do evangelho devem estar atentos para não permitir que o mundo consuma

seu tempo e seus pensamentos, de modo que os impeça de realizarem sua obra. Estas palavras de Jesus nos ensinam que a preocupação com o dinheiro e a excessiva atenção ao que chamamos de “cortesias da vida” são vigorosas armadilhas na jornada dos obreiros de Cristo, armadilhas para as quais eles precisam ficar atentos, a fim de não caírem em pecado.

Consideremos estes fatos. Interessam em especial aos ministros do evangelho e, em menor escala, a todos os crentes. Esforcemo-nos para demonstrar aos homens do mundo que não temos tempo para sua maneira de viver. Mostremos a todos eles que julgamos a vida muito preciosa, para ser gasta em constantes festas, visitas, lazer e coisas semelhantes, como se não existisse a morte, ou o juízo, ou a vida por vir. Em todas as ocasiões, sejamos cortes. Mas não façamos das cordialidades da vida um ídolo, diante do qual todas as coisas têm de se prostrar. Proclamemos com clareza que estamos buscando um país que está além do sepulcro e que não dispomos de tempo para a incessante rotina de comer, beber, vestir-se, civilidades e troca de cumprimentos, nos quais muitos procuram encontrar sua felicidade, mas em vão. Nosso princípio de conduta deve ser o mesmo de Neemias: “Estou fazendo grande obra, de modo que não poderei descer” (Ne 6.3).

O quarto assunto no encargo de nosso Senhor aos setenta discípulos é o *espírito de simplicidade e contentamento que Jesus lhes ordenou demonstrarem*. Onde quer que permanecessem, ao viajarem no serviço de seu Senhor, teriam de evitar a aparência de serem inconstantes, maleáveis, pessoas de hábitos caprichosos ou difíceis de alguém agradá-las no que se referia à alimentos ou acomodação. Tinham de permanecer na casa em que fossem recebidos, “comendo e bebendo do que” lhes fosse oferecido. Não deveriam “mudar de casa em casa”.

Essas instruções, sem dúvida, se referem especialmente aos ministros do evangelho. Eles são os homens que, entre todos, precisam ter cuidado para evitar o espírito deste mundo. Simplicidade na alimentação e nas coisas do lar e disposição para adaptar-se às acomodações, enquanto nossa saúde é preservada de qualquer dano, devem sempre ser as marcas de um homem de Deus. Se um pregador conquistar a reputação de ser uma pessoa afeiçoada a comer, a beber e a confortos mundanos, sua utilidade ministerial estará chegando ao fim. O sermão a respeito das “coisas invisíveis” produzirá pouco resultado, quando a vida do ministro prega a importância das “coisas visíveis”.

Mas não podemos limitar as instruções de nosso Senhor somente aos ministros de evangelho. Elas devem falar audivelmente à consciência de todos os crentes, de todos os que são chamados pelo Espírito Santo e tornaram-se sacerdotes de Deus. Essas instruções devem nos recordar a necessidade de sermos simples e não conformados ao mundo em nossa

vida diária. Precisamos acautelar-nos de pensar com ostentação a respeito de refeições, móveis, casas e todas as coisas boas que se referem à vida do corpo. Temos de viver como pessoas cujos pensamentos primordiais estão voltados para os interesses de nossa alma imortal. Devemos nos esforçar para viver neste mundo como homens que ainda estão em viagem e não se preocupam intensamente com as acomodações que encontrarão no caminho e na hospedaria terrena. Felizes são aqueles que se vêem como peregrinos e forasteiros nesta vida e que ainda aguardam as melhores coisas.

Outras Instruções de Cristo aos Seus Setenta Discípulos

Leia Lucas 10.8-16

Estes versículos constituem a segunda parte das instruções de nosso Senhor aos setenta discípulos. Assim como na primeira parte, as lições se referem a todos os ministros e ensinadores do evangelho; mas contêm verdades que merecem a atenção de todos os membros da igreja de Cristo.

A primeira lição que observamos nessa passagem é *a simplicidade da mensagem que nosso Senhor proclamou à alguns de seus discípulos*. Eles foram ordenados a anunciar: “A vós outros está próximo o reino de Deus” (Lc 10.9).

Essas palavras poderiam ser consideradas como mensagem central de tudo o que os discípulos proclamaram. Raramente alguém imagina que eles não pregaram nada mais além desta sentença. Estas palavras significavam muito mais para os ouvintes judeus daquela época do que para nós hoje. Para um israelita bem instruído, tais palavras soariam como um anúncio de que o tempo do Messias havia chegado, de que o Salvador prometido desde a antiguidade seria revelado e de que o “desejado de todas as nações” estava para se manifestar (Ag 2.7 - ARC). Tudo isso é inquestionavelmente verdadeiro. Uma proclamação como esta realizada inesperadamente pelos setenta discípulos, convencidos da verdade que anunciavam, viajando por países bastante populosos, atrairia a atenção das pessoas e despertaria muito questionamento. No entanto, a mensagem era peculiarmente simples e admirável.

Pode se questionar se a maneira moderna de ensinar o cristianismo é, em geral, suficientemente simples. A argumentação sofisticada e os raciocínios profundos não são os instrumentos que Deus habitualmente se

agrada em utilizar para converter as almas. Afirmativas proferidas com clareza, simplicidade, ousadia e solenidade, proferidas de tal maneira que foram obviamente sentidas e cridas por aqueles que as fizeram, parecem ter mais efeito sobre as mentes e as consciências dos ouvintes. Pais crentes e professores de jovens, pastores, missionários e leitores da Bíblia fariam bem a si mesmos se recordassem mais essa verdade. Não precisamos ficar tão ansiosos, como freqüentemente ficamos, a respeito de resguardar, argumentar, demonstrar e comprovar as doutrinas do evangelho. Dentre cem almas, nenhuma foi trazida a Cristo dessa maneira. Necessitamos de mais afirmações simples, solenes, claras e incisivas das singelas verdades do evangelho. Podemos deixá-las agir e cuidarem de si mesmas. Elas são flechas provenientes da aljava de Deus e atingirão os corações que não foram tocados pelos mais eloqüentes sermões.

A segunda lição que observamos nesses versículos é *a grande pecaminosidade daqueles que rejeitam as ofertas do evangelho de Cristo*. Nosso Senhor declarou que no último dia “haverá menos rigor para Sodoma” do que para aqueles que não receberam a mensagem de seus discípulos. E prosseguiu dizendo que a culpa de Betsaida e Corazim, cidades da Galiléia onde Ele pregara e realizara milagres e cujos habitantes não se haviam arrependido, era maior do que a culpa de Tiro e Sidom.

Afirmativas como estas são terríveis. Esclarecem algumas verdades que os homens facilmente esquecem. Elas nos ensinam que todos serão julgados de acordo com o conhecimento espiritual que possuíam e que muito será exigido daqueles que desfrutavam de grandes privilégios espirituais. As palavras de Jesus nos mostram a excessiva dureza e incredulidade do coração humano. Era possível alguém ouvir a Cristo, contemplar seus milagres e, apesar disso, permanecer na incredulidade. Também nos ensinam que o homem é o responsável pelo estado de sua própria alma. Aqueles que rejeitam o evangelho não são apenas objetos de compaixão e misericórdia, mas também profundamente culpados e dignos de condenação aos olhos de Deus. Deus os chamou, mas rejeitaram. Deus lhes falou, porém não Lhe quiseram dar ouvidos. A condenação dos ímpios será rigorosamente justa. O sangue deles cairá sobre suas próprias cabeças. “Fará justiça o Juiz de toda a terra” (Gn 18.25).

Guardemos estas verdades em nosso coração e acautelemo-nos da incredulidade. Não é somente o pecado cometido visivelmente e a imoralidade flagrante que arruinam a alma. Precisamos somente ficar quietos e não responder ao evangelho, quando este é insistentemente apresentado à nossa aceitação; e um dia nos encontraremos no inferno. Não precisamos nos entregar a qualquer excesso de devassidão ou ser contra o verdadeiro cristianismo. Temos apenas de permanecer insensíveis, apáticos, desinteressados, inexoráveis e empedernidos; e nosso destino será o inferno.

Essa foi a ruína de Corazim e Betsaida; e, precisamos rezear, será a ruína de muitos, enquanto existir o mundo. Nenhum outro pecado é tão silencioso e, ao mesmo tempo, tão condenatório quanto a incredulidade.

O último assunto que devemos observar nestes versículos é *a honra que Jesus se deleitou em atribuir aos seus ministros fiéis*. Isto é ressaltado nas palavras com as quais Ele conclui sua comissão aos setenta discípulos. Jesus lhes disse: “Quem vos der ouvidos ouve-me a mim; e quem vos rejeitar a mim me rejeita; quem, porém, me rejeitar rejeita aquele que me enviou”.

A linguagem utilizada por nosso Senhor nesta ocasião é bastante notável e ainda mais quando lembramos que foi dirigida aos setenta discípulos e não aos doze apóstolos. O ensino que Jesus procurou transmitir é claro e inconfundível: os ministros do evangelho devem ser considerados mensageiros e embaixadores de Cristo ao mundo pecaminoso. Enquanto eles realizam com fidelidade sua obra são dignos de honra e respeito, por amor ao seu Senhor. Aqueles que os rejeitam também rejeitam ao Senhor deles. Aqueles que recusam os termos da salvação que, comissionados por Jesus, eles proclamam, estão injuriando não somente a estes pregadores, mas ao próprio Senhor. Quando Hanum, rei dos amonitas, maltratou os emissários de Davi, este ressentiu-se como se o insulto tivesse sido praticado contra ele mesmo (2 Sm 10.1-9).

Lembremo-nos destas coisas para que tenhamos uma correta estimativa da posição de um ministro do evangelho. Este é um assunto onde o erro é abundante. Por um lado, este ofício é considerado com reverência idólatra e supersticiosa; por outro, com insensível desprezo. Ambos os extremos são incorretos e resultam do esquecimento do evidente ensino das Escrituras. Se um pastor não realiza a obra de Cristo com fidelidade, nem proclama a sua mensagem com exatidão, jamais tem o direito de esperar respeito da parte do povo. Entretanto, cometemos um grave pecado se rejeitarmos as palavras do ministro do evangelho que anuncia todo o conselho de Deus e não deixa de ensinar as coisas proveitosas. Ele está envolvido no serviço de seu Senhor; é um arauto, um embaixador, está levando a bandeira da trégua e anunciando as boas-novas que estabelecem os termos da paz com Deus. A ele se aplicam essas palavras de Cristo. Os ricos talvez o menosprezem, e os ímpios o odeiem. Os que amam os prazeres serão incomodados, e os avarentos, envergonhados por ele. No entanto, esse ministro do evangelho deve consolar-se nas palavras de seu Senhor: “Quem vos rejeitar a mim me rejeita”. O último dia demonstrará que sua mensagem não foi proclamada em vão.

Os Setenta Discípulos Retornam Envaidecidos Pelo Sucesso; A Solene Advertência que Receberam de Cristo

Leia Lucas 10.17-20

Primeiramente, aprendemos destes versículos *quão facilmente os crentes podem sentir-se envaidecidos por causa do sucesso*. Está escrito que os setenta regressaram de sua primeira missão, possuídos de alegria, dizendo: “Senhor, os próprios demônios se nos submetem pelo teu nome!” Havia muita ilusão nesta alegria. Evidentemente, havia auto-satisfação no relato das realizações. Todo o sentido da passagem nos leva a esta conclusão. A admirável declaração de nosso Senhor a respeito da queda de Satanás do céu provavelmente tinha o objetivo de ser um alerta. Ele sondou os corações daqueles jovens e inexperientes soldados e percebeu o quanto eles haviam sido ensoberbecidos pela sua primeira vitória. Com sabedoria, o Senhor Jesus os repreendeu em sua incorreta exultação, advertindo-os contra o orgulho.

É uma lição que precisa ser recordada por todos os que servem a Cristo. Todos os fiéis trabalhadores da seara do evangelho desejam sucesso. Os pastores das igrejas locais, os missionários, evangelistas, professores de Escola Dominical e demais obreiros — todos esperam igualmente sucesso no trabalho que realizam. Todos eles anelam ver o reino de Satanás arruinado e almas convertidas a Deus. Não devemos nos admirar, esse desejo é correto e bom. Entretanto, jamais esqueçamos que o tempo de sucesso é uma ocasião de perigo para a alma do crente. Os corações que se acham deprimidos, quando todas as coisas parecem estar contra eles, com freqüência sentem-se indevidamente exaltados no dia da prosperidade. Poucos assemelham-se a Sansão, que matou um leão, sem contar aos outros (Jz 14.6). Não deve causar-nos surpresa o fato de que Paulo instruiu que o presbítero “não seja neófito, para não suceder que se ensoberbeça e incorra na condenação do diabo” (1 Tm 3.6). Muitos dos servos de Cristo provavelmente obtêm tanto sucesso quanto suas almas são capazes de suportar.

Oremos intensamente por humildade em nossos dias de tranqüilidade e sucesso. Quando tudo ao nosso redor parece prosperar e todos os nossos planos se realizam bem; quando as provações familiares e a enfermidade são mantidas longe de nós e o curso de nossos afazeres seculares segue com serenidade; quando nossa cruz é suave e tudo em nossa vida é semelhante a uma manhã sem nuvens — este é o tempo em que nossas almas encontram-se em perigo. É o tempo em que necessitamos estar duplamente

vigilantes sobre nossos próprios corações; é tempo em que as sementes do mal são plantadas em nosso íntimo por Satanás, que, ao crescerem e se tornarem fortes, um dia poderão nos deixar estarelecidos. Há poucos crentes que podem carregar um cálice cheio com mão firme. Há poucas pessoas que permanecem humildes nos dias de sucesso ininterrupto. Somos todos inclinados a oferecer sacrifício à nossa própria rede e queimar incenso à nossa varredoura (Hc 1.16). Somos tendentes a pensar que nossa própria capacidade e sabedoria nos conquistaram a vitória. A advertência de Jesus apresentada nesta passagem jamais deve ser esquecida. Em meio ao triunfo, devemos clamar com toda sinceridade: “Senhor, reveste-me de humildade”.

Em segundo, aprendemos nestes versículos que *o dom e o poder de realizar milagres são inferiores à graça divina*. Nosso Senhor disse aos setenta discípulos: “Alegrai-vos, não porque os espíritos se vos submetem, e sim porque o vosso nome está arrolado nos céus”. Sem dúvida, foi uma honra e privilégio receberem eles o poder de expulsarem demônios. Tinham motivos corretos para estarem agradecidos. No entanto, um privilégio maior era serem convertidos, perdoados e terem seus nomes inscritos no registro de pessoas salvas. A distinção entre a graça da salvação e os dons é profundamente importante, mas com frequência tem sido dolorosamente esquecida em nossos dias. Dons, tais como uma poderosa inteligência, grande memória, eloquência admirável, argumentação hábil e vivacidade de raciocínio, são constantemente valorizados acima do que convém por aqueles que os possuem e admirados de maneira indevida por aqueles que não os têm. Estas coisas não devem ser assim. Os homens esquecem que os dons sem a graça divina não salvam a alma de ninguém e são uma característica do próprio Satanás. Ao contrário, a graça da salvação é uma herança eterna e, embora aqueles que a possuem sejam desprezados e pareçam insignificantes, os levará seguros à glória celestial. Aquele que têm dons, sem a graça, está morto em seus pecados, ainda que seus dons sejam esplêndidos. Porém aquele que tem a graça divina, e não possui dons, está vivo para Deus, mesmo que pareça iletrado e inculto aos olhos dos homens. “Mais vale um cão vivo do que um leão morto” (Ec 9.4).

Devemos ter como alvo o cristianismo que tem a graça da salvação como elemento primordial. Jamais nos contentemos com o falar com eloquência, o pregar com vigor, o arrazoar com habilidade, o debater com dinamismo, o argumentar com inteligência e o conversar com muita fluência. Jamais nos contentemos em saber todas as doutrinas do cristianismo e ter à nossa disposição textos e passagens bíblicas. Estas coisas são boas em seus devidos lugares; não devem ser menosprezadas. Elas são proveitosas, mas não constituem a graça de Deus e, portanto, não poderão livrar-nos do inferno. Não descansemos enquanto não tivermos o testemunho do Espírito em nosso íntimo e não formos lavados, “santificados” e “justificados em o

nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus” (1 Co 6.11). Procuremos estar certos de que nossos nomes se encontram escritos nos céus, que somos realmente um com Cristo e que Ele está em nós. Esforcemo-nos para ser cartas de Cristo, conhecidas e lidas por todos os homens (2 Co 3.2); devemos nos empenhar para demonstrar por meio de humildade, amor, fé e mentalidade espiritual que somos filhos de Deus. Esse é o verdadeiro cristianismo. Estas são as verdadeiras características do cristianismo que salva. Sem elas, uma pessoa pode ter dons em abundância e tornar-se nada mais do que um seguidor de Judas Iscariotes, o falso apóstolo, e ao final de sua vida perecer no inferno. Possuindo estas características, uma pessoa pode ser semelhante a Lázaro, pobre e desprezada entre os homens, sem possuir quaisquer dons. Porém, seu nome está escrito nos céus, e Cristo a receberá como membro de seu povo, no último dia.

O Regozijo de Cristo; A Soberania de Deus na Salvação dos Pecadores; O Privilégio Daqueles que Conhecem o Evangelho

Leia Lucas 10.21-24

Há cinco notáveis assuntos nestes versículos. Eles merecem a atenção de todos aqueles que desejam ser crentes bem informados. Vamos considerá-los em sua ordem.

Em primeiro lugar, observamos *a única ocasião registrada em que nosso Senhor regozijou-se*. Três vezes os evangelistas nos informam que Jesus chorou; apenas uma vez, que Ele se regozijou.

E qual foi a causa do regozijo de nosso Senhor? Foi a conversão das almas, a aceitação do evangelho por parte daqueles que eram simples e pequeninos entre os judeus, quando os “sábios e instruídos” O estavam rejeitando em todos os lugares. Sem dúvida, nosso bendito Senhor viu neste mundo muitas coisas que O entristeceram. Ele contemplou a obstinada cegueira e ignorância da ampla maioria daqueles entre os quais Ele realizou seu ministério. Mas, quando viu um pequeno grupo de homens e mulheres receberem as alegres boas-novas de salvação, seu coração sentiu-se confortado; Ele viu isto e se regozijou.

Todos os crentes devem observar a conduta de nosso Senhor em

referência a este assunto e seguir seu exemplo. Eles encontram poucas coisas neste mundo que lhes cause regozijo. Vêm ao seu redor uma imensa multidão de pessoas que estão andando no caminho largo que conduz à perdição, à negligência, à dureza de coração e à incredulidade. Contemplam somente alguns, aqui e ali, que crêem para a salvação de sua alma. Mas isto deve torná-los agradecidos e fazê-los louvar a Deus, porque alguns estão sendo convertidos e crendo. Não compreendemos totalmente a pecaminosidade do homem. Não meditamos sobre o fato de que a conversão de uma alma é um milagre — um milagre maior do que o de ressuscitar Lázaro dentre os mortos. Aprendamos de nosso bendito Senhor a sermos mais gratos a Deus. Se olharmos, perceberemos que sempre existe o céu azul, bem como nuvens escuras. Embora somente alguns poucos sejam salvos, devemos nos regozijar nisso. É somente por intermédio da graça e da misericórdia imerecida que alguns realmente são salvos.

Em segundo, devemos observar *a soberania de Deus em salvar pecadores*. Nosso Senhor disse ao Pai: “Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos”. O significado destas palavras é simples e evidente. Existem pessoas para as quais Deus ocultou a salvação; e outras, para as quais Ele a revelou.

A verdade aqui ensinada é profunda e misteriosa. É tão elevada quanto o céu; como a poderemos compreender? É tão profunda quanto os oceanos da terra; como poderemos entendê-la? Não podemos explicar porque alguns permanecem mortos em seus pecados, enquanto outros são convertidos e salvos. Não podemos esclarecer porque em alguns países muitos se convertem, enquanto em outros as pessoas continuam sepultadas na idolatria. Apenas sabemos que as coisas são assim mesmo; podemos somente reconhecer que as palavras de nosso Senhor fornecem uma resposta que nenhum mortal poderia dar: “Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado”.

Porém, nunca esqueçamos que a soberania de Deus não anula a responsabilidade humana. O mesmo Deus que faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade sempre lidará com os homens como seres responsáveis, cujo sangue cairá sobre suas próprias cabeças, se não se converterem. Não podemos compreender toda a sua maneira de agir. Conhecemos e vemos em parte. Descansemos na convicção de que o Dia do Juízo esclarecerá todas as coisas e que o Juiz de toda terra não falhará em realizar aquilo que é correto. Enquanto isso, devemos lembrar que Deus oferece a salvação gratuita, completa, ampla e ilimitada e que “em nosso viver temos de seguir a vontade de Deus expressamente revelada nas Escrituras” (17º artigo da Igreja Anglicana). Se a verdade está ocultada

para alguns e revelada para outros, podemos estar certos de que existe um motivo para isso.

Em terceiro, devemos observar *o caráter daqueles para os quais a verdade está escondida e daqueles para os quais ela está revelada*. Nosso Senhor disse: “Ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos”.

Não podemos extrair destas palavras uma lição errada, inferindo que algumas pessoas são naturalmente mais dignas da graça e salvação divinas do que outras. Todos são pecadores e não merecem nada, exceto ira e condenação. Devemos entendê-las como palavras que estabelecem um fato. A sabedoria do mundo freqüentemente torna as pessoas orgulho-sas e aumenta sua inimizade natural contra o evangelho de Cristo. O homem que não se orgulha de seu conhecimento e de sua suposta moralidade geralmente é aquele que encontra menos dificuldades para chegar ao conhecimento da verdade. Os publicanos e pecadores freqüentemente são os primeiros a entrar no reino de Deus, enquanto os escribas e fariseus ficam do lado de fora.

Destas palavras devemos aprender a nos acautelarmos da justiça própria. Nada fecha tanto os olhos de nossa alma para a beleza do evangelho quanto a idéia vã e ilusória de que não somos tão ignorantes e ímpios quanto outras pessoas e de que temos um caráter que suportará a inspeção divina. Feliz é o homem que aprendeu a sentir que é “infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu” (Ap 3.17). Reconhecer que somos maus é o primeiro passo em direção a nos tornarmos bons. Sentir que nada sabemos é o passo inicial para o conhecimento que salva.

Em quarto lugar, devemos observar nesta passagem *a majestade e dignidade de nosso Senhor Jesus Cristo*. Ele disse: “Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém sabe quem é o Filho, senão o Pai; e também ninguém sabe quem é o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar”.

Essas são palavras dAquele que é o próprio Deus e não apenas um homem. Nenhum patriarca, ou profeta, ou apóstolo, ou crente de qualquer época proferiu palavras semelhantes a estas em referência a si mesmo. Elas nos revelam um pouco da infinita majestade da natureza e da pessoa de nosso Senhor. Tais palavras revelam-No como Cabeça de todas as coisas e Rei dos reis — “Tudo me foi entregue por meu Pai”. Mostram Jesus como alguém distinto do Pai, mas, apesar disso, Alguém que se encontra em completa união com Ele, que O conhece de uma maneira indescritível — “Ninguém sabe quem é o Filho, senão o Pai; e também ninguém sabe quem é o Pai, senão o Filho”. Mostram Jesus como o poderoso instrumento de revelação do Pai aos filhos dos homens, o Deus que perdoa as iniquidades e ama os pecadores por amor ao seu Filho —

“Ninguém sabe quem é o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar”.

Confiemos nossas almas inteiramente ao Senhor Jesus Cristo. Ele é poderoso para salvar-nos. Embora nossos pecados sejam muitos, Cristo pode tomá-los para Si. Ainda que a obra de salvação seja bastante difícil, o Senhor Jesus pode realizá-la. Se Ele não era Deus e homem, podemos ficar desesperados. Mas, se podemos ter um Salvador como Jesus, podemos iniciar a vida cristã com ousadia, prosseguir esperançosamente nossa jornada e aguardar a morte e o juízo sem temor. Nosso auxílio é Aquele que possui todo o poder (Sl 89.19). Cristo está acima de todos, é o Deus bendito para sempre e não desapontará todos os que confiam nEle.

Por último, devemos observar *os privilégios especiais daqueles que ouvem o evangelho de Cristo*. Nosso Senhor disse aos seus discípulos: “Bem-aventurados os olhos que vêem as coisas que vós vedes. Pois eu vos afirmo que muitos profetas e reis quiseram ver o que vedes e não viram; e ouvir o que ouvis e não o ouviram”.

O completo significado destas palavras provavelmente jamais será assimilado pelos crentes, até ao último dia. Temos somente uma vaga idéia das enormes vantagens desfrutadas pelos crentes que viveram desde que Cristo veio ao mundo, se os compararmos com aqueles que existiram antes de sua vinda. A diferença entre o conhecimento de um santo do Antigo Testamento e o de um crente da época dos apóstolos é maior do que podemos imaginar. É semelhante à diferença que existe entre a luz do crepúsculo e a do meio-dia, entre o inverno e o verão, a mentalidade de uma criança e a de uma pessoa madura. Sem dúvida, os crentes do Antigo Testamento olhavam pela fé para um Salvador por vir e criam na ressurreição e na vida após a morte. Entretanto, a vinda e a morte de Cristo desvendaram centenas de passagens das Escrituras que antes estavam ocultas e esclareceram muitos assuntos duvidosos para os quais alguém jamais havia encontrado resposta. Em resumo, o “caminho do Santo Lugar” ainda não se havia manifestado, “enquanto o primeiro tabernáculo” continuava erguido (Hb 9.8). O mais humilde crente em Cristo entende coisas que Davi e Isaías nunca poderiam explicar.

Ao terminar nossas considerações sobre essa passagem, tenhamos um profundo senso de nossa dívida para com Deus e de nossa grande responsabilidade em relação à plena luz do evangelho de Cristo. Esforcemo-nos para utilizar bem os muitos privilégios que possuímos. Visto que temos um evangelho tão completo, devemos acautelar-nos para não o negligenciarmos. É muito significativa a declaração de Jesus: “Àquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido; e àquele a quem muito se confia, muito mais lhe pedirão” (Lc 12.48).

Um Intérprete da Lei Questiona Jesus; A Regra da Fé; O Resumo de Nossos Principais Deveres

Leia Lucas 10.25-28

Inicialmente, notemos nestes versículos *a solene pergunta que foi dirigida a nosso Senhor*. Certo homem, intérprete da lei, perguntou-Lhe: “Que farei para herdar a vida eterna?” O motivo desse homem evidentemente não era correto. Apenas fez a pergunta para “pôr Jesus à prova” e levá-Lo a dizer algo em que seus inimigos pudessem apanhá-Lo. Entretanto, a indagação feita por esse intérprete da lei foi inquestionavelmente muito importante.

Temos aqui perguntas que merecem a atenção de todas as pessoas — homens, mulheres e crianças. Todos somos pecadores e estamos destinados à morte e ao juízo vindouro. De que maneira nossos pecados serão perdoados? Com o que compareceremos diante de Deus? Como escaparemos da condenação do inferno? O que poderá livrar-me da ira futura? Como eu posso ser salvo? Estas são indagações que pessoas de todas as classes sociais devem fazer a si mesmas e nunca sossegar até que obtenham a resposta correta.

Infelizmente, esta é uma pergunta com a qual poucos se importam. Milhares estão constantemente perguntando a si mesmos: “O que comeremos? Com que nos vestiremos? Como podemos satisfazer a nós mesmos? Como podemos ganhar mais dinheiro? Como podemos prosperar neste mundo?” Poucos, muito poucos, tomarão algum tempo para meditar a respeito da salvação de suas almas. Os homens odeiam este assunto, visto que os deixa intranquilos. Fogem do assunto e o descartam. Fiéis e verdadeiras são as palavras de nosso Senhor: “Larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz para a perdição, e são muitos os que entram por ela” (Mt 7.13).

Jamais nos envergonhemos de perguntar a nós mesmos: “Que farei para herdar a vida eterna?” Pelo contrário, devemos meditar a respeito deste assunto e nunca nos sentirmos satisfeitos, até que ele ocupe o primeiro lugar de nossos pensamentos. Procuremos ter o testemunho do Espírito em nossos corações, o testemunho de que realmente nos arrependemos, de que possuímos uma fé viva na misericórdia de Deus através de Cristo e de que verdadeiramente estamos andando com Deus. Esse é o caráter de todos os que estão andando com Deus; é o caráter de todos os herdeiros da vida eterna. São estes os que receberão o reino que está preparado para os filhos de Deus.

Em segundo, notemos nestes versículos *a sublime honra que nosso Senhor tributou à Bíblia*. Imediatamente Ele referiu-se às Escrituras como a única regra de fé e prática. Em resposta a essa pergunta, o Senhor Jesus não disse: “O que o judaísmo ensina a respeito da vida eterna? O que os escribas e fariseus pensam? O que ensina a tradição dos anciãos sobre este assunto?” Jesus seguiu um caminho mais direto e simples. Ele reportou o seu indagador às Escrituras do Antigo Testamento: “Que está escrito na Lei? Como interpretas?”

O princípio contido nestas palavras deve tornar-se um dos fundamentos de nossa vida espiritual. A Bíblia, toda a Bíblia, nada mais do que ela, tem de ser nossa regra de fé e prática. Apegados a este princípio, prossigamos nossa viagem no caminho do Rei Jesus. Às vezes, o caminho pode parecer estreito e nossa fé talvez seja dolorosamente provada; mas seremos guardados de grandes pecados. Se abandonarmos este princípio, entraremos no deserto intransitável. Ninguém poderá dizer-nos a que ponto seremos levados, em que seremos capazes de crer e fazer. Sempre tenhamos este princípio em nossa mente. Sobre ele lancemos nossa âncora. Permanecemos nele. Não importa o que alguém fala a respeito do cristianismo, quer seja um dos pais da antigüidade, ou um bispo, ou um teólogo erudito. Está escrito na Bíblia? Pode ser provado pelas Escrituras? Se não, temos de rejeitá-lo de nossa crença. Não devemos nos importar com a maneira eloqüente, agradável e perspicaz como se apresentam os sermões ou livros religiosos. No aspecto mais insignificante, eles apresentam ensinamentos contrários à Bíblia? Se isto é verdade, tais sermões e livros são trapos, venenos e guias que não possuem qualquer valor. O que dizem as Escrituras? Esta é a única medida e padrão da verdadeira religião — “À lei e ao testemunho!”, declarou o profeta Isaías, “Se eles não falarem desta maneira, jamais verão a alva” (Is 8.20).

Por último, notemos nestes versículos *o nítido conhecimento dos judeus da época de nosso Senhor em referência aos deveres para com Deus e os homens*. O intérprete da lei respondeu à pergunta de Jesus: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento; e: Amarás o teu próximo como a ti mesmo”. Ele falou corretamente. Uma descrição mais clara dos deveres diários e práticos não poderia ser dada por muitos crentes bem instruídos de nossos dias. Jamais nos esqueçamos disto.

As palavras do intérprete da lei são muito instrutivas em dois aspectos. Esclarecem dois assuntos sobre os quais existem abundantes erros. Por um lado, a resposta desse homem nos mostra quão grandes eram os privilégios de conhecimento espiritual que os judeus desfrutavam, se comparados aos gentios, na época do Antigo Testamento. Uma nação que tinha princípios de deveres semelhantes ao que estamos considerando estava

incomparavelmente à frente dos gregos e dos romanos. Por outro lado, a resposta desse homem nos mostra que um homem pode ter um nítido conhecimento em seu intelecto, enquanto seu coração está cheio de impiedade. Eis um homem que falava sobre amar a Deus com todo o coração e a seu próximo como a si mesmo, ao mesmo tempo em que realmente tentava a Cristo, procurando causar-Lhe injúria, e estava ansioso para justificar a si mesmo e mostrar-se caridoso! Estejamos sempre alerta contra esse tipo de religiosidade. Um nítido conhecimento intelectual acompanhado por resoluta impenitência de coração é o mais perigoso estado da alma. “Ora, se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes” (Jo 13.17).

Ao terminar nossa meditação sobre esta passagem, nunca esqueçamos de examinar a nós mesmos e aplicar ao nosso próprio coração os elevados deveres nela contidos. Amamos a Deus de todo o nosso coração, de toda a nossa alma, de todas as nossas forças e de todo o nosso entendimento? Amamos o nosso próximo como a nós mesmos? Onde se encontra aquela pessoa que pode dizer com perfeita verdade: “Sim, eu amo”? Onde está aquele que não precisa colocar a mão sobre seus lábios, quando ouve estas perguntas? Na verdade, somos culpados no que se refere a este assunto. O melhor dos crentes, embora seja bastante piedoso, fica aquém dessa perfeição. Passagens como esta nos mostram a necessidade que temos do sangue e da justiça de Cristo. A Ele devemos recorrer, se desejamos permanecer firmes, com ousadia, diante do tribunal de Deus. Devemos encontrar nEle a graça, para que o amor a Deus e aos homens torne-se o princípio governante de nossas vidas. Temos de permanecer nEle, para que sempre recordemos este princípio e mostremos ao mundo que por ele desejamos viver.

A Parábola do Bom Samaritano

Leia Lucas 10.29-37

Estes versículos contêm a famosa parábola do bom samaritano. Para que a entendamos, precisamos recordar a ocasião em que foi proferida — em resposta à pergunta de certo intérprete da lei: “Quem é o meu próximo?” Nosso Senhor respondeu contando a história que acabamos de ler e concluiu a narrativa com um apelo à consciência daquele homem. Não podemos esquecer estas coisas. O objetivo da parábola é mostrar a natureza do verdadeiro amor fraternal. Perder de vista este objetivo e procurar alegorias

profundas na parábola equivale a vulgarizar as Escrituras e privar nossa alma de valiosas lições.

Primeiramente, aprendemos nessa parábola *quão raro e incomum é o verdadeiro amor fraternal*. Esta é uma lição que se destaca com proeminência no relato que estamos considerando. Nosso Senhor falou a respeito de um viajante que caiu entre os ladrões, foi despojado de suas roupas, ferido e ficou quase morto na estrada. Em seguida, falou sobre um sacerdote e um levita que, um após o outro, passando pelo mesmo caminho e vendo o infeliz viajante machucado, não o ajudaram. Ambos eram homens que, apesar de seu ofício e sua confissão de religiosidade, deveriam ter se mostrado dispostos e espontâneos para fazer o bem àquele aflito. No entanto, um após o outro, foram egoístas e insensíveis para oferecer o menor auxílio. Sem dúvida, disseram para si mesmos que não conheciam aquele viajante, ou que ele havia caído em dificuldades por causa de conduta imprópria, ou que não tinham tempo para socorrê-lo, ou que tinham muitos negócios com os quais deveriam se preocupar e não poderiam inquietar-se por causa de estranhos. O resultado foi que ambos, um após o outro, passaram “de largo”.

Neste acontecimento admirável encontramos uma figura exata daquilo que está constantemente ocorrendo no mundo. O egoísmo é a principal característica de grande parte da humanidade. Atos de bondade que não custam mais do que uma insignificante contribuição ocasional são muito comuns. Mas a bondade sacrificial de coração, que não se preocupa com o custo envolvido em sua prática, é uma virtude bastante rara entre nós. Existem milhares de pessoas que estão em dificuldades e não conseguem achar um amigo ou alguém que os ajude. Existem muitos “sacerdotes” e “levitas” que os vêem e passam “de largo”.

Acautelemo-nos de esperar muito dos homens. Se esperamos, certamente seremos desapontados. Quanto mais vivermos, tanto mais claramente veremos que poucas pessoas se preocupam com os outros sem motivos interesseiros e que o amor altruísta, desinteressado e puro é tão raro quanto diamantes e rubis. Devemos ser imensamente gratos porque o Senhor Jesus não é semelhante aos homens. Sua bondade e amor são infalíveis. Ele nunca desaponta qualquer de seus amigos. Feliz é aquele que aprendeu a dizer: “Somente em Deus, ó minha alma, espera silenciosa, porque dele vem a minha esperança” (Sl 62.5).

Em segundo, aprendemos nesta parábola *quem são aqueles para os quais devemos mostrar bondade e aqueles a quem devemos amar como nosso próximo*. Jesus nos conta que certo samaritano foi a única pessoa que socorreu o viajante ferido. Este samaritano pertencia a um povo que não se dava com os judeus (Jo 4.9). Ele poderia ter se desculpado, afirmando que a estrada que descia de Jerusalém a Jericó se encontrava

em território dos judeus e que casos de furto e espancamento deviam ser atendidos pelos judeus. Mas ele não fez qualquer coisa dessa natureza. Viu um homem desnudo e quase morto. Não fez perguntas, imediatamente se compadeceu do necessitado. Não levando em conta as dificuldades, logo o socorreu. E nosso Senhor nos ordena a proceder “de igual modo”.

Ora, estas palavras significam que o crente precisa estar disposto a manifestar bondade e amor a todos os que se acham em necessidade. Nossa bondade não pode estender-se apenas aos nossos familiares, amigos e parentes. Temos de amar e ser bondosos com todas as pessoas, sempre que a ocasião o exigir. Devemos guardar-nos de averiguar a vida passada daqueles que precisam de nossa ajuda. Eles se encontram realmente em dificuldades? Querem ser ajudados? Então, de acordo com o ensino desta parábola, devemos estar dispostos a prestar-lhes auxílio. Temos de considerar todo o mundo como nosso campo de trabalho e toda a raça humana como nosso próximo. Devemos ser amigos de todos os que estão oprimidos, ou são negligenciados, ou aflitos, ou doentes, ou estão presos, ou são pobres, ou órfãos, ou incrédulos, ou escravos, ou tolos, ou famintos, ou estão às portas da morte. Nosso dever é mostrar-lhes uma amabilidade universal, mas, sem dúvida, com sabedoria, discrição e bom senso, jamais nos envergonhando de fazê-lo. O incrédulo talvez zombe, considerando isso fanatismo e extravagância. No entanto, não devemos nos sentir perturbados por tal zombaria. Ser amável para todas as pessoas significa demonstrar que possuímos algo da mentalidade de Cristo.

Por último, aprendemos nesta parábola *a maneira e a dimensão em que precisamos manifestar amor e bondade aos outros*. Jesus nos conta que a compaixão do samaritano para com o viajante ferido não se limitou a sentimentos e impressões passivas. Ele teve bastante trabalho para socorrê-lo. Agiu na proporção em que sentiu a situação daquele homem, não poupou esforços ou dinheiro para ajudá-lo. Embora o viajante fosse um estranho para ele, chegou-se, “pensou-lhe os ferimentos, aplicando-lhes óleo e vinho; e, colocando-o sobre o seu próprio animal, levou-o para uma hospedaria e tratou dele”. E isso não foi tudo; no dia seguinte, entregou dinheiro ao hospedeiro, dizendo: “Cuida deste homem, e, se alguma coisa gastares a mais, eu to indenizarei quando voltar”. E o Senhor Jesus diz a cada um de nós: “Vai e procede tu de igual modo”.

A lição nesta parte da parábola é clara e inconfundível. A bondade de um crente para com as outras pessoas não pode ser apenas de palavras e lábios, mas em atos e em verdade. Seu amor deve ser algo prático, um amor que envolve renúncia e sacrifício, tanto em dinheiro quanto em tempo e atividades árduas. Sua amabilidade deve ser vista não apenas em conversas e palavras, mas também em suas atitudes e realizações. Assim como outros que trabalham com empenho na tentativa de ganhar dinheiro,

o crente não precisa imaginar que estará desperdiçando seu tempo ao trabalhar com esforço para fazer o bem àqueles que necessitam de ajuda. Não deve se envergonhar de labutar intensamente para minimizar a infelicidade deste mundo. Enquanto ele puder, precisa estar disposto a ouvir as infelicidades dos outros e ter uma mão pronta para socorrer aqueles que se encontram em aflição. Esse tipo de amor pode não ser compreendido pelo mundo. A gratidão que ele encontrará talvez seja pequena e sem valor. Porém, demonstrar tal amor significa andar nos passos de Cristo e transformar em prática o ensino da parábola do bom samaritano.

Terminemos nossa meditação sobre esta passagem pensando com seriedade e examinando nosso próprio coração. Quão poucos crentes parecem recordar que esta parábola foi escrita. Quanta avareza, mesquinhez e suspeitas existem na igreja de Cristo, mesmo entre aqueles que confessam acreditar nas doutrinas fundamentais do cristianismo e participam da Ceia do Senhor. Raramente vemos um crente que é realmente sensível, generoso, liberal e afável para os outros, exceto para seus próprios filhos. No entanto, o Senhor Jesus proferiu a parábola do bom samaritano e desejava que a recordemos.

O que realmente somos? Não esqueçamos de perguntar a nós mesmos. O que estamos fazendo para comprovar que esta parábola é uma das regras de nossa conduta diária? O que estamos fazendo em benefício dos incrédulos, em nosso país e no exterior? O que estamos fazendo para ajudar aqueles que estão aflitos, em sua mente, ou em seu corpo, ou em suas circunstâncias? Existem muitas pessoas assim neste mundo. Há sempre alguns destes bem próximos à nossa porta. O que estamos fazendo por eles? Alguma coisa ou nada, em absoluto? Deus nos ajude a responder essas perguntas! O mundo seria mais feliz se houvesse mais cristianismo prático.

**Jesus na Casa de Marta e Maria;
A Preocupação Excessiva Reprovada;
A Única Coisa Necessária;
A Boa Parte Recomendada**

Leia Lucas 10.38-42

A pequena história contida nestes versículos foi narrada somente no Evangelho de Lucas. Enquanto o mundo existir, a história de Marta e

Maria fornecerá à igreja lições sábias que jamais devem ser esquecidas. Considerada em paralelo ao capítulo 11 do Evangelho de João, essa história nos outorga um esclarecimento bastante instrutivo sobre a vida íntima de uma família que Jesus amava.

Primeiramente, devemos observar que *os verdadeiros crentes podem ter temperamentos e caracteres diferentes*. As duas irmãs, sobre as quais lemos nessa passagem, eram fiéis seguidoras de Cristo. Havia-se convertido, tornando-se crentes em Jesus. Honraram a Cristo, quando bem poucos o fizeram. Amavam a Jesus e eram amadas por Ele. Entretanto, essas duas mulheres possuíam mentalidade diferentes. Marta era enérgica, agitada, impulsiva, possuía sentimentos fortes e falava tudo que sentia. Maria era quieta, sossegada e meditativa, tinha sentimentos profundos, mas falava menos do que sentia. Marta, quando Jesus veio à sua casa, se regozijou ao vê-Lo e se ocupou em preparar-Lhe um agradável refrigerio. Maria também se alegrou em vê-Lo, mas seu primeiro pensamento foi o de assentar-se aos pés de Ele e ouvir sua palavra. A graça reinava em ambos os corações; entretanto, cada uma delas manifestou os efeitos da graça em ocasiões e maneiras diferentes.

Acharemos bastante proveitoso recordar esta lição. Não devemos esperar que todos os crentes em Cristo sejam exatamente iguais. Não podemos menosprezar os outros, considerando-os pessoas que não possuem a graça divina, porque a experiência deles não corresponde inteiramente à nossa. As ovelhas do rebanho do Senhor têm suas próprias peculiaridades. As árvores do jardim do Senhor não são exatamente iguais. Todos os servos de Deus concordam nas doutrinas fundamentais do cristianismo; todos são guiados pelo mesmo Espírito; sentem seus pecados e confiam em Cristo; se arrependem, crêem e se tornam santos. No entanto, nos assuntos irrelevantes diferem amplamente. Nenhum deve desprezar o outro por causa disso. Até que Jesus volte, sempre haverá Martas e Marias em sua igreja.

Em segundo, devemos observar que *os cuidados pelas coisas deste mundo podem constituir uma armadilha para nossa alma, se lhes tributarmos excessiva atenção*. É evidente do teor deste relato que Marta permitiu que sua ansiedade em oferecer uma agradável hospedagem para o Senhor tomasse conta dela. Seu excessivo zelo pelas coisas temporais fê-la esquecer o tempo para as coisas de sua alma. Marta “agitava-se de um lado para outro, ocupada em muitos serviços”. Pouco a pouco, sua consciência sentiu-se aguçada, quando se viu sozinha, servindo as mesas, e sua irmã assentada aos pés de Jesus, ouvindo-Lhe a palavra. Sob a pressão de uma consciência perturbada, o temperamento de Marta tornou-se irritado, e o velho Adão em seu íntimo rompeu em uma atrevida reclamação. Ela disse: “Senhor, não te importas de que minha irmã tenha

deixado que eu fique a servir sozinha? Ordena-lhe, pois, que venha ajudar-me”. Ao dizer estas coisas, esta mulher piedosa esqueceu o que ela mesma era e a quem estava falando. Ela trouxe sobre si mesma uma solene repreensão e teve de aprender uma lição cujo efeito provavelmente foi duradouro. Infelizmente, “uma fagulha põe em brasas... grande selva” (Tg 3.5). O começo desta situação desagradável foi uma excessiva ansiedade pelos inocentes afazeres do lar.

O erro de Marta deve ser um aviso constante para todos os crentes. Se desejamos crescer na graça e desfrutar prosperidade em nossa alma, devemos ter cautela quanto aos cuidados com as coisas desse mundo. A menos que vigiemos e oremos, tais cuidados destruirão nossa espiritualidade, fazendo definhar nossa alma. O que leva os homens à ruína eterna não é apenas o pecado visível ou transgressões flagrantes dos mandamentos de Deus; com mais freqüência, é uma intensa atenção a coisas que em si mesmas são lícitas e o ficar inquieto e ocupado em muitos serviços. Parece tão correto trabalharmos pelas coisas que necessitamos e bastante apropriado atendermos aos deveres de nossa própria casa. É nisto que se encontra o perigo. Nossa família, negócios, profissão, afazeres domésticos e relacionamentos na sociedade — tudo pode tornar-se armadilha para nosso coração e afastar-nos do Senhor. Podemos ir para o abismo do inferno em meio à realização de coisas lícitas.

Cuidemos de nós mesmos no que se refere a este assunto. Vigieemos com zelo nossos hábitos, para não cairmos em pecados inesperados. Se amamos a vida, temos de cuidar das coisas deste mundo sem nos apegarmos a elas e acautelarmo-nos de permitir que qualquer coisa ocupe o primeiro lugar em nosso coração, exceto Deus mesmo. Escrevamos mentalmente a palavra “veneno” em todas as coisas temporais que são boas. Utilizadas com sabedoria, são bênçãos pelas quais devemos ser gratos. Se permitirmos que inundem nossa mente e pisoteiem as coisas espirituais, elas podem tornar-se verdadeira maldição. Prazeres e vantagens são adquiridos a preço de morte, se, para obtê-los, rejeitamos de nossos pensamentos as coisas eternas, reduzimos nossa leitura bíblica, ouvimos com negligência o evangelho e encurtamos nossas orações. Um pouco de terra lançada sobre o fogo que se encontra em nosso íntimo logo fará que este fogo seja sufocado.

Em terceiro, devemos observar a *solene repreensão de nosso Senhor dirigida a Marta, sua serva*. Como um médico sábio, Ele contemplou a enfermidade que estava afligindo o coração de Marta e imediatamente aplicou o remédio. Como um pai amável, Ele expôs o erro em que havia caído a sua filha e não poupou a disciplina exigida. “Respondeu-lhe o Senhor: Marta! Marta! Andas inquieta e te preocupas com muitas coisas. Entretanto, pouco é necessário ou mesmo uma só coisa”. Fieis são as feridas causadas por um amigo! Essa pequena afirmativa de nosso Senhor

realmente foi um precioso bálsamo! Continha um volume de teologia prática em poucas palavras.

“Pouco é necessário ou mesmo uma só coisa.” Quão verdadeira é esta declaração! Quanto mais vivermos neste mundo, tanto mais verdadeira ela se mostrará. Quanto mais nos aproximarmos do sepulcro, tanto mais integralmente concordaremos com estas palavras. Saúde, prosperidade, dinheiro, bens, posição e honra são coisas boas em seus devidos lugares. Mas não podem ser chamadas de “necessárias”. Sem elas, milhões de pessoas são felizes neste mundo e alcançarão a glória do mundo por vir. As “muitas coisas” pelas quais os homens e mulheres estão constantemente lutando não são realmente necessárias. A graça que nos traz salvação é a única coisa “necessária”.

Esta pequena sentença deve resplandecer constantemente em nossa mente, sondando-nos quando estivermos propensos a murmurar diante das provações terrenas. Permitamos que ela nos fortaleça, quando formos tentados a negar nosso Mestre, por causa de perseguição; e que ela nos chame a atenção, quando começarmos a tributar excessiva importância às coisas deste mundo. Esta pequena sentença deve nos despertar, quando estivermos dispostos a olhar para trás, assim como a esposa de Ló. E, em todas as ocasiões, essas palavras de nosso Senhor devem soar em nossos ouvidos como uma trombeta e fazer-nos recordar: “Pouco é necessário ou mesmo uma só coisa”. Se Cristo é nosso, temos tudo em abundância.

Por último, devemos observar a *sublime recomendação que nosso Senhor pronunciou em referência à escolha de Maria*. Ele disse: “Maria, pois, escolheu a boa parte, e esta não lhe será tirada”. Havia um profundo significado nestas palavras. Não foram pronunciadas tendo em vista apenas o benefício de Maria, e sim o de todos os crentes em todas as partes do mundo. Foram proferidas para encorajar todos os verdadeiros crentes a serem pessoas resolutas e dedicadas, a seguirem a Cristo totalmente, a andarem em intimidade com Deus, a tornarem as coisas da alma sua primeira preocupação e a darem menos importância às coisas deste mundo.

A verdadeira porção do crente é a graça de Deus. Esta é a “boa parte” que ele escolheu e a única que, de fato, merece o nome de “boa”. É a única coisa boa que é consistente, satisfatória, verdadeira e duradoura. É boa tanto na enfermidade quanto na saúde, na juventude e na velhice, na adversidade e na prosperidade, na vida e na morte, no tempo e na eternidade. Não podemos imaginar nenhuma circunstância ou posição em que não é bom o homem possuir a graça de Deus.

Aquilo que o verdadeiro crente possui jamais lhe será tirado. Somente ele, dentre todos os homens, nunca será despojado de sua herança. Os reis e presidentes um dia deixarão sua posição. Os ricos deixarão seu dinheiro e bens. Eles os têm consigo somente enquanto vivem. No entanto,

o mais pobre dos crentes na terra possui um tesouro que jamais lhe será tomado. A graça de Deus e o favor de Cristo são riquezas que nenhum homem pode arrebatá-lhe. Ele as levará consigo quando morrer; elas ressurgirão com ele na manhã da ressurreição e serão dele para sempre.

O que sabemos a respeito desta “boa parte” que Maria escolheu? Já a escolhemos para nós mesmos? Podemos falar com verdade que ela já nos pertence? Nunca descansemos até que possamos dizer isso. Escolhamos “a vida”, quando Cristo a oferece, sem dinheiro e sem preço. Procuremos juntar tesouros no céu, para que não despertemos e descubramos que somos pobres para toda a eternidade.

A Oração do Pai Nosso

Leia Lucas 11.1-4

Estes versículos contêm uma oração comumente chamada de oração do Pai Nosso. Poucas passagens das Escrituras são tão conhecidas quanto esta. Qualquer católico romano pode nos dizer que existe uma oração chamada “Pai Nosso”. A mais simples criança de nosso país provavelmente já ouviu alguma coisa a respeito do “Pai Nosso”.

A importância desta oração se manifesta no simples fato de que nosso Senhor ensinou-a duas vezes com algumas variações. Aquele que nunca proferiu uma palavra sem um bom motivo achou conveniente nos ensinar esta oração em duas ocasiões distintas. Duas vezes o Senhor Deus escreveu os Dez Mandamentos em tábuas de pedra (Dt 9.10; 10.4); duas vezes o Senhor Jesus proferiu a oração do Pai Nosso.

A ocasião em que esta oração foi proferida pela segunda vez, relatada nessa passagem, é muitíssimo interessante. Um dos discípulos Lhe pediu: “Senhor, ensina-nos a orar”. A resposta a esta petição foi a famosa oração que agora consideramos. Não sabemos quem era esse discípulo; mas o seu pedido será recordado enquanto o mundo existir. Felizes são aqueles que têm este mesmo sentimento e com freqüência clamam: “Senhor, ensina-me a orar”.

O conteúdo da oração de nosso Senhor é um tesouro de lições espirituais. Expô-la completamente em uma obra como esta é algo impossível. A oração sobre a qual muitos livros já foram escritos não admite ser considerada adequadamente em apenas algumas páginas. No momento, basta-nos observar suas principais divisões e destacar os principais pensamentos que ela pode sugerir à nossa meditação pessoal.

A primeira divisão da oração do Pai Nosso refere-se *ao Deus a*

quem adoramos. Somos instruídos a nos aproximar dEle como nosso Pai no céu — sem dúvida, Pai no sentido de nosso criador, mas, em especial, como o Pai que nos reconciliou consigo por meio de Jesus Cristo; o Pai que habita no céu e que nenhum santuário da terra pode conter. Em seguida, devemos mencionar três grandes coisas — o nome, o reino e a vontade de nosso Pai.

Somos instruídos a suplicar que o nome de Deus seja santificado: “Santificado seja o teu nome”. Ao pronunciar tais palavras não pretendemos dizer que o nome de Deus admite graus de santidade ou que qualquer de nossas orações pode torná-Lo mais santo; mas declaramos nosso desejo íntimo de que o caráter, os atributos e as perfeições de Deus sejam mais conhecidos, honrados e glorificados por todas as suas criaturas inteligentes. Na verdade, esta foi a mesma petição que Jesus fez em outra ocasião: “Pai, glorifica o teu nome” (Jo 12.28).

Em seguida, somos instruídos a suplicar que venha o reino de Deus: “Venha o teu reino”. Com estas palavras, declaramos nosso desejo de que o poder de Satanás seja rapidamente aniquilado e toda a humanidade reconheça Deus como seu legítimo Rei e de que os reinos deste mundo tornem-se realmente, conforme prometido, os reinos de nosso Deus e de seu Cristo. O estabelecimento final desse reino foi predito desde a queda de Adão. Toda a criação geme aguardando esse reino. A última oração da Bíblia se refere ao estabelecimento desse reino. O cânon das Escrituras quase termina com estas palavras: “Vem, Senhor Jesus” (Ap 11.15; Gn 3.15; Rm 8.22; Ap 22.20).

E ainda, somos instruídos a suplicar que a vontade de Deus seja feita: “Faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu”. Assim, expressamos nosso ardente desejo de que o número dos convertidos a Deus e do povo que Lhe obedece seja grandemente aumentado; e de que os inimigos dEle, que odeiam sua lei, sejam diminuídos e de que chegue rapidamente o tempo em que todos os homens servirão espontaneamente a Deus na terra, assim como todos os anjos nos céus (Hc 2.14; Hb 8.11).

Esta é a primeira divisão da oração de nosso Senhor. Sua maravilhosa plenitude e sua profunda importância não podem ser suficientemente valorizadas. Felizes são os crentes que aprenderam que o nome de Deus é mais digno de honra do que o de qualquer autoridade deste mundo, que o reino de Deus é o único que permanecerá para sempre e que a lei de Deus é o padrão com o qual todas as leis devem se conformar. Quanto mais estas coisas forem entendidas e cridas na terra, tanto mais felizes serão as pessoas. Os dias em que todos reconhecerão estas coisas serão os dias do “céu na terra”.

A segunda divisão da oração de nosso Senhor refere-se às *nossas necessidades diárias*. Somos instruídos a mencionar duas coisas que

necessitamos todos os dias: uma é temporal, a outra, espiritual. Uma delas é o pão; a outra, o perdão dos pecados.

Somos instruídos a orar suplicando “pão” — “o pão nosso cotidiano dá-nos de dia em dia”. No vocábulo “pão” certamente está incluído tudo que nossos corpos necessitam. Reconhecemos nossa completa dependência de Deus no que se refere à vida, ao pão e às demais coisas. Suplicamos-Lhe que se encarregue de nós e providencie tudo que precisamos neste mundo. Esta súplica corresponde à de Salomão, em outras palavras: “Dá-me o pão que me for necessário” (Pv 30.8).

Em seguida, somos instruídos a orar suplicando perdão — “Perdoai-nos os nossos pecados, pois também nós perdoamos a todo o que nos deve”. Ao pronunciar tais palavras, confessamos que somos criaturas pecadoras, culpadas e corrompidas e que cometemos ofensas diárias em muitos aspectos. Não podemos apresentar qualquer desculpa para nós mesmos; nada podemos oferecer para nos justificar. Simplesmente rogamos a graciosa, completa e gratuita misericórdia de nosso Pai, em Cristo Jesus. E a esta petição adicionamos a única declaração contida em toda a oração do Pai Nosso — “também nós perdoamos a todo o que nos deve”.

Nunca podemos admirar com suficiência a simplicidade e riqueza da segunda divisão da oração do Pai Nosso. Quão rapidamente proferimos estas palavras. No entanto, quão profundo significado elas transmitem. O pão e a misericórdia diária são, acima de tudo, as principais coisas que os homens necessitam. Rico é aquele que as possui; sábio é aquele que não se envergonha de orar suplicando-as todos os dias. Sem dúvida, o filho de Deus está plenamente justificado diante de Deus e todas as coisas cooperam para o seu bem. No entanto, a verdadeira vida de fé consiste em rogar diariamente por novos suprimentos de todas as nossas necessidades. Embora todas as promessas sejam nossas, o Pai gosta que seus filhos lembrem-se dEle. Embora já tenhamos sido lavados, precisamos lavar a cada dia os nossos pés (Jo 13.10).

A terceira divisão da oração do Pai Nosso refere-se *aos perigos diários*. Somos instruídos a mencionar duas coisas que devemos temer a cada dia e com as quais temos de esperar que nos defrontaremos, enquanto estivermos no mundo. Uma delas é a tentação; a outro, o mal.

Jesus nos ensina a orar contra a tentação — “E não nos deixes cair em tentação”. Com essa expressão não estamos dizendo que Deus é o autor da tentação ou que Ele tenta o homem ao pecado (Tg 1.13). Mas Àquele que ordena todas as coisas terrenas e celestiais, sem o Qual nada pode acontecer, suplicamos que disponha o curso de nossas vidas de tal modo que não sejamos tentados acima do que podemos suportar. Confessamos nossa fraqueza e prontidão para cair em pecado. Pedimos ao nosso Pai que nos preserve das provações e nos proporcione uma

maneira de escapar. Rogamos que nossos pés sejam preservados e que nosso testemunho não caia em descrédito e arruíne nossa alma.

Por último, nosso Senhor nos ensina a orar contra o “mal” — “Livra-nos do mal”. Incluímos sob a palavra “mal” tudo que nos seja prejudicial, quer ao corpo, quer à alma, e em especial todas as armadilhas do grande autor do mal, o diabo. Confessamos nesta parte da oração que “o mundo inteiro jaz no Maligno” (1 Jo 5.19). Confessamos que o mal está em nós, ao nosso redor, em cada parte e que não temos poder para nos livrar dele. Suplicamos fortalecimento Àquele que nos pode fortalecer e nos refugiamos nEle para ficarmos protegidos. Em resumo, pedimos aquilo que o próprio nosso Senhor rogou para nós, quando disse: “Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal” (Jo 17.15).

Essa é a última divisão da oração do Pai Nosso. Em importância não é inferior às duas outras divisões, que já consideramos. Deixa o homem exatamente na posição em que ele deve estar, colocando em seus lábios uma linguagem de humildade. O mais perigoso estado em que podemos nos encontrar é o de não conhecer e sentir nosso perigo espiritual.

Agora devemos nos servir da oração do Pai Nosso para julgar nosso próprio estado diante de Deus. Suas palavras provavelmente já foram pronunciadas milhares de vezes por nossos lábios. Mas realmente as sentimos? Desejamos que estas súplicas nos sejam concedidas? Deus é realmente nosso Pai? Já nascemos de novo e nos tornamos filhos de Deus, mediante a fé em Cristo? Preocupamo-nos muito com o nome de Deus e sua vontade? Verdadeiramente desejamos que o reino de Deus venha? Sentimos necessidade diária das misericórdias divinas e do perdão de nossos pecados? Tememos cair no pecado? Acima de tudo, odiamos o mal? Estas são perguntas sérias. Merecem atenciosa consideração.

Esforcemo-nos para fazer que a oração do Pai Nosso se torne nosso modelo e exemplo, em toda a nossa comunhão com Deus. Ela deve nos sugerir os assuntos pelos quais devemos orar, pedindo ou rejeitando. Essa oração deve nos ensinar o relativo lugar e proporção que devemos dar a cada assunto em nossas orações. Quanto mais meditamos e examinamos a oração do Pai Nosso, tanto mais instrutiva e sugestiva a acharemos.

O Amigo Inoportuno; Encorajamentos à Oração

Leia Lucas 11.5-13

Nestes versículos, nosso Senhor nos ensina mais verdades sobre a

oração, um assunto sobre o qual sempre devemos insistir. A oração é o fundamento de nosso cristianismo prático; faz parte das atividades diárias de nossa vida espiritual. Devemos ser gratos a Deus, porque sobre nenhum outro assunto nosso Senhor Jesus Cristo falou com tanta clareza e frequência quanto a respeito da oração.

Primeiramente, aprendemos destes versículos a *importância de perseverar na oração*. Essa lição foi transmitida pelo Senhor através de uma parábola simples, comumente chamada de parábola do “Amigo Inoportuno”. A parábola nos recorda o que uma pessoa pode receber de outra por causa de importunação. Embora sejamos egoístas e indolentes, temos a capacidade de ser levados a fazer alguma coisa somente por alguém estar constantemente nos pedindo aquilo. O homem que não queria dar os três pães à meia-noite por amor àquela pessoa o fez para livrar-se de continuar sendo incomodado. A aplicação da parábola é evidente. Se a importunação produz tão bons resultados, entre os homens, quanto mais devemos esperar que ela obtenha as misericórdias divinas, quando a utilizamos em nossas orações.

Esta é uma lição que sempre faremos bem em recordar. É mais fácil começar o hábito de orar do que preservá-lo. Milhares daqueles que professam ser crentes frequentemente são ensinados a orar, quando ainda são crianças; no entanto, pouco a pouco deixam essa prática, quando se tornam adultos. Muitos criam o hábito de orar por certo tempo, quando estão enfrentando algum problema ou aflição especial; porém, logo se tornam frios e, por fim, abandonam o hábito. O pensamento íntimo que assalta o coração dos incrédulos é este: “Não há proveito na oração”. Eles não percebem qualquer benefício visível; persuadem a si mesmos de que vivem muito bem sem a oração. A indolência e a incredulidade prevalecem sobre seu coração, e, por conseguinte, recusam “a devoção a Ele devida” (Jó 15.4).

Afastemos este tipo de pensamento sempre que surgir em nosso íntimo. Determinemos pela graça de Deus que, por mais simples e frágeis que sejam as nossas orações, continuaremos a orar. Não é em vão que a Bíblia nos instruiu, com frequência: “Sede, portanto, criteriosos e sóbrios a bem das vossas orações” (1 Pe 4.7); “Orai sem cessar” (1 Ts 5.17); “Perseverai na oração” (Cl 4.2; Rm 12.12); “Orar sempre e nunca esmorecer” (Lc 18.1). Todas estas passagens têm o mesmo propósito: recordar-nos um perigo e despertar-nos à realização de um dever. O tempo e a maneira como nossas orações serão respondidas é um assunto que precisamos entregar inteiramente a Deus. Mas não podemos ter dúvidas de que toda súplica que apresentamos com fé certamente será respondida. Apresentemos sempre nossos assuntos a Deus, todos os dias, semanas, meses e anos. A resposta pode demorar, como aconteceu a Ana e a Zacarias

(1 Sm 1.27; Lc 1.13); mas, apesar disso, continuemos a orar e a esperar. No tempo certo, a resposta virá.

Em segundo, aprendemos desses versículos *quão amplas e encorajadoras são as promessas que nosso Senhor vinculou à oração*. As maravilhosas palavras que descrevem as promessas são muitíssimo familiares para nós: “Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á”. E a declaração solene proferida logo em seguida parece que tinha o objetivo de oferecer-nos dupla certeza: “Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e a quem bate, abrir-se-lhe-á”. O perscrutador argumento que conclui a passagem deixa a incredulidade sem desculpa: “Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?”

Há poucas promessas tão amplas e irrestritas quanto as contidas nesses versículos. A última, em particular, merece consideração especial. O Espírito Santo é inquestionavelmente o maior dom que Deus outorga aos homens. Se temos esse dom, possuímos tudo: vida, luz, esperança e o céu. Se temos esse dom, possuímos o ilimitado amor de Deus, o Pai, o sangue da expiação do Filho de Deus e plena comunhão com todas as pessoas da bendita Trindade. Se temos esse dom, possuímos graça e paz no mundo presente e glória e honra, no porvir. Apesar disso, esse grandioso dom é apresentado por nosso Senhor Jesus Cristo como um dom a ser obtido através da oração. “O Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que lho pedirem.”

Há poucas passagens na Bíblia que deixam o incrédulo tão completamente destituído de suas desculpas habituais quanto estes versículos. Ele afirma que é fraco e desamparado, porém suplica a Deus que o torne forte? O incrédulo declara que é ímpio e corrupto, mas procura a Deus, para que o torne melhor? O incrédulo diz que não pode fazer nada por si mesmo; no entanto, ele bate à porta da misericórdia divina e ora suplicando o dom do Espírito Santo? Estas são perguntas para as quais muitos, devemos temer, não podem oferecer qualquer resposta. Continuam sendo o que são porque não têm desejo de ser transformados. Não têm porque não pedem. Não vêm a Cristo para terem vida; por conseguinte, permanecem mortos em delitos e pecados.

Agora, ao terminarmos nossa meditação sobre esta passagem, perguntemos a nós mesmos se sabemos algo a respeito da verdadeira oração? Oramos em alguma ocasião? Oramos em nome de Jesus, reconhecendo-nos pecadores necessitados? Sabemos o que significa “pedir”, “buscar”, “bater” e lutar em oração, à semelhança de homens que entendem-na como uma questão de vida ou morte e que precisam obter respostas às suas súplicas? Ou nos contentamos em repetir velhas fórmulas de oração,

enquanto nossos pensamentos vagueiam e nossos corações encontram-se distantes. Na verdade, teremos aprendido uma grande lição, quando aprendermos que repetir orações não é o mesmo que orar.

Se realmente oramos, tenhamos como regra fundamental nunca abandonar o hábito de orar e diminuir nossas orações. O estado de um homem diante de Deus pode ser medido pelas suas orações. Sempre que nos sentirmos descuidados em relação à oração particular, podemos estar certos de que existe algo errado em nossa alma. Há vagalhões imensos à frente e corremos o iminente perigo de nos perdemos.

O Demônio que Era Mudo; O Mal das Divisões

Leia Lucas 11.14-20

A conexão entre estes versículos e aqueles que os precedem é notável e instrutiva. Nos versículos anteriores, nosso Senhor havia mostrado o poder e a importância da oração. No relato que acabamos de ler, Ele libertou um homem de um demônio que era mudo. Evidentemente, este milagre tinha o propósito de trazer nova luz sobre o assunto da oração. O Salvador que nos encoraja a orar é o mesmo que destrói o poder de Satanás sobre os membros de nosso corpo e restaura nossa língua à sua utilização apropriada.

Primeiramente, observemos nestes versículos *as diversas maneiras através das quais Satanás demonstra seu desejo de prejudicar o homem*. Lemos a respeito de um demônio mudo. Em algumas passagens, os evangelhos nos falam sobre “espírito imundo”; às vezes, sobre um demônio feroz e violento. Nestes versículos somos informados a respeito de um homem que tornou-se mudo devido à influência do demônio que o possuía. Muitos são os artifícios de Satanás. É tolice supor que ele sempre age da mesma maneira. Há somente uma característica peculiar a todas as suas atividades: ele se deleita em prejudicar e fazer o mal.

Existe algo bastante instrutivo no caso desse homem. Imaginamos que, por causa da possessão física não ser logo nitidamente manifesta, nosso grande inimigo é menos ativo em fazer o mal do que costumava ser? Se pensamos assim, temos muito a aprender. Supomos que não existe tal coisa como a influência de um demônio mudo em nossos dias? Se pensamos assim, é melhor reconsiderarmos nossas idéias. O que podemos dizer a respeito daqueles que nunca conversam com Deus, que nunca utilizam sua língua para orar e louvar e jamais empregam esse órgão, que é

a glória do homem, para cultuar Aquele que os criou? Em poucas palavras, o que podemos dizer sobre aqueles que conversam com todas as pessoas, exceto com Deus? Apenas que Satanás despojou-os da verdadeira utilização de sua língua; e que estão possuídos por um demônio mudo. O homem que não ora está morto, mesmo que esteja vivo. Seus membros são rebeldes contra Deus, que os criou. O “demônio mudo” ainda não foi extinto.

Vigiemos e oremos para que nunca estejamos sob a influência de um espírito mudo. Graças sejam dadas a Deus, porque continua vivo o mesmo Jesus que pode fazer os surdos ouvirem e os mudos falarem, a Ele recorramos em busca de ajuda, permaneçamos nEle. Evitar a devassidão e manter-se limpo de pecados graves, bem como ser moralista, correto e respeitável não é o suficiente. Tudo isto é apenas defesa negativa, nada mais. Existe alguma coisa positiva em nosso cristianismo? Oferecemos nossos membros a Deus, como instrumentos de justiça? (Rm 6.13.) Com nossos olhos, podemos ver o reino de Deus? Com os ouvidos, estamos ouvindo a voz de Cristo? Utilizamos nossa língua para o louvor a Deus? Estas são perguntas sérias. O número daqueles que são mudos e surdos diante de Deus é maior do que muitos imaginam.

Em segundo, observemos nestes versículos *o admirável poder do mal sobre os corações dos não-convertidos*. Quando nosso Senhor expeliu o espírito mudo, houve alguns que afirmaram: “Ora, ele expele os demônios pelo poder de Belzebu, o maioral dos demônios”. Eles não podiam negar a ocorrência do milagre; então, recusaram-se a admitir que fora realizado pelo poder de Deus. A obra que ocorrera diante de seus olhos era evidente e inquestionável. Por isso, esforçaram-se para desacreditar o caráter dAquele que a realizara e para manchar sua reputação, dizendo que Ele estava em acordo com Satanás.

A mentalidade descrita nestas palavras é uma doença terrível e, infelizmente, muito comum. Nunca faltam pessoas que estão dispostas a não perceber qualquer bondade nos servos de Cristo e a acreditar em todas as maldades comentadas a respeito deles. Este tipo de pessoa parece jogar fora seu bom senso. Recusam ouvir as evidências e prestar atenção aos argumentos evidentes. Parecem estar determinados a acreditar que todas as coisas feitas pelo crente são erradas e tudo que ele diz é falso. Se este faz o que é certo em alguma ocasião, deve ser por motivos corruptos; se fala a verdade, deve ser por idéias sinistras; se faz boas obras, deve ser por razões interesseiras; se expele demônios, ele o faz pelo poder de Belzebu! Tais homens preconceituosos podem ser encontrados em muitas igrejas. Essas pessoas são a mais dolorosa provação para os ministros de Cristo. Não admiremos que o apóstolo Paulo disse: “Orai por nós... para que sejamos livres dos homens perversos e maus” (2 Ts 3.1,2).

Esforcemo-nos para ter um espírito honesto, sincero e justo em nosso

juízo dos crentes e das coisas relacionadas ao cristianismo. Estejamos dispostos a abandonar velhas e queridas opiniões no exato momento em que alguém nos mostrar “um caminho sobremodo excelente” (1 Co 12.31). Um coração “bom e reto” é um grande tesouro (Lc 8.15). Um espírito preconceituoso é a própria icterícia da alma. Afeta a percepção mental de uma pessoa, fazendo-a ver todas as coisas em uma cor anormal. Devemos sempre orar para sermos livres desse espírito.

Por último, observemos nestes versículos *o grande mal das divisões*. Esta é uma verdade com a qual nosso Senhor nos impressiona na resposta que deu aos seus inimigos preconceituosos. Mostrou-lhes a tolice da acusação de que Ele expulsava demônios pelo poder de Belzebu. Citou um provérbio popular, ao dizer: “Todo reino dividido contra si mesmo ficará deserto, e casa sobre casa cairá”. Ele inferiu o absurdo da idéia de que Satanás poderia expulsar Satanás ou de que o diabo expeliria seus próprios agentes. Ao fazer isso, nosso Senhor ensinou aos crentes uma lição que eles têm sido tardios em aprender, durante toda a História da Igreja. Esta lição é o pecado e a tolice de divisões desnecessárias.

As divisões na igreja sempre existirão, enquanto prevalecerem falsas doutrinas e as pessoas a estas se apegarem. Que comunhão pode haver entre a luz e as trevas? Como poderão dois andar juntos, se não houver entre eles acordo? Que unidade pode haver onde não existe a unidade do Espírito? Divisão e afastamento daqueles que concordam com falsas doutrinas é um dever e não um pecado.

Mas existem diversos tipos de divisão que precisam ser profundamente detestadas — por exemplo, divisões entre homens que concordam nos assuntos fundamentais, divisões referentes a questões não essenciais à salvação, divisões relacionadas a formalidades, cerimônias e procedimentos na igreja a respeito dos quais as Escrituras silenciam. Divisões dessa natureza têm de ser evitadas e desencorajadas por todos os crentes fiéis. A sua existência é uma prova melancólica do estado pecaminoso do homem e da corrupção de seu entendimento, bem como de sua vontade. Trazem escândalo ao cristianismo e enfraquecem a igreja. “Todo reino dividido contra si mesmo ficará deserto.”

Quais são os melhores remédios contra a divisão desnecessária? Um espírito de humildade, uma disposição para fazer concessões e uma esclarecida harmonia com as Escrituras. Em nossa vida espiritual, temos de aprender a fazer distinção entre as coisas essenciais e as não-essenciais, as coisas necessárias e as desnecessárias à salvação, as coisas prioritárias e as secundárias em importância. Em referência ao primeiro grupo, devemos ser firmes e inflexíveis, como o carvalho: “Ainda que nós ou mesmo um anjo vindo do céu vos pregue evangelho que vá além do que vos temos pregado, seja anátema” (Gl 1.8). Quanto ao segundo, podemos ser

complacentes e maleáveis, como o salgueiro: “Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns” (1 Co 9.22). Estabelecer essas excelentes distinções exige uma sabedoria prática acima do normal. Mas pode ser adquirida por meio da oração — “Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus” (Tg 1.5). Quando os crentes perpetuam divisões desnecessárias, mostram-se mais tolos do que o próprio Satanás.

O Valente Bem Armado; O Espírito Imundo que Retorna

Leia Lucas 11.21-26

O assunto destas palavras de Cristo é misterioso, mas profundamente importante. Foram proferidas a respeito de Satanás e de seus agentes. Oferecem-nos esclarecimento sobre o poder do diabo e a natureza de suas atividades. Merecem a atenção de todos os que desejam lutar com sucesso na batalha cristã. O soldado cristão precisa familiarizar-se bem com seus amigos e aliados, mas, acima de tudo, com seu inimigo. Não devemos ignorar os ardis de Satanás.

Nestes versículos devemos notar *o terrível quadro que nosso Senhor pintou do poder de Satanás*. No quadro, existem quatro aspectos que são especialmente instrutivos.

O Senhor Jesus falou sobre Satanás chamando-o de “o valente”. O poder dessa criatura tem sido comprovado por suas vitórias sobre as almas dos homens. Ele tentou Adão e Eva a se rebelarem contra Deus e trouxe o pecado ao mundo; tem mantido em escravidão a grande maioria dos homens, roubando-lhes o céu — ele é realmente um inimigo poderoso. As Escrituras o chamam de “príncipe deste mundo”; portanto, não deve ser desprezado. O diabo é bastante poderoso.

O Senhor Jesus falou sobre Satanás chamando-o de “o valente bem armado”. Satanás está bem protegido com uma armadura defensiva. Não pode ser vencido por investidas brandas e esforços frágeis. Aquele que deseja vencê-lo deve utilizar todos as suas forças. “Esta casta não se expele senão por meio de oração e jejum” (Mt 17.21). Satanás também está bem provido com uma armadura ofensiva. Ele nunca se intimida em utilizar recursos para prejudicar as almas dos homens. Possui todos os tipos de armadilhas e artifícios, conhece com exatidão todas as classes sociais, as raças, nações, as idades e os povos; pode assaltá-las com toda a vantagem. O diabo é um valente bem armado.

O Senhor Jesus falou sobre o coração do homem, chamando-o de “casa” de Satanás. O coração natural é a habitação predileta do Maligno, e todas as faculdades e capacidades desse coração servem ao diabo e fazem sua vontade. Satanás se assenta no trono que Deus deveria ocupar e controla o homem interior; ele é o “espírito que agora atua nos filhos da desobediência” (Ef 2.2).

O Senhor Jesus falou que todos os bens de Satanás “ficam em segurança”. Enquanto o homem está morto em delitos e pecado, seu coração está sossegado em relação às coisas espirituais. Não teme o futuro, nem sente qualquer ansiedade em referência à sua alma. Ele não teme ser lançado no inferno. Sem dúvida, tudo isso constitui uma falsa paz. É um sono que não pode durar muito e que um dia experimentará um terrível despertar. No entanto, existe realmente tal segurança. A insensibilidade, a irreflexão, a negligência e a indiferença em relação às coisas espirituais é um dos piores sintomas de que o Maligno está reinando na alma de uma pessoa.

Jamais pensemos com leviandade a respeito do diabo. A prática habitual de brincar indolentemente com Satanás, que freqüentemente caracteriza os incrédulos, é um grande mal. O prisioneiro que zomba do carrasco e da sentença de morte tem de ser alguém de coração bastante endurecido. O homem que fala com leviandade a respeito do inferno e do diabo possui um coração que se encontra em péssimo estado.

Sejamos gratos a Deus porque existe Alguém que é maior do que o próprio Satanás; existe Alguém que é amigo dos pecadores, Jesus, o Filho de Deus. Ainda que o diabo seja poderoso, Jesus o venceu na cruz, quando triunfou sobre ele publicamente. Embora Satanás seja forte, de suas mãos Cristo pode libertar cativos, quebrando as cadeias que os prendem. Jamais descansemos até que experimentemos essa libertação e tenhamos sido colocados em liberdade pelo Filho de Deus.

Também notemos nestes versículos *a grande veemência com a qual nosso Senhor ensinou ser impossível a neutralidade*. Ele disse: “Quem não é por mim é contra mim; e quem comigo não ajunta espalha” (Lc 11.23).

O princípio apresentado nestas palavras deveria ser constantemente lembrado por todos os que já tomaram uma resoluta decisão em favor de Cristo. Naturalmente, amamos o cristianismo fácil. Detestamos contendas e divisões. Se possível, apreciamos estar em harmonia com todas as partes. Temos receio dos extremos. Odiamos ser demasiadamente justos; temos o desejo de não ser exagerados em nosso cristianismo. Pensamentos como estes encontram-se repletos de perigo para a alma. Se permitirmos que nos controlem, causarão danos imensos. Nada é tão ofensivo a Cristo quanto a indiferença nos assuntos espirituais. Estar completamente morto

e ignorar estas verdades significa ser objeto de compaixão e, ao mesmo tempo, de culpa. Mas conhecê-las e, apesar disso, hesitar “entre dois pensamentos” é um dos mais graves pecados.

A firme determinação de nossa mente deve ser que serviremos a Cristo com todo nosso coração, se realmente desejamos servi-Lo. Em nosso cristianismo não pode haver restrições, comprometimento com o mundo, coração dúbio, nenhuma tentativa de conciliação entre Deus e as riquezas. Com o auxílio divino, determinemos estar “com Cristo” e ao lado dEle, permitindo que o mundo diga e faça o que quiser. A princípio isto nos custará algo. Mas, ao prosseguirmos, seremos compensados. Sem determinação, não há felicidade na vida espiritual. Quem segue a Jesus com todo o seu ser é sempre aquele que o seguirá com mais comodidade. Sem determinação no cristianismo, não haverá qualquer serviço útil para com os outros. O crente de coração dividido não atrai qualquer pessoa a Cristo por meio da beleza de sua vida e não conquista o respeito do mundo.

Por último, notemos nestes versículos *quão perigoso é contentar-se com uma pequena transformação na alma e ficar aquém da verdadeira conversão a Deus*. O Senhor Jesus nos ensina esta verdade utilizando uma terrível figura: a pessoa de quem os demônios foram expelidos, mas em cujo coração o Espírito Santo não entrou. Jesus descreveu o espírito imundo, após ser expulso, andando “por lugares áridos, procurando repouso e não o achando”. Retratou-o planejando retornar ao coração em que anteriormente habitara e levando adiante seu plano. Descreveu-o encontrando o coração vazio e a casa “varrida e ornamentada”, para a sua recepção. Jesus contou que o espírito imundo retornou à casa, trazendo consigo outros sete espíritos piores do que ele mesmo, tornando-a novamente sua habitação. E concluiu tudo com as solenes palavras: “O último estado daquele homem se torna pior do que o primeiro”.

Precisamos reconhecer, na leitura destas palavras, que Jesus estava falando de coisas que compreendemos com dificuldade. Estava levantando uma aba do véu que encobre as coisas do mundo invisível. Suas palavras, sem dúvida, ilustram um estado de coisas que existia na nação hebraica durante o tempo de seu ministério terreno. Mas a principal lição de suas palavras, que nos interessa, é o perigo que cerca nossa própria alma. Suas palavras constituem um solene aviso para nunca nos conformarmos com um cristianismo de reformas sem a verdadeira conversão da alma.

Não existe segurança fora do cristianismo integral. Renunciar os pecados cometidos abertamente nenhum proveito nos trará, a menos que a graça reine em nosso coração. Parar de fazer o mal é algo insignificante, se não aprendemos a fazer o bem. A casa não tem apenas de ser “varrida e ornamentada”. Uma nova habitação tem de ser construída, se não a

lepra reaparecerá nas paredes. A vida exterior precisa ser não apenas “ornamentada” com as pompas formais de uma religião. O poder do cristianismo vital tem de ser experimentado no homem interior. O diabo não tem apenas de ser expulso. O Espírito Santo deve tomar o seu lugar. Cristo precisa habitar no coração pela fé. Não precisamos apenas ser reformados, e sim nascer de novo.

Guardemos esses fatos em nosso coração. Muitos que professam ser cristãos estão enganando a si mesmos. Não são mais aquilo que eram antes; assim, lisonjeiam a si mesmos com a idéia de que são o que deveriam ser. Não desonram o domingo, não são pecadores ousados e, deste modo, imaginam que são cristãos. Não percebem que apenas trocaram de demônio. São governados por um demônio de decência e farisaísmo, ao invés de um demônio cruel, audacioso e impuro. Mas o morador de seu coração ainda é o próprio diabo. E seu estado final será pior do que o primeiro. Devemos orar para que sejamos livres desse estado final. Não importa o que somos em nossa religião, temos de ser crentes completamente comprometidos com Cristo. Não sejamos uma casa “varrida e ornamentada” e não habitada pelo Espírito Santo. Não sejamos vasos revestidos de prata, belos por fora, mas sem valor por dentro. Que a nossa oração diária seja: “Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração, prova-me e conhece os meus pensamentos; vê se há em mim algum caminho mau e guia-me pelo caminho eterno” (Sl 139.23-24).

A Bem-Aventura de Ouvir a Palavra de Deus; A Geração que Desejava um Sinal

Leia Lucas 11.27-32

Nesta passagem encontramos uma mulher cujo nome e história nada sabemos. Enquanto nosso Senhor falava, “aconteceu que... uma mulher, que estava entre a multidão, exclamou e disse-lhe: Bem-aventurada aquela que te concebeu, e os seios que te amamentaram!” Imediatamente, fundamentado em suas palavras, o Senhor transmitiu uma preciosa lição. Sua perfeita sabedoria transformava todo incidente ao seu alcance em algo benéfico.

Primeiramente, devemos observar *quão grandes são os privilégios daqueles que ouvem e obedecem a Palavra de Deus*. Foram considerados por Cristo como pessoas tão dignas de honra quanto aqueles que eram seus mais queridos parentes. É mais bem-aventurado ser um crente no Senhor Jesus do que ter sido um de seus familiares nascidos segundo a

carne. Foi maior honra para a virgem Maria ter Jesus habitando em seu coração pela fé do que ter sido a mãe de Jesus e tê-Lo amamentado em seu seio.

Verdades como essa geralmente são muito difíceis de ser aceitas. Somos inclinados a pensar que ter visto, ouvido e vivido próximo a Cristo e ter sido um parente dEle causaria um grande efeito sobre nossa alma. Naturalmente somos todos inclinados a atribuir grande importância à religião dos sentidos — ver, sentir, tocar e ouvir. Gostamos de um cristianismo que envolva nossos sentidos, seja palpável ou material, ao invés de um cristianismo de fé. Porém, precisamos recordar que ver nem sempre significa crer. Milhares viram a Cristo com frequência, enquanto Ele esteve na terra, mas continuaram agarrados aos seus pecados. Durante certo tempo, “nem mesmo” os próprios irmãos do Senhor Jesus “criam nele” (Jo 7.5). Um conhecimento simplesmente carnal a respeito de Cristo não salva qualquer pessoa. As palavras do apóstolo Paulo são bastante instrutivas: “Se antes conhecemos Cristo segundo a carne, já agora não o conhecemos deste modo” (2 Co 5.16).

Aprendamos destas palavras de nosso Senhor que os mais elevados privilégios desejados por nossa alma estão ao nosso alcance, se tão-somente crermos. Não é necessário que desejemos ter vivido em Cafarnaum ou perto da casa de José, em Nazaré; tampouco precisamos sonhar em ter um amor mais profundo e uma devoção mais completa, se realmente já aceitamos a Cristo, ouvimos a sua voz e somos contados como membros de sua família. Estas coisas não poderiam nos ter feito qualquer benefício que a fé simples não seja capaz de fazer agora. Ouvimos a voz de Cristo e estamos seguindo-O? Nós O recebemos como nosso único Salvador e Amigo e, abandonando todas as outras esperanças, apegamo-nos a Ele? Se isto é verdade, todas as coisas são nossas. Não precisamos de privilégios maiores. E não os teremos até que Cristo venha novamente. Ninguém pode estar mais próximo e ser mais querido do Senhor Jesus do que aquele homem que simplesmente crê.

Em segundo, devemos observar nestes versículos a *desesperadora incredulidade dos judeus da época de Jesus*. Somos informados que, embora “aflúissem as multidões” para ouvi-Lo, ainda confessavam estar esperando um sinal. Desejavam obter mais evidências, antes de crer. Nosso Senhor declarou que a rainha de Sabá e os homens de Nínive envergonharão os judeus no último dia. A rainha de Sabá possuiu tal fé, que viajou uma enorme distância para ouvir a sabedoria de Salomão. No entanto, Salomão, com toda a sua sabedoria, foi um rei imperfeito e cometeu muitos erros. Os ninivitas possuíram tamanha fé, que creram na mensagem que Jonas transmitiu da parte de Deus. Entretanto, Jonas foi um profeta fraco e instável. Os judeus da época de Jesus tiveram uma luz mais sublime e

ensinos infinitamente mais nítidos do que Jonas e Salomão poderiam oferecer. Entre eles estava o Rei dos reis, o Profeta maior do que Moisés. Apesar disso, os judeus não se arrependeram, nem creram.

Não devemos nos surpreender com a incredulidade abundante tanto na igreja quanto no mundo. Ao invés de nos admirarmos da existência de homens como Voltaire, Rousseau, Paine e Hobbes, devemos admirar que tenha havido poucos homens desse tipo. Ao invés de nos admirarmos de que a maioria dos que professam ser cristãos permanecem insensíveis e não reagem à pregação do evangelho, devemos nos admirar de que ao nosso redor alguns realmente crêem. Por que devemos sentir admiração por contemplarmos aquela doença antiga, que começou com Adão e Eva, afetando todos os descendentes deles? Deveríamos esperar encontrar entre as pessoas mais fé agora do que se viu na época de Jesus? A imensa quantidade de dureza de coração e incredulidade em todos os lugares pode nos causar tristeza e inquietação, mas não deve surpreender-nos.

Louvemos a Deus porque recebemos o dom da fé. É um grande privilégio crer em toda a Bíblia. Não compreendemos totalmente a corrupção da natureza humana. Não percebemos toda a virulência da enfermidade que afeta todos os filhos de Adão e o número pequeno daqueles que são salvos. Temos fé, embora seja fraca e pequena? Louvemos a Deus por este privilégio. Quem somos nós, para que Ele nos tornasse diferentes? Vigiem contra a incredulidade. A sua raiz com frequência jaz em nosso íntimo, após ter sido cortada a árvore. Guardemos nossa fé com um zelo santo. Ela é o escudo de nossa alma; é a graça que, acima de todas as outras, Satanás procura arruinar. Sejam firmes. Benditos são aqueles que crêem!

Por último, devemos observar nestes versículos *a maneira como nosso Senhor testificou sobre a verdade da ressurreição e da vida por vir*. Ele falou a respeito da rainha do Sul, cujo nome e lugar de origem são desconhecidos, dizendo: “A rainha do Sul se levantará, no Juízo”. E referiu-se aos homens de Nínive, um povo que havia desaparecido da face da terra, afirmando também: “Ninivitas se levantarão, no Juízo”.

Existe algo bastante instrutivo e solene nesta linguagem de nosso Senhor. Faz-nos recordar que este mundo não é tudo e que a vida neste corpo não é a única sobre a qual devemos pensar. Os reis e rainhas da antigüidade todos ressuscitarão um dia e comparecerão diante do tribunal de Deus. As imensas multidões que no passado aglomeravam-se nos arredores do palácio de Nínive, todas sairão de seus sepulcros e prestarão contas de suas obras. Aos nossos olhos parece que eles desapareceram para sempre. Lemos com admiração a respeito dos salões vazios daqueles palácios e conversamos sobre os ninivitas como pessoas que pereceram completamente. Suas habitações estão destruídas e seus ossos trans-

formaram-se em pó. Mas aos olhos de Deus todos ainda vivem. A rainha do Sul e os homens de Nínive todos ressuscitarão. E os veremos face a face.

A verdade da ressurreição deve estar sempre em nossa mente, e a vida por vir, freqüentemente em nossos pensamentos. Tudo não acaba quando os sepulcros recebem seus moradores e os homens dirigem-se à sua morada permanente. Outras pessoas habitarão em nossa casa e gastarão nosso dinheiro. Os nomes logo serão esquecidos. Mas ainda não está acabado! Um pouco mais de tempo e ressuscitaremos. “E a terra dará à luz os seus mortos” (Is 26.19). Muitos, assim como o governador Félix, deveriam tremer ao pensarem tais coisas. Mas aqueles que vivem pela fé no Filho de Deus, à semelhança do apóstolo Paulo, devem erguer sua cabeça e sentirem gozo.

A Utilização da Luz; A Simplicidade de Olhos

Leia Lucas 11.33-36

Estas palavras de nosso Senhor nos ensinam *a importância de fazermos bom uso da luz e dos privilégios espirituais*. Somos recordados sobre o que os homens fazem quando acendem uma lâmpada. Eles não a colocam “em lugar escondido, nem debaixo do alqueire, mas no velador”, para que seja útil e sirva às pessoas.

Apresentar o evangelho de Cristo à alma do homem é como se Deus estivesse lhe oferecendo uma lâmpada acesa. Não é suficiente que uma pessoa ouça, admire, concorde com o evangelho e reconheça suas verdades. É necessário que ela o receba no coração e obedeça na vida. Até que isto aconteça, o evangelho não traz mais benefício a essa pessoa do que a alguém que nunca o ouviu. Uma luz é apresentada ao homem; mas ele não se aproveita dela. A culpa resultante de tal conduta é extremamente grande. A negligência em relação à luz do evangelho será uma acusação grave contra muitos no último dia.

Quando um homem professa valorizar a luz do evangelho, precisa tomar cuidado para não ser egoísta na utilização dessa luz. Ele tem de refletir a luz para todos os que se encontram ao seu redor; deve se esforçar para tornar bem conhecidas as verdades que considera boas para si mesmo. Precisa deixar sua luz brilhar diante dos homens, para que vejam de quem ele é e a quem ele serve e sejam induzidos a seguir seu exemplo e unirem-se ao Senhor. Deve reputá-la como um empréstimo, sendo ele responsável

pela maneira como a utiliza. Tem de se esforçar para manter erguida sua lâmpada, de tal modo que muitos a vejam e, ao verem-na, admirem-na e creiam.

Acautelemo-nos para não sermos negligentes em relação à luz que possuímos. O pecado de muitos quanto a este assunto é maior do que imaginam. Milhares de pessoas contentam-se a si mesmas dizendo que não se encontram em péssimo estado espiritual, por se absterem de atos grosseiros e notáveis de impiedades e por serem decentes; por conseguinte, consideram-se decentes e respeitáveis em sua vida exterior. No entanto, tais pessoas rejeitam com frieza o evangelho quando o oferecemos? Os anos se passam, e elas não tomam qualquer decisão quanto a servir a Cristo? Se isto é verdade, elas precisam saber que sua culpa diante de Deus é muito grande. Ter luz e não andar em sua luz é, por si mesmo, um grande pecado. É rejeitar o Rei dos reis com desprezo e indiferença.

Estejamos atentos contra o egoísmo em nosso próprio cristianismo, mesmo depois de termos aprendido a importância da luz do evangelho. Devemos nos esforçar para fazer com que todos os homens vejam que achamos uma “pérola de grande valor” e desejamos que todos a encontrem. O cristianismo de um homem pode ser considerado suspeito se ele está contente em ir para o céu sozinho. O verdadeiro crente tem um coração dilatado. Se tem filhos, almejará a salvação deles. Se é um patrão, desejará ver a conversão de seus empregados; se é um proprietário de imóveis, que seus inquilinos venham juntamente com ele para o reino de Deus. Esse é o cristianismo saudável. O crente que se satisfaz em queimar para si mesmo a sua lâmpada está em um péssimo estado de alma.

Em segundo, aprendemos destes versículos *o valor de um coração bom e íntegro na vida cristã*. Esta é uma lição que nosso Senhor ilustrou através da atividade do olho no corpo humano. Ele nos disse que, se os olhos forem “bons”, ou seja, completamente saudáveis, todo o corpo será influenciado por isso. Mas, se ocorrer o contrário, toda a atividade e conforto físico de uma pessoa serão atingidos. Nos países do Oriente, onde doenças nos olhos são muito comuns, esta ilustração era particularmente notável.

Mas quando podemos dizer que o coração de uma pessoa é íntegro na vida cristã? Quais são as marcas de um coração íntegro? Estas perguntas são profundamente importantes. Seria bom para a igreja de Cristo e para o mundo, se corações íntegros fossem mais comuns.

O coração íntegro é aquele que não somente foi convertido, transformado e regenerado, mas também é o coração que está sob a poderosa, completa e habitual influência do Espírito Santo. É o coração que odeia todo comprometimento, indiferença e hesitação entre duas opiniões na vida cristã; que focaliza-se apenas em um objeto — o amor de Cristo,

demonstrado em sua morte na cruz pelos pecadores; que tem apenas um alvo — glorificar a Deus e fazer sua vontade; que tem somente um grande desejo — agradar a Deus e ser louvado por Ele. Se o compararmos com outros alvos, objetos e desejos, o coração íntegro não conhece outras coisas dignas de honra. O louvor e o favor dos homens não possuem qualquer valor para esse coração; a reprovação e a acusação da parte dos homens, ele as considera leve como o ar. “Desejo, faço e vivo apenas para uma coisa”, essa é a linguagem de um coração íntegro (Sl 27.4; Lc 10.42; Fp 3.13). Assim eram os corações de Abraão, Moisés, Davi, Paulo, Lutero e Latimer. Todos eles tinham suas fraquezas e imperfeições. Erraram, sem dúvida, em muitas coisas. Mas todos manifestaram essa grande peculiaridade: eram homens de um só propósito, possuíam coração íntegro; eram homens de Deus.

As bênçãos resultantes de um coração íntegro no cristianismo são incalculáveis. Aquele que o possui faz o bem com abundância. É semelhante a um farol no meio de um mundo em trevas. Reflete luz sobre milhares de quem ele nada sabe. Todo o seu corpo é luminoso. Seu senhor pode ser visto em todas as suas conversas e atitudes. A graça que ele possui manifesta-se em todo o seu comportamento. Sua família, seus empregados, seus vizinhos, seus amigos, seus inimigos — todos vêem as disposições de seu caráter e são obrigados a confessar, quer gostem, quer não, que o cristianismo desta pessoa é real e capaz de influenciar. E aquele que possui um coração íntegro na vida cristã acha uma recompensa preciosa na experiência íntima de sua alma. Ele se alimenta de algo que o mundo não conhece; em seu crer, possui uma alegria e uma paz que os incrédulos jamais podem obter. Sua face está voltada para o sol; portanto, seu coração raramente se torna frio.

Oremos e trabalhemos com ardor para que tenhamos olhos “bons” e um coração íntegro em nosso cristianismo. Se realmente somos crentes, sejamos com todo o nosso coração e determinação. Neste assunto, estão em jogo a paz interior e a utilidade em nosso viver. Nossos olhos têm de ser “bons”, para que nosso corpo seja repleto de luz.

Os Fariseus Denunciados e Censurados

Leia Lucas 11.37-44

Inicialmente, observamos nesta passagem a *prontidão de nosso Senhor em estar na companhia de incrédulos, quando isto era necessário*. Lemos que certo “fariseu o convidou para ir comer com ele”. É evidente

que aquele fariseu não era discípulo de Cristo. No entanto, sabemos que Jesus foi e “tomou lugar à mesa”.

A conduta de nosso Senhor nessa ocasião, assim como em outras, tem o propósito de ser um exemplo para todos os crentes. Cristo é nosso modelo, bem como nossa propiciação. Há ocasiões em que o servo de Cristo precisa estar junto dos ímpios e dos filhos deste mundo; talvez existam momentos em que será uma obrigação manter convívio social com eles, aceitar seus convites e tomar lugar em suas mesas. É evidente que nada deve induzir o crente a participar dos pecados dos incrédulos ou das frívolas diversões do mundo. Mas ele não deve ser mal-educado. Não pode retirar-se completamente da sociedade dos não-convertidos e tornar-se um eremita ou um ascético. Tem de lembrar que o bem pode ser realizado tanto em particular quanto em público.

Uma qualificação, entretanto, nunca deve ser esquecida, quando seguimos este exemplo de nosso Senhor nessa questão. Tenhamos cuidado em nos dirigir para estar na companhia dos pecadores manifestando o mesmo espírito que havia em nosso Senhor. Lembremos sua ousadia em falar das coisas de Deus. Ele estava sempre cuidando dos negócios de seu Pai. Recordemos sua fidelidade em reprovar o pecado. Ele não poupava nem mesmo os pecados daqueles que o convidavam, quando Lhe chamavam a atenção publicamente. Estejamos na companhia dos incrédulos com essa mesma atitude de espírito, e nossas almas não sofrerão qualquer dano. Se percebemos que não somos capazes de imitar nosso Senhor, para estar na companhia a que somos convidados, devemos estar certos de que o melhor é permanecermos em casa.

Em segundo, observamos nesta passagem *a tolice que acompanha a hipocrisia nas coisas espirituais*. O relato nos informa que o fariseu com o qual nosso Senhor jantou “admirou-se ao ver que Jesus não se lavara... antes de comer”. Assim como muitos de sua classe, o fariseu imaginou que havia algo impuro em não lavar as mãos e que negligenciar essa prática era um sinal de impureza moral. Nosso Senhor ressaltou o absurdo de atribuir tamanha importância ao simples ato de lavar o corpo, enquanto a pureza de coração era desprezada. Ele relembrou ao seu anfitrião que Deus olha para o nosso íntimo, o homem interior do coração, muito mais do que para o nosso exterior. Jesus dirigiu essa indagação perscrutadora: “Quem fez o exterior não é o mesmo que fez o interior?” O Deus que formou nossos corpos frágeis é o mesmo que nos deu alma e coração.

Sempre tenhamos em mente que o estado de nossa alma é a principal coisa que exige nossa atenção, se desejamos saber o que somos em nossa vida espiritual. A lavagem de partes do corpo, jejuns, gestos, posturas e mortificações da carne que impomos sobre nós mesmos, tudo isso é completamente inútil, se nosso coração estiver errado diante de Deus. Conduta

piedosa, um semblante sério, cabeça prostrada, fisionomia reverente, um sonoro amém, estas coisas são abomináveis aos olhos de Deus, se nossos corações não estão lavados de sua impiedade e regenerados pelo Espírito Santo. Esta advertência jamais deve ser esquecida. O conceito de que o homem pode ser piedoso antes de ser convertido é uma grande ilusão de Satanás, contra a qual todos precisamos estar alerta. Há duas passagens bíblicas que são muito importantes sobre este assunto: “Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o coração, porque dele procedem as fontes da vida” (Pv 4.23); “O homem vê o exterior, porém o Senhor, o coração” (1 Sm 16.7). Há uma pergunta que devemos sempre fazer a nós mesmos em referência a aproximar-nos de Deus, quer em público, quer em particular. Devemos indagar a nós mesmos: “Em que situação está meu coração?”

Em terceiro, observamos nesta passagem *a gritante inconsistência demonstrada pela hipocrisia nas coisas espirituais*. Nosso Senhor disse aos fariseus: “Dais o dízimo da hortelã, da arruda e de todas as hortaliças e desprezais a justiça e o amor de Deus”. Eles levavam ao extremo seu zelo em pagar dízimos para o serviço do templo e, apesar disso, negligenciavam os deveres evidentes em relação a Deus e ao próximo. Eram escrupulosos em extremo nos pequenos assuntos da lei cerimonial, mas desprezavam completamente os mais simples e importantes princípios de justiça para com o homem e do amor a Deus. Apenas em uma direção eles eram rigorosos e cuidadosos em fazer mais do que era necessário. Na outra, realmente não faziam nada. Nas coisas secundárias de sua religião, eram zelosos e entusiastas; porém nas coisas importantes e primárias eram iguais aos gentios.

A atitude dos fariseus, quanto a este assunto, infelizmente não é exclusiva. Sempre houve ensinadores religiosos que exaltam mais as coisas secundárias do cristianismo, colocando-as muito acima das que são prioritárias, e em seu zelo por aquelas finalmente negligenciam totalmente estas. Existem muitos em nossos dias que fazem muito barulho a respeito de práticas e cerimônias religiosas, mas permanecem apenas nisso. Nada sabem em referência aos importantes deveres práticos da humildade, amor, mansidão, disposição espiritual, leitura bíblica, oração em secreto e separação do mundo. Tais pessoas se atiram com avidez em qualquer divertimento. Podem ser vistas em encontros e festas mundanas, no teatro, no autódromo, na ópera e nos bailes. Não demonstram possuir a mente de Cristo em sua vida diária. O que isto significa, senão andar nos passos dos fariseus? Com exatidão disse o sábio: “Nada há... novo debaixo do sol” (Ec 1.9). Ainda não foi extinta a geração que dá o dízimo da “hortelã, da arruda e de todas as hortaliças” e despreza “a justiça e o amor de Deus”.

Vigiemos e oremos para que sejamos capazes de manifestar uma

proporção bíblica em nosso cristianismo. Acautelemo-nos de colocar as coisas secundárias em lugar destacado e, deste modo, perdermos completamente de vista as coisas prioritárias. Qualquer que seja a importância que tributemos aos cerimoniais do cristianismo, nunca deve-mos esquecer suas obrigações práticas. O ensino religioso que nos induz a desprezar tais obrigações possui em si mesmo algo radicalmente imperfeito.

Por último, observamos nesta passagem *o engano e a superficialidade que caracteriza o hipócrita nas coisas espirituais*. Nosso Senhor comparou os fariseus a “sepulturas invisíveis, sobre as quais os homens passam sem o saber”. Esses orgulhosos mestres dos judeus estavam intimamente cheios de corrupção e impureza, em uma medida sobre a qual seus próprios discípulos decepcionados não tinham a menor idéia.

Esta figura é triste e perturbadora. Mas sua exatidão e veracidade tem sido comprovada pela conduta dos hipócritas durante toda a História da Igreja. O que dizemos sobre os frades e freiras denunciados na época da Reforma? Descobriu-se que milhares de homens e mulheres supostamente piedosos estavam mergulhados em todo tipo de impiedade. O que falamos a respeito da vida de alguns dos líderes de seitas e heresias que professam ter um padrão de doutrina peculiarmente correto? Com frequência essas mesmas pessoas que prometem liberdade aos outros têm demonstrado que são servos da corrupção. A análise da natureza humana é um estudo repugnante. A hipocrisia é um viver impuro têm sempre andado juntos.

Terminemos as considerações sobre esta passagem determinando com firmeza que vigiaremos, em oração, contra a hipocrisia nas coisas espirituais. Se realmente somos crentes, sejamos verdadeiros, íntegros, genuínos, sinceros. Aborreçamos todo fingimento, toda artificialidade e todo agir com parcialidade nas coisas de Deus. Talvez sejamos fracos, sujeitos a erros e pecados, e fiquemos aquém de nossos alvos e desejos. Mas, se professamos crer no Senhor Jesus, sejamos verdadeiros.

Os Intérpretes da Lei Denunciados e Reprovados

Leia Lucas 11.45-54

Esta passagem é um exemplo da fidelidade de nosso Senhor Jesus em lidar com as almas dos homens. Nós O vemos sem temor ou preferência, reprovando os pecados dos judeus que eram intérpretes da Lei. O falso amor qualifica como “indesejável” a atitude de alguém afirmar que o outro está errado; no entanto, esse tipo de amor não encontra apoio na

linguagem utilizada por nosso Senhor nesta ocasião. Ele chama as coisas pelos seus devidos nomes. Sabia que doenças crônicas exigem tratamento severo. Desejava que soubéssemos isto: o melhor amigo de nossa alma não é aquele que está sempre falando “coisas aprazíveis” (Is 30.10) e concordando com tudo que dizemos, e sim o que nos fala a verdade.

Primeiramente, destas palavras de nosso Senhor aprendemos *quão grave é o pecado de professarmos ensinar aos outros aquilo que nós mesmos não praticamos*. Ele disse aos intérpretes da lei: “Sobrecarregais os homens com fardos superiores às suas forças, mas vós mesmos nem com um dedo os tocais”. Exigiam que os outros obedecessem cerimônias enfadonhas de sua religião, quando eles mesmos as negligenciavam. Cometiam a imprudência de colocarem pesados fardos sobre a consciência dos outros, enquanto isentavam a si mesmos destes fardos. Em resumo, tinham um padrão de medida para seus ouvintes e outro para si mesmos.

A repreensão severa que nosso Senhor ministrou nesta ocasião deveria atingir com especial vigor certa classe de pessoas da igreja. É uma re-provação oportuna para todos os que ensinam aos jovens, para os chefes e líderes de famílias, para todos os pais e, em especial, para todos os pastores e líderes da igreja. Todos estes devem observar com bastante atenção as palavras de nosso Senhor nesta passagem. Devem acautelar-se de falar aos outros que tenham como alvo um padrão que eles não almejam para si mesmos. Esse tipo de conduta é, no mínimo, uma terrível inconsistência.

Sem dúvida, a perfeição é inatingível neste mundo. Se ninguém pudesse estabelecer preceitos, ou ensinar, ou pregar, enquanto não se tornasse impecável, toda a estrutura da sociedade entraria em confusão. Mas temos o direito de esperar harmonia entre as palavras e os atos de uma pessoa, entre seu ensino e seu comportamento, entre sua pregação e suas obras. Uma coisa, porém, é certa: nenhuma lição produz tanto efeito quanto aquela que o ensinador ilustra por meio de sua vida diária. Feliz é aquele que, assim como Paulo, pode dizer: “O que também aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e vistes em mim, isso praticai” (Fp 4.9).

Em segundo, destas palavras de nosso Senhor aprendemos que *é muito mais fácil admirar os crentes mortos do que os vivos*. Jesus disse aos intérpretes da lei: “Edificais os túmulos dos profetas que vossos pais assassinaram”. Eles professavam honrar a memória dos profetas, enquanto tinham uma maneira de viver que os profetas haviam condenado! Negligenciavam abertamente o aviso e ensino dos profetas, enquanto pretendiam reverenciar seus túmulos.

A prática denunciada por nosso Senhor, na ocasião, jamais deixou de ter seguidores, no espírito e, talvez, na letra. Milhões de ímpios em to-

das as épocas da História da Igreja têm procurado iludir a si mesmos e aos outros mediante altissonantes declarações de admiração pelos santos de Deus, após a partida destes. Ao fazerem isso, tais pessoas esforçam-se para tranquilizar sua própria consciência e cegar os olhos do mundo. Têm procurado incutir nas mentes dos outros o seguinte pensamento: “Se estas pessoas apreciam tanto a memória de crentes famosos que já morreram, com certeza seus corações devem estar de pleno acordo com aquilo que disseram e fizeram”. Esquecem que mesmo uma criança percebe que “mortos não contam histórias”; esquecem também que admirar alguém, quando ele não pode reprovar-nos com seus lábios ou causar-nos vergonha por meio de sua vida, é um tipo de admiração sem valor algum.

Desejamos conhecer o verdadeiro caráter do cristianismo de uma pessoa? Perguntemos a nós mesmos o que pensamos a respeito dos verdadeiros crentes, enquanto estavam vivos. Nós os amamos, nos aproximamos deles e nos alegamos em sua comunhão, considerando-os os excelentes da terra? Ou nós os evitamos, não os apreciamos e os consideramos fanáticos, entusiastas, extremistas e excessivamente justos? As respostas destas perguntas são um teste seguro no que se refere ao verdadeiro caráter de uma pessoa. Quando alguém não percebe qualquer beleza em santos que estão vivos, sua alma se encontra em um estado podre! O Senhor Jesus pronunciou sua condenação; tal pessoa é um hipócrita aos olhos de Deus.

Em terceiro, destas palavras de nosso Senhor aprendemos que *certamente haverá um dia de prestação de contas para aqueles que perseguem os crentes*. Ele disse que se pedirão “contas do sangue dos profetas, derramado desde a fundação do mundo”. Existe algo bastante solene em tal afirmativa. É excessivamente grande o número daqueles que já foram mortos por causa da fé em Cristo, em toda a História da Igreja de Cristo. Milhares de homens e mulheres preferiram entregar suas vidas à morte, ao invés de negarem seu Senhor, e assim tiveram seu sangue derramado por amor à verdade. Quando eles morreram, pareciam não ter qualquer auxiliador. Morreram sem oferecer resistência, assim como Zacarias, Tiago, Estêvão, João Batista, Inácio, Huss, Hooper e Latimer. Logo foram sepultados e esquecidos na terra, e seus inimigos pareceram triunfar completamente. No entanto, a morte desses homens não foi esquecida no céu. O sangue deles está em memória diante de Deus. As perseguições de Herodes, Nero, Deocleciano, Maria Sanguinária e Carlos IX não estão em esquecimento. Um dia haverá um grande julgamento e, naquela ocasião, todo o mundo verá que “preciosa é aos olhos do SENHOR a morte dos seus santos” (Sl 116.15).

Estejamos constantemente olhando para o Dia do Juízo. Há muitas coisas neste mundo que estão provando nossa fé. O freqüente triunfo dos

ímpios é algo que nos deixa perplexos. A contínua derrota dos crentes é um problema que parece difícil de ser resolvido. Mas um dia será esclarecido. O grande trono branco e os livros de Deus colocarão as coisas em seus devidos lugares. O confuso labirinto da providência divina será explicado, e será comprovado ao mundo em admiração que tudo foi “bem feito”. Os ímpios prestarão contas de todas as lágrimas que fizeram os crentes derramarem. E será exigida cada gota de sangue que tem sido derramada.

Por último, aprendemos destas palavras de nosso Senhor *quão imensa é a impiedade de impedir que os outros tenham conhecimento espiritual*. Ele disse aos intérpretes da lei: “Tomastes a chave da ciência; contudo, vós mesmos não entrastes e impedistes os que estavam entrando”. O pecado aqui denunciado infelizmente é bastante comum. Sua culpa encontra-se na porta de mais pessoas do que, à primeira vista, estamos cientes. Esse é o pecado dos sacerdotes católicos que proíbem as pessoas de interpretarem a Bíblia; é o pecado cometido pelo pastor evangélico que adverte seu povo contra “pontos de vistas extremistas” e zomba do conceito da conversão. É o pecado de maridos incrédulos que detestam o fato de sua esposa tornar-se piedosa. É o pecado da mãe que tem mentalidade mundana e não suporta a idéia de ver sua filha pensando nas coisas espirituais e abandonando o teatro e os bailes. Tudo isso, intencionalmente ou não, traz sobre estas pessoas o enfático “ai!” de nosso Senhor. Estão impedindo os outros de entrarem no céu!

Oremos para que nunca cometamos tal pecado. Onde quer que estejamos em nosso cristianismo, tenhamos desencorajar os outros, ainda que eles manifestem bem pouco interesse por suas almas. Jamais procuremos impedir aqueles que nos cercam de viverem o cristianismo, em especial nos assuntos da leitura bíblica, do ouvir a pregação da palavra e da oração particular. Pelo contrário, devemos animá-los, encorajá-los, ajudá-los e agradecer a Deus se eles estiverem em melhor condição espiritual do que nós. “Livra-me dos crimes de sangue” (Sl 51.14) foi a oração de Davi. Devemos temer que o sangue de parentes pesarão sobre a cabeça de muitos no último dia. Eles os viram quase a entrar no reino de Deus e os impediram.

Advertências Contra a Hipocrisia; Encorajamento Contra o Temor dos Homens

Leia Lucas 12.1-7

As palavras que iniciam este capítulo são admiráveis, quando

consideramos seu conteúdo. Somos informados que “miríades de pessoas se aglomeraram, a ponto de uns aos outros se atropelarem”. E o que fez o Senhor Jesus? Aos ouvidos da multidão proferiu advertências contra os falsos mestres e denunciou, sem parcialidade, sem reservas, sem hesitação, os pecados de sua época. Essa foi uma atitude de verdadeiro amor, uma obra de um verdadeiro médico. Esse é o padrão que todos os seus ministros devem seguir. Seria bom para a igreja e para o mundo se os ministros de Cristo falassem com tanta clareza e fidelidade quanto o seu Senhor costumava fazer. Suas próprias vidas enfrentariam mais problemas por agirem desse modo; porém teriam salvado mais almas.

A primeira coisa que nos chama a atenção nestes versículos é *a advertência de Cristo contra a hipocrisia*. Ele disse aos seus discípulos: “Acautelai-vos do fermento dos fariseus, que é a hipocrisia”. Este é um aviso cuja importância nunca poderemos avaliar completamente. Foi transmitido mais do que uma vez por nosso Senhor, durante seu ministério terreno. O aviso tinha a intenção de se tornar uma advertência permanente para toda a sua igreja, em todas as épocas e lugares. Foi proferido com o propósito de recordar-nos que os princípios ensinados pelos fariseus estão profundamente arraigados na natureza humana e que os crentes devem sempre estar alerta contra tais princípios. O farisaísmo é um fermento sutil que o coração natural está sempre disposto a receber. É um fermento que, recebido no coração, afeta todo o caráter do cristianismo de uma pessoa. Nosso Senhor declarou, em palavras que devem sempre ecoar em nossos ouvidos: Desse fermento “Acautelai-vos!”

Fixemos esta advertência em nossa memória e a tenhamos gravadas em nosso coração. A praga nos cerca por todos os lados. O perigo é permanente. Qual é a essência do catolicismo romano, do semi-romanismo, do formalismo, da adoração aos sacramentos, da adoração à igreja e ao cerimonialismo? É o fermento dos fariseus sob novas roupas. Os fariseus não foram extintos, o farisaísmo continua vivo.

Se não desejamos nos tornar fariseus, cultivemos um cristianismo que envolve todo nosso coração. Diariamente compreendamos que o Deus a quem temos de prestar contas vê muito além da superficialidade daquilo que professamos ser e nos avalia de acordo com o estado de nosso coração. Sejamos autênticos e verdadeiros em nosso cristianismo. Aborreçamos toda duplicidade, fingimento e semblante piedoso empregados em ocasiões públicas mas não experimentados no coração. Essas coisas podem iludir os homens e trazer-nos a reputação de pessoas bastante piedosas, mas não podem enganar a Deus. “Nada há encoberto que não venha a ser revelado.” O que quer que sejamos em nosso cristianismo, jamais usemos capa ou máscara.

A segunda coisa que nos chama a atenção nestes versículos é *o aviso*

de Cristo contra o temor dos homens. Ele afirmou: “Não temais os que matam o corpo e, depois disso, nada mais podem fazer”. Mas isso não é tudo. O Senhor Jesus também nos disse a quem devemos temer. Ele afirmou: “Temei aquele que, depois de matar, tem poder para lançar no inferno. Sim, digo-vos, a este deveis temer”.

O temor dos homens é um dos maiores obstáculos que permanece entre a alma e o céu. “O que dirão e o que pensarão as pessoas a meu respeito? O que elas farão contra mim?” Frequentemente perguntas como estas têm inclinado a balança contra a alma e conservado as pessoas com as mãos e os pés amarrados pelo pecado e por Satanás. Existem milhares que não hesitariam um momento sequer em romper uma discórdia ou encarar um leão, mas estes mesmos não ousam enfrentar a zombaria de parentes, amigos e vizinhos. Ora, se o temor dos homens possui tão grande influência em nossos dias, quanto maior influência esse temor exercia sobre as pessoas, quando nosso Senhor esteve na terra. Se achamos difícil seguir a Cristo em meio à ridicularização e a palavras maldosas, quanto mais difícil era segui-Lo em meio a prisões, açoites, maus tratos e mortes violentas! O Senhor tinha pleno conhecimento de todas essas coisas. Não devemos admirar que Ele tenha clamado: “Não temais”.

Qual é o melhor remédio contra o temor dos homens? Como podemos vencer tão poderoso sentimento e destruir as correntes que ele lança ao nosso redor? Não existe outro remédio além daquele que nosso Senhor recomenda nesta passagem. Devemos suplantar o temor dos homens por um princípio mais elevado e poderoso — o temor a Deus. Afastemos nossos pensamentos daqueles que são capazes apenas de causar danos ao nosso corpo e procuremos fixar nosso coração nAquele que domina sobre todas as almas. Devemos retirar nossos olhos daqueles que podem somente injuriar-nos nesta vida e colocá-los nAquele que nos pode condenar à miséria eterna, na vida por vir. Munidos com este poderoso princípio, não agiremos com covardia. Contemplando Aquele que é invisível, veremos o temor insignificante diluindo-se diante do mais importante e o temor mais frágil, diante do mais forte. O Coronel Gardiner afirmou: “Eu temo a Deus e, por isso, não há ninguém mais que eu precise temer”. Essa foi a nobre declaração de Hooper, quando um católico romano insistiu que salvasse sua vida, ao retratar-se em face da morte na fogueira: “A vida é doce, a morte é amarga; mas a vida eterna é muito mais doce, e a morte eterna, muito mais amarga”.

A última coisa que nos chama a atenção nesta passagem é o *encorajamento de Cristo para os crentes perseguidos*. Ele recordou-lhes o cuidado providencial de Deus sobre as menores de suas criaturas: “Não se vendem cinco pardais por dois asses? Entretanto, nenhum deles está em esquecimento diante de Deus”. Prosseguiu afirmando que o mesmo

cuidado paternal está sendo demonstrado em favor de cada um deles: “Até os cabelos da vossa cabeça estão todos contados”. Quer seja algo importante ou trivial, nada pode acontecer ao crente sem a ordem ou a permissão de Deus.

O governo providencial de Deus sobre tudo que existe nesse mundo é uma verdade a respeito da qual os filósofos gregos e romanos não tinham a menor idéia. É uma verdade revelada de maneira especial na Palavra de Deus. Assim como o telescópio e o microscópio nos mostram que existe ordem e propósito em todas as obras criadas por Deus, desde o maior planeta ao menor inseto, assim também a Bíblia nos ensina que existe sabedoria, ordem e propósito em todos os eventos de nossa vida diária. Não existe tais coisas como “acaso”, “sorte” ou “acidente” na jornada do crente neste mundo. Tudo é designado e disposto por Deus; e “todas as coisas cooperam” para o bem do crente (Rm 8.28).

Procuremos ter um permanente senso da mão divina agindo em tudo que nos acontece, se confessamos ser crentes em Jesus. Esforcemo-nos para compreender que Deus está dispondo nossas circunstâncias diárias e que nosso caminho é ordenado por Ele. O exercício diário de uma fé como essa é o segredo da felicidade e um poderoso antídoto contra a murmuração e o descontentamento. No dia da tribulação e do desapontamento, devemos sentir que tudo está em ordem e que tudo está sendo bem feito. No leito da enfermidade, devemos tentar sentir que há uma “razão de ser” para essa enfermidade. Devemos dizer para nós mesmos: “Deus poderia manter estas coisas longe de mim, se Ele achasse conveniente. Todavia, Ele não está fazendo isto; por conseguinte, estas coisas têm de ser proveitosas para mim. Permanecerei tranqüilo, suportando-as com paciência. Eu tenho ‘uma aliança eterna, em tudo bem definida e segura’ (2 Sm 23.5). Aquilo que agrada a Deus também me agrada”.

Cristo Recomenda uma Confissão Ousada

Leia Lucas 12.8-12

Em primeiro lugar, estes versículos nos ensinam que *temos de confessar a Cristo na terra, se esperamos que Ele nos reconheça como pessoas salvas, no último dia*. Não devemos nos envergonhar de permitir que todos os homens vejam que cremos em Cristo, que servimos a Cristo, que O amamos e nos interessamos mais pelo louvor da parte de Cristo do que pelo louvor da parte dos homens.

O dever de confessar a Cristo é uma incumbência de todos os crentes

em todas as épocas da História da Igreja. Jamais nos esqueçamos disto. Esta não é uma obrigação pertencente apenas aos mártires, e sim a todos os crentes, em todas as posições sociais. Não é uma incumbência somente para ocasiões importantes, e sim para a nossa peregrinação diária neste mundo mau. Os crentes ricos devem confessar Cristo entre incrédulos ricos; os operários, entre os operários; os jovens, para os jovens; os empregados, entre os empregados — cada crente e todos eles têm de estar preparados, se realmente são crentes, para confessar seu Senhor. Isso não exige o falar em voz alta, nem a pregação ostentosa. Exige apenas a utilização das oportunidades diárias. No entanto, uma coisa é certa: se uma pessoa ama verdadeiramente a Jesus, ela não deve envergonhar-se de deixar os outros saberem disso.

Sem dúvida, a dificuldade em confessar Cristo é muito grande. Isso nunca foi fácil em época alguma, nem o será enquanto o mundo existir. Com certeza, o confessar a Cristo nos trará zombaria, desprezo, escárnio, ridículo, inimizade e perseguição. Os ímpios detestam ver alguém melhor do que eles mesmos. O mundo que odiou a Cristo sempre odiará os verdadeiros cristãos. Mas, quer nós gostemos, quer não, o que temos de fazer é perfeitamente claro: de uma maneira ou de outra, Cristo tem de ser confessado.

O grande motivo que nos estimula a confessá-Lo com ousadia está convincentemente ressaltado nas palavras que estamos considerando. Nosso Senhor declarou que, se não O confessarmos diante dos homens, Ele não nos confessará “diante dos anjos de Deus”, no último dia. O Senhor Jesus se recusará a reconhecer-nos como seu povo. Ele nos rejeitará como covardes, infiéis e desertores. Cristo não falará em nosso favor; não será nosso Advogado e tampouco nos livrará da ira vindoura. Ele nos deixará colher as conseqüências de nossa covardia e permanecemos desamparados, sem defesa e sem perdão diante do tribunal de Deus. Que terrível perspectiva! Quanta implicação existe na simples atitude de confessar a Cristo diante dos homens! Com certeza, não devemos hesitar em momento algum. Duvidar entre duas alternativas é o cúmulo da tolice. Para nós, negar a Cristo ou envergonhar-se de seu evangelho pode nos proporcionar uma pequena medida de boa opinião dos homens, por alguns anos, mas não nos proporcionará paz verdadeira. No entanto, se Ele nos negar no último dia, isto será nossa ruína no inferno durante toda a eternidade. Abandonemos nossos covardes temores. Aconteça o que acontecer, confessemos a Cristo.

Em segundo, estes versículos nos ensinam que *existe o pecado imperdoável*. Nosso Senhor Jesus Cristo declarou: “Para o que blasfemar contra o Espírito Santo, não haverá perdão”. Estas palavras terríveis precisam ser interpretadas com as explicações da própria Bíblia. Não podemos

explicar uma parte das Escrituras de modo que ela seja contrária a outras de suas passagens. Nada é impossível para Deus. O sangue de Cristo pode purificar todos os pecados. Até o principal dos pecadores foi perdoado em várias ocasiões. Estas coisas não podem ser esquecidas. Todavia, apesar disso, há uma grande verdade que não pode ser evitada: existe um pecado que não pode ser perdoado.

O pecado ao qual nosso Senhor se referiu nestas palavras é o de rejeitar francamente a verdade de Deus no coração, quando a pessoa a entende com clareza em sua mente; é uma combinação de luz no entendimento com deliberada impiedade na vontade. É o mesmo pecado que os escribas e fariseus parecem ter cometido, quando rejeitaram o ministério do Espírito Santo, após o Dia de Pentecostes, e recusaram crer na pregação dos apóstolos. É o pecado que, podemos temer, muitos ouvintes habituais do evangelho caem por resolutamente se apegarem ao mundo. E, o pior de tudo, é um pecado que sempre está acompanhado por completa insensibilidade, dureza de coração e entorpecimento. O homem que não terá perdão para os seus pecados é precisamente aquele que nunca o busca. Essa é exatamente a raiz de sua terrível situação. Ele poderia ter sido perdoado, mas não procurou o perdão. Está endurecido para o evangelho e “duplamente morto” (Jd 12). Sua consciência está “cauterizada” (1 Tm 4.2).

Oremos para que sejamos libertos de um conhecimento intelectual, frio, especulativo e não-santificado das coisas espirituais; esse tipo de conhecimento é uma rocha diante da qual muitos têm sucumbido por toda a eternidade. Nenhum coração se torna tão endurecido quanto aquele sobre o qual resplandece a luz do evangelho e esta não recebe aceitação. O fogo que derrete a cera endurece o barro. Devemos usar a luz que temos. Qualquer que seja o conhecimento que possuímos acerca do evangelho, devemos viver plenamente de acordo com ele. Ser um incrédulo ignorante e prostrar-se diante de ídolos é algo bastante ímpio. Mas chamar-se cristão, conhecer os conceitos evangélicos e, apesar disso, no coração continuar preso aos seus pecados e ao mundo significa ser um candidato ao pior e mais infeliz lugar do inferno. Significa ser tão semelhante ao diabo quanto possível.

Por último, estes versículos nos ensinam que *o crente não precisa ficar ansioso quanto ao que precisará dizer, quando inesperadamente lhe exigirem que fale em favor da causa de Cristo*. A promessa de nosso Senhor a respeito deste assunto tem referência primária às provações públicas, semelhantes às que Paulo enfrentou diante de Félix e Festo. É uma promessa na qual milhares de crentes que passam por situações idênticas têm visto cumprir-se e trazer-lhes conforto especial. A vida de muitos dos reformadores e outras testemunhas de Deus são abundantes e admiráveis provas de que o Espírito Santo pode ensinar ao crente o que falar em ocasiões necessárias.

Mas existe um sentido secundário que não pode ser esquecido; e, de acordo com esse sentido, a promessa pertence a todos os crentes. Sempre surgem ocasiões na vida dos crentes em que estes são inesperadamente convocados a falarem em favor de seu Mestre e a dizerem qual a razão de sua esperança. O lar, os parentes, os amigos e outros relacionamentos freqüentemente fornecem ocasiões inesperadas. Quando estas surgirem, o crente deve recorrer a promessas como esta. Talvez seja desagradável, em especial para o crente novo, ser inesperadamente exigido que fale aos outros a respeito de sua fé e, acima de tudo, quando seu cristianismo estiver sendo atacado. Porém, não fiquemos alarmados, perturbados, deprimidos, irados. Se recordarmos a promessa de Cristo, não teremos o que temer.

Oremos para sempre lembrar as promessas bíblicas. Descobriremos que isso produz inestimável consolação. Apresentadas nas Escrituras, existem para o conforto do povo de Cristo mais promessas do que as que este povo tem conhecimento. Há promessas que se aplicam a quase todas as situações em que seremos colocados e a todos os acontecimentos que nos podem sobrevir. Entre todas as promessas, não esqueçamos a que estamos considerando. Às vezes, somos chamados para comparecer diante de pessoas que não são agradáveis para nós; e ali chegamos com nosso coração ansioso e preocupado. Tememos falar o que não deveríamos e não falar o que deveríamos. Nessas ocasiões lembremo-nos da bendita promessa. Se fizermos isso, Ele não falhará ou nos abandonará. Receberemos sabedoria e palavras para testemunharmos corretamente. “Porque o Espírito Santo vos ensinará, naquela mesma hora, as coisas que deveis dizer.”

Advertência Contra a Avareza

Leia Lucas 12.13-21

A passagem que acabamos de ler nos fornece um exemplo especial da prontidão do homem em mesclar as coisas do mundo com as coisas de Deus. Somos informados que certo ouvinte de nosso Senhor pediu-Lhe que o ajudasse em seus negócios materiais. Ele falou: “Mestre, ordena a meu irmão que reparta comigo a herança”. Provavelmente ele tinha uma vaga idéia de que nosso Senhor estabeleceria um reino neste mundo e reinaria sobre a terra. Resolveu fazer uma ousada petição a respeito de seus assuntos pecuniários. Suplicou a intervenção de nosso Senhor no que se referia à sua herança terrena. Os outros ouvintes de Cristo talvez estavam

pensando sobre uma herança por vir. Esse homem era alguém cujos pensamentos concentravam-se na vida presente.

Muitos ouvintes do evangelho são semelhantes a esse homem! Estão constantemente planejando e maquinando a respeito de coisas desta vida, mesmo sob a influência saudável das coisas eternas. O homem natural é sempre o mesmo, nem mesmo a pregação de Cristo atrai a atenção de todos os seus ouvintes. O ministro do evangelho, na atualidade, não deve ficar surpreso ao ver mundanismo e falta de atenção no meio de sua igreja. O servo de Cristo não deve esperar que seus sermões sejam mais valorosos do que os de seu Senhor.

Inicialmente, observemos nestes versículos *a solene advertência que nosso Senhor proferiu contra a cobiça*. Ele recomendou: “Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avariza”. Seria em vão procurarmos determinar especificamente qual é o mais comum dos pecados no mundo. Seria mais correto dizer que não existe nenhum outro pecado ao qual o coração é mais propenso do que a cobiça. Foi o pecado que arruinou os anjos que caíram. Não se contentaram com seu primeiro estado; cobiçaram algo melhor. Foi o pecado que contribuiu para que Adão e Eva fossem expulsos do paraíso e para que a morte entrasse no mundo. Nossos primeiros pais não ficaram satisfeitos com as coisas que Deus lhes havia dado no jardim do Éden. Eles cobiçaram e, portanto, caíram em pecado. É um pecado que, desde a Queda, tem sido a causa de miséria e infelicidade na terra. Guerras, conflitos, brigas, divisões, disputas, invejas, ódio de todos os tipos, manifestado tanto em público quanto em particular — todas essas coisas têm a mesma fonte: a cobiça.

Esta advertência pronunciada por nosso Senhor deve arraigar-se em nosso coração e produzir frutos em nossa vida. Esforcemo-nos para aprender a lição que Paulo ensinou, quando disse: “Aprendi a viver contente em toda e qualquer situação” (Fp 4.11). Oremos para que tenhamos uma completa confiança na providência de Deus que supervisiona todos os acontecimentos do mundo e na perfeita sabedoria divina em todas as coisas que Ele dispõe a nosso respeito. Se temos pouco, estejamos certos disso: ter bastante não seria bom para nós. Se nos forem retirados os bens que possuímos, fiquemos satisfeitos com o fato de que há um motivo para isso. Feliz é aquele que está persuadido daquilo que é o melhor e cessou de ter desejos vãos e tornou-se contente “com as coisas que” possui (Hb 13.5).

Em segundo, observemos nestes versículos *a terrível exposição que nosso Senhor fez em referência à tolice de alguém ter um espírito voltado às coisas mundanas*. Ele retratou um homem rico para o mundo, cuja mentalidade estava completamente centrada nas coisas terrenas. Descreveu-o como uma pessoa que fez planos quanto à sua prosperidade, como se

fosse senhor de sua própria vida e tivesse apenas que dizer: “Farei isto”, e tal coisa seria feita. Então, o Senhor Jesus conclui a exposição mostrando que Deus exigiu a alma daquele homem mundano e fez uma pergunta perscrutadora: “O que tens preparado, para quem será?” Ele deseja que aprendamos: nada menos do que “louco” é palavra correta que descreve a conduta daqueles que têm seu dinheiro como prioridade. “O que entesoura para si mesmo e não é rico para com Deus” — este é aquele que Deus declara ser um “louco”.

É um pensamento terrível, mas a verdade é que o homem descrito por Jesus nesta parábola é muito comum entre nós. Milhares de pessoas, em todas as épocas, têm vivido constantemente na mesma atitude que o Senhor Jesus condenou nessa ocasião. Milhões estão fazendo a mesma coisa hoje. Estão acumulando tesouros sobre a terra e pensando somente em como aumentá-lo. Estão continuamente aumentando seus bens, como se pudessem desfrutá-los para sempre, como se não houvesse morte, julgamento ou vida por vir. No entanto, estes são os homens que muitos chamam sábios, espertos e prudentes! São pessoas recomendadas, bajuladas e admiradas, Deus não vê como vêem os homens! Ele declara que são loucos os homens ricos que vivem exclusivamente para este mundo.

Oremos pelos ricos. Suas almas estão em grande perigo. “O céu”, disse um grande homem em seu leito de morte, “é um lugar aonde vêm poucos governantes ricos”. Mesmo convertido, o homem rico leva consigo um grande fardo e caminha em direção ao céu com grandes desvantagens. Possuir dinheiro causa um efeito endurecedor sobre a consciência. Não sabemos o que podemos fazer se nos tornarmos ricos. “O amor do dinheiro é raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores” (1 Tm 6.10). A pobreza tem muitas desvantagens; mas a riqueza destrói mais almas do que a pobreza.

Por último, observemos nestes versículos *quão importante é ser rico para com Deus*. Isto expressa a verdadeira sabedoria; significa preparar-se para a existência por vir; manifesta a prudência genuína. O homem sábio é aquele que não pensa somente nas riquezas terrenas, mas também no tesouro do céu.

Quando podemos afirmar que um homem é rico para com Deus? Nunca, até que ele seja rico em graça, fé e boas obras, até que se dirija ao Senhor Jesus suplicando que lhe dê o ouro refinado pelo fogo (Ap 3.18). Nunca, enquanto não tiver uma casa feita não por mãos humanas, eterna, nos céus. Nunca, até que seu nome esteja inscrito no Livro da Vida e que ele seja herdeiro de Deus e co-herdeiro juntamente com Cristo! Este é o homem verdadeiramente rico! Seu tesouro é incorruptível. Seu banco nunca há de falir. Sua herança não fenece. Os homens não podem impedir que ele a desfrute. A morte não pode arrebatá-la de suas mãos. Todas essas

coisas já pertencem àquele que é rico para com Deus — as coisas do presente e as do porvir (1 Co 3.22). E, o melhor de tudo, o que ele possui agora não significa nada em comparação ao que possuirá no futuro.

Riquezas como essas estão ao alcance de todos os pecadores que vierem a Cristo, para recebê-las. Não descansemos enquanto elas não forem nossas. Obtê-las pode nos custar algo neste mundo; poderemos ser zombados, ridicularizados ou perseguidos. No entanto, nos consolamos com o pensamento de que o Juiz de todos afirma: “Tu és rico” (Ap 2.9). O verdadeiro cristão é o único homem realmente rico e sábio.

Aviso Contra Solicitude pelas Coisas desta Vida

Leia Lucas 12.22-31

Primeiramente, encontramos nestes versículos *uma coletânea de argumentos notáveis contra a solicitude pelas coisas dessa vida*. A princípio, alguns podem julgá-los simples e banais. Porém, quanto mais forem ponderados, tanto mais importantes eles se mostrarão. Uma recordação permanente destes argumentos resguardaria muitos crentes de imensos problemas.

Cristo nos ordena observar as aves dos céus, as quais “não semeiam, nem ceifam, não têm despesa nem celeiros”; todavia, Deus as sustenta. Ora, se o Criador de todas as coisas providencia alimento, para satisfazer as necessidades dos pássaros, e dispõe as coisas de modo que eles tenham uma provisão diária de comida, com certeza não devemos temer que deixará famintos os seus filhos espirituais.

Cristo nos ordena observar os lírios do campo: “Eles não fiam, nem tecem. Eu, contudo, vos afirmo que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles”. Ora, se a cada ano Deus reveste essas flores com novos botões e pétalas, certamente não podemos duvidar de seu poder para fornecer aos seus servos crentes todas as vestimentas necessárias.

Cristo nos ordena recordar que um crente deveria envergonhar-se de sentir-se ansioso à semelhança dos incrédulos. Os pagãos “de todo o mundo” com razão podem ficar cuidadosos a respeito de alimento, vestimentas e coisas do tipo. Estão mergulhados em profunda ignorância e nada sabem no que concerne ao caráter de Deus. Mas a pessoa que pode dizer: “Deus é meu Pai; Cristo é meu Salvador” com certeza deveria superar tais ansiedades e inquietações. Uma fé íntegra deveria produzir um coração tranqüilo.

Cristo também nos ordena pensar sobre o perfeito conhecimento de Deus. Somente um pensamento deveria nos contentar: “Vosso Pai sabe que necessitais” de alimento e vestes. Todas as nossas necessidades são plenamente conhecidas pelo Senhor do céu e da terra. Ele pode suprir as necessidades, sempre que julgar conveniente; e há de supri-las sempre que isso for bom para a nossa alma.

São quatro argumentos que devem ser guardados no profundo de nosso coração e produzir frutos em nossa vida. Nada é mais comum do que um espírito inquieto e atribulado, e nenhuma outra coisa prejudica tanto a utilidade e a paz interior do crente. Ao contrário disso, nenhuma coisa glorifica tanto a Deus quanto um espírito satisfeito em meio às aflições temporais. Traz consigo uma realidade que mesmo os incrédulos podem entender. Recomenda nosso cristianismo e o torna agradável aos olhos dos homens. A fé, somente a fé, produz um espírito satisfeito. O homem que pode dizer com ousadia: “O SENHOR é o meu pastor” também é aquele que será capaz de acrescentar: “Nada me faltará” (SI 23.1).

Em segundo, encontramos nestes versículos *um elevado padrão de vida recomendado a todos os crentes*. Está contido em uma simples e curta exortação: “Buscai, antes de tudo, o seu reino”. Não devemos gastar nossos melhores pensamentos nas coisas deste mundo, vivendo como se tivéssemos apenas o corpo. Temos de viver como criaturas que possuem almas imortais que serão perdidas ou salvas, temos uma morte a enfrentar, um Deus com quem teremos de encontrar, um julgamento que nos espera e uma eternidade a passar no céu ou no inferno.

Quando podemos dizer que estamos buscando o reino de Deus? Nós o buscamos quando nosso principal objetivo é garantir um lugar entre o número dos salvos, tendo nossos pecados perdoados, nosso coração regenerado e nós mesmos preparados para receber uma parte da herança dos santos na luz. Buscamos o reino de Deus quando damos o primeiro lugar de nossos pensamentos aos interesses desse reino, quando trabalhamos para aumentar o número dos súditos de Deus e nos esforçamos para manter a obra de Deus e promover a glória dEle no mundo.

O reino de Deus é o único digno de trabalharmos por ele. Todos os outros reinos, mais cedo ou mais tarde, passarão. Os estadistas que os edificam assemelham-se a homens que constróem casas de papel ou a crianças que fazem castelos de areia na praia. A riqueza que constitui a grandeza de tais reinos está sujeita a derreter-se, assim como a neve na primavera. O reino de Deus é o único que permanecerá para sempre. Felizes são os que pertencem a esse reino, amam-no, vivem e oram por ele, labutando em favor de seu aumento e prosperidade. O labor dessas pessoas não será inútil. Devemos procurar, com diligência cada vez maior, confirmar a nossa chamada para esse reino. Nosso constante aviso a nossos

filhos, amigos, parentes, empregados e vizinhos deve ser este: “Buscai, antes de tudo, o reino de Deus”.

Por último, encontramos nestes versículos *uma promessa maravilhosa assegurada a todos os que buscam o reino de Deus*. Nosso Senhor declarou: “E estas coisas vos serão acrescentadas”. Precisamos estar atentos para não entendermos erroneamente o significado das palavras de Jesus. Não temos o direito de imaginar que os empresários crentes que negligenciam seus negócios sob a pretensão de zelo pelo reino de Deus terão prosperidade e tudo lhes sairá bem. Atribuir esse significado a esta promessa seria nada menos do que fanatismo e entusiasmo; incentivaria a preguiça nos negócios e daria aos inimigos de Deus ocasião de blasfêmia.

O homem a quem pertence essa promessa é o crente que dá às coisas de Deus seu devido lugar. Ele não negligencia as obrigações mundanas de sua posição, mas as considera infinitamente menos importantes do que as exigências de Deus. Não omite a devida atenção aos seus afazeres temporais, mas as reputa menos significativas do que os interesses de sua alma. Em resumo, seu alvo em todo seu viver diário é colocar Deus em primeiro lugar e as coisas do mundo, em segundo; seu objetivo é dar o segundo lugar às coisas de sua vida física e o primeiro, às coisas de sua alma. Esse é o homem a quem Jesus diz: “Estas coisas vos serão acrescentadas”.

De que maneira Deus cumpre a promessa? A resposta é simples e curta. A pessoa que busca em primeiro lugar o reino de Deus jamais terá falta de qualquer coisa que resulta em seu bem. Talvez ela não tenha tanta saúde quanto as outras. Talvez não tenha tanta riqueza quanto outras pessoas. Provavelmente não tem uma mesa farta ou comida de reis. Mas sempre terá *o suficiente*. “O seu pão lhe será dado, as suas águas serão certas” (Is 33.16). “Todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus” (Rm 8.28). “O SENHOR dá graça e glória; nenhum bem sonega aos que andam retamente” (Sl 84.11). Disse Davi: “Fui moço e já, agora, sou velho, porém jamais vi o justo desamparado, nem a sua descendência a mendigar o pão” (Sl 37.25).

A Consolação do Crente; Tesouros nos Céus; Jesus Prescreve uma Atitude de Espera

Leia Lucas 12.32-40

Primeiramente, observemos nestes versículos *que graciosa con-*

solação esta passagem contém para todo crente verdadeiro. O Senhor Jesus conhecia muito bem o coração de seus discípulos. Sabia que tinham disposição para ficarem cheios com todos os tipos de temores, temores por serem poucos em número, temores por causa da multidão de seus inimigos, temores por causa das muitas dificuldades que enfrentariam em sua jornada, temores por causa de seu senso de fraqueza e indignidade. Ele respondeu aos seus muitos temores pronunciando uma sentença simples mas preciosa: “Não temais, ó pequenino rebanho; porque vosso Pai se agradou em dar-vos o seu reino”.

Os crentes constituem o “pequeno rebanho”. Sempre foi assim desde o início do mundo. Existem muitas pessoas que professam ser servos de Deus. Milhares de milhares são aqueles que já receberam o batismo em nossos dias. Mas os verdadeiros crentes são poucos. É tolice nos surpreendermos com isto. É inútil esperarmos que será diferente até à volta de nosso Senhor. “Porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela” (Mt 7.14).

Há um glorioso “reino” esperando pelos crentes. Neste mundo freqüentemente eles são escarnecidos, ridicularizados, perseguidos e, assim como seu Senhor, desprezados e rejeitados pelos homens. Mas “os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós” (Rm 8.18). “Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então, vós também sereis manifestados com ele, em glória” (Cl 3.4). Os crentes são muitíssimo amados por Deus, o Pai. Agradou ao Pai dar-lhes um reino. Ele não os recebe com indisposição, relutância e indiferença. O Pai se alegra nos crentes como membros de seu amado Filho, em quem o Pai encontra intensa satisfação. Deus os considera seus filhos queridos em Cristo; não vê imperfeições neles. Mesmo agora, quando dos céus Ele se inclina para contemplá-los em meio a suas fraquezas, sente-se satisfeito e no futuro, quando se apresentarem diante dEle em glória, os receberá com exultação (Jd 24).

Somos membros do pequeno rebanho de Cristo? Então, com certeza não precisamos ficar temerosos. Deus nos outorgou “as suas preciosas e mui grandes promessas” (2 Pe 1.4). Somos de Deus e de Cristo. Maiores são os que estão ao nosso lado do que aqueles que estão contra nós. O mundo, a carne e o diabo são inimigos poderosos. Mas, tendo Cristo ao nosso lado, não precisamos temer coisa alguma.

Em segundo, observemos nestes versículos *a admirável exortação para procurarmos tesouro no céu.* “Vendei os vossos bens”, disse nosso Senhor, “dai esmola; fazei para vós outros bolsas que não desgastem, tesouro inextinguível nos céus”. Mas isso não é tudo. Um princípio magnificante e perscrutador é estabelecido para enfatizar a exortação: “Onde está o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração”.

A linguagem desta exortação, sem dúvida, é figurada. Entretanto, seu significado é evidente e inconfundível. Temos de *vender*, ou seja, negar a nós mesmos e abandonar qualquer coisa que obstrui o caminho da salvação de nossa alma. Precisamos *dar*, ou seja, demonstrar caridade e gentileza a todos, estando mais dispostos a gastar nosso dinheiro em ajuda aos outros do que guardá-lo para satisfazer nossos propósitos egoístas. Temos de *fazer* para nós mesmos tesouros nos céus, ou seja, assegurar-nos de que nosso nome está inscrito no Livro da Vida, apropriar-nos da vida eterna, acumular evidências de que suportaremos a inspeção do Dia do Juízo. Nisso consiste a sabedoria e a prudência verdadeira. O homem que faz o bem a si mesmo é aquele que desiste de tudo por amor a Cristo. Ele faz a melhor de todas as trocas. Por alguns anos, ele leva a cruz neste mundo; porém, no mundo por vir desfrutará da vida eterna. Ele obtém o mais valioso de todos os bens. Ele leva consigo suas riquezas para além do sepulcro. É rico em graça nesta vida e no porvir. E, o melhor de tudo, ele jamais perderá aquilo que obtém pela fé; é “a boa parte” que “não lhe será tirada”.

Desejamos saber o que realmente somos? Procuremos saber se temos um tesouro nos céus ou se todas as nossas coisas encontram-se na terra. Você deseja saber qual é o seu tesouro? Perguntemos a nós mesmos o que mais amamos. Este é o verdadeiro teste de nosso caráter; é a vitalidade de nosso cristianismo. Pouco importa o que falamos, o que professamos, o pregador que admiramos ou que igreja frequentamos. O que mais amamos? Em que estão colocadas nossas afeições. Essa é a grande questão. “Onde está o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.”

Por último, observemos nestes versículos *uma figura instrutiva a respeito da atitude de espírito que o verdadeiro crente deve esforçar-se para manter*. Nosso Senhor nos instrui a ser “semelhantes a homens que esperam pelo seu senhor”. Devemos viver como servos que aguardam o retorno de seu senhor, cumprindo nossos deveres e deixando de fazer aquilo que não desejaríamos ser encontrados praticando, quando nosso Senhor voltar.

O padrão de vida aqui apresentado por nosso Senhor é bastante elevado — tão elevado, que alguns crentes estão dispostos a esquivarem-se dele e sentirem-se desanimados. No entanto, não existe nada nesta passagem que deva causar temor no crente. Prontidão em aguardar o retorno de Cristo a este mundo não implica em atitudes que sejam impossíveis ou inatingíveis; não exige a perfeição dos anjos ou que um homem abandone sua família e retire-se à solidão; não exige mais do que uma vida de arrependimento, fé e santidade. A pessoa que está vivendo pela fé no Filho de Deus é aquela que tem o corpo “cingido” e acesas “as candeias”. Esse tipo de pessoa talvez tenha de cuidar dos “negócios” de um reino terreno,

assim como Daniel, ou seja um empregado na casa de uma autoridade governamental, assim como alguns crentes que trabalhavam no palácio de Nero, na época do apóstolo Paulo. Mas todas essas coisas não significam nada para ele. Se vive com seus olhos fitos em Jesus, é um servo que, ao voltar seu Senhor, quando vier e bater à porta, logo ele a abrirá. Certamente não é demais ordenar aos crentes que sejam pessoas desse tipo. Não foi em vão que nosso Senhor afirmou: “À hora em que não cuidais, o Filho do Homem virá”.

Estamos vivendo como pessoas que estão prontas para a segunda vinda de Cristo? Seria bom se com mais freqüência esta pergunta fosse dirigida à nossa consciência. Ela nos guardaria de muitos passos errados em nossa vida diária. Evitaria que muitos se afastassem de Cristo. O verdadeiro crente não deve apenas crer e amar a Cristo. Também deve contemplar e esperar com ardor a volta de Cristo. Se de todo o coração ele não é capaz de clamar: “Vem, Senhor Jesus”, alguma coisa está errada em sua alma.

O Elogio ao Crente que faz Como o Senhor Ordena; Repreendida a Negligente Utilização de Privilégios Espirituais

Leia Lucas 12.41-48

Primeiramente, aprendemos destes versículos a *importância de servir em nossa vida cristã*. Nosso Senhor falava ainda sobre sua segunda vinda. Ele comparou seus discípulos a servos que esperam a volta de seu senhor, o qual confiou a cada servo o trabalho a ser realizado durante sua ausência. Ele disse: “Bem-aventurado aqueles servos a quem seu senhor, quando vier, achar *fazendo assim*”.

Sem dúvida, uma advertência que se reporta primariamente aos ministros do evangelho. Eles são os despenseiros dos mistérios de Deus e estão especialmente obrigados a serem encontrados “fazendo assim”, quando Cristo voltar. Mas a passagem contém outra lição, que todos os crentes devem considerar — a imensa importância de um cristianismo ativo, prático, diligente e útil.

Temos aqui uma lição imensamente necessária na igreja de Cristo. Ouvimos muito a respeito das intenções, sentimentos, esperanças e desejos de pessoas salvas. Seria bom ouvirmos mais sobre aquilo que elas praticam.

O servo que Jesus chamou bem-aventurado não é o que será achado desejando ou fazendo afirmações, e sim o que estiver “fazendo assim”.

Infelizmente é uma lição que muitos evitam ensinar e que um número ainda maior não quer receber. Somos seriamente ensinados que falar sobre “fazer” e “trabalhar” é legalismo e coloca os crentes debaixo de escravidão. Tais observações jamais devem nos inquietar. Elas refletem ignorância e perversidade. A lição ministrada nestes versículos não se refere à justificação, e sim à santificação; não se refere à fé, e sim à santidade. A idéia central não é *o que o homem deve fazer para ser salvo, mas o que o salvo deve fazer*. O ensino das Escrituras sobre este assunto é claro. Uma pessoa salva é solícita “na prática de boas obras” (Tt 3.8). O desejo de um verdadeiro cristão é ser encontrado “fazendo assim”.

Se amamos a vida, pela graça de Deus resolvamos ser crentes que estão “fazem assim”. Isto significa ser como Cristo, que andou por toda parte “fazendo o bem” (At 10.38). Significa ser semelhante aos apóstolos (eles foram homens de realizações, mais do que homens de palavras); e equivale a glorificar a Deus: “Nisto é glorificado meu Pai, em que deis muito fruto; e assim vos tornareis meus discípulos” (Jo 15.8). Isto significa ser útil ao mundo: “Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus” (Mt 5.16).

Em segundo, aprendemos sobre *o terrível perigo daqueles que negligenciam as obrigações de sua chamada*. Nosso Senhor falou que esses serão castigados e terão sua parte “com os infiéis”. Sem dúvida, estas palavras se aplicam especialmente aos ministros e ensinadores do evangelho. Entretanto, não devemos nos iludir com a idéia de que sua aplicação se limita a eles. Provavelmente elas foram pronunciadas com o propósito de transmitir uma lição para todos os que ocupam posições de alta responsabilidade. É um fato notável que, no início da passagem, Pedro indagou a Jesus: “Senhor, proferes esta parábola para nós ou também para todos?”, mas não recebeu nenhuma resposta. Qualquer pessoa que ocupa uma posição de confiança e negligencia suas obrigações fará bem se meditar nesta passagem e dela receber sabedoria.

A linguagem que nosso Senhor utilizou, ao referir-se a servos negligentes e infiéis, é peculiarmente severa. Poucas passagens dos evangelhos contêm linguagem tão forte. É uma ilusão inútil supor que o evangelho fala somente “coisas amáveis”. O Salvador amável sustenta a sua misericórdia até ao fim para aquele que se arrepende e crê, mas Ele também não se esquivava de enviar juízo de Deus sobre aqueles que rejeitam seu conselho. Não permitamos que ninguém nos engane neste assunto. Existe o inferno para todos os que durante sua vida permanecem na impiedade, assim como existe o céu para aquele que crê em Jesus.

Realmente há uma coisa chamada “a ira do Cordeiro” (Ap 6.16).

Esforcemo-nos para viver de tal modo que, na ocasião em que nosso Senhor voltar, sejamos encontrados prontos para recebê-Lo. Vigieemos nosso coração com ardente zelo e acautelemo-nos da mais insignificante evidência de que estamos despreparados para a volta do Senhor. Em especial, guardemo-nos de qualquer disposição que brotar do coração para diminuir nosso padrão de santidade cristã, para rejeitar pessoas que são mais espirituais do que nós mesmos e para nos conformarmos com o mundo. Logo que detectarmos essa disposição em nosso íntimo, podemos estar certos de que nossa alma se encontra em grande perigo. Aquele que professa ser cristão e começa a perseguir o povo de Deus e a encontrar prazer na sociedade mundana está no caminho largo que conduz à perdição.

Por último, aprendemos destes versículos que, *quanto maior a luz espiritual possuída por uma pessoa, tanto maior será a sua culpa, se permanecer na incredulidade*. O servo que “conheceu a vontade de seu senhor” e não “fez segundo a sua vontade será punido com muitos açoites”. “Àquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido; e àquele a quem muito se confia, muito mais lhe pedirão.”

A lição contida aqui têm aplicação ampla. Exige a atenção de muitos tipos de pessoas. Deveria comover a consciência de todos os crentes. O julgamento deles será mais severo do que o dos incrédulos que nunca tiveram a Bíblia em suas mãos. Isto deveria impressionar todos os que têm a liberdade de ler as Escrituras. A responsabilidade do crente é maior do que a de um católico dominado pelos padres, o qual está privado da aplicação correta da Palavra de Deus. É uma lição que deveria enternecer todos os que ouvem o evangelho. Se permanecerem não-convertidos, serão mais culpados do que os habitantes de um obscuro lugar que nunca ouviram o ensino das Escrituras e vivem de acordo com um padrão de moralidade muito baixo. É uma lição que deveria comover todos os filhos e empregados de famílias evangélicas; eles são mais dignos de culpa aos olhos de Deus do que aqueles que vivem em lares onde as pessoas não tributam qualquer honra à Palavra de Deus e à oração. São lições que jamais devem ser esquecidas. Nosso julgamento, no último dia, será de acordo com a luz e as oportunidades que tivemos.

O que nós mesmos estamos fazendo com nosso conhecimento espiritual? Estamos utilizando-o com sabedoria e considerando-o com importância? Ou estamos contentes com a afirmativa vazia: “Eu sei... eu sei” e nos bajulamos intimamente, dizendo que o conhecimento de nosso Senhor nos tornará melhor do que os outros, ao mesmo tempo em que não fazemos a vontade dEle? Estejamos atentos para não cometermos tais erros. Virá o dia em que será comprovado que o conhecimento não-praticado é a pior de todas as posições. Muitos acordarão para descobrir

que se encontram em situação pior do que a de muitos incrédulos idólatras e ignorantes acerca das Escrituras. Não utilizaram o conhecimento espiritual que possuíam, nem seguiram a luz que tiveram; tais coisas apenas servirão para aumentar-lhes a condenação.

O Zelo de Cristo por sua Obra; A Divisão Causada Pelo Evangelho

Leia Lucas 12.49-53

As declarações de nosso Senhor nestes cinco versículos são peculiarmente importantes e sugestivas. Desvendam verdades que abençoariam a todo crente, se este as observasse e guardasse no coração. Esclarecem fatos a respeito da igreja e do mundo que, à primeira vista, parecem difíceis de entender.

Primeiramente, aprendemos que *o coração de Cristo estava completamente determinado a consumir a obra que viera realizar no mundo*. Ele disse: “Tenho... um batismo com o qual hei de ser batizado”; um batismo de sofrimento, agonia, sangue e morte. Contudo, nenhuma dessas coisas o fez recuar. Ele acrescentou: “Quanto me angustio até que o mesmo se realize!” A contemplação das aflições vindouras não O fizeram parar por um momento sequer. Ele estava pronto e decidido a suportar todas as coisas, a fim de providenciar eterna redenção para seu povo. O zelo pela causa que Ele tomara em suas mãos era semelhante a um fogo ardente em seu espírito. Promover a glória de Deus, abrir a porta da vida para um mundo perdido, estabelecer uma fonte de purificação de todo pecado e impureza por meio do sacrifício de Si mesmo — esses eram propósitos que ocupavam os mais elevados pensamentos de nosso Senhor. Ele estava angustiado de espírito, até que essa obra grandiosa fosse consumada.

Sempre tenhamos em mente a verdade de que todos os sofrimentos de Cristo em nosso favor foram suportados espontaneamente, com toda a sua liberdade de escolha. Ele não se sujeitou com passividade a tais sofrimentos apenas porque era incapaz de evitá-los. Ele não os suportou sem qualquer murmuração somente porque não podia escapar. Ele viveu de maneira humilde durante trinta e três anos simplesmente porque quis viver assim. Com um espírito voluntário e disposto, o Senhor Jesus sofreu uma morte agonizante. Tanto na vida quanto na morte, estava levando a cabo o eterno conselho pelo qual Deus seria glorificado e os pecadores, salvos. Ele o consumou com todo o seu coração, ainda que envolvia intenso

sofrimento, em referência à sua carne e ao seu sangue. Ele se deleitava em fazer a vontade de Deus. Estava angustiado até que ela se cumprisse.

Não duvidemos que o Senhor Jesus, estando hoje no céu, manifesta os mesmos sentimentos demonstrados enquanto esteve na terra. Agora Ele tem um profundo interesse na salvação de pecadores, assim como o tinha antes de morrer no lugar deles. Jesus nunca muda; Ele é o mesmo ontem, hoje e para sempre. Em Cristo existe uma infinita voluntariedade para receber, perdoar, justificar as almas dos homens, livrando-as do inferno. Esforcemo-nos para compreender essa voluntariedade e aprender a crer nela, não duvidando, e a descansar nela, sem temor. É verdade que Cristo está mais disposto a salvar-nos do que nós mesmos, a ser salvos.

O zelo de nosso Senhor e Mestre deve tornar-se um exemplo para todo o seu povo. A recordação da ardente voluntariedade para morrer por nós precisa tornar-se uma brasa ardente em nossa memória e constranger-nos a viver para ele e não para nós mesmos. Com certeza, pensar nessa voluntariedade deve despertar nosso coração dormente e aguçar nossas afeições indiferentes, tornando-nos ansiosos por remir o tempo e fazer algo para a glória de Deus. Um Salvador zeloso deve ter discípulos zelosos.

Em segundo, aprendemos desses versículos *quão inútil é alguém esperar que haja paz e harmonia universal como resultado da pregação do evangelho*. Os discípulos, assim como muitos dos judeus de sua época, talvez esperavam que o reino do Messias logo se manifestaria. Imaginavam que havia chegado o tempo em que o lobo habitaria junto ao cordeiro e os homens não mais fariam qualquer mal (Is 11.6,9). Nosso Senhor percebeu o que se passava no coração deles e silenciou suas esperanças com uma afirmação admirável: “Eu vim para lançar fogo sobre a terra e bem quisera que já estivesse a arder”.

A princípio existe algo bastante admirável nestas palavras. Parecem contradizer o cântico dos anjos, que proclamaram “paz na terra” como algo que acompanharia o evangelho de Cristo (Lc 2.14). Embora a mensagem dos anjos pareça admirável, é um dos fatos que têm sido comprovado como literalmente verdadeiro. A paz, sem dúvida, é um dos resultados do evangelho, onde quer que este seja crido e aceito. Mas, onde existem ouvintes do evangelho que são empedernidos de coração, impenitentes e determinados a permanecer no pecado, a própria mensagem da paz torna-se causa de divisão. Aqueles que vivem segundo a carne odiarão aqueles que vivem segundo o Espírito. Aqueles que estão decididos a viver para o mundo sempre serão influenciados a fazer o mal àqueles que resolveram servir a Cristo. Lamentamos esse estado de coisas, mas não podemos impedi-lo. A graça divina e as disposições naturais do homem não podem ser unificadas, assim como o óleo e a água não se misturam. Enquanto os homens discordarem a respeito dos princípios fundamentais do cristianismo,

não haverá cordialidade genuína entre eles. Enquanto alguns forem convertidos e outros, incrédulos, não pode haver paz verdadeira.

Acautelemo-nos de possuir expectativas sem bases bíblicas. Se esperamos ver as pessoas manifestando possuir uma só mente e um só coração, antes de serem convertidas, seremos constantemente desapontados. Milhares de pessoas bem intencionadas, em nossos dias, com freqüência estão clamando por mais “união” entre os cristãos. Para alcançar isso, elas estão prontas a sacrificar quase tudo e desprezar inclusive a sã doutrina, se, ao fazerem isso, puderem sentir-se seguras de que têm paz. Tais pessoas farão bem se recordarem que mesmo o ouro pode ser adquirido a um preço muito elevado e que a paz é inútil, se for conseguida ao custo da verdade. Com certeza, elas esqueceram as palavras de Cristo: “Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada” (Mt 10.34).

Jamais nos permitamos ser desmotivados por aqueles que acusam o evangelho de ser a causa de contendas e divisões na terra. Tais pessoas apenas demonstram sua ignorância, quando falam desta maneira. Não é o evangelho e sim o corrupto coração do homem que deve receber a culpa. Não é o glorioso remédio de Deus que se encontra em deficiência, e sim a natureza enferma da raça de Adão, que, à semelhança de uma criança voluntariosa, rejeita o remédio que Deus providenciou para lhe trazer a cura. Enquanto existirem homens e mulheres que recusam arrepender-se e crer e existirem outros que se arrependem e crêem, haverá divisões. Ficar surpreso diante disso é o cúmulo da tolice. A própria existência de divisões é uma prova da presciência de Cristo e uma comprovação da veracidade da Palavra de Deus.

Sejamos gratos a Deus porque está chegando o dia em que não mais haverá divisões na terra e que todos serão unânimes em seus pensamentos. Essa época será quando Jesus, o Príncipe da Paz, voltará pessoalmente à terra e colocará todos os seus inimigos debaixo de seus pés. Quando Satanás for amarrado, os ímpios forem separados dos justos e cada um colocado em seu devido lugar, somente então haverá paz perfeita. Vigiem, aguardemos e oremos por essa bendita época. A noite está quase findando; o dia, quase a amanhecer. Nossas divisões durarão pouco tempo; nossa paz permanecerá por toda a eternidade.

O Dever de Observar os Sinais dos Tempos; A Reconciliação no Caminho Recomendado

Leia Lucas 12.54-59

A primeira coisa que esta passagem nos ensina é o dever de observar

os sinais dos tempos. Os judeus da época de Jesus negligenciaram esse dever. Fecharam os seus olhos para os eventos extremamente significativos que estavam acontecendo em seus próprios dias. Recusaram-se a perceber que profecias estavam se cumprindo diante de seus olhos, profecias relacionadas à vinda do Messias, e que o próprio Messias estava entre eles. O cetro havia sido levantado de Judá, e o bastão, de entre seus pés (Gn 49.10). As setenta semanas de Daniel estavam cumpridas (Dn 9.24). O ministério de João Batista havia despertado a atenção de todos, de uma à outra extremidade do país. Os milagres de Cristo eram inumeráveis, inegáveis, notórios. No entanto, os olhos dos judeus continuaram cegos. Eles recusavam-se obstinadamente a crer que Jesus era o Cristo. Por conseguinte, ouviram de nosso Senhor a indagação: “Não sabeis discernir esta época?”

Convém aos servos de Deus observar os acontecimentos de sua época e compará-los com as predições de profecias que ainda não se cumpriram. Não existe nada nas Escrituras que recomende a atitude de ignorância e indiferença quanto à história contemporânea. Pelo contrário, o verdadeiro cristão deve observar, com atenção diligente, o curso de governos e nações, saudando com júbilo o menor indício de que o Dia do Senhor está às portas. O crente que não pode ver a mão de Deus na História e não crê que Ele está levando todos os reinos à época da sujeição final de todas as coisas à autoridade de Cristo é tão cego quanto os judeus.

Recordemos as palavras de nosso Senhor proferidas naquela ocasião e não erremos, agindo de maneira semelhante aos judeus daquela época. Não sejamos cegos, surdos e insensíveis a tudo o que Deus está fazendo, tanto na igreja quanto no mundo. Os fatos são significativos. Não aconteceram por acaso ou acidente, e sim por determinação divina. Não devemos duvidar que constituem uma chamada à vigilância e uma preparação para o Dia de Deus. Tenhamos todos nós ouvidos para ouvir e coração para entender. Não devemos dormir, assim como muitos o fazem, e sim vigiar e discernir nossa época. O livro de Apocalipse nos apresenta uma advertência solene: “Se não vigiares, virei como ladrão, e não conhecerás de modo algum em que hora virei contra ti” (Ap 3.3).

A segunda coisa que esta passagem nos ensina é *a imensa importância de buscar a reconciliação com Deus antes que seja tarde demais*. Nosso Senhor nos ensina através de uma parábola ou de uma comparação. Ele nos compara a um homem que está a caminho para encontrar-se com um magistrado juntamente com um adversário, por causa de uma questão ou disputa; e descreve a maneira de agir que esse homem deve seguir. Assim como esse homem, todos estamos caminhando em direção à presença de um Juiz. Todos compareceremos diante do tribunal de Deus. Assim como esse homem, todos temos um adversário. A santa lei de Deus está contra

nós e suas exigências precisam ser satisfeitas. Assim como esse homem, precisamos ser diligentes para resolver nosso caso, antes que ele chegue ao Juiz. Temos de procurar perdão e misericórdia antes de morrermos. À semelhança desse homem, se deixarmos escarpar a oportunidade, o juízo virá contra nós, e seremos lançados na prisão do inferno. Este parece ser o significado da parábola contada nessa ocasião. É uma ilustração vívida da preocupação que uma pessoa deve ter em referência ao importante assunto da reconciliação com Deus.

A paz com Deus é, antes de mais nada, a principal coisa do verdadeiro cristianismo. Somos nascidos em pecados e filhos da ira. Não possuímos qualquer amor natural para com Deus. O pendor da carne é inimizade contra Deus. É impossível que Deus tenha prazer em nós. O Senhor abomina o ímpio (Sl 11.5). O primeiro e maior desejo de todos os que professam ter qualquer forma de cristianismo é obter a reconciliação com Deus. Enquanto alguém não a receber, nada lhe aproveitará. Não teremos coisa alguma de valor em nosso cristianismo, se não tivermos paz com Deus. A lei nos torna culpados. O julgamento certamente será contra nós. Sem reconciliação, o fim da jornada de nossa vida será o inferno.

A paz com Deus é a principal coisa que o evangelho de Cristo oferece às almas. A paz e o perdão são os primeiros itens na lista de privilégios do evangelho e são oferecidos gratuitamente a todos que crêem em Jesus. Existe Alguém que pode livrar-nos do adversário. Cristo é o fim da lei para justiça de todo aquele que crê. Ele nos redimiou da maldição da lei, tendo sido feito maldição em nosso lugar. Cristo cancelou o escrito de dívida que era contra nós e removeu-o de nosso caminho, encravando-o na cruz. Sendo justificados pela fé, temos paz com Deus por intermédio de nosso Senhor, Jesus Cristo. Não existe qualquer condenação para aqueles que estão em Cristo. As reivindicações de nosso adversário foram satisfeitas pelo sangue de Cristo. Agora Deus pode ser justo e o justificador de todo aquele que crê em Jesus. Uma expiação completa foi realizada; o débito, completamente pago. O Juiz pode dizer: “Redime-o... achei resgate” (Jó 33.24).

Jamais descansemos até saber e experimentar que estamos reconciliados com Deus. Não estejamos contentes apenas em ir à igreja, servir-nos dos meios da graça e ser reconhecidos como cristãos, se não tivermos a certeza de que nossos pecados estão perdoados e nossa alma, justificada. Procuremos ter certeza de que estamos unidos a Cristo, de que Ele está em nós, de que nossas iniquidades estão perdoadas e nossos pecados, cobertos. Somente quando tivermos esta certeza, nossa alma poderá descansar em paz e aguardar o julgamento, sem temor. Nosso tempo é breve. Estamos viajando em direção ao dia em que será determinado nosso quinhão na eternidade. Sejam diligentes para sermos

encontrados em segurança naquele dia. As almas que estiverem sem Cristo serão lançadas na prisão do desespero.

A Absoluta Necessidade de Arrependimento

Leia Lucas 13.1-5

O assassinato dos galileus mencionado nos versículos iniciais deste capítulo é um acontecimento sobre o qual não temos muita informação exata. Os motivos daqueles que o relataram a nosso Senhor são deixados à especulação. De qualquer modo, deram-Lhe oportunidade de falar-lhes sobre suas próprias almas, uma oportunidade que nosso Senhor aproveitou muito bem. Ele lançou mão desse acontecimento, conforme era seu costume, e utilizou-o de maneira prática. Ele exortou seus informantes a examinarem seus próprios corações e a pensarem a respeito de seu estado diante de Deus. Parece que Ele pretendia dizer: “Que importa se aqueles galileus morreram subitamente? Em que isso é importante para vocês? Considerem seus próprios caminhos. A menos que se arrependam, vocês também perecerão”.

Primeiramente, devemos observar nestes versículos *que as pessoas se mostram mais dispostas a conversar a respeito da morte de outros do que a respeito de sua própria morte*. O assassinato daqueles galileus provavelmente era assunto comum das conversas diárias em Jerusalém e toda a Judéia. Podemos crer que todas as circunstâncias e particularidades do acontecimento estavam sendo constantemente discutidas por milhares de pessoas que nunca pensavam acerca de sua própria morte. O mesmo acontece hoje. Um assassinato, uma morte repentina, um naufrágio, um acidente de carro absorverão completamente os pensamentos de muitos e estarão nos lábios de todos com os quais nos encontrarmos. No entanto, essas mesmas pessoas detestam falar sobre a morte delas mesmas e sobre suas esperanças referentes ao mundo do além-túmulo. Assim é a natureza humana em todas as épocas. No que se refere a assuntos espirituais, as pessoas estão mais dispostas a falar sobre a situação dos outros do que sobre a delas mesmas.

O estado de nossa própria alma deve sempre ser nossa primeira preocupação. É eminentemente verdadeiro que o cristianismo autêntico começa em nosso próprio coração. O homem convertido sempre pensará primeiramente a respeito de sua própria vida, coração, pecados e castigo. Ele ouve acerca de uma morte súbita? Dirá a si mesmo: “Estaria preparado, se tivesse acontecido a mim?” Ele ouve a respeito de um crime terrível ou

do assassinato de um ímpio? Dirá a si mesmo: “*Meus* pecados estão perdoados? *Arrependi-me* de todas as minhas transgressões?” Ele ouve falar de um homem mundano que vive em excesso de pecado? Dirá a si mesmo: “Quem *me* tornou diferente? O que me impediu de estar naquela mesma situação, se não a livre graça de Deus?” Procuremos sempre ter a mesma maneira de pensar. Devemos sentir terna piedade e compaixão por todos aqueles que sofrem violência e foram tirados deste mundo por meio de uma morte súbita. No entanto, jamais nos esqueçamos de examinar a nós mesmos e aprender sabedoria de tudo o que acontece aos outros.

Também devemos observar nestes versículos *a intensidade profunda com que nosso Senhor estabeleceu a necessidade universal de arrependimento*. Por duas vezes, ele declarou enfaticamente: “Se não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis”. A verdade aqui apresentada é um dos fundamentos do cristianismo. Todos “pecaram e carecem da glória de Deus” (Rm 3.23). Todos nós somos nascidos em pecado. Somos propensos ao pecado e por natureza despreparados para a amizade com Deus. Duas coisas são absolutamente necessárias à salvação de cada um de nós. Temos de nos arrepender e crer no evangelho. Sem arrependimento para com Deus e a fé no Senhor Jesus, ninguém poderá ser salvo.

A natureza do verdadeiro arrependimento está claramente delineada nas Escrituras. Começa com o reconhecimento do pecado; prossegue criando tristeza pelo pecado; leva-nos à confissão do pecado diante de Deus; manifesta-se diante dos homens através de um completo rompimento com o pecado. Resulta em produzir o hábito de profundo ódio ao pecado. Acima de tudo, o arrependimento está inseparavelmente unido à fé ativa no Senhor Jesus Cristo. Arrependimento desse tipo é a característica peculiar de todos os verdadeiros crentes.

A necessidade de arrependimento para a salvação se tornará evidente a todos os que examinam as Escrituras e consideram a natureza do arrependimento; sem ele, não existe o perdão dos pecados. Nunca existiu uma pessoa perdoada que antes também não tenha passado pela experiência do arrependimento. Jamais houve alguém lavado no sangue de Cristo que não sentiu, lamentou, confessou e odiou seus próprios pecados. Sem o arrependimento, a pessoa não está preparada para o céu. Não poderíamos ser felizes se chegássemos ao céu possuindo um coração que ama o pecado. A companhia dos santos e dos anjos jamais nos traria qualquer satisfação. Nossa mente não estaria em harmonia com uma santidade que perduraria para todo o sempre. Permitamos que tais verdades arraiguem-se em nosso coração. Temos de nos arrepender e crer, se esperamos ser salvos.

Devemos finalizar nossa meditação sobre o assunto com uma indagação pessoal: “Já nos arrependemos?” Vivemos em um país supostamente cristão. Pertencemos a uma igreja cristã e podemos desfrutar das ordenanças

de Cristo e dos meios da graça. Muitas vezes, temos ouvido mensagens sobre o arrependimento. Mas já nos arrependemos? Reconhecemos nossa pecaminosidade? Nossos pecados nos entristecem? Já clamamos a Deus, confessando-Lhe nossos pecados e buscando perdão junto ao trono da graça? Cessamos de fazer o mal e abandonamos nossos hábitos maus? Com todo o nosso coração, odiamos tudo o que é mau? Estas são perguntas sérias. Merecem intensa consideração. O arrependimento não é um assunto insignificante. Nada menos do que a vida — a vida eterna — está em jogo. Se morrermos sem nos arrependermos e sem um novo coração, melhor seria jamais havermos nascido.

Se nunca nos arrependemos, comecemos a fazê-lo sem demora. Somos responsáveis pelo nosso arrependimento. “Arrependei-vos... e convertei-vos” (At 3.19) foram as palavras de Pedro aos judeus que haviam crucificado nosso Senhor. “Arrepende-te, pois, da tua maldade e roga ao Senhor” (At 8.22) foi a exortação dirigida a Simão, o mago, quando se encontrou em “fel de amargura e laço de iniquidade”. Existem todos os motivos para nos encorajarem ao arrependimento. Cristo nos convida; as promessas das Escrituras nos foram dadas; em toda a Bíblia, há muitas promessas gloriosas da parte de Deus afirmando sua disposição em receber-nos; “Há júbilo diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende” (Lc 15.10). Portanto, levantemo-nos e clamemos a Deus; arrependamo-nos sem demora.

Se já nos arrependemos, continuemos a nos arrepender durante o resto de nossa vida. Enquanto vivermos neste corpo, sempre existirão pecados a confessar e imperfeições a lamentar. Arrependamo-nos com mais franqueza e nos humilhemos mais completamente a cada ano. Cada novo aniversário que celebramos deve nos encontrar odiando mais o pecado e amando mais a Cristo. Um sábio crente do passado disse: “Desejo levar meu arrependimento até à porta do céu”.

A Parábola da Figueira Infrutífera

Leia Lucas 13.6-9

A parábola que acabamos de ler é especialmente humilhante e perscrutadora. O crente que ouve esta parábola e não sente tristeza e vergonha, enquanto a aplica ao estado de sua vida espiritual, só pode estar em uma infeliz condição espiritual.

Destes versículos aprendemos inicialmente que *do coração ao qual*

Deus outorga privilégios espirituais Ele espera retorno proporcional. Nosso Senhor nos ensina uma lição ao comparar a nação judaica de sua época à “uma figueira plantada na... vinha”. Esta era exatamente a situação de Israel no mundo. Eles haviam sido separados das outras nações pela lei e ordenanças de Moisés, bem como pela situação de sua própria terra. Havia recebido revelações que Deus não concedera a nenhum outro povo. Foram realizadas em favor deles coisas que nunca foram realizadas em favor do Egito, Nínive, Babilônia, Grécia ou Roma. Portanto, era correto e justo que produzissem fruto para o louvor de Deus. É razoável pensar que haveria em Israel mais fé, arrependimento, devoção e santidade do que entre os pagãos. Isso era o que Deus esperava. O dono da figueira veio procurar fruto.

No entanto, precisamos pensar além da nação judaica, se desejamos nos beneficiar plenamente do significado da parábola. Temos de refletir também sobre as igrejas evangélicas. Elas possuem luz, verdade, ensino e preceitos que nunca foram ouvidos pelos incrédulos. Quão grande é a responsabilidade dos crentes. Não é correto e justo que Deus espere que eles dêem frutos? Temos de examinar nosso próprio coração. Vivemos em um país onde existem muitas bíblias e desfrutamos de liberdade para pregar o evangelho. Quão amplas são as vantagens que desfrutamos, se comparadas às dos chineses e às dos hindus. Porém, jamais esqueçamos: Deus espera que produzamos frutos.

Somos ensinados através de verdades solenes. Poucos assuntos são tão facilmente esquecidos pelos homens quanto a íntima conexão entre privilégios e responsabilidade. Estamos todos bastante dispostos a nos deleitarmos com nossa posição como crentes evangélicos e a demonstrar alguma compaixão pelos idólatras e incrédulos; no entanto, demoramos a recordar que somos responsáveis diante de Deus por tudo que desfrutamos e que, daquele a quem muito se confia, muito mais lhe será exigido. Sejam sensíveis à verdade. Somos as pessoas mais favorecidas da terra. No verdadeiro sentido, somos “uma figueira plantada na... vinha”. Não esqueçamos que nosso grande Senhor espera “frutos”.

Em segundo, desta passagem aprendemos que *é muitíssimo perigoso ser infrutífero diante de tantos privilégios espirituais*. A maneira como nosso Senhor transmitiu essa lição é impressionante. Ele nos mostrou o dono da figueira estéril lamentando que ela não produzia qualquer fruto: “Há três anos venho procurar fruto nesta figueira e não acho”. Descreveu-o como alguém que ordenou a destruição da figueira, que ele via como algo que ocupava sem utilidade o chão: “Podes cortá-la; para que está ela ainda ocupando inutilmente a terra?” Em seguida, Jesus apresentou o viticultor apelando em favor da figueira, para que esta fosse poupada um pouco mais: “Senhor, deixa-a ainda este ano”. E Jesus concluiu a parábola

colocando as terríveis palavras nos lábios do viticultor: “Se vier a dar fruto, bem está; se não, mandarás cortá-la”.

Existe uma advertência clara nestes versículos para todas as igrejas que declaram pertencer a Cristo. Se os pastores de tais igrejas não estiverem pregando a sã doutrina e seus membros não estiverem vivendo vidas santas, todos estão em iminente perigo de serem destruídos. Deus os observa e registra todos os seus caminhos. Eles podem participar de abundantes cerimônias religiosas; podem cobrir-se com as folhas da formalidade, dos ministérios e das ordenanças. Porém, se estão destituídos do fruto do Espírito, são reputados como plantas que ocupam inutilmente o solo. A menos que se arrependam, serão cortados. Foi isto o que ocorreu à comunidade judaica quarenta anos após a ascensão de nosso Senhor. Isso também já aconteceu a outras igrejas. E, infelizmente, acontecerá a muitas até que o fim venha. O machado será posto à raiz de muitas igrejas infrutíferas. A sentença ainda ecoará: “Podes cortá-la”.

Temos ainda nesta passagem uma advertência mais evidente para todas as pessoas não-convertidas. Em todas as igrejas existem muitas pessoas que ouvem o evangelho e estão penduradas à beira do abismo da perdição. Durante muitos anos, elas têm vivido na melhor parte da vinha de Deus, mas, apesar disso, não produzem qualquer fruto. Têm ouvido a fiel pregação do evangelho durante incontáveis domingos e, apesar disso, não o aceitaram, não tomaram sua cruz e não seguem a Cristo. Talvez não estejam cometendo pecados notórios, mas nada fazem para a glória de Deus. Não existe coisa alguma positiva em seu cristianismo. De todos eles o Senhor da vinha pode afirmar com certeza: “Há... anos venho procurar fruto nesta figueira e não acho; podes cortá-la; para que está ela... ocupando inutilmente a terra?” Existem miríades de pessoas que professam ser crentes que se encontram nessa condição. Não fazem a menor idéia de quão perto se encontram da condenação eterna. Jamais nos esqueçamos que nos contentarmos em assistir os cultos e ouvir sermões, enquanto não produzimos frutos em nossas vidas, é um comportamento muito ofensivo a Deus. Provoca-Lhe a ordenar que sejamos cortados inesperadamente.

Por último, destes versículos aprendemos *que temos um infinito débito para com a misericórdia de Deus e a intercessão de Cristo*. Parece impossível extrair qualquer outra lição do sincero apelo do viticultor: “Senhor, deixa-a ainda este ano”. Com certeza, vemos como por espelho a benignidade de Deus e a mediação de Cristo.

A misericórdia tem sido chamada de o atributo favorito de Deus. Poder, pureza, justiça, santidade, sabedoria, imutabilidade, todos são atributos que constituem o caráter de Deus e de inúmeras maneiras têm sido manifestados no mundo, tanto nas obras quanto na Palavra de Deus.

Mas, se existe uma das perfeições divinas que Ele tem prazer em demonstrar ao homem, de maneira mais evidente do que qualquer outra, essa perfeição sem dúvida é sua misericórdia. Ele é um Deus que “tem prazer na misericórdia” (Mq 7.18).

A misericórdia baseada na mediação de um Salvador vindouro foi o motivo por que Adão e Eva não foram lançados no inferno no dia em que caíram no pecado. A misericórdia tem sido a causa por que Deus tem suportado este mundo sobrecarregado de pecado e ainda não tem exercido o juízo. A misericórdia até agora é o motivo por que os pecadores não-convertidos são poupados por tanto tempo e não destruídos em seus próprios pecados. Provavelmente não temos a menor idéia de quanto todos nós devemos à paciência de Deus. O último dia comprovará que toda a humanidade estava em débito para com a misericórdia de Deus e a mediação de Cristo. Mesmo aqueles que estão eternamente perdidos descobrirão, para sua vergonha, que por causa das misericórdias do Senhor eles não foram consumidos ainda em vida. E, no que se refere aos salvos, uma aliança de misericórdia será a sua total reivindicação no Dia do Juízo.

E qual é a nossa situação? Somos frutíferos ou infrutíferos? Acima de todas as outras coisas, esta é a pergunta que mais deve nos preocupar. O que Deus vê em nós ano após ano? Estejamos atentos para vivermos de tal modo que Ele veja fruto em nós.

A Cura de Uma Mulher Enferma Durante Dezoito Anos

Leia Lucas 13.10-17

Vemos nestes versículos *um admirável exemplo de diligência na utilização dos meios da graça*. Somos informados que veio a Jesus uma “mulher possesa de um espírito de enfermidade, havia já dezoito anos; andava ela encurvada, sem de modo algum poder endireitar-se”. Não sabemos quem era essa mulher. Nosso Senhor disse que era uma “filha de Abraão”; isto deve nos levar à conclusão de que essa mulher era uma verdadeira crente. Mas seu nome e história foram ocultados ao nosso conhecimento. Sabemos apenas isto: quando Jesus ensinava “no sábadu numa das sinagogas”, essa mulher se encontrava ali. A enfermidade não era uma desculpa para impedi-la de vir à casa de Deus. Apesar de seu sofrimento e enfermidade, ela se dirigiu ao lugar onde o dia e a Palavra de Deus eram honrados e onde o povo de Deus se reunia. E realmente foi

abençoada nessa realização. Encontrou recompensa abundante para as suas dores. Ela veio entristecida e voltou para casa regozijando-se.

A conduta dessa judia sofredora pode envergonhar muitos que professam ser cristãos e desfrutam de boa saúde e vigor físico. Quantas pessoas que se encontram em pleno gozo de saúde física permitem que as mais frívolas desculpas as mantenham afastadas da Casa de Deus. Quantos estão constantemente gastando todo o domingo em ociosidade, em busca de prazeres e negócios, escarnecendo e zombando daqueles que “santificam” o dia do Senhor! Quantos imaginam que freqüentar o culto público uma vez por semana, no domingo, é uma grande realização e consideram o vir em qualquer outra ocasião como um desnecessário excesso de zelo característico do fanatismo! Quantos acham cansativos os cultos de adoração, enquanto os assistem, e sentem-se aliviados quando estes acabam! Poucos realmente manifestam possuir o mesmo espírito de Davi, que disse: “Alegrei-me quando me disseram: Vamos à Casa do SENHOR” (SI 122.1); “Quão amáveis são os teus tabernáculos, SENHOR dos Exércitos!” (SI 84.1)

Ora, que explicação podemos dar? Qual é a razão por que tão poucos são semelhantes à mulher sobre a qual lemos nesta passagem bíblica? A resposta, mais uma vez, é curta e simples. A maioria não tem o coração disposto para a adoração a Deus, não tem prazer na presença ou no dia do Senhor. “O pendor da carne é inimizade contra Deus” (Rm 8.7). No momento em que uma pessoa se converte, as supostas dificuldades para prestar culto a Deus desaparecem. O novo coração não vê obstáculos em “santificar” o dia do Senhor. Onde há boa vontade, sempre existe uma solução.

Jamais nos esqueçamos de que nossos conceitos a respeito do dia do Senhor constituem um teste comprobatório do estado de nossa alma. O homem que não encontra satisfação em conceder a Deus um dia da semana evidentemente está despreparado para o céu. O próprio céu não é outra coisa senão um eterno dia do Senhor. Se não pudermos passar algumas horas na adoração a Deus, uma vez por semana, neste mundo, é evidente que não poderemos passar uma eternidade em sua adoração no mundo por vir. Felizes são aqueles que andam nos passos dessa mulher. Acharão a Cristo e serão abençoados, enquanto vivem neste mundo; receberão a glória e se encontrarão com Ele, quando morrerem.

Em segundo, vemos nestes versículos *o infinito poder de nosso Senhor Jesus Cristo*. Quando nosso Senhor viu aquela mulher sofredora, “chamou-a até Ele e disse-lhe: Mulher, estás livre da tua enfermidade”; e impôs-lhe as mãos. Esse toque das mãos de Cristo foi acompanhado por uma miraculosa virtude curadora. Instantaneamente, uma enfermidade que permanecia por dezoito anos se retirou diante do Senhor da vida — “ela imediatamente se endireitou e dava glória a Deus”.

Sem dúvida, um milagre tão grandioso foi realizado com a intenção de fornecer esperança e conforto para almas que sofrem por causa do pecado. Nada é impossível para Cristo. Ele é capaz de amolecer os corações que parecem ser tão duros quanto pedras de moinho. Ele pode dobrar vontades obstinadas que durante “dezoito anos” têm se dedicado à satisfação pessoal, ao pecado e ao mundo. O Senhor Jesus pode capacitar pecadores que por muito tempo têm admirado as coisas terrenas a volverem seus olhos para o alto e contemplarem o reino de Deus. Nada é extremamente difícil para o Senhor. Ele pode criar, transformar, renovar, humilhar, edificar e vivificar com irresistível poder. Aquele que criou o mundo a partir do nada continua vivo e imutável.

Apropriemo-nos de tão preciosa verdade e não a deixemos escapar. Jamais nos desesperemos quanto à nossa salvação. Nossos pecados talvez sejam inumeráveis. Nossas vidas provavelmente tenham sido gastas, durante muitos anos, em coisas deste mundo e tolices. Nossa juventude talvez foi desperdiçada em excessos que arruinam a alma, dos quais nos sentimos tristemente envergonhados. Mas estamos dispostos a vir a Cristo e confiar-lhe nossa alma? Se estamos, então, há esperança. Ele pode nos curar completamente e dizer: “Estás livre da tua enfermidade”. Não percamos a esperança quanto à salvação de outras pessoas, enquanto elas viverem. Apresentemos seus nomes ao Senhor, dia e noite, e Lhe supliquemos em favor delas. Talvez tenhamos parentes cuja situação parece desesperadora por causa de sua impiedade. Mas isto não é verdade; não existem casos incuráveis para Cristo. Se Ele impuser suas mãos restauradoras sobre tais pessoas, elas ficarão curadas e glorificarão a Deus. Oremos e não desfaleçamos. A afirmação de Jó é digna de inteira confiança: “Bem sei que tudo podes” (Jó 42.2). Jesus é poderoso para salvar totalmente.

Por último, vemos nestes versículos *a correta observância do dia do Senhor afirmada e defendida por nosso Senhor Jesus Cristo*. O chefe da sinagoga em que se realizou a cura dessa mulher acusou-O de ter quebrado o quarto mandamento. Com isso, ele trouxe sobre si mesmo uma repreensão severa mas justa: “Hipócritas, cada um de vós não desprende da manjedoura, no sábado, o seu boi ou o seu jumento, para levá-lo a beber?” Se era permitido satisfazer as necessidades dos animais no sábado, quanto mais isso se aplicaria aos seres humanos! Se a manifestação de bondade aos bois e aos jumentos não constituía uma quebra do quarto mandamento, tanto menos o constituiria a demonstração de bondade a uma filha de Abraão.

O princípio aqui estabelecido por nosso Senhor é o mesmo que encontramos em outras passagens dos evangelhos. Ele nos ensina que a ordem para “não trabalhar” no sábado não tinha o propósito de proibir obras

necessárias e misericordiosas. O dia de descanso foi feito para o benefício do homem e não para prejudicá-lo. Foi designado para promover os melhores e mais elevados interesses do homem e não para impedi-lo de fazer qualquer coisa que realmente contribui ao seu bem. Exige somente bom senso e sabedoria. Não proíbe nada que é verdadeiramente necessário ao conforto do homem.

Devemos orar para que tenhamos um entendimento correto do mandamento que se refere ao dia de descanso. De todos os mandamentos que Deus nos outorgou, nenhum outro é tão essencial à felicidade do homem e nenhum outro é, com frequência, tão mal compreendido, abusado e desprezado. Estabelecamos para nós duas regras básicas quanto à observância do dia de descanso e jamais nos apartemos delas: primeira, façamos apenas aquilo que é absolutamente necessário. Segunda, santifiquemos esse dia e o dediquemos ao Senhor. A experiência nos mostra que existe uma conexão íntima entre a santificação do domingo e a saúde de nossa vida espiritual.

A Parábola do Grão de Mostarda e do Fermento

Leia Lucas 13.18-21

As duas parábolas contidas nestes versículos possuem um interesse peculiar. Elas foram proferidas por nosso Senhor em duas ocasiões e em dois períodos distintos de seu ministério; um fato que deveria nos fazer tributar mais diligente atenção às lições que as parábolas transmitem. Descobriremos que suas lições são ricas em verdades proféticas e experimentais.

A parábola do grão de mostarda tem o objetivo de mostrar *o progresso do evangelho no mundo*. O início do evangelho foi muitíssimo insignificante. Foi semelhante a “um grão de mostarda que um homem plantou na sua horta”. O cristianismo em seu início era uma religião que parecia tão frágil, desamparada e sem poder, que não sobreviveria. Seu fundador era alguém pobre neste mundo e terminou sua vida morrendo como malfeitor em uma cruz. Seus primeiros seguidores eram um pequeno grupo cujo número provavelmente não passava de mil, quando nosso Senhor deixou o mundo. Seus primeiros pregadores eram pescadores e publicanos que, em sua maioria, eram incultos. Seu ponto de partida foi um lugar desprezível chamado Judéia, uma província tributária do vasto império

romano. Sua principal doutrina fora eminentemente idealizada para despertar a inimizade natural do coração humano. Cristo crucificado era uma pedra de tropeço para os judeus e tolice para os gentios. As primeiras movimentações do cristianismo trouxeram para seus seguidores perseguição de todos os lados. Fariseus e saduceus, judeus e gentios, idólatras que não conheciam a Deus e filósofos presunçosos — todos concordaram em odiar e oporem-se ao cristianismo. Era uma seita contra a qual se falava em todos os lugares. Não são afirmações vazias e sim são fatos históricos que ninguém pode negar. Se já houve uma religião que em seu princípio era semelhante a um grão de mostarda, essa religião foi o cristianismo.

Mas o progresso do evangelho, à semelhança da semente plantada na terra, foi grande, estável e contínuo. O grão de mostarda “cresceu e fez-se árvore”. Apesar da perseguição, oposição e violência, o cristianismo se propagou gradualmente e cresceu. Ano após ano, seus seguidores tornaram-se numerosos. Ano após ano, a idolatria decrescia diante do cristianismo. Cidade após cidade, país após país recebiam a nova fé. Igreja após igreja era estabelecida em quase todos os lugares da terra. Pregador após pregador surgia, e missionário após missionário se levantava para ocupar o lugar daqueles que morriam. Os imperadores romanos e os filósofos pagãos, às vezes por meio da força, às vezes por meio de argumentos, tentaram em vão obstruir o progresso do cristianismo. Também poderiam ter procurado impedir que a maré fluísse ou que o sol não surgisse no horizonte. Em poucos séculos, a religião do Nazareno desprezado, a religião que havia começado em um cenáculo de Jerusalém, espalhara-se por todo o mundo civilizado. Era confessada por quase toda a Europa, uma parte da Ásia e todo o norte da África. As palavras proféticas da parábola cumpriram-se literalmente. O grão de mostarda “cresceu e fez-se árvore; e as aves do céu aninharam-se nos seus ramos”. O Senhor Jesus disse que assim aconteceria, e assim aconteceu.

É uma parábola que nos ensina a nunca desesperar de qualquer obra para Cristo, ainda que seu início tenha sido insignificante e frágil. Um pregador que está sozinho em alguma parte negligenciada da cidade, um missionário que trabalha entre muitos selvagens, um ministro do evangelho que se esforça para melhorar uma igreja corrupta e impura — todos (e cada um deles) à primeira vista podem parecer completamente incapazes de fazer algum bem. Aos olhos de muitos, a obra pode aparentar ser muito grande e o instrumento para realizá-la, bastante desproporcional à obra. Nunca alimentemos tais pensamentos. Recordemos essa parábola e tenhamos coragem. Quando o dever torna-se claro, não devemos levar em conta os números e consultar a carne e o sangue. Devemos crer que um homem que tem a semente da verdade de Deus ao seu lado, tal como Lutero ou Knox, pode transtornar uma nação. Se Deus estiver com ele,

ninguém será contra ele. Apesar do esforço de homens e de demônios, a semente que ele está plantando crescerá e se tornará uma grande árvore.

A parábola do fermento tem o objetivo de nos mostrar *o progresso do evangelho no coração de um crente*. A atividade inicial da obra da graça divina em um pecador geralmente é insignificante. É semelhante a misturar o fermento em uma massa de farinha. Uma simples sentença de um sermão ou apenas um versículo das Escrituras, uma repreensão proveniente de um amigo ou uma casual advertência sobre coisas espirituais, um folheto entregue por um estranho ou um insignificante ato de bondade recebido da parte de um crente — fatos semelhantes com frequência são o ponto de partida na vida de uma alma. As primeiras manifestações da vida espiritual habitualmente são pequenas em extremo — tão pequenas, que por algum tempo são conhecidas somente por aquele que as possui, mas, assim mesmo, não as entende completamente. Alguns pensamentos sérios, que comovem a consciência, um desejo de orar de maneira genuína e não formal, uma determinação para começar a ler a Bíblia em particular, um gradual interesse pelos meios da graça, um crescente interesse pelos assuntos espirituais, um ódio crescente pelos hábitos maus e companhias ímpias — esses, ou alguns desses, são os primeiros sintomas de que a graça divina começou a agir no coração de uma pessoa. São sintomas que o mundo incrédulo não percebe, que os crentes pouco instruídos podem desprezar e sobre os quais mesmo os crentes mais velhos podem enganar-se. No entanto, são os primeiros passos na poderosa atividade da conversão; constituem o “fermento” da graça operando no coração de uma pessoa.

Uma vez que a obra da graça iniciou-se em um coração, ela jamais permanecerá quieta. Crescerá gradualmente, “até ficar tudo levedado”. À semelhança do fermento colocado na massa, a obra da graça não pode ser separada daquilo com o que ela foi misturada. Pouco a pouco, ela influenciará a consciência, as afeições, a mente e a vontade, até que todo o homem seja afetado pelo seu poder e ocorra uma completa conversão a Deus. Sem dúvida, em alguns casos o progresso é mais rápido do que em outros, e o resultado é mais claramente observado e decidido do que em outros. Mas, em qualquer coração que se inicia a verdadeira obra do Espírito Santo, todo o caráter da pessoa mais cedo ou mais tarde é “levedado” e transformado. Suas predileções são alteradas; toda as disposições de sua mente tornam-se diferentes. “E, assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas” (2 Co 5.17). O Senhor Jesus disse que seria assim, e a experiência comprova que assim tem sido.

Aprendamos da parábola a jamais desprezar “o dia dos humildes co-

meços” (Zc 4.10). A alma precisa engatinhar, antes que possa andar; e andar, antes que seja capaz de correr. Se vemos qualquer dos sintomas da graça começando a manifestar-se em algum irmão, embora o sintoma seja fraco, agradeçamos a Deus e tenhamos esperança. O fermento da graça tendo sido colocado naquele coração ainda fermentará toda a massa. Aquele que começou a boa obra a completará até ao Dia de Cristo Jesus (Fp 1.6).

Perguntemos a nós mesmos se existe algo da obra da graça em nosso coração. Estamos descansando satisfeitos com alguns desejos e convicções vazios? Ou conhecemos por experiência própria a graça que gradualmente cresce, propaga-se, aumenta e fermenta-se em nosso íntimo? Nada menos do que isso deve contentar-nos. A verdadeira obra do Espírito Santo nunca permanecerá quieta; fermentará toda a massa.

O Número dos Salvos; O Dever de Esforçar-se Para Entrar no Reino dos Céus

Leia Lucas 13.22-30

Vemos inicialmente nestes versículos *uma pergunta notável*. Certo homem disse a Jesus: “Senhor, são poucos os que são salvos?” Não sabemos quem era este homem. Poderia ser um judeu cheio de justiça própria, ensinado a crer que não havia esperança fora da circuncisão e que existia salvação apenas para os filhos de Abraão. Poderia ter sido um ocioso zombador das coisas espirituais, que estava sempre desperdiçando seu tempo em assuntos curiosos e especulativos. Em qualquer desses casos, todos nós podemos concordar que ele fez uma pergunta de importância extraordinária.

Aquele que deseja saber a quantidade de pessoas salvas na dispensação presente precisa apenas ler as Escrituras, e sua curiosidade será satisfeita. Encontrará no Sermão do Monte essas palavras solenes: “Porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela” (Mt 7.14). Terá apenas de olhar ao seu redor e comparar com as Escrituras os caminhos que muitos seguem; logo concluirá, se for sincero em seu coração, que os salvos são poucos. Essa é uma conclusão terrível. Nossa alma naturalmente rejeita essa idéia. No entanto, a Bíblia e os fatos combinam-se para silenciar essa rejeição. A salvação completa é oferecida aos homens. Da parte de Deus, tudo está pronto. Cristo está disposto a receber os pecadores; mas estes não estão dispostos a vir a Cristo. Por isso, os salvos são poucos.

Em segundo, vemos nestes versículos *uma exortação admirável*. Ao ser perguntado se poucos seriam salvos, nosso Senhor respondeu: “Esforçai-vos por entrar pela porta estreita, pois eu vos digo que muitos procurarão entrar e não poderão”. Ele dirigiu essas palavras a todos os seus ouvintes. Ele achou melhor não satisfazer a curiosidade daquele que O questionou, oferecendo-lhe uma resposta direta. Preferiu antes incutir em sua mente e na dos outros ouvintes o seu dever imediato. Ao pensarem sobre a situação de suas próprias almas, obteriam a resposta. Ao esforçarem-se por entrar pela porta estreita, logo perceberiam se os salvos eram muitos ou poucos.

Não importa o que os outros fazem a respeito de sua vida espiritual, o Senhor deseja que conheçamos com clareza o nosso dever. A porta é estreita. A obra é grandiosa. Os inimigos de nossa alma são muitos. Temos de levantar-nos e entrar. Não devemos esperar por ninguém. Não temos de perguntar o que os outros estão fazendo ou se muitos de nossos vizinhos, amigos e parentes estão servindo a Cristo. A incredulidade e a indecisão de outros não serão desculpas no último dia. Não devemos seguir a multidão para praticar o mal. Se formos para o céu sozinhos, precisamos determinar que é pela graça de Deus que iremos. Se tivermos muitos ou poucos junto conosco, a exortação para nós é clara: “Esforçai-vos por entrar”.

Não importa o que os outros pensam a respeito de sua vida espiritual, Cristo deseja que saibamos que somos responsáveis diante de sua exortação. Não devemos permanecer parados, continuando no pecado e vivendo de acordo com o mundo, esperando pela graça de Deus. Não devemos prosseguir tranqüilamente em nossa impiedade, escondendo-nos atrás da inútil desculpa de que não podemos fazer nada, até que sejamos atraídos por Deus. Temos de nos aproximar dEle através da utilização dos meios da graça. Como podemos fazê-lo é uma indagação com a qual não devemos nos inquietar. Em nossa obediência, os nós serão desatados. A ordem é clara e inconfundível: “Esforçai-vos por entrar”.

Em terceiro, vemos aqui *a descrição de um dia de terrível solenidade*. Nosso Senhor nos falou sobre um tempo quando “o dono da casa” se levantará e fechará a porta, e alguns já terão entrado no reino de Deus e outros ficarão “do lado de fora” para sempre. No que se refere ao significado dessas palavras, não pode haver dúvidas. Descrevem a segunda vinda de Cristo e o Dia do Juízo.

Virá o dia em que acabará a paciência de Deus para com os pecadores. A porta da misericórdia, que por tanto tempo se encontra aberta, finalmente será fechada. A fonte aberta para a purificação de todo o pecado e impureza será fechada. O trono da graça será removido e, em seu lugar, será estabelecido o trono de juízo. O maior julgamento do mundo terá início. Todos os impenitentes e incrédulos serão banidos para sempre da presença

de Deus. Os homens descobrirão que existe uma coisa chamada “a ira do Cordeiro” (Ap 6.16).

Virá o dia em que os crentes em Cristo receberão seu completo galardão. O Senhor da grande casa nos céus reunirá seus servos e dará a cada um deles a imarcescível coroa de glória. Eles se assentarão ao lado de Abraão, Isaque e Jacó e descansarão para sempre de suas lutas e labores. Serão fechados, no lado de dentro, com Cristo, os anjos e todos os outros crentes no reino dos céus; o pecado, a morte, a tristeza, o mundo e o diabo ficarão eternamente do lado de fora. Os homens por fim verão: “O que semeia justiça terá recompensa verdadeira” (Pv 11.18).

Por último, vemos nestes versículos *uma profecia perscrutadora*. Nosso Senhor nos contou que no dia de sua segunda vinda, “muitos procurarão entrar” pela porta estreita “e não poderão”. Eles baterão, “dizendo: Senhor, abre-nos a porta”; mas não serão admitidos. Com sinceridade, apelarão: “Comíamos e bebíamos na tua presença, e ensinavas em nossas ruas”. Mas seu apelo será inútil. Ouvirão a resposta solene: “Não sei donde vós sois; apartai-vos de mim, vós todos os que praticais iniquidades”. Professar o cristianismo e ter um conhecimento formal de Cristo não salvará a ninguém que tem servido ao mundo e ao pecado.

Existe algo peculiarmente admirável na linguagem de nosso Senhor nessa profecia. Revela-nos o terrível fato de que os homens poderão ver o que é correto quando for demasiadamente tardio para que sejam salvos. Haverá um tempo em que, tarde demais, muitos se arrependerão e crerão, sentirão pesar, farão súplicas, se preocuparão com sua salvação e desejarão entrar no céu. Muitos acordarão no mundo por vir e se convencerão de verdades nas quais recusaram crer. A terra é o único lugar da criação de Deus onde existe todo tipo de infidelidade; o inferno é tão-somente o lugar onde a verdade é reconhecida tarde demais.

Recordar passagens como esta deveria nos incentivar a estabelecer um valor verdadeiro acerca das coisas que nos rodeiam. Dinheiro, posição, prazeres e grandeza são as coisas que o mundo mais valoriza. Orar, crer, viver com santidade e familiarizar-se com Cristo são atitudes desprezadas, ridicularizadas e consideradas de pouco valor. Mas, um dia, acontecerá uma grande mudança! As últimas coisas se tornarão as primeiras, e as primeiras se tornarão as últimas. Estejamos preparados para essa mudança.

Perguntemos a nós mesmos: estamos entre aqueles que são muitos ou entre os que são poucos? Sabemos alguma coisa a respeito de lutar e guerrear contra o pecado, o mundo e o diabo? Estamos prontos para vinda do Senhor, quando Ele fechará a porta? A pessoa que pode responder satisfatoriamente estas perguntas é um verdadeiro cristão.

O Tempo de Nossa Vida, nas Mãos de Deus; As Compassivas Palavras de Jesus Referentes a Jerusalém

Leia Lucas 13.31-35

Destes versículos aprendemos *quão inteiramente Deus tem controle sobre nossas circunstâncias*. Nosso Senhor nos ensinou essa verdade ao responder à solicitação de que partisse dali, porque Herodes desejava matá-lo. Ele disse: “Hoje e amanhã, expulso demônios e curo enfermos”. Não havia chegado ainda o tempo para Ele deixar o mundo. Sua obra ainda não estava concluída. Até que chegasse o momento específico, Herodes não teria poder para fazer-Lhe qualquer mal. Até que a obra estivesse terminada, nenhuma arma forjada contra Ele prosperaria.

Existe algo nas palavras de nosso Senhor que exige a atenção de todos os verdadeiros crentes. Elas demonstram uma atitude de espírito que abençoa todos os que a imitem. Sem dúvida, nosso Senhor estava falando com uma perspectiva profética sobre coisas que aconteceriam. Ele conhecia a hora de sua própria morte e sabia que esse tempo ainda não havia chegado. É lógico que um conhecimento prévio como esse não é concedido aos crentes em nossa época. No entanto, existe algo que não devemos esquecer. Em certa medida, ter a mente de Cristo deve ser nosso alvo. Temos de almejar possuir um espírito de calma e inabalável confiança no que se refere às coisas por vir. Devemos cultivar meios de possuir um coração que “não se atemoriza de más notícias” e que com tranquilidade e firmeza confia no Senhor (Sl 112.7).

Este é um assunto delicado, tão importante à nossa felicidade, que demanda consideração. Jamais tenhamos a intenção de ser fatalistas, como os muçulmanos, ou insensíveis, como os estóicos. Não podemos negligenciar o uso dos meios ou omitir todas as prudentes provisões para o futuro desconhecido. Negligenciar os meios equivale a fanatismo e não à fé bíblica. Mas, após termos feito tudo, devemos lembrar que, embora tenhamos de cumprir nossas obrigações, os acontecimentos pertencem a Deus. Portanto, devemos nos esforçar para deixar nas mãos de Deus as coisas futuras e não ficarmos excessivamente ansiosos a respeito de nossa saúde, família, dinheiro e planos. Cultivar essa mentalidade aumentará intensamente nossa paz. Muitas de nossas preocupações e temores referem-se a coisas que nunca chegam a acontecer! Feliz é aquele que anda nos passos de Jesus e pode afirmar: “Receberei o que é bom para mim. Viverei no mundo até que minha obra esteja completamente realizada, e nenhum momento além. Serei levado somente quando estiver amadurecido para a

vida na eternidade, nem um minuto antes. Todos os poderes do mundo não podem tirar-me a vida, até que Deus o permita. Os melhores médicos da terra não poderão preservá-la, quando Ele me chamar para o céu”.

Em tais pensamentos existe algo que está além do alcance do homem? Absolutamente, não. Os crentes possuem uma aliança eterna, em tudo bem definida e segura (2 Sm 23.5). Todos os cabelos da cabeça deles estão contados (Mt 10.30). Seus passos são firmados pelo Senhor (Sl 37.23). Todas as coisas cooperam para o bem deles (Rm 8.28). Quando são disciplinados, isso ocorre para o seu bem (Hb 12.10). Quando estão doentes, é por causa de algum propósito sábio (Jo 11.4). As Escrituras afirmam que eles possuem tudo — a vida, a morte, as coisas presentes e as futuras (1 Co 3.22). Não existe sorte, acaso, chance ou acidente na vida de um crente. Há somente uma coisa que pode deixar o crente quieto, calmo, inabalável e tranqüilo — a fé em exercício ativo. Precisamos orar diariamente por esse tipo de fé. Poucos realmente a conhecem. A fé exercida por muitos crentes é bastante espasmódica e caprichosa. Por falta de uma fé consistente e firme, poucos crentes podem dizer, assim como Cristo: “Andarei hoje e amanhã e não morrerei enquanto minha obra não estiver realizada”.

Também aprendamos destes versículos *quão grande é a compaixão de nosso Senhor Jesus Cristo para com os pecadores*. O fato é ressaltado de maneira intensa na linguagem de nosso Senhor a respeito de Jerusalém. Ele conhecia bem a maldade daquela cidade, os crimes que ali haviam sido cometidos em tempos passados e o que Lhe aconteceria por ocasião de sua crucificação. Ainda assim, falou a Jerusalém nestes termos: “Quantas vezes quis eu reunir teus filhos como a galinha ajunta os do seu próprio ninho debaixo das asas, e vós não o quisestes!”

Entristece o Senhor Jesus ver os pecadores prosseguirem em sua impiedade. Estas são as suas palavras: “Tão certo como eu vivo... não tenho prazer na morte do perverso” (Ez 33.11). Todos os não-convertidos devem recordar: ofender os pais, amigos, vizinhos e líderes religiosos pouco significa; existe Alguém mais elevado a Quem eles entristecem profundamente por meio de sua conduta. Eles ofendem diariamente a Cristo.

O Senhor Jesus está disposto a salvar os pecadores. Ele não quer que alguém “pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento”; “deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade” (2 Pe 3.9; 1 Tm 2.4). Este é um poderoso ensino do evangelho, um ensino que deixa perplexos muitos teólogos inexperientes e superficiais. Mas o que dizem as Escrituras? As palavras de Jesus, nos versículos que acabamos de citar, são evidentes. “Quantas vezes quis eu reunir teus filhos”, disse Jesus, “e vós não o quisestes”. A vontade da pessoa incrédula,

que possui coração endurecido, e não a vontade de Cristo é a causa por que pecadores estão perdidos para sempre. Cristo quer salvá-los, mas eles não querem ser salvos.

Eis aqui uma verdade deve ser guardada no mais profundo de nosso coração e produzir frutos em nossa vida. Devemos entender claramente que, se morrermos em nossos pecados e formos lançados no inferno, nosso sangue recairá sobre nossa própria cabeça. Não podemos atribuir a culpa a Deus, o Pai, ou a Cristo, o Redentor, ou ao Espírito Santo, o Consolador. As promessas dos evangelhos são amplas e abrangentes. A disposição de Cristo para salvar os pecadores é assegurada de maneira inconfundível nas Escrituras. Se perdermos nossa alma, não poderemos culpar a ninguém, exceto a nós mesmos. As palavras de Cristo se tornarão nossa condenação: “Não quereis vir a mim para terdes vida” (Jo 5.40).

Estejamos atentos para que, ao ler passagens como esta, não sejamos mais sábios do que as Escrituras. É um erro grave ser mais sábio do que as coisas escritas na Bíblia. Nossa salvação depende exclusivamente de Deus: jamais esqueçamos. Somente os eleitos serão salvos — “Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxe” (Jo 6.44). Porém, nossa perdição, se formos condenados, depende exclusivamente de nós mesmos. Ceifaremos o fruto de nossa própria escolha; descobriremos que perdemos nossa alma. Unida a essas duas verdades, existe outra que devemos sempre afirmar com convicção e dela nunca nos afastarmos. Há profundo mistério no assunto; nossa mente é imperfeita para compreender tudo agora. No entanto, o entenderemos posteriormente. Um dia, a soberania de Deus e a responsabilidade do homem se manifestarão em perfeita harmonia. Enquanto isso, apesar de nossas dúvidas, jamais questionemos a infinita prontidão de Cristo para salvar os pecadores.

Cristo Come Pão na Casa de um Fariseu; A Doutrina da Observância do Dia de Descanso

Leia Lucas 14.1-6

Observemos inicialmente nesta passagem *como nosso Senhor aceitou a hospitalidade daqueles que não eram seus discípulos*. Lemos que Jesus entrou “num sábio na casa de um dos principais fariseus para comer pão”. Não podemos imaginar que aquele fariseu era amigo de Cristo. Apenas fez o que era habitual à sua posição. Ele viu alguém ensinando coisas espirituais, alguém que era considerado um profeta, e O convidou

para alimentar-se em sua casa. O fato que deve nos interessar é este: ao ser feito o convite, o Senhor Jesus o aceitou.

Se desejamos saber como nosso Senhor se comportou à mesa na casa do fariseu, precisamos somente ler com atenção os primeiros vinte e quatro versículos deste capítulo. Nós O encontramos agindo da mesma maneira que agia sempre em todos os lugares, sempre tratando dos negócios de seu Pai. Primeiramente, nós O vemos defendendo a correta observância do dia de descanso; em seguida, explicando aos que com Ele ali estavam reunidos a natureza da verdadeira humildade; depois, incutindo na mente de seu anfitrião o caráter da hospitalidade autêntica e, por fim, transmitindo aquela mais conveniente e admirável parábola, a parábola da grande ceia. Ele fez tudo com muita sabedoria, calma e dignidade. Todas as suas palavras foram oportunas. Sua conversa era sempre “agradável, temperada com sal” (Cl 4.6). A perfeição do comportamento de nosso Senhor se manifestou nessa ocasião, assim como em todas as outras. Ele sempre dizia a coisa certa, na ocasião oportuna e da maneira correta. Nunca esquecia, por um momento sequer, quem Ele mesmo era e onde se encontrava.

O exemplo de Cristo nesta passagem merece profunda atenção de todos os crentes, em especial dos ministros do evangelho. Torna bem claros alguns assuntos difíceis — nosso relacionamento com pessoas incrédulas, até que ponto podemos estender esse relacionamento, a maneira como devemos nos comportar quando estamos juntos com eles. Neste capítulo, nosso Senhor deixou um padrão para nossa conduta. Nossa sabedoria consistirá em nos esforçarmos para andar nos passos dEle.

Não devemos esquivar-nos completamente do relacionamento com pessoas não-convertidas. Se fosse possível, agir assim seria covardia e negligência, pois nos privaria de muitas oportunidades para fazermos o bem. No entanto, devemos estar na companhia deles manifestando moderação, vigilância, em atitude de oração e com a firme resolução de realizar a obra e os interesses de nosso Senhor. O crente não deve esperar receber hospitalidade e tornar-se íntimo daqueles que deliberadamente recusam o Senhor. Até que ponto o crente deve estender seu relacionamento com os incrédulos é algo que cada um deve estabelecer por si mesmo. Alguns crentes podem ir mais avante do que outros, com alguma vantagem para aqueles com quem tais crentes convivem e sem prejuízo para si mesmos. “Cada um tem de Deus o seu próprio dom” (1 Co 7.7). No que se refere ao assunto, há duas perguntas que devemos sempre fazer a nós mesmos: “Estando na companhia de pessoas incrédulas, gasto meu tempo em conversas insignificantes e mundanas? Ou me esforço para seguir, embora com fraqueza, o exemplo de Cristo?” Se estamos na companhia de pessoas incrédulas e não podemos responder estas perguntas de maneira

satisfatória, faremos melhor em nos afastarmos de tais pessoas. Não sofreremos qualquer dano, se estivermos com pessoas incrédulas servindo-nos da mesma atitude que Cristo demonstrou nessa ocasião.

Em segundo, observemos nesta passagem *como nosso Senhor era observado por seus inimigos*. Somos informados que, ao dirigir-se no sábado à casa do fariseu para comer pão, “eis que o estavam observando”. Essa circunstância é uma figura daquilo a que Jesus esteve sujeito durante seu ministério terreno. Os olhos de seus inimigos estavam constantemente observando-O. Aguardavam um tropeço da parte dEle e esperavam com ansiedade por uma palavra ou atitude com a qual poderiam elaborar uma acusação. Mas não tiveram nenhuma. Nosso Senhor é sempre santo, sem malícia, dolo ou qualquer maldade. Realmente perfeita deve ter sido a vida em que a inimizade implacável não pôde encontrar qualquer falha, culpa, erro, imperfeição ou coisas desse tipo.

Aquele que deseja servir a Cristo deve estar disposto a ser observado, não menos do que o foi seu Senhor. Não pode esquecer que os olhos do mundo estão sobre ele e que seus caminhos estão sendo meticulosamente observados pelos ímpios. Em especial, precisa lembrar-se disso quando estiver na companhia de pessoas incrédulas. Se na ocasião cometer um deslize, em atos ou em palavras, e agir de maneira incoerente, pode estar certo de que isso não será esquecido.

Esforcemo-nos para viver cada dia como pessoas que andam sob os olhos de um Deus santo. Vivendo desse modo, pouco nos importará o quanto estamos sendo observados por um mundo intolerante e malicioso. Empenhamo-nos por ter uma consciência livre de culpa diante de Deus e dos homens, não fazendo coisa alguma que dê aos inimigos do Senhor ocasião de blasfêmia. Isto é possível. Pela graça de Deus, podemos fazê-lo. Os inimigos de Daniel foram obrigados a confessar: “Nunca acharemos ocasião alguma para acusar a este Daniel, se não a procurarmos contra ele na lei do seu Deus” (Dn 6.5).

Por último, observemos nesta passagem *como nosso Senhor assegurou a legitimidade de realizar obras de misericórdia no dia de descanso*. O Senhor Jesus curou um homem hidrópico, no sábado, e, a seguir, perguntou aos fariseus: “Qual de vós, se o filho ou o boi cair num poço, não o tirará logo, mesmo em dia de sábado?”. Era uma verdade desagradável da qual os fariseus estavam conscientes e da qual não podiam esquivar-se. Está escrito: “A isto nada puderam responder”.

A qualificação que nosso Senhor vinculou às exigências do quarto mandamento está evidentemente fundamentada nas Escrituras, na razão e no bom senso. O dia de descanso foi estabelecido para o benefício e não para o prejuízo do homem; para vantagem e não para injúria do homem. A interpretação da lei de Deus em referência ao dia de descanso jamais

teve o propósito de ser tão restrita, a ponto de impedir a realização de caridade e bondade, atendendo às reais necessidades das pessoas. Todas as interpretações que transmitem essa idéia anulam seu próprio objetivo. Exigem aquilo que o homem caído não pode cumprir e trazem descrédito a todo o quarto mandamento. Nosso Senhor percebeu isso com clareza e se empenhou, durante o seu ministério, para restaurar à sua correta posição essa parte preciosa da lei de Deus.

A seguir, faço algumas considerações sobre o princípio que nosso Senhor estabeleceu a respeito da observância do dia de descanso. O direito de fazer obras de *misericórdia* e *necessidade* tem sido abusado nestes últimos dias. Milhões de crentes parecem ter destruído o muro e ultrapassado os limites em referência ao dia sagrado. Parecem esquecer que, embora o Senhor tenha repetido freqüentemente o quarto mandamento, Ele nunca o anulou da lei de Deus ou disse que todos os crentes não têm obrigação de guardá-lo.

Alguém pode dizer que passear no domingo, exceto por causa de raras emergências, é uma obra de *misericórdia*? Alguém poderá nos informar se negociar, celebrar festas, realizar excursões, fazer entregas no domingo são obras de *misericórdia*? Os empregados, os lojistas, os maquinistas, os balconistas e os entregadores não têm alma? Não precisam de descanso para seus corpos e tempo para alimentar suas almas, assim como as outras pessoas? Todas são perguntas sérias sobre as quais muitos devem pensar.

Não importa o que os outros façam, procuremos “santificar” o dia do Senhor. Deus tem uma contenda com os crentes no que se refere à profanação do domingo. É um clamor que tem subido até aos céus e um dia terá a sua vindicação. Purifiquemo-nos desse pecado e de maneira alguma nos envolvamos nele. Se os outros estão decididos a roubar a Deus e a apropriarem-se do dia dEle, para realizarem seus propósitos egoístas, não sejamos participantes de seus pecados.

Jesus Recomenda a Humildade; Nossos Verdadeiros Convidados

Leia Lucas 14.7-14

Primeiramente, devemos aprender destes versículos o valor da *humildade*. É uma lição que nosso Senhor ensinou de duas maneiras: primeira, Ele advertiu os convidados ao jantar a assentarem-se no “último lugar”; segunda, ele fortaleceu a advertência declarando um grande

princípio, que freqüentemente fluiu de seus lábios — “Todo o que se exalta será humilhado; e o que se humilha será exaltado”.

A humildade pode ser chamada de a rainha de todas as virtudes cristãs. Reconhecer nossa própria pecaminosidade e fraqueza e sentir necessidade de Cristo é o início do cristianismo que salva. A humildade é a virtude que tem sido a característica distintiva no caráter dos crentes mais piedosos em todas as épocas. Abraão, Moisés, Jó, Davi, Daniel e Paulo, todos eles foram eminentemente humildes. Acima de tudo, é uma virtude que está ao alcance de todo verdadeiro crente. Nem todos eles possuem dinheiro para socorrer os necessitados; tampouco desfrutaram de tempo e oportunidade para trabalharem abertamente em favor de Cristo. E nem todos possuem capacidade de falar bem, habilidade e conhecimento para fazerem o bem no mundo. Mas todo homem verdadeiramente convertido deve se esforçar para adornar com humildade a doutrina que professa. Se não sentem-se capazes de fazer qualquer outra coisa, podem empenhar-se para serem humildes.

Sabemos qual a raiz e a fonte da humildade? Apenas uma palavra a descreve. O *conhecimento* correto é a raiz e a fonte da humildade. O homem que conhece a si mesmo e ao seu próprio coração, conhece a Deus e sua majestade e santidade infinitas, conhece a Cristo e o preço que Ele pagou por nossa redenção — tal homem jamais será orgulhoso. Assim como Jacó, haverá de considerar-se “indigno de todas as misericórdias” de Deus (Gn 32.10). À semelhança de Jó, dirá a respeito de si mesmo: “Sou indigno” (Jó 40.4). Clamará, assim como o apóstolo Paulo: “Eu sou o principal dos pecadores” (1 Tm 1.15). Não achará nada bom em si mesmo. Em humildade de espírito, julgará os outros melhores do que ele mesmo (Fp 2.3). Ignorância, nada menos do que ignorância — ignorância acerca de si mesmo, de Deus e de Cristo — é o verdadeiro segredo do orgulho. Devemos orar diariamente para sermos livres de tão miserável auto-ignorância. O homem sábio é aquele que conhece a si mesmo e, possuindo tal conhecimento, em seu íntimo não encontrará coisa alguma que o torne orgulhoso.

Em segundo, devemos aprender *o dever de cuidar dos pobres*. Nosso Senhor nos ensinou um dever utilizando um modo peculiar. Disse ao fariseu que O havia convidado para comer: “Quando deres um jantar ou uma ceia, não convides os teus amigos, nem teus irmãos, nem teus parentes, nem vizinhos ricos... Antes, ao dares um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos”.

O preceito contido aqui tem de ser interpretado com restrições consideráveis. É certo que nosso Senhor não tencionava proibir-nos de manifestar hospitalidade aos nossos parentes e amigos. Com certeza, Ele não tinha o propósito de encorajar-nos ao gasto inútil e abundante de

nosso dinheiro, dando-o aos pobres. Interpretar a passagem dessa forma a tornaria contrária a outras passagens claras das Escrituras. Interpretações como essas não podem estar corretas.

Mas, após ter dito isso, não podemos esquecer que esta passagem contém uma lição profunda e importante. Temos de ser cuidadosos em não limitar ou qualificar a lição, de modo que a reduzamos e a refinemos, a ponto de transformá-la em nada. A lição é clara e distinta: o Senhor Jesus deseja que nos preocupemos com nossos irmãos mais pobres e os ajudemos de acordo com nossas posses; Ele quer que saibamos que é um solene dever nunca negligenciar os pobres, e sim ajudá-los e socorrê-los em tempos de necessidade.

É uma lição que deve aprofundar-se em nosso coração. “Nunca deixará de haver pobres na terra” (Dt 15.11). Um pouco de ajuda outorgada aos pobres, com critério e na ocasião oportuna, aumentará intensamente sua felicidade, aliviará suas inquietações e promoverá bons sentimentos entre as classes sociais. É a vontade de Cristo que todo seu povo que possui condições seja espontâneo e disposto a oferecer ajuda aos pobres. O espírito mesquinho e sagaz que leva muitos a falar sobre as “necessidades” de sua própria casa e a condenar toda bondade para com os pobres é excessivamente contrário à mente de Cristo. Não foi em vão que o Senhor Jesus declarou que dirá ao ímpio no Dia do Juízo: “Tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber” (Mt 25.42). Não foi em vão que Paulo escreveu aos gálatas: “Recomendando-nos somente que nos lembrássemos dos pobres, o que também me esforcei por fazer” (Gl 2.10).

Por último, devemos aprender destes versículos a *grande importância de pensar antecipadamente sobre a ressurreição dos mortos*. Temos uma lição que se destaca de maneira admirável na linguagem utilizada por nosso Senhor em referência ao assunto de demonstrar caridade aos pobres. Ele disse ao fariseu: “Os pobres não têm com que recompensar-te; a tua recompensa, porém, tu a receberás na ressurreição dos justos”.

Haverá uma ressurreição após a morte. Isto jamais deve ser esquecido. A vida que temos neste corpo não é tudo. O mundo visível que nos cerca não é o único com o qual temos de lidar. Tudo não está acabado quando o último suspiro é dado e homens e mulheres são levados à sua residência no sepulcro. Um dia a trombeta soará, e os mortos ressurgirão incorruptíveis. Todos os que se encontram no sepulcro ouvirão a voz de Cristo e sairão: aqueles que tiverem feito o bem ressurgirão para a ressurreição da vida, e os que tiverem feito o mal, para a ressurreição da condenação. Essa é uma das grandes verdades fundamentais do cristianismo. Apeguemo-nos com firmeza a essa verdade e dela jamais nos afastemos.

Esforcemo-nos para viver como homens que crêem na ressurreição

e na vida por vir, desejando sempre estar prontos para o mundo vindouro. Vivendo assim, haveremos de aguardar a morte com tranquilidade. Descobriremos que existe uma herança melhor para nós além do túmulo. Vivendo assim, aceitaremos com paciência tudo que temos de suportar neste mundo. Provações, perdas, desapontamentos e ingratidão pouco nos afetarão. Não esperaremos receber nossa recompensa nesse mundo. Confiaremos que tudo será retificado naquele dia e que o Juiz de toda a terra julgará corretamente (Gn 18.25).

Como podemos suportar o pensamento da ressurreição? O que nos capacita a aguardar um mundo vindouro sem ficarmos alarmados? Somente a fé em Cristo. Credo nEle, não temos qualquer temor. Nossos pecados não se apresentarão contra nós. As exigências da lei de Deus terão sido completamente satisfeitas. Permaneceremos firmes naquele grande Dia e nenhuma acusação será lançada contra nós (Rm 8.33). Homens mundanos, como Félix (At 24.25), certamente podem tremer, quando pensam sobre a ressurreição. Mas os crentes, assim como o apóstolo Paulo, podem regozijar-se.

A Parábola da Grande Ceia

Leia Lucas 14.15-24

Estes versículos contêm uma das mais instrutivas parábolas de nosso Senhor. Foi proferida como resposta a uma observação feita por um homem que estava à mesa com Ele na casa do fariseu. O homem disse: “Bem-aventurado aquele que comer pão no reino de Deus”. Não sabemos com exatidão qual o objetivo dessa declaração. É provável que seu autor pertencia à classe de pessoas que desejam ir ao céu e gostam de ouvir conversas sobre coisas espirituais, mas não passam disso. Nosso Senhor aproveitou a ocasião para recordar-lhe, bem como a todos os outros ouvintes, por meio da parábola da grande ceia, que o reino de Deus pode ser ofertado aos homens e, assim mesmo, ser rejeitado espontaneamente, tornando-se eles perdidos para sempre.

Primeiramente, esta parábola nos ensina que *Deus fez uma grande provisão para a salvação das almas dos homens*. Temos, então, o significado das palavras “Certo homem deu uma grande ceia e convidou muitos”. Nisso consiste o evangelho: ele contém um suprimento completo de tudo que os pecadores necessitam para serem salvos. Naturalmente somos todos famintos, vazios, desamparados e estamos prontos a perecer. Perdão para todos os pecados, paz com Deus, justificação, santificação,

graça na jornada terrena e glória na vida além são as graciosas provisões que Ele preparou para atender as necessidades de nossa alma. Não existe nada que os corações sobrecarregados pelo pecado desejam ou as consciências fatigadas exijam que em Cristo não sejam colocados diante dos homens em rica provisão. Em poucas palavras, Cristo é a síntese e a substância da “grande ceia”. “Eu sou o pão da vida”, Ele declarou, “o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede”; “Quem comer a minha carne e beber o meu sangue tem a vida eterna”; “A minha carne é verdadeira comida, e o meu sangue é verdadeira bebida” (Jo 6.35, 54, 55).

Em segundo, esta parábola nos ensina que *as ofertas e os convites do evangelho são generosos e amplos*. O Senhor Jesus disse que o patrono da ceia “enviou o seu servo para avisar aos convidados: Vinde, porque tudo já está preparado”. Da parte de Deus, nada está em falta para a salvação do homem. Se o homem não é salvo, a culpa não está em Deus. O Pai está disposto a receber todos os que vierem a Ele por meio de Cristo. O Filho está pronto para purificar os pecados de todos os que vierem a Ele, pela fé. O Espírito Santo está pronto para habitar em todos os que O pedirem ao Pai. Em Deus existe uma disposição infinita para salvar os homens, se tão-somente eles estiverem dispostos a serem salvos.

Há plena certeza para os pecadores que se aproximam de Deus através de Cristo. O vocábulo “vinde” se estende a todos, sem exceção. Os homens que trabalham intensamente por sua salvação, sentem-se cansados? “Vinde a mim”, disse Jesus, “todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei” (Mt 11.28). Estão sedentos? “Se alguém tem sede”, afirmou Jesus, “venha a mim e beba” (Jo 7.37). São pobres e famintos? “Vinde”, declarou Jesus, “comprai, sem dinheiro e sem preço, vinho e leite” (Is 55.1). Nenhum homem jamais poderá dizer que não teve qualquer encorajamento para buscar a salvação. As palavras de nosso Senhor devem silenciar todos os que criam obstáculos: “O que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora” (Jo 6.37).

Em terceiro, esta parábola nos ensina que *muitos dos que recebem os convites do evangelho recusam-se a aceitá-los*. Jesus nos contou que, quando o servo anunciou que tudo estava pronto, aqueles que haviam sido convidados começaram a escusar-se. Todos apresentaram desculpas triviais. Em um ponto, todos estavam de acordo: não queriam vir.

A parábola contém uma ilustração vívida da resposta que o evangelho está constantemente recebendo, em todos os lugares em que é proclamado. Milhões de pessoas estão continuamente fazendo aquilo que a parábola descreve. São convidados a vir a Cristo, mas não querem vir. Não é a ignorância em relação ao cristianismo que arruína as almas dos homens; é a falta de vontade para usar o conhecimento que possuem ou o amor por

este mundo. Não é a imoralidade explícita que está enchendo o inferno; é a excessiva atenção às coisas que, em si mesmas, são legítimas. Não devemos temer o ousado desprazer para com o evangelho, e sim o espírito de procrastinação e de desculpas que está sempre pronto a mostrar uma razão por que não pode servir a Cristo *hoje*. As palavras de nosso Senhor sobre este assunto devem arraigar-se em nosso coração. A incredulidade e a imoralidade, sem dúvida, têm destruído os seus milhares, mas as *desculpas* plausíveis, gentis, proferidas com cortesia, têm destruído os seus dez milhares. Nenhuma desculpa pode justificar um homem, ao recusar o convite de Deus e não vir a Cristo.

Por último, esta parábola nos ensina que *Deus deseja intensamente a salvação de almas e que sejam utilizados todos os meios para garantir a aceitação de seu evangelho*. Quando os primeiros convidados recusaram vir à ceia, “voltando o servo, tudo contou ao seu senhor. Então, irado, o dono da casa disse ao seu servo: Sai depressa para as ruas e becos da cidade e traze para aqui os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos”. Após o servo executar a ordem, ainda havia lugar; e o senhor lhe ordenou: “Sai pelos caminhos e atalhos e obriga a todos a entrar, para que fique cheia a minha casa”.

O significado dessas palavras admite pouca discussão. Com certeza, elas nos justificam, quando afirmamos que ilustram o imenso amor e a compaixão de Deus para com os pecadores. A longanimidade de Deus é inesgotável. Se alguns não aceitam a verdade, Ele convidará outros em lugar desses. Sua compaixão pelos pecadores não é algo fingido ou imaginário. Deus está infinitamente disposto a salvar almas. Acima de tudo, essas palavras justificam cada pastor e pregador do evangelho, quando empregam todos os recursos possíveis para despertar os pecadores e convertê-los de seus pecados. Se não quiserem vir à igreja, devemos visitá-los em suas casas. Se não quiserem ouvir a pregação do evangelho no culto público, precisamos estar dispostos a pregá-lo de casa em casa. Não devemos sequer ter receio de utilizar palavras graves. Temos de pregar “quer seja oportuno, quer não” (2 Tm 4.2).

Temos de lidar com muitas pessoas não-convertidas como pessoas que estão quase dormindo, quase totalmente fora de si, sem plena consciência do estado em que se encontram. Temos de apresentar insistentemente o evangelho à atenção delas, fazendo-o por repetidas vezes. Temos de clamar em voz alta e não poupar oportunidades. Temos de lidar com elas como se fossem pessoas que estão prestes a cometer suicídio. Devemos falar a elas como se estivessemos arrancando um tição do fogo. Temos de afirmar: “Não posso... não ousarei permitir que vocês continuem avançando para a ruína de sua própria alma”. As pessoas do mundo não podem entender uma tão zelosa maneira de agir. Elas podem zombar e

escarnecer de qualquer zelo ou fervor no cristianismo verdadeiro, considerando-o fanatismo. Mas o “homem de Deus”, que deseja realizar a obra de um evangelista, pouco se importará com o que os homens do mundo dizem. Ele se lembrará das palavras da parábola e convidará os homens a entrarem.

Terminemos nossas considerações sobre esta parábola examinando a nós mesmos com seriedade. Ela deve falar conosco nos dias atuais. É um convite do evangelho que se dirige tanto a nós quanto aos judeus. O Senhor Jesus está nos dizendo constantemente: “Vinde ao banquete... Vinde a mim”. Já aceitamos o convite de Jesus? Ou esta mos respondendo: “Não posso vir”. Se morrermos sem vir a Cristo, seria melhor não haveremos nascido.

Jesus Recomenda a Auto-Renúncia; Calculando o Preço; O Sal que Perdeu o Sabor

Leia Lucas 14.25-35

Em primeiro lugar, destes versículos aprendemos que *os verdadeiros crentes têm de estar dispostos a desistir de tudo, por amor a Cristo, se for necessário*. A lição é ensinada através de uma linguagem notável. Nosso Senhor disse: “Se alguém vem a mim e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs e ainda a sua própria vida, não pode ser meu discípulo” (Lc 14.26).

Sem dúvida, esta expressão tem de ser interpretada com algum esclarecimento. Nunca devemos explicar qualquer texto das Escritas de tal maneira que ele venha a contradizer outro texto. Nosso Senhor não tencionava que entendêssemos que o verdadeiro cristão tem o dever de odiar seus parentes. Isto seria contrário ao quinto mandamento. Ele apenas pretendia dizer que seus seguidores devem amá-Lo com um profundo amor, mais intenso do que o amor manifestado em seu relacionamento com pessoas queridas e achegadas e do que o amor a suas próprias vidas. O Senhor Jesus não desejava ensinar que contender com nossos amigos e parentes é uma parte essencial do cristianismo; porém, estava dizendo que, se as reivindicações de nossos parentes e amigos entrarem em conflito com as dEle mesmo, precisamos deixar de lado as reivindicações de nossos parentes e amigos. Antes, devemos escolher desagradar aqueles que amamos na terra do que desagradar Aquele que morreu por nós na cruz.

A exigência que o Senhor Jesus coloca sobre nós é peculiarmente

severa e perscrutadora. No entanto, é uma exigência sábia e necessária. A experiência demonstra que, tanto na igreja como em nossa própria pátria e nos campos missionários longínquos, alguns dos inimigos da alma de um homem são, em muitas ocasiões, os seus próprios parentes. Às vezes, acontece que o maior obstáculo no caminho de uma pessoa despertada em sua consciência é a oposição de amigos e parentes. Pais incrédulos não podem suportar ver seus filhos assumindo uma nova postura referente às coisas espirituais. Mães ímpias ficam irritadas ao verem suas filhas sem vontade de participarem nas atividades do mundo. Conflito de opiniões ocorre sempre que a graça divina adentra em uma família. Então, surge aquele tempo em que o verdadeiro seguidor de Cristo tem de lembrar a essência das palavras de nosso Senhor nesta passagem e precisa estar disposto a ofender seus familiares, ao invés de ofender a Cristo.

Em segundo, aprendemos destes versículos que *os interessados em seguir a Cristo devem ser advertidos a “calcular” o preço*. A lição foi proferida tendo em vista as multidões que seguiam a Jesus, sem qualquer ponderação e estimativa do custo, e reforçada pelo uso de ilustrações extraídas do guerrear e do edificar. É uma lição útil em qualquer época da História da Igreja.

Ser um verdadeiro cristão custa alguma coisa. Jamais o esqueçamos. Ser um cristão nominal e ir à igreja é algo barato e fácil. Mas ouvir a voz de Cristo, segui-Lo, crer nEle e confessá-Lo exige muita renúncia. Custa a nossa justiça própria, nossos pecados, nossa tranquilidade e nosso mundanismo. Tudo, tudo precisa ser abandonado. Temos de lutar contra um inimigo que vem contra nós com vinte mil seguidores. Precisamos construir uma torre em tempos difíceis. Nosso Senhor desejava que entendêssemos isso completamente. Ele nos ordena a “calcular” o preço.

Por que nosso Senhor utilizou essa linguagem? Pretendia desencorajar os homens a tornarem-se seus discípulos? Tinha o propósito de fazer que o caminho da vida parecesse ainda mais estreito? Não é difícil achar uma resposta para tais perguntas. Nosso Senhor se manifestou a fim de evitar que os homens O sigam com leviandade e imprudência, motivados apenas por sentimentos e estímulos naturais, que na hora da provação desaparecem. Ele sabia que nada causa tantos males ao verdadeiro cristianismo quanto a apostasia; também estava certo de que nada produz tanta apostasia quanto o permitir que as pessoas venham a Cristo sem conscientizá-las do compromisso que realmente estão assumindo. O Senhor Jesus não tinha desejo de ampliar seu número de seguidores por admitir soldados que fracassariam na hora da necessidade. Por esse motivo, proferiu essa advertência. Ele ordena a todos os que pensam em segui-Lo a avaliarem o custo, antes de começarem.

Seria bom para a igreja de Cristo e para o mundo, se os ministros do

evangelho sempre recordassem a excelente conduta de nosso Senhor. Com muita freqüência, pessoas tornam-se crentes fundamentadas na ilusão pessoal e são encorajadas a pensarem que se converteram, quando na realidade ainda são incrédulas. Os sentimentos são confundidos com a fé. Imaginam que convicções pessoais constituem a graça divina. Essas coisas não devem nos enganar. Sim, encorajemos aqueles que estão no início da vida espiritual em suas almas; entretanto, jamais insistamos que prossigam adiante sem contar-lhes o que está envolvido no verdadeiro cristianismo. Nunca ocultermos deles a batalha e o labor intenso. Digamos: “Venham conosco”, mas também: “Calculem o preço”.

Por último, aprendemos destes versículos *quão miserável é a condição daqueles que rejeitam a Cristo e apostatam*. É uma lição intimamente ligada a anterior. A necessidade de calcular o preço é reforçada por uma ilustração que retrata as conseqüências de alguém não fazer isso. Aquele que confessou aceitar a Cristo e dEle se afastou é semelhante ao sal que se torna “insípido”. Esse tipo de sal é completamente inútil; não “presta para a terra, nem mesmo para o monturo; lançam-no fora”. A condição desse sal é semelhante à de um apóstata. Não admiremos que nosso Senhor disse: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça”.

A verdade que nosso Senhor destaca é bastante dolorosa, mas útil e necessária. Lembremos que nenhum homem se encontra em um estado tão perigoso quanto aquele que conhecia a verdade, professava amá-la e, posteriormente, abandonou sua confissão e retornou ao mundo. Você não poderá falar-lhe sobre nada que ele desconheça ou mostrar-lhe alguma doutrina que ele nunca ouviu. Ele não pecou por ignorância como muitas pessoas, mas abandonou a Cristo tendo os olhos abertos. Pecou contra um Deus que conhecia. A situação do apóstata é quase desesperadora. Para Deus tudo é possível; todavia, está escrito: “É impossível, pois, que aqueles que uma vez foram iluminados... e caíram, sim, é impossível outra vez renová-los para arrependimento” (Hb 6.4,6).

Meditemos bem sobre tais verdades, as quais nunca serão suficientemente consideradas. Jamais devemos ter receio de servir a Cristo. Mas comecemos a servi-Lo com seriedade, ponderação e devida avaliação do compromisso que estamos assumindo. E, após começarmos, supliquemos graça para que sejamos perseverantes e jamais nos afastemos dEle.

As Parábolas da Ovelha e da Dracma Perdidas

Leia Lucas 15.1-10

O capítulo iniciado por estes versículos é bastante conhecido pelos

leitores da Bíblia. Poucos capítulos das Escrituras têm produzido tanto benefício às almas dos homens quanto o capítulo quinze do Evangelho de Lucas. Estejamos atentos para que o faça também a nós.

Primeiramente, devemos observar nestes versículos *o testemunho notável que os inimigos de nosso Senhor proferiram a seu respeito*. Quando “aproximavam-se de Jesus todos os publicanos e pecadores para o ouvir”, os fariseus e os escribas murmuravam, “dizendo: Este recebe pecadores e come com eles”.

São palavras certamente pronunciadas com surpresa e zombaria, não com prazer e admiração. Os ignorantes guias dos judeus não podiam entender um pregador de coisas espirituais que se relacionava com pessoas ímpias. No entanto, suas palavras resultaram em bênção. A mesma afirmativa que os líderes religiosos dos judeus utilizaram para reprovar Jesus foi adotada por Ele como uma verdadeira descrição de seu ofício. A afirmativa deles levou Cristo a proferir três parábolas muito instrutivas.

O testemunho dos escribas e fariseus foi completa e literalmente verdadeiro. De fato, o Senhor Jesus é Aquele que “recebe pecadores”. Ele os recebe para perdôá-los, santificá-los e prepará-los para ir ao céu; é seu ministério especial. Foi para isso que Cristo veio ao mundo. Não veio chamar justos e sim pecadores ao arrependimento e salvá-los. Aquilo que Ele era, enquanto esteve na terra, hoje Ele é, à direita de Deus, e o será por toda a eternidade. Enfaticamente, o Senhor Jesus é o amigo dos pecadores.

Temos algum senso de pecado? Percebemos que somos ímpios, culpados e merecedores da ira de Deus? As recordações de nossa vida são desagradáveis para nós? Lembrar nossa conduta passada nos deixa envergonhados? Então, somos as pessoas adequadas que devem recorrer a Cristo, assim como somos, não apresentando-Lhe qualquer mérito pessoal e vindo a Ele sem demora. Cristo nos receberá de maneira graciosa, perdoará gratuitamente e nos outorgará a vida eterna. O Senhor Jesus é Aquele que “recebe pecadores”. Não percamos nossa alma por deixarmos de recorrer a Ele, para que sejamos salvos.

Em segundo, devemos observar nestes versículos *as admiráveis figuras que nosso Senhor utilizou para descrever seu amor para com os pecadores*. Em resposta à notável acusação de seus inimigos, Ele contou três parábolas — a da ovelha perdida, a da moeda perdida e a do filho pródigo. As duas primeiras estão relatadas no texto que ora consideramos. Todas as três foram proferidas com o propósito de ilustrar a mesma e única verdade; explicam com bastante clareza a disposição de Cristo para salvar os pecadores.

O amor de Cristo é ativo e realizador. Assim como o pastor não ficou sentado, quieto, lamentando sua ovelha perdida, e a mulher não

permaneceu imóvel, passiva, chorando por sua moeda perdida, assim também nosso bendito Senhor não ficou nos céus condoendo-se dos pecadores. Ele deixou a glória que possuía ao lado do Pai e humilhou-se, tornando-se semelhante aos homens. Veio ao mundo para buscar e salvar o perdido. Não descansou até que consumou a expiação por nossos pecados, trazendo-nos justiça eterna, providenciando redenção eterna e abrindo a porta da vida para todo o que deseja ser salvo.

O amor de Cristo é caracterizado por renúncia própria. O pastor trouxe em seus ombros a ovelha perdida de volta ao lar, ao invés de abandoná-la no deserto. A mulher acendeu uma lâmpada, varreu a casa, procurou diligentemente e não poupou esforços, até que achou a sua dracma perdida. Assim também Cristo não poupou a Si mesmo, quando veio ao mundo para salvar os pecadores. Ele “suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia” (Hb 12.2). O Senhor Jesus entregou sua “própria vida em favor dos seus amigos”; “maior amor do que este” jamais poderá ser demonstrado (Jo 15.13).

O amor de Cristo é intenso e profundo. Assim como o pastor se regozijou por encontrar a sua ovelha, e a mulher, por achar a sua dracma, assim também o Senhor Jesus se regozija em salvar pecadores. É um genuíno prazer para Ele arrebatá-los como tições do fogo. Sua “comida e bebida”, enquanto estava na terra, consistia em consumir a obra que viera realizar. Ele ficou angustiado de espírito, enquanto não a consumou; e ainda deleita-se em manifestar misericórdia. Cristo está mais disposto a salvar os pecadores do que estes a serem salvos.

Esforcemo-nos para saber algo a respeito do amor de Cristo. É um amor que, de fato, ultrapassa todo entendimento; é insondável e indescritível. É o amor no qual precisamos descansar completamente nossa alma, se desejamos ter paz no presente e glória na eternidade. Se achamos consolação em nosso amor para com Cristo, estamos edificando sobre um alicerce arenoso. Mas, se confiamos no amor de Cristo para conosco, estamos sobre uma rocha firme.

Por último, devemos observar nestes versículos *o grande encorajamento que nosso Senhor ofereceu em referência ao arrependimento*. Lemos as palavras impressionantes: “Haverá... júbilo no céu por um pecador que se arrepende”. Encontramos a idéia novamente na mesma passagem: “Há júbilo diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende”. É uma verdade transmitida duas vezes para tornar impossível qualquer dúvida.

Sem dúvida, encontramos ensinamentos profundos nas afirmativas bíblicas. Nossas mentes frágeis têm pouca capacidade para entender como o regozijo no céu pode crescer em intensidade. No entanto, uma coisa se destaca claramente: existe uma infinita prontidão da parte de Deus para receber

os pecadores. Embora uma pessoa tenha sido muito ímpia, no dia em que ela verdadeiramente se converte de sua impiedade e, por meio de Cristo, se achega a Deus, Ele se mostra intensamente satisfeito. Ele não tem prazer na morte do ímpio, e sim em que este realmente se arrependa.

Aquele que tem receio de arrepender-se deve meditar sobre a passagem que estamos considerando e nunca mais sentir-se receoso. Da parte de Deus, nada existe que justifique seus temores. Uma porta aberta tem sido colocada diante dele. Um perdão gratuito o aguarda. “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça” (1 Jo 1.9).

Aquele que se envergonha de arrepender-se considere estes versículos e lance fora toda a sua vergonha. O que importa, se o mundo o desprezar e zombar de seu arrependimento? Enquanto os homens estão escarnecendo, os anjos estão se regozijando. A mudança que os incrédulos chamam de tolice é a mesma que enche os céus de regozijo.

Já nos arrependemos? Afinal de contas, é a grande pergunta que deve nos inquietar. Que proveito há em conhecer o amor de Cristo, se desse amor deixamos de nos beneficiar? “Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes” (Jo 13.17).

A Parábola do Filho Pródigo

Leia Lucas 15.11-24

A parábola que agora consideramos é habitualmente conhecida como “a parábola do filho pródigo”. Poderia muito bem ser qualificada como uma poderosa ilustração espiritual. Diferentemente de muitas das parábolas de nosso Senhor, ela não transmite apenas uma grande lição, e sim várias lições. Todas as suas partes são particularmente ricas em instruções.

Primeiramente, encontramos nela *um homem seguindo a inclinação natural de seu coração*. Nosso Senhor nos mostrou um “filho mais moço” que se apressou em seguir seu próprio caminho, partiu para uma terra distante, longe da casa de um pai bondoso, e “lá dissipou todos os seus bens, vivendo dissolutamente”.

Temos aqui um retrato fiel da mentalidade com a qual todos nascemos. Somos semelhantes a esse rapaz. Por natureza, somos orgulhosos e voluntariosos. Não temos prazer na comunhão com Deus. Apartamo-nos dEle, indo para bem distante de sua pessoa. Desperdiçamos nosso tempo, energias, capacidades, afeições em coisas inúteis. O avarento faz isso de uma maneira; o escravo das concupiscências e paixões e aquele que ama

os prazeres o fazem de outra. Somente em um ponto todos concordam. Por natureza, todos nós andamos desgarrados como ovelhas; cada um se desvia seguindo seu próprio caminho (Is 53.6). Na conduta do filho mais moço, vemos o coração do homem natural.

Aquele que nada sabe sobre as verdades aqui demonstradas tem muito a aprender. Está espiritualmente cego. Os olhos de seu entendimento precisam ser abertos. A pior ignorância do mundo é não conhecermos a nós mesmos. Feliz é aquele que foi liberto do reino das trevas e tornou-se consciente de sua própria situação. De muitas pessoas poderia ser dito: “Eles nada sabem, nem entendem; vagueiam em trevas” (Sl 82.5).

Em segundo, vemos nesta parábola *um homem descobrindo, através de amarga experiência, que os caminhos de pecado são árduos*. Nosso Senhor nos mostra o filho mais moço desperdiçando todos os seus bens, sendo reduzido à condição de necessitado e obrigado a assumir o trabalho de “guardar porcos” e sentindo-se tão faminto, que estava disposto a “fartar-se das alfarrobas que os porcos comiam; mas ninguém lhe dava nada”.

São palavras que descrevem uma situação muito comum entre os homens. O pecado é um senhor severo, e seus servos sempre descobrem isso, mais cedo ou mais tarde, com prejuízo de si mesmos. Pessoas incrédulas nunca são verdadeiramente felizes. Professando ser pessoas de espíritos otimistas e alegres, freqüentemente estão inquietas em seu íntimo. Milhares e milhares estão enojados em seu coração, insatisfeitos consigo mesmos, cansados de seguirem seus próprios caminhos e completamente intranquilos. “Há muitos que dizem: Quem nos dará a conhecer o bem?” (Sl 4.6.) “Para os perversos, diz o meu Deus, não há paz” (Is 57.21).

É uma verdade, embora os incrédulos procurem negá-la; e devemos guardá-la no profundo de nosso coração. “O caminho dos perversos é intransitável” (Pv 13.15). A miséria íntima do homem natural é excessivamente grande. Existe uma fome em seu íntimo, ainda que muito se esforcem para ocultá-la. Eles estão passando “necessidade”. Aquele que “semeia para a sua própria carne da carne colherá corrupção” (Gl 6.8). Não estranhemos que Paulo tenha dito: “Naquele tempo, que resultados colhestes? Somente as coisas de que, agora, vos envergonhais” (Rm 6.21).

Em terceiro, vemos nesta parábola *um homem despertado para o senso de sua condição natural e decidido a arrepender-se*. Nosso Senhor nos conta que o filho mais moço, “caindo em si, disse: Quantos trabalhadores de meu pai têm pão com fartura, e eu aqui morro de fome! Levantar-me-ei, e irei ter com o meu pai, e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e diante de ti”.

Os pensamentos de muitos são retratados nitidamente aqui. Milhões de pessoas têm raciocinado dessa maneira e dizem para si mesmas estas

coisas todos os dias. E devemos ser gratos a Deus, quando vemos tais pensamentos surgirem em suas mentes. Pensar tais coisas não implica em uma mudança de coração, mas pode ser o começo. Convicção não é conversão, mas, de qualquer maneira, é um passo na direção certa. Porém a ruína de muitas pessoas ocorre simplesmente por esse motivo: elas não meditam nas circunstâncias de maneira alguma.

Entretanto, uma palavra de cautela sempre é necessária. Os homens precisam estar cientes de que não devem limitar-se apenas a pensar. Nutrir bons pensamentos sempre é bom para a alma, mas não resultam no cristianismo que salva. Se o filho pródigo não tivesse ido além de pensar, teria permanecido longe de casa até ao dia de sua morte.

Em quarto, vemos nesta parábola *um homem se convertendo a Deus com verdadeiro arrependimento e fé*. Nosso Senhor nos mostra o filho pródigo abandonando a terra longínqua onde estava e retornando à casa de seu pai, colocando em prática as boas intenções que tivera e confessando sem reservas seu pecado. “E, levantando-se, foi...”

O jovem apresenta um autêntico arrependimento e uma conversão verdadeira. O coração em que se iniciou a genuína obra do Espírito Santo jamais ficará contente em somente pensar e decidir. Ele romperá com o pecado e abandonará sua companhia. Cessará de fazer o mal e aprenderá a praticar o bem. Há de converter-se a Deus com humilde oração e confessará suas iniquidades. Não tentará justificar seus pecados. Ele dirá, assim como Davi: “Eu conheço as minhas transgressões” (Sl 51.3); ou como o publicano: “Ó Deus, sê propício a mim, pecador!” (Lc 18.13.)

Acautelemo-nos de qualquer falso arrependimento que não possui tais características. Agir é a própria essência do “arrependimento para a salvação” (2 Co 7.10). Sentimentos, lágrimas, remorsos, desejos, resoluções são inúteis, se não forem acompanhados por ação e mudança de vida. De fato, são piores do que inúteis. Inconscientemente, tais coisas cauterizam a consciência e endurecem o coração.

Por último, vemos nesta parábola *o arrependido sendo prontamente aceito, gratuitamente perdoado e declarado justo por Deus*. Nosso Senhor o demonstra de maneira comovente na parte final da história do filho pródigo. Jesus disse: “Vinha ele ainda longe, quando seu pai o avistou, e, compadecido dele, correndo, o abraçou, e beijou. E o filho lhe disse: Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho. O pai, porém, disse aos seus servos: Trazei depressa a melhor roupa, vesti-o, ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés; trazei também e matai o novilho cevado. Comamos e regozijemo-nos, porque este meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado. E começaram a regozijar-se”.

Talvez nunca foram escritas palavras mais emocionantes e comentá-

las parece quase desnecessário; seria algo semelhante a dourar o ouro ou branquear os lírios. Elas nos mostram, em letras grandes, o infinito amor do Senhor Jesus para com os pecadores. Ensinam quão infinitamente disposto Jesus se mostra em receber todos os que vêm a Ele e quão completo e imediato é o perdão que Ele está pronto para outorgar. “Por meio dele, todo o que crê é justificado de todas as coisas” (At 13.39). “Tu, Senhor, és bom e compassivo; abundante em benignidade para com todos os que te invocam” (Sl 86.5).

A ilimitada misericórdia de nosso Senhor deve ser gravada profundamente em nossa memória e arraigada em nosso coração. Jamais esqueçamos: Ele “recebe pecadores”. Ao Senhor Jesus e à sua misericórdia, os pecadores devem recorrer, quando manifestam seus primeiros desejos de salvação. É em Jesus e em sua misericórdia que os crentes têm de viver, quando foram ensinados a arrepender-se e creram. O apóstolo Paulo disse: “Esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim” (Gl 2.20).

O Irmão do Filho Pródigo

Leia Lucas 15.25-32

Estes versículos constituem a conclusão da parábola do filho pródigo. São menos conhecidos do que os anteriores. Mas foram proferidos pelos mesmos lábios que descreveram o retorno do filho mais moço à casa de seu pai. À semelhança de todas as coisas ditas por aqueles lábios, estes versículos se mostrarão bastante proveitosos.

Primeiramente esta passagem nos ensina *quão maldosos e insensíveis são os sentimentos demonstrados aos pecadores por aquelas pessoas que se consideram justas aos seus próprios olhos*. Nosso Senhor nos ensina ao descrever a conduta do irmão “mais velho” do filho pródigo. Ele o mostrou indignado, encontrando erro no alegria resultante da chegada de seu irmão. Jesus o descreveu como alguém que reclamou a seu pai, por haver este tratado muito bem o filho pródigo que retornara, enquanto ele mesmo nunca fora tratado tão bem quanto seus méritos o exigiam. O Senhor Jesus mostrou o filho “mais velho” sendo completamente incapaz de compartilhar da alegria que prevaleceu, quando seu irmão mais moço voltou para casa, e dando expressão a seus pensamentos invejosos e impertinentes. É uma descrição dolorosa, mas bastante instrutiva.

Por um lado, o irmão mais velho, citado na parábola, é uma figura exata dos judeus da época de nosso Senhor. Eles não podiam suportar a

idéia de que os gentios, seu irmão mais moço, estavam sendo feitos participantes de seus privilégios. De bom grado, os judeus os teriam excluído do favor de Deus. Recusavam-se tenazmente a reconhecer que os gentios eram co-herdeiros e participantes de Cristo, juntamente com eles. Em tudo, os judeus estavam agindo exatamente como o irmão “mais velho” do filho pródigo.

Por outro lado, o irmão mais velho é uma figura autêntica dos escribas e fariseus da época de nosso Senhor. Argumentavam contra nosso Senhor, porque Ele recebia os pecadores e comia com eles. Reclamavam porque Ele abria a porta de salvação aos publicanos e meretrizes. Os escribas e fariseus teriam ficado muito mais satisfeitos, se Jesus tivesse limitado a eles seu ministério e deixado sozinhos os ignorantes e pecadores. Nosso Senhor percebeu esse estado de coisas e o retratou de maneira inigualável na pessoa do irmão “mais velho”.

Ainda, e não menos significativo, o irmão mais velho é uma figura exata de uma grande classe de pessoas que fazem parte do cristianismo de nossos dias. Em todos os lugares, existem milhares que não apreciam o fato de que seja pregado um evangelho gratuito, completo e ilimitado. Sempre reclamam que os pastores tornam muito ampla a porta da salvação e que a doutrina da graça tende a promover licenciosidade. Quando nos deparamos com tais pessoas, devemos recordar a passagem que agora estamos considerando. Elas ecoam a voz do irmão “mais velho”.

Acautelemo-nos de que a atitude daquele “irmão mais velho” inficione nossa alma. Em parte, ela resulta de ignorância. Começa a surgir no íntimo das pessoas porque não percebem sua própria pecaminosidade e indignidade; então, elas imaginam que são melhores do que outras e que ninguém é digno de ser colocado ao seu lado. Essa atitude surge também, em parte, por falta de amor. Os homens estão carentes de sentimentos amáveis para com seu próximo; por isso, são incapazes de sentir prazer quando outros são salvos. Acima de tudo, ela provém de um entendimento completamente errado quanto à natureza do perdão oferecido no evangelho. A pessoa que em verdade sente que é por meio da graça que ela permanece firme diante de Deus, reconhece que todos somos devedores à misericórdia divina, que tudo nos foi dado por Ele e que, por isso, nada temos para nos vangloriar — essa pessoa não falará como o irmão “mais velho”.

Em segundo, esta passagem nos ensina que *a conversão de qualquer alma deve ser motivo de alegria para todos os que a vêem*. Nosso Senhor o revelou ao colocar as seguintes palavras nos lábios do pai do filho pródigo: “Era preciso que nos regozijássemos e nos alegrássemos, porque esse teu irmão estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado”.

A lição transmitida primariamente foi dirigida aos escribas e fariseus. Se os corações deles estivessem corretos diante de Deus, jamais teriam

murmurado diante do fato de nosso Senhor receber os pecadores. Os escribas e fariseus teriam lembrado que os piores dos publicanos e pecadores eram seus irmãos e que, se eles mesmos eram diferentes, fora tão-somente a graça de Deus que estabelecera a diferença. Eles teriam ficado alegres por verem tais pecadores desamparados e perdidos voltando ao rebanho. Teriam sentido gratidão ao verem publicanos e pecadores sendo tirados do fogo e não sendo lançados fora para sempre. Infelizmente, os escribas e fariseus não conheciam nenhum desses sentimentos. Cobertos com a máscara de sua justiça própria, murmuraram e acharam errado, quando na realidade deveriam ter agradecido a Deus e se alegrado.

Aqui está uma lição com a qual todos seremos abençoados, se a guardarmos no coração. Nada deveria nos trazer mais satisfação do que a conversão dos pecadores. Causa regozijo entre os anjos no céu e deveria levar os crentes a se alegrarem na terra. E se os convertidos anteriormente eram os mais vis dos pecadores? E se eles no passado serviram a Satanás por muito tempo e desperdiçaram suas vidas em dissolução? Isso não implica em nada. A graça de Deus alcançou seus corações? Eles verdadeiramente se arrependeram? Retornaram à casa do Pai? São novas criaturas em Cristo? Eram mortos e foram vivificados? Estavam perdidos e foram achados? Eis as únicas perguntas que temos o direito de fazer. Se puderem ser respondidas satisfatoriamente, temos de nos regozijar.

Os ímpios, se assim o quiserem, que escarneçam e zombem de tais conversões; e os justos a seus próprios olhos, se assim o desejarem, que murmurem, achem errado e neguem a realidade de todas as grandes e súbitas conversões. Mas os crentes que lêem essas palavras de Cristo devem recordá-las e agir de acordo com elas. Agradeçam a Deus e regozijem-se. Adorem a Deus porque mais uma alma foi salva. Digam: “Este meu irmão estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado”.

Quais são nossos pensamentos sobre o assunto? Afinal de contas, é a pergunta que mais nos deve inquietar. A pessoa que tem profundo interesse em política, esportes, ganhar dinheiro ou adquirir bens, mas não revela qualquer interesse na conversão de almas não é um verdadeiro crente. Ela mesma está morta e precisa ser vivificada; está perdida e tem de ser achada.

A Parábola do Administrador Infiel

Leia Lucas 16.1-12

Esta é uma passagem bastante difícil. Existem dificuldades que não

serão esclarecidas até que o Senhor volte. Com razão, podemos esperar que um livro escrito por inspiração, como a Bíblia, contenha coisas difíceis de entender. A deficiência não está nas Escrituras, e sim em nossa frágil capacidade de entender. Se não aprendermos qualquer outra lição desta passagem, aprendamos pelo menos a humildade.

Primeiramente, tenhamos cuidado para *não extrair destes versículos lições que eles não pretendem ensinar*. O administrador, descrito por nosso Senhor, não é apresentado como um exemplo de moralidade. Ele é claramente chamado de “administrador infiel”. O Senhor Jesus nunca tencionou sancionar a desonestidade e procedimentos injustos nos relacionamentos humanos. Esse administrador defraudou a seu senhor e transgrediu o oitavo mandamento. Seu patrão ficou impressionado com sua esperteza e precaução, quando ouviu o que ele havia feito, e mencionou-o como um homem providente e astuto. Porém, não temos qualquer evidência de que seu senhor tenha ficado satisfeito com suas atitudes. Acima de tudo, não existe nenhuma palavra comprovando que o administrador foi elogiado por Cristo. Em resumo, na maneira de lidar com seu senhor, o administrador é um exemplo a ser evitado e não um modelo a ser seguido.

É uma advertência necessária. A desonestidade nas transações comerciais é muito comum nos últimos dias. Um lidar honesto entre uma pessoa e outra está se tornando cada vez mais raro. Os homens fazem coisas em seus negócios que não suportarão o teste das Escrituras. Apressando-se para “enriquecer”, milhões praticam ações que não são estritamente inocentes (Pv 28.20). Esperteza e astúcia nas transações comerciais e nos negócios de compra e venda estão freqüentemente escondendo coisas que não deveriam ser escondidas. A descendência do “administrador infiel” ainda é muito numerosa. Não esqueçamos: sempre que fazemos aos outros aquilo que não queremos que façam conosco, estejamos cientes de que, apesar da opinião do mundo, estamos errados aos olhos de Cristo.

Em segundo, observemos que a principal lição da parábola é a *sabedoria de prevenir-se contra o mal por vir*. A conduta do administrador infiel, quando recebeu a notícia de sua demissão, foi inegavelmente habilidosa e política. Mesmo que foi desonesto em diminuir o valor dos débitos daqueles que deviam a seu senhor, com certeza, ao agir dessa maneira, conquistou muitos amigos. Agindo com impiedade, pensou no futuro. Demonstrando ignomínia em suas providências, fez o bem a si mesmo. Não ficou parado, em indolência, vendo-se levado à pobreza, sem lutar contra isso. Maquinou, planejou e com ousadia executou seus planos. O resultado seria que, ao ser mandado embora daquele emprego, teria outro já garantido.

Que grande contraste existe entre as atitudes deste administrador em referência a seus negócios terrenos e a conduta de muitas pessoas em relação à sua alma. Somente nesse ponto de vista, o administrador oferece um exemplo que todos faremos bem se o seguirmos. Assim como ele, devemos precaver-nos contra o dia em que teremos de abandonar nossa habitação terrena; asseguremos uma “casa eterna, no céu”, que será nosso lar, quando deixarmos o tabernáculo terrestre deste corpo (2 Co 5.1). Assim como esse administrador, devemos utilizar todos os meios a fim de obter para nós mesmos habitação eterna.

A parábola, considerada desse ponto de vista, é profundamente instrutiva. Pode levar-nos a realizar profundos exames em nosso coração. A diligência de pessoas mundanas em referência a coisas terrenas deveria envergonhar a indiferença de muitos crentes professos em relação às coisas da eternidade. O zelo e a pertinácia de homens de negócio, demonstrados em seu empenho para adquirir tesouros da terra, poderia com certeza reprovar a preguiça e a indolência de muitos crentes, no que se refere aos tesouros nos céus. As palavras de nosso Senhor são deveras solenes: “Os filhos do mundo são mais hábeis na sua própria geração do que os filhos da luz”. São palavras que devem ser guardadas em nosso coração e produzir frutos em nossa vida.

Por último, observemos nesta passagem *a expressão notável que nosso Senhor utilizou para referir-se às coisas pequenas*, em conexão com a parábola do administrador infiel. Ele disse: “Quem é fiel no pouco também é fiel no muito; e quem é injusto no pouco também é injusto no muito”.

Assim, nosso Senhor nos ensina a grande importância da fidelidade rigorosa nas coisas pequenas. Ele nos acautela contra a falsa suposição de que agir nos negócios da mesma maneira que o administrador infiel deve ser considerado um erro insignificante e trivial entre os crentes. Jesus tencionava que nós soubéssemos que as coisas pequenas são o melhor teste de caráter e que a infidelidade nas coisas pequenas é o sintoma de um péssimo estado de coração. Certamente Ele não pretendia dizer que a honestidade com o dinheiro pode justificar nossas almas ou perdoar nossos pecados, e sim que a desonestidade na utilização do dinheiro é uma evidência segura de um “coração que não é reto diante de Deus”. O homem que não está agindo honestamente com a prata e o ouro deste mundo nunca pode ser alguém que possui verdadeiras riquezas nos céus. “Se, pois, não vos tornastes fiéis na aplicação das riquezas de origem injusta, quem vos confiará a verdadeira riqueza?”

O ensino ministrado por nosso Senhor merece consideração séria e profunda em nossos dias. Na mente de alguns homens prevalece a idéia de que o cristianismo pode ser separado da honestidade diária e de que

possuir sã doutrina pode encobrir o trapaça e o engano nas coisas práticas! Contra essa idéia perversa, as palavras de nosso Senhor eram um protesto evidente. Devemos vigiar e ficar alerta contra essa idéia. Vamos combater intensamente em favor das gloriosas doutrinas da salvação pela graça e da justificação pela fé; porém, jamais suponhamos que o verdadeiro cristianismo sanciona qualquer desprezo pela segunda tábua da lei. Em momento algum esqueçamos que a verdadeira fé sempre será conhecida por meio de seus frutos. Podemos estar certos de que, onde não existe honestidade, não existe a graça divina.

A Neutralidade é Impossível; A Dignidade da Lei

Leia Lucas 16.13-18

Primeiramente, estes versículos nos ensinam a *inutilidade de tentar servir a Deus com um coração dividido*. Nosso Senhor afirmou: “Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas”.

À primeira vista, a verdade aqui demonstrada por Jesus parece bastante óbvia para discutirmos sobre ela. Portanto, a própria tentativa de servir a dois senhores, que nessa ocasião Ele declarou ser inútil, está constantemente sendo feita por muitos no que se refere à sua alma. Milhões de pessoas em todos os lugares estão sempre procurando fazer aquilo que Cristo afirmou ser impossível. Estão se esforçando para ser amigos do mundo e amigos de Deus ao mesmo tempo. Suas consciências estão iluminadas somente até ao ponto de sentirem que necessitam de *uma* religião. Suas afeições estão de tal modo acorrentadas aos prazeres terrenos, que nunca atingem a estatura de um verdadeiro cristão. Por isso, vivem em um estado de intranquilidade constante. Possuem muito conhecimento do cristianismo, e isto os impede de ser felizes no mundo; e têm muita amizade com o mundo, o que os impede de ser felizes em seu cristianismo. Em resumo, desperdiçam seu tempo labutando para fazer aquilo que Cristo disse que não pode ser feito. Esforçam-se para “servir a Deus e às riquezas”.

Aquele que deseja ser um crente feliz fará um grande bem a si mesmo, se ponderar a afirmação de Jesus. Não existe nenhum outro assunto em que a experiência de todos os santos de Deus é mais uniforme do que neste — a *determinação* é o segredo da tranquilidade no serviço de Cristo.

É o crente de coração dividido que traz uma péssima notícia da terra que mana leite e mel. Quanto mais completamente nos entregamos a Cristo, tanto mais sensivelmente perceberemos em nosso íntimo “a paz de Deus, que excede todo o entendimento” (Fp 4.7). Quanto mais inteiramente vivermos, não para nós mesmos, mas para Aquele que morreu por nós, tanto mais intensamente compreenderemos o que significa ter “gozo e paz no... crer” (Rm 15.13). Se realmente vale a pena servir a Cristo, sirvamo-Lo com todo nosso coração, alma, entendimento e forças. Afinal de contas, a vida, a vida eterna, é o assunto que está em jogo, mais do que a nossa felicidade. Se não estamos dispostos a desistir de tudo por amor a Cristo, não podemos esperar que Ele nos receba como parte do seu povo no último dia. Ou Ele possui todo nosso coração, ou nada. “Aquele... que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus” (Tg 4.4). O fim de um coração dúbio e não-decidido é ser lançado fora para sempre.

Em segundo, estes versículos nos ensinam que *a estimativa dos homens em referência às coisas é amplamente diferente da estimativa de Deus*. O Senhor Jesus fez uma severa repreensão aos avarentos fariseus que dEle escarneciam. Nosso Senhor disse: “Vós sois os que vos justificais a vós mesmos diante dos homens, mas Deus conhece o vosso coração; pois aquilo que é elevado entre homens é abominação diante de Deus”.

A verdade se manifesta em todos os lugares. Precisamos apenas olhar ao nosso redor e identificar as coisas em que os homens colocam seu coração, para que a verdade ensinada aqui nos seja comprovada de muitas maneiras. Riquezas, honra, status e prazeres são os principais objetivos em busca dos quais grande parte da humanidade está vivendo. No entanto, estas são as coisas que Deus declara ser “vaidades” e nos adverte para que nos acautelemos de amá-las. Orar, ler a Bíblia, viver em santidade, o arrependimento, a fé, a graça de Deus, a comunhão com Ele são coisas com as quais os homens pouco se importam. Contudo, estas são as coisas que Deus, através da Bíblia, está sempre nos recomendando com insistência. A diferença é óbvia, estarrecedora e dolorosa — aquilo que Deus julga ser bom, os homens acham ruim; aquilo que eles consideram ruim, Deus declara ser bom.

Qual das estimativas anteriores é a verdadeira e correta? Qual das opiniões prevalecerá no último dia? De acordo com que padrão todas as pessoas serão julgadas, antes de receberem a sentença eterna? Diante de que tribunal as opiniões prevalecentes no mundo serão testadas e avaliadas? Estas são as únicas perguntas que devem influenciar nossa conduta, e para elas a Bíblia oferece respostas claras. Somente o Conselho do Senhor permanecerá para sempre. Apenas a Palavra de Cristo será o instrumento de juízo dos homens no último dia. Pela palavra dEle, devemos viver. Por meio dela, julgemos todas as coisas e pessoas neste mundo perverso. O

que os homens pensam não deve nos importar, e sim o que o Senhor diz. Pouco nos deve preocupar o que os homens, por costume e modismo, pensam, mas: “Seja Deus verdadeiro, e mentiroso, todo homem” (Rm 3.4). Quanto mais completamente nossa mente estiver em harmonia com Deus, tanto mais preparados estaremos para o Dia do Juízo. Amar o que Deus ama, odiar o que Ele odeia, aprovar o que Ele aprova é a mais elevada forma de cristianismo. Quando nos encontramos honrando qualquer coisa que Deus reputa como insignificante, estejamos certos de que algo está errado em nossa alma.

Por último, estes versículos nos ensinam *a dignidade e a santidade da lei de Deus*. Nosso Senhor declarou: “É mais fácil passar o céu e a terra do que cair um til sequer da Lei”.

Cristo sempre defendeu o honrar a santa lei de Deus, durante o tempo de seu ministério terreno. Às vezes, nós O encontramos defendendo-a dos acréscimos estabelecidos pelos homens, como no caso do quarto mandamento. Às vezes, nós O vemos defendendo-a daqueles que desejavam minimizar o padrão de suas exigências e permitir que ela fosse transgredida, como no caso da lei do casamento. E nunca O encontramos falando sobre a Lei em qualquer outro sentido, exceto o de respeitá-la. Ele sempre engrandeceu a Lei, fazendo-a gloriosa (Is 42.21). A parte cerimonial da Lei era uma figura de seu próprio evangelho e seria cumprida literalmente. Sua parte moral era uma revelação da eterna mente de Deus e seria perpetuamente ordenada aos crentes.

A obediência à lei de Deus precisa continuamente ser defendida em nossos dias. Em poucos assuntos, a ignorância prevalece tanto entre os que professam ser crentes. Alguns parecem imaginar que não têm qualquer obrigação para com a Lei e que seus aspectos cerimonial e moral eram obrigações temporárias; desse modo, os sacrifícios diários no templo e os Dez Mandamentos foram ambos ab-rogados pelo evangelho. Alguns, por outro lado, acham que ainda estamos sob a obrigação da Lei e somos salvos através do obedecê-la, mas que seus preceitos foram amenizados pelo evangelho e podem ser satisfeitos por meio de nossa imperfeita obediência. Ambos os pontos de vista são errôneos e sem fundamento bíblico. Estejamos alerta contra eles.

Gravemos em nossa mente a verdade de que “a lei é boa, se alguém dela se utiliza de modo legítimo” (1 Tm 1.8). A Lei tem o propósito de nos mostrar a santidade de Deus e a nossa pecaminosidade, convencer-nos do pecado, levar-nos a Cristo, mostrar-nos como viver depois que viemos a Cristo, ensinando-nos que atitudes devemos seguir e o que evitar. Aquele que dessa maneira utiliza a Lei descobrirá que ela é uma verdadeira amiga de sua alma. O crente bem firmado sempre dirá: “No tocante ao homem interior, tenho prazer na lei de Deus” (Rm 7.22).

A Parábola do Rico e Lázaro

Leia Lucas 16.19-31

Em um aspecto, esta parábola é singular nas Escrituras. É a única passagem da Bíblia que descreve a experiência do incrédulo após a morte. Por essa razão, assim como as demais, a parábola merece atenção especial.

Primeiramente, aprendemos que *a condição de um homem neste mundo não é uma prova de seu estado aos olhos de Deus*. O Senhor Jesus descreveu-nos dois homens. Um deles era muito rico; o outro, muito pobre. O rico, “todos os dias, se regalava esplendidamente”. O pobre era um “mendigo” que não tinha qualquer possessão. No entanto, o pobre possuía a graça de Deus; o rico, não. O pobre vivia pela fé e andava nas pisadas de Abraão. O rico era descuidado, egoísta, mundano e estava morto em ofensas e pecados.

Nunca aceitemos a idéia de que os homens devem ser avaliados de acordo com sua situação financeira e de que aquela pessoa que possui mais dinheiro deve receber a mais elevada consideração. Não existe na Bíblia qualquer fundamento para essa idéia. O ensino geral das Escrituras claramente se opõe. “Não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento” (1 Co 1.26). “Não se glorie...o rico nas suas riquezas; mas o que se gloriar, glorie-se nisto: em me conhecer e saber que eu sou o SENHOR” (Jr 9.23, 24). Riqueza não é uma indicação do favor de Deus, assim como a pobreza não é uma evidência de seu desprazer. Aqueles que Ele justifica e glorifica raramente possuem riquezas neste mundo. Se desejamos avaliar os homens da mesma maneira como Deus os avalia, temos de fazê-lo de acordo com a graça que eles possuem.

Em segundo, aprendemos que *a morte é o fim que virá a todas as classes de pessoas*. As privações do “mendigo” e a suntuosa abundância do “rico” por fim terminaram de modo igual. Chegou o momento em que ambos morreram. “Todos vão para o mesmo lugar” (Ec 3.20).

A morte é um grande fato que todos reconhecem, mas poucos parecem compreendê-la. Muitos vivem comendo, bebendo, dando-se em casamento, divertindo-se e fazendo planos como se fossem permanecer para sempre na terra. O verdadeiro crente deve ficar alerta contra esse espírito. “Aquele que deseja viver bem”, disse um grande teólogo, “deveria sempre pensar sobre o último dia de sua vida e ter esse pensamento sempre consigo”. Contra a murmuração, o descontentamento e a inveja, na condição de pobreza; contra o orgulho, a auto-suficiência e a arrogância, na condição de riqueza, existem poucos antídotos melhores do que a lembrança da morte.

Morreu “o mendigo”, e findaram-se todas as suas necessidades físicas. “Morreu também o rico”, e todos os seus deleites acabaram para sempre.

Em terceiro, aprendemos desta parábola que *as almas dos crentes desfrutam do cuidado especial de Deus na hora da morte*. O Senhor Jesus nos contou que, depois de morto, o mendigo foi “levado pelos anjos para o seio de Abraão”.

É uma afirmativa repleta de consolação. Sabemos muito pouco ou nada a respeito do estado e dos sentimentos dos mortos. Quando chegar a nossa última hora e morrermos, seremos semelhantes a pessoas que viajam para uma terra desconhecida. No entanto, saber que todos os que morrem em Cristo estão bem guardados é algo que deve satisfazer-nos. Não estão desprovidos de um lugar e vagueando errantes entre a hora de sua morte e o dia de sua ressurreição. Encontram-se entre amigos, entre todos os que possuíam fé semelhante à de Abraão. Nada lhes falta; e, o melhor de tudo, o apóstolo Paulo nos informa, eles estão “com Cristo” (Fp 1.23).

Em quarto, aprendemos desta parábola *a realidade e a eternidade do inferno*. O Senhor Jesus nos mostrou com clareza que, depois de morto, o rico estava “no inferno” atormentado em chamas. Ele nos apresentou a terrível figura do intenso desejo do rico por água para refrescar a sua língua; apresentou também a horrível figura do “abismo” existente entre o rico e Abraão, um abismo que não poderia ser ultrapassado. Em toda a Bíblia, existem poucas passagens tão apavorantes quanto essa. E Aquele que proferiu essas palavras, não esqueçamos, é rico em misericórdia!

A certeza e a eternidade do castigo vindouro dos ímpios são verdades que temos de sustentar e nunca abandonar. Desde o dia em que Satanás disse a Eva: “É certo que não morrereis”, nunca faltou homens que negassem a verdade de Deus. Não sejamos enganados. Existe o inferno para aqueles que não se arrependerem, bem como o céu para os crentes. Existe uma ira vindoura para “os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus” (2 Ts 1.8). Dessa ira precisamos fugir a tempo, escondendo-nos naquele grande lugar de refúgio, o Senhor Jesus Cristo. Se, após a morte, os homens estiverem em tormentos no inferno, isto acontece não porque não havia uma maneira de escapar.

Em quinto, aprendemos desta parábola que *os incrédulos descobrem o valor de uma alma depois da morte, quando já é tarde demais*. O homem rico desejava que Lázaro fosse enviado aos seus cinco irmãos que estavam vivos, “a fim de não virem também para este lugar de tormento”. Enquanto vivera, o rico não fizera qualquer coisa tendo em vista o bem espiritual deles. Provavelmente, seus irmãos o acompanharam em seu mundanismo e, assim como ele, negligenciavam completamente suas almas. Quando morreu, o rico descobriu tarde demais a tolice da qual todos eram culpados e desejou que, se possível, fossem exortados ao arrependimento.

A mudança que ocorrerá na mente dos não-convertidos após a morte é um dos aspectos mais terríveis da futura condição deles. Eles perceberão, saberão e entenderão muitas coisas para as quais se mostraram obstinadamente cegos, enquanto estavam vivos. Eles descobrirão que, assim como Esaú, trocaram a felicidade eterna por um simples prato de lentilhas. Após a morte física, não existe mais incredulidade, ceticismo ou infidelidade para com Deus. Um antigo teólogo afirmou com sabedoria: “O inferno não é nada mais do que a verdade conhecida tarde demais”.

Por último, aprendemos que *os grandes milagres não têm qualquer efeito nos corações dos homens, se não crêem na Palavra de Deus*. O rico imaginava que, “se alguém dentre os mortos” fosse “ter com” seus irmãos, eles haveriam de arrepender-se. Argumentou que a contemplação de alguém vindo de outro mundo certamente os comoveria, embora as palavras familiares de Moisés e dos profetas tivessem sido ouvidas em vão. A resposta de Abraão é solene e instrutiva: “Se não ouvem a Moisés e aos profetas, tampouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos”.

O princípio estabelecido aqui é profundamente importante. As Escrituras contêm tudo que precisamos saber para sermos salvos, e um mensageiro vindo do mundo além não acrescentaria nada aos seus ensinamentos. Não é mais revelação que é necessária para levar as pessoas ao arrependimento, e sim mais disposição íntima e vontade de utilizar o que elas já sabem das Escrituras. Os mortos, se ressuscitassem para instruir-nos, não poderiam dizer-nos nada que a Bíblia não tem dito. Logo após desvanecer-se a novidade de seu testemunho, não mais nos interessaríamos por suas palavras, assim como não nos interessaríamos pela palavra de qualquer outra pessoa. O desejo ímpio por alguma coisa que não temos e a negligência por aquilo que temos é a ruína de milhões de almas. A fé simples nas Escrituras, que já possuímos, é a primeira coisa necessária à salvação. O homem que possui a Bíblia, pode lê-la e, apesar disso, espera receber mais evidências para se tornar um crente resoluto, esse homem está enganando a si mesmo. A menos que desperte dessa ilusão, morrerá em seus pecados.

O Pecado de Causar Escândalos; O Dever de Perdoar

Leia Lucas 17.1-4

Inicialmente, estes versículos nos ensinam a *grande pecaminosidade*

de colocar tropeços no caminho da alma de outros homens. O Senhor Jesus disse: “É inevitável que venham escândalos, mas aí do homem pelo qual eles vêm! Melhor fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma pedra de moinho, e fosse atirado no mar, do que fazer tropeçar a um destes pequeninos”.

Quando os homens fazem os outros tropeçarem? Quando eles fazem surgir “escândalos”? Sem dúvida, eles o fazem quando perseguem os crentes ou esforçam-se para impedi-los de servir a Cristo. Mas isso infelizmente não é tudo. Há os que professam ser crentes, mas fazem outros tropeçarem sempre que trazem descrédito ao seu cristianismo, por meio de sua inconsistência em palavras, temperamento e conduta. Nós o fazemos sempre que tornamos nosso cristianismo desagradável aos olhos do mundo, por nos comportarmos não de acordo com aquilo que professamos ser. O mundo talvez não entenda as doutrinas e os princípios dos crentes, mas está de olhos atentos àquilo que eles praticam.

O pecado contra o qual nosso Senhor nos advertiu foi o mesmo cometido por Davi. Quando ele transgrediu o sétimo mandamento e tomou a mulher de Urias para ser sua esposa, o profeta Natã lhe disse: “Com isto deste motivo a que blasfemassem os inimigos do SENHOR” (2 Sm 12.14). Foi o pecado do qual o apóstolo Paulo acusou os judeus de Roma, quando escreveu: “O nome de Deus é blasfemado entre os gentios por vossa causa” (Rm 2.24). Esse é o pecado sobre o qual devemos frequentemente advertir os crentes a se acautelarem — “Não vos torneis causa de tropeço nem para judeus, nem para gentios, nem tampouco para a igreja de Deus” (1 Co 10.32).

Este assunto é profundamente perscrutador. O pecado que o Senhor Jesus nos apresenta aqui é muito comum. A incoerência de muitos crentes frequentemente fornece aos incrédulos uma desculpa para negligenciarem completamente o cristianismo. Um crente que não vive de acordo com aquilo que professa ser está a cada dia, quer saiba, quer não, causando danos a muitas almas. Sua vida é uma injúria ao evangelho de Cristo.

Perguntemos a nós mesmos se estamos fazendo o bem ou causando danos ao mundo. Se realmente somos crentes, não podemos viver para nós mesmos. Os olhos de muitos estarão sempre nos observando. Os homens julgam por aquilo que vêem, mais do que por aquilo que ouvem. Se vêem o crente contradizer, por meio de sua prática, aquilo que afirma crer, estão juntamente sendo ofendidos e obstruídos. Por amor ao mundo, e a nós mesmos, labutemos para que sejamos eminentemente santos. Esforcemo-nos para tornar nosso cristianismo atraente aos olhos dos homens e para adornar a doutrina de Cristo em tudo o que fazemos. Todos os dias, devemos nos empenhar para desembaraçar-nos de todo o peso e do pecado que tenazmente nos assedia e para vivermos de tal

modo, que os homens não acharão erro em nós, exceto em referência à lei de nosso Deus. Vigiem com zelo nosso temperamento, nossa língua e a realização de nossos deveres sociais. Qualquer coisa é melhor do que causar dano às almas. A cruz de Cristo sempre trará injúria. Cuidemos para não aumentar a injúria, por causa de descuido em nossa vida diária. Não podemos esperar que o homem natural ame o evangelho. Porém não devemos causar-lhe aversão por meio de nossa incoerência.

Estes versículos também nos ensinam *a grande importância de um espírito perdoador*. O Senhor Jesus disse: “Se teu irmão pecar contra ti, repreende-o; se ele se arrepender, perdoa-lhe. Se, por sete vezes no dia, pecar contra ti e, sete vezes, vier ter contigo, dizendo: Estou arrependido, perdoa-lhe”.

Existem poucos deveres cristãos sobre os quais o Novo Testamento fala tão freqüente e severamente quanto o dever de perdoar ofensas. Ocupa um lugar proeminente na oração do Pai Nosso. A única confissão que fazemos em toda a oração é a de que “perdoamos a todo o que” transgredir contra nós. Esse é um teste para verificarmos se nós mesmos fomos perdoados. Aquele que não pode perdoar ao seu próximo algumas pequenas ofensas cometidas contra ele, pode não conhecer por experiência pessoal o perdão gratuito e completo que Cristo nos oferece (Mt 18.35; Ef 4.32). Essa também é uma evidência da habitação do Espírito no coração de uma pessoa. A presença do Espírito no coração sempre será reconhecida pelos frutos que Ele produz na vida do crente. Esses frutos são ativos e também passivos. Aquele que não aprendeu a suportar, a tolerar e deixar passar muitas coisas não é nascido do Espírito (1 Jo 3.14; Mt 5.44-45).

A doutrina aqui estabelecida por nosso Senhor é profundamente humilhante. Ela nos mostra com muita clareza a ampla diferença que existe entre os caminhos do mundo e os caminhos do evangelho de Cristo. Quem não reconhece que o orgulho, a insolência, a disposição para vingar ofensas e a implacável determinação de jamais perdoar e jamais esquecer são coisas muito comuns entre homens e mulheres batizados no cristianismo? Há milhares de pessoas que participam da Ceia do Senhor e professam amar o evangelho e que, de repente, explodem diante daquilo que demonstra a menor aparência de ser o que eles chamam “conduta ofensiva” e brigam por causa das mais banais vulgaridades. Muitos estão constantemente discutindo com todos à sua volta, sempre reclamando quão errado é o comportamento das outras pessoas e esquecendo que sua disposição para contender é uma fagulha que pode causar um incêndio. Uma observação geral se aplica a todas essas pessoas. Estão tornando miseráveis suas próprias vidas e mostrando quão despreparados se encontram para o reino de Deus. Um espírito não-perdoador, inclinado a contentas é a mais segura evidência de um coração não-regenerado. O

que dizem as Escrituras? “Porquanto, havendo entre vós ciúmes e contendas, não é assim que sois carnais e andais segundo o homem?” (1 Co 3.3; 1 Jo 3.18-20; 4.20)

Finalizemos nossas considerações examinando com cuidado a nós mesmos. Poucos textos bíblicos devem humilhar tanto os crentes e fazê-los sentir tão profundamente a necessidade do sangue expiatório e da mediação de Cristo. Quão freqüentemente temos ofendido e levado os outros a tropeçarem. Temos permitido com regularidade que pensamentos grosseiros, irados e vingativos aninhem-se sem perturbação em nosso íntimo. Essas coisas não deveriam acontecer. Quanto mais atentarmos às lições práticas aprendidas aqui, tanto mais recomendaremos nosso cristianismo aos outros e mais intensa paz desfrutaremos em nossa alma.

A Importância da Fé; Os Melhores Homens, Servos Inúteis

Leia Lucas 17.5-10

Primeiramente, observemos nestes versículos *o importante pedido dos apóstolos*. Eles disseram ao Senhor Jesus: “Aumenta-nos a fé”. Não sabemos os sentimentos íntimos que produziram o pedido deles. Talvez o coração dos apóstolos tenha desanimado, ao ouvir dos lábios de nosso Senhor ensinamentos árduos, um após o outro. Talvez eles pensassem: “Quem é suficiente para essas coisas? Quem pode entender doutrinas tão difíceis e seguir tão elevado padrão de conduta?” São apenas hipóteses; entretanto, uma coisa é certa e evidente: o pedido dos apóstolos era profundamente importante — “Aumenta-nos a fé”.

A fé é a raiz do cristianismo que salva. “Sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam” (Hb 11.6). Ela é a mão por meio da qual a alma se agarra e se une a Jesus Cristo, tornando-se salva. É o segredo de todo o conforto e crescimento espiritual do crente. A paz, a esperança, o vigor, a coragem, a vitória sobre o mundo e a determinação de um crente serão proporcionais à sua fé. Ao apresentarem a Jesus esse pedido a respeito da fé, os apóstolos o fizeram com sabedoria.

A fé é uma virtude que admite graus. Ela não atinge o pleno vigor e perfeição imediatamente após ser plantada no coração por intermédio do Espírito Santo. Existe a pequena e a grande fé, a fé vigorosa e a frágil. A Bíblia nos fala sobre todas elas. Todas serão vistas nas experiências do

povo de Deus. Quanto mais fé um crente possuir, tanto mais feliz, santo e útil ele será. Promover o crescimento e o progresso da fé deve ser a oração diária e o empenho de todos os que amam a vida. Os apóstolos fizeram bem ao pedir: “Aumenta-nos a fé”.

Realmente temos fé? Acima de tudo, temos aqui um importante questionamento que pode ser suscitado em nosso coração. A fé salvadora não é apenas a simples repetição de um credo, dizendo: “Eu creio em Deus, o Pai... em Deus, o Filho... e em Deus, o Espírito Santo”. Milhares de pessoas estão utilizando essas palavras regularmente, mas não conhecem a verdadeira fé. Neste sentido, as palavras do apóstolo Paulo são solenes: “A fé não é de todos” (2 Ts 3.2). A fé verdadeira não é algo natural ao homem; ela vem do céu; é um dom de Deus.

Se possuímos uma pequena fé, oremos para que a tenhamos em mais intensidade. Viver na dependência de uma antiga medida de fé e não ter fome e sede de crescer na graça é um péssimo sinal do estado espiritual de uma pessoa. Em nossas devoções diárias, oremos para que tenhamos mais fé e desejemos sinceramente os melhores dons. Não devemos desprezar “o dia dos humildes começos” (Zc 4.10) na alma de nosso irmão, mas não podemos nos contentar com tão pouco em nossa própria alma.

Também devemos observar nestes versículos *o poderoso golpe que nosso Senhor deu na justiça própria*. Ele declarou aos seus apóstolos: “Depois de haverdes feito quanto vos foi ordenado, dizei: Somos servos inúteis, porque fizemos apenas o que devíamos fazer”.

Naturalmente, todos nós somos orgulhosos e cheios de justiça própria. Pensamos de maneira elevada a respeito de nós mesmos, de nossos merecimentos e de nosso caráter, mais do que realmente temos o direito de fazê-lo. Esta é uma doença sutil que se manifesta de muitas maneiras diferentes. Muitos podem detectá-la nas outras pessoas; poucos admitirão sua presença em si mesmos. Dificilmente encontramos uma pessoa que, embora seja bastante ímpia, não bajule secretamente a si mesma, dizendo que existem pessoas piores do que ela mesma. Raramente encontraremos um crente que, em algumas ocasiões, não será tentado a contentar-se e a sentir-se satisfeito consigo mesmo. Existe um tipo de orgulho que veste a capa da humildade. Não existe um coração sobre a terra que não contenha um pequeno aspecto do caráter dos fariseus.

Abandonar a justiça própria é absolutamente necessário para a salvação. Aquele que deseja ser salvo deve confessar que em si mesmo não existe qualquer coisa boa, que não possui nenhum mérito, nenhuma bondade, nenhuma dignidade própria. Precisa estar disposto a renunciar sua justiça pessoal e confiar na justiça de outro, o próprio Senhor Jesus Cristo. Tendo sido perdoados, temos de seguir a jornada diária da vida sob a profunda convicção de que somos “servos inúteis”. No melhor de

nós mesmos, cumprimos apenas as nossas obrigações e nada temos de que nos gloriar. E, mesmo quando as cumprimos, isso não acontece devido à nossa própria força e capacidade, e sim pelo poder que Deus nos outorga. Não temos qualquer reivindicação diante de Deus ou dignidade alguma para merecer coisas da parte dEle. Tudo que temos, nós o recebemos; tudo que somos devemos à soberana e eminente graça de Deus.

Qual é a verdadeira causa da justiça própria? Como podemos explicar que uma criatura frágil, desamparada e caída como o homem pode sonhar que merece qualquer coisa de Deus? A justiça própria resulta da ignorância. Os olhos de nosso entendimento espiritual estão naturalmente cegos. Não conseguimos ver a nós mesmos, nem a nossa vida, nem a Deus e sua lei como deveríamos. Quando a luz da graça divina resplandece no coração de uma pessoa, o reino da justiça própria termina. As raízes do orgulho podem ainda permanecer e produzir frutos amargos. Mas o poder do orgulho é quebrado quando o Espírito Santo adentra o coração de uma pessoa e lhe revela seu próprio eu e a Deus. O verdadeiro crente nunca confiará em sua própria bondade. Ele dirá, assim como o apóstolo Paulo: “Sou o principal” dos pecadores (1 Tm 1.15); “Longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo” (Gl 6.14).

Os Dez Leprosos

Leia Lucas 17.11-19

Primeiramente, devemos observar nesta passagem *quão ardentemente os homens podem clamar por ajuda, quando dela sentem necessidade*. Lemos que, ao entrar Jesus “numa aldeia, saíram-lhe ao encontro dez leprosos”. É quase impossível imaginar uma situação mais infeliz do que a desses homens afligidos por lepra. Eles estavam separados da sociedade e privados de toda a comunhão com seus amigos. A descrição feita parece indicar que eles são bastante sensíveis à sua miséria. Eles “ficaram de longe”, mas não permaneceram quietos, sem fazer alguma coisa; pelo contrário, “gritaram, dizendo: Jesus, Mestre, compadece-te de nós!” Os leprosos sentiram profundamente o deplorável estado de seus corpos. Encontraram palavras para expressar seus sentimentos. Clamaram com ardor, suplicando alívio, quando surgiu-lhes uma oportunidade.

A conduta dos dez leprosos é muito instrutiva. Esclarece um assunto importante em referência à vida prática do crente, um assunto que jamais entenderemos bem — a oração.

Como podemos explicar que muitos não oram de maneira alguma?

E que muitos se contentam em repetir fórmulas de oração, mas nunca oram com todo o seu coração? O que podemos dizer sobre homens e mulheres que estão às portas da morte, cujas almas podem se perder ou ser salvas, e que sabem tão pouco da oração genuína, sistemática e de coração? Resta-nos uma resposta curta e simples. A maior parte da humanidade não possui qualquer senso de pecado. Não percebem sua enfermidade espiritual. Não estão cômicos de que estão perdidos, são culpados e encontram-se no ponto de cair no abismo do inferno. Quando um homem descobre a enfermidade de sua alma, logo aprende a orar. Assim como os leprosos, acha palavras para expressar sua necessidade e pedir socorro.

Ainda, como é possível que muitos crentes verdadeiros freqüentemente orem com tanta frieza? Por que suas orações são fracas, indiferentes e sem objetivo? A resposta é evidente. Eles não reconhecem sua necessidade diante de Deus. Não se encontram realmente despertados em referência à sua própria fraqueza e desamparo; portanto, não clamam com fervor, suplicando graça e misericórdia. Recordemos sempre essas coisas. Procuremos ter um constante e permanente senso de nossas verdadeiras necessidades. Se os crentes pudessem apenas perceber a situação de suas almas, assim como os dez leprosos perceberam a condição de seus corpos, orariam com mais excelência do que o fazem.

Em segundo, devemos observar nestes versículos que *a ajuda encontra os homens no caminho da obediência*. Somos informados que, quando os leprosos clamaram a nosso Senhor, Ele apenas respondeu: “Ide e mostrai-vos aos sacerdotes”. Jesus não os tocou nem ordenou que a lepra se retirasse deles. Não prescreveu qualquer remédio, qualquer ritual de purificação, nem a utilização de quaisquer recursos materiais. No entanto, o poder de cura acompanhou as palavras que Jesus pronunciou. O alívio da enfermidade ocorreu logo que os leprosos obedeceram a ordem de nosso Senhor — “Aconteceu que, indo eles, foram purificados”.

Sem dúvida, são acontecimentos que foram registrados para nos outorgar conhecimento. Nos mostram a sabedoria da obediência singela e irrestrita a todas as palavras vindas dos lábios de nosso Senhor. Não convém que fiquemos parados, argumentando e duvidando, quando as ordens de nosso Mestre são evidentes e inconfundíveis. Se os leprosos tivessem agido dessa maneira, jamais teriam sido curados. Temos de ler as Escrituras com diligência. Precisamos orar e participar dos meios de graça. São deveres que Cristo exige de nós e que, se amamos nossas vidas, devemos obedecer, sem fazer questionamentos vãos e perguntas capciosas. É somente no caminho da obediência resoluta que Cristo nos encontra e abençoa. “Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina” (Jo 7.17).

Por último, devemos observar nestes versículos que *a gratidão é uma coisa rara*. Dos leprosos que nosso Senhor curou, apenas um voltou para Lhe agradecer. São solenes as palavras que nosso Senhor pronunciou na ocasião: “Não eram dez os que foram curados? Onde estão os nove?”

Para nós, é uma lição humilhante, perscrutadora e muito profunda. Os melhores de nós são semelhantes aos nove leprosos. Somos mais dispostos a orar do que a adorar e mais propensos a pedir a Deus aquilo que não temos do que a agradecer-Lhe pelo que temos. Queixas, lamentações e descontentamento são abundantes entre nós. Sempre acharemos pessoas que estão continuamente ocultando as misericórdias recebidas “debaixo do alqueire” e revelando suas provações e necessidades “sobre um monte”. É triste termos de confessar coisas assim, mas elas são verdadeiras e comprovadas por todos os que conhecem a igreja e o mundo. A excessiva ingratidão dos crentes é a desgraça de nossa época. É uma prova indiscutível de nossa pouca humildade.

Oremos para que diariamente tenhamos um espírito de gratidão. É o espírito que Deus ama e deleita-se em conceder; é o espírito que tem caracterizado todos os brilhantes servos de Deus em todas as épocas de existência da igreja. Davi e Paulo eram homens eminentemente agradecidos. M’Cheyne, Bickersteth e Haldane Stewart estavam sempre repletos de louvores. O espírito de gratidão é a própria atmosfera dos céus. Os anjos e os espíritos dos justos aperfeiçoados estão sempre bendizendo a Deus. Tal comportamento é a fonte de felicidade na terra. Se desejamos não andar ansiosos por coisa alguma, temos não somente de fazer conhecidas as nossas petições diante de Deus, pela oração e pela súplica, mas também com ações de graças (Fp 4.6).

Acima de tudo, supliquemos um senso mais profundo de nossa própria pecaminosidade, culpa e falta de merecimento. Eis o verdadeiro segredo de um espírito de gratidão: aquele que diariamente percebe sua dívida para com a graça divina — e lembra que, na realidade, não merece nada, exceto o inferno — todos os dias estará bendizendo e adorando a Deus. A gratidão é uma flor que nunca vicejará de qualquer outro caule, exceto da raiz da profunda humildade.

O Reino de Deus Não Vem com Aparência Visível

Leia Lucas 17.20-25

Primeiramente, aprendemos nesta passagem que *o reino de Deus é*

completamente diferente dos reinos deste mundo. O Senhor Jesus disse aos fariseus: “Não vem o reino de Deus com visível aparência”. Ele afirmava que a aproximação e a presença do reino de Deus não seria caracterizada por sinais visíveis de dignidade. Aqueles que esperavam contemplar um reino com esses sinais ficariam desapontados. Estariam esperando em vão, enquanto o verdadeiro reino estaria no meio deles, sem que o soubessem. O Senhor Jesus também afirmou: “O reino de Deus está dentro de vós”.

A expressão de nosso Senhor descreve com exatidão o início de seu reino espiritual. Começou em uma manjedoura, em Belém, sem o conhecimento dos grandes, dos ricos e dos sábios. Apareceu de repente no templo em Jerusalém, e somente Ana e Simeão reconheceram seu Rei. Trinta anos depois, foi recebido somente por um pequeno grupo de pescadores e publicanos, na Galiléia. Os principais sacerdotes e fariseus não puderam vê-lo. O Rei veio para o que era seu, mas os seus não O receberam. Durante muito tempo, os judeus confessavam estar aguardando o reino; porém, olhavam na direção errada. Não tinham qualquer garantia para os sinais que estavam aguardando. O reino de Deus estava no meio deles. Apesar disso, não o puderam ver.

O reino que um dia Cristo há de estabelecer deverá iniciar-se, em vários aspectos, de maneira semelhante ao seu reino espiritual. Não será acompanhado por sinais e manifestações visíveis, que muitos aguardam contemplar. Não será precedido por um período de paz universal e santidade. Não será anunciado à igreja por meio de avisos inconfundíveis de que todos estarão prontos e preparados para a manifestação do reino. Virá inesperada e subitamente, sem qualquer aviso à imensa maioria dos homens. Simeões e Anas serão escassos nos últimos dias, assim como o foram no início do evangelho. Muitos serão despertados, um dia, como pessoas que estavam dormindo, e descobrirão para sua surpresa e desânimo que o reino de Deus realmente chegou.

Faremos bem se guardarmos essas verdades em nosso coração e nelas meditarmos. A grande maioria dos homens está completamente enganada a respeito do reino de Deus. Eles estão esperando sinais que nunca aparecerão. Estão aguardando indicações que nunca encontrarão. Estão sonhando com a conversão universal. Estão imaginando que os missionários, pregadores do evangelho e escolas evangélicas transformarão a face do mundo, antes que venha o fim. Acautelemo-nos de tais enganos. Não durmamos como os demais. O reino de Deus virá sobre os homens mais rápido do que muitos esperam. “Não vem o reino de Deus com visível aparência.”

Em segundo, aprendemos nesta passagem que *a segunda vinda de Cristo será um acontecimento repentino.* Nosso Senhor descreveu essa

verdade por meio de uma figura admirável. Ele disse: “Assim como o relâmpago, fuzilando, brilha de uma à outra extremidade do céu, assim será, no seu dia, o Filho do homem”.

A segunda vinda pessoal de Cristo é o sentido verdadeiro de suas palavras. Nada sabemos quanto ao dia e a hora exatos desse acontecimento. Mas, quando tiver de realizar-se, pelo menos uma coisa é evidente: virá súbita e instantaneamente à igreja e ao mundo, sem qualquer observação anterior. Todas as Escrituras indicam isto. Será “à hora em que não cuidais” (Mt 24.44). Virá “como ladrão de noite” (1 Ts 5.2).

O caráter súbito da segunda vinda de Cristo é um pensamento solene. Deveria nos levar a meditar sobre estarmos constantemente preparados para aquele dia. Nosso esforço e o desejo de nosso coração deveriam ser os de estarmos sempre prontos para encontrar nosso Senhor. O alvo de nossa vida deveria ser o não fazer ou dizer qualquer coisa que nos deixaria envergonhados, se Cristo aparecesse repentinamente. “Bem-aventurado”, disse o apóstolo João, “aquele que vigia e guarda as suas vestes” (Ap 16.15). Aqueles que atacam a doutrina da segunda vinda de Cristo, reputando-a especulativa, ilusória e sem resultados práticos, fariam bem se reconsiderassem o fato de ela não foi reputada desse modo nos dias dos apóstolos. Aos olhos deles, paciência, esperança, diligência, moderação e santidade pessoal estavam inseparavelmente unidas à expectativa da volta de Cristo. Feliz é o crente que aprendeu a pensar como os apóstolos! Estar sempre aguardando a manifestação de nosso Senhor é um dos melhores auxílios para uma comunhão mais íntima com Deus.

Por último, aprendemos nesta passagem que *existem duas vindas pessoais de Cristo reveladas nas Escrituras*. Foi designado por Deus que o Senhor Jesus, em sua primeira manifestação ao mundo, viesse em humildade e fraqueza, para sofrer e morrer. E igualmente foi designado que Ele venha, na segunda manifestação, em poder e grande glória, para sujeitar todos os inimigos debaixo de seus pés e reinar. Em sua primeira vinda, Ele deveria ser feito “pecado por nós” e levar sobre Si o nosso pecado, na cruz (2 Co 5.21). Em sua segunda vinda, Ele aparecerá sem pecado, para a completa salvação de seu povo (Hb 9.28). Sobre essas duas vindas nosso Senhor falou com clareza nesta ocasião. Ele se reportou à primeira vinda, quando disse que o Filho do Homem teria de padecer “muitas coisas” e ser “rejeitado”; e referiu-se à segunda vinda, quando asseverou que, “assim como o relâmpago, fuzilando, brilha de uma à outra extremidade do céu, assim será, no seu dia, o Filho do homem”.

Distinguir com clareza as duas vindas de Cristo é muito importante para termos um correto entendimento das Escrituras. Os discípulos e todos os judeus da época de Jesus parecem ter visto apenas uma vinda pessoal do Messias. Esperavam que Ele viesse para reinar e não para sofrer. De

mancira semelhante, a grande maioria de cristãos professos parece ver apenas um advento de Cristo. Acreditam que Ele veio a primeira vez para sofrer. Mas parecem ser incapazes de entender que Cristo virá uma segunda vez para reinar. Ambos os grupos abraçaram a verdade, mas infelizmente nenhum deles abraçou a verdade completa. Ambos estão errados, e o erro dos cristãos professos é apenas menor em importância do que o dos judeus.

Aquele que se esforça para ser um crente firme e bem instruído tem de conservar em mente, com determinação, os dois adventos de Cristo. Pontos de vistas claros sobre este assunto constituem um grande auxílio à leitura proveitosa da Bíblia. Sem eles, encontraremos constantemente afirmações proféticas que não poderemos conciliar ou explicar com outras afirmações bíblicas. A vinda pessoal de Jesus, pela primeira vez, para sofrer, e sua segunda vinda, em pessoa, para reinar são dois marcos que jamais podemos perder de vista. Agora nos encontramos entre os dois adventos. Devemos crer que ambos são verdadeiros e constituem a realidade dos fatos.

Os Dias de Noé e os Dias de Ló

Leia Lucas 17.26-37

O assunto apresentado nestes versículos manifesta peculiar solenidade. Os versículos referem-se ao segundo advento de nosso Senhor Jesus Cristo. Um grande acontecimento e os eventos imediatamente relacionados a ele são descritos por nosso Senhor.

Primeiramente, devemos observar nestes versículos *que terrível quadro nosso Senhor retrata sobre o estado da igreja professa na época de sua segunda vinda*. Somos informados que, “assim como foi nos dias de Noé” e “nos dias de Ló”, “assim será no dia em que o Filho do homem se manifestar”. O caráter daqueles dias não foi deixado à nossa especulação. Somos ensinados com clareza que, em ambas as épocas, os homens estavam completamente absorvidos em comer, beber, casar-se, comprar, vender, plantar, edificar e não se importaram com mais nada. Por fim, veio o dilúvio nos dias de Noé e destruiu a todos, exceto os que estavam na arca. O fogo caiu do céu, nos dias de Ló, e consumiu a todos, exceto Ló, sua esposa e filhas. E nosso Senhor declarou com muita clareza que coisas semelhantes a essas acontecerão quando Ele vier novamente no fim do mundo. “Quando andarem dizendo: Paz e segurança, eis que lhes sobrevirá repentina destruição” (1 Ts 5.3).

É difícil imaginarmos uma passagem das Escrituras que aniquila de

modo mais completo as idéias comuns que prevalecem entre os homens em referência à segunda vinda de Cristo. O mundo não será convertido quando o Senhor Jesus vier novamente. A terra não se encherá do conhecimento da glória do Senhor, o reino de paz não será estabelecido, e o milênio não será iniciado antes da volta de Cristo. Esses gloriosos acontecimentos se realizarão somente *depois* do segundo advento. Se as palavras realmente possuem significado, estes versículos nos mostram que, no dia da manifestação de Cristo, a terra estará repleta de impiedade e mundanismo. Serão muitos os incrédulos e os não-convertidos. Os crentes e piedosos, assim como na época de Noé e nos dias de Ló, serão pouquíssimos.

Tenhamos cuidado conosco mesmo e acautelemo-nos do espírito do mundo. Não podemos agir como as outras pessoas, que vivem a comprar, vender, plantar, edificar, comer, beber e dar-se em casamento, como se tivéssemos nascido apenas para isso. Dedicção exclusiva a essas coisas nos arruinará tão completamente quanto o pecado notório. Devemos nos retirar do mundo e ser separados. Temos de, com ousadia, ser peculiares. Assim como Ló, precisamos escapar. Assim como Noé, temos de correr para a arca. Essa é a nossa única segurança. Somente então, estaremos seguros no dia da ira do Senhor e evitaremos a destruição, quando o Filho do homem se manifestar (Sf 2.3).

Em segundo, devemos observar nestes versículos *o aviso solene de nosso Senhor contra uma falsa confissão de segui-Lo*. Em imediata conexão com a descrição de seu segundo advento, Ele nos disse: “Lembra-vos da mulher de Ló”.

A mulher de Ló avançou bastante em sua confissão de ser crente. Era a esposa de um homem “justo”. Por meio de Ló, ela estava ligada a Abraão, o pai dos fiéis. Juntamente com seu esposo, ela fugiu de Sodoma no dia em que ele escapou da destruição, por obedecer a ordem divina. No entanto, a mulher de Ló não era realmente como o seu marido. Deixara seu coração em Sodoma. Voluntariamente desobedeceu a única exortação que o anjo colocara sobre ela; olhou para trás, em direção àquela cidade, e foi imediatamente morta. Foi transformada em uma estátua de sal e pereceu em seus pecados. Nosso Senhor disse: “Lembra-vos da mulher de Ló”.

A mulher de Ló foi deixada como um sinal e uma advertência para todos aqueles que professam ser crentes. Devemos temer que muitos serão encontrados na mesma situação da mulher de Ló, no dia da segunda vinda de Cristo. Existem muitos crentes professos, em nossa época, que avançam bastante em sua religiosidade. Conformam-se aos padrões externos de pais e amigos crentes. Falam a linguagem do povo de Deus; obedecem as ordenanças do cristianismo. Mas durante todo esse tempo suas almas não

estão em retidão diante de Deus. O mundo está em seus corações, e estes, no mundo. Mais tarde, no Dia do Juízo, sua falsidade será exposta a todos. O cristianismo dessas pessoas será demonstrado como algo completamente podre. Existem muitos casos semelhantes ao da mulher de Ló.

Lembremos da mulher de Ló e resolvamos ser *verdadeiros* em nosso cristianismo. Não professemos servir a Cristo apenas para agradar esposas, maridos, pastores ou qualquer outra pessoa. Uma aceitação do cristianismo fundamentada nesse sentimento nunca salvará nossa alma. Sirvamos a Cristo motivados por amor a Ele mesmo. Jamais descansemos até que tenhamos a genuína graça de Deus em nosso coração e não tenhamos desejo de olhar para trás, para o mundo.

Por último, devemos observar nestes versículos *que terrível separação ocorrerá entre aqueles que confessam pertencer à igreja de Cristo, quando Ele vier*. Nosso Senhor descreveu essa separação por meio de uma figura notável. Ele disse: “Naquela noite, dois estarão numa cama; um será tomado, e deixado o outro; duas mulheres estarão juntas moendo; uma será tomada, e deixada a outra”.

Existe aqui um significado simples e claro. O dia do segundo advento de Cristo será o dia em que bons e maus, convertidos e não-convertidos serão divididos em dois grupos distintos. A igreja visível não mais será um corpo repleto de misturas. O trigo e o joio nunca mais crescerão lado a lado. Os peixes bons e os ruins serão, finalmente, separados em dois grupos. Os anjos sairão e reunirão os justos, a fim de que sejam recompensados, e deixarão para trás os ímpios, para que sejam punidos. “Convertido ou não-convertido” será o único critério do julgamento. Não importará se trabalharam, dormiram ou viveram juntos por muitos anos. No final, Deus os julgará de acordo com sua fé. Os membros de uma família que amaram a Cristo serão levados ao céu; aqueles que amaram o mundo serão lançados no inferno. Convertidos e não-convertidos serão separados para sempre, quando Jesus retornar.

Guardemos essas verdades em nosso coração. Se amamos nossos parentes e amigos temos obrigação especial de pensar sobre eles. Se eles são verdadeiros servos de Cristo, precisamos saber que temos de lançar nossa sorte juntamente com eles, se não desejamos um dia ficar separados deles, para sempre. Se eles ainda estão mortos em seus delitos e pecados, precisamos saber que temos de trabalhar e orar por sua conversão, para que mais tarde não sejamos separados deles, por toda a eternidade. A vida presente é o único tempo que dispomos para esse trabalho; ela está se passando rapidamente. Partida e separação da família, através da morte física, sempre é algo doloroso. Mas todas as separações que estamos observando no momento não serão nada, se comparadas àquela que ocorrerá na segunda vinda de Cristo.

Parábola da Viúva Importuna

Leia Lucas 18.1-8

O objetivo desta parábola é explicado pelo próprio Senhor Jesus. Citando as palavras de um antigo teólogo: “A chave está pendurada na porta”. “Disse-lhes Jesus uma parábola sobre o dever de orar sempre e nunca esmorecer.” Temos de lembrar que esta parábola está intimamente ligada à solene doutrina do segundo advento, com a qual findou o capítulo anterior. Jesus está insistindo com seus discípulos que mantenham o hábito de orar sem desfalecer, durante o longo e enfadonho intervalo entre o primeiro e o segundo advento. É nesse intervalo que estamos agora. Este assunto deve receber especial interesse de nossa parte.

Primeiramente, estes versículos nos ensinam *a grande importância da perseverança na oração*. Nosso Senhor transmitiu essa lição ao contar a história de uma viúva desamparada que obteve justiça de um magistrado ímpio, por meio de importunação resoluta. “Bem que eu não temo a Deus, nem respeito a homem algum”, disse o juiz injusto, “todavia, como esta viúva me importuna, julgarei a sua causa, para não suceder que, por fim, venha a molestar-me”. Nosso Senhor mesmo ofereceu a aplicação da parábola: “Considerai no que diz este juiz iníquo. Não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite, embora pareça demorado em defendê-los?” Se a importunação obteve tamanha resposta de um homem ímpio, quanto mais os filhos de Deus obterão, por meio dela, resposta do justo Juiz, seu Pai, que está nos céus!

O assunto sobre a oração sempre deve ser interessante para os crentes. A oração é a própria respiração do verdadeiro crente. O cristianismo autêntico começa e floresce na prática da oração; ou decai na falta dela. A oração é uma das primeiras evidências da conversão (At 9.11). Negligenciar a oração é ficar vulnerável à queda no pecado (Mt 26.40, 41). Qualquer fator que esclareça o assunto da oração contribui para a saúde de nossa alma.

Devemos gravar profundamente em nosso coração o fato de que é mais fácil criarmos o hábito de orar do que preservá-lo. O temor da morte, algumas ferroadas momentâneas na consciência ou alguns sentimentos de entusiasmo podem levar uma pessoa a começar a orar. Mas perseverar em oração exige fé. Somos propensos a sentir cansaço e a aceitar a sugestão de Satanás: “Não há qualquer proveito na oração”. Então chega a hora em que precisamos recordar em detalhes as palavras da parábola. Preci-

samos lembrar que nosso Senhor ensinou-nos expressamente a “orar sempre e nunca esmorecer”.

Já sentimos uma inclinação íntima para orar apressadamente, encurtar nossas orações, ser negligentes quanto às nossas orações ou evitá-las completamente? Estejamos certos de que, se isto acontece conosco, tal inclinação é uma tentação proveniente de Satanás. Ele está procurando enfraquecer e destruir a fortaleza de nossa alma e levar-nos ao inferno. Resistamos à tentação, lançando-a para longe de nós. Resolvamos orar com determinação, paciência e perseverança, jamais duvidando que ela nos faz bem. Ainda que a resposta demore a vir, continuemos orando. Embora nos custe muito sacrifício e renúncia, permaneçamos a “orar sempre”, a orar “sem cessar” (1 Ts 5.17) e perseveremos “na oração” (Cl 4.2). Protejamos nossas mentes com as verdades da parábola e, enquanto vivermos, separemos tempo para orar.

Em segundo, estes versículos nos ensinam que *Deus tem um povo eleito, que desfruta de seu cuidado especial*. O Senhor Jesus declarou que “fará Deus justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite”; e continuou: “Digo-vos que, depressa, lhes fará justiça”.

A eleição é uma das verdades mais profundas ensinadas nas Escrituras. É citada com clareza e singularidade no décimo sétimo artigo da Igreja Anglicana. A eleição é “o eterno propósito de Deus, pelo qual, antes da fundação do mundo, Ele decretou por seu conselho, oculto para nós, libertar da maldição e condenação aqueles que da humanidade Ele escolheu em Cristo e trazê-los por intermédio de Jesus à eterna salvação”. O testemunho é verdadeiro; é “linguagem sadia e irrepreensível” (Tt 2.8).

A eleição é uma verdade que deve produzir louvores e ações de graça em todos os verdadeiros crentes. Se Deus não os tivesse escolhido e chamado, jamais eles teriam escolhido e seguido a Deus. Se Deus não os tivesse escolhido de acordo com o beneplácito de sua vontade, sem levar em conta qualquer bondade que havia neles, jamais haveria neles qualquer coisa que os tornariam dignos da escolha divina. As pessoas incrédulas, de mentalidade mundana, injuriam a doutrina da eleição. Os falsos mestres insultam-na e “transformam em libertinagem a graça de nosso Deus” (Jd 4). Mas o crente que conhece seu próprio coração sempre bendirá a Deus pela eleição. Confessará que sem ela não haveria salvação.

Mas, quais são as marcas da eleição? Por meio de quais indícios alguém pode saber que é um eleito de Deus? Essas marcas estão delineadas com clareza nas Escrituras. A eleição está unida de maneira inseparável à fé em Cristo e à conformidade com sua imagem (Rm 8.29-30). Somente quando Paulo contemplou a “operosidade” da fé, a “abnegação” do amor e a “firmeza” da esperança dos tessalonicenses, ele pôde reconhecer a eleição deles (1 Ts 1.3-4). Acima de tudo, temos um indicativo da eleição

na passagem que estamos considerando. Os eleitos de Deus “a ele clamam dia e noite”. Eles são um povo que ora. Sem dúvida, existem pessoas cujas orações são formais e hipócritas. Mas uma coisa é muitíssimo evidente: uma pessoa que não ora nunca pode ser chamada de um dos eleitos de Deus. Jamais esqueçamos isso.

Por último, estes versículos nos ensinam que *a fé verdadeira será muito escassa na época do fim do mundo*. O Senhor Jesus fez uma pergunta solene: “Quando vier o Filho do homem, achará, porventura, fé na terra?”

É uma pergunta sobre o modo humilhante. Ela nos mostra a inutilidade de esperar que todo o mundo se converta antes que Cristo venha novamente. Expõe a tolice de supor que todas as pessoas são boas e de imaginar que, embora discordem nas coisas exteriores, tudo está correto em seus corações e que, por fim, todas irão para o céu. Tais idéias não encontram apoio na passagem que estamos considerando.

Que vantagem existe em ignorar os fatos que contemplamos com nossos próprios olhos — no mundo, na igreja, na congregação a qual pertencemos, na vizinhança e em nossas próprias casas? Onde podemos ver a fé verdadeira? Quantos ao nosso redor realmente crêem nas verdades da Bíblia? Quantas pessoas vivem como se cressem que Cristo morreu pelos seus pecados e que haverá um julgamento final, um céu e um inferno? Estas são perguntas sérias e difíceis, mas exigem e merecem uma resposta.

Nós mesmos temos fé? Se temos, adoremos a Deus através dela. É algo estupendo crer em toda a Bíblia. Podemos agradecer diariamente a Deus, se reconhecermos nossos pecados e confiarmos verdadeiramente em Jesus. Somos pecadores fracos, imperfeitos e sujeitos a muitos erros. Mas, cremos em Cristo? Eis a grande questão. Se cremos, seremos salvos. Todavia, aquele

A Parábola do Fariseu e do Publicano

Leia Lucas 18.9-14

A parábola que acabamos de ler está intimamente relacionada a anterior. A parábola da viúva perseverante nos ensina o valor da oportunidade na oração. A parábola do publicano e do fariseu nos ensina a atitude que deve permear nossas orações. A primeira nos encoraja a orar e não desfalecer; a segunda nos recorda como e em que disposição devemos orar. Ambas devem ser meditadas por todo verdadeiro crente.

Primeiramente, observemos nestes versículos *o pecado contra o qual nosso Senhor nos adverte*. Não é difícil encontrá-lo. Lucas nos diz cla-

ramente que Jesus “propôs também esta parábola a alguns que confiavam em si mesmos, por se considerarem justos, e desprezavam os outros”. O pecado que nosso Senhor denunciou foi a justiça própria.

Por natureza, todos somos cheios de justiça pessoal, uma doença hereditária de todos os filhos de Adão. Desde o maior ao menor, pensamos mais elevadamente do que deveríamos pensar a respeito de nós mesmos. Em nosso íntimo, bajulamos a nós mesmos, afirmando que não somos tão maus como algumas pessoas e que temos algo para nos recomendar ao favor de Deus. “Muitos proclamam a sua própria benignidade” (Pv 20.6). Esquecemos o testemunho das Escrituras: “Troveçamos em muitas coisas” (Tg 3.2); “Não há homem justo sobre a terra que faça o bem e que não peque” (Ec 7.20). “Que é o homem, para que seja puro? E o que nasce de mulher, para ser justo?” (Jó 15.14.)

A verdadeira cura para a justiça própria é o conhecimento de si mesmo. Uma vez que os olhos de nosso entendimento sejam abertos pelo Espírito Santo, nunca mais falaremos sobre nossa própria bondade. Se virmos as realidades de nosso coração e o que a santa lei de Deus exige, nossa vaidade pessoal morrerá. Colocaremos nossas mãos à boca e diremos, assim como o leproso: “Imundo! Imundo! (Lv 13.45).

Em segundo, observemos nestes versículos a *oração do fariseu condenada por nosso Senhor*. O fariseu disse: “Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros, nem ainda como este publicano; jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho”.

A oração do fariseu destaca um grande defeito, tão notável que mesmo uma criança poderia identificá-lo. Sua oração não demonstrava qualquer senso de pecado ou de necessidade. Não continha nenhuma confissão, súplica, reconhecimento de culpa e insignificância, nenhum pedido de misericórdia e graça. Foi apenas uma recitação orgulhosa de supostos méritos, acompanhada por uma perversa reflexão sobre um irmão pecador. Foi uma afirmação soberba e presunçosa, destituída de arrependimento, humildade e amor. Em resumo, dificilmente poderia ser chamada de oração.

Não podemos imaginar um estado de alma mais perigoso do que o daquele fariseu. Nunca os homens se encontram em uma situação mais desesperadora do que quando a insensibilidade e a indiferença invadem-lhes o coração. Nunca os corações dos homens se encontram em uma condição mais desesperadora do que quando não sentem seus próprios pecados. Aquele que não deseja soçobrar nessa rocha tem de acautelar-se contra o julgar a si mesmo com base em seus companheiros. O que significa dizer que possuímos mais moralidade do que outros homens? Somos todos vis e imperfeitos aos olhos de Deus. “Se quiser contender com ele, nem a uma de mil coisas lhe poderá responder” (Jó 9.3). Lembremos: sempre

que examinarmos a nós mesmos, não procuremos avaliar-nos por meio de comparação com o padrão dos homens. Olhemos tão-somente para as exigências de Deus. Aquele que age de acordo com esse princípio nunca será um fariseu.

Em terceiro, observemos nestes versículos *a oração do publicano, recomendada por nosso Senhor*. A oração dele foi em todos os aspectos o oposto da oração do fariseu. Lemos que o “publicano, estando em pé, longe... batia no peito, dizendo: Ó Deus, sê propício a mim, pecador!” Nosso Senhor selou a curta oração com seu carimbo de aprovação. Ele afirmou: “Este desceu justificado para sua casa, e não aquele”.

A excelência da oração do publicano consiste em cinco aspectos, que merecem nossa atenção. Primeiro, foi uma *petição* genuína. Uma oração que só contém ações de graça e afirmações, sem qualquer súplica, é uma oração deficiente. Pode ser conveniente para um anjo, mas não para um pecador. Segundo, foi uma oração *pessoal*. O publicano não falou a respeito de seu próximo, e sim a respeito de si mesmo. Incerteza e generalidade são os grandes defeitos do cristianismo de muitas pessoas. Abandonar o “nós”, o “nosso” e o “nos”, passando para o “eu”, o “meu” e o “me” é um grande passo em direção ao céu. Terceiro, foi uma oração *humilde*, que colocou o “eu” no seu devido lugar. O publicano confessou claramente que era um pecador. Este é o próprio “abc” do cristianismo que salva. Não começamos a nos tornar bons, enquanto não podemos sentir e confessar que somos maus. Quarto, foi uma oração em que a *misericórdia* foi a principal coisa desejada e em que foi demonstrada, embora com fragilidade, a fé na aliança da misericórdia divina. A misericórdia é a primeira coisa que temos de pedir quando começamos a orar. A misericórdia e a graça divina têm de ser o assunto de nossas súplicas diárias junto ao trono da graça, enquanto vivermos. Quinto, a oração do publicano foi *proveniente de seu coração*. Ele sentiu-se profundamente comovido, ao pronunciá-la. Batia no peito como alguém que tinha mais sentimentos do que podia expressar. São orações que causam deleite em Deus. Um coração compungido e contrito, Ele não o desprezará (Sl 51.17).

Guardemos essas verdades no profundo de nosso coração. Aquele que aprende a reconhecer seus pecados tem muitos motivos para ser grato a Deus. Não estamos no caminho da salvação, enquanto não reconhecemos que somos perdidos e culpados; estamos arruinados e desamparados. Feliz certamente é aquela pessoa que não se envergonha de identificar-se com o publicano. Quando nossa experiência se harmonizar com a dele, podemos ter esperança de que já entramos na escola de Deus.

Por último, observemos nestes versículos *o sublime elogio que nosso Senhor outorgou à humildade*. Ele disse: “Todo o que se exalta será humilhado; mas o que se humilha será exaltado”.

O princípio aqui apresentado se encontra com tanta freqüência nas Escrituras, que deveríamos gravá-lo firmemente em nossa memória. Em três ocasiões distintas nos evangelhos, encontramos nosso Senhor proferindo as mesmas palavras. Ele desejava ensinar-nos com insistência que a humildade é uma das mais importantes e nobres virtudes do caráter cristão. Foi uma virtude preeminente de Abraão, Jacó, Moisés, Davi, Jó, Isaias e Daniel. Deveria ser uma virtude proeminente em todos os que confessam servir a Cristo. Nem todos os que pertencem ao povo de Deus possuem dons e riquezas. Apenas alguns são chamados a pregar, escrever ou ocupar um lugar importante na igreja. Mas todos são chamados para serem humildes. Pelo menos uma virtude deve adornar a vida do crente mais pobre e menos instruído. Essa virtude é a humildade.

Terminemos nossas considerações sobre esta passagem com um profundo senso do grande estímulo que ela oferece a todos os que reconhecem seus pecados e clamam por misericórdia em nome de Jesus. Seus pecados talvez sejam muitos e graves. Suas orações podem ser fracas, incorretas e sem coerência, Mas eles devem recordar o publicano e sentirem-se encorajados. O mesmo Jesus que recomendou a oração do publicano está assentado à direita de Deus para receber os pecadores. Estes devem, portanto, ter esperança e orar com fé.

Cristo e as Crianças

Leia Lucas 18.15-17

Primeiramente, devemos perceber nesta passagem *como as pessoas são propensas a tratar com muita ignorância as crianças nas coisas referentes à alma*. Somos informados que alguns traziam a Jesus “as crianças, para que as tocasse; e os discípulos, vendo, os repreendiam”. Os discípulos talvez imaginaram que seria desperdício do tempo de nosso Senhor e que as crianças não receberiam qualquer benefício por virem a Cristo. Mas ouviram de nosso Senhor a solene repreensão: “Jesus, porém, chamando-as para junto de si, ordenou: Deixai vir a mim os pequeninos e não os embaraceis.”

A ignorância dos discípulos é muito comum entre os homens. Talvez em poucos assuntos encontraremos idéias tão divergentes nas igrejas quanto ao assunto da alma de uma criança. Alguns pensam que as crianças devem ser batizadas e que, se morrerem antes de serem batizadas, elas não serão salvas. Outros pensam que as crianças não devem ser batizadas, mas não oferecem uma explicação satisfatória para tal ponto de vista. Alguns pensam

que todas as crianças são regeneradas por meio de seu batismo. Outros pensam que as crianças são incapazes de receber a graça divina e, portanto, não devem ser arroladas como membros da igreja até que cresçam. Alguns pensam que as crianças naturalmente são inocentes e não praticarão qualquer impiedade, a menos que a tenham aprendido de outros. Alguns imaginam que não há proveito em esperar que as crianças se convertam quando muito novas; portanto, devem ser tratadas como incrédulas até que alcancem a idade do discernimento. Todas as opiniões acima parecem estar erradas, ou num sentido, ou noutro. Todas precisam ser rejeitadas, por levarem a muitos enganos dolorosos.

Agiremos corretamente se nos apegarmos a alguns firmes princípios das Escrituras sobre a condição espiritual da criança. Fazer isso nos poupará de muita perplexidade e nos preservará de graves erros doutrinários.

As almas das crianças são preciosas aos olhos de Deus. Tanto nesta passagem quanto em outras das Escrituras, existem provas claras de que Cristo se interessa por elas, na mesma intensidade com que se interessa pelos adultos. A alma de uma criança é capaz de receber a graça divina. As crianças são nascidas em pecado e sem a graça de Deus não podem ser salvas. Não existe nada, em toda a Bíblia ou na experiência humana, que nos faça pensar que as crianças não podem receber o Espírito Santo e serem justificadas, mesmo na infância. A mente da criança é igual à do adulto para receber ensinamentos espirituais. A prontidão com que suas mentes recebem as doutrinas do evangelho e suas consciências respondem a essas doutrinas é bem reconhecida por todos os que ensinam as coisas espirituais. Ainda, a alma da criança é capaz de receber a salvação. Supor que Cristo receberá crianças em sua igreja glorificada e, ao mesmo tempo, sustentar a idéia de que Ele não deseja tê-las em sua igreja visível é uma incoerência que nunca podemos explicar.

Temos aqui um assunto que merece consideração especial. É um assunto inquestionavelmente difícil, com o qual muitos não concordam. Mas, diante de toda perplexidade em referência a este assunto, faremos bem se retornarmos a esta passagem. Ela esclarece a posição das crianças diante de Deus e explica, em termos gerais, o pensamento de Cristo.

Também vemos nesta passagem *a declaração forte que nosso Senhor fez a respeito das crianças*. Ele disse: “Dos tais é o reino de Deus”. Sem dúvida o significado dessas palavras é um assunto de debates. Outras passagens bíblicas deixam bastante evidente que essas palavras não significam que as crianças nascem inocentes e sem pecado. “O que é nascido da carne é carne” (Jo 3.6). Uma lição em três aspectos provavelmente está contida nas palavras de nosso Senhor. Devemos atentar à lição ensinada pelo Senhor.

Todos os santos de Deus devem esforçar-se para viver “como uma

criança”. A sua fé simples, sua dependência dos outros, sua indiferença às riquezas do mundo, sua despreocupação para com as coisas do mundo, sua comparativa humildade, seu caráter inofensivo e sua falta de malícia são aspectos que fornecem aos crentes excelentes exemplos. Feliz é aquela pessoa que pode se aproximar de Cristo e das Escrituras com o mesmo espírito de uma criancinha.

Dentre os “pequeninos” a igreja de Deus, na terra, precisa ser constantemente recrutada. Não devemos ter receio de dedicá-las a Cristo, desde a sua mais tenra infância. Embora as formalidades do culto não lhes pareçam proveitosas, é um dos meios da graça estabelecido pelo próprio Senhor Jesus. Devemos utilizá-lo com fé, em benefício das crianças, na confiança de que Ele pode abençoá-las.

Ao terminar nossa consideração sobre esta passagem, tenhamos um profundo senso do valor das almas das crianças e uma firme resolução de nos revestirmos da maneira de pensar que “houve também em Cristo Jesus” em todo o nosso lidar com elas. Devemos considerá-las importantes na igreja visível e como um grupo que o grande Cabeça da igreja não deseja ver negligenciado. Treinemos as crianças no caminho da verdade, desde a sua infância, plantemos em seus corações a semente da verdade das Escrituras, fazendo-o com a firme confiança de que um dia ela frutificará. Creiamos que elas são capazes de pensar, sentir e refletir nas coisas espirituais, mais do que parece à primeira vista, e que o Espírito Santo freqüentemente está agindo no íntimo delas, de uma maneira tão autêntica e verdadeira quanto o faz nos adultos. Acima de tudo, constantemente devemos mencioná-las diante de Cristo, em oração, e suplicar-Lhe que as tome sob seu cuidado especial. Ele nunca muda; é sempre o mesmo. Ele se interessou por meninos e meninas, quando esteve na terra. Não duvidemos que se interessa pelas crianças, mesmo estando à direita de Deus no céu.

O Jovem Rico

Leia Lucas 18.18-27

A história que acabamos de ler está mencionada três vezes nos evangelhos. Mateus, Marcos e Lucas foram movidos pelo Espírito Santo a narrarem a história de um homem rico que veio a Jesus. Devemos observá-la como lições, que demandam nossa melhor atenção. Quando Deus quis inculcar em Pedro seu dever para com os gentios, enviou-lhe uma visão que se repetiu “três vezes” (At 10.16).

Primeiramente, estes versículos nos ensinam *quão profundamente uma pessoa pode avançar em sua ignorância*. Somos informados que “certo homem de posição” perguntou a Jesus o que deveria fazer “para herdar a vida eterna”. Nosso Senhor conhecia o coração desse homem e deu-lhe a resposta cujo objetivo foi esclarecer-lhe o verdadeiro estado de sua alma. O Senhor Jesus recordou-lhe os Dez Mandamentos e recitou alguns dos principais mandamentos da segunda tábua da Lei. Imediatamente, a cegueira espiritual desse homem foi revelada. “Tudo isso”, replicou ele, “tenho observado desde a minha juventude”. Não podemos imaginar uma resposta mais repleta de trevas e ignorância pessoal! Aquele que deu essa resposta não sabia nada corretamente a respeito de si mesmo, de Deus e de sua Lei.

Tal ignorância é um caso isolado? Imaginamos que não existem pessoas semelhantes a ele em nossos dias? Se imaginamos, estamos grandemente enganados. Com receio, afirmamos que há milhões de pessoas em todo o cristianismo que não têm a menor idéia sobre a natureza espiritual da Lei de Deus e, por conseqüência, não sabem coisa alguma a respeito de sua própria pecaminosidade. Não percebem que Deus exige a “verdade no íntimo” e que transgredimos os seus mandamentos em nossos pensamentos e corações, mesmo quando não os transgredimos em nossos atos (Sl 51.6; Mt 5.21-28). A primeira coisa essencial à nossa salvação é sermos livres dessa cegueira. Os olhos de nosso entendimento precisam ser iluminados pelo Espírito Santo (Ef 1.18). Temos de aprender a conhecer a nós mesmos. Nenhum homem verdadeiramente ensinado pelo Espírito jamais falará que desde a sua juventude tem “observado” todos os mandamentos de Deus. Pelo contrário, ele clamará, assim como o apóstolo Paulo: “A lei é espiritual; eu, todavia, sou carnal... eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum” (Rm 7.14, 18).

Em segundo, estes versículos nos ensinam *o grande dano causado por um pecado que domina o coração*. O desejo que o homem rico expressou era correto e bom. Ele queria a “vida eterna”. À primeira vista, não havia qualquer razão pela qual esse homem não podia ser instruído no caminho de Deus e tornar-se um discípulo de Cristo. Mas infelizmente existia uma coisa que ele amava mais do que a “vida eterna”. Era a sua própria riqueza. Quando convidado por Cristo a abandonar tudo que possuía na terra e ajuntar um tesouro nos céus, esse homem não teve fé para aceitar o convite. O amor ao dinheiro era o pecado que dominava seu coração.

É um tipo de atitude é muito comum em nossos dias. Poucos são os pastores que não podem citar diversos casos semelhantes ao desse homem. Muitas pessoas estão dispostas a desistir de tudo por amor a Cristo, exceto um pecado muito querido e, por amarem esse pecado, arruinam suas

almas para sempre. Herodes ouvia João Batista, e, “quando o ouvia, ficava perplexo, escutando-o de boa mente” (Mc 6.20). Mas houve algo que Herodes não podia fazer — romper seu relacionamento com Herodias. Isto custou-lhe a alma.

Não pode haver reservas em nosso coração, se desejamos receber algo de Cristo. Precisamos estar dispostos a abandonar qualquer coisa, embora nos seja muito preciosa, que se coloca entre nós e nossa salvação. Devemos estar prontos a cortar fora a mão direita e a arrancar o nosso olho direito, a fazer qualquer sacrifício e quebrar qualquer ídolo. Temos de lembrar: a vida eterna está em jogo! Uma pequena fenda não reparada é suficiente para afundar um grande navio. Um pecado costumeiro, ao qual uma pessoa se agarra com obstinação, é suficiente para fechar-lhe a entrada ao céu. O amor ao dinheiro, nutrido ocultamente no coração, é o bastante para levar um indivíduo, que em outros aspectos possui moralidade e irrepreensão, ao abismo do inferno.

Em terceiro, estes versículos nos ensinam *quão grande é a dificuldade para um rico ser salvo*. Nosso Senhor a identificou no comentário solene que fez a respeito da situação do homem de posição: “Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas! Porque é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus”.

A verdade que nosso Senhor apresentou é confirmada em todos os lugares. Nossos próprios olhos nos dirão que a graça divina e as riquezas raramente andaram juntas. “Visto que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento” (1 Co 1.26). É uma realidade evidente que poucas pessoas ricas se encontram no caminho da vida. Por um lado, as riquezas inclinam seus possuidores ao orgulho, à obstinação, à auto-satisfação, e ao amor pelo mundo. E, ainda, os ricos dificilmente são abordados com fidelidade sobre os assuntos referentes a suas próprias almas. Geralmente, eles são cortejados e bajulados. “O rico tem muitos amigos” (Pv 14.20). Poucas pessoas têm coragem de contar-lhes toda a verdade. Os pontos fortes dos ricos são exagerados. Seus pontos fracos são encobertos, disfarçados e desculpados. O resultado é que, enquanto seu coração está dominado pelas coisas do mundo, seus olhos estão cegos para sua verdadeira condição espiritual. Por que nos admiramos, se Jesus disse que a salvação de um rico é algo muito difícil?

Não tenhamos inveja dos ricos, nem cobicemos suas possessões. Pouco sabemos a respeito do que poderia nos acontecer, se nossos desejos fossem realizados. O dinheiro, que milhões de pessoas estão constantemente desejando e anelando ter, e que muitos tornam seu deus, está mantendo miríades de almas fora do céu! “Os que querem ficar ricos caem em ten-

tação, e cilada, e em muitas concupiscências insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e perdição” (1 Tm 6.9). Feliz é aquele que aprendeu a orar: “Não me dês nem a pobreza nem a riqueza” (Pv 30.8) e se contenta com as coisas que tem (Hb 13.5).

Por último, estes versículos nos ensinam *quão imenso é o poder da graça de Deus*. Nós o notamos nas palavras que nosso Senhor dirigiu aos que O ouviram falar sobre o perigo que corria aquele homem rico. Eles haviam perguntado: “Quem pode ser salvo?” A resposta de nosso Senhor foi completa e abrangente: “Os impossíveis dos homens são possíveis para Deus”. Pela graça divina, um homem pode servir a Deus e chegar ao céu, estando em qualquer posição em sua vida.

A Palavra de Deus contém muitas ilustrações admiráveis dessa doutrina. Abraão, Davi, Ezequias, Jeosafá, Josias, Jó e Daniel foram homens ricos e ilustres. No entanto, todos foram salvos e serviram a Deus. Todos acharam graça suficiente para suas almas e venceram as tentações pelas quais estavam cercados. O Senhor deles continua vivo; e aquilo que Ele fez por esses seus servos Ele pode fazer por outros. É capaz de hoje conceder poder aos crentes ricos para que, apesar de suas riquezas, sigam a Cristo, pois esse mesmo poder Ele concedeu a judeus ricos de sua época.

Tenhamos cuidado para não supor que nossa própria salvação é impossível, por causa das intensas dificuldades de nossa posição. Frequentemente, esta é uma sugestão de Satanás ou de nossos corações levianos. Não devemos permitir que tal pensamento flutue em nossas mentes. Não importa o lugar em que vivemos, desde que não estejamos seguindo uma vida caracterizada pelo pecado. Não importa a dimensão de nosso salário; não importa se as riquezas nos sobrecarregam ou se a pobreza nos aflige. *A graça*, e não a *posição*, é o eixo em torno do qual gira a nossa salvação. O dinheiro não fechará a porta do céu para nós, se nossos corações estiverem em retidão diante de Deus. Cristo pode nos tornar mais do que vencedores e capacitar-nos a vencer em cada provação. Disse o apóstolo Paulo: “Tudo posso naquele que me fortalece” (Fp 4.13).

Encorajamento Para Deixar Tudo por Amor a Cristo; Jesus Prediz a Crucificação

Leia Lucas 18.28-34

Primeiramente, devemos observar nestes versículos *a promessa gloriosa e satisfatória que nosso Senhor estende a todos os crentes que*

deixam tudo por amor a Ele. Jesus disse: “Ninguém há que tenha deixado casa, ou mulher, ou irmãos, ou pais, ou filhos, por causa do reino de Deus, que não receba, no presente, muitas vezes mais e, no mundo por vir, a vida eterna”.

É uma promessa é bastante peculiar. Não se refere à recompensa do crente no mundo por vir e à imarcescível coroa de glória. Refere-se com clareza à vida presente. Foi proferida a respeito do tempo “presente”.

A expressão “muitas vezes mais” evidentemente tem de ser entendida no sentido espiritual. Significa que o verdadeiro crente encontrará em Cristo um equivalente completo para tudo que o crente está obrigado a desistir por amor a Ele. O crente achará paz, esperança, gozo, consolação e descanso na comunhão com o Pai e o Filho, em tal proporção que suas perdas serão mais do que compensadas com seus ganhos. Em resumo, o Senhor Jesus Cristo será mais valioso para esse crente do que seus bens, parentes ou amigos.

O pleno cumprimento desta promessa maravilhosa tem sido visto, com frequência, na experiência dos santos de Deus. Milhares de crentes poderiam testificar, em todas as épocas da igreja, que, quando foram obrigados a desistir de tudo por causa do reino de Deus, suas perdas foram amplamente compensadas pela graça de Cristo. Foram conservados em perfeita paz (Is 26.3) e confiança em Jesus. Foram capacitados a se gloriarem nas tribulações e permanecerem contentes na enfermidade, na perseguição, nas privações e aflições por amor a Cristo (Rm 5.3; 2 Co 12.10). Nas horas mais difíceis, receberam poder para se regozijarem com alegria indizível e cheia de glória, considerando uma honra o suportar vergonha por causa do nome de seu Senhor (1 Pe 1.8; At 5.41). O último dia demonstrará que, no exílio, na pobreza, nas prisões, diante de tribunais humanos, no fogo da provação e em face da morte, as palavras de Cristo sempre foram verdadeiras e fiéis. Nossos amigos com frequência têm se mostrado infiéis; governadores freqüentemente não cumprem suas promessas. As riquezas criam asas. Mas as promessas de Cristo nunca falham.

É uma promessa à qual devemos nos firmar. Prossigamos no caminho da vida com uma firme convicção de que ela é propriedade de todo o povo de Deus. Não alimentemos dúvidas e temores por causa das dificuldades que surgem em nossa jornada cristã. Avancemos com a intensa persuasão de que, se perdermos qualquer coisa por amor a Cristo, Ele nos compensará mesmo no mundo presente. O que os crentes precisam é mais fé prática diária nas palavras de Cristo. A fonte da água da vida está sempre bem perto de nós, enquanto viajamos pelo deserto deste mundo. No entanto, porque a fé nos falta, deixamos de vê-la e desfalecemos pelo caminho (Gn 21.19).

Em segundo, observemos nestes versículos *a predição simples e clara que nosso Senhor fez a respeito de sua morte*. Nós O vemos falar aos seus discípulos que seria “entregue aos gentios, escarnecido, ultrajado, cuspidos” e morto.

A importância da morte de nosso Senhor se destaca na frequência com que Ele a anunciou antecipadamente e a ela se referiu durante sua vida. O Senhor Jesus bem sabia que sua morte era o principal objetivo pelo qual viera ao mundo. Viera para oferecer sua vida em resgate por muitos. Apresentaria sua alma como oferta pelo pecado e levaria Ele mesmo “em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados” (1 Pe 2.24). Ele daria seu corpo e seu sangue em favor da vida do mundo. Procuremos ter o mesmo conceito sobre a morte de Cristo. Nossos principais pensamentos sobre Jesus devem estar inseparavelmente unidos à sua crucificação. A pedra angular de toda a verdade sobre a pessoa de Cristo é esta: Ele morreu por nós, “sendo nós ainda pecadores” (Rm 5.8).

O amor de nosso Senhor Jesus para com os pecadores foi admiravelmente demonstrado em seu resolutivo propósito de morrer em favor deles. Durante toda a sua vida, Ele sabia que seria crucificado. Nada houve sobre seus sofrimentos e morte que, antecipadamente, Ele não tenha visto com nitidez, mesmo os pequenos detalhes, muito antes que se realizassem. O Senhor Jesus provou toda aquela amargura de sofrimentos vistos por antecipação; porém, nunca se afastou de seu caminho. Angustiou-se em espírito, até que sua obra estivesse terminada (Lc 12.50). Tal amor excede todo entendimento; é insondável e indescritível. Podemos descansar nesse amor, sem receios. Se Cristo nos amou de tal maneira, antes mesmo de pensarmos nEle, com certeza jamais deixará de amar-nos, depois de termos crido.

A tranquilidade do Senhor Jesus diante da perspectiva de sua morte deve ser um exemplo para todo o seu povo. Assim como Ele, estejamos prontos a beber o cálice amargo que nosso Pai nos dá, sem murmuração, e digamos: “Não se faça a minha vontade, e sim a tua” (Lc 22.42). Aquele que tem fé no Senhor Jesus não precisa ter medo da morte. “O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Graças a Deus, que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo” (1 Co 15.56-57). O sepulcro já não é mais aquilo que costumava ser. O Senhor Jesus experimentou o sepulcro. Se o grande Cabeça do corpo antecipadamente encarou a morte com bastante tranquilidade, muito mais devem todos os membros do corpo agir de maneira semelhante. Em favor deles, o Senhor Jesus venceu a morte. O rei dos terrores é um inimigo vencido.

Por último, observemos nestes versículos *a demora dos discípulos para entenderem a morte de Cristo*. Vemos que, ao descrever nosso Senhor seus sofrimentos vindouros, os discípulos “nada compreenderam acerca

destas coisas; e o sentido destas palavras era-lhes encoberto, de sorte que não percebiam o que ele dizia”.

Provavelmente lemos tais palavras com um pouco de surpresa e compaixão. Ficamos admirados diante da cegueira e ignorância desses judeus. Estranhamos o fato de que, em face dos ensinamentos claros e à luz evidente dos símbolos da lei de Moisés, os sofrimentos do Messias tivessem sido perdidos de vista, diante de sua glória, e sua cruz ocultada por trás de sua coroa.

Será que estamos esquecendo que a morte vicária de Cristo seria sempre uma pedra de tropeço e uma ofensa para a natureza humana orgulhosa? Não reconhecemos que até agora, depois que Ele ressuscitou dentre os mortos e ascendeu à glória, a doutrina da cruz ainda é tolice para muitos e que a morte de Cristo como nosso substituto, na cruz, é uma verdade freqüentemente negada, rejeitada e desprezada? Antes de nos admirarmos porque esses fracos primeiros discípulos não entenderam as palavras de nosso Senhor a respeito de sua morte, deveríamos olhar ao nosso redor. Ficaremos humilhados ao recordar que milhares de supostos cristãos não entendem nem valorizam a morte de Cristo em nossos dias.

Examinemos bem nosso próprio coração. Vivemos em uma época quando as falsas doutrinas sobre a morte de Cristo proliferam por todos os lados. Verifiquemos se o Cristo crucificado é realmente o alicerce de nossa esperança e se sua morte expiatória, em favor de nossos pecados, é de fato a vida de nossa alma. Acautelemo-nos de acrescentar qualquer coisa ao sacrifício de Jesus na cruz, assim como o faz o catolicismo romano. O valor da morte de Cristo é infinito; não admite qualquer acréscimo. Tenhamos cuidado para não desprezarmos o sacrifício de Cristo, como o fazem os socinianos. Supor que o Filho de Deus morreu apenas para nos dar um exemplo de renúncia significa contradizer centenas de textos claros das Escrituras. Andemos nos antigos caminhos. Assim como o apóstolo Paulo, digamos: “Longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo” (Gl 6.14).

A Cura do Cego de Jericó

Leia Lucas 18.35-43

O milagre descrito nesta passagem é rico em instruções. É uma das grandes obras que testifica que Cristo foi enviado pelo Pai (Jo 5.36). Mas isso não é tudo. Contém algumas figuras vívidas de verdades espirituais que merecem um estudo atencioso.

Primeiramente, vemos nestes versículos *a importância de ser diligente em utilizar os meios da graça*. Somos informados que “estava um cego assentado à beira do caminho, pedindo esmolas”. Ele procurou um lugar onde sua condição dolorosa seria notada facilmente. Não ficou ocioso, em casa, esperando que a cura viesse ao seu encontro. Ele se assentou à beira da estrada, a fim de que os transeuntes pudessem vê-lo e ajudá-lo. Esse fato nos mostra a sabedoria de seu comportamento. Assentado à beira do caminho, ouviu “que passava Jesus”. Ao ouvir sobre Jesus, o cego clamou por misericórdia e teve sua visão restaurada. Observemos com atenção. Se aquele cego não estivesse à beira do caminho naquele dia, provavelmente permaneceria cego até ao final de sua vida.

Aquele que deseja ser salvo deve recordar o exemplo desse homem cego. Precisa usar com diligência todos os meios da graça. Tem de freqüentar com regularidade os lugares onde o Senhor Jesus está presente de maneira especial. Precisa assentar-se onde a Palavra é lida, o evangelho é anunciado e o povo de Deus se reúne. Esperar que a graça seja implantada em nosso coração, se permanecemos ociosamente em casa no domingo, não procurando ir a um lugar onde podemos ouvir a pregação da Palavra, é uma presunção e não a fé bíblica. É verdade que Deus tem misericórdia de quem Lhe aprouver ter misericórdia (Rm 9.15), mas também é verdade que costumeiramente Ele demonstra misericórdia para aqueles que utilizam os meios da graça. É verdade que Cristo as vezes é “achado pelos que não O procuravam”; porém também é verdade que Ele é sempre encontrado por aqueles que realmente O procuram. Aqueles que desprezam o domingo, menosprezam as Escrituras e não oram estão perdendo as misericórdias e cavando sepulcros para sua própria alma. Não estão se assentando “à beira do caminho”.

Em segundo, vemos nestes versículos *um exemplo de nosso dever no assunto da oração*. Somos informados que, ao ouvir que Jesus estava passando, o cego começou a clamar: “Jesus, Filho de Davi, tem compaixão de mim!” Depois, a passagem nos conta que, ao ser repreendido por algumas pessoas, para que se calasse, o cego não atendeu. “Ele, porém, cada vez gritava mais.” Sentiu sua necessidade e achou palavras para expressá-la. Não seria impedido pela repreensão de pessoas que não sabiam nada sobre a miséria da cegueira. O seu sofrimento o fez continuar clamando. E sua importunação foi amplamente recompensada. Achou o que estava procurando. Naquele mesmo dia recuperou a vista.

O que aquele cego fez em benefício da sua restauração física certamente é nosso principal dever em benefício de nossa alma. Nossa necessidade é maior do que a do cego. A enfermidade do pecado é mais crônica do que a falta de visão. Os lábios que encontraram palavras para descrever a necessidade de seu corpo com certeza acharão palavras para

expressar as necessidades de sua alma. Se nunca oramos, devemos começar a fazê-lo. Oremos com todo o nosso coração e com intenso fervor. Jesus, o Filho de Davi, ainda está passando bem perto de todos nós. Clamemos a Ele, suplicando misericórdia e não permitamos que nada cesse nosso clamor. Não desçamos a um abismo produzido pela mudez, por não clamarmos a Jesus, suplicando misericórdia. Ninguém será tão indesculpável no último dia quanto aqueles que, mesmo sendo batizados, nunca tentaram orar.

Em terceiro, vemos nestes versículos *uma encorajadora manifestação da bondade e compaixão de Cristo*. Quando o cego continuou a clamar por misericórdia, nosso Senhor “parou... e mandou que lho trouxessem”. Ele estava se dirigindo a Jerusalém para morrer e tinha muitas coisas importantes em seus pensamentos; apesar disso, teve tempo de parar e conversar gentilmente com o infeliz sofredor. Jesus perguntou-lhe: “Que queres que eu te faça?” O cego respondeu prontamente: “Senhor, que eu torne a ver”. Então, Jesus lhe disse: “Recupera a tua vista; a tua fé te salvou”. Essa fé provavelmente estava fraca e misturada com muita imperfeição. Mas fez o homem clamar a Jesus e continuar clamando, apesar das repreensões. Portanto, vindo com fé, nosso bendito Senhor não o rejeitou. O desejo de seu coração foi atendido, e, imediatamente, o cego “tornou a ver”.

Passagens como esta foram escritas nos evangelhos para trazer conforto especial a todos os que sentem o fardo de seus pecados e vêm a Cristo, em busca de paz. Tais pessoas talvez se vejam muito sensíveis quanto à sua grande imperfeição em todas as suas tentativas para achegarem-se ao Filho de Deus. Sua fé pode ser muito frágil, seus pecados são muitos e graves, suas orações podem ser pobres e trêmulas, seus motivos estão muito aquém da perfeição. Mas, afinal de contas, realmente estão vindo a Cristo com seus pecados? Estão verdadeiramente dispostas a abandonar qualquer outra confiança e entregarem sua alma aos cuidados de Cristo? Se tudo isso é verdade, elas podem ter esperança e não sentirem-se temerosas. O mesmo Jesus que ouviu o clamor do cego e atendeu-lhe o pedido continua vivo. Ele jamais negará suas próprias palavras: “Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim; e o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora” (Jo 6.37).

Por último, vemos nestes versículos *um admirável exemplo da conduta que merece imitação de quem já recebeu misericórdia da parte de Cristo*. Quando o cego “tornou a ver”, seguiu a Jesus, “glorificando a Deus”. Ele sentiu profunda gratidão; resolveu mostrá-la tornando-se um dos seguidores e discípulos de nosso Senhor. Os fariseus poderiam escarnecer de nosso Senhor Jesus; os saduceus, zombar de seus ensinamentos. Isto nada significava para esse novo discípulo. Em si mesmo, ele possuía

o testemunho de que Jesus era um Senhor digno de ser seguido. Ele podia dizer: “Eu era cego e agora vejo” (Jo 9.25).

Um amor que se expressa em gratidão é a verdadeira fonte de obediência autêntica à pessoa de Cristo. A menos que sintam que são devedores a Cristo, por causa do perdão, da paz e da esperança que receberam, os homens jamais tomarão a sua cruz, confessarão a Jesus diante do mundo e viverão para Ele. Os ímpios vivem na impiedade porque não têm qualquer senso de pecado e nenhuma consciência de obrigação para com Cristo. Os crentes vivem em santidade porque amam Aquele que os amou primeiro e, em seu sangue, os lavou dos pecados deles. Cristo os curou; portanto, eles O seguem.

Examinemos solenemente nosso próprio coração, ao concluir nossas considerações sobre esta passagem. Se desejamos saber se temos qualquer parte ou herança em Cristo, averiguemos nossas próprias vidas. A quem nós seguimos? Para quais objetivos e propósitos primordiais estamos vivendo? A pessoa que tem uma verdadeira esperança em Jesus sempre será identificada pelas preferências gerais de sua vida.

A Chamada de Zaqueu

Leia Lucas 19.1-10

Estes versículos descrevem a conversão de uma alma. Assim como a história de Nicodemos e da mulher samaritana, a de Zaqueu deve ser freqüentemente estudada pelos crentes. O Senhor Jesus nunca muda. O que fez por esse homem Ele é capaz e está disposto a fazer por qualquer outra pessoa.

Primeiramente, estes versículos nos ensinam que *ninguém é tão ímpio que Cristo não possa salvar ou que fique longe do alcance do poder de sua graça*. Esta passagem nos fala sobre um publicano rico que se tornou discípulo de Cristo. Não podemos imaginar outro caso que oferecia menos probabilidade de conversão! Vemos um camelo passando pelo fundo de uma agulha e um rico entrando no reino dos céus. Contemplamos uma prova concreta de que para Deus todas as coisas são possíveis. Neste relato, vemos um avaro coletor de impostos sendo transformado em um cristão generoso.

A porta da esperança, que o evangelho revela aos pecadores, está amplamente aberta. Permitamos que ela permaneça aberta como a encontramos. Não procuremos fechá-la com nossa intolerante ignorância. Nunca tenhamos receio de afirmar que Cristo “pode salvar totalmente” (Hb 7.25) e que o pior dos pecadores pode ser completamente perdoado,

se vier a Ele. Devemos oferecer o evangelho com ousadia ao pior e mais ímpio dos pecadores, dizendo-lhe: “Há esperança. Arrependa-se e creia. Ainda que seus pecados sejam como a escarlata, se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a lã” (Is 1.18). Talvez seja uma doutrina com aparência de tolice e licenciosidade para as pessoas mundanas. Mas constitui o evangelho dAquele que salvou Zaqueu, em Jericó. Os médicos, às vezes, consideram alguns casos de pessoas como incuráveis. Mas não existem casos incuráveis para o evangelho. Qualquer pecador poderá ser curado, se tão-somente vier a Cristo.

Em segundo, estes versículos nos ensinam *quão poucas e simples são as coisas que freqüentemente cooperam para a salvação de uma alma*. Zaqueu “procurava ver quem era Jesus, mas não podia... por ser ele de pequena estatura”. Curiosidade, e nada mais, parece ter sido o motivo de seu coração. Uma vez que a curiosidade brotou em seu íntimo, Zaqueu estava decidido a satisfazê-la. Para ter certeza de que veria Jesus, correu e “adiante, subiu a um sicômoro”. Dessa atitude insignificante, aos olhos dos homens, dependeu a salvação de Zaqueu. Nosso Senhor parou sob aquela árvore e disse: “Desce depressa, pois me convém ficar hoje em tua casa”. A partir daquele momento, Zaqueu tornou-se um homem diferente. Naquela noite ele dormiu sendo um verdadeiro cristão.

Nunca podemos desprezar o “dia dos humildes começos” (Zc 4.10). Não devemos reputar insignificante qualquer coisa que se refere à alma. Os caminhos pelo quais o Espírito Santo leva homens e mulheres a Cristo são maravilhosos e misteriosos. Com freqüência, Ele inicia em determinado coração uma obra que permanecerá por toda a eternidade, quando aqueles que a observam não percebem nada admirável. Em cada obra, precisa haver um começo; e na obra espiritual o começo em geral é muito insignificante. Vemos uma pessoa negligente começando a utilizar-se dos meios da graça, que em tempos passados eram por ela negligenciados? Nós a vemos ir à igreja e ouvir a pregação do evangelho, depois de ter passado muito tempo desprezando o domingo? Quando contemplarmos tais coisas, lembremo-nos de Zaqueu e tenhamos esperança. Não olhemos para tal pessoa com indiferença, porque seus motivos no momento são pobres e questionáveis. Creiamos que é melhor ouvir o evangelho motivado por curiosidade do que não ouvi-lo de maneira alguma. Essa pessoa está agindo à semelhança de Zaqueu! Pelo que sabemos, ela pode tomar outros passos adiante. Quem não pode dizer que um dia ela receberá a Cristo com alegria?

Em terceiro, estes versículos nos ensinam *a compaixão gratuita de Cristo para com os pecadores e seu poder de mudar os corações*. Um exemplo mais admirável é impossível imaginarmos. Sem qualquer convite,

nosso Senhor parou e conversou com Zaqueu. Espontaneamente Ele se ofereceu como hóspede para a casa de um pecador. Sem ser solicitado, o Senhor Jesus enviou a graça renovadora do Espírito Santo ao coração de um publicano, transformando-o naquele momento em um filho de Deus (Jr 3.19).

Levando em conta o relato desta passagem, podemos dizer que a graça de nosso Senhor Jesus Cristo jamais será exaltada em excesso. Não existem palavras para expressarmos com intensa firmeza a infinita prontidão de nosso Senhor para receber e sua infinita capacidade para salvar pecadores. Acima de tudo, esta passagem nos habilita a afirmar com segurança que a salvação não vem das obras, e sim da graça. Se houve alguém que foi buscado e salvo, sem ter feito qualquer coisa para merecê-lo, essa pessoa foi Zaqueu. Apeguemo-nos com vigor a essas doutrinas e nunca as abandonemos. Elas valem muito mais do que rubis. A graça, a graça gratuita, é o único pensamento que concede aos homens descanso na hora da morte. Confiantemente proclamemos essas doutrinas a todos com quem falarmos sobre as coisas espirituais. Exortemo-los a virem a Cristo, assim como estão, e a não demorarem na esperança vã de que podem preparar a si mesmos e tornarem-se dignos de virem a Ele. Devemos proclamar-lhes que Jesus Cristo os espera e deseja vir e habitar em seus infelizes corações pecaminosos, se eles apenas quiserem recebê-Lo. Ele declara: “Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele, comigo” (Ap 3.20).

Por último, estes versículos nos ensinam que *pecadores convertidos sempre manifestarão evidências de sua conversão*. Zaqueu, em sua casa, “se levantou e disse ao Senhor: Senhor, resolvo dar aos pobres a metade dos meus bens; e, se alguma coisa tenho defraudado alguém, restituo quatro vezes mais”. Houve *veracidade* nessas palavras; esta foi uma prova inconfundível de que Zaqueu era uma nova criatura. Quando um crente rico começa a distribuir sua riqueza e um extorquidor começa a fazer restituições, certamente podemos crer que as coisas velhas já passaram e tudo se fez novo (2 Co 5.17). Houve *determinação* nessas palavras de Zaqueu. Ele disse: “Resolvo dar... restituo”. Ele não estava falando de intenções futuras. Ele não afirmou: “Resolverei.... restituirei”. Tendo sido perdoado gratuitamente e ressuscitado dos mortos à vida, Zaqueu sentiu que poderia começar a demonstrar imediatamente quem ele era e a quem estava servindo agora.

Aquele que deseja provar que é um crente deve andar nos mesmos passos de Zaqueu, ou seja, tem de renunciar completamente os pecados que antes o assediavam com facilidade; precisa seguir as virtudes cristãs que, no passado, ele habitualmente desprezava. Em todos os aspectos, um crente deve viver de tal modo que todos saibam que ele é um crente

genuíno. A fé que não purifica o coração e a vida não é a fé verdadeira. A graça que não pode ser vista, tal como a luz, e experimentada, assim como o sal, não é graça, e sim hipocrisia. O homem que professa conhecer a Cristo e crer nEle, enquanto se apega ao pecado e ao mundo, está se encaminhando para o inferno, com uma mentira bem ao seu lado. O coração que realmente provou a graça de Cristo odiará instintivamente o pecado.

Ao terminar nossa meditação sobre esta passagem, permitamos que o último versículo esteja sempre ecoando em nossos ouvidos: “O Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido”. É como Salvador, mais do que como Juiz, que Cristo deseja ser conhecido. Certifiquemo-nos de que O conhecemos dessa maneira. Cuidemos em verificar se nossa alma está salva. Se estivermos convertidos, nós diremos: “Que darei ao SENHOR por todos os seus benefícios para comigo?” (Sl 116.12); e não reclamaremos que a auto-renúncia de Zaqueu foi uma exigência severa.

A Parábola das Minas

Leia Lucas 19.11-27

O motivo de nosso Senhor proferir esta parábola foi corrigir as falsas expectativas dos discípulos em referência ao reino de Cristo. Foi um anúncio profético de coisas presentes e futuras que deveriam suscitar pensamentos solenes na mente de todos os que professam ser crentes.

Algo revelado nesta parábola é a *posição presente de nosso Senhor Jesus Cristo*. Ele é comparado a “certo homem nobre” que “partiu para uma terra distante, com o fim de tomar posse de um reino e voltar”.

Quando nosso Senhor deixou o mundo, ascendeu ao céu como um vencedor, levando “cativo o cativo” (Ef 4.8). Agora Ele se encontra no céu, assentado à direita de Deus, realizando a obra de um Sumo Sacerdote em favor de todos os crentes e sempre intercedendo por eles. Mas não ficará ali para sempre; o Senhor Jesus deixará o Santo dos Santos para abençoar seu povo. Virá novamente com poder e glória para sujeitar todos os inimigos debaixo de seus pés e estabelecer seu reino. No presente, ainda não vemos todas as coisas a ele sujeitas (Hb 2.8). O diabo é “o príncipe do mundo” (Jo 14.30). Um dia o presente estado de coisas será transformado. Quando Cristo voltar, os reinos do mundo se tornarão dEle.

São verdades que devem gravar-se em nossa mente. Em tudo que pensamos sobre a pessoa de Cristo, jamais nos esqueçamos de seu segundo advento. É ótimo saber que Ele viveu, morreu, ressuscitou e intercede por nós. Mas também é ótimo saber que em breve o Senhor Jesus retornará.

Em segundo, vemos nesta parábola *a posição atual de todos os que professam ser crentes*. Nosso Senhor os comparou a servos que receberam o encargo de cuidar do dinheiro de seu senhor ausente, que lhes deu instruções específicas sobre como utilizar bem o seu dinheiro. “Disse-lhes: Negociai até que eu volte.”

Os incontáveis privilégios que o crente desfruta, comparados aos dos incrédulos, são “minas” que lhe foram dadas por Cristo; e dessas um dia ele prestará contas. No Dia do Juízo, não ficaremos lado a lado com aqueles que nunca ouviram falar sobre as Escrituras, a Trindade e a crucificação. Devemos reear que a maioria dos crentes não têm a menor idéia de sua responsabilidade. Àquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido.

Estamos “negociando”? Estamos vivendo como homens que sabem com quem estão endividados e a quem um dia terão de prestar contas? Esta é a única maneira de viver que é digna de um ser racional. A ordem de nosso Senhor na parábola é a melhor resposta que podemos dar àqueles que nos convidam para nos arrastarem às coisas mundanas e frivolidades. Digamo-lhes que não podemos aceitar tal convite, porque aguardamos a vinda de nosso Senhor. E queremos estar “negociando”, quando Ele vier.

Em terceiro, vemos nesta parábola *o correto ajuste de contas que aguarda todos os crentes professos*. Quando o Senhor retornou, Ele “mandou chamar os servos a quem dera o dinheiro, a fim de saber que negócio cada um teria conseguido”.

Virá o dia em que o Senhor Jesus julgará todo o seu povo e recompensará a cada um de acordo com suas obras. O curso deste mundo não permanecerá para sempre no estado em que se encontra agora. Desordem, confusão, falsa confissão de fé e pecados impunes não permearão sempre a face da terra. O grande trono branco será estabelecido; e sobre ele se assentará o Juiz de todos. Os mortos ressurgirão de seus sepulcros. Os vivos serão todos convocados ao tribunal. Os livros serão abertos. Grandes e pequenos, ricos e pobres, nobres e simples — todos finalmente prestarão contas a Deus e receberão a sentença eterna.

Permitamos que o pensamento sobre esse julgamento exerça influência em nossas vidas e corações. Esperemos com paciência, quando vemos a impiedade triunfar na terra. O tempo é curto. Existe Alguém que está vendo e registrando tudo que os ímpios estão fazendo, Alguém que está acima de todos eles. Antes de tudo, vivamos sob o sentimento permanente de que um dia compareceremos diante do tribunal de Cristo. Julguemos a nós mesmos, para que não sejamos condenados pelo Senhor Jesus Cristo (1 Co 11.31). Vejamos uma significativa afirmação de Tiago: “Falai de tal maneira e de tal maneira procedei como aqueles que hão de ser julgados pela lei da liberdade” (Tg 2.12).

Em quarto, vemos nesta parábola *a recompensa justa de todos os verdadeiros crentes*. Nosso Senhor nos falou que serão recompensados com honra e dignidade todos os que forem achados fiéis. Cada um receberá uma recompensa proporcional à sua diligência. Um será colocado sobre “dez cidades”; outro, sobre “cinco cidades”.

O povo de Deus aparentemente recebe pouca recompensa na época presente. Seus nomes com frequência são desprezados como vis. Eles entram no reino de Deus sofrendo muitas tribulações. As suas coisas boas não se encontram neste mundo. O lucro de sua piedade não consiste em recompensas terrenas, e sim na paz, esperança e alegria interior, resultantes de seu crer. Mas um dia terão uma recompensa abundante. Receberão galardões muitíssimo excedentes a qualquer coisa que fizeram por Cristo. Descobrirão, para sua surpresa, que por todas as coisas que fizeram e suportaram por seu Senhor, Ele os compensará cem vezes mais.

Estejamos sempre aguardando as coisas boas que ainda estão por vir. “Os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós” (Rm 8.18). Pensar sobre aquela glória deve nos animar em todas as horas de necessidade e sustentar-nos em todos os momentos de aflição. Sem dúvida, “muitas são as aflições do justo” (Sl 34.19). Um grande remédio para as suportarmos com paciência é contemplar “o galardão” (Hb 11.26).

Por último, vemos nesta parábola *a revelação justa de todos os falsos cristãos, no último dia*. O Senhor Jesus falou sobre um servo que não fizera nada com o dinheiro de seu senhor, mas o enterrou envolvido em um lenço. O Senhor também contou os argumentos inúteis que ele utilizou em sua defesa e sua ruína final, por não usar o conhecimento que confessou possuir. Não pode haver erros quanto ao tipo de pessoa que esse servo representa. Ele é uma figura de todos os ímpios, e sua condenação representa o seu terrível destino no Dia do Juízo.

Nunca esqueçamos o destino para o qual todos os ímpios estão caminhando. Mais cedo ou mais tarde o incrédulo e impenitente ficará envergonhado diante de todo o mundo, destituído de todos os meios da graça, sem esperança de glória e será lançado no inferno. Não haverá escape no último dia. A falsa confissão de ser crente e a formalidade não resistirão ao fogo do juízo de Cristo. A graça, somente a graça, será vitoriosa. Ao final, os homens descobrirão que existe uma coisa chamada a “ira do Cordeiro”. As desculpas com as quais muitos agora acalentam sua consciência serão comprovadas como inúteis no tribunal de Cristo. A pessoa mais ignorante das coisas espirituais descobrirá que tinha conhecimento suficiente para a sua condenação. Aqueles que possuem “minas” escondidas verão, no último dia, que melhor lhes teria sido não haver nascido.

São verdades solenes! Quem ficará isento de condenação naquele grande dia, quando o Senhor exigirá contas de suas “minas”? As palavras do apóstolo Pedro constituem uma conclusão adequada para esta parábola: “Por essa razão, pois, amados, esperando estas coisas, empenhai-vos por serdes achados por ele em paz, sem mácula e irrepreensíveis” (2 Pe 3.14).

A Entrada Triunfal em Jerusalém

Leia Lucas 19.28-40

Primeiramente, observemos nestes versículos *o perfeito conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo*. Nós O vemos enviando dois de seus discípulos a uma aldeia e contando-lhes que, na entrada, encontrariam “preso um jumentinho que jamais homem algum montou”. Vemos o Senhor Jesus descrevendo o que os discípulos veriam e deveriam dizer; e Ele o fez com muita segurança, como se toda a transação tivesse sido previamente disposta. Em resumo, Jesus falou como alguém que via todas as coisas abertamente, alguém cujos olhos se encontravam em todo lugar, alguém que conhecia as coisas visíveis e as invisíveis.

Um leitor atento observará a mesma coisa em outras partes dos evangelhos. Certa passagem nos revela que Jesus conhecia “os pensamentos” de seus inimigos (Mt 12.25). Outra nos conta que Ele “mesmo sabia o que era a natureza humana” (Jo 2.25). E ainda outra passagem nos diz que Jesus “sabia, desde o princípio, quais eram os que não criam e quem o havia de trair” (Jo 6.64). Esse conhecimento é um atributo peculiar de Deus. Passagens bíblicas como essas têm o propósito de nos recordar que Jesus Cristo não foi apenas homem, mas, também, “Deus bendito para todo o sempre” (Rm 9.5).

O pensamento sobre o perfeito conhecimento de Cristo deveria alarmar os pecadores e despertá-los ao arrependimento. O grande Cabeça da Igreja conhece todos eles e o que estão fazendo. O Juiz de todos os vê constantemente e registra todo os seus atos. “Não há trevas nem sombra assaz profunda, onde se escondam os que obram a iniquidade” (Jó 34.22). Se escondem-se em lugares secretos, os olhos de Cristo ali os contempla. Se, em particular, tramam perversidade e planejam impiedade, o Senhor Jesus sabe e os observa. Se eles falam em segredo contra o justo, Cristo os escuta. Durante toda a sua existência, podem enganar os homens, mas não podem enganar a Jesus. Virá o dia em que Deus julgará, “por meio de Cristo Jesus... os segredos dos homens, de conformidade com o... evangelho” (Rm 2.16).

O pensamento sobre o perfeito conhecimento de Cristo deveria confortar todos os verdadeiros crentes e incentivá-los a crescerem diligentemente em boas obras. Sobre eles estão sempre os olhos do Senhor. Ele sabe quais as circunstâncias que envolvem os crentes, suas provações diárias e conhece as pessoas com quem eles andam. Não há uma palavra em seus lábios, ou um pensamento em seus corações, que Jesus não saiba completamente. Eles devem sentir-se encorajados, quando forem caluniados, mal entendidos e deturpados pelo mundo. Não importa o que as pessoas incrédulas são capazes de dizer, o Senhor sabe “todas as coisas” (Jo 21.17). O verdadeiro crente precisa andar resolutamente no caminho estreito, não se desviando para a direita ou para a esquerda. Quando os pecadores tentam induzi-lo e crentes fracos dizem: “Poupe a si mesmo”, o verdadeiro crente deve responder: “Meu Senhor está olhando para mim. Desejo viver e comportar-me como alguém que está sob o olhar de Cristo”.

Observemos também nestes versículos a *publicidade da última entrada de nosso Senhor em Jerusalém*. O evangelho nos conta que o Senhor Jesus montou sobre um jumentinho e entrou em Jerusalém, como se um rei estivesse visitando sua capital ou um conquistador retornasse em triunfo à sua terra natal. E, uma grande “multidão” o acompanhava, quando Ele entrou na cidade, e passou, “jubilosa, a louvar a Deus em alta voz”. É uma história diferente do teor geral da vida de nosso Senhor. Em outras ocasiões, nós O vemos evitando a observação pública, retirando-se para o deserto e ordenando aos que haviam sido curados por Ele que não o contassem a ninguém. Nesta ocasião, tudo aconteceu de maneira diferente. Ele abandonou por completo a privacidade e pareceu cortejar a observação do público. Parecia desejoso de que O vissem e observassem o que Ele estava fazendo.

Os motivos que justificam a conduta de nosso Senhor no clímax de seu ministério, à primeira vista, parecem difíceis de ser descobertos. Através de paciente meditação, eles se tornam claros e óbvios. Ele sabia que chegara o tempo em que deveria morrer pelos pecadores, na cruz. No que se refere ao seu ministério terreno, sua obra como grande Profeta estava quase terminada e completa. Sua obra como o sacrifício pelo pecado e como Substituto dos pecadores ainda estava por ser realizada. Antes de entregar-se como sacrifício, Ele desejava atrair para Si mesmo a atenção de toda a nação dos judeus. O Cordeiro de Deus estava para ser morto. A grande oferta pelo pecado estava para ser imolada. Era conveniente que os olhos de todos os judeus estivessem fixos nEle. A grandiosa obra não se realizaria sem notoriedade.

Devemos sempre bendizer a Deus porque a morte de nosso Senhor Jesus Cristo foi um acontecimento tão público e tão amplamente conhecido. Se Ele tivesse sido apedrejado em algum tumulto popular, ou decapitado

na prisão, assim como João Batista, nunca faltariam judeus e gentios incrédulos negando que o Filho de Deus havia morrido. A sabedoria divina dispôs as coisas de tal modo que a negação do fato se tornou impossível. Não importa o que os homens pensem sobre a doutrina da morte expiatória de Cristo, eles jamais poderão negar o fato de que Cristo morreu. Publicamente, Ele se dirigiu a Jerusalém alguns dias antes de sua morte e, por um grande público, foi visto e ouvido na cidade até ao dia em que foi traído. Aos olhos de muitas pessoas, Ele foi trazido diante dos principais sacerdotes e de Pilatos; foi condenado, levado ao Calvário e crucificado. A pedra angular e o clímax do ministério de nosso Senhor foram sua morte pelos pecadores. De todos os eventos de seu ministério, a morte foi a mais pública e testemunhada por grande número de judeus. E aquela morte era a “vida do mundo” (Jo 6.51).

Esta passagem deve produzir em nós o estimulante pensamento de que a alegria dos discípulos de Cristo, por ocasião de sua entrada em Jerusalém, ao vir para ser crucificado, não é nada se comparado à alegria que seu povo desfrutará, quando Ele vier para reinar. Aquela primeira alegria logo se desfez, transformando-se em tristeza e amargas lágrimas. A segunda alegria não estará sujeita a qualquer interrupção. A segunda alegria será regozijo para todo o sempre. A primeira alegria freqüentemente foi interrompida pela severa zombaria dos inimigos de Cristo, que planejavam perversidade. A segunda alegria não estará sujeita a qualquer interrupção. Nenhuma palavra será proferida contra o Rei, quando pela segunda vez Ele vier a Jerusalém — “Para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho... e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor” (Fp 2.10-11).

Cristo Chora por Jerusalém; A Purificação do Templo

Leia Lucas 19.41-48

Primeiramente, aprendemos destes versículos *quão grande é a ternura e a compaixão de Cristo para com os pecadores*. Quando Ele se aproximava de Jerusalém, pela última vez, “vendo a cidade, chorou”. Jesus conhecia bem o caráter dos habitantes de Jerusalém. A crueldade, a justiça própria, a teimosia, o obstinado preconceito contra a verdade e o orgulho íntimo daquelas pessoas não estavam ocultos ao Senhor Jesus. Ele sabia tudo o que, em poucos dias, os judeus Lhe fariam. Seu julgamento injusto, sua entrega aos gentios, seus sofrimentos, sua crucificação — tudo estava

descortinado ante os olhos de seu coração. No entanto, sabendo tudo isso, nosso Senhor teve compaixão de Jerusalém! “Vendo a cidade, chorou.”

Erramos grandemente quando supomos que Cristo se interessa apenas pelos crentes. Ele se interessa por todos. Seu amor é suficientemente intenso para manifestar interesse por todas as pessoas. Sua compaixão se estende a todos os homens, mulheres e crianças da terra. Ele possui um amor de compaixão geral por aqueles que ainda se encontram no caminho da impiedade, bem como um amor de afeição especial pelas ovelhas que ouvem a sua voz e O seguem. O Senhor Jesus não deseja que ninguém pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento. Pecadores de coração endurecido tendem a apresentar desculpas por sua conduta. No entanto, nunca serão capazes de afirmar que Cristo não era misericordioso e não estava disposto a salvá-los.

Demonstramos que conhecemos apenas um pouco sobre cristianismo verdadeiro, se não sentimos uma profunda preocupação pelas almas das pessoas não-convertidas. Uma indiferença ociosa quanto ao estado espiritual das outras pessoas com certeza nos pode evitar muitos problemas. Não nos importarmos se nossos vizinhos vão para o céu ou para o inferno sem dúvida é uma atitude que caracteriza o caminho do mundo. Mas o crente que possui a mesma atitude manifesta não ser semelhante a Davi, que disse: “Torrentes de água nascem dos meus olhos, porque os homens não guardam a tua lei” (Sl 119.136); e muito diferente de Paulo, que afirmou: “Tenho grande tristeza e incessante dor no coração... por amor de meus irmãos” (Rm 9.2-3). Acima de tudo, esse tipo de crente mostra não ser semelhante a Cristo. Se Ele sentia ternura por pessoas ímpias, os seus discípulos devem possuir o mesmo sentimento.

Em segundo, aprendemos destes versículos que *existe uma ignorância espiritual que é pecaminosa e digna de culpa*. Nosso Senhor denunciou a falta de discernimento de Jerusalém, ao declarar: “Não reconheceste a oportunidade da tua visitação”. Jerusalém deveria ter reconhecido que o tempo do Messias havia chegado completamente e que Jesus de Nazaré era o Messias. Mas ela não reconheceu. Seus líderes se mostraram espontaneamente ignorantes. Não quiseram averiguar com calma as evidências e considerar com imparcialidade os grandes fatos evidentes. O povo de Jerusalém não quis ver “os sinais dos tempos”. Portanto, o julgamento logo viria sobre ela, destruindo-a completamente. Sua ignorância voluntária deixou-a sem desculpa.

O princípio apresentado pelo Senhor Jesus é muito importante. Contradiz uma opinião muito comum no mundo. Ensina com clareza que toda ignorância não tem desculpas e que, quando os homens podem conhecer a verdade e recusam-se a fazê-lo, sua culpa é imensa ao olhos de Deus. Existe um nível de conhecimento pelo qual todos somos responsáveis,

mas, se, por negligência ou preconceito, não o atingimos, a sua falta arruinará nossa alma.

É um princípio que deve ser gravado profundamente em nosso coração. E com diligência procuremos transmiti-lo aos outros, quando lhes falamos sobre as coisas espirituais. Não enganemos a nós mesmos, pensando que a ignorância servirá como desculpa para todos os que morrem sem conhecimento e imaginando que serão perdoados porque não tinham um conhecimento melhor das coisas espirituais! Eles viveram de acordo com a luz que possuíam? Eles sinceramente empregaram todos os meios ao seu dispor e procuraram com empenho obter sabedoria? São perguntas sérias. Se uma pessoa não pode respondê-las, certamente será condenada no Dia do Juízo. Deus nunca permitirá que uma ignorância espontânea seja utilizada como apelo em favor de qualquer homem. Pelo contrário, tal ignorância apenas lhe aumentará a culpa.

Em terceiro, destes versículos aprendemos que *Deus às vezes se agrada em conceder oportunidades e convites especiais*. O Senhor Jesus revelou que Jerusalém não conheceu o dia da sua visitação. Ela teve uma época singular de misericórdia e privilégios. O próprio Filho de Deus a visitou. Os mais poderosos milagres que os homens já contemplaram foram realizados nos arredores de Jerusalém. Os mais admiráveis sermões foram proferidos dentro de seus muros. Os dias do ministério de nosso Senhor foram os dias das mais claras chamadas ao arrependimento e à fé, jamais proclamadas em qualquer cidade. Foram chamadas tão claras, peculiares e diferentes de quaisquer outras proclamadas a Jerusalém, que pareceria impossível seus moradores desprezarem-nas. Mas foram desprezadas, e nosso Senhor declarou que essa rejeição foi um dos principais pecados de Jerusalém.

Tomemos conhecimento do assunto, pois é profundo e misterioso. Ele exige afirmação cuidadosa e uma abordagem delicada, para que não façamos uma passagem das Escrituras contradizer outra. Não há dúvida de que igrejas, nações e mesmo indivíduos em algumas ocasiões são visitados com manifestações especiais da presença de Deus e de que a negligência de tais manifestações é o primeiro passo para a ruína espiritual de tais pessoas. Por que isto acontece a algumas pessoas e a outras não, somos incapazes de explicar. Os fatos evidentes da história parecem comprovar esta realidade: algumas pessoas as recebem, outras, não. O último dia provavelmente demonstrará ao mundo que houve ocasiões na vida de muitos indivíduos, mortos no pecado, quando Deus ficou perto deles, quando a consciência de tais pessoas foi despertada de modo especial e quando havia apenas um passo entre elas e a salvação. Estas ocasiões provavelmente serão comprovadas como ocasiões que nosso Senhor chama de “o dia da visitação” de tais pessoas. Negligenciá-las talvez será, ao

final, uma das acusações mais graves contra suas almas.

É um assunto profundo e deve ensinar às pessoas uma lição prática, ou seja, a imensa importância de atentarmos às convicções bíblicas e não abafarmos as atividades da consciência. Aquele que resiste à voz da consciência pode estar jogando fora sua última chance de salvação. A voz de advertência pode ser o dia em que Deus está visitando uma pessoa. Negligenciá-la poderá encher a medida dos pecados dela e fará que Deus a deixe sozinha para sempre.

Por último, aprendemos destes versículos que *Cristo desaprova a profanação das coisas sagradas*. Somos informados que Ele expulsou do templo os que ali comerciavam e disse-lhes que haviam transformado a casa de Deus em “covil de salteadores”. Ele sabia quão formais e ignorantes eram os sacerdotes do templo; sabia que logo o templo e seu culto seriam destruídos, o véu seria rasgado e o sacerdócio acabaria. Mas o Senhor Jesus desejava ensinar-nos que a reverência é devida a todos os lugares onde Deus é adorado. A reverência que Cristo reivindicou para o templo não foi para o templo como um lugar de sacrifícios, e sim como uma “casa de oração”.

Lembremos a conduta e a linguagem de nosso Senhor, sempre que formos a um lugar de adoração pública a Deus. As igrejas cristãs, sem dúvida, são diferentes do templo dos judeus. Não possuem altar, sacerdotes, sacrifícios e mobília figurativa. Mas são lugares onde a palavra de Deus é ensinada, onde Cristo está presente e o Espírito Santo opera nas almas. Tais fatos devem nos tornar pessoas mais sérias, reverentes, solenes e respeitadas, quando entramos na igreja. Tem muito a aprender a pessoa que se comporta na igreja de maneira tão à vontade quanto se comporta em um hotel ou em sua casa; ela não possui a “mente de Cristo”.

Arguição Sobre a Autoridade de Cristo e sua Resposta

Leia Lucas 20.1-8

Primeiramente, observemos nestes versículos *a exigência que os principais sacerdotes fizeram a nosso Senhor*. Eles argüíram a Jesus: “Dize-nos: com que autoridade fazes estas coisas? Ou quem te deu esta autoridade?”

O espírito que impulsionou a pergunta é bastante claro e não pode ser mal entendido. Esses homens odiavam e invejavam a Cristo. Perceberam que seu poder estava desvanecendo e a influência de Cristo,

aumentando. Resolveram que, se possível, impediriam o progresso desse novo mestre e assaltariam sua autoridade. Suas poderosas obras precisavam ser examinadas. Com toda justiça, seus ensinamentos deveriam ser comparados com as Escrituras. Mas os principais sacerdotes se recusaram a fazer qualquer dessas coisas. Preferiram questionar a comissão de nosso Senhor.

Todo crente verdadeiro que procura fazer o bem no mundo deve dispor-se a ser tratado como o seu mestre o foi. Não pode ficar surpreso ao ver pessoas cheias de justiça própria e de mentalidade mundana desaprovar seu modo de viver. A legitimidade do procedimento do crente será constantemente questionada. Ele será considerado intrusivo, desordenado, presunçoso, uma peste e um “perturbador de Israel” (At 24.5; 1 Rs 18.17). Pregadores e missionários, em especial, estão sujeitos a depararem com esse tipo de tratamento. E, o pior de tudo, todos os que servem a Cristo freqüentemente encontrarão inimigos onde deveriam encontrar amigos.

Todos os que são atacados pelo mundo, porque procuram fazer o bem, devem sentir-se fortalecidos com o pensamento de que estão apenas bebendo o cálice que o próprio Cristo bebeu; o seu Senhor, que está no céu, simpatiza com eles. Eles devem continuar trabalhando com paciência, crendo que, se forem fiéis, seu trabalho falará por si mesmo. A oposição do mundo com certeza sempre se manifestará contra toda boa obra. Se os servos de Cristo tiverem de parar, a cada momento em que o mundo questiona o que eles fazem, em breve eles ficarão completamente ociosos. Se temos de esperar até que o mundo aprove nossos planos e se mostre satisfeito com a conveniência de nossos esforços, nunca realizaremos coisa alguma na terra.

Em segundo, observemos nestes versículos *a maneira como nosso Senhor falou a respeito do ministério de João Batista*. Àqueles que questionaram sua autoridade Jesus se referiu ao constante e invariável testemunho de João Batista referente à pessoa dEle. Não deveriam aqueles líderes judeus recordar como João Batista havia falado sobre Jesus como o Cordeiro de Deus, Aquele cujas sandálias ele, João Batista, não era digno de desatar, Aquele que tinha a foice em sua mão e o Espírito de Deus sem medida? Não deveriam lembrar que eles mesmos e toda a Jerusalém haviam comparecido ao batismo de João e confessado que ele era profeta? Entretanto, João Batista sempre lhes dissera que Jesus era o Messias! Com certeza, se os principais sacerdotes fossem honestos, não teriam vindo a Jesus para questionar sua autoridade. Se eles realmente acreditavam que João Batista era um profeta enviado por Deus, precisavam crer que Jesus era o Cristo.

Com razão, às vezes podemos inquirir se a importância do ministério de João Batista é corretamente entendida pelos crentes. O brilhantismo da

história de nosso Senhor obscurece a história de seu precursor. E o resultado é que o batismo e a pregação de João Batista não recebem o estudo que merecem. Porém, não devemos esquecer que o seu ministério é o único do Novo Testamento que foi predito no Antigo, exceto o do próprio Senhor Jesus. Foi um ministério que produziu um imenso resultado na mente dos judeus e despertou o interesse de Israel, desde uma à outra extremidade da Palestina. Acima de tudo, foi um ministério que tornou os judeus indesculpáveis em sua rejeição de Cristo, quando Ele apareceu. Os judeus não podiam declarar que foram apanhados de surpresa, quando nosso Senhor começou a pregar. Suas mentes haviam sido completamente preparadas para a aparição de Jesus. Para vermos a completa pecaminosidade dos judeus e toda a justiça dos juízos que lhes sobrevieram após a crucificação de nosso Senhor, precisamos nos recordar do ministério de João Batista.

Embora poucos homens valorizem a obra de pastores fiéis, no céu existe Alguém que toma nota de todos os labores deles. Ainda que o comportamento do crente seja pouco compreendido e seja muito escarnecido e deturpado, o Senhor Jesus escreve em seu livro todos os atos do crente. Continua vivo Aquele que testemunhou sobre a importância do ministério de João Batista, depois que este morreu e foi sepultado. Ele também testemunhará em favor do trabalho de todos seus servos fiéis, no último dia. No mundo, talvez eles tenham aflições e desapontamentos. Mas nunca são esquecidos por Cristo.

Por último, observemos nestes versículos que *os inimigos de nosso Senhor eram culpados de grande falsidade*. Em resposta à pergunta de nosso Senhor se o batismo de João era do céu ou dos homens, os principais sacerdotes disseram “que não sabiam”. Foi uma falsidade inequívoca. Eles poderiam ter respondido, mas não o quiseram. Sabiam que, se dissessem o que acreditavam, condenariam a si mesmos. Se declarassem que João Batista era um profeta enviado por Deus, seriam culpados de uma grotesca incoerência em não crerem no testemunho de João referente ao Messias.

Falsidades como essa, devemos reear, são muito comuns entre as pessoas incrédulas. Milhares delas dirão qualquer coisa, antes de reconhecerem que estão erradas. Mentir é apenas um dos pecados ao qual o coração humano está mais naturalmente inclinado e um dos pecados mais comuns no mundo. Geazi, Ananias e Safira têm mais seguidores e imitadores do que os apóstolos Pedro e Paulo. O número de mentiras que os homens utilizam para salvar sua reputação e encobrir sua impiedade provavelmente é muito maior do que estamos cientes.

O verdadeiro servo de Cristo fará bem se recordar sempre essas coisas, enquanto prossegue sua jornada neste mundo. Ele não deve acreditar

em tudo que ouve e, em especial, nas coisas relacionadas à religião. O verdadeiro servo de Cristo não tem de supor que os incrédulos realmente crêem em tudo que seus próprios lábios dizem. Com frequência, os não-convertidos sentem mais coisas do que parecem sentir. Habitualmente dizem coisas contra os crentes e sua religião, coisas que em seu íntimo eles sabem que são incorretas. Frequentemente, sabem que o evangelho é verdadeiro, mas não têm coragem de confessá-lo; e que a vida cristã é correta, porém são muito orgulhos para o afirmarem. Os principais sacerdotes e os escribas não foram as únicas pessoas que desonestamente lidaram com as coisas espirituais e disseram aquilo que sabiam ser falso. O servo de Cristo deve seguir com paciência seu caminho. Aqueles que agora são seus inimigos um dia confessarão que ele estava certo, embora costumem proclamar que o servo de Cristo está errado.

A Parábola dos Lavradores Ímpios

Leia Lucas 20.9-19

Esta é uma das poucas parábolas relatadas mais do que uma vez pelos autores dos evangelhos. Mateus, Marcos e Lucas, todos eles a relatam em detalhes. A repetição é suficiente para ressaltar a importância de seu conteúdo.

Sem dúvida, esta parábola tinha como alvo especial os judeus a quem ela foi dirigida. Mas não precisamos limitar sua aplicação a eles. A parábola contém lições que devem ser recordadas por todas as igrejas de Cristo, enquanto o mundo existir.

Primeiramente, ela nos mostra *a profunda corrupção da natureza humana*. A conduta dos lavradores ímpios é uma ilustração vívida da maneira como os homens lidam com Deus. É um retrato fiel da situação espiritual da nação de Israel. Apesar dos privilégios que nenhuma outra nação possuía, em face dos avisos que nenhum outro povo recebeu, os judeus rebelaram-se contra a legítima autoridade de Deus, recusaram-se a prestar-Lhe seu devido culto, rejeitaram os conselhos de seus profetas e, por fim, crucificaram seu Filho Unigênito. É também uma figura exata de todos os crentes professores. Embora tenham sido chamados das trevas da incredulidade, pela infinita misericórdia de Deus, pouco têm feito digno da vocação a que foram chamados. Também, têm permitido que falsas doutrinas e práticas inconvenientes grassem abundantemente entre eles e têm de novo crucificado o Filho de Deus. É um fato comovente que igrejas chamadas cristãs, por causa de dureza de coração, incredulidade,

superstição e justiça própria, são pouco melhores do que os judeus da época de nosso Senhor. Ambos os grupos são descritos com dolorosa exatidão na história dos lavradores ímpios. Em ambos os grupos, poderíamos citar incontáveis privilégios mal utilizados e inumeráveis avisos desprezados.

Oremos freqüentemente para que entendamos por completo a pecaminosidade do coração humano. Poucos de nós, devemos recluir, têm a alguma noção do poder e da violência da enfermidade espiritual com a qual somos nascidos. Poucos compreendem totalmente que “o pendor da carne é inimizade contra Deus” (Rm 8.7) e que a natureza humana não-convertida, se tivesse poder, destronaria seu Criador. O comportamento dos lavradores na parábola, não importa se gostamos de pensar sobre isso ou não, é apenas uma figura daquilo que todo homem natural, se tivesse capacidade, faria a Deus. Perceber o pecado é muito importante. Cristo nunca será devidamente valorizado, enquanto o pecado não for visto com clareza. Temos de reconhecer a profundidade e a malignidade de nossa doença, a fim de podermos apreciar o grande Médico.

Em segundo, esta parábola nos mostra a *admirável paciência e longanimidade de Deus*. O comportamento do “dono da vinha” é uma representação vívida da maneira como Deus lida com os homens. É uma ilustração correta das misericordiosas fidelidades de Deus para com a nação de Israel. Um profeta após o outro foi enviado para avisá-los de seu perigo. Uma mensagem após outra foi constantemente transmitida, apesar dos insultos e injúrias lançados contra os mensageiros. Igualmente, é uma figura exata do gracioso lidar de Deus para com o cristianismo. Durante todos os séculos, Deus tem suportado suas atitudes erradas. Por repetidas vezes, Deus tem sido provocado por meio de falsas doutrinas, superstições e desprezo de sua palavra. No entanto, Deus ainda não destruiu o falso cristianismo e lhe tem concedido tempos de refrigério, suscitando-lhe ministros dedicados e grandes reformadores, apesar de toda a perseguição que eles sofreram. As igrejas cristãs não têm de que se gloriar. São devedoras a Deus pelas incontáveis misericórdias, assim como os judeus da época de nosso Senhor. Deus não tem lidado com elas na proporção de seus pecados, nem recompensado-as de acordo com suas iniquidades.

Devemos aprender a ser mais gratos a Deus pelas suas misericórdias. Provavelmente não fazemos a menor idéia da extensão de nossa obrigação para com elas e das inumeráveis mensagens graciosas que o “dono da vinha” está constantemente enviando à nossa alma. O último dia descortinará perante nossos olhos extasiados uma lista extensa de bênçãos não-reconhecidas, as quais, enquanto vivemos neste mundo, sequer percebemos. Descobriremos que a misericórdia de Deus é um dos mais queridos atributos de Deus. “O Senhor... tem prazer na misericórdia”

(Mq 7.18). Misericórdia antes e depois da conversão, misericórdia em cada passo da jornada terrena será revelada ao coração de todos os santos e os deixará envergonhados de sua ingratidão. Misericórdias que pouparam as vidas, misericórdias de providência, de advertências e de visitas inesperadas — todas são desvendadas aos pecadores, confundindo-os por causa da revelação de sua própria dureza de coração e incredulidade. Todos descobriremos que Deus esteve sempre falando conosco, e nós não O ouvimos, e enviando-nos mensagens das quais não fizemos caso. Poucas palavras das Escrituras serão ressaltadas no último dia com mais clareza do que as redigidas pelo apóstolo Pedro: “O Senhor... é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça” (2 Pe 3.9).

Por último, esta parábola nos mostra *a severidade do juízo de Deus, quando recai sobre os pecadores obstinados*. A punição dos lavradores maus é figura vívida da maneira como Deus lidará ao final com aqueles que continuam na impiedade. Quando nosso Senhor proferiu a parábola, ela se tornou uma ilustração profética da aproximação da ruína que viria sobre a nação de Israel. A vinha do Senhor na terra de Israel estava para ser destituída de seus arrendatários infiéis. Jerusalém seria destruída; o templo, incendiado. Os judeus seriam dispersos pela terra. No presente, esta parábola é uma figura dolorosa de coisas que ainda estão por vir às igrejas professas nos últimos dias. Os juízos de Deus ainda recairão sobre os cristãos nominais assim como caíram sobre os judeus incrédulos. O solene aviso de Paulo aos crentes de Roma ainda se cumprirá: “Considerai, pois, a bondade e a severidade de Deus: para com os que caíram, severidade; mas, para contigo, a bondade de Deus, se nela permaneceres; *doutra sorte, também tu serás cortado*” (Rm 11.22).

Jamais podemos nos bajular com a idéia de que Deus não se ira. Ele é realmente um Deus que possui graça e compaixão infinitas. Mas as Escrituras também afirmam: “Deus é fogo consumidor” (Hb 12.29). O seu Espírito “não agirá para sempre no homem” (Gn 6.3). Haverá um dia em que sua paciência chegará ao fim e Ele se levantará para julgar terrivelmente o mundo. Felizes são aqueles que estarão refugiados na arca da salvação, no dia da ira do Senhor! Dentre todas as manifestações de ira, nenhuma pode ser imaginada com tão horrível quanto “a ira do Cordeiro”. Aquele sobre quem cair “a pedra... cortada sem auxílio de mãos” será esmiuçado até ao pó (Dn 2.34).

Sabemos essas coisas e vivemos de acordo com o conhecimento que possuímos? Os anciãos e os principais sacerdotes, Lucas nos informa, “perceberam que, em referência a eles, [Jesus] dissera esta parábola”. No entanto, eram orgulhosos demais, para se arrependerem, e tinham corações endurecidos demais, para se converterem de seus pecados. Acautelemo-nos de agir dessa maneira.

O Tributo de César e a Resposta de Cristo

Leia Lucas 20.20-26

Primeiramente, observemos nestes versículos *o disfarce de bondade utilizado por alguns inimigos de nosso Senhor, ao aproximarem-se dEle*. Lucas nos relata que os inimigos de Cristo enviaram “emissários que se fingiam de justos”; em seguida, tentaram enganá-Lo com palavras bajuladoras: “Mestre, sabemos que falas e ensinas retamente e não te deixas levar de respeitos humanos, porém ensinas o caminho de Deus segundo a verdade”. Parecia ser uma afirmação excelente. Qualquer ouvinte sem discernimento poderia dizer: “Esses homens estão realmente procurando conhecer a verdade!” Mas eram palavras vazias e superficiais. Esses emissários assemelhavam-se a lobos vestidos de ovelhas, motivados pela idéia vã de que poderiam enganar o pastor. “A sua boca era mais macia que a manteiga, porém no coração havia guerra” (Sl 55.21).

Enquanto o mundo existir, o verdadeiro servo de Cristo tem de esperar defrontar-se com pessoas dessa natureza. Nunca faltarão aqueles que, por interesses e motivos sinistros, professarão amar a Cristo com seus lábios, enquanto em seu coração O negam. Sempre haverá aqueles que “com suaves palavras e lisonjas” procurarão enganar o coração dos simples (Rm 16.18). A união entre “os lábios amorosos e o coração maligno” é muito comum (Pv 26.23). Existem muitas igrejas que têm algumas pessoas semelhantes a “vaso de barro coberto de escórias de prata” (Pv 26.23).

Aquele que não deseja ser constantemente enganado neste mundo precisa recordar com atenção essas palavras. Temos de exercitar um prudente cuidado, enquanto viajamos pela estrada da vida, e não desempenhar o papel de pessoa simples que “dá crédito a toda palavra” (Pv 14.15). Não podemos confiar facilmente em toda pessoa que se dispõe a trabalhar para Jesus, nem apressadamente ter como certo o fato de que são realmente bons todos os que falam como pessoas boas. A princípio, tal cuidado parece esquisitice e falta de amor. Entretanto, quanto mais vivermos, tanto mais perceberemos que é necessário. Por experiência própria, descobriremos que nem tudo que reluz é ouro e que nem todos os que professam ser crentes necessariamente o são. A *linguagem* do verdadeiro cristão é aquilo que o falso cristão acha mais fácil de imitar. A maneira de viver de uma pessoa, e não o seu falar, é um teste seguro de seu caráter.

Observemos também nestes versículos *a plena sabedoria da resposta de nosso Senhor aos seus inimigos*. Uma pergunta difícil e sutil foi proposta

a Ele: “É lícito pagar tributo a César ou não?” Foi uma pergunta eminentemente dirigida com o objetivo de embaraçar qualquer pessoa que tentasse respondê-la. Se nosso Senhor tivesse respondido que não era lícito pagar tributo a César, teria sido acusado diante de Pilatos como um rebelde contra o império romano. Se nosso Senhor tivesse respondido que era lícito pagar tributo a César, teria sido denunciado diante do povo como alguém que não importava com os direitos e privilégios da nação judaica. À primeira vista, parecia difícil achar uma resposta que não colocaria nosso Senhor em dificuldades. Mas Aquele que é chamado “a sabedoria de Deus” encontrou uma resposta que silenciou seus inimigos. Ordenou-lhes que mostrassem a moeda. Perguntou de quem era a imagem e inscrição que estavam na moeda. “Prontamente disseram: De César”. O Senhor Jesus utilizou aquela moeda como fundamento de uma resposta da qual mesmo os seus inimigos foram obrigados a admirarem-se: “Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”.

Deveriam dar “a César o que” era de César. Seus lábios haviam acabado de confessar que César tinha certa autoridade sobre eles. Eles utilizavam o dinheiro que César havia mandado cunhar. Era a moeda corrente nos negócios. Os judeus provavelmente não tinham qualquer objeção para receber ofertas e pagamentos em moeda romana. Portanto, não pretendiam afirmar que todos os tributos a César eram ilícitos. De acordo com a própria admissão dos judeus, ele possuía alguma autoridade sobre eles. Por conseguinte, deviam obedecer a César em todas as coisas temporais. Se não recusavam utilizar a moeda de César, não deveriam recusar-se a cumprir os deveres para com ele.

Deveriam dar “a Deus o que é de Deus”. Havia muitas obrigações que Deus exigia das mãos dos judeus, as quais poderiam cumprir com facilidade, se estivessem dispostos. Honra, amor, obediência, fé, temor, adoração espiritual eram deveres que podiam cumprir diariamente e sobre os quais o governo romano não interferia. Os judeus não podiam dizer que César tornava impossível a realização de tais deveres; eles deveriam cuidar em cumprir para com Deus seus deveres espirituais, assim como para com César, seus deveres temporais. Não era necessário existir um conflito entre as exigências de seus dois soberanos: o espiritual e o temporal. Nas coisas temporais, os judeus deveriam obedecer a autoridade dos poderes sob os quais estavam. Nas coisas espirituais, deveriam agir como seus antepassados e obedecer a Deus.

Os princípios estabelecidos por nosso Senhor nesta famosa sentença são profundamente instrutivos. Seria ótimo para a paz do mundo, se esses princípios fossem mais atentamente valorizados e mais sabiamente aplicados!

As tentativas dos poderes humanos para controlar a consciência das

peçoas, em alguns países, por meio da interferência intolerante e as tentativas da igreja, em outros países, para interferir com ações do poder civil com frequência têm levado a conflitos, guerras, rebeliões e desordem social. Não têm sido poucas nem insignificantes as injúrias que o verdadeiro cristianismo tem recebido da parte da escrupulosidade doentia, por um lado, e da parte da servil subserviência às exigências do Estado, por outro lado. Feliz é aquele que alcançou uma maneira de pensar saudável sobre este assunto! Fazer a correta distinção entre as coisas de César e as de Deus e cumprir para com cada um deles os legítimos deveres com regularidade e satisfação é um grande instrumento para uma vida quieta e tranqüila.

Oremos com frequência para que tenhamos sabedoria do alto, a fim de respondermos corretamente, quando formos abordados com perguntas que nos deixam perplexos. O servo de Cristo tem de esperar receber um cálice semelhante ao de seu Senhor. Não deve achar estranho se as pessoas ímpias e mundanas se esforçarem para o apanhar “em alguma palavra” e tentarem-no a falar imprudentemente com seus lábios. A fim de estar preparado para tais ocasiões, o servo de Cristo deve pedir frequentemente que Cristo lhe conceda sabedoria e língua discreta. Na presença daqueles que aguardam nosso tropeço, é importante saber o que dizer e como dizê-lo, saber quando ficar calado e quando falar. Bendito seja Deus, pois Aquele que silenciou os escribas e sacerdotes, por meio de suas respostas sábias, continua vivo para ajudar seu povo e possui todo poder para fazê-lo. Mas Ele aprecia muito que Lhe supliquemos ajuda.

Pergunta Sobre a Ressurreição; A Resposta de Cristo

Leia Lucas 20.27-40

Primeiramente, vemos nestes versículos que *a incredulidade é um pecado muito antigo*. Dirigiram-se a nosso Senhor “alguns dos saduceus, homens que dizem não haver ressurreição”. Mesmo entre os judeus, que tiveram homens de fé como Abraão, Isaque, Jacó, Moisés e Samuel, Davi e os profetas, percebemos que existia incrédulos ousados, destemidos e descarados. Se esse tipo de incredulidade existia em meio ao povo peculiar de Deus, qual deveria ser o estado espiritual dos outros povos? Se tais coisas existiam na árvore verde, o que poderíamos dizer sobre a condição da árvore seca?

Nunca devemos ficar surpresos quando ouvirmos falar sobre infiéis,

hereges, deístas e pensadores livres que surgem no meio da igreja e atraem após si muitos seguidores. Não devemos considerá-los uma coisa rara e estranha. É apenas uma das muitas provas de que o ser humano é uma criatura caída e corrupta. Desde o dia em que Satanás disse a Eva: “É certo que não morrereis” (Gn 3.4), e ela acreditou, nunca faltou uma constante sucessão de formas de incredulidade. Não existe qualquer novidade em nenhuma das teorias modernas de incredulidade. Todas são uma antiga enfermidade servindo-se de um novo nome. Todas são cogumelos que brotam espontaneamente na estufa da natureza humana. Na realidade, não é algo admirável que levantem-se tantas pessoas questionando a veracidade das Escrituras. Admirável é que neste mundo caído em pecado a seita dos saduceus possua um número tão reduzido.

Confortemo-nos com o pensamento de que, no passar dos anos, a verdade sempre prevalecerá. Aqueles que a defendem podem ser insignificantes e seus argumentos, bastante frágeis; mas existe um poder inerente na própria causa que a mantém viva. Incrédulos ousados, como Porfirio, Juliano, Hobbes, Hume, Voltaire e Paine, surgem ocasionalmente e criam agitação no mundo. No entanto, esse tipo de homens não causa uma impressão duradoura. Desaparecem como os saduceus, indo para o seu próprio lugar. As grandes evidências do cristianismo permanecem, tais como as pirâmides, firmes e inabaláveis. As portas do inferno não prevalecerão contra a verdade de Cristo (Mt 16.18).

Em segundo vemos nestes versículos que *os incrédulos utilizam acontecimentos hipotéticos como sua arma favorita*. Os saduceus apresentaram a nosso Senhor uma dificuldade proveniente de uma mulher que havia casado sucessivamente com sete irmãos. Eles confessaram seu desejo de saber de quem seria ela esposa “no dia da ressurreição”. A intenção da pergunta é clara e evidente. Eles pretendiam desdenhar toda a doutrina da vida por vir. Não podemos imaginar que as coisas referidas sobre a mulher realmente aconteceram. Existem elevadas probabilidades de que a história foi inventada para aquela ocasião, a fim de criar dificuldades e suscitar um argumento contra Jesus.

Sempre encontraremos um tipo de raciocínio semelhantes, se convivermos com pessoas que possuem um modo de pensar céptico. Algumas dificuldades e complicações imaginárias, em especial aquelas provavelmente vinculadas ao estado das coisas no mundo por vir, com frequência constituirão os fortes argumentos de um incrédulo. Ele “não pode entender”; “não é capaz de harmonizá-la”. Para ele, essa doutrina parece “revoltante e absurda”. Ofende o seu bom senso. Essa é a linguagem que habitualmente os incrédulos empregam.

Esse tipo de raciocínio nunca deveria nos abalar, nem mesmo por um momento. Por um lado, não precisamos tributar qualquer importância

a acontecimentos imaginários ou hipotéticos. Haverá tempo suficiente para discutirmos sobre tais casos, quando eles realmente se realizarem. Para nós, basta conversarmos sobre os fatos como eles na verdade ocorrem. Por outro lado, é apenas desperdício de tempo especular sobre dificuldades relacionadas a um estado de existência em uma vida por vir. Sabemos tão pouco a respeito de qualquer coisa além do mundo visível ao nosso redor, que somos juízes tolos em referência àquilo que é possível ou não no mundo invisível. Milhares de coisas relacionadas à vida além-túmulo têm de ser necessariamente ininteligíveis para nós no momento. Enquanto isso, devemos esperar com paciência. O que não sabemos agora saberemos mais tarde.

Em terceiro, vemos nestes versículos *algo do verdadeiro caráter da existência dos santos no mundo por vir*. Nosso Senhor respondeu aos saduceus: “Os que são havidos por dignos de alcançar a era vindoura e a ressurreição dentre os mortos não casam, nem se dão em casamento. Pois não podem mais morrer, porque são iguais aos anjos”.

Dois verdades tornam-se evidentes da descrição sobre o estado dos santos na glória. Primeira, sua felicidade não será carnal e sim espiritual. “Não casam, nem se dão em casamento.” O corpo de glória será muito diferente daquele em que agora vivemos. Não será mais um embaraço ou um obstáculo à natureza espiritual do crente. Será uma habitação adequada para uma alma glorificada. Segunda, a felicidade dos santos será eterna. “Pois não podem mais morrer.” Nenhum nascimento será necessário para suprir as constantes lacunas causadas pela morte física. Fraqueza, enfermidades e doenças não mais existirão. A maldição será removida. A morte será aniquilada.

A natureza daquilo que chamamos “céu” é um assunto que deve com freqüência ocupar nossos pensamentos. Poucos assuntos espirituais são destinados a trazer à luz a completa tolice dos incrédulos e o terrível perigo em que eles se encontram. Um céu onde toda a alegria é espiritual realmente não é um céu para uma pessoa não-convertida! De modo semelhante, poucos assuntos destinam-se a fortalecer e animar a mente do verdadeiro cristão. A santidade de vida e a espiritualidade que o crente persegue nesta vida serão a própria atmosfera de sua eterna habitação. Sua mente nunca mais será distraída por preocupações com relacionamentos familiares. O temor da morte não mais o trará em servidão. Por isso, o crente deve seguir avante e levar pacientemente sua cruz. O céu compensará todas as nossas deficiências.

Por último, vemos nestes versículos *a antigüidade da crença na ressurreição*. Nosso Senhor demonstrou que a ressurreição era crida por Moisés. “E que os mortos hão de ressuscitar, Moisés o indicou no trecho referente à sarça.”

Fé na ressurreição e na vida por vir tem constituído a crença universal de todo o povo de Deus, desde o início do mundo. Abel, Enoque, Noé, Abraão e todos os patriarcas foram homens que olharam adiante, contemplando uma melhor herança do que possuíam na terra. Eles aguardavam “a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador”; anelavam “uma pátria superior, isto é, celestial” (Hb 11.10-16). As palavras seguintes, extraídas das normas de uma igreja, são claras e inconfundíveis: “Não devemos dar crédito àqueles que imaginam que os antepassados contemplavam apenas as promessas transitórias”. Esse testemunho é verdadeiro.

Devemos firmar nossa alma na grande verdade fundamental de que ressuscitaremos. Não importa o que dizem os saduceus modernos ou antigos, creiamos com toda segurança: não somos semelhantes aos animais, que perecem. Também creiamos que “haverá ressurreição, tanto de justos como de injustos” (At 24.15). Recordar essa verdade nos fortalecerá no dia da provação e nos trará conforto na hora da morte. Perceberemos que, embora nos falte a prosperidade terrena, existe uma vida por vir, onde as coisas não mudam. Saberemos que, embora os vermes venham a destruir nosso corpo no sepulcro, na carne ainda veremos a Deus (Jó 19.26). Nosso corpo não permanecerá para sempre no sepulcro. Nosso Deus “não é Deus de mortos, e sim de vivos”.

A Pergunta de Cristo Sobre a Afirmativa de Davi nos Salmos; Jesus Censura os Escribas

Leia Lucas 20.41-47

Primeiramente, observemos nestes versículos *que admirável testemunho sobre a divindade de Cristo encontramos no Livro de Salmos*. Após responder com paciência os ataques de seus inimigos, nosso Senhor, por sua vez, propôs-lhes uma pergunta. Pediu-lhes que explicassem uma expressão do Salmo 110, onde Davi falava a respeito do Messias, chamando-O Senhor. Os escribas não tiveram qualquer resposta. Não puderam ver a sublime verdade de que o Messias deveria ser Deus e homem, assim como não perceberam que, embora como homem o Messias era filho de Davi, como Deus o Messias era o Senhor de Davi. A ignorância dos saduceus em referência às Escrituras foi exposta diante de todos. Embora professassem ser mestres de outras pessoas e possuidores da chave do conhecimento, mostraram-se incapazes de explicar o conteúdo de suas

próprias Escrituras. Com razão podemos crer que, dentre todas as vitórias de nosso Senhor contra seus inimigos maliciosos, nenhuma outra os perturbou tanto quanto essa. Nada arrasa tanto o orgulho humano quanto o ser publicamente exposto como ignorante daquelas coisas que alguém imagina ser a sua peculiar esfera de conhecimento.

Provavelmente não temos a menor idéia de quantas verdades profundas estão contidas no Livro de Salmos. Nenhuma outra parte da Bíblia é tão bem conhecida, na letra, e tão pouco compreendida, no espírito. Cometemos grande erro, se imaginamos que o Livro de Salmos apenas contém as experiências, os sentimentos, os louvores e as orações de Davi. A mão que compilou os salmos, em sua maioria, foi a de Davi. Mas o assunto principal freqüentemente era mais profundo e elevado do que a história do filho de Jessé. Em resumo, o Livro de Salmos está repleto de Cristo — os sofrimentos, a humilhação, a morte, a ressurreição, a segunda vinda e o reino de Cristo sobre todos. Ambos os adventos do Messias estão descritos nos salmos — o advento de sofrimento, para morrer na cruz; e o advento de glória, para vestir a coroa. Ambos os reinos são descritos nos salmos — o reino da graça, durante o qual os eleitos são reunidos em um corpo; e o reino de glória, quando toda língua confessará que Jesus é Senhor. Sempre leiamos o Livro de Salmos com reverência especial, dizendo a nós mesmos: “Aqui se encontra Alguém maior do que Davi”.

É uma observação que se aplica, mais ou menos, a toda a Bíblia. Em toda a Bíblia existe uma plenitude que se torna uma prova concreta de que ela é um livro inspirado por Deus. Quanto mais a lemos, tanto mais assuntos ela parece conter. Todos os outros livros tornam-se enfadonhos, se forem constantemente lidos. A superficialidade e a fraqueza dos assuntos de tais livros logo se tornam evidentes. Somente a Bíblia parece ser mais ampla, profunda e completa, quanto mais a estudamos. Não temos necessidade de procurar significados místicos e alegóricos. As novas verdades que constantemente fluirão diante de nossos olhos são claras, simples e lógicas. A Bíblia é uma mina inesgotável de tais verdades; e nada pode explicar isso, exceto o fato de que a Bíblia é a Palavra de Deus, e não de homens.

Em segundo, observemos nestes versículos *quão abominável aos olhos de Cristo é a hipocrisia*. Somos informados que, “ouvindo-o todo o povo, recomendou Jesus a seus discípulos: Guardai-vos dos escribas, que gostam de andar com vestes talares e muito apreciam as saudações nas praças, as primeiras cadeiras nas sinagogas e os primeiros lugares nos banquetes; os quais devoram as casas das viúvas e, para o justificar, fazem longas orações”. Esta foi uma advertência ousada e admirável. Temos de recordar: foi uma denúncia pública dos homens que se assentavam na “cadeira de Moisés” e eram reconhecidos como mestres

do povo judeu. Uma denúncia que nos mostra com clareza que pode haver épocas quando o pecado de pessoas que ocupam posições elevadas transforma em uma obrigação positiva o protesto público contra tal pecado. Uma denúncia que revela ser possível alguém manifestar-se livremente e ainda não “difamar autoridades” (2 Pe 2.10).

Parece que o Senhor Jesus não considerou nenhum outro pecado tão pecaminoso quanto a hipocrisia. Com certeza, nenhum outro pecado extraiu de seus lábios condenação tão freqüente, severa e humilhante, durante todo o seu ministério terreno. O Senhor Jesus se mostrava cheio de compaixão e misericórdia para com os piores pecadores. Não houve “indignação” nEle, quando encontrou-se com Zaqueu, o ladrão arrependido; com Mateus, o publicano; com Saulo, o perseguidor; e com a mulher pecadora, na casa de Simão. Mas, quando encontrava-se com os escribas e os fariseus vestidos com um disfarce de espiritualidade, pretendendo possuir grande santidade exterior, enquanto seu íntimo estava cheio de perversidade, a alma justa do Senhor Jesus parece que ficava cheia de indignação. Oito vezes em apenas um capítulo (Mt 23), nós O encontramos afirmando: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas” (v. 27).

Jamais esqueçamos que o Senhor Jesus nunca muda. Ele é o mesmo, ontem, hoje e para sempre. É importante que sejamos verdadeiros em nosso cristianismo. Embora sejamos fracos em nossa fé, amor, esperança e obediência, asseguremo-nos de que tais virtudes sejam genuínas e sinceras. Desprezemos a própria idéia de fazermos representações falsas e utilizarmos máscaras em nosso cristianismo. Acima de tudo, sejamos íntegros. É admirável o fato de que “a verdade” é a primeira peça da armadura que Paulo recomenda ao soldado cristão. Paulo disse: “Estai, pois, firmes, cingindo-vos com a verdade” (Ef 6.14).

Por último, observemos nestes versículos que *haverá graus de condenação e sofrimento no inferno*. As palavras de nosso Senhor são claras e inconfundíveis. Ele afirmou sobre aqueles que vivem e morrem na hipocrisia: “Estes sofrerão juízo muito mais severo”.

O assunto desvendado nestas palavras é profundamente triste. A realidade e a eternidade da condenação futura estão entre as grandes verdades fundamentais do cristianismo; por isso, é difícil pensar sobre este assunto sem estremecermos. Entretanto, é bom que conservemos firme em nossa mente tudo o que a Bíblia ensina em referência ao céu e ao inferno. A Bíblia nos ensina com clareza que existem níveis de glória no céu; e, com a mesma clareza, tanto nesta como em outras de suas passagens, que há graus de miséria no inferno.

Afinal de contas, quem são os que finalmente receberão a condenação eterna? Este é um assunto prático que muito nos preocupa. Todos os que não desejam vir a Cristo, que não conhecem a Deus e desobedecem ao

evangelho; todos que se recusam a arrepender-se e perseveram em sua impiedade — todos esses serão condenados. Ceifarão de acordo com o que semearam. Deus não deseja a ruína eterna de tais pessoas, mas, se recusam ouvir sua voz, terão de morrer em seus pecados.

Dentre os que serão condenados, quais pessoas receberão a mais severa condenação? Não recairá sobre aqueles que nunca ouviram o evangelho, nem sobre as almas ignorantes e negligenciadas, com as quais, embora mergulhadas em pecado, ninguém se preocupou. A mais severa condenação recairá sobre aqueles que tiveram grande luz e conhecimento, mas não os utilizaram corretamente. Essa condenação sobrevirá a todos aqueles que professavam ter grande pureza e religiosidade, porém, na verdade, estavam apegados aos seus pecados. Em resumo, o hipócrita ocupará o mais aflitivo lugar no inferno. Estes são fatos terríveis, mas verdadeiros.

A Oferta da Viúva Pobre

Leia Lucas 21.1-4

Primeiramente, estes versículos nos mostram que *o Senhor Jesus observa com muito interesse as coisas realizadas na terra*. A passagem nos conta que, “estando Jesus a observar, viu os ricos lançarem suas ofertas no gazofilácio. Viu também certa viúva pobre lançar ali duas pequenas moedas”. Com razão, poderíamos imaginar que, naquela ocasião, os pensamentos de nosso Senhor estavam completamente tomados pelas coisas que Lhe aconteceriam. Sua traição, seu julgamento injusto, sua cruz, sua paixão e morte, tudo isso logo o alcançaria; e Ele o sabia. A imediata destruição do templo, a dispersão dos judeus, o longo período de tempo que se passaria até ao segundo advento eram coisas que, semelhantes a uma paisagem, estavam visíveis aos olhos de sua mente. Ele acabara de falar sobre tais assuntos. Todavia, em uma ocasião assim, nós O vemos a observar todas as coisas que se passam ao seu redor. O Senhor Jesus não considerou sem importância o observar a conduta de “certa viúva pobre”.

Recordemo-nos de que Jesus nunca muda. Aquilo que aconteceu naquele dia está sempre acontecendo em todo o mundo. “Os olhos do SENHOR estão em todo lugar” (Pv 15.3). Nada é tão insignificante, que escape da observação de Jesus. Nenhuma atitude é tão simples, que não seja registrada em seu livro de recordações. A mão que criou o sol, a lua e as estrelas é a mesma que formou a língua do pernilongo e as asas da mosca com perfeita sabedoria. Os olhos que contemplam o que se passa

nas salas de reuniões particulares de ministros, presidentes e reis são os mesmos que observam tudo que se passa nos casebres dos pobres. “Todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas” (Hb 4.13). Ele julga a insignificância ou a importância das atitudes utilizando um critério diferente do critério dos homens. Os acontecimentos de nossa vida diária, aos quais tributamos pouca importância, freqüentemente são questões bastante sérias e graves aos olhos de Cristo. Ações e atitudes realizadas na vida semanal de um pobre, as quais o mundo reputa como insignificantes e desprezíveis, em geral são registradas como valiosas e significativas nos livros de Cristo. Continua vivo Aquele que observou a oferta da “viúva pobre” com a mesma atenção com que considerou a oferta dos “ricos”.

O crente de poucas condições deve confortar-se nessa grande verdade, recordando diariamente que seu Senhor nos céus registra tudo que se realiza na terra e que Ele observa a vida dos habitantes de casas simples da mesma maneira como atenta à vida dos reis. Os atos de um crente pobre possuem tanta dignidade quanto os de um príncipe. As contribuições singelas que de seu pequeno salário os crentes pobres ofertam para objetivos espirituais têm mais valor aos olhos de Deus do que as vultuosas ofertas dos ricos, sem os mesmos objetivos. Entender isso completamente é um dos grandes segredos do contentamento. Reconhecer que Cristo leva em conta o que o homem é e não o que ele *possui* nos preservará da inveja e do pensamento de murmuração. Feliz é aquele que aprendeu a afirmar, assim como Davi: “Eu sou pobre e necessitado, porém o Senhor cuida de mim” (Sl 40.17).

Estes versículos também nos mostram *que pessoas Cristo considera mais liberais em ofertar dinheiro para objetivos espirituais*. Ele disse sobre a mulher que ofertara duas pequenas moedas: “Esta viúva pobre deu mais do que todos. Porque todos estes deram como oferta daquilo que lhes sobrava; esta, porém, da sua pobreza deu tudo o que possuía, todo o seu sustento”. Essas palavras nos ensinam que, ao julgar a generosidade de uma pessoa, Cristo leva em conta mais do que simplesmente o total das ofertas que os homens dão. Ele avalia a proporção com que as dádivas de alguém testemunham a respeito de seus bens. Ele considera o grau de renúncia pessoal que está envolvido na contribuição ofertada. O Senhor Jesus deseja que estejamos cientes de existirem pessoas que parecem ofertar muito dinheiro para causas espirituais, mas, aos olhos de Deus, tais pessoas estão dando muito pouco, enquanto outros parecem contribuir muito pouco, mas, do ponto de vista divino, estão ofertando muito.

Este assunto é bastante perscrutador. Talvez em nenhum outro aspecto os crentes professos ficam tão aquém do propósito divino quanto no assunto de ofertar dinheiro para a causa de Deus. Receamos que milhares dentre

os crentes nada sabem sobre o “contribuir” como uma obrigação espiritual. A pouca contribuição financeira que existe está limitada completamente a um seletor grupo nas igrejas. E, mesmo entre os que ofertam regularmente, precisamos reconhecer com ousadia, os pobres são os que, em proporção às suas posses, contribuem mais do que os ricos. Estes são fatos evidentes, que não podem ser contestados. A experiência de todos os que são responsáveis pela tesouraria das igrejas e de entidades religiosas testificarão que tais fatos são corretos e verdadeiros.

Julgemos a nós mesmos em referência a este assunto de contribuir financeiramente, para que não sejamos julgados e condenados no último dia. Tenhamos o firme princípio de que vigiaremos contra a mesquinhez e de que, embora tenhamos outras responsabilidades financeiras, ofertaremos regular e habitualmente para a causa de Deus. Lembremos que, embora a obra de Cristo não dependa de nosso dinheiro, Ele se agrada em provar a realidade da graça divina em nosso coração, permitindo que tomemos parte para sermos abençoados. Se não encontramos em nós mesmos a disposição de oferecer alguma coisa para a causa de Cristo, precisamos duvidar da realidade de nossa fé e bondade. Recordemos que no Dia do Juízo teremos de prestar contas da maneira como utilizamos o dinheiro que Deus nos outorgou. O “Juiz de todos” será o mesmo que observou a oferta da viúva pobre. Nossas receitas e despesas serão trazidas à luz diante do mundo reunido. Se naquele dia ficar comprovado que éramos ricos em relação a nós mesmos e pobres em relação a Deus, seria melhor nunca havermos nascido. Além disso, olhemos para o passado e o presente e perguntemos: onde estão aqueles que se arruinaram por contribuírem liberalmente para a obra de Deus e se tornaram pobres por emprestarem ao Senhor? Descobriremos que as palavras de Salomão são estritamente verdadeiras: “A quem dá liberalmente, ainda se lhe acrescenta mais e mais; ao que retém mais do que é justo, ser-lhe-á em pura perda” (Pv 11.24).

Finalmente, devemos orar em favor de ricos que não sabem nada sobre a magnificência de “contribuir”, para que a riqueza não seja a causa de sua ruína. Muitas instituições de caridade e movimentos religiosos permanecem em constante necessidade de ajuda financeira. Oportunidades grandes e eficazes estão abertas para que a igreja de Cristo faça o bem em todos os lugares do mundo, mas, por falta de recursos financeiros, poucos têm sido enviados para aproveitar tais oportunidades. Oremos suplicando que o Espírito Santo venha sobre todas as nossas igrejas e ensine aos crentes o que fazer com seu dinheiro. Dentre todas as pessoas na terra, os crentes devem ser as que contribuem com mais liberalidade. Tudo o que possuem eles devem exclusivamente à graça divina. Cristo, o Espírito Santo, o evangelho, a Bíblia, os meios da graça, a esperança da glória,

todos esses são dons imerecidos e incomparáveis sobre os quais milhões de incrédulos jamais ouviram falar. Aqueles que possuem esses dons têm de ser “generosos em dar e prontos a repartir” (1 Tm 6.18). Um Salvador que deu-se a Si mesmo deve ter discípulos que estão dispostos a dar de si mesmos e de seus bens. De graça recebemos, de graça devemos dar (Mt 10.8).

Jesus Prediz a Destruição do Templo; O Perigo do Engano

Leia Lucas 21.5-9

Devemos observar nestes versículos *as afirmativas de nosso Senhor em referência à destruição do templo*. Somos informados que “falavam alguns a respeito do templo, como estava ornado de belas pedras e de dádivas”. Exaltavam-no por causa de sua beleza exterior; admiravam seu tamanho, sua grandeza arquitetônica e sua riquíssima decoração. No entanto, não receberam qualquer resposta positiva de nosso Senhor. Ele disse: “Vedes estas coisas? Dias virão em que não ficará pedra sobre pedra que não seja derribada”.

Existe uma profecia surpreendente nas palavras de Jesus. É difícil imaginar quão estranhas e alarmantes elas pareceram aos judeus que as ouviram. Foram proferidas a respeito de uma construção que os judeus reverenciavam com veneração idólatra e de um edifício que continha a Arca da Aliança, o Santo dos Santos e a mobília simbólica, feita de acordo com o modelo apresentado por Deus mesmo. Foi um pronunciamento sobre uma construção associada aos nomes mais proeminentes da história dos judeus — Davi, Salomão, Ezequias, Josias, Isaías, Jeremias, Esdras e Neemias. Jesus as pronunciou em referência a um edifício em direção ao qual todo judeu piedoso curvava sua fronte, em qualquer lugar do mundo, quando apresentava suas orações diárias (1 Rs 8.44; Jn 2.4; Dn 6.10). No entanto, foram ditas com sabedoria; tinham o propósito de ensinar a grande verdade de que a verdadeira glória de um lugar de adoração não consiste em beleza externa. “O SENHOR não vê como vê o homem” (1 Sm 16.7). Os homens levam em conta a aparência exterior de um edifício; o Senhor atenta à adoração espiritual e à presença do Espírito Santo. Estas coisas faltavam completamente no templo de Jerusalém; portanto, o Senhor Jesus Cristo não poderia ter qualquer prazer nele.

Os que professam ser crentes farão bem ao recordar essas palavras de nosso Senhor. Sem dúvida, é adequado e correto que edifícios separados

para adoração a Cristo sejam dignos do propósito para o qual são utilizados. Tudo que fazemos para Cristo deve ser bem feito. No prédio em que o evangelho é proclamado, a Palavra de Deus é exposta e orações são dirigidas a Deus não deve faltar nada que o torne mais agradável e sólido. Porém devemos sempre lembrar que o aspecto material de uma igreja cristã é o menos importante. A elegante combinação de mármore, pedras decoradas, pintura e vidros coloridos é sem valor aos olhos de Deus, a menos que a verdade esteja sendo proclamada do púlpito e a graça de Deus reine no coração dos que ali se reúnem. As covas e cavernas em que os primeiros crentes costumavam se reunir provavelmente eram mais belas aos olhos de Cristo do que a mais bela catedral construída pelos homens. O templo com o qual o Senhor Jesus mais se deleita é um coração quebrantado, contrito e regenerado pelo Espírito Santo.

Também devemos observar nestes versículos *a solene advertência de nosso Senhor em referência ao engano*. Suas alarmantes palavras sobre o templo causaram em seus discípulos uma importante indagação: “Mestre, quando sucederá isto? E que sinal haverá de quando estas coisas estiverem para se cumprir?” A resposta de nosso Senhor foi longa e completa. Começou com uma penetrante advertência: “Vede que não sejais enganados”.

A posição ocupada pela advertência é notável. Encontra-se à frente de uma profecia de alcance vasto e de importância universal para todos os crentes — uma profecia abrangendo desde o próprio dia em que foi pronunciada até à ocasião da segunda vinda de Cristo; uma profecia que revela assuntos de interesse vital para judeus e gentios; uma profecia em que tem muitos aspectos ainda por realizarem-se. A sua primeira sentença é uma advertência contra o engano: “Vede que não sejais enganados”.

A necessidade dessa advertência tem sido comprovada freqüentemente na história da igreja de Cristo. Talvez em nenhum outro assunto os teólogos cometeram tantos enganos quanto no assunto de interpretação de profecias ainda não cumpridas. Em nenhum outro assunto, eles têm demonstrado a fraqueza do intelecto humano e confirmado plenamente as palavras do apóstolo Paulo: “Agora, vemos como em espelho, obscuramente” (1 Co 13.12). Dogmatismo, convicções, disputas, obstinação em manter opiniões insustentáveis, afirmações e especulações com freqüência têm causado descrédito a todo o assunto de profecias e produzido blasfêmia da parte dos inimigos do cristianismo. Existem muitos livros escritos sobre interpretação de profecias que com justiça poderíamos escrever na página de rosto: “Quem é este que escurece os meus desígnios com palavras sem conhecimento?” (Jó 38.2).

Aprendamos da advertência de nosso Senhor a orar por humildade e por disposição de aprender, sempre que estivermos lendo profecias ainda

não cumpridas. Neste assunto, assim como em qualquer outro das Escrituras, precisamos de um coração infantil e da oração: “Desvenda os meus olhos” (Sl 119.18). Por um lado, devemos acautelar-nos da indolência ociosa que nos afasta das Escrituras proféticas, por causa de sua dificuldade. Por outro lado, devemos acautelar-nos de possuir um espírito dogmático e arrogante que leva as pessoas a esquecerem que são estudantes e a falarem com tanta confiança como se fossem os próprios profetas. Acima de tudo, leiamos as profecias bíblicas tendo a completa convicção de que há bênçãos em estudá-las e que, ao fazê-lo, mais entendimento receberemos a cada ano. A promessa permanece completamente verdadeira: “Bem-aventurados aqueles que lêem e aqueles que ouvem as palavras da profecia e guardam as coisas nela escritas, pois o tempo está próximo” (Ap 1.3). No tempo do fim, a visão será esclarecida (Dn 12.9).

Profecia Sobre Problemas Entre as Nações; Perseguição Anunciada de Antemão

Leia Lucas 21.10-19

Primeiramente, esta passagem nos mostra *a predição de Cristo concernente às nações do mundo*. Ele disse: “Levantar-se-á nação contra nação, e reino, contra reino; haverá grandes terremotos, epidemias e fome em vários lugares, coisas espantosas e também grandes sinais do céu”.

Sem dúvida, essas palavras tiveram um cumprimento parcial quando Jerusalém foi invadida pelos exércitos dos romanos e os judeus foram levados em cativeiro. Foi uma ocasião de incomparável ruína para a Judéia e as terras circunvizinhas. Os últimos dias da dispensação judaica foram concluídos por meio de conflitos que resultaram em derramamento de sangue, miséria e aflição incomparáveis a quaisquer outras coisas ocorridas desde a criação do mundo.

Mas a profecia de nosso Senhor ainda terá um cumprimento mais completo. Ela descreve o tempo que precederá a segunda vinda de Cristo. O “tempo do fim” será uma época de guerra e não de paz universal. A dispensação cristã findará, assim como a judaica, em meio a guerras, tumultos, desolações e uma queda das autoridades deste mundo, de um modo que os olhos dos homens jamais viram.

Um pleno entendimento destas coisas é muito importante para nossa alma. Nada causa tanto desânimo ao coração do crente e abate a sua fé quanto opiniões acerca de expectativas sem fundamento nas Escrituras. Retiremos de nossa mente a vã idéia de que as nações abandonarão

completamente as guerras, antes que Jesus volte novamente. Enquanto Satanás for o príncipe deste mundo e os corações dos homens permanecerem não-convertidos, haverá conflitos e lutas. Não haverá paz universal antes do segundo advento do Príncipe da Paz. Naquela época, somente naquela época, os homens não “aprenderão mais a guerra” (Is 2.4). Cessemos de esperar que os missionários e ministros do evangelho converterão o mundo e ensinarão todos os homens a amarem-se mutuamente. Eles jamais o farão; não foram designados para isso. Eles serão instrumentos para chamar um povo constituído de testemunhas que servirão a Cristo em todos os países, mas farão apenas isso. A maior parte da humanidade sempre recusará obedecer o evangelho. As nações continuarão a lutar, contender e guerrear. Os últimos dias da terra serão os seus piores dias. A última guerra será a mais terrível e dolorosa que já assolou o mundo.

O dever de todo crente verdadeiro é claro e simples. Não importa o que os outros fazem, o crente verdadeiro precisa com toda diligência confirmar sua chamada e sua eleição. Enquanto as demais pessoas se ocupam em conflitos nacionais e especulações políticas, o crente tem de buscar com determinação, em primeiro lugar, o reino de Deus. Agindo assim, o crente sentirá que seus pés encontram-se sobre uma rocha, quando os fundamentos do mundo forem abalados e os reinos do mundo, arruinados. Assim como Nôe, o verdadeiro crente estará seguro na arca; estará escondido “no dia da ira do SENHOR” (Sf 2.3).

Em segundo, esta passagem nos mostra a *profecia de Cristo concernente a seus próprios discípulos*. Ele não profetizou coisas agradáveis, nem prometeu-lhes um ininterrupto viver com tranquilidade temporal. Ele afirmou que seus discípulos serão perseguidos, lançados em prisões, comparecerão diante dos governantes, serão traídos, mortos e odiados por todos os homens por causa do nome de Cristo.

Sem dúvida, as palavras da profecia tinham o objetivo de aplicarem-se a todas as épocas da História da Igreja. Começaram a cumprir-se nos dias dos apóstolos. O livro de Atos dos Apóstolos supre diversas ocorrências em que essas palavras se cumpriram. Durante séculos de história cristã, essa profecia tem se cumprido inúmeras vezes. Onde existem discípulos de Cristo, ali sempre tem ocorrido algum tipo de perseguição. Essas palavras terão um cumprimento mais completo antes do fim do mundo. A última tribulação provavelmente será caracterizada por violência e amargura especiais. Será uma “grande tribulação” (Ap 7.14). Tenhamos firmemente gravado em nosso coração o princípio de que o verdadeiro crente sempre terá de entrar no reino de Deus “através de muitas tribulações” (At 14.22). Suas melhores coisas ainda estão por vir. Este mundo não é o nosso lar. Se formos determinados e fiéis servos de Cristo, o mundo com certeza nos odiará, assim como odiou nosso Senhor. De alguma maneira, a graça

sempre sofrerá perseguição. Embora demonstre bastante coerência em sua conduta, não cometendo muitos erros, e seja bondoso e amável, o crente não poderá eximir-se da aversão do mundo. É tolice ficarmos surpresos por esse fato. É desperdício de tempo murmurar por causa das perseguições. Elas constituem uma parte da cruz que temos de carregar com paciência. Os filhos de Caim odiarão os filhos de Abel, enquanto a terra existir. “Não vos maravilheis se o mundo vos odeia”, disse o apóstolo João (1 Jo 3.13). E nosso senhor afirmou: “Se o mundo vos odeia, sabeí que, primeiro do que a vós outros, me odiou a mim. Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; como, todavia, não sois do mundo, pelo contrário, dele vos escolhi, por isso, o mundo vos odeia” (Jo 15.18-19).

Por último, esta passagem nos mostra a *graciosa promessa de Cristo aos seus discípulos*. Ele disse: “Não se perderá um só fio de cabelo da vossa cabeça”. Nosso bendito Senhor conhece bem o coração de seus discípulos. Jesus percebeu que a profecia recém-pronunciada poderia desanimá-los. Por isso, fortaleceu-os com uma palavra de encorajamento: “Não se perderá um só fio de cabelo da vossa cabeça”.

É uma promessa ampla, abrangente e pertence a todos os crentes de todas as épocas. É impossível ser interpretada de maneira literal. Não pode ser aplicada ao físico dos discípulos. Afirmar isso seria contrário aos fatos evidentes: Tiago e outros dos apóstolos sofreram mortes violentas. Uma interpretação figurada tem de ser atribuída a essas palavras. Elas constituem uma grande afirmativa proverbial. Ensinam que, embora os discípulos de Cristo passem por qualquer tipo de sofrimento, as suas melhores coisas não serão abaladas. Sua vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus. Seu tesouro nos céus é intocável. Sua alma está além do alcance de qualquer dano. E mesmo seu corpo corruptível será ressuscitado e transformado para ser semelhante ao corpo glorioso de seu Senhor, no último dia.

Se conhecemos o verdadeiro cristianismo, confiemos nas palavras da preciosa promessa de Jesus em cada ocasião de necessidade. Se cremos em Cristo, descansemos no confortável pensamento de que Ele empenhou sua palavra, garantindo que nunca pereceremos. Talvez percamos muita coisa por servirmos a Ele, mas nunca perderemos nossa alma. O mundo pode retirar de um crente seus bens, amigos, propriedades, família, liberdade, saúde e vida. Isso já aconteceu a inumeráveis seguidores de Cristo desde os dias de Estêvão até agora. A lista do nobre exército de mártires é extensa. No entanto, uma coisa o mundo não pode fazer a qualquer crente: remover seu interesse no amor de Cristo. O mundo não pode romper a união que existe entre Cristo e a alma do crente. Com certeza, vale a pena ser um crente dedicado! “Estou bem certo”, afirmou

o apóstolo Paulo, “de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 8.38,39).

A Destruição de Jerusalém e a Tribulação de Israel

Leia Lucas 21.20-24

O assunto destes versículos é a invasão de Jerusalém pelos romanos. Era conveniente e próprio que esse grande evento, que concluiu a dispensação do Antigo Testamento, fosse especialmente descrito por nosso Senhor. Era adequado que os últimos dias daquela santa cidade, que durante muitos séculos havia sido o lugar em que se manifestava a presença de Deus, recebesse atenção especial na maior profecia que já foi entregue à igreja.

Primeiramente, devemos observar nestes versículos *o perfeito conhecimento de nosso Senhor*. Ele nos apresentou um terrível quadro das misérias que viriam sobre Jerusalém. Quarenta anos antes que os exércitos de Tito sitiassem a cidade, as pavorosas circunstâncias envolvidas no cerco foram detalhadamente descritas. A aflição das mulheres frágeis e desamparadas, o extermínio de milhares de judeus, a dispersão final de Israel para o cativeiro entre todas as nações e a cidade santa pisada pelos gentios durante muitos séculos são coisas que nosso Senhor relatou com muita particularidade, como se as estivesse contemplando com seus próprios olhos.

O conhecimento antecipado é um atributo especial de Deus. Por nós mesmos, não sabemos o que o “dia de amanhã... trará à luz” (Pv 27.1). Anunciar o que acontecerá a uma cidade daqui há quarenta anos está muito além da capacidade humana. As palavras de Isaías são solenes: “Eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim; que desde o princípio anuncio o que há de acontecer e desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: o meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade” (Is 46.9-10). Aquele que poderia falar com autoridade sobre as coisas que aconteceriam, assim como nosso Senhor o fez naquela ocasião, era o próprio Deus e, ao mesmo tempo, homem.

O verdadeiro crente deve sempre ter em mente o perfeito conhecimento de Jesus. As coisas passadas, presentes e futuras se encontram

descobertas aos olhos dAquele a quem prestaremos contas. A recordação de pecados da juventude pode nos humilhar. A nossa fraqueza no presente talvez nos cause ansiedade. O temor das provações futuras pode desanimar nosso coração. Entretanto, é intensamente consolador pensar que Cristo sabe tudo. Podemos confiar-Lhe com segurança as coisas passadas, presentes e futuras. Jamais nos acontecerá algo que Cristo não o saiba há muito tempo.

Em segundo, devemos observar nestes versículos *as palavras de nosso Senhor a respeito de fuga em tempos de perigo*. No que se referia aos dias anteriores ao cerco de Jerusalém, Ele afirmou: “Então, os que estiverem na Judéia, fujam para os montes; os que se encontrarem dentro da cidade, retirem-se; e os que estiverem nos campos, não entrem nela”.

A lição destas palavras é bastante instrutiva. Elas nos ensinam com clareza que não existe qualquer covardia ou indignidade em um crente esforçar-se para escapar do perigo. Utilizar com diligência os devidos meios para garantir nossa segurança não é inconveniente à nossa sublime vocação. Todo crente tem a incumbência de enfrentar a morte com ousadia e paciência, se no caminho da providência divina ela o alcançar. Mas cortejar a morte e o sofrimento, apressando-nos, é característico de um fanático e entusiasta, mas não do sábio discípulo de Cristo. Aqueles que utilizam todos os recursos oferecidos por Deus podem esperar confiantemente a sua proteção. Existe uma ampla diferença entre a fé e a presunção.

Em terceiro, devemos observar nestes versículos *as palavras de nosso Senhor em referência à vingança*. Ele disse, ainda falando sobre o cerco de Jerusalém: “Porque estes dias são de vingança, para se cumprir tudo o que está escrito”.

Existe algo peculiarmente terrível na expressão citada. Ela demonstra que os pecados da nação judaica há muito estavam sendo registrados nos livros de Deus. Por causa de sua incredulidade e impenitência, durante muitos séculos os judeus estiveram acumulando ira contra si mesmos. A ira de Deus, à semelhança de uma represa, acumulou-se silenciosamente por muitos séculos. A terrível tribulação que acompanhou o cerco de Jerusalém seria apenas o desencadeamento de uma tempestade que se formara gradualmente desde a época dos reis. Seria tão-somente o golpe de uma espada que por muito tempo esteve sobre a cabeça de Israel.

Faremos bem se guardarmos essa lição em nosso íntimo. Não devemos dar ocasião ao pensamento de que a conduta das nações e de homens ímpios não é observada por Deus. Ele vê e sabe todas as coisas; e, por fim, chegará com certeza o dia do acerto de contas. Há uma grandiosa verdade nas Escrituras: “Deus há de trazer a juízo todas as obras, até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más” (Ec 12.14). Nos

dias de Abraão, ainda não se havia enchido “a medida da iniquidade dos amorreus” (Gn 15.16); e quatrocentos anos se passaram antes que recebessem o castigo. Mas finalmente a punição veio, quando Josué e as doze tribos tomaram posse da terra de Canaã. A sentença de Deus contra as obras más nem sempre se executa rapidamente, porém não significa que ela não será executada. O ímpio talvez prospere durante muitos anos; todavia, seu fim será que seu pecado o encontrará (Gn 15.16; Ec 8.11; Sl 37.35).

Por último, devemos observar nestes versículos *as palavras de nosso Senhor em referência aos tempos dos gentios*. Ele afirmou: “Até que os tempos dos gentios se completem, Jerusalém será pisada por eles”.

Aqui nosso Senhor profetizou sobre um tempo específico, durante o qual Jerusalém seria entregue aos governantes gentios e os judeus deixariam de ter autoridade sobre sua antiga cidade. Jesus também profetizou sobre uma época específica, que seria o tempo da visitação dos gentios, o tempo durante o qual eles desfrutariam privilégios e ocupariam uma posição semelhante à de Israel no passado. Ambas as épocas um dia terminarão. Jerusalém será novamente restaurada aos seus antigos habitantes. Os gentios, por causa de sua dureza de coração e incredulidade, serão destituídos de seus privilégios e sofrerão o justo juízo de Deus. Mas o tempo dos gentios ainda não acabou. Ainda estamos vivendo este tempo.

Este assunto é muito comovente e deve levar-nos a realizar profundas investigações em nosso próprio coração. Enquanto as nações do mundo estão envolvidas em conflitos políticos e interesses mundanos, o seu tempo está esgotando. Enquanto os governantes estão discutindo sobre assuntos seculares e os parlamentares dificilmente se humilham, a fim de permitir que as coisas espirituais tenham lugar em suas conversas, seus dias estão contados aos olhos de Deus. Em poucos anos, “os tempos dos gentios” se completarão. O dia de sua visitação se acabará, e perderão seus privilégios mal utilizados. O juízo de Deus cairá sobre eles. Serão colocados de lado como vasos com os quais Deus não se compraz. O domínio dos gentios desaparecerá, e suas instituições arrogantes serão despedaçadas. Os judeus serão restaurados. O Senhor Jesus virá novamente em poder e grande glória. Os reinos deste mundo se tornarão os reinos de nosso Deus e de seu Cristo, e “os tempos dos gentios” chegarão ao fim.

Feliz é aquela pessoa que sabe essas coisas e vive pela fé no Filho de Deus! É a única pessoa que está preparada para as grandes coisas que sobrevirão à terra e para a manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo. O reino ao qual ela pertence é o único que jamais será destruído. O Rei a quem ela serve é o único que nunca será destruído (Dn 2.44; 7.14).

A Segunda Vinda de Cristo e os Sinais que a Precederão

Leia Lucas 21.25-33

O assunto desta parte da grande profecia de nosso Senhor é a sua segunda vinda para julgar o mundo. As expressões fortes da passagem parecem ser inaplicáveis à qualquer acontecimento menos importante do que esse. Limitar estas palavras à tomada de Jerusalém pelos romanos é uma maneira incomum de interpretar a linguagem das Escrituras.

Primeiramente nesta passagem vemos *quão terrível serão as circunstâncias que acompanham a segunda vinda de Cristo*. Nosso Senhor disse que “haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas; sobre a terra, angústia entre as nações em perplexidade por causa do bramido do mar e das ondas; haverá homens que desmaiarão de terror e pela expectativa das coisas que sobrevirão ao mundo; pois os poderes dos céus serão abalados. Então, se verá o Filho do Homem vindo numa nuvem, com poder e grande glória”.

O quadro apresentado é singularmente terrível. Talvez não seja fácil atribuir um significado exato a cada uma de suas partes. Uma coisa, porém, é muitíssimo evidente: a segunda vinda de Cristo será acompanhada por tudo que poderá torná-la alarmante aos sentidos e corações dos homens. Se a entrega da Lei no Sinai foi terrível, a ponto de Moisés dizer: “Sinto-me aterrado e trêmulo!” (Hb 12.21), ainda mais terrível será o retorno de Cristo, quando Ele vier à terra com poder e grande glória. Se os corajosos soldados romanos “tremeram espavoridos e ficaram como se estivessem mortos” (Mt 28.4), quando o anjo rolou a pedra do sepulcro e Cristo ressuscitou dos mortos, ainda maior terror haverá quando Cristo voltar para julgar o mundo. É lógico que Paulo tenha dito: “Assim, conhecendo o temor do Senhor, persuadimos os homens” (2 Co 5.11).

O homem imprudente e negligente com razão treme quando ouve falar sobre o segundo advento de Cristo. O que fará esse homem quando os negócios no mundo cessarem repentinamente e seus bens preciosos se tornarem inúteis? O que ele fará quando por todos os lados se abrirem as sepulturas e a trombeta estiver convocando ao julgamento? O que ele fará quando o próprio Jesus, cujo evangelho ele rejeitou de maneira vergonhosa, aparecer nas nuvens do céu e colocar todos os inimigos debaixo de seus pés? Com certeza ele clamará aos rochedos e aos montes que caíam sobre ele e o encubram (Os 10.8). Mas o fará em vão, se antes nunca invocou a Cristo. Naquele dia, feliz será o indivíduo que já fugiu da ira vindoura, sendo lavado no sangue do Cordeiro.

Em segundo, vemos nestes versículos *quão plena será a segurança dos verdadeiros crentes na ocasião do segundo advento de Cristo*. Nosso Senhor disse aos seus discípulos: “Ao começarem estas coisas a suceder, exultai e erguei a vossa cabeça; porque a vossa redenção se aproxima”.

Embora para o incrédulo sejam terríveis os sinais que acompanham a vinda de Cristo, estes sinais não devem causar terror ao coração do verdadeiro crente. Pelo contrário, ele deve encher-se de alegria. Precisa lembrar que sua completa libertação do mundo, do pecado e do diabo está às portas e que em breve ele dirá adeus às enfermidades, tristezas, tentações e morte. O dia em que o incrédulo perderá tudo será o mesmo em que o crente entrará em sua eterna recompensa. O momento em que as esperanças dos incrédulos desaparecerão será o mesmo em que as esperanças do crente serão trocadas por uma certeza feliz e uma completa possessão.

O servo de Deus deve freqüentemente olhar para a segunda vinda de Cristo; assim perceberá que o pensamento sobre aquele dia será um agradável amparo para ele diante das provas e tentações da vida presente. O crente precisa recordar: “Ainda dentro de pouco tempo, aquele que vem virá e não tardará” (Hb 10.37). Cumprir-se-ão as palavras de Isaias: “Enxugará o SENHOR Deus as lágrimas de todos os rostos, e tirará de toda a terra o opróbrio do seu povo” (Is 25.8). Uma receita segura para um espírito paciente é esperar pouco deste mundo e estar sempre “aguardando... a revelação de nosso Senhor Jesus Cristo” (1 Co 1.7).

Em terceiro, vemos nestes versículos *a necessidade de atentarmos aos sinais dos tempos na perspectiva do segundo advento de Cristo*. Nosso Senhor nos ensina mais uma lição ao proferir a parábola: “Vede a figueira e todas as árvores. Quando começam a brotar, vendo-o, sabeis, por vós mesmos, que o verão está próximo”. Os discípulos por ignorância supunham que o reino do Messias seria estabelecido por meio de uma paz universal. Ao contrário, nosso Senhor lhes disse que confusões, guerras, perplexidade e aflição seriam os sinais que precederiam o estabelecimento do reino.

O dever universal que estas palavras estão abordando é muito evidente. Temos de observar com cuidado os acontecimentos públicos do tempo em que vivemos. Não devemos nos absorver com política, mas precisamos estar atentos aos eventos políticos. Não devemos nos transformar em profetas no sentido literal das Escrituras, porém temos de estudar com diligência os sinais de nossa época. Agindo assim, o Dia de Cristo não nos apanhará em completa ignorância.

Vemos alguns desses sinais em nossos dias? No mundo existem algumas circunstâncias que de um modo especial demandam a atenção do crente? Sem dúvida, existem muitas. A queda de grandes impérios, o avivamento do catolicismo romano, o renovado interesse das igrejas

evangélicas em pregar o evangelho, o interesse geral na situação dos judeus, a queda de formas de governos e instituições firmes, o surgimento e a propagação de formas sutis de incredulidade — todas essas coisas são sinais peculiares para nossos dias. Devem nos fazer recordar as palavras de nosso Senhor referindo-se à figueira e levar-nos a meditar sobre o texto: “Eis que venho sem demora” (Ap 22.7).

Por último, vemos nestes versículos *a certeza de que se cumprirão todas as predições de nosso Senhor acerca do segundo advento*. Ele estava falando como se estivesse prevendo a incredulidade e descrença do homem no que diz respeito a este importante assunto. Jesus sabia como as pessoas estariam prontas a dizer: “Isto é improvável, impossível! O mundo continuará sendo o que sempre foi”. Utilizando palavras solenes, Ele advertiu seus discípulos contra a incredulidade: “Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão”.

Seremos abençoados, se recordarmos a advertência de Jesus, sempre que estivermos na companhia daqueles que escarnecem de profecias ainda não cumpridas. Não devemos permitir que nossa fé seja abalada por aqueles que zombam dos crentes. Se Deus afirmou alguma coisa, Ele certamente a realizará; e a possibilidade ou a probabilidade em relação a tal coisa é um assunto que não deve nos inquietar nem por um momento. A vinda de Cristo em poder, para julgar o mundo e reinar, não é menos improvável do que era a sua vinda para sofrer e morrer. Se Ele veio pela primeira vez, quanto mais devemos esperar que venha pela segunda vez. Se veio para ser pregado na cruz, quanto mais devemos esperar que Ele virá em glória, coroado, em vestes reais. Ele o disse e o fará. As suas “palavras não passarão”.

Terminemos nossa meditação sobre estes versículos com uma profunda convicção de que o segundo advento de Cristo é uma das principais verdades do cristianismo. O Cristo em quem nós cremos não deve ser apenas Aquele que sofreu no Calvário, mas também o Cristo que virá novamente para, pessoalmente, julgar o mundo.

Jesus Recomenda a Vigilância Diante de sua Segunda Vinda

Leia Lucas 21.34-38

Estes versículos constituem a conclusão prática do grande discurso profético de nosso Senhor. Apresentam uma admirável resposta àqueles que condenam o estudo de profecias ainda não cumpridas, por

considerarem-nas especulativas e sem proveito. Seria quase impossível encontrarmos uma passagem mais prática, direta, clara e perscrutadora do que essa que agora consideramos.

Primeiramente, esta passagem nos ensina *o perigo espiritual ao qual estão expostos neste mundo os mais santos dos crentes*. Nosso Senhor disse aos seus discípulos: “Acautelai-vos por vós mesmos, para que nunca vos suceda que o vosso coração fique sobrecarregado com as conseqüências da orgia, da embriaguez e das preocupações deste mundo, e para que aquele dia não venha sobre vós repentinamente, como um laço”.

São palavras dignas de admiração. Não foram dirigidas aos fariseus lascivos, aos saduceus incrédulos ou aos devassos herodianos. Foram dirigidas a Pedro, Tiago, João e a todos os demais apóstolos, homens que haviam desistido de tudo por amor a Cristo e provado a realidade de sua fé por intermédio de sua obediência amorosa e resoluta apego ao seu Senhor. Foi a eles que o Senhor advertiu contra o perigo de seus corações ficarem sobrecarregados com as conseqüências da orgia, da embriaguez e das preocupações deste mundo! Foi para eles que Jesus disse: “Acautelai-vos por vós mesmos”.

Temos aqui uma exortação cujo propósito é ensinar-nos a imensa importância da humildade. Não existe um pecado tão sério que um crente muito piedoso não possa cair nele. Não existe um crente tão espiritual que não esteja sujeito a cair em um pecado bastante grave. Noé escapou das contaminações do mundo antes do dilúvio, mas depois foi vencido pela embriaguez. Abraão foi o pai dos que têm a fé, mas por incredulidade declarou falsamente que Sara era sua irmã. Ló não participou da impiedade de Sodoma, mas, após sair daquela cidade, caiu em pecado na caverna em que se refugiou. Moisés era o homem mais manso da terra, mas perdeu de tal modo o autocontrole, que falou com ira e imprudência. Davi era o homem segundo o coração de Deus, mas se afundou em hediondo adultério. Esses exemplos são profundamente instrutivos. Todos demonstram a sabedoria da advertência de nosso Senhor nesta passagem e ensinam a nos cingirmos “de humildade” (1 Pe 5.5). “Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia” (1 Co 10.12).

Além disso, aprendemos sobre a grande importância de um espírito não centralizado nas coisas do mundo. As “preocupações deste mundo” são apresentadas lado a lado com as orgias e a embriaguez. Excessos no comer e beber não são os únicos que prejudicam a alma. Existe uma excessiva ansiedade pelas coisas inocentes da vida que tanto é prejudicial ao nosso progresso espiritual quanto é letal ao nosso homem interior. Nunca, nunca esqueçamos que podemos arruinar nossa alma por causa de coisas lícitas, assim como o podemos fazer por causa de pecados notáveis. Feliz é aquele que aprendeu a ser firme ao lidar com as coisas deste

mundo e a crer que, se buscar em primeiro lugar o reino de Deus, as demais “coisas... serão acrescentadas” (Mt 6.33).

Em segundo, esta passagem nos ensina que *a volta de nosso Senhor será repentina*. Ele disse: “Para que aquele dia não venha sobre vós repentinamente, como um laço. Pois há de sobrevir a todos os que vivem sobre a face de toda a terra”. Assim como uma armadilha que apanha um animal de maneira inesperada; assim como o relâmpago que rebrilha no céu subitamente, antes que o trovão ressoe; assim como um ladrão que de maneira repentina à noite vem a uma casa, sem informar em que dia virá àquela casa, assim também, de modo repentino e instantâneo, acontecerá a segunda vinda do Filho do Homem.

O dia exato do retorno de nosso Senhor Jesus Cristo a este mundo foi propositadamente ocultado por Deus. “A respeito daquele dia e hora ninguém sabe” (Mt 24.36). No entanto, em um aspecto todos os ensinamentos das Escrituras são claros e inconfundíveis: quando acontecer, a segunda vinda de Cristo será um evento inesperado e súbito. Os negócios no mundo continuarão se realizando normalmente. Assim como foi nos dias de Sodoma e nos dias antes do dilúvio, os homens estarão comendo, bebendo, casando e dando-se em casamento (Lc 17.27). Poucos, mesmo entre os verdadeiros crentes, estarão completamente atentos a esse grande acontecimento, vivendo em um estado de completa expectativa. Num momento, em um piscar de olhos, cessará todo o curso da vida no mundo. O Rei dos reis aparecerá. Os mortos serão ressuscitados; os vivos, transformados. A incredulidade murchará. A verdade será descoberta por milhares, porém será tarde demais. O mundo com todas as suas trivialidades e sombras será colocado de lado; a eternidade será iniciada com todas as suas terríveis realidades. Tudo começara repentinamente, sem qualquer notificação, aviso ou preparativos. “Para que aquele dia não venha sobre vós repentinamente, como um laço. Pois há de sobrevir a todos os que vivem sobre a face de toda a terra.”

O servo de Deus certamente reconhecerá que só existe uma atitude digna daquele que crê nessas coisas: estar constantemente preparado para encontrar-se com Cristo. O evangelho não nos chama para abandonarmos nossas atividades terrenas ou negligenciarmos os deveres de nossas profissões; tampouco nos ordena a sermos eremitas ou vivermos como frades e freiras. O evangelho nos ordena a viver como pessoas que esperam o retorno de seu Senhor. Arrependimento para com Deus, fé no Senhor Jesus, santidade de vida são as únicas atitudes exigidas em nosso preparo para o encontro com Cristo. Aquele que por experiência própria conhece essas coisas está sempre pronto para encontrar-se com seu Senhor.

Por último, esta passagem nos ensina *os deveres especiais do crente que aguarda o segundo advento de Cristo*. Nosso Senhor sintetizou-os em

dois importantes assuntos: vigilância e oração. Ele disse: “Vigiai, pois, a todo tempo, orando”.

Temos de vigiar, vivendo como soldados que estão atentos no território do inimigo. Devemos recordar que o mal está perto de nós e em nosso íntimo, que temos de lutar todos os dias contra um coração traçoeiro, um mundo repleto de armadilhas e um diabo bastante ativo. Lembrando disso, precisamos vestir toda a armadura de Deus e acautelarmo-nos do entorpecimento espiritual. “Assim, pois, não durmamos como os demais; pelo contrário, vigiemos e sejamos sóbrios” (1 Ts 5.6).

Temos de orar sempre, mantendo o constante hábito da oração genuína, com toda a seriedade. Precisamos falar com Deus todos os dias, cultivando a comunhão diária com Ele no que se refere às nossas almas. Devemos orar para que recebamos graça, a fim de nos desembaraçarmos de todo peso e rejeitar tudo que possa interferir em nossa prontidão de ter comunhão com nosso Senhor. Acima de tudo, precisamos vigiar com um zelo santo nossos hábitos devocionais e ser cuidadosos em não apressar ou encurtar nossas orações.

Terminemos nossas considerações sobre esta passagem com a firme determinação de que, com a ajuda de Deus, agiremos de acordo com o que acabamos de ler. Se cremos que o Senhor Jesus voltará, preparemo-nos para encontrá-Lo. “Ora, se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes” (Jo 13.17).

Judas Iscariotes Entende-se com os Principais Sacerdotes; A Preparação da Páscoa

Leia Lucas 22.1-13

Estes versículos iniciam os capítulos em que Lucas relata os sofrimentos e a morte de nosso Senhor. Temos aqui a parte mais importante do evangelho. A morte de Cristo consiste em vida para o mundo. Ainda que os escritores dos evangelhos descrevam bem este fato da vida de nosso Senhor, nenhum escreve com tantos detalhes como os que encontramos nesta passagem. Somente dois dos evangelistas narram o nascimento de Cristo, mas todos eles contam minuciosamente os fatos sobre sua morte. E, de todos eles, nenhum outro nos fornece tantos detalhes completos e interessantes quanto Lucas.

Primeiramente, vemos nestes versículos que *altas posições no ministério da igreja não protegem aqueles que as ocupam contra a cegueira*

espiritual e o pecado. Somos informados que “preocupavam-se os principais sacerdotes e os escribas em como tirar a vida a Jesus”. O primeiro passo em direção a matar Jesus foi tomado pelos ensinadores religiosos da nação de Israel. Os homens que deveriam ter recebido com alegria o Messias foram os mesmos que conspiraram para tirar-Lhe a vida. Os pastores que deveriam ter se regozijado com o aparecimento do Cordeiro de Deus foram os principais em levantar sua mão contra Ele. Assentavam-se na cadeira de Moisés, reivindicavam ser “guias de cegos” e “luz” dos que se encontravam em “trevas” (Rm 2.19). Pertenciam à tribo de Levi. Em sua maioria, eram descendentes diretos e sucessores de Arão. Apesar disso, foram os mesmos homens que crucificaram o Senhor da glória! Com todo o seu conhecimento vanglorioso, eram muito mais ignorantes do que os poucos pescadores galileus que seguiam a Cristo.

Acautelemo-nos de atribuir excessiva importância aos ministros religiosos por causa de seu ofício. Cargos e posições não eximem de erro qualquer pessoa. As maiores heresias foram semeadas e graves abusos práticos foram introduzidos no cristianismo por homens de posição religiosa. Sem dúvida, o respeito deve ser tributado àqueles que ocupam posições elevadas. A ordem e a disciplina não podem ser negligenciadas. Não devemos levemente rejeitar o ensino e o conselho procedentes de ensinadores especificamente designados para isso. No entanto, existem limites que não podem ser ultrapassados. Não devemos permitir que o cego nos conduza ao abismo. Não podemos permitir que os principais sacerdotes e escribas modernos nos façam crucificar novamente a Cristo. Devemos julgar todos os ensinadores por meio do infalível padrão da Palavra de Deus. Pouco nos deve importar *quem* está afirmando alguma coisa sobre assuntos espirituais; o que realmente deve nos preocupar é o que está sendo afirmado. É bíblico? Corresponde à verdade? Estas são as únicas perguntas. “À lei e ao testemunho! Se eles não falarem desta maneira, jamais verão a alva” (Is 8.20).

Em segundo, vemos nestes versículos *quão profundamente uma pessoa pode cair depois de ter feito uma sublime confissão a respeito de Cristo.* Somos informados que o segundo passo em direção à morte de nosso Senhor foi a traição de um dos seus doze apóstolos. “Satanás entrou em Judas, chamado Iscariotes, que era um dos doze.” É uma afirmativa peculiarmente alarmante. Ser tentado por Satanás é algo ruim. Ser peneirado, afligido e levado cativo por ele é algo realmente terrível. Mas, quando o diabo entra e habita em uma pessoa, ela se torna um verdadeiro filho do inferno.

Judas Iscariotes deve ser um permanente aviso para a igreja de Cristo. Ele, precisamos lembrar, era um dos apóstolos escolhidos por Cristo. Seguiu nosso Senhor durante tudo o seu ministério; abandonou tudo por

causa de Jesus. Ouviu suas pregações, contemplou seus milagres. Pregou e falou como qualquer outro dos apóstolos. Nada o distinguiu de Pedro, Tiago e João. Jamais seria suspeito de ter um coração impuro. No entanto, Judas, por fim, se mostrou um hipócrita, traiu seu Senhor, ajudou seus inimigos, entregando-O à morte; e ele mesmo morreu como um “filho da perdição” (Jo 17.12). São coisas terríveis, mas verdadeiras.

A recordação de Judas Iscariotes deve constranger todo crente professo a orar muito suplicando humildade. Digamos sempre: “Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração, prova-me e conhece os meus pensamentos” (Sl 139.23). No máximo, temos uma pobre concepção do engano de nosso próprio coração. É mais extenso do que podemos imaginar o ponto em que uma pessoa pode avançar em seu cristianismo e, apesar disso, estar sem a graça divina em seu coração.

Em terceiro, vemos nestes versículos *o enorme poder do amor ao dinheiro*. Quando Judas dirigiu-se aos principais sacerdotes e ofereceu-se para trair seu Mestre, “eles se alegraram e combinaram em lhe dar dinheiro”. Essa pequena sentença revela o segredo da queda de um homem ímpio. Ele amava o dinheiro. Sem dúvida, Judas ouvira a solene advertência de nosso Senhor: “Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza” (Lc 12.15); mas ele a esqueceu ou não lhe prestou atenção. A avareza foi a rocha que o fez naufragar; foi a ruína de sua alma.

Não admiremos que Paulo qualificou o amor ao dinheiro como a “raiz de todos os males” (1 Tm 6.10). A História da Igreja está repleta de dolorosas provas de que o amor ao dinheiro é umas armas prediletas de Satanás para corromper e arruinar aqueles que professam o cristianismo. Geazi, Ananias e Safira são nomes que naturalmente surgem em nossa mente. Mas, dentre todas as provas, não existe qualquer outra tão melancólica quanto a pessoa de Judas Iscariotes. Por dinheiro, um homem escolhido para ser apóstolo vendeu o melhor e mais amável dos senhores. Por dinheiro, Judas Iscariotes traiu o Senhor Jesus Cristo.

Vigiemos e oremos contra o amor ao dinheiro. É uma enfermidade sutil e, com frequência, está mais perto de nós do que imaginamos. O pobre se encontra tão sujeito a esse tipo de amor quanto o rico. É possível alguém amar o dinheiro, ainda que não o tenha, ou tê-lo sem que o ame. “Contentai-vos com as coisas que tendes” (Hb 13.5). Não sabemos o que seremos capazes de fazer se repentinamente nos tornarmos ricos. É admirável que existe somente uma oração em todo o livro de Provérbios e que, nela, uma das três súplicas é a sábia petição: “Não me dês nem a pobreza nem a riqueza” (Pv 30.8).

Por último, vemos nestes versículos *a íntima conexão entre a morte de nosso Senhor e a festa da Páscoa*. Quatro vezes somos recordados que a noite anterior à crucificação de Jesus era a ocasião da grande festa dos

judeus. Aquele era o dia da Festa dos Pães Asmos, e o Cordeiro pascal teve de ser imolado.

Não podemos duvidar que a hora da crucificação de nosso Senhor foi controlada por Deus. Sua perfeita sabedoria e seu poder controlador dispuseram as coisas de modo que o Cordeiro de Deus morresse na mesma ocasião em que o cordeiro pascal era imolado. A morte de Cristo foi o cumprimento da Páscoa. Ele era o verdadeiro sacrifício que o cordeiro pascal estivera indicando desde a sua instituição. Aquilo que a morte do cordeiro significou para Israel no Egito, era o mesmo que significaria a morte de Cristo para os pecadores no mundo inteiro. A segurança que o sangue do cordeiro da Páscoa providenciou para Israel, era o mesmo que o sangue de Cristo providenciaria em maior abundância para todos os que nEle creiam.

Nunca esqueçamos o caráter sacrificial da morte de Cristo. Rejeitemos com aversão a idéia moderna de que a morte de Cristo não passou de um poderoso exemplo de renúncia e auto-sacrifício. Sem dúvida, foi isso também, porém foi algo mais sublime, mais profundo e mais importante do que isso. A morte de Cristo foi uma propiciação pelos pecados do mundo. Foi uma expiação pelo pecado do homem; foi a morte da verdadeira Páscoa, através da qual a destruição eterna foi afastada de todo aquele que nEle crê. Disse o apóstolo Paulo: “Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado” (1 Co 5.7). Apeguemo-nos com firmeza a essa verdade e jamais a abandonemos.

A Instituição da Ceia do Senhor

Leia Lucas 22.14-23

Estes versículos contêm o relato de Lucas sobre a instituição da Ceia do Senhor. É uma passagem que todo verdadeiro crente deve sempre ler com profundo interesse. Quão admirável é o fato de que uma ordenança tão simples, quando foi inicialmente instituída, tenha sido obscurecida e mistificada pelas idéias dos homens! Que triste prova da corrupção humana é o fato de que uma das mais desagradáveis controvérsias que perturbou a igreja se refere à Ceia do Senhor. Grande, sem dúvida, é a ingenuidade dos homens em perverter os dons de Deus. A ordenança que deveria resultar em bênção para as pessoas com freqüência se torna um motivo de tropeço.

Primeiramente, devemos observar nestes versículos que *o principal objetivo da Ceia do Senhor é recordar ao crente a morte de Cristo em*

favor dos pecadores. Ao instituir a Ceia, Jesus claramente disse aos discípulos que deveriam realizá-la “em memória” dEle. Em outras palavras, a Ceia do Senhor não é um sacrifício; é uma ordenança eminentemente comemorativa.

O pão que o crente come na Ceia tem o propósito de recordar o corpo de Cristo morto na cruz em favor do pecador; o vinho bebido na Ceia visa recordar o sangue de Cristo derramado para fazer expiação pelos pecados do crente. Toda a ordenança da Ceia foi designada para manter vivo na memória o sacrifício de Cristo na cruz e a satisfação que esse sacrifício proporcionou pelos pecados do mundo. Os dois elementos, o pão e o vinho, são símbolos vivos destinados a proclamar Cristo crucificado como nosso Substituto. Constituem um sermão visível que apela aos sentidos do crente, ensinando a antiga verdade fundamental do evangelho — a morte de Cristo na cruz é vida para a alma do homem.

Faremos bem se conservarmos com firmeza em nossa mente um ponto de vista simples a respeito da Ceia do Senhor. Não há dúvida de que encontramos uma bênção especial na correta celebração da Ceia do Senhor, bem como em toda utilização correta das ordenanças designadas por Cristo. Mas temos de negar com determinação a afirmativa de que, exceto por meio da fé, existe qualquer outro meio pelo qual podemos comer o corpo e beber o sangue de Cristo. Aquele que se aproxima da Mesa do Senhor crendo em Cristo pode esperar com confiança que sua fé crescerá ao receber o pão e o vinho. Entretanto, aquele que se aproxima sem fé não tem o direito de esperar receber qualquer bênção. Vazio ele veio à ordenança, vazio ele sairá.

Quanto menos mistério e obscuridade atribuírmos à Ceia do Senhor, tanto melhor ela será para nossa alma. Devemos rejeitar com desprezo a idéia antibíblica de que a Ceia é uma oblação ou um sacrifício; temos de repelir a noção de que o pão e o vinho se transformam e o conceito de que o receber a Ceia de maneira formal trará alguma bênção à alma. Devemos nos apegar com firmeza ao grande princípio estabelecido em sua instituição, ou seja, a Ceia é eminentemente uma ordenança *comemorativa*, e não obteremos qualquer benefício, se a recebermos sem fé e sem uma grata recordação da morte de Cristo. As palavras de um catecismo são verdadeiras e sábias: “A Ceia do Senhor foi ordenada com o propósito de relembrar constantemente o sacrifício da morte de Cristo”. E a afirmativa dos artigos desse catecismo é clara e simples: “A fé é o meio pelo qual o corpo de Cristo é recebido”. A exortação do Livro de Orações destaca apenas uma maneira pela qual podemos nos alimentar de Cristo: “Alimentemo-nos dEle pela fé, em nosso coração, com ações de graça”. Por fim, e não menos importante, a seguinte advertência é muito instrutiva: “Tenhamos cuidado para que o ato memorial não se torne um sacrifício”.

Em segundo, devemos observar nestes versículos que *a celebração da Ceia do Senhor é uma obrigação de todos os verdadeiros crentes*. As palavras de nosso Senhor em referência a este assunto são diretas e enfáticas: “Fazei isto em memória de mim”. Supor, assim como alguns o fazem, que elas constituem uma exortação dirigida exclusivamente aos apóstolos e a todos os que ministram a Ceia do Senhor é uma interpretação completamente insatisfatória. O sentido óbvio das palavras é um preceito geral para todos os discípulos de Cristo.

A ordem de Jesus tem sido ignorada em terríveis proporções. Milhares de membros de igrejas cristãs não participam da Ceia do Senhor. Talvez eles se envergonhem de saber que transgrediram algum do Dez Mandamentos; todavia, não percebem que estão desobedecendo uma ordem clara do Senhor Jesus! Essas pessoas parecem imaginar que não é um pecado grave não ser um participante da Ceia do Senhor. Parecem completamente inconscientes de que, se vivessem nos dias dos apóstolos, não seriam reconhecidas como verdadeiros cristãos.

Evitemos o cometer erros, se tratarmos com cautela o assunto da Ceia do Senhor. Não devemos esperar que toda pessoa batizada receba a Ceia somente por uma questão de formalidade. Ela é uma ordenança instituída para aqueles que estão espiritualmente vivos e não para os que estão mortos em seus pecados. Mas, quando percebemos que um grande número dos membros das igrejas não participam da Ceia do Senhor, torna-se evidente que existe algo bastante errado na condição espiritual de nossas igrejas. Há evidências de uma ampla ignorância ou uma apatia insensível em relação a um preceito divino. Quando milhares de pessoas batizadas desobedecem a ordem de Cristo, podemos estar certos de que elas estão desagradando a Cristo.

A nossa atitude para com a Ceia do Senhor é um assunto que deve nos preocupar. Deixamos de participar da Ceia do Senhor, fundamentados no conceito vago de que não existe uma grande necessidade para que a recebamos? Se admitimos essa opinião, é melhor que a abandonemos imediatamente. Não devemos brincar dessa maneira com um preceito claro do próprio Filho de Deus. Não participamos da Ceia do Senhor porque não estamos preparados para recebê-la? Se esta é a nossa situação, devemos entender plenamente que estamos despreparados para morrer. Se não estamos preparados para receber a Ceia do Senhor, isto significa que estamos despreparados para o céu, para o Dia do Juízo e para o encontro com Deus! Com certeza, esta é uma situação muito séria. Mas as palavras de Jesus são evidentes. Ele nos deu um mandamento claro. Se o desobedecemos voluntariamente, estamos em perigo de perder a nossa comunhão com Ele. Se não estamos prontos a participar da Ceia do Senhor, temos de nos arrepender sem demora.

Por último, observamos nestes versículos *quem eram os participantes quando houve a instituição da Ceia do Senhor*. Eles não eram todos santos; tampouco eram todos crentes. Lucas nos mostra que Judas Iscariotes, o traidor, estava entre eles. As palavras de nosso Senhor não admitem qualquer outra interpretação. Ele disse: “A mão do traidor está comigo à mesa”.

A lição transmitida aqui é profundamente importante. Ela nos mostra que não devemos considerar todos os que recebem a Ceia como crentes verdadeiros e sinceros servos de Cristo. O bem e o mal podem achar-se lado a lado na realização dessa ordenança. Nenhuma disciplina eclesiástica pode impedir que isso aconteça. A lição nos revela ser tolice deixar de participar da Ceia do Senhor, porque alguns que a recebem não são convertidos, e que é imprudência abandonar a comunhão da igreja, somente porque alguns de seus membros não se mostram sadios na fé. O trigo e o joio crescerão juntos até à colheita. O próprio Senhor Jesus tolerou Judas Iscariotes quando realizou a primeira Ceia. O servo de Deus não pode desejar ser mais exclusivista do que seu Senhor. Ele deve julgar seu próprio coração e deixar que os outros respondam por si mesmos a Deus.

E se não participamos da Ceia do Senhor, perguntemos a nós mesmos: “Por que não?” Que motivo satisfatório podemos apresentar por negligenciarmos um mandamento claro do Senhor Jesus? Não descansemos até que sejamos capazes de encarar esta indagação. Se participamos da Ceia do Senhor, tenhamos cuidado para que a estejamos recebendo com dignidade. “As ordenanças de Cristo têm um efeito e um resultado saudável naqueles que os recebem com dignidade.” Frequentemente, devemos perguntar a nós mesmos se nos arrependemos, se cremos em Jesus e se estamos nos esforçando para viver em santidade. Vivendo desse modo, não precisamos ter receio de comer o pão e beber o cálice dos quais nosso Senhor ordenou que participássemos.

Jesus Reprova o Amor à Proeminência; Explica a Verdadeira Grandeza e Promete Recompensa

Leia Lucas 22.24-30

Primeiramente, esta passagem nos mostra *como o orgulho e o amor à proeminência estão firmemente arraigados no coração de homens bons*. Os discípulos “suscitaram... entre si uma discussão sobre qual deles parecia ser o maior”. Esse tipo de discussão havia sido reprovada por nosso Senhor em ocasião anterior. A ordenança que os discípulos haviam acabado de

receber e as circunstâncias em que eles se reuniram tornavam desagradável a discussão. Contudo, na última oportunidade em que poderiam ficar tranqüilos ao lado de seu Senhor, antes de sua morte, o pequeno rebanho iniciou uma contenda a respeito de quem seria o maior! Assim é o coração do homem, sempre fraco, iludido e disposto, mesmo em seus melhores momentos, a voltar-se para aquilo que é mau.

São pecados muito antigos. Ambição, auto-estima e presunção se encontram na profundidade do coração de todos os homens; e, com frequência, as acharemos no coração daquelas pessoas que são menos suspeitas. Milhares imaginam que são humildes, mas não podem tolerar que um semelhante seja mais honrado e favorecido do que eles mesmos. Existem poucos que realmente se regozijam, de coração, com a promoção de seu próximo sendo colocado acima deles mesmos. A quantidade de inveja e ciúmes que contemplamos no mundo é uma prova notável da predominância do orgulho. Os homens não invejariam seu próximo, se não tivessem um pensamento íntimo de que seus méritos são maiores do que os dele.

Se confessamos servir a Cristo, devemos vigiar contra uma enfermidade tão dolorosa. Não podemos calcular o dano que ela tem causado à igreja de Cristo. Aprendamos a nos alegrar com a prosperidade dos outros e estejamos contentes em ocupar nossas posições humildes. Devemos ter sempre em mente o princípio recomendado aos filipenses: “Nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo” (Fp 2.3). O exemplo de João Batista é uma brilhante ocorrência do tipo de espírito que devemos almejar. Ele disse a respeito de nosso Senhor: “Convém que ele cresça e que eu diminua” (Jo 3.30).

Em segundo, esta passagem nos mostra *a notável descrição feita por nosso Senhor em referência à verdadeira grandeza cristã*. Ele disse aos seus discípulos que o padrão mundano de grandeza consiste no exercício de senhorio e autoridade. “Mas vós”, afirmou Ele, “não sois assim; pelo contrário, o maior entre vós seja como o menor; e aquele que dirige seja como o que serve”. Em seguida, Jesus reforçou o princípio utilizando o poderoso fato exemplificado em sua própria vida: “Pois, no meio de vós, eu sou como quem serve”.

Ser útil ao mundo e à igreja, uma humilde prontidão para fazer qualquer coisa e colocar nossas mãos em qualquer boa obra, uma alegre disposição para ocupar qualquer posição, embora humilde, e realizar qualquer ofício, ainda que seja desagradável, se tão-somente promoverem alegria e santidade na terra — são verdadeiras evidências da grandeza de um crente. O herói do exército de Cristo não é aquele que possui uma grande posição, título, dignidade, armamentos e um grupo de soldados

que seguem adiante dele; é aquele que não visa seus próprios interesses e sim o de outros. É aquele que se mostra amável, gentil e prudente para com todos, demonstrando possuir uma mão para ajudá-los e um coração disposto a sentir as aflições de todos. É aquele que se gasta e deixa-se gastar para diminuir o pecado e a miséria do mundo, para fortalecer os corações quebrantados, ser amigo dos que não têm amigos, consolar os tristes, iluminar os ignorantes e socorrer os pobres. Este é o homem verdadeiramente grande aos olhos de Deus. O mundo pode achar ridículo seus esforços e negar a sinceridade de seus motivos. Mas, enquanto o mundo escarnece, Deus fica satisfeito. Este é o homem que está andando com mais exatidão nos passos de Cristo.

Sigamos esse tipo de grandeza, se desejamos provar que somos servos do Senhor Jesus. Jamais nos contentemos em possuir um conhecimento intelectual nítido, lábios que fazem afirmações altissonantes, percepção habilidosa em lidar com controvérsias e um ardente zelo por coisas de nosso próprio interesse. Tenhamos certeza de que ministramos às necessidades de um mundo sobrecarregado de pecado e fazemos o bem ao corpo e à alma das pessoas. Bendito seja Deus, a grandeza que Cristo recomendou nessa ocasião está ao alcance de todos! Nem todos os servos de Cristo possuem cultura, ou dons, ou dinheiro. No entanto, todos eles podem ministrar à felicidade daqueles que os cercam, por meio de virtudes ativas ou passivas. Todos podem ser úteis e amáveis. Existe uma grande realidade em demonstrarmos bondade constante. Ela faz que a pessoa do mundo comece a pensar.

Em terceiro, esta passagem nos mostra *o amável elogio que nosso Senhor proferiu a respeito de seus discípulos*. Ele disse: “Vós sois os que tendes permanecido comigo nas minhas tentações”. Existe algo bastante admirável nestas palavras de apreciação. Conhecemos a fraqueza e imperfeição dos discípulos de Cristo durante todo o seu ministério terreno. Frequentemente, vemos o Senhor Jesus reprovando-lhes a ignorância e a incredulidade. Ele sabia muito bem que em poucas horas seus discípulos haveriam de abandoná-Lo. Mas agora nós O vemos a ressaltar graciosamente um aspecto de sua conduta, destacando-o para que a igreja o observasse perpetuamente. Apesar de todas as suas falhas, os discípulos haviam sido fiéis ao seu Senhor. Seus corações haviam estado em retidão, embora cometessem muitos erros. Os discípulos se apegaram ao Senhor nos dias de sua humilhação, quando os grandes e os nobres estavam contra Ele; haviam “permanecido” com Ele em suas tentações.

Descansemos nossas almas no confortável pensamento de que Cristo é sempre o mesmo. Se somos verdadeiros crentes, estejamos certos de que Ele está atento às nossas virtudes, mais do que às nossas faltas; Ele tem compaixão de nossas falhas e não nos tratará de acordo com nossos

pecados. Nunca qualquer outro senhor possuiu servos tão fracos e insignificantes quanto os crentes têm sido para o Senhor Jesus; porém nenhum outro servo teve um senhor tão compassivo e amável quanto o Senhor Jesus Cristo! Com certeza, não podemos amá-Lo como Ele merece. Em diversas coisas ficamos muito aquém do que Ele deseja. Falhamos em conhecimento, coragem, fé e paciência. Muitas vezes, tropeçamos. Mas uma coisa sempre devemos fazer — amar o Senhor Jesus com todo nosso coração, alma, força e entendimento. Não importa o que os outros fazem, permaneçamos com Jesus, apegando-nos a Ele com um coração resolutivo. Feliz é aquele que pode dizer, assim como Pedro, humilhado e sentindo vergonha: “Senhor, tu sabes que te amo” (Jo 21.15).

Por último, esta passagem nos mostra a *gloriosa promessa que nosso Senhor fez aos seus fiéis discípulos*. Ele disse: “Assim como meu Pai me confiou um reino, eu vo-lo confio, para que comais e bebais à minha mesa no meu reino; e vos assentareis em tronos para julgar as doze tribos de Israel”.

Era o legado final de nosso Senhor ao seu pequeno rebanho. Ele sabia que em poucas horas seu ministério entre os discípulos terminaria. Ele o concluiu com uma maravilhosa afirmativa de coisas boas entesouradas para seus discípulos. Talvez não possamos compreender o pleno significado de cada parte da promessa. Basta-nos saber que nosso Senhor prometeu aos seus onze fiéis discípulos glória, honra e recompensas que excederiam qualquer coisa que fizeram por Ele. Haviam trilhado uma pequena jornada com Ele, assim como Barzilai o fizera com Davi, e realizado poucas coisas por Jesus. Ele assegurou aos onze que teriam no mundo por vir uma recompensa digna de um rei.

Ao findar nossa meditação sobre esta passagem, tenhamos o estimulante pensamento de que as recompensas que Cristo outorgará ao seu povo crente serão excessivamente superiores ao que fizeram por Ele. Suas lágrimas serão achadas no odre de Cristo. Seus mais insignificantes desejos para fazer o bem serão lembrados. Seus frágeis esforços para glorificá-Lo estarão escritos no livro de recordações de Cristo. Nenhum copo de água fria perderá a sua recompensa.

Pedro é Avisado; A Espada e o Alforje, Recomendados

Leia Lucas 22.31-38

Destes versículos aprendem os inicialmente que *Satanás é um terrível*

inimigo para os crentes. Nosso Senhor declarou a Pedro: “Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo!” Satanás estava perto do rebanho de Cristo, embora eles não o vissem. Ele desejava muito arruiná-los, embora os discípulos não o soubessem. O lobo não almeja tanto o sangue da ovelha quanto Satanás deseja a destruição das almas.

Os crentes não pensam suficientemente sobre a personalidade, a atividade e o poder do diabo. Foi ele quem no princípio trouxe o pecado ao mundo, através da tentação de Eva. Satanás é descrito no livro de Jó como aquele que vive a “rodear a terra e passear por ela” (2.2); é aquele que nosso Senhor chamou de “príncipe desse mundo”, “assassino” e “mentiroso”. Satanás é aquele que Pedro comparou a um “leão que ruge procurando alguém para devorar”; é aquele que o apóstolo João chamou de “o acusador de nossos irmãos” (Ap 12.10). Ele está sempre realizando o mal nas igrejas de Cristo, retirando a boa semente dos corações dos ouvintes, semeando o joio no meio do trigo, suscitando perseguições, sugerindo falsas doutrinas e fomentando divisões. O mundo é uma armadilha para o crente. A carne é um fardo e um obstáculo. Mas não existe um inimigo tão perigoso quanto o diabo, um inimigo incansável, invisível e experiente.

Se cremos na Bíblia, não nos envergonhemos de acreditar na existência do diabo. Uma das terríveis provas da dureza de coração e cegueira espiritual dos não-convertidos é que eles brincam e falam levianamente sobre Satanás.

Se professamos seguir o verdadeiro cristianismo, estejamos alertas contra os ardis do diabo. O inimigo que venceu Davi e Pedro e atacou o próprio Senhor Jesus não é um inimigo a ser desprezado. Ele é muito sutil. Desde a criação, Satanás tem estudado o coração do homem. Ele pode se aproximar de nós com a aparência de um “anjo de luz”. Precisamos vigiar, orar e vestir toda a armadura de Deus. Bendita é a promessa que assegura: “Resisti ao diabo, e ele fugirá de vós” (Tg 4.7). Ainda mais bendito é o pensamento de que, ao retornar, o Senhor Jesus “esmagará” debaixo de nossos pés a Satanás e o prenderá com cadeias (Rm 16.20).

Em segundo, aprendemos destes versículos *um dos grandes segredos de perseverança na fé por parte de um crente.* Nosso Senhor disse a Pedro: “Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça”. Foi por causa da intercessão de Cristo que o apóstolo não desfaleceu completamente.

A existência contínua da graça divina no coração do crente é um grande milagre. Os inimigos do crente são poderosos, e suas forças, pequenas; o mundo se encontra tão repleto de armadilhas, e o coração do crente é tão fraco, que, à primeira vista, chegar ao céu lhe parece im-

possível. Esta passagem explica sua segurança. O crente tem um Amigo poderoso, assentado à direita de Deus, um Amigo que vive sempre para interceder pelo crente. Existe um Advogado atento, que está sempre pleiteando em favor do crente, contemplando todas as suas necessidades diárias e obtendo o suprimento cotidiano de graça e misericórdia para sua alma. A graça na vida crente nunca acaba, porque o seu Advogado vive a interceder (Hb 7.25).

Se somos verdadeiros crentes, acharemos que opiniões claras a respeito do ofício sacerdotal e da intercessão de Cristo são essenciais ao fortalecimento de nossa vida espiritual. Cristo vive; por isso, nossa fé não desfalecerá. Acautelemo-nos de considerar Jesus apenas como Aquele que morreu por nós. Nunca esqueçamos que Ele está vivo para sempre. O apóstolo Paulo nos ordena recordar que Ele ressuscitou, está assentado à direita de Deus e também intercede por nós (Rm 8.34). A obra que Cristo realiza em favor de seu povo ainda não está completa. Ele continua comparecendo na presença de Deus em benefício de seu povo, fazendo por suas almas aquilo que fez em benefício de Pedro. Seu ministério presente em favor dos crentes é tão importante quanto sua morte na cruz, há muitos séculos. Cristo vive; por conseguinte, os crentes também viverão.

Em terceiro, aprendemos destes versículos *a obrigação de todos os crentes que recebem misericórdias especiais da parte de Cristo*. Nosso Senhor disse a Pedro: “Quando te converteres, fortalece os teus irmãos”.

Um dos atributos especiais de Deus é sua capacidade de fazer que o bem resulte do mal. Ele pode fazer com que a imperfeição e a fraqueza de alguns membros de sua igreja cooperarem para o bem de todo o seu povo. Ele pode utilizar o tropeço de um crente como instrumento para capacitá-lo a ser um consolador e amparo para os outros. Já caímos em algum pecado, mas pela misericórdia de Cristo fomos levantados, para continuar andando em novidade de vida? Então, com certeza, somos as pessoas que devem tratar com gentileza nossos irmãos. Devemos contar-lhes, a partir de nossa própria experiência, quão terrível e doloroso é o pecado; adverti-los contra a atitude de brincar com a tentação; alertá-los contra o orgulho, a presunção e a negligência na oração; e falar-lhes sobre a graça e a misericórdia de Cristo, se tiveram caído em pecado. Acima de tudo, devemos abordá-los com humildade e mansidão, lembrando pelo que nós mesmos passamos.

Seria bom para a igreja de Cristo, se os crentes demonstrassem mais prontidão em realizar boas obras desse tipo. Existem muitos crentes que em conversação pessoal nada adicionam à vida espiritual de seus irmãos. Parecem não ter um Salvador a respeito do qual podem testemunhar e nenhuma história da graça divina para relatar. Desanimam os corações daqueles com os quais convivem, ao invés de fortalecê-los. Essas coisas

não devem ser assim. As palavras do apóstolo Paulo devem gravar-se profundamente em nosso coração: “Tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos... Também nós cremos; por isso, também falamos” (2 Co 4.1,13).

Por último, aprendemos destes versículos que *o servo de Cristo deve utilizar todos os meios razoáveis para fazer a obra de seu Senhor*. Ele disse aos seus discípulos: “Quem tem bolsa, tome-a, como também o alforje; e o que não tem espada, venda a sua capa e compre uma”.

É mais seguro entender as palavras de Jesus no sentido proverbial. Elas se aplicam a todo o período de tempo entre a primeira e a segunda vinda de Cristo. Até que nosso Senhor retorne, os crentes precisam utilizar com diligência todas as faculdades que Deus lhes outorgou. Eles não devem esperar que milagres aconteçam a fim de que sejam livres de problemas. Não precisam esperar que tenham alimentos, se não querem trabalhar para obtê-los. Não podem esperar que inimigos sejam vencidos e dificuldades, superadas, se não lutam, batalham e se esforçam. Precisam lembrar que “a mão dos diligentes vem a enriquecer-se” (Pv 10.4).

Faremos bem se guardarmos no coração essas palavras de nosso Senhor e habitualmente agirmos de acordo com o princípio que elas contêm. Devemos trabalhar, agir, dar, falar e escrever por Cristo, como se tudo dependesse de nossas ações. Mas não esqueçamos que o sucesso depende totalmente da bênção de Deus! Esperar que o sucesso resulte de nossa “bolsa” ou “espada” é orgulho e justiça própria. Entretanto, esperar que sejamos bem-sucedidos sem a “bolsa” e a “espada” é presunção e fanatismo. Façamos como Jacó, quando saiu ao encontro de Esaú, seu irmão. Jacó usou todos os meios inocentes para reconciliar-se com Esaú e apaziguá-lo. Mas, tendo feito tudo, passou a noite em oração (Gn 32.1-24).

Agonia no Jardim

Leia Lucas 22.39-46

Nestes versículos Lucas descreve a agonia de nosso Senhor no jardim. Convém sempre nos aproximarmos desta passagem com reverência especial. A história aqui descrita é uma das “profundezas de Deus” (2 Co 2.10). Enquanto a lemos, as palavras de Êxodo devem estampar-se em nossa mente: “Tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é terra santa” (Êx 3.5).

Primeiramente, vemos aqui *um exemplo do que os crentes devem fazer em tempos de aflição*. O supremo Cabeça da igreja nos fornece o

padrão. Quando Ele chegou ao monte das Oliveiras, na noite que antecedeu a crucificação, “se afastou... e, de joelhos, orava”.

É notável que tanto o Antigo quanto o Novo Testamentos oferecem a mesma receita para alguém que se encontra em aflição. O que diz o Livro dos Salmos? “Invoca-me no dia da angústia; eu te livrarei” (Sl 50.15). O que afirma o apóstolo Tiago? “Está alguém entre vós sofrendo? Faça oração” (Tg 5.13). A oração foi o instrumento que Jacó utilizou quando estava receoso de seu irmão Esaú. A oração foi a prescrição que Jó empregou quando as propriedades e filhos lhe foram repentinamente tirados. A oração foi o recurso que Ezequias usou quando chegou-lhe às mãos a carta ameaçadora da parte de Senaqueribe. A oração foi a receita que o Filho de Deus não se envergonhou de utilizar nos dias de sua carne. Na hora de sua misteriosa agonia, Ele “orou”.

Tenhamos cuidado em servir-nos do remédio de nosso Senhor, se desejamos receber consolo na aflição. Ainda que utilizemos outros meios de receber alívio, devemos orar. Deus tem de ser o primeiro Amigo ao qual recorreremos. Ao trono da graça é que devemos enviar nossa primeira petição. Não podemos permitir que nenhuma depressão nos impeça. Nenhuma tristeza profunda deve nos tornar mudos. Uma das principais armas de Satanás é fornecer ao coração aflito falsos motivos para manter-se em silêncio diante de Deus. Acautelemo-nos da tentação de nos preocuparmos melancolicamente com nossas próprias aflições. Se não podemos falar qualquer outra coisa, então digamos: “Ó Senhor, ando oprimido, responde tu por mim” (Is 38.14).

Em segundo, vemos nestes versículos *que tipo de súplica o crente precisa fazer a Deus em tempos de aflição*. Novamente, o próprio Senhor Jesus oferece o modelo para o seu povo. Ele disse: “Pai, se queres, passa de mim este cálice; contudo, não se faça a minha vontade, e sim a tua”. Aquele que fez este pronunciamento, não devemos esquecer, possuía duas naturezas distintas em uma só pessoa. Ele teve uma vontade humana e, ao mesmo tempo, uma vontade divina. Quando ele orou: “Não se faça a minha vontade”, pretendia mostrar que era a sua vontade humana, visto que possuía carne, ossos e um corpo semelhante ao nosso.

A linguagem de nosso bendito Senhor demonstra exatamente qual deve ser a essência da oração de um crente em momentos de angústia. Assim como Jesus, o crente deve revelar abertamente seus desejos e contar sem reservas os seus anseios diante do seu Pai celestial. Porém, assim como Jesus, o crente deve fazer tudo manifestando uma completa submissão de sua vontade à de Deus, nunca esquecendo que existem motivos sábios e corretos para as suas aflições. Cada súplica do crente em favor da remoção do sofrimento precisa ser qualificada com a seguinte cláusula: “Se for a tua vontade”. Ele deve terminar sua oração com a humilde

confissão: “Não se faça a minha vontade, e sim a tua”.

A submissão da vontade é uma das mais brilhantes virtudes que pode adornar o caráter do crente. É uma virtude que o filho de Deus deve almejar em todos os aspectos de sua vida, se deseja ser como Cristo. Todavia, em nenhuma outra circunstância essa virtude é tão necessária quanto no dia da tristeza; e ela não se mostra tão resplandecente quanto nas orações de um crente suplicando por alívio. Aquele que de coração pode dizer, quando tem um cálice amargo diante de si: “Não se faça a minha vontade, e sim a tua”, atingiu um elevado grau na escola de Deus.

Em terceiro, vemos nestes versículos *um exemplo da excessiva culpa e pecaminosidade do pecado*. Apreendemos este fato ao considerar a agonia do Senhor Jesus, as gotas de sangue no seu suor e todas as misteriosas aflições que sofreu no corpo e na mente, descritas nesta passagem. A princípio, essa lição pode não ser clara para um leitor que não atenta às Escrituras, mas ela se encontra neste relato.

Como podemos explicar a profunda agonia que nosso Senhor sentiu no jardim? Que motivo pode justificar o intenso sofrimento, físico e mental, que evidentemente Ele suportou? Existe apenas uma resposta satisfatória. Foi causado pelo fardo de pecado dos homens que Lhe foi imputado, um fardo que a partir daquele momento começava a pesar sobre Ele de maneira sobrenatural. Ele assumira o compromisso de ser feito “pecado por nós” (2 Co 5.21), de tornar-se “maldição” em nosso lugar (Gl 3.13) e de aceitar que nossas iniquidades fossem lançadas sobre Si mesmo (Is 53.6). Foi o enorme peso de nossas iniquidades que O fizeram sofrer tal agonia. Foi o sentimento da culpa dos homens pressionando o eterno Filho de Deus que O levaram a suar gotas de sangue e extrair dEle “forte clamor e lágrimas” (Hb 5.7). A causa da agonia de Cristo foi o pecado do homem.

Com intenso zelo, precisamos acautelar-nos do conceito moderno de que a vida e a morte de nosso bendito Senhor não passaram de um grande exemplo de auto-sacrifício. É um conceito que traz confusão e joga trevas sobre todo o evangelho. Desonra o Senhor Jesus, retratando-O como uma pessoa menos resignada do que muitos dos mártires modernos, no dia de sua morte. Temos de nos apegar com toda firmeza à antiga doutrina de que Cristo estava “carregando... os nossos pecados”, tanto no jardim quanto na cruz. Nenhuma outra doutrina pode explicar essa passagem do evangelho de Lucas ou satisfazer a consciência do homem culpado.

Queremos ver a pecaminosidade do pecado em suas verdadeiras cores? Desejamos aprender a odiar o pecado com um ódio santo? Pretendemos saber algo a respeito da intensa miséria das almas no inferno? Temos o desejo de entender algo do indizível amor de Cristo? Desejamos compreender a capacidade de Cristo em simpatizar com aqueles que passam

por aflições? Então, tenhamos com freqüência em nossos pensamentos a agonia no jardim. A profundidade da agonia de Jesus pode nos fornecer alguma idéia de quanto somos devedores a Ele.

Por último, vemos *um exemplo da fragilidade dos melhores crentes*. Quando nosso Senhor estava em agonia, seus discípulos estavam dormindo. Apesar da exortação para que orassem e da clara advertência contra a tentação, a carne venceu o espírito. Enquanto o Senhor Jesus suava gotas de sangue, seus apóstolos dormiam!

Passagens como esta são bastante instrutivas. Devemos agradecer a Deus por terem sido escritas para nosso ensino. Têm o propósito de ensinar-nos a humildade. Se os apóstolos comportaram-se dessa maneira, o crente que imagina estar de pé precisa ficar atento para não cair. Passagens como esta tencionam levar o crente a aceitar a morte e a ansiar aquele glorioso corpo que receberá quando Cristo voltar. Somente então, seremos capazes de esperar em Deus, sem nos cansarmos fisicamente, e servi-Lo dia e noite em seu templo.

O Aprisionamento de Cristo

Leia Lucas 22.47-53

Primeiramente, estes versículos nos ensinam *que o pior e mais ímpio ato pode ser praticado como uma demonstração de amor a Cristo*. Quando Judas Iscariotes trouxe os inimigos de Cristo para prendê-Lo, ele O traiu “com um beijo”. Judas simulou afeição e respeito no próprio momento em que entregaria seu Senhor aos inimigos mortais.

Infelizmente, é um tipo de comportamento comum entre os homens. As páginas da História relatam muitos casos de grande impiedade realizada sob a máscara de cristianismo. O nome de Deus freqüentemente tem sido utilizado à serviço da perseguição, traição e crime. Quando Jezabel desejou matar Nabote, ela ordenou que apregoassem “um jejum” e que falsas testemunhas o acusassem de haver blasfemado “contra Deus e contra o rei” (1 Rs 21.9-10). Quando o Conde de Montfort dirigiu uma cruzada contra os albigenses, ordenou que esses fossem saqueados e mortos como um serviço à igreja de Cristo. Quando a Inquisição espanhola torturou e queimou hereges suspeitos, justificou seus atos abomináveis confessando que havia sido uma manifestação de zelo pela verdade de Deus. Judas nunca ficou sem imitadores ou sucessores. Sempre tem havido homens dispostos a “com um beijo” trair o Senhor Jesus e prontos para, sob aparência de respeito, entregar o verdadeiro evangelho aos inimigos.

Esse tipo de conduta, sem dúvida, é completamente abominável aos olhos de Deus. Causar injúria ao cristianismo em qualquer circunstância é um grave pecado, mas trazer-lhe injúria, enquanto simulamos demonstrar bondade, é o mais perverso de todos os pecados. Trair Cristo em qualquer época é o cúmulo da impiedade; porém traí-Lo “com um beijo” comprova que aquele indivíduo se tornou filho do inferno.

Em segundo, estes versículos nos ensinam que *é mais fácil contender por Cristo do que suportar dificuldades, ser preso e morto por amor a Ele*. Quando os inimigos de nosso Senhor se aproximaram para prendê-Lo, um de seus discípulos “feriu o servo do sumo sacerdote e cortou-lhe a orelha direita”. Porém, o zelo do discípulo teve vida curta. Sua coragem logo desapareceu. O temor dos homens o venceu. Ao ser levado preso, nosso Senhor foi sozinho; o discípulo que se mostrou tão disposto a lutar por Ele, realmente O abandonou e fugiu.

É uma lição profundamente instrutiva. Sofrer com paciência por Cristo é mais difícil do que trabalhar ativamente por Ele. Permanecer quieto e suportar com tranquilidade a aflição é muito mais difícil do que sentir-se estimulado e envolver-se na batalha. Os soldados sempre serão em maior número do que os mártires. As virtude passivas do cristianismo são mais raras e preciosas do que as ativas. *Trabalhar* para Cristo pode acontecer por motivos espúrios, tais como empolgação, entusiasmo, partidarismo ou desejo por louvor. *Sofrer* por Cristo raramente será suportado, exceto apenas por um motivo — a graça de Deus.

Faremos bem ao recordar essas características, quando comparamos as virtudes de muitos crentes professos. Muitas vezes, erramos ao supor que são mais dignos de honra aos olhos de Deus aqueles que realizam obras vistas por muitos, pregam, falam, escrevem bem e emocionam as pessoas. Tais pessoas, às vezes, são menos estimadas por Deus do que algum crente simples e desconhecido, que por muito tempo permanece doente, em uma cama, suportando dor sem murmurar. É possível que aquelas obras vistas pelos homens tragam menos glória para Cristo do que a paciência e as orações do crente sofredor. O grande teste da graça divina é um sofrer paciente. O Senhor Jesus disse sobre o apóstolo Paulo: “Eu lhe mostrarei quanto lhe importa sofrer pelo meu nome” (At 9.16). Podemos estar certos de que Pedro fez menos benefício ao sacar sua espada e cortar a orelha de um homem do que ao testemunhar calmamente, na ocasião em que estava preso: “Não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos” (At 4.20).

Por último, estes versículos nos ensinam que *Deus limita e estabelece o tempo em que permite o mal triunfar*. Nosso Senhor disse aos seus inimigos, quando o prenderam: “Esta... é a vossa hora e o poder das trevas”.

A soberania de Deus sobre tudo que será realizado na terra é absoluta e completa. As mãos dos ímpios estão impedidas de agir até que Ele o permita. Os ímpios nada podem fazer sem a permissão divina. Mas isso não é tudo. As mãos dos ímpios não podem mover-se, enquanto Deus não o permitir, e agirão somente até quando Ele ordenar que parem. Os piores instrumentos de Satanás estão agindo com as mãos algemadas. Ele não pôde tocar nas propriedades e parentes de Jó até que Deus lhe permitiu. Não foi capaz de impedir o retorno da prosperidade de Jó, quando Deus planejou que isto acontecesse. Os inimigos de nosso Senhor não puderam prender e matá-Lo enquanto não chegou a “hora” de seu sofrimento, determinada pelo Pai. Tampouco eles puderam impedi-Lo de ressuscitar, quando chegou a hora em que foi declarado Filho de Deus com poder, por meio de sua ressurreição dentre os mortos (Rm 1.4). Quando Ele foi conduzido ao Calvário, aquela foi a “hora” de seus inimigos; mas a sua vitoriosa ressurreição foi a sua “hora”.

Estes versículos esclarecem a história dos crentes, desde os dias dos apóstolos até ao presente. Com freqüência, eles foram severamente oprimidos e perseguidos; contudo, a mão de seus inimigos nunca teve permissão de prevalecer por completo. A “hora” de suas provações geralmente foi seguida por um tempo de expansão do evangelho. O triunfo de seus inimigos jamais foi completo. Os inimigos dos crentes têm sua “hora”, porém um dia nunca mais a terão. Após a perseguição de Estêvão, ocorreu a conversão de Paulo. Após o martírio de John Huss, aconteceu a Reforma na Alemanha. Após as perseguições da rainha Maria, na Inglaterra, veio o estabelecimento do protestantismo inglês. Os invernos mais intensos foram seguidos pela primavera. As tempestades mais severas foram sucedidas pelo céu azul.

Confortemo-nos nas palavras de nosso Senhor, ao pensarmos no futuro de nossa própria vida. Se seguimos a Cristo, teremos a nossa “hora” de provações; e talvez ela seja demorada. Mas podemos descansar seguros de que a escuridão não prevalecerá um momento sequer além do que Deus achar conveniente para nós. No seu devido e bom tempo, ela se desvanecerá.

Confortemo-nos com as palavras de nosso Senhor, ao anteciparmos o história futura da igreja e do mundo. Nuvens e trevas poderão assediar a arca de Deus. Perseguições e aflições talvez assaltarão o seu povo. Os últimos dias da igreja e do mundo provavelmente serão os piores dias. Mas a “hora” da provação, embora seja bastante severa, terá um fim. Mesmo nos piores momentos, podemos dizer, com ousadia: “Vai alta a noite, e vem chegando o dia” (Rm 13.12).

A Negação de Pedro

Leia Lucas 22.54-62

Estes versículos descrevem uma queda do apóstolo Pedro. É uma passagem que humilha o orgulho humano; é especialmente instrutiva para todo crente. A experiência de Pedro relatada aqui tem sido um alerta para toda a igreja de Cristo e provavelmente tem preservado da destruição milhares de almas. É uma passagem que fornece abundante prova de que as Escrituras são inspiradas e o cristianismo procede de Deus. Se o cristianismo tivesse sido inventado por homens não-inspirados por Deus, seus primeiros historiadores jamais nos teriam contado que um de seus principais apóstolos negou três vezes seu Senhor.

Através da experiência de Pedro aprendemos *quão insignificantes e graduais são os passos que podem levar os homens a grandes pecados*. Os vários passos da queda de Pedro foram ressaltados pelos escritores dos evangelhos. Precisamos sempre observá-los, ao ler esta parte da história do apóstolo. O primeiro passo foi autoconfiança orgulhosa. Embora todos viessem a negar Cristo, Pedro jamais faria isso. Ele estava pronto para segui-Lo até à prisão e à morte. O segundo passo foi uma indolente negligência da oração. Quando seu Senhor ordenou que orasse para não entrar em tentação, Pedro deu ocasião à sonolência e dormiu. O terceiro passo foi uma vacilante indecisão. Quando os inimigos de Cristo chegaram para prendê-Lo, Pedro à princípio lutou, mas em seguida fugiu; depois retornou e, finalmente, O seguiu “de longe”. O quarto passo foi associar-se com más companhias. Ele dirigiu-se à casa do sumo sacerdote e assentou-se entre os criados aos redor do fogo, procurando conciliar seu cristianismo com o ouvir e ver diversos tipos de maldade. O quinto e último passo foi a consequência natural dos primeiros quatro. Ele foi vencido pelo temor, quando subitamente foi acusado de ser discípulo de Cristo. A armadilha estava ao redor de seu pescoço; ele não podia escapar. Precipitou-se no erro mais rápido do que antes. Negou seu bendito Senhor por três vezes. Temos de lembrar que o erro havia sido cometido antes. A negação foi apenas o resultado da doença.

Acautelemo-nos de tomar os primeiros passos em direção à apostasia, embora tais passos sejam pequenos. Nunca sabemos onde podemos chegar, se nos desviarmos do caminho do Senhor. O crente que começa a afirmar a respeito de qualquer pecado: “É apenas uma coisinha insignificante”, encontra-se em perigo iminente. Está semeando em seu coração sementes que um dia germinarão e produzirão frutos amargos. Existe um ditado

popular que diz: “Se uma pessoa cuida bem de seus centavos, os milhões cuidarão de si mesmos”. Podemos extrair uma preciosa lição espiritual desse ditado. O crente que com diligência guarda seu coração diante de coisas pequenas será guardado de grandes pecados.

Em segundo, a história da queda de Pedro nos ensina *em que grave pecado o crente pode se envolver*. A fim de percebermos a lição com clareza, precisamos levar em conta todas as circunstâncias relacionadas. Pedro era um apóstolo escolhido; desfrutara privilégios espirituais superiores aos de muitas outras pessoas no mundo. Acabara de participar da Ceia do Senhor e de ouvir aquele maravilhoso discurso registrado em João 14, 15 e 16; fora advertido quanto ao seu próprio perigo. Havia protestado em voz forte que estava pronto para enfrentar qualquer coisa que lhe sobreviesse. No entanto, ele negou repetidamente o seu gracioso Senhor. Pedro o negou três vezes seguidas, em intervalos, o que lhe deu tempo para reflexão!

O mais nobre e ilustre dos crentes é apenas uma criatura frágil, mesmo em seus melhores momentos. Quer saiba, quer não, ele carrega em seu íntimo uma capacidade quase irrestrita para o mal, embora sua conduta exterior seja decente e correta. Não existe um pecado tão grande que ele esteja impedido de cometer, se não vigiar e orar e se a graça de Deus não sustentá-lo. Quando lemos sobre a queda de Noé, Ló e Pedro, apenas estamos lendo aquilo em que possivelmente alguns de nós cairemos. Não sejamos presunçosos; jamais alimentemos pensamentos elevados em referência à nossa própria firmeza e nunca menosprezemos os outros. Dentre os assuntos pelos quais oramos, devemos suplicar diariamente que andemos “humildemente com... Deus” (Mq 6.8).

Em terceiro, a história da queda de Pedro nos ensina *a infinita misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo*. É um ensino fortemente ressaltado por um fato relatado somente no Evangelho de Lucas. Quando Pedro negou a Jesus pela terceira vez e o galo cantou, o Senhor voltou-se e “fixou os olhos” nele. Que palavras comoventes! Mesmo cercado por inimigos injuriosos, que desejavam muito a sua morte, e contemplando as horribes afrontas que receberia, um tribunal injusto e uma dolorosa morte, o Senhor Jesus ainda achou tempo para pensar amavelmente a respeito de seu apóstolo errante. Mesmo naquela hora, Jesus desejava que Pedro soubesse: Ele não o havia esquecido. Embora estivesse triste, mas não furioso, o Senhor voltou-se e “fixou os olhos” em Pedro. Havia um profundo significado naquele olhar. Foi um sermão que Pedro jamais esqueceu.

O amor de Cristo por seu povo é semelhante a uma fonte profunda e inesgotável. Nunca o avaliemos por compará-lo ao amor de qualquer pessoa, visto que ultrapassa todos os outros tipos de amor, assim como o

sol excede qualquer luz opaca. Nesse amor existe uma fonte inesgotável de compaixão, paciência e disposição para perdoar pecados. Temos um ínfimo conceito sobre as riquezas desse amor. Não fiquemos receosos de confiar nele, quando percebemos o primeiro sinal de nossos pecados. Nunca tenhamos medo de continuar confiando nesse amor, depois que começamos a fazê-lo. Ninguém precisa desesperar-se, mesmo que tenha cometido graves pecados, se tão-somente arrepender-se e entregar-se a Cristo. Se o amor dEle se mostrou tão gracioso, quando estava preso na sala de julgamento, com certeza não precisamos imaginar que será menos gracioso agora que Ele está assentado à destra de Deus.

Por último, a história da queda de Pedro nos ensina *quão doloroso é o pecado para o crente, quando este cai em pecado e reconhece sua queda*. Esta é uma lição claramente ressaltada nestes versículos. Quando Pedro recordou a advertência que havia recebido e percebeu como havia caído no pecado, “saindo dali, chorou amargamente”. Ele descobriu por experiência própria a verdade anunciada por Jeremias: “Tudo isto não te sucedeu por haveres deixado o SENHOR, teu Deus, que te guiava pelo caminho?” (Jr 2.17) Pedro sentiu profundamente a verdade das palavras de Salomão: “O infiel de coração de seus próprios caminhos se farta” (Pv 14.14). Sem dúvida, ele poderia ter dito, assim como Jó: “Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza” (Jó 42.6).

Muita tristeza, devemos sempre lembrar, acompanha de maneira inseparável o verdadeiro arrependimento. Nisso está a grande distinção entre o “arrependimento para a salvação” e o remorso inútil. O remorso é capaz de tornar um homem miserável, assim como Judas Iscariotes, porém não pode fazer nada além disso. O remorso não leva o homem a Deus. O verdadeiro arrependimento abrande o coração do homem e enternece sua consciência, manifestando-se em uma verdadeira conversão ao Pai celestial. Os pecados em que se envolvem aqueles que apenas confessam ser crentes e não possuem a graça divina são pecados dos quais essas pessoas não se levantam. Mas a queda no pecado de um verdadeiro servo de Cristo sempre termina em contrição profunda, auto-humilhação e mudança de atitude.

Ao findar nossa meditação sobre esta passagem, tenhamos cuidado para sempre utilizarmos corretamente o relato sobre a queda de Pedro. Jamais a utilizemos como desculpa para o pecado. De sua triste experiência, aprendamos a vigiar e a orar, para não cairmos em tentação. E, se cairmos, devemos crer que há esperança para nós, assim como houve para o apóstolo. No entanto, acima de tudo, lembremos que, se cairmos de modo semelhante ao de Pedro, temos de nos arrepender, assim como ele, ou jamais seremos perdoados.

Os Principais Sacerdotes Insultam e Condenam o Senhor Jesus

Leia Lucas 22.63-71

Primeiramente, observamos nestes versículos *o tratamento vergonhoso que nosso Senhor recebeu de seus inimigos*. Os homens que O prenderam “zombavam dele, davam-lhe pancadas” e vendaram seus olhos. Não lhes bastou ter aprisionado Alguém cuja vida era inculpável e repleta de bondade. Precisavam acrescentar insultos à sua injúria.

Temos aqui uma demonstração da desesperadora corrupção da natureza humana. Os excessos de malignidade selvagem praticados muitas vezes pelos ímpios e o intenso prazer que sentem em pisotear os mais corretos e mais puros dentre os homens quase justificam a importante afirmação de um falecido teólogo: “O homem entregue a si mesmo possui uma parte animalesca e uma parte demoníaca”. Ele odeia a Deus e a todos que em si retratam a imagem de dEle. “O pendor da carne é inimizade contra Deus” (Rm 8.7). Temos pouca idéia do que o mundo poderia se tornar, se não existisse o constante restringimento que Deus misericordiosamente impõe sobre o mal. Não é exagero afirmar que, se os incrédulos tivessem plena liberdade de seguir seus próprios caminhos, a terra logo se tornaria igual ao inferno.

A calma submissão de nosso Senhor diante dos insultos aqui descritos manifesta a profundidade de seu amor pelos pecadores. Se desejasse, Ele poderia ter cessado a insolência de seus inimigos em um momento. Ele, que com uma palavra expulsara demônios, poderia ter convocado multidões de anjos para estarem ao seu lado e desbaratarem aqueles perversos instrumentos de Satanás. Mas o coração de nosso Senhor estava focalizado na obra grandiosa que viera realizar no mundo. Ele se comprometera a comprar nossa redenção por meio de sua própria humilhação e não se esquivaria de pagar o preço, até às últimas conseqüências. Ele determinara beber o cálice amargo do sacrifício vicário para salvar pecadores e, “em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia” (Hb 12.2); e bebeu todo o cálice de sofrimento.

A paciência que nosso Senhor demonstrou deve ensinar uma lição muito preciosa a todos os verdadeiros crentes. Devemos abandonar toda murmuração, queixas e irritação de espírito, quando formos maltratados pelo mundo. O que representam os insultos aos quais às vezes temos de sujeitar-nos, se comparados com os insultos lançados sobre nosso Senhor? “Ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças” (1 Pe 2.21-23). Ele nos deixou o exemplo, para que

sigamos os seus passos. Portanto, devemos agir de maneira semelhante.

Em segundo, observamos nestes versículos *a notável profecia anunciada por nosso Senhor em referência à sua segunda vinda*. Ele disse aos inimigos que O insultavam: “Desde agora, estará sentado o Filho do homem à direita do Todo-Poderoso Deus”. Eles achavam errado que Ele tivesse vindo em sua aparência humilde e queriam um Messias glorioso? Um dia veriam-No em glória. Seus inimigos julgavam-No fraco, impotente e desprezível, porque naquela ocasião Ele não possuía qualquer majestade visível? Um dia haveriam de contemplá-Lo na mais elevada posição no céu, cumprindo assim a bem conhecida profecia de Daniel, revestido de autoridade em suas mãos para realizar todo julgamento (Dn 7.9-10).

Estejamos atentos para que a glória futura de Cristo, assim como sua paixão e morte, se torne um dos artigos de nosso credo. Deve ser um dos mais importantes princípios de nosso cristianismo a verdade de que o Jesus escarnecido, desprezado e crucificado é o mesmo que agora possui toda autoridade “no céu e na terra” e um dia virá na glória de seu Pai, com todos os seus anjos. Se contemplamos apenas a cruz e o primeiro advento de Cristo, estamos vendo somente metade da verdade; é essencial à nossa consolação que vejamos também o segundo advento e a coroação do Senhor Jesus. O mesmo Jesus que compareceu diante do tribunal dos principais sacerdotes e de Pilatos se assentará em um trono de glória e convocará todos os seus inimigos a comparecerem diante dEle. Feliz é o crente que preserva com firmeza diante de seus olhos as palavras “desde agora”. No presente, os crentes devem se contentar em participar dos sofrimentos de seu Senhor e, como Ele, parecerem fracos. Desde agora, porém, compartilham de sua glória e, com Ele, são fortes. No presente, assim como seu Senhor, não podem ficar surpresos se forem escarnecidos, desprezados e desacreditados. No entanto, “desde agora” estão assentados com Ele, nos lugares celestiais.

Por último, devemos observar nestes versículos *a completa e ousada confissão de nosso Senhor acerca de seu messiado e divindade*. Em resposta à solicitação de seus inimigos: “Logo, tu és o Filho de Deus”, Jesus lhes declarou: “Vós dizeis que eu sou”. À primeira vista, o sentido dessa sentença curta pode não parecer claro ao leitor. A sentença significa, em outras palavras: “Vocês falaram a verdade. Como disseram, Eu sou o Filho de Deus”.

A confissão de nosso Senhor despojou seus inimigos de todas as desculpas para sua incredulidade. Os judeus não podem alegar que Jesus deixou seus antepassados na ignorância a respeito de sua missão, mantendo-os em dúvida ou suspense. Na ocasião, vemos nosso Senhor contando-lhes quem Ele era, em palavras mais compreensíveis para os judeus do

que para nós. Apesar disso, a confissão não produziu qualquer bom resultado naqueles judeus! Seus corações estavam endurecidos pelo preconceito. Suas mentes estavam entenebrecidas por cegueira judicial. O véu estava sobre os olhos de seu homem interior. Com indiferença, ouviram a confissão de nosso Senhor e se precipitaram mais profundamente no mais terrível pecado.

A confissão ousada de nosso Senhor tinha o objetivo de se tornar um exemplo para todos os verdadeiros crentes. Assim como Ele, não podemos esquivar-nos de falar quando a oportunidade exigir nosso testemunho. O temor dos homens e a presença de uma multidão não podem nos fazer calar (Jó 31.34). Não precisamos tocar uma trombeta e sair por todos os lugares proclamando nosso cristianismo. Com certeza, as oportunidades surgirão no caminho diário de nossos deveres, quando, assim como o apóstolo Paulo, à bordo de um navio, poderemos mostrar a quem pertencemos e a quem servimos (At 27.23). Nessas oportunidades, se temos a mente de Cristo, não tenhamos medo de mostrar o que somos. Nosso Senhor aprecia muito os discípulos ousados, que proclamam o seu nome. Ele honrará aqueles que O honram, ao viverem em testemunho franco e corajoso, porque esses estão andando em suas pisadas. “Todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus” (Mt 10.32).

Cristo Diante de Pilatos; Herodes e Pilatos se Reconciliam

Leia Lucas 23.1-12

Primeiramente, vemos nestes versículos *as falsas acusações que foram lançadas contra nosso Senhor*. Os judeus O acusaram de perverter a “nação, vedando pagar tributo a César”. Sabemos que não havia nelas qualquer verdade. Eram apenas uma ingênua tentativa de tornar os sentimentos do governador contrários a nosso Senhor.

Falso testemunho e difamação são as duas armas favoritas do diabo. Ele é mentiroso desde o princípio e continua sendo o “pai da mentira” (Jo 8.44). Quando percebe que não pode obstruir a obra de Deus, seu próximo artifício é manchar o caráter dos servos de Deus e destruir o valor de seu testemunho. Com esta arma, ele investiu contra Davi, que disse: “Levantam-se iníquas testemunhas e me argüem de coisas que eu não sei” (Sl 35.11). Foi com esta mesma arma que ele agiu contra os profetas.

Elias foi chamado de “perturbador de Israel” (1 Rs 18.17). Jeremias foi acusado de ser um homem que não procurava “o bem-estar para o povo, e sim o mal” (Jr 38.4). Satanás atacou os apóstolos utilizando a mesma arma. Eles eram “uma peste” e haviam “transtornado o mundo” (At 24.5; 17.6). Com essa arma, ele assediou nosso Senhor durante todo o seu ministério. Ele despertou seus agentes para chamarem-No de “glutão e bebedor de vinho”, de “samaritano” e “demônio” (Lc 7.34; Jo 8.48). E nesta passagem nós o encontramos sacando a sua velha arma. Jesus foi levado a julgamento diante de Pilatos sob acusações que eram completamente mentirosas.

O servo de Cristo não deve ficar surpreso se tiver de beber do mesmo cálice. Se Aquele que é santo, puro, inculpável foi perfidamente difamado, como podemos esperar que seremos isentos de tal coisa? “Se chamaram Belzebu ao dono da casa, quanto mais aos seus domésticos?” (Mt 10.25.) Contra os santos as pessoas afirmam muitas coisas más. Inocência perfeita não constitui uma proteção contra mentiras, calúnias e mal-entendidos. Um caráter irrepreensível não nos protegerá contra a língua mentirosa. Temos de suportar a provação com paciência. Faz parte da cruz de Cristo. Precisamos ficar quietos, descansar nas promessas de Deus e crer que a verdade prevalecerá. Davi afirmou: “Descansa no SENHOR e espera nele. Fará sobressair a tua justiça como a luz e o teu direito, como o sol ao meio-dia” (Sl 37.6,7).

Em segundo, vemos nestes versículos *os motivos estranhos e variados que influenciam os corações dos não-convertidos que ocupam posições importantes*. Quando Pilatos enviou nosso Senhor a Herodes, rei da Galiléia, este, “vendo a Jesus, sobremaneira se alegrou, pois havia muito queria vê-lo, por ter ouvido falar a seu respeito; esperava também vê-lo fazer algum sinal”.

São palavras notáveis. Herodes era um homem mundano, lascivo; assassinara João Batista e vivia em pleno adultério com a esposa de seu irmão. Era o tipo de homem, poderíamos imaginar, que não manifestaria qualquer desejo de ver Cristo. Mas Herodes tinha uma consciência intranquilha. Sem dúvida, o sangue do assassinato dos santos de Deus com frequência surgia em seus pensamentos, roubando-lhe a paz. A fama dos milagres e da pregação de nosso Senhor alcançara a corte de Herodes. Ali foi noticiado que outra testemunha contra o pecado havia surgido, uma testemunha ainda mais ousada e fiel do que João Batista, uma testemunha que confirmava seus ensinamentos por meio de obras que nem mesmo o poder dos reis era capaz de realizar. Os rumores deixaram Herodes perturbado, sem tranqüilidade. Não admiramos que sua curiosidade tenha sido aguçada e que ele tenha desejado ver Cristo.

Infelizmente, na História da Igreja existem muitos homens importantes

e ricos, semelhantes a Herodes, homens sem Deus e sem fé, homens que vivem para si mesmos. Geralmente tais homens vivem em seu próprio ambiente, sendo bajulados e cortejados, mas nunca conhecendo a verdade sobre sua alma; homens tiranos e orgulhosos, que não conhecem qualquer outra vontade, exceto a deles mesmos. No entanto, esses homens às vezes possuem consciências atormentadas e sentem medo. Deus levanta algumas testemunhas ousadas contra os pecados deles, testemunhas cuja mensagem alcança-lhes os ouvidos. Imediatamente a curiosidade de tais homens é despertada. Sentem-se descobertos e embaraçados. Sentem-se atraídos ao ministério dessas testemunhas, assim como a mariposa voando ao redor de uma vela, e parecem incapazes de evitá-las, mesmo que não as obedeçam. Elogiam o talento das testemunhas e abertamente admiram o poder delas. No entanto, ficam somente nisso. Assim como Herodes, suas consciências produzem em seu íntimo uma mórbida curiosidade para ver e ouvir as testemunhas de Deus; porém, seus corações, tal como o daquele rei, estão acorrentados ao pecado com algemas de aço. Arremessados de um lado para o outro por tempestades de concupiscências e paixões descontroladas, tais pessoas nunca estão em paz, enquanto vivem, e, após toda a sua intermitente luta de consciência, finalmente morrem em seus pecados. Essa é uma história triste, mas é a história da alma de muitos homens ricos e de posição.

Aprendamos do ocorrido com Herodes a ter compaixão dos homens de posição. Com toda a sua importância e esplendor aparentes, são completamente infelizes em seu íntimo. Roupas finíssimas e mantos oficiais freqüentemente encobrem corações que desconhecem a paz. O homem que deseja tornar-se rico não sabe o que está desejando. Oremos pelos ricos e deles tenhamos compaixão. Estão carregando um peso imenso que os impede na carreira para a vida eterna. Se forem salvos, será exclusivamente por intermédio de um grande milagre da graça divina. As palavras de nosso Senhor são bastante solenes: “É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus” (Mt 19.24).

Por último, vemos nestes versículos *com que facilidade e disposição os incrédulos podem concordar em não apreciar nosso Senhor*. Quando Pilatos O enviou como prisioneiro a Herodes: “Naquele mesmo dia, Herodes e Pilatos se reconciliaram, pois, antes, viviam inimizados um com o outro”. Não sabemos qual era a causa dessa inimizade. Talvez fosse alguma contenda insignificante, que às vezes surge entre os grandes e os pequenos. Qualquer que tenha sido a causa dessa inimizade, foi abandonada quando diante deles se colocou um objeto comum de desprezo, temor e ódio. Não importa sobre o que eles discordavam, mas Herodes e Pilatos concordaram em desprezar e perseguir a Cristo.

Este incidente é uma figura notável de um estado de coisas que sempre veremos no mundo. Homens de opiniões muito divergentes podem unir-se em oporem-se à verdade. Os ensinadores das mais contrárias doutrinas podem ter como objetivo comum o lutar contra o evangelho. Nos dias de nosso Senhor, os fariseus e saduceus juntaram suas forças para armar ciladas contra Jesus de Nazaré e assassiná-Lo. Em nossos dias, vemos os católicos romanos, os socinianos, os ímpios, os idólatras, os amantes dos prazeres, os ascetas, os que sustentam pontos de vista liberais e os mais determinados oponentes — todos eles — juntos contra o cristianismo evangélico. Um motivo comum de ódio está unindo-os. Odeiam a cruz de Cristo. Nas palavras do apóstolo: “Verdadeiramente se ajuntaram... contra o teu santo Servo Jesus, ao qual ungiste, Herodes e Pôncio Pilatos, com gentios e gente de Israel” (At 4.27). Todos estes odeiam-se mutuamente; todavia, odeiam muito mais ao Senhor Jesus.

O verdadeiro crente não deve considerar como algo estranho a inimizade do mundo. Não deve ficar admirado se, assim como ocorreu ao apóstolo Paulo em Roma, perceber que o caminho da vida “por toda parte” é impugnado (At 28.22). Se ele espera que, por meio de qualquer concessão, conquistará o favor dos homens, será grandemente desapontado. Seu coração não deve se perturbar. Seu dever é esperar o louvor da parte de Deus. Precisa ter sempre em seus pensamentos as palavras de nosso Senhor: “Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; como, todavia, não sois do mundo, pelo contrário, dele vos escolhi, por isso, o mundo vos odeia” (Jo 15.19).

Pilatos Declara Inocente o Senhor Jesus; Apesar Disso, Entrega-O para ser Crucificado

Leia Lucas 23.13-25

Primeiramente, devemos observar nesta passagem *que admirável testemunho os juízes de nosso Senhor proferiram acerca de sua perfeita inocência*. Pilatos disse aos judeus: “Apresentastes-me este homem como agitador do povo; mas, tendo-o interrogado na vossa presença, nada verifiquei contra ele dos crimes de que o acusais. Nem tampouco Herodes, pois no-lo tornou a enviar. É, pois, claro que nada contra ele se verificou digno de morte”. O governador da Judéia e o da Galiléia foram unânimes. Ambos concordaram em declarar que nosso Senhor não era culpado das acusações lançadas contra Ele.

Houve uma conveniência perfeita nessa declaração pública da inocência de Cristo. Temos de lembrar que nosso Senhor estava para ser oferecido como sacrifício por nossos pecados. Era correto e adequado que os seus examinadores O pronunciassem formalmente sem ofensa e culpa. Era correto e adequado que o Cordeiro de Deus fosse reconhecido por aqueles que O imolariam como um “cordeiro sem defeito e sem mácula” (1 Pe 1.19).

Um leitor indolente pode considerar insignificante esse acontecimento. Mas, deve ser precioso ao coração de todo crente bem instruído. A cada dia, devemos ser gratos porque nosso grande Substituto era perfeito em todos os aspectos e porque nosso Fiador era completamente puro e inculpável. Quem pode descrever os seus pecados? Deixamos de fazer coisas que são nosso dever e fazemos aquilo que não devemos, todos os dias de nossa vida. Porém temos de nos confortar no fato de que Cristo, o Justo, determinou assumir nosso lugar, a fim de pagar o débito que todos nós devemos e cumprir a lei que todos nós transgredimos. Ele cumpriu plenamente a lei; satisfaz todas as suas exigências. Ele foi o segundo Adão, que “é limpo de mãos e puro de coração” (Sl 24.4), e pôde, por isso, entrar com coragem no santo monte de Deus. O Senhor Jesus é a justiça de todo aquele que crê (Rm 10.4). Em Cristo, todos os crentes são considerados como perfeitos cumpridores da lei. Os olhos de um Deus santo os contempla em Cristo, vestidos com a perfeita justiça de Cristo. Por amor a Cristo, Deus pode afirmar a respeito de todo crente: “Não vejo qualquer falta nele”.

Em segundo, observamos nesta passagem *quão plenamente os judeus assumiram para si mesmos a responsabilidade total da morte de nosso Senhor*. Quando Pilatos estava para soltar Jesus, os judeus “gritavam: Crucifica-o! Crucifica-o!” E, novamente: “Eles instavam com grandes gritos, pedindo que fosse crucificado”.

Esse fato da paixão de nosso Senhor merece consideração especial. Mostra-nos a exatidão das palavras dos apóstolos quando posteriormente se referiram à morte de Cristo. Mencionaram-na como um ato praticado pela nação judaica, e não pelos romanos. Disse o apóstolo Pedro em Jerusalém: “Matastes o Autor da vida” (At 3.15); “A quem vós matastes, pendurando-o num madeiro” (At 5.30). E Paulo declarou aos tessalonicenses: “Os quais não somente mataram o Senhor Jesus e os profetas” (1 Ts 2.15). Enquanto o mundo existir, esse fato permanecerá como memorial do ódio natural do homem contra Deus. Quando o Filho do Homem veio ao mundo e habitou entre seu povo escolhido, eles O desprezaram, rejeitaram e mataram.

A terrível responsabilidade que os judeus assumiram em referência à morte de nosso Senhor não foi esquecida por Deus. O sangue justo que

eles derramaram tem clamado contra eles como um povo, por muitos séculos. Espalhados por toda a terra, percorrendo as nações, os judeus mostram até hoje que suas próprias palavras foram assustadoramente cumpridas. O sangue do Messias imolado caiu sobre eles e sobre os seus filhos. Para o mundo, os judeus são um permanente aviso de que horrível coisa é rejeitar o Senhor Jesus Cristo e de que a nação que fala intrepidamente contra Deus não deve estranhar se Deus lidar com ela de acordo com suas palavras. Sem dúvida, maravilhoso é saber que existe misericórdia para Israel, apesar de todos os seus pecados e incredulidade. A nação que traspassou e matou nosso Senhor ainda O contemplará pela fé e será restaurada ao favor de Deus (Zc 12.10).

Por último, observamos nesta passagem *as admiráveis circunstâncias relacionadas à liberdade de Barrabás*. Pilatos soltou “aquele que estava encarcerado por causa da sedição e do homicídio, a quem eles pediam; e, quanto a Jesus, entregou-o à vontade deles”. Dois homens estavam diante de Pilatos, e ele precisava soltar um deles. O primeiro era um pecador diante de Deus e dos homens, um malfeitor contaminado por muitos crimes. O outro era o santo, puro e inculpável Filho de Deus, em quem não havia qualquer falha. Apesar disso, Pilatos condenou o prisioneiro inocente e libertou o culpado. Ordenou que Barrabás fosse posto em liberdade e entregou Jesus para ser crucificado.

Esta circunstância é bastante instrutiva. Manifesta a perversa malícia dos judeus contra nosso Senhor. Citando as palavras do apóstolo Pedro, eles negaram “o Santo e o Justo” e pediram que lhes “concedessem um homicida” (At 3.14). Mostra a profunda humilhação à qual nosso Senhor se sujeitou, a fim de consumir nossa redenção. Ele permitiu ser julgado como alguém inferior a um assassino e considerado mais culpado do que o principal dos pecadores!

Existe um significado mais profundo nesta circunstância, que não devemos deixar de observar. Há aqui uma figura vívida da maravilhosa troca que ocorre entre Cristo e o pecador, quando este é justificado aos olhos de Deus. Cristo foi feito “pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus” (2 Co 5.21). Cristo, o inocente, foi pronunciado culpado diante de Deus para que nós, os culpados, fôssemos declarados inocentes e livres da condenação eterna.

Se somos verdadeiros crentes, devemos descansar no confortável pensamento de que Cristo realmente se tornou nosso Substituto e foi castigado em nosso lugar. Confessemos abertamente que, à semelhança de Barrabás, merecemos a morte, o juízo e o inferno. Mas apeguemo-nos com firmeza à gloriosa verdade de que um Salvador imaculado sofreu em nosso lugar e de que, crendo nEle, o culpado se torna livre.

Advertência às Mulheres de Jerusalém; Cristo Ora por Aqueles que o Assassinaram

Leia Lucas 23.26-38

Primeiramente, devemos notar nestes versículos *o aviso profético nas palavras de nosso Senhor*. Ele disse às mulheres que O seguiam à caminho do Calvário: “Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; chorai, antes, por vós mesmas e por vossos filhos. Porque dias virão em que se dirá: Bem-aventuradas as estéréis, que não geraram, nem amamentaram”.

Eram palavras terríveis aos ouvidos de uma mulher judia. Para ela sempre era uma desgraça não ter filhos. A idéia de chegar um tempo em que não ter filhos seria uma bênção deveria ter sido um novo e terrível pensamento em sua mente. Apesar disso, foram palavras que se cumpriram literalmente dentro de cinqüenta anos! O cerco de Jerusalém pelos exércitos romanos, sob o comando de Tito, trouxe para todos os habitantes da cidade os mais horríveis sofrimentos que podem ser imaginados. Sabemos que as mulheres realmente comeram seus filhos durante o cerco por falta de comida. Sobre nenhuma outra pessoa os últimos juízos enviados à nação judaica caíram tão severamente quanto sobre as esposas, as mães e os filhos.

Acautelemo-nos de pensar que o Senhor Jesus oferece aos homens somente misericórdia, perdão e amor. Sem dúvida alguma, Ele possui abundante misericórdia. Ele se deleita na misericórdia; mas não podemos esquecer que nEle existe tanto justiça quanto misericórdia. Juízos estão preparados para os impenitentes e incrédulos. O evangelho revela ira para aqueles que endurecem a si mesmos na impiedade. A mesma nuvem que era luz para o povo de Israel era trevas para os egípcios. O mesmo Senhor Jesus que convida os cansados e sobrecarregados a virem a Ele, para encontrarem descanso, declara com muita clareza que, se o homem não se arrepender e crer, perecerá e será condenado (Lc 13.3; Mc 16.16). O mesmo Salvador que agora retém sua ira dos rebeldes e desobedientes virá, um dia, “em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho” (2 Ts 1.8). Permitamos que essas verdades se aprofundem em nosso coração. Cristo é realmente muitíssimo gracioso. Mas o dia da graça terminará. Por fim, o mundo incrédulo descobrirá, assim como os habitantes de Jerusalém naquela época, que em Deus tanto existe o julgamento quanto a misericórdia. Nenhuma outra demonstração de ira virá com tanto poder quanto a que há muito tempo está sendo entesourada e acumulada.

Em segundo, devemos notar nestes versículos *as palavras da graciosa intercessão de nosso Senhor*. Quando Ele foi crucificado, suas primeiras palavras foram: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”. Sua torturante agonia física não O fez esquecer os outros. A primeira de suas sete afirmações na cruz foi uma súplica em favor da alma de seus assassinos. Seu ofício profético acabara de ser exibido através de uma predição notável; logo Ele manifestaria seu ofício real, ao abrir as portas do Paraíso para um ladrão arrependido. Seu ofício sacerdotal estava agora sendo demonstrado, ao interceder por aqueles que O crucificaram. Ele disse: “Pai, perdoa-lhes”.

Os frutos desta súplica maravilhosa jamais serão vistos plenamente até ao dia em que os livros serão abertos e revelados os segredos de todos os corações. Provavelmente não fazemos a menor idéia de quantas conversões a Deus ocorridas em Jerusalém, nos primeiros seis meses após a crucificação, foram uma resposta direta para a oração de Jesus. Talvez essa súplica tenha sido o primeiro passo na direção ao arrependimento do ladrão crucificado. É possível que ela tenha sido um dos instrumentos que afetou o centurião que afirmou: “Verdadeiramente este homem era justo” e o povo que retirou-se “a lamentar, batendo nos peitos”. É provável que esta súplica tenha resultado na conversão daquelas três mil pessoas no Dia de Pentecostes, as quais anteriormente estavam entre os assassinos de Jesus. O último dia o revelará. Nada há oculto que não será revelado naquele dia. Estejamos certos: o Pai sempre ouve o Filho (Jo 11.42). Podemos ter certeza de que essa oração maravilhosa foi ouvida.

Vejamos na intercessão de nosso Senhor mais uma comprovação do infinito amor de Jesus pelos pecadores. Sem dúvida, Ele é bastante piedoso, compassivo e gracioso. Não existe uma pessoa tão ímpia que por ela o Senhor Jesus não se preocupe. Não há pessoas tão perdidas no pecado que o todo-poderoso amor de Cristo não se interesse por redimir. Ele chorou pela Jerusalém incrédula, ouviu a súplica do ladrão moribundo. Parou embaixo de uma árvore, em Jericó, a fim de chamar o publicano Zaqueu. Veio dos céus para converter o coração de Saulo, o perseguidor da igreja; e mesmo na cruz achou tempo para orar em favor dos que O matavam. Jesus demonstrou um amor que excede todo entendimento. O pior dos pecadores não tem motivo para sentir receio de recorrer a um Salvador como este. Se quiser segurança e encorajamento para arrepender-se e crer, esta passagem com certeza os oferecem com suficiência.

Finalmente, vejamos na intercessão de nosso Senhor um notável exemplo do espírito que deve reinar no coração de todo o seu povo. Assim como Jesus, paguemos o mal com o bem e compensemos a maldição com a bênção. Seguindo o exemplo de nosso Senhor, oremos por aqueles que com maldade nos ameaçam e perseguem. O orgulho de nosso coração

talvez se rebelle freqüentemente com essa idéia. O mundo pode qualificar como mesquinho esse tipo de comportamento. No entanto, jamais nos envergonhemos de imitar nosso divino Senhor. O homem que ora por seus inimigos manifesta a mentalidade que havia em Cristo e terá sua recompensa.

O Ladrão Arrependido

Leia Lucas 23.39-43

Estes versículos merecem ser impressos em letras de ouro. Talvez eles já foram usados para a salvação de milhares de almas. Multidões agradecerão a Deus, durante toda a eternidade, porque a Bíblia relata a história do ladrão arrependido.

Primeiramente, vemos nesta história *a soberania de Deus em salvar os pecadores*. Somos informados que dois malfeitores foram crucificados juntamente com nosso Senhor um, à sua direita, o outro, à sua esquerda. Ambos estavam igualmente próximos de Cristo. Viram e ouviram tudo que se passou durante as horas em que Ele esteve pendurado na cruz. Ambos estavam morrendo e sofrendo dores intensas; eram pecadores ímpios e necessitavam de perdão. Entretanto, um deles morreu em seus pecados, assim como passara toda a sua vida, tendo o coração endurecido, impenitente e incrédulo. O outro arrependeu-se, creu, clamou a Jesus por misericórdia e foi salvo.

Fatos semelhantes a esse deveriam nos ensinar humildade. Não podemos explicá-lo. Podemos apenas dizer: “Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado” (Mt 11.26). Como pode acontecer que exatamente nas mesmas circunstâncias um homem converte-se a Cristo e outro permanece morto em seus pecados? Por que o mesmo sermão foi ouvido com indiferença por um homem, enquanto motivou o outro a orar e buscar Cristo? Por que o mesmo evangelho foi ocultado para um homem e revelado para o outro? Todas estas são perguntas que provavelmente não somos capazes de responder. Apenas sabemos que assim aconteceu, sendo inútil tentar negá-lo.

Nosso dever é claro e óbvio. Temos de utilizar com diligência todos os meios que Deus designou para o bem de nossa alma. A oferta do evangelho é gratuita, ampla e geral. “Em tudo que fazemos”, diz um artigo de um credo, “a vontade de Deus precisa ser obedecida, a vontade expressamente declarada para nós na Palavra de Deus”. A soberania dEle jamais tencionou anular a responsabilidade do homem. Um dos ladrões

foi salvo para que nenhum pecador sinta-se desesperado; mas, somente um, para que ninguém seja presunçoso.

Em segundo, vemos *o imutável caráter do arrependimento para a salvação*. É um assunto freqüentemente esquecido na história do ladrão arrependido. Milhares de pessoas prendem-se ao fato de que ele foi salvo na hora da morte e não consideram outros aspectos de sua salvação. Não levam em conta as evidências nítidas e bem definidas do arrependimento, manifestadas por meio das palavras que seus lábios pronunciaram antes dele morrer. Essas evidências merecem uma observação especial.

O primeiro e notável passo no arrependimento do ladrão foi sua *preocupação com a atitude ímpia de seu companheiro* em ultrajar Cristo. O ladrão arrependido disse: “Nem ao menos temes a Deus, estando sob igual sentença?” O segundo passo foi um *pleno reconhecimento de seu próprio pecado*: “Nós, na verdade, com justiça, porque recebemos o castigo que os nossos atos merecem”. O terceiro passo foi uma *confissão sobre a inocência de Cristo*: “Este nenhum mal fez”. O quarto passo foi uma *demonstração de fé no poder e vontade de Cristo para salvá-lo*. Ele se voltou a Alguém que sofria agonizante e reconheceu-O como “Senhor”, ao declarar sua crença de que Ele possuía um reino. O quinto passo foi *uma oração*. Ele clamou a Jesus, quando estava pendurado na cruz, e suplicou-Lhe mesmo naquela hora que pensasse em sua alma. O sexto passo foi a *humildade*. Ele implorou ser lembrado por Cristo. Ele implorou para ser lembrado por nosso Senhor. O ladrão arrependido não pediu qualquer ato grandioso; se Cristo se lembrasse dele, isto seria o bastante. Estes seis passos devem sempre ser mencionados em conexão com o arrependimento do ladrão. Seu tempo foi muito curto para apresentar evidências de conversão. Mas foi um tempo bem utilizado. Poucas pessoas na hora da morte têm deixado evidências tão boas quanto essas, deixadas pelo ladrão arrependido.

Tenhamos cuidado com o arrependimento sem evidências. Milhares de pessoas estão partindo deste mundo abraçadas com a mentira. Imaginam que serão salvas porque o ladrão arrependido foi salvo na hora da morte. Esquecem que, se desejam ser salvas, têm de se arrepender assim como ele se arrependeu. Quanto mais curto for o tempo de uma pessoa, tanto melhor deve ser a maneira como ela o utiliza. Quanto mais perto ela estiver da morte, tanto mais nítidas devem ser as evidências que ela deixará após sua partida. Com segurança, poderíamos estabelecer como regra geral o fato de que nada é tão insatisfatório quanto um arrependimento na hora da morte.

Em terceiro, vemos nesta história *o admirável poder e disposição de Cristo para salvar os pecadores*. Está escrito que Ele “pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus” (Hb 7.25). Se pesquisarmos

a Bíblia, de Gênesis a Apocalipse, não encontraremos uma prova mais notável do poder e da misericórdia de Cristo do que a salvação do ladrão arrependido.

A ocasião em que o ladrão foi salvo era a hora da maior fraqueza de nosso Senhor. Ele estava agonizando, pendurado na cruz. Mesmo naquela circunstância, Ele ouviu, e respondeu a súplica de um pecador, e abriu-lhe a porta da vida. Com certeza, isto foi uma demonstração de “poder”.

O homem salvo por nosso Senhor era um pecador ímpio que estava às portas da morte, não tendo em sua vida passada nada que o recomendasse e nenhuma dignidade em sua presente condição, exceto uma oração humilde. Mesmo assim, ele foi resgatado como um tição tirado do fogo. Com certeza, isto foi uma demonstração de “misericórdia”.

Queremos prova de que a salvação não resulta de obras, e sim da graça divina? O ladrão arrependido é uma prova. Ele teve suas mãos e pés cravados na cruz; não podia literalmente fazer nada por sua alma. Apesar disso, foi salvo pela infinita graça de Cristo. Ninguém recebeu uma tão completa segurança do perdão de seus pecados quanto aquele homem.

Queremos prova de que os sacramentos e as ordenanças não são *absolutamente* necessários à salvação e de que alguém pode ser salvo sem eles, quando essa pessoa não pode recebê-los? O ladrão arrependido é uma prova. Ele jamais foi batizado, não pertenceu a uma igreja, nem recebeu a Ceia do Senhor. Mas arrependeu-se, e creu, e, por isso, foi salvo.

Essas verdades devem ser guardadas no profundo de nosso coração. Cristo nunca muda. O caminho da salvação é sempre o mesmo. Aquele que salvou o ladrão arrependido continua vivo. Há esperança para o pior dos pecadores, se ele tão-somente se arrepender e crer.

Por último, vemos nesta história *quão próximo da glória e do descanso eterno está o crente moribundo*. Nosso Senhor disse ao malfeitor em resposta à sua oração: “Hoje estarás comigo no paraíso”.

A palavra “hoje” contém muita teologia. Ela nos mostra que, no exato momento da morte do crente, sua alma está em um lugar de segurança e felicidade. Ainda não chegou à sua morada final. Porém, não haverá uma demora misteriosa, um tempo de suspense, um purgatório, entre sua morte e seu estado de recompensa. No dia em que o crente dá seu último suspiro, ele vai ao Paraíso. No momento em que o crente parte deste mundo, ele está com Cristo (Fp 1.23).

Lembremos sempre esses fatos, quando falecerem nossos irmãos em Cristo. Não devemos nos entristecer por causa deles, tal como o fazem aqueles que não têm esperança. Enquanto nos entristecemos, eles estão se regozijando. Quando derramamos nossas lágrimas e lamentações em seus funerais, eles estão seguros e felizes com seu Senhor. Acima de tudo, se

somos verdadeiros crentes, devemos recordar esses fatos ao olharmos adiante e contemplarmos nossa própria morte. Morrer é algo solene; todavia, se morrermos no Senhor, não precisaremos ter dúvida de que nossa morte será lucro.

Sinais que Acompanharam a Morte de Cristo; O Testemunho do Centurião

Leia Lucas 23.44-49

Primeiramente, observamos nestes versículos *os miraculosos sinais que acompanharam a morte de Jesus na cruz*. O sol escureceu-se, e “houve trevas sobre toda a terra” por três horas, “e rasgou-se pelo meio o véu do santuário.”

Era conveniente e certo que a atenção de todos os moradores de Jerusalém e arredores fosse atraída de maneira notável, quando o grande sacrifício pelo pecado estava sendo oferecido e o Filho de Deus estava morrendo. Quando a Lei foi entregue no monte Sinai, houve sinais e maravilhas aos olhos de todo o Israel. Houve sinais e maravilhas semelhantes quando o sangue expiatório de Cristo estava sendo derramado no Calvário. Houve um sinal para um mundo incrédulo. As trevas ao meio-dia seria um sinal que impeliria os homens a pensar. Houve um sinal para os religiosos e os ministros do templo. O rasgar-se do véu que separava o Lugar Santo e o Santo dos Santos foi um milagre que criaria temor no coração de todo sacerdote e levita no serviço do templo.

Devemos lembrar que sinais em ocasiões especiais foram parte da maneira de Deus lidar com os homens. Ele conhece a desesperada estupidez e incredulidade da natureza humana. Ele reconhece como necessário o despertar nossa atenção com obras miraculosas, quando introduz uma nova dispensação. Através dos sinais, Ele compele os homens a abrirem seus olhos e a determinarem se querem ou não ouvir a voz divina por breve momento. Deus fez isto com muita freqüência nos dias passados. Ele agiu do mesmo modo quando entregou a Lei e, na ocasião em que estabeleceu a dispensação do evangelho. Fará isso novamente no advento da segunda vinda de Cristo. Deus mostrará ao mundo escarnecedor e incrédulo que pode sustar as leis da natureza, sempre que desejar, e alterar o curso das coisas criadas tão facilmente quanto trouxe o mundo à existência. Ele cumprirá suas palavras: “Ainda uma vez por todas, farei abalar não só a terra, mas também o céu” (Hb 12.26). “A lua se

envergonhará, e o sol se confundirá quando o SENHOR dos Exércitos reinar no monte Sião” (Is 24.23).

Em segundo, devemos observar nestes versículos *as palavras admiráveis que nosso Senhor pronunciou ao morrer*. “Jesus clamou em alta voz: Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito! E, dito isto, expirou.”

Nas suas palavras existe um profundo significado, que não somos capazes de esquadriñar. Havia algo misterioso na morte de nosso Senhor que a tornou diferente da morte de qualquer outro ser humano. Aquele que proferiu essas palavras, temos de lembrar com atenção, tanto era Deus quanto era homem. Suas duas naturezas, divina e humana, estavam unidas de modo inseparável. É lógico que sua natureza divina não poderia morrer. Ele declarou a respeito de si mesmo: “Por isso, o Pai me ama, porque eu dou a minha vida para a reassumir. Ninguém a tira de mim; pelo contrário, eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la” (Jo 10.17,18). Cristo morreu, não porque estava obrigado ou porque não poderia evitá-lo, como nós não podemos; Ele morreu voluntariamente, de sua própria e espontânea vontade.

Entretanto, existe um sentido em que as palavras de nosso Senhor ministram uma lição preciosa para todos os verdadeiros crentes. Elas nos mostram a maneira como a morte deve ser recebida por todo filho de Deus e nos apresentam um exemplo que todos os crentes devem se esforçar para seguir. Assim como nosso Senhor, não devemos ter medo de enfrentar o “rei dos terrores”. Devemos considerá-lo um inimigo conquistado, cujo aguilhão foi anulado pela morte de Cristo. Devemos pensar sobre a morte como um inimigo que pode afligir nosso corpo apenas por um breve momento e, depois, nada mais pode fazer. Devemos esperar com calma e paciência sua aproximação e crer que, ao desfazer-se o corpo, nossa alma estará bem guardada. Essa foi a atitude de Estêvão, quando estava morrendo; ele disse: “Senhor Jesus, recebe o meu espírito!” (At 7.59) . Foi também a atitude de Paulo, quando estava idoso e chegou o tempo de sua partida; ele declarou: “Sei em quem tenho crido e estou certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele Dia” (2 Tm 1.12). Felizes são aqueles que têm um final de vida semelhante a esses!

Por último, devemos observar nestes versículos *o poder da consciência no caso do centurião e das pessoas que contemplaram a morte de Cristo*. Somos informados que o centurião “deu glória a Deus, dizendo: Verdadeiramente, este homem era justo”, e que as multidões reunidas para assistir o evento “retiraram-se a lamentar, batendo nos peitos”.

Não sabemos com exatidão a natureza dos sentimentos aqui descritos; tampouco conhecemos a profundidade deles ou os frutos que posteriormente produziram. De qualquer modo, uma coisa é evidente: o oficial romano sentiu-se convencido de que havia coordenado uma ação injusta e

crucificado um homem inocente; a multidão pasmada foi atormentada em seu coração por um sentimento de ter ajudado, contemplado e instigado um grave erro. Tanto judeus como gentios deixaram o Calvário naquele entardecer com corações sobrecarregados e inquietos, condenando a si mesmos.

Na verdade, grande é o poder da consciência e imensa é a influência que ela pode exercer no coração dos homens. A consciência pode infligir terror na mente dos monarcas, fazer que as multidões tremam e sintam-se comovidas diante de poucos ousados amigos da verdade, assim como um rebanho de ovelhas aterrorizadas. Embora frequentemente esteja cega e enganada, incapaz de converter o homem ou levá-lo a Cristo, a consciência é uma das mais benditas partes da constituição do ser humano e, em uma igreja, a melhor amiga do pregador do evangelho. Não admiramos que Paulo disse: “Nos recomendamos à consciência de todo homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade” (2 Co 4.2).

Aquele que deseja ter paz interior precisa parar de lutar contra sua consciência. Pelo contrário, tem de usá-la corretamente, protegê-la com zelo, ouvir o que ela tem para dizer e considerá-la um amigo pessoal. Acima de tudo, deve orar diariamente para que sua consciência seja iluminada pelo Espírito Santo e purificada pelo sangue de Cristo. São bastante significativas as palavras do apóstolo João: “Amados, se o coração não nos acusar, temos confiança diante de Deus” (1 Jo 3.21). Está agindo bem o homem que pode dizer: “Também me esforço por ter sempre consciência pura diante de Deus e dos homens” (At 24.16).

José de Arimatéia Sepulta Jesus

Leia Lucas 23.50-56

Vemos nestes versículos que *Cristo tem alguns discípulos sobre os quais pouco sabemos*. Lucas nos fala sobre um discípulo chamado José, “homem bom e justo (que não tinha concordado com o desígnio e ação dos outros)” — condenar e matar nosso Senhor — e “que esperava o reino de Deus”. José de Arimatéia foi ousadamente a Pilatos, depois da crucificação, e “pediu-lhe o corpo de Jesus, e, tirando-o do madeiro, envolveu-o num lençol de linho, e o depositou num túmulo”.

Nada sabemos a respeito de José de Arimatéia, exceto o que Lucas nos conta nesta passagem. Em nenhuma parte de Atos dos Apóstolos ou nas epístolas, encontramos menção de seu nome. Ele não apareceu em nenhuma ocasião anterior, durante o ministério de nosso Senhor. Não

podemos explicar o motivo por que José de Arimatéia não se uniu publicamente aos outros discípulos. Mas agora, à hora undécima, esse homem não tem medo de mostrar-se como um dos amigos de nosso Senhor. No próprio tempo em que os apóstolos abandonaram Jesus, José de Arimatéia não se envergonhou de manifestar seu amor e respeito. Outros haviam confessado o Senhor, enquanto Ele vivia e realizava milagres. Foi reservado a José de Arimatéia o confessá-Lo quando já havia morrido.

A história desse discípulo é cheia de instrução e encorajamento. Ela nos mostra que Cristo tem amigos sobre os quais a igreja sabe muito pouco ou nada, amigos que O confessam menos do que outros, porém são amigos que em verdadeiro amor e afeição por Cristo não ficam atrás de ninguém. Acima de tudo, a história de José de Arimatéia nos mostra que os acontecimentos podem revelar a existência da graça divina no coração de pessoas em quem, no presente, não esperaríamos encontrar; revela também que a obra de Cristo um dia poderá comprovar que tem Ele muitos colaboradores cuja existência no presente não temos conhecimento. Estes colaboradores são pessoas que Davi chamou de “protegidos” (Sl 83.3) e que Salomão comparou ao “lírio entre os espinhos” (Ct 2.2).

Aprendamos de José de Arimatéia a ser amáveis e esperançosos em nossos julgamentos. Nem tudo está improdutivo neste mundo, quando nossos olhos não podem ver algum fruto. Pode haver alguns brilhos repentinos de luz, enquanto tudo parece estar em trevas. Pequenas plantas de vida espiritual, plantadas por nosso Pai celestial, talvez sejam encontradas nas mais remotas congregações. Sementes da fé verdadeira podem estar escondidas no coração de algum negligenciado membro da igreja, sementes que Deus ali colocou. Havia sete mil verdadeiros adoradores em Israel sobre os quais Elias não sabia coisa alguma (1 Rs 19.18). O Dia do Juízo trará à luz homens que pareciam ser os últimos e os colocará entre os primeiros.

Em segundo, vemos nestes versículos *a realidade da morte de Cristo*. É um fato apresentado de maneira incontestável pelas circunstâncias relatadas sobre o sepultamento de nosso Senhor. Não poderiam estar enganados aqueles que retiraram seu corpo da cruz e o envolveram em lençóis de linho. A própria percepção sensorial de tais pessoas foi testemunha de que estavam carregando apenas um cadáver. Seus olhos e suas mãos devem lhes ter dito que o corpo colocado por elas no túmulo de José não estava vivo, e sim morto.

A importância desse fato é mais sublime do que pode imaginar um leitor desatento. Se Cristo realmente não morreu, acabariam todas as consolações fornecidas pelo evangelho. Nada menos do que sua morte poderia ter pago a dívida do homem para com Deus. Sua encarnação, milagres, parábolas, sermões, obediência imaculada à Lei não teriam

qualquer proveito, se Ele não houvesse morrido. A penalidade imposta ao primeiro Adão era a morte eterna no inferno. Se o segundo Adão não tivesse morrido verdadeiramente em nosso lugar, de maneira tão autêntica quanto nos ensinou a verdade, a penalidade original permaneceria com todo o seu poder sobre Adão e todos os seus filhos. É o vivificador sangue de Cristo que salva nossas almas.

Devemos bendizer a Deus para sempre, porque a morte de nosso Redentor é um fato inquestionável. O centurião que ficou perto da cruz, os amigos que removeram os cravos de seu corpo e colocaram no sepulcro, as mulheres que presenciaram sua morte, os sacerdotes que mandaram selar o túmulo, os soldados que o guardaram — todos são testemunhas de que Cristo realmente morreu. O grande sacrifício foi verdadeiramente oferecido. A vida do Cordeiro foi realmente tirada. A pena devida ao pecado foi, de fato, paga por nosso divino Substituto. Os pecadores que crêem em Jesus podem ter esperança e viver sem medo. Em si mesmos, eles são culpados; mas Cristo morreu pelos ímpios, e a dívida deles está agora completamente paga.

Por último, vemos nestes versículos *o respeito com que os discípulos de Cristo obedeceram o quarto mandamento*. “No sábado” as mulheres que prepararam aromas e bálsamos, para ungir o corpo de Jesus, “descansaram, segundo o mandamento”.

É um pequeno fato mas um poderoso argumento indireto em resposta àqueles que nos declaram ter Cristo abolido o quarto mandamento. Nem esta passagem nem qualquer outra nos fornece qualquer coisa para assegurarmos tal conclusão. Vemos nosso Senhor freqüentemente denunciando as tradições humanas dos judeus em referência à observação do dia de descanso; removendo desse dia as opiniões supersticiosas e antibíblicas e mantendo com firmeza que obras necessárias e de misericórdia não constituem transgressões do quarto mandamento. No entanto, em nenhum lugar O achamos ensinando que o dia de descanso não deve ser observado de maneira alguma. E, nesta passagem, os seus discípulos se mostraram tão escrupulosos quanto qualquer outro judeu no que se referia ao dever de guardar o dia de descanso. Certamente eles nunca foram ensinados por seu Senhor que o quarto mandamento não era um dever dos crentes.

Apeguemo-nos com firmeza à antiga doutrina de que o dia de descanso não é simplesmente uma instituição judaica, e sim um dia que desde o princípio tinha em vista o benefício do homem e que foi estabelecido para ser observado pelos crentes, bem como pelos judeus. Não tenhamos dúvida de que os apóstolos foram instruídos por seu Senhor a mudarem o dia de descanso do sétimo para o primeiro dia da semana, embora sob a misericórdia divina a mudança não tenha sido proclamada publicamente, para evitar ofensa ao povo de Israel. Acima de tudo, devemos considerar

o dia de descanso como uma instituição de importância primária para a alma do homem e lutar ardentemente pela sua observância entre nós, em toda a sua integridade. É bom para o corpo, a alma e a mente. É bom para a nação que o observa e para a igreja que o honra. Há pouca distância entre o negar o quarto mandamento e o negar a Deus. O indivíduo que transforma o domingo em um dia para negócios e prazeres é um inimigo dos melhores interesses de seus companheiros. Aquele que supõe deveria o crente ser tão espiritual que não precisa separar um dia entre os demais da semana sabe pouco a respeito do coração humano e das exigências de nosso cumprimento da Palavra em um mundo sedutor e perverso.

A Visita das Mulheres ao Sepulcro; A Incredulidade dos Apóstolos

Leia Lucas 24.1-12

A ressurreição de Cristo é uma das grandes pedras fundamentais do cristianismo. Em sua importância prática, fica atrás apenas da crucificação. O capítulo que agora iniciamos conduz nossa mente à evidência da ressurreição. É uma incontestável prova de que Jesus não apenas morreu, mas também ressuscitou.

Primeiramente, vemos nestes versículos *a realidade da ressurreição de Cristo*. Somos informados que, “no primeiro dia da semana”, algumas mulheres foram ao sepulcro em que o corpo de Jesus havia sido colocado, a fim de ungi-lo. No entanto, quando chegaram ao lugar, “encontraram a pedra removida do sepulcro; mas, ao entrarem, não acharam o corpo do Senhor Jesus”.

O fato é simples, mas indica o ponto inicial da história da ressurreição de Cristo. No dia de descanso, pela manhã, seu corpo jazia seguro no sepulcro; no domingo, pela manhã, já não estava mais ali. Quem o havia tirado? Quem o removera dali? Com certeza, não foram os sacerdotes, ou os escribas, ou os inimigos do Senhor Jesus. Se eles estivessem com o corpo de Jesus, não hesitariam em mostrá-lo para refutar a sua ressurreição. Tampouco foram os apóstolos ou os outros discípulos de Cristo! Eles estavam bastante temerosos e desanimados para tentarem fazer tal coisa e, além disso, não ganhariam nada com isso. Uma explicação, somente uma, poderia satisfazer as exigências do ocorrido, e ela foi apresentada pelos anjos mencionados na passagem. Cristo “ressuscitou” dentre os mortos. Procurá-Lo no sepulcro significava buscar “entre os mortos ao que vive”.

Ele havia ressuscitado, e logo muitas testemunhas confiáveis O viam e conversariam com Ele.

A ressurreição de nosso Senhor descansa sobre evidências que nenhum incrédulo jamais pode explicar. Foi confirmada por testemunhos de todo o tipo, espécie e descrição. A história simples e evidente sobre a qual falam os autores dos evangelhos é uma história que não pode ser destruída. Quanto mais analisamos o relato dos evangelistas, tanto mais inexplicável se mostrará o acontecimento da ressurreição, a menos que o aceitemos como verdadeiro. Se decidirmos negar a verdade desses relatos, então, poderemos negar qualquer outro acontecimento da história mundial. Não há tanta certeza de que Júlio Cesar tenha existido quanto há certeza de que Cristo ressuscitou.

Creiamos com firmeza na ressurreição de Cristo como um dos fundamentos do evangelho. Ela deve produzir em nossas mentes uma convicção profunda da veracidade do cristianismo. Nossa fé não depende simplesmente de um conjunto de passagens bíblicas e de doutrinas. Está alicerçada em um poderoso fato que os incrédulos jamais foram capazes de aniquilar. A ressurreição de Cristo tem de nos assegurar a ressurreição de nosso próprio corpo após a morte física. Se nosso Senhor ressurgiu dentre os mortos, não podemos duvidar que seus discípulos ressuscitarão no último dia. Acima de tudo, a ressurreição de Cristo deveria encher nosso coração com um senso de regozijo quanto à plenitude da salvação apresentada no evangelho. Quem nos condenará? Nossa grande Segurança não apenas morreu por nós, mas também ressuscitou (Rm 8.34). Ele foi ao Hades em nosso lugar e ressurgiu triunfante, após ter expiado os nossos pecados. O pagamento que Ele fez por nós foi aceito. A obra de satisfação de nossos pecados foi plenamente realizada. Não admiramos que o apóstolo Pedro afirmou: “Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua muita misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança, mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos” (1 Pe 1.3).

Em segundo, vemos nestes versículos *quão obscurecida estava a memória dos discípulos em referência a alguns dos ensinamentos de Jesus*. Os anjos que apareceram às mulheres lhes falaram o que o Senhor havia proferido na Galiléia, prenunciando sua própria crucificação e ressurreição. Em seguida, elas “se lembraram das suas palavras”. Havia escutado as palavras de nosso Senhor, mas não as guardaram. Agora, após vários dias, recordaram-nas.

Um obscurecimento de memória é uma doença espiritual comum entre os crentes. Hoje ela prevalece tão amplamente quanto prevalecia nos dias dos primeiros discípulos. É uma das muitas provas de nosso estado caído e corrupto. Mesmo depois de terem sido regenerados pelo Espírito Santo, a prontidão dos homens para esquecerem as promessas e

os preceitos do evangelho constantemente os coloca em dificuldades. Eles ouvem muitas coisas que deveriam entesourar em seu coração, mas parecem esquecê-las tão rápido quanto as ouvem. E, somente depois de vários dias, a aflição os faz recordar tais coisas, e, imediatamente, lhes ocorre a idéia de que já as haviam escutado! Descubrem que tinham ouvido tais coisas, mas as ouviram em vão.

A verdadeira cura para uma memória obscurecida quanto às verdades espirituais é aprofundar o amor a Cristo e ter as afeições focalizadas mais completamente nas coisas celestiais. Não esquecemos com prontidão as coisas que amamos e os objetos que temos constantemente diante de nossos olhos. Sempre recordamos os nomes de nossos pais e de nossos filhos. O rosto do esposo ou o da esposa, que amamos, está gravado em nosso coração. Quanto mais nossas afeições estiverem engajadas no serviço de Cristo, tanto mais fácil será recordarmos as suas palavras. Precisamos ponderar atentamente a afirmativa do apóstolo: “Por esta razão, importa que nos apeguemos, com mais firmeza, às verdades ouvidas, para que delas jamais nos desviemos” (Hb 2.1).

Por último, vemos nestes versículos *que os primeiros discípulos demoraram a crer no assunto da ressurreição de Cristo*. Quando as mulheres retornaram do sepulcro e contaram aos apóstolos o que os anjos lhes haviam dito, as palavras das mulheres pareceram aos apóstolos “um como delírio, e não acreditaram nelas”. Apesar de todas as afirmativas claras de seu Senhor, declarando que ressuscitaria ao terceiro dia; apesar do testemunho evidente de cinco ou seis pessoas dignas de confiança, afirmando que o sepulcro estava vazio e que os anjos lhes haviam dito que Jesus ressuscitara; apesar da evidente impossibilidade de nenhuma outra suposição explicar porque o túmulo estava vazio, exceto a suposição de uma ressurreição miraculosa — apesar de tudo isso, os onze discípulos sem fé não queriam acreditar!

Talvez nos admiremos de sua incredulidade. Sem dúvida, a princípio isto nos parece a coisa mais ilógica, irracional, provocante e inexplicável! Mas não seria bom pensarmos em nossa própria época? Não vemos ao nosso redor, nas igrejas chamadas cristãs, uma enorme medida de incredulidade, mais irracional e culpável do que essa demonstrada pelos apóstolos? Não vemos entre nós, após muitos séculos de provas adicionais referentes à ressurreição de Cristo, uma generalizada incredulidade, que é realmente deplorável? Não vemos miríades de crentes professos que parecem não acreditar que Jesus morreu, ressuscitou dos mortos e voltará novamente, para julgar o mundo? Estas são perguntas dolorosas. Fé grande é realmente uma coisa rara. Não é surpresa que nosso Senhor afirmou: “Quando vier o Filho do Homem, achará, porventura, fé na terra?” (Lc 18.8)

Admiremos a sabedoria de Deus, capaz de fazer algo que parece mau resultar em grande benefício. A incredulidade dos apóstolos, na ocasião, é uma das grandes e indiretas evidências de que Jesus ressuscitou dentre os mortos. Se os discípulos a princípio mostraram-se tão retraídos em crer na ressurreição de nosso Senhor, mas, por fim, foram tão completamente persuadidos de sua veracidade, que a proclamaram em todos os lugares, Cristo realmente ressuscitou. Os primeiros pregadores eram homens que foram convencidos, apesar de si mesmos e de sua obstinada e decidida indisposição para crer. Se os apóstolos por fim creram, a ressurreição tem de ser um acontecimento verdadeiro.

A Caminhada para Emaús

Leia Lucas 24.13-35

A história contida nestes versículos não se encontra em nenhum outro dos evangelhos. De todas as onze aparições de nosso Senhor depois de sua ressurreição, nenhuma parece ser tão interessante quanto a descrita nesta passagem.

Primeiramente, devemos observar nestes versículos *que encorajamento existe na atitude de um crente falar ao outro sobre Cristo*. Dois discípulos caminhavam juntos na estrada para Emaús e conversavam a respeito da crucificação de nosso Senhor. Então, lemos as admiráveis palavras: “Enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus se aproximou e ia com eles”.

A conversa sobre as coisas espirituais é um dos mais importantes meios da graça. Assim como o ferro com o ferro se afia, assim também a troca de pensamentos espirituais aperfeiçoa a alma de um crente. Produz uma bênção especial para todos os que a praticam. As admiráveis palavras de Malaquias foram proferidas para o benefício da igreja em todas as épocas: “Os que temiam ao SENHOR falavam uns aos outros; o SENHOR atentava e ouvia; havia um memorial escrito diante dele para os que temem ao SENHOR e para os que se lembram do seu nome. Eles serão para mim particular tesouro, naquele dia que preparei, diz o SENHOR dos Exércitos” (Ml 3.16-17).

O que nós mesmos sabemos a respeito da conversa cristã com outros servos do Senhor Jesus? Talvez nós leiamos nossas Bíblias, oremos em particular e utilizemos os meios públicos da graça. E isso é muito bom. Mas, se fizermos apenas isso, estaremos negligenciando um grande privilégio e ainda temos muito a aprender. Nós temos de considerar-nos

uns aos outros, “para nos estimularmos ao amor e às boas obras” (Hb 10.24); bem como precisamos exortar e edificar “uns aos outros” (1 Ts 5.11). Não temos tempo para conversas sobre verdades espirituais? Pensemos novamente. A quantidade de tempo desperdiçada em conversas frívolas, triviais e sem proveito é terrivelmente grande? Não encontramos nada para dizer sobre assuntos espirituais? Nos sentimos mudos e temos nossa língua presa no que se refere aos assuntos de Cristo? Com certeza, se for o nosso caso, deve haver algo errado com o nosso coração. Um coração correto diante de Deus geralmente encontrará palavras. “A boca fala do que está cheio o coração” (Mt 12.34).

Aprendamos uma lição dos dois viajantes de Emaús, citados nesta passagem. Conversemos sobre Jesus, quando estamos assentados em nossos lares e andando pelo caminho, sempre que acharmos um discípulo com o qual poderemos conversar (Dt 6.7). Se cremos que estamos viajando em direção ao céu, onde Cristo será o objeto central de todos os pensamentos, aprendamos o comportamento dos céus, enquanto estamos vivendo na terra. Agindo desse modo, freqüentemente teremos conosco Aquele que agora não podemos enxergar, mas que fará nosso coração arder em nosso íntimo por abençoar a nossa conversação.

Em segundo, devemos observar nestes versículos *quão fraco e imperfeito era o conhecimento de alguns dos discípulos de nosso Senhor*. Os dois discípulos de Emaús confessaram sinceramente que suas expectativas foram desapontadas pela crucificação de Cristo. Afirmaram: “Esperávamos que fosse ele quem havia de redimir a Israel”. Uma redenção temporal dos judeus realizada por um conquistador parece ter sido a redenção que eles aguardavam. Uma redenção espiritual por meio de uma morte sacrificial era uma idéia que suas mentes não podiam assimilar completamente.

Eles demonstraram uma ignorância, à primeira vista, verdadeiramente estarrecedora. Não devemos ficar surpresos com a repreensão severa que saiu dos lábios de nosso Senhor: “O néscios e tardos de coração para crer”. No entanto, podemos aprender algo da ignorância deles. O fato nos mostra que temos poucos motivos para ficar admirados diante da obscuridade espiritual que envolve a mente de muitos crentes desleixados. Milhares ao nosso redor ignoram o significado dos sofrimentos de Cristo, assim como esses viajantes de Emaús. Enquanto o mundo existir, a cruz será reputada como loucura para o homem natural.

Devemos bendizer a Deus, porque a verdadeira graça divina pode estar oculta por trás de muita ignorância intelectual. Um conhecimento nítido e acurado é muito útil, mas não é essencial à salvação; podemos possuí-lo sem ter a graça divina em nosso coração. Um profundo senso de pecado, uma humilde disposição de ser salvo à maneira que Deus requer,

uma prontidão para abandonar nossos preconceitos, quando um caminho mais excelente nos for mostrado — são as características mais importantes. Os discípulos de Emaús as possuíam; por isso, nosso Senhor foi com eles e os guiou a toda a verdade.

Em terceiro, devemos observar nestes versículos *que o Antigo Testamento está repleto de ensinamentos sobre a pessoa de Cristo*. Nosso Senhor, “começando por Moisés, discorrendo por todos os profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras”.

Como podemos explicar as palavras de Cristo? De que maneira nosso Senhor expôs-lhes “o que a seu respeito constava em todas as Escrituras”? A resposta é simples e curta. Cristo era a essência de todos os sacrifícios ordenados na lei de Moisés. Cristo era o verdadeiro Libertador e Rei, do qual todos os juizes e libertadores da história de Israel eram apenas figura; Ele era o Profeta vindouro, maior do que Moisés, cujo glorioso advento enchia as páginas dos profetas. Cristo era a verdadeira semente da mulher, que pisaria a cabeça da serpente; Ele era o verdadeiro descendente em quem todas as nações seriam benditas. Cristo era o verdadeiro Siló, a quem todo o povo se reuniria; Ele era o verdadeiro bode da expiação, a verdadeira serpente de bronze, o verdadeiro Cordeiro, para o qual todos os sacrifícios diários apontavam. Cristo era o verdadeiro Sumo Sacerdote, de quem todos os descendentes de Arão eram apenas figuras. Esses fatos e outros semelhantes, com certeza, foram alguns dentre os fatos que nosso Senhor explicou no caminho para Emaús.

Ao ler a Bíblia, devemos ter em nossa mente o firme princípio de que Cristo é o assunto central de todas as Escrituras. Enquanto O mantemos diante de nossos olhos, jamais cometeremos grandes erros em nossa busca por conhecimento espiritual. Se O perdermos de vista, acharemos a Bíblia inteira um livro obscuro e cheio de dificuldades. Jesus Cristo é a chave do conhecimento bíblico.

Por último, devemos observar nestes versículos *o quanto Jesus aprecia ser solicitado por seu povo*. Quando os discípulos se aproximavam de Emaús, nosso Senhor “fez... menção de passar adiante”. Ele deseja ver se os discípulos estavam cansados de sua conversa. Mas não estavam. “Eles o constrangeram, dizendo: Fica conosco, porque é tarde, o dia já declina. E entrou para ficar com eles.”

Há alguns acontecimentos semelhantes registrados nas Escrituras. Nosso Senhor acha conveniente, para o nosso bem, suster suas misericórdias até que por elas imploremos. Ele não nos concede obrigatoriamente seus dons, não buscados e não solicitados. O Senhor Jesus aprecia extrair de nós os nossos desejos e compeli-los a exercitar nossas afeições espirituais, aguardando por nossas orações. Ele agiu dessa maneira com Jacó. “Deixa-me ir”, Ele disse, “pois já rompeu o dia”. Em seguida,

temos aquela nobre declaração dos lábios de Jacó: “Não te deixarei ir se me não abençoares” (Gn 32.26). A história da mãe cananéia, a história da cura de dois cegos de Jericó, a história do homem nobre de Cafarnaum, a parábola do juiz iníquo e a do amigo que chegou à meia-noite, todas têm o propósito de nos ensinar a mesma lição; todas demonstram que nosso Senhor aprecia muito ser solicitado e gosta de ser incomodado.

Devemos agir de acordo com esse princípio em todas as nossas orações. Devemos pedir muito e com frequência, não perdendo nada por falta de orarmos. Não sejamos como o rei de Israel que feriu a terra somente três vezes e parou (2 Rs 13.18). Pelo contrário, recordemos as palavras do salmo de Davi: “Abre bem a boca, e ta encherei” (Sl 81.10). O homem que impõe, em oração, um santo constrangimento sobre a pessoa de Cristo é o que mais desfruta de sua presença.

A Aparição de Cristo aos Onze Apóstolos

Leia Lucas 24.36-43

Primeiramente, vemos nesta passagem *as palavras singulares e graciosas com que nosso Senhor se apresentou aos seus discípulos, após sua ressurreição*. Repentinamente, Jesus apareceu entre eles e disse: “Paz seja convosco!”

Esta foi uma afirmação maravilhosa, quando pensamos quem foram os homens que as ouviram. Foram dirigidas aos onze discípulos que três dias antes haviam abandonado vergonhosamente seu Senhor e fugido. Eles haviam quebrado suas promessas e esquecido sua confissão de estarem prontos para morrer por causa de sua fé. Fugiram e deixaram-No morrer sozinho. Um deles até O negara três vezes. Todos eles se mostraram medrosos e covardes. Mas, assim mesmo, vejam a maneira como seu Senhor os reencontrou. Não veio com alguma palavra de reprovação ou qualquer censura em seus lábios. Com calma e tranqüilidade, o Senhor Jesus apareceu entre eles e começou a falar-lhes sobre paz: “Paz seja convosco!”

Vemos em sua comovente afirmativa mais uma prova de que o amor de Cristo “excede todo o entendimento”. Sua glória consiste em encobrir transgressões. Ele “tem prazer na misericórdia”. Está mais disposto a perdoar do que os homens a serem perdoados e mais disposto a conceder perdão do que os homens a recebê-lo. Existe em seu coração uma infinita disposição de cancelar as transgressões dos homens. Embora nossos pecados sejam vermelhos como o carmesim, o Senhor Jesus está sempre

pronto a torná-los branco como a neve, a apagá-los, a lançá-los para trás de suas costas, a sepultá-los no fundo do mar, para nunca mais lembrar-se deles. Notamos uma linguagem bíblica cujo propósito é transmitir a mesma grande verdade. O homem natural está continuamente recusando-se a entendê-la. Não devemos nos admirar disso. O perdão gratuito, completo e imerecido não é uma atitude normal do ser humano. Mas é uma característica de Cristo.

Não existe pecador tão grande, e que tenha cometido pecados tão graves, que precise ter medo de invocar um Salvador como Jesus? Nas mãos dEle existe infinita misericórdia. Onde está o desgarrado que, embora esteja muito distante de Deus, precise ter receio de retornar? Em Cristo “não há indignação” (Is 27.4). Ele está pronto a restaurar e levantar o pior dos pecadores. Onde está o crente que não deveria amar intensamente o Salvador Jesus, prestando-Lhe voluntariamente uma obediência santa? Com Ele está o perdão, para que O tenhamos (Sl 130.4). Onde encontramos o crente professo que não deva ser perdoador para com seus irmãos? Os discípulos do Salvador, cujas palavras foram tão cheias de paz, devem ser pacificadores, gentis e dispostos a perdoar uns aos outros (Cl 3.13).

Em segundo, vemos nesta passagem *a maravilhosa condescendência de nosso Senhor em relação à fraqueza de seus discípulos*. Quando os discípulos ficaram admirados com sua aparição, não acreditando ser Ele mesmo, nosso Senhor lhes disse: “Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e verificai”.

Convenientemente, Ele poderia ter ordenado que seus discípulos cressem que havia ressuscitado. Com justiça, Jesus poderia ter dito: “Onde está a vossa fé? Por que não acreditais em minha ressurreição, quando Me vedes com os vossos próprios olhos?” Ele não agiu assim; pelo contrário, demonstrou ainda maior humildade. Apelou aos sentidos físicos dos onze apóstolos. Ordenou-lhes que O apalpassem e satisfizessem suas dúvidas, confirmando que Ele era um ser material e não um espírito ou um fantasma.

Temos aqui algo que nos revela um poderoso princípio, que faremos bem ao guardar em nosso coração. O Senhor Jesus nos permite utilizar nossos *sentidos* para atestar um fato ou uma afirmativa do cristianismo. Temos de esperar que no cristianismo encontraremos coisas que estão acima de nosso entendimento. Nosso Senhor desejava que soubéssemos que não precisamos acreditar em coisas contrárias à razão e aos nossos sentidos. Uma suposta doutrina que contradiz nossos sentidos não procede dAquele que ordenou aos seus discípulos apalparem suas mãos e seus pés.

Recordemos esse princípio ao abordar a doutrina católica-romana da transformação do pão e do vinho na Ceia do Senhor. Não acontece, de maneira alguma, qualquer transformação desses elementos. Nossos próprios olhos e nosso próprio paladar nos dizem que o pão continua

sendo pão e o vinho permanece sendo vinho, antes e após a realização da Ceia do Senhor. O Senhor Jesus nunca exige que creiamos naquilo que é contrário aos nossos sentidos. Por conseguinte, a doutrina da transsubstanciação é falsa e antibíblica.

Recordemos esse princípio ao abordarmos a doutrina da regeneração batismal. Não existe uma inseparável conexão entre o batismo e o novo nascimento do coração de uma pessoa. Nossos próprios olhos e sentidos nos falam que miríades de pessoas batizadas não têm o Espírito de Deus, estão completamente sem a graça divina e são servos do mundo e de Satanás. Nosso Senhor nunca exigiu que creiamos naquilo que é contrário aos nossos sentidos. Portanto, a doutrina de que a regeneração invariavelmente acompanha o batismo não merece confiança. Dizer que existe a graça divina onde esta não pode ser vista equivale a antinomianismo.

Uma importante lição prática, que faremos bem em recordar, está envolvida na maneira de nosso Senhor lidar com os discípulos. É a lição de agirmos com amabilidade em relação aos discípulos fracos, ensinando-lhes na medida em que são capazes de aprender. Assim como o Senhor Jesus, temos de ser pacientes e longânimos. À semelhança de Cristo, precisamos condescender à fragilidade da fé exercida por alguns homens, tratando-os com ternura, como crianças pequenas, a fim de trazê-los ao caminho correto. Não devemos rejeitá-los porque não vêem tudo imediatamente; nem desprezar os mais humildes e simples meios que, na mão de Deus, poderão persuadir os homens a crerem. Essa maneira de agir talvez exija muita paciência. Mas aquele que não é capaz de humilhar-se para lidar com os imaturos, ignorantes e iletrados não possui a mente de Cristo. Seria bom para todos os crentes, se lembrassem com mais freqüência das palavras do apóstolo Paulo: “Fiz-me fraco para com os fracos, com o fim de ganhar os fracos” (1 Co 9.22).

A Última Exortação de Cristo aos Onze Apóstolos

Leia Lucas 24.44-49

Primeiramente, devemos observar nestes versículos *o dom que nosso Senhor outorgou aos seus discípulos pouco antes de deixar o mundo*. Ele “lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras”.

Não precisamos supor que até aquela altura os discípulos nada sabiam a respeito do Antigo Testamento ou que a Bíblia é um livro incapaz de ser compreendido por uma pessoa comum. Temos simplesmente de entender

que Jesus mostrou aos seus discípulos todo o significado de muitas passagens que até aquele momento estava oculto para eles. Acima de tudo, Jesus lhes mostrou o significado verdadeiro de várias passagens proféticas que se referiam ao Messias.

Todos precisamos de semelhante iluminação em nosso entendimento. “O homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente” (1 Co 2.14). O orgulho, o preconceito e o amor ao mundo cegam nossos intelectos e colocam um véu sobre os olhos de nosso entendimento, ao lermos as Escrituras. Vemos as palavras, mas não as entendemos completamente, até que do alto sejamos ensinados.

Aquele que deseja ler a Bíblia com proveito tem de primeiramente suplicar ao Senhor Jesus que os olhos de seu entendimento sejam abertos pelo Espírito Santo. Os comentários humanos são úteis em sua devida ocasião. A ajuda de homens bons e entendidos não deve ser rejeitada. Mas não existe qualquer comentário que pode ser comparado ao ensino de Cristo. Um espírito de humildade e oração encontrará milhares de coisas na Bíblia, coisas que o leitor soberbo e presunçoso falhará completamente em discernir.

Em segundo, devemos observar nestes versículos *a maneira notável como nosso Senhor falou sobre a sua morte na cruz*. Ele não se referiu à sua morte como um infortúnio ou como algo digno de lamentação, mas como um acontecimento necessário. Ele disse: “Assim está escrito que o Cristo havia de padecer e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia”.

A morte de Cristo era necessária à nossa salvação. Seu corpo e seu sangue oferecidos em sacrifício na cruz eram a “vida do mundo” (Jo 6.51). Sem a morte de Cristo, conforme entendemos, a lei de Deus não poderia ter sido satisfeita, o pecado jamais poderia ter sido perdoado, jamais os homens poderiam ser justificados diante de Deus, o qual jamais poderia ter demonstrado misericórdia ao homem. A cruz de Cristo foi a solução de um grande problema. Desatou um nó imenso. Capacitou Deus a ser “justo e o justificador” do ímpio (Rm 3.26). Capacitou o homem a aproximar-se de Deus com ousadia e a sentir que, embora seja pecador, ele pode ter esperança. Cristo, por sofrer como nosso Substituto, o justo em lugar dos injustos, preparou o caminho pelo qual podemos nos achegar a Deus. Podemos reconhecer sinceramente que em nós mesmos somos culpados e merecemos o inferno. Mas, confiantemente, podemos recorrer Àquele que morreu por nós e, para sua glória, crendo nEle, reivindicar a vida e a absolvição.

Gloriemo-nos sempre na cruz de Cristo, considerando-a a fonte de todas as nossas esperanças e o fundamento de toda a nossa paz. A ignorância e a incredulidade não vêm coisa alguma nos sofrimentos do Calvário,

exceto o martírio cruel de um inocente. A fé olhará mais profundamente; verá na morte de Jesus o pagamento da enorme dívida do homem a Deus e a completa salvação de todos os que crêem.

Em terceiro, devemos observar nesta passagem *quais foram as primeiras verdades que nosso Senhor ordenou seus discípulos pregassem depois que Ele deixasse o mundo*. “Arrependimento” e “remissão de pecados” deveriam ser pregados em seu nome a todas as nações.

“Arrependimento” e “remissão de pecados” são as primeiras coisas que têm de ser apresentadas com insistência à mente de cada pessoa: homem, mulher e criança, em todo o mundo. Todas as pessoas precisam ser informadas sobre a necessidade de arrependimento. Todos os homens são ímpios por natureza. Sem arrependimento e conversão ninguém pode entrar no reino de Deus. Todos precisam ouvir sobre a disposição divina de perdoar todos os que crerem em Cristo. Todos, por natureza, são culpados e estão condenados. Mas qualquer pessoa pode obter, pela fé em Jesus, o perdão gratuito, completo e imediato. Todos precisam ser constantemente lembrados de que o arrependimento e a remissão de pecados estão unidos de maneira inseparável. Isto não significa que o arrependimento pode comprar nosso perdão. O perdão é um dom gratuito de Deus para o crente em Cristo. Mas continua sendo verdade o fato de que todo homem que ainda não se arrependeu é um homem que ainda não foi perdoado.

Aquele que deseja ser um verdadeiro cristão precisa estar, por experiência pessoal, familiarizado com o arrependimento e a remissão dos pecados. Estas são as coisas essenciais no cristianismo que salva. Pertencer a uma igreja que possui sã doutrina, ouvir o evangelho e participar das ordenanças são grandes privilégios. Mas, somos convertidos? Somos justificados? Se não, estamos mortos diante de Deus. Feliz é o crente que preserva estes dois assuntos constantemente em seus pensamentos. O arrependimento e a remissão não são apenas verdades elementares ou leite para os bebês em Cristo. Um dos fatores para um elevado padrão de santidade consiste em um contínuo crescimento no conhecimento prático do arrependimento e da remissão dos pecados. O crente que mais brilha é aquele que possui o mais perscrutador senso de sua própria pecaminosidade e a mais viva consciência de sua completa aceitação em Cristo.

Em quarto, devemos observar nesta passagem *qual foi o primeiro lugar em que os discípulos deveriam começar sua pregação*. Deveriam começar em “Jerusalém”. Este é um fato admirável, repleto de instrução. Ele nos ensina que ninguém deve ser considerado tão excessivamente ímpio, que não possamos oferecer-lhe a salvação; também nos ensina que nenhum grau de enfermidade espiritual está além do alcance do remédio do evangelho. Jerusalém era a cidade mais ímpia da terra, quando nosso Senhor deixou o mundo. Foi a cidade que apedrejou os profetas e matou

aqueles que Deus enviou para chamá-la ao arrependimento. Era uma cidade cheia de orgulho, incredulidade, justiça própria e excessiva dureza de coração. Foi a cidade que recentemente havia coroado todas as suas transgressões por meio da crucificação do Senhor da glória. Apesar disso, Jerusalém era o lugar em que deveria ser realizada a primeira proclamação de arrependimento e de remissão dos pecados. A ordem de Cristo foi clara: “Começando de Jerusalém”.

Nas admiráveis palavras de Cristo, vemos a largura, a altura, amplitude e a profundidade da sua compaixão para com os pecadores. Não devemos ficar desesperados quanto à salvação de qualquer pessoa, embora ela tenha sido intensamente perversa e devassa. Devemos abrir a porta do arrependimento para o maior dos pecadores. Não devemos ter receio de convidar o pior dos homens a se arrepender, crer e viver. A glória de nosso grande Médico consiste em ser capaz de sarar casos incuráveis. As coisas que parecem impossíveis aos homens são possíveis para Cristo.

Por último, devemos observar nesta passagem *a posição especial que os crentes e, em particular, os ministros do evangelho ocupam neste mundo*. Nosso Senhor a definiu utilizando uma sentença expressiva. Ele disse: “Vós sois testemunhas”.

Se somos verdadeiros discípulos de Cristo, temos de prestar um testemunho constante em meio a um mundo perverso. Precisamos testificar a verdade do evangelho de nosso Senhor, a graciosidade do coração de nosso Senhor, a felicidade do servir a Cristo, a excelência das regras de conduta estabelecidas por nosso Senhor e o enorme perigo e impiedade dos caminhos do mundo. Esse testemunho com certeza trará sobre nós o desagrado das pessoas. O mundo nos odiará, assim como odiou nosso Senhor, porque testemunhamos “que as suas obras são más” (Jo 7.7). Poucos crerão nesse tipo de testemunho, enquanto muitos o reputarão como ofensivo e extremista. Entretanto, o dever de uma testemunha é prestar testemunho, quer seja acreditada, quer não. Se testemunhamos com fidelidade, cumprimos nosso dever, ainda que, assim como Nôe, Elias e Jeremias, permaneçamos quase sozinhos.

Que tipo de testemunho estamos prestando? Que evidência estamos demonstrando de que somos discípulos de um Salvador crucificado e que, assim como Ele, não somos “do mundo”? (Jo 17.14.) Que marcas estamos mostrando de pertencermos Àquele que disse: “Para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade” (Jo 18.37)? Feliz é aquele que pode responder satisfatoriamente as perguntas acima e cuja vida manifesta claramente que está “procurando uma pátria” (Hb 11.14).

A Ascensão

Leia Lucas 24.50-53

Estes versículos formam a conclusão da história do ministério de nosso Senhor relatada por Lucas. Constituem uma conclusão adequada ao evangelho que, em ternura comovente e plena exibição da graça de Cristo, permanece como a maior das quatro narrativas daquilo que nosso Senhor Jesus fez e ensinou (At 1.1).

Primeiramente, observamos nestes versículos *a maneira notável como nosso Senhor deixou seus discípulos*. Ele, “erguendo as mãos, os abençoou. Aconteceu que, enquanto os abençoava, ia-se retirando deles”. Em resumo, Ele os deixou durante o próprio ato de abençoá-los.

Não podemos duvidar, por um momento sequer, que havia um significado naquela circunstância. Ela tinha o propósito de relembrar aos discípulos tudo o que Jesus trouxera consigo quando veio ao mundo. Serviu para assegurá-los daquilo que Ele ainda faria, depois que se retirasse do mundo. Ele viera à terra para abençoar, não para amaldiçoar; e, abençoando, Ele partiu. O Senhor Jesus veio em amor, não com ira; e, em amor, Ele se retirou. Jesus veio não como um juiz que condena, e sim como um Amigo compassivo; e, como Amigo, retornou ao seu Pai. Cristo viera como um Salvador repleto de bênçãos para seu pequeno rebanho, enquanto esteve com ele. E pretendia que seus discípulos soubessem que Ele continuava a ser um Salvador abundante de bênçãos para eles, mesmo depois de retirar-se do mundo.

Se conhecemos alguma coisa a respeito do verdadeiro cristianismo, devemos fazer nossa alma confiar para sempre no gracioso amor de Cristo. Jamais encontraremos um amor mais terno, mais afetuoso, mais paciente, mais benigno e mais compassivo do que este. Afirmar que a virgem Maria é mais compassiva do que Cristo é uma prova de terrível ignorância. Recorrer aos santos em busca de consolo, quando deveríamos recorrer a Cristo, é uma mistura de estupidez com blasfêmia e um furto à glória dEle. Gracioso foi nosso Senhor quando viveu entre seus frágeis discípulos, gracioso mesmo na própria ocasião de sua agonia na cruz, gracioso quando ressuscitou dos mortos e reuniu ao redor de Si aquele seu rebanho disperso, gracioso na maneira como partiu deste mundo. Sua partida ocorreu durante o próprio ato de abençoar. Podemos estar certos de que Ele é gracioso estando sentado à direita de Deus. Ele é o mesmo ontem, hoje e para sempre — um Salvador sempre disposto a abençoar, um Salvador que possui bênçãos abundantes.

Em segundo, observamos nestes versículos *o lugar ao qual nosso Senhor foi após deixar o mundo*. Ele foi “elevado para o céu”.

É claro que não podemos entender o significado completo de tudo o que foi dito. Seria fácil inquirir sobre a habitação exata do corpo glorificado de Cristo, fazendo perguntas que os mais hábeis teólogos nunca poderiam responder. Não podemos desperdiçar nosso tempo em especulações sem proveito ou nos intrometermos em coisas que não sabemos (Cl 2.18). Basta sabermos que nosso Senhor Jesus Cristo entrou na presença de Deus em favor de todos que crêem nEle, como um Precursor e um Sumo Sacerdote (Hb 6.20; Jo 14.2).

Na qualidade de Precursor, Jesus foi ao céu preparar um lugar para todos os membros de seu corpo. Nosso grande Cabeça tomou posse de uma herança gloriosa em benefício de seu corpo místico e tem-na em seu poder como nosso irmão mais velho e nosso fiador, até que venha o dia em que a igreja será aperfeiçoada. Na qualidade de Sumo Sacerdote, Jesus foi ao céu para interceder por todos os que crêem nEle. Ali, no Santo dos Santos, em favor dos crentes Ele apresenta os méritos de seu próprio sacrifício e obtém para eles suprimentos diários de misericórdia e graça. O grande segredo da perseverança dos santos é a presença de Cristo no céu intercedendo por eles. Eles têm um Advogado eterno diante do Pai e, por isso, jamais serão rejeitados (Hb 9.24; 1 Jo 2.1).

Assim como Ele subiu, assim também um dia Jesus retornará do céu. Ele não permanecerá sempre habitando no Santo dos Santos. Ele sairá, tal como o fazia o sumo sacerdote dos judeus, para abençoar o povo, reunir seus eleitos e restaurar todas as coisas (Lv 9.23; At 3.21). Devemos esperar, ansiar e orar por esse dia. Cristo morrendo na cruz em favor dos pecadores, vivendo nos céus para interceder, vindo novamente em glória são os três grandes fatos que devem sempre permanecer com preeminência nos pensamentos de todo o crente verdadeiro.

Por último, observamos nesta passagem *os sentimentos dos discípulos de nosso Senhor, quando Ele finalmente os deixou e foi elevado para o céu*. Eles “voltaram para Jerusalém, tomados de grande júbilo; e estavam sempre no templo, louvando a Deus”.

Qual a explicação para os sentimentos de júbilo dos discípulos? Como podemos justificar o singular fato de que aquele pequeno e frágil grupo de discípulos, como se fossem órfãos no meio de um mundo irado, não ficou abatido, e sim repleto de alegria? Temos respostas curtas e simples. Os discípulos se regozijaram porque viam com mais clareza as coisas referentes ao seu Senhor. O véu fora removido de seus olhos. As trevas por fim haviam se dissipado. O significado da humilhação e da modesta condição de Cristo; o significado de sua misteriosa agonia, paixão e sofrimento na cruz; o significado de ser Ele o Messias e, apesar disso, sofrer; o significado

de sua crucificação, embora fosse o Filho de Deus — tudo, tudo finalmente foi desvendado e tornou-se claro para eles. Suas dúvidas foram removidas. As pedras de tropeço foram retiradas. Agora, eles finalmente possuíam um entendimento nítido e, possuindo-o, sentiram um júbilo autêntico.

Devemos ter em nosso coração o firme princípio de que a pequena intensidade de júbilo que muitos crentes sentem resulta normalmente de sua falta de conhecimento. Não há dúvida de que uma fé fraca e uma prática incoerente são duas grandes razões por que muitos filhos de Deus desfrutam tão pouca paz. No entanto, com certeza podemos suspeitar que pontos de vista obscuros e indistintos quanto ao evangelho são a verdadeira causa de intranquilidade para muitos crentes. Quando não se conhece, nem se entende corretamente o Senhor Jesus, segue-se necessariamente que existe pouco regozijo no Senhor.

Terminemos nossa meditação no evangelho de Lucas com o firme propósito de buscar mais conhecimento espiritual, a cada ano que vivermos. Examinemos mais profundamente as Escrituras e oremos com todo o coração a respeito de seus assuntos. Muitos crentes examinam as Escrituras apenas de maneira superficial e nada sabem acerca do escavar seus tesouros ocultos. Deixemos a Palavra de Cristo habitar em nós abundantemente. Leiamos nossa Bíblia com mais diligência. Fazendo isto, experimentaremos mais gozo e paz em nosso crer e saberemos o que significa estar constantemente “louvando a Deus”.

As *Meditações no Evangelho de Lucas* fazem parte de uma série de quatro comentários devocionais sobre os evangelhos, que tem sido amada e compartilhada por gerações de cristãos, desde 1879. Estas leituras diárias contêm meditações de uma simplicidade e espiritualidade que as tornaram o comentário devocional clássico sobre os evangelhos, na opinião de inúmeros leitores.

Nesta nova edição, especialmente preparada para o leitor moderno, esta grande obra aparece em um formato mais popular. O texto foi reformulado, seguindo um estilo mais atual de apresentação, mas as exposições permanecem completas, provendo uma visão geral do ministério de nosso Senhor Jesus Cristo na terra, com riqueza e maestria.

J.C. Ryle (1816-1900) é conhecido como o primeiro Bispo de Liverpool, Inglaterra, e famoso por seus escritos desafiadores. Entre suas obras em português estão *Meditações no Evangelho de Mateus, Marcos e João, Santidade Sem a Qual Ninguém Verá o Senhor, Vivo ou Morto?* e *Uma Palavra aos Moços*, publicadas pela Editora Fiel.

